UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO – PPGInfo
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTAO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

REDE DE BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL: um diálogo interdisciplinar

RICARDO DE LIMA CHAGAS

FLORIANÓPOLIS, 2017

RICARDO DE LIMA CHAGAS

REDE DE BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL:

UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão de Unidades de Informação. Linha de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade.

Orientadora: Profa. Me. Daniella Camara Pizarro

FLORIANÓPOLIS
2017

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário
Ricardo de Lima Chagas – CRB-14/1345

Chagas, Ricardo de Lima
C433r Rede de bibliotecas em ambientes de saúde mental: um diálogo interdisciplinar / Ricardo de Lima Chagas. – Florianópolis, 2017. 377f.

Orientadora: Daniella Camara Pizarro
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação, Florianópolis, 2017.

1. Bibliotecas – saúde mental. 2. Interdisciplinaridade. 3. Rede de bibliotecas. 4. Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). 5. Atuação profissional – bibliotecários. I. Pizarro, Daniella Camara. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação. III. Título

CDU: 027:616.89

RICARDO DE LIMA CHAGAS

REDE DE BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gestão de Unidades de Informação.
Linha de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade

Banca Examinadora:

Orientadora: _____
Me. Daniella Camara Pizarro
UDESC

Membros: _____
Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
UNESP/Marília

_____
Dra. Gisela Eggert Steindel
UDESC

_____
Dra. Ana Claudia Perpetuo de Oliveira da Silva
UFSC (Suplente)

_____
Dra. Fernanda de Sales
UDESC (Suplente)

Florianópolis, 07 de julho de 2017.

Dedico esta pesquisa àqueles que têm o entendimento da liberdade e lutam pela justiça. Àqueles que sonham com uma sociedade mais justa, igualitária e harmônica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos da minha família, especialmente a minha a mãe, Laudeci Arruda, e meu padrasto, Solon Arruda, pelo apoio concedido para que eu chegasse até aqui aonde cheguei. Agradeço de coração ao meu irmão Rogério Chagas pelo incentivo e pelas palavras de motivação ao longo dessa jornada; Obrigado também a Neuza e Iago Sales, Glorinha, Paulo Eduardo, Rosana e Elivoneide Araújo.

Obrigado aos meus amigos de perto e de longe. Citarei alguns que estiveram mais presentes durante essa fase: Ana Carla Alves pela caminhada ao longo da vida; Aos meus amigos Luciano Antunes, Cleydmara Santos, Ivete Orlandi, Eliana Faria. Agradeço aos meus amigos da Filosofia: Dulce Galle e Salvador Gomes.

Fico grato aos professores do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que contribuíram com a minha formação profissional no curso de graduação. Principalmente a Profa. Dra. Lucileide Lima de Andrade.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e todos os meus amigos e colegas do Sistema de Bibliotecas Universitária (BU/UFSC): especialmente a Raquel Machado pelo incentivo na escolha deste programa de mestrado, a Yara Menegatti, Magda Ramos, Giovanni Fiorenzano, Clarissa Agostini, Rita, Lirio e Marlei pelo apoio de sempre; a Crislaine Silveira pela luta compartilhada nesta fase acadêmica.

Fico muito grato a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo), pelo conhecimento compartilhado durante essa jornada. Nunca me esquecerei de vocês; Agradeço ao secretário do Programa, Holdrin Milet Boldrão, pelo profissionalismo e dedicação ao trabalho, sempre disposto a ajudar. Obrigado a todos os colegas da turma 2015. Foi muito bom conhecê-los e compartilhar deste momento com vocês. Desejo a cada um, muito sucesso.

Agradeço aos professores da banca de qualificação e de defesa pela contribuição ímpar para que este trabalho se tornasse cada vez mais aprimorado: Gisela Eggert Steindel, Lourival José Martins Filho, Ana Cláudia Perpétuo O. Silva, José Claudio Morelli Matos, Maria Terezinha Zeferino, Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e Fernanda de Sales.

Obrigado à Profa. Dra. Maria Terezinha Zeferino, Msc. Marcelo Brandt Fialho e todos do grupo de pesquisa APIS – Laboratório de Tecnologia e Inovação na Educação, Pesquisa e Extensão em Atenção Psicossocial e Drogas da UFSC, pelo acolhimento.

Deixo o meu agradecimento a Renata Cerqueira que me ajudou no início da pesquisa, concedendo que esse trabalho se realizasse nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Agradeço também a Escola de Saúde Pública do Município de Florianópolis. Muito obrigado aos coordenadores dos CAPS: André Marquardt, Diogo Boccardi, Fernanda Nicolazi e Ionara Bernardi, pelo acolhimento e atenção durante as minhas

visitas às instituições. A todos os profissionais que conheci e que realizam um trabalho tão belo e significativo em cada unidade; Aos usuários dos CAPS que são a razão desta pesquisa! Agradeço a todos vocês pelo tempo concedido para que este estudo se concretizasse.

Expresso gratidão imensa a minha orientadora Daniella Pizarro pela confiança e por acreditar desde o início na proposta deste trabalho! Quando eu não tinha mais esperança em caminhar com esse tema, você me presenteou com essa oportunidade. Jamais esquecerei os ensinamentos que eu aprendi ao longo desta jornada. Muito grato pela sua atenção, dedicação e conhecimento compartilhado durante esse tempo. Você é um exemplo de quem nasceu para a docência e enxerga no mundo a possibilidade de transformação. Ainda não sabemos ao certo os resultados dessa pesquisa no futuro, mas já temos consciência de que em algum ponto do Universo algo já se moveu. Agora retornarei calmamente à Filosofia com a sensação de dever cumprido, mas, também, com aquele sentimento de saudade desse período da minha vida que me fez mais humano. Obrigado por tudo!

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

Clarice Lispector

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em apresentar uma proposta de implantação de uma rede de bibliotecas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Florianópolis (SC), pautada no potencial social e cultural das atividades da instituição biblioteca, para a promoção à saúde mental de pessoas em sofrimento psíquico. Na fundamentação conceitual abordou-se a história da loucura e o deslocamento da atenção em saúde mental dos modelos manicomiais para as novas abordagens dos serviços em saúde mental baseada na comunidade. Enfatizou-se a importância da interdisciplinaridade como possibilidade da criação do diálogo entre os campos da Biblioteconomia e da Saúde Mental. Discutiu-se a relação entre bibliotecas, sociedade e a atuação ético-política do bibliotecário. Tratou-se do conceito de redes e dos serviços de biblioteca, tais como: formação e desenvolvimento da coleção, tratamento técnico da coleção, disseminação e mediação da informação, a ação cultural e a biblioterapia. Na fundamentação teórico-metodológica abordou-se a fenomenologia do mundo da vida de Edmund Husserl e a fenomenologia social de Alfred Schütz. Tratou-se, também, do construtivismo social de Norbert Elias, Berger e Luckmann, além da teoria das representações sociais de Serge Moscovici. A pesquisa é do tipo qualitativa e foram entrevistados profissionais e usuários dos CAPS, mediante roteiro de entrevista e questionário de caracterização. Para a análise dos discursos utilizou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). A partir dos discursos coletados nas entrevistas e das representações sociais resumidas nos DSCs, constatou-se a necessidade da criação de uma rede de bibliotecas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), com o intuito de potencializar a rede de Saúde Mental do Município de Florianópolis (SC). Apresentou-se, por fim, uma proposta teórico-metodológica para a implantação da “Rede de bibliotecas CAPS” com a atuação e presença de um profissional bibliotecário.

Palavras-chave: Bibliotecas – saúde mental. Interdisciplinaridade. Rede de bibliotecas. Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Atuação profissional – bibliotecários.

ABSTRACT

The general objective of this research was to present a proposal for the implementation of a network of libraries in the Centers for Psychosocial Attention (CAPS) in Florianópolis (SC), based on the social and cultural potential of the activities of the library institution in promoting the mental health of people in psychological distress. In the conceptual basis, the history of madness and the displacement of the attention in mental health of the manicomial models for the new approaches of the services in mental health based on the community were approached. It was emphasized the importance of interdisciplinarity as a possibility for the creation of dialogue between the fields of Librarianship and Mental Health. The relationship between libraries, society and the librarian's ethical-political action was discussed. It was the concept of library networks and services, such as: collection training and development, collection technical treatment, information dissemination and mediation, cultural action and bibliotherapy. In the theoretical-methodological foundations the phenomenology of the world of the life of Edmund Husserl and the social phenomenology of Alfred Schütz was approached. It was also the social constructivism of Norbert Elias, Berger and Luckmann, as well as Serge Moscovici's theory of social representations. The research is of the qualitative type and interviewed professionals and users of the CAPS, through interview script and characterization questionnaire. For the analysis of the speeches the technique of the Collective Subject Discourse (DSC) was used. From the discourses collected in interviews and social representations summarized in the DSCs, it was verified the need to create a network of libraries in the Center for Psychosocial Attention (CAPS), with the aim of strengthening the Mental Health Network of the Municipality of Florianópolis (SC). Finally, a theoretical-methodological proposal for the implementation of the "Network of CAPS libraries" was presented, with the presence and presence of a professional librarian.

Key-words: Libraries - mental health. Interdisciplinarity. Network of libraries. Center for Psychosocial Attention (CAPS). Professional performance - librarians.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Relação entre exclusão social e saúde mental 31

Figura 2 - Sônia Maria da Costa. Foto de 1961 e em seguida, 2013 33

Figura 3 - A Nau dos Loucos (Bosch) 35

Figura 4 - Acervo de livros e grafite no muro do CAPS II Ponta do Coral 52

Figura 5 - Acervo de livros no CAPS AD Ilha 53

Figura 6 - Acervo de livros no CAPS AD Continente.....53

Figura 7 - Acervo de livros no CAPSi 54

Figura 8 - Processo de desenvolvimento de coleções 90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fontes de informação para a leitura técnica 110

Quadro 2 - Campo de atuação e objetivos da biblioterapia.....127

Quadro 3 - Unidades, participantes e critérios de inclusão/exclusão 152

Quadro 4 - Atividades e ações de implementação 214

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gênero dos profissionais entrevistados 154
Tabela 2 - Idade dos profissionais entrevistados 155
Tabela 3 - Escolaridade dos profissionais entrevistados.....155
Tabela 4 - Tempo de atuação dos profissionais nos CAPS 156
Tabela 5 - Gênero dos usuários entrevistados.....156
Tabela 6 - Idade dos usuários entrevistados.....157
Tabela 7 - Escolaridade dos usuários entrevistados.....157
Tabela 8 - Tempo em que frequenta o CAPS 158

LISTA DE SIGLAS

AACR2	Anglo-American Cataloguing Rules, 2nd edition
BU/UFSC	Biblioteca Universitária da Universitária Federal de Santa Catarina
CAPPS	Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde
CAPS	Centros de Atenção Psicossocial
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas
CAPSi	Centro de Atenção Psicossocial para Crianças e Adolescentes
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CEPSH/UDESC	Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CBBP	Comissão Brasileira de Bibliotecas Prisionais
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ESF	Equipes de Saúde da Família
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
NASF	Núcleos de Apoio à Saúde da Família
IAD	Instrumento de Análise de Discurso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRS	Instituto Raul Soares
ISBN	International Standard Book Number

ISSO	Organização Internacional de Normalização
PPGInfo	Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
RDA	Resource Description and Access
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

2 MANICÔMIOS, REFORMA PSIQUIÁTRICA E A RESSIGNIFICAÇÃO DA LOUCURA..... 29
2.1 Manicômios e a exclusão social 29
2.2 Desinstitucionalização da loucura e a reforma psiquiátrica..... 40
3.3 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) 46

3 REDE DE BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR 59
3.1 Interdisciplinaridade 59
3.2 Bibliotecas, sociedade e a atuação ético-política do bibliotecário..... 63
3.3 Rede de bibliotecas em ambientes de saúde mental..... 76
3.4 Serviços de biblioteca..... 88
3.4.1 Formação e desenvolvimento de coleções..... 88
3.4.1.1 Estudo da comunidade 92
3.4.1.2 Política de seleção..... 93
3.4.1.3 Seleção..... 95
3.4.1.4 Aquisição 97
3.4.1.5 Desbastamento..... 103

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA..... 129
4.1 A fenomenologia e o mundo da vida 129
4.2 Vida cotidiana e a construção social da realidade 133
4.3 Teoria das representações sociais 138

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 147
5.1 Tipos de pesquisa 147
5.2 Universo da pesquisa..... 151
5.2.1 Caracterização do segmento profissional..... 154
5.2.2 Caracterização do segmento usuários 156
5.3 Coleta de dados 158
5.4 Análise dos dados..... 161
5.5 Aspectos éticos da pesquisa 164
5.6 Diário de entrevistas..... 166

6 ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)..... 171
6.1 DSC dos profissionais dos CAPS..... 171
6.1.1 Atividades realizadas pelos profissionais dos CAPS 174
6.1.2 Acesso e importância das fontes de informação..... 178
6.1.3 Definição e percepção de biblioteca pelos profissionais 185
6.1.4 Necessidades e expectativas informacionais..... 190
6.2 DSC dos usuários dos CAPS 196
6.2.1 DSC 2 (Usuários) 196
6.2.2 DSC 3 (Usuários) 197

7 PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA A IMPLANTAÇÃO DA "REDE DE BIBLIOTECAS CAPS" NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE FLORIANÓPOLIS (SC) 213

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 217

REFERÊNCIAS 223

APÊNDICES 235
APÊNDICE A – Questionário de caracterização (Profissionais) 236
APÊNDICE B – Questionário de caracterização (Usuários) 237
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista (Profissionais) 238
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista (Usuários) 239
APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Maiores de 18 anos) 240
APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Menores de 18 anos) 242
APÊNDICE G – Termo de Assentimento 244
APÊNDICE H – Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (Maiores de 18 anos) .. 247
APÊNDICE I – Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (Menores de 18 anos) .. 248
APÊNDICE J – Entrevistas transcritas (Profissionais) 249
APÊNDICE K - Instrumento de Análise de Discurso – IAD 1 (Profissionais) 298
APÊNDICE L - Instrumento de Análise de Discurso – IAD 2 (Profissionais) 325
APÊNDICE M – Entrevistas transcritas (Usuários) 329
APÊNDICE N - Instrumento de Análise de Discurso – IAD 3 (Usuários) 349
APÊNDICE O - Instrumento de Análise de Discurso – IAD 4 (Usuários) 361

ANEXOS 365
ANEXO A – Matriz Diagnóstica da Rede de Atenção Psicossocial 366
ANEXO B – Declaração de anuência 369
ANEXO C – Parecer consubstanciado do CEP 370
ANEXO D – Ofício de autorização de coleta de dados 377

1 INTRODUÇÃO

As mudanças paradigmáticas ocorridas no âmbito científico e na esfera social contribuíram para que as estruturas da sociedade fossem repensadas e houvesse uma nova reconfiguração no mundo da vida. Essa nova estrutura social, segundo Castells (2016), se manifesta por meio das diversas formas de acordo com a diversidade de culturas e instituições em todo o planeta, associada ao surgimento de um novo modelo de desenvolvimento no qual ele chama de informacionismo.

Historicamente, esse novo modelo nada mais é do que uma reestruturação clássica do modo capitalista de produção. O capitalismo visa, no entanto, o excedente apropriado pelo capital com base no controle dos meios de produção e circulação. Esse novo modo informacional de desenvolvimento tem como fonte de produtividade a tecnologia de geração de conhecimento, o processamento de informação e a comunicação de símbolos (CASTELLS, 2016).

No mundo globalizado da sociedade da informação, somos impulsionados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em um cenário em que a informação e o conhecimento passaram a ser fatores importantes no mundo atual, o contexto das redes de informação. Mattelart (2006) afirma que o paradigma tecnoinformacional dessa nova estrutura social, tornou-se o pivô de um projeto geopolítico que tem como função a reorganização geoeconômica do planeta em torno dos valores de uma democracia de mercado em escala mundial.

O determinismo tecnológico[1], com base no livre mercado de bens e serviços, gera uma modernidade baseada no esquecimento, dispensando os fatores sociais. Seguindo os argumentos desse autor, podemos dizer que na sociedade da informação devemos nos responsabilizar para que o fator social não fique em segundo plano em detrimento do discurso tecnológico das redes predominantes que permeiam nossa sociedade.

---

[1] O determinismo tecnológico traz a concepção de que tecnologias são apresentadas como autônomas ou como algo fora da sociedade. Isto é, as tecnologias são consideradas forças independentes, autocontroláveis, autodetermináveis e auto-expandíveis. Podemos dizer que essas forças no âmbito social podem ser tratadas como algo fora do controle humano, mudando de acordo com seu próprio momento e moldando inconscientemente a sociedade (LIMA, 2001).

As mudanças paradigmáticas que vêm ocorrendo no mundo a partir de novas percepções e valores, têm contribuído para visíveis transformações não apenas no âmbito da ciência, mas, também, em toda a esfera social e cultural. A concepção moderna de racionalidade que se inicia em Descartes e passa pelo positivismo de Augusto Comte, desperta críticas e reflexões nos teóricos subsequentes. Edmund Husserl, a partir de sua fenomenologia[2], cria um novo modo de pensar e de fazer ciência. Essa abordagem fenomenológica tem como pressuposto voltar o olhar não apenas para o mundo físico, calculável e estático, mas que essa ciência pudesse fornecer respostas ao mundo da vida cotidiana, da subjetividade humana e dos problemas sociais apreendidos enquanto fenômenos.

O campo da biblioteconomia, assim como outras áreas do conhecimento humano, sofreu transformações provenientes das revoluções técnico-científicas que modificaram as teorias e práticas específicas de cada campo. Saímos de um modelo de pensamento linear e entramos nas metáforas das redes[3]. De certa maneira, o pensamento sistêmico[4] contribuiu de forma significativa para que pudéssemos ter uma visão do indivíduo em sua subjetividade com relação aos outros e ao meio em que ele pertence. Esse avanço científico corroborou para que o objeto de estudo da ciência não fosse analisado de maneira isolada, mas inserido ou situado em um contexto no mundo real.

A partir dessa explanação, podemos apontar como as bibliotecas no contexto atual se organizam. Muitas delas saíram de um modelo vertical e assumiram posições horizontais para lidar com os novos fenômenos e demandas sociais. Surgiram as redes

---

[2] A intenção da fenomenologia é o retorno às próprias coisas, indo além da verbosidade dos filósofos e de seus sistemas construídos. Os fenomenólogos pretendem descrever os modos típicos como as coisas e os fatos se apresentam à consciência. A fenomenologia não é ciência de fatos, e sim ciência fundamentada estavelmente, voltada à análise e a descrição das essências. Por entre parênteses as crenças as convicções científicas, filosóficas e as do senso comum (REALE, ANTISERI, 2006).

[3] "O conceito de 'redes' surgiu como uma nova linguagem/ferramenta para o entendimento de sistemas complexos, ou seja, uma metáfora utilizada pela contemporaneidade para explicar um modo de organização social emergente da complexidade vivida na sociedade contemporânea" (RIBAS; ZIVIANI, 2007, p. 52). Castells (2016) menciona que a cooperação e os sistemas em rede oferecem a possibilidade de dividir custos e assumir riscos, assim como também, manter os usuários em dia com a informação constantemente renovada. Esse modelo tornou-se uma nova forma de organização dentro da economia mundial.

[4] O pensamento sistêmico tem a concepção que a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes. Podemos dizer que esse pensamento é contextual e difere do pensamento analítico, uma vez que a análise significa o isolamento de alguma coisa a fim de compreendê-la e, por outro lado, o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto de um todo mais amplo (CAPRA, 1997).

de bibliotecas. Para Valera Orol, Garcia Melero e Gonzalez Guitian (1988), a cooperação entre as bibliotecas apresentou um considerável desenvolvimento nos períodos de depressão econômica para suprir imediatamente as restrições financeiras. Além disso, a explosão documental e o incremento dos cortes de publicações estimularam o desenvolvimento dos trabalhos cooperativos entre as bibliotecas.

As redes de bibliotecas constituem um conjunto de sistemas conectados que mantêm sua unidade administrativa, fundamentada na cooperação entre bibliotecas, formando a rede. Mesmo sendo um modelo da reestruturação do capitalismo clássico (capitalismo apontado e debatido por Karl Marx no século XIX), não podemos nos esquecer dos fatores humanos e subjetivos da sociedade atual, tais como fatores ligados à educação, à cultura, à cidadania e autonomia dos próprios agentes sociais.

A partir dessas perspectivas, afirmamos que muito do que se discute na área da biblioteconomia ainda está voltado às práticas tecnicistas, baseado no determinismo tecnológico. No entanto, não podemos nos esquecer da responsabilidade social da biblioteca e o papel do bibliotecário na sociedade. Devemos pensar a nossa atuação profissional para além das tecnologias e colocar o sujeito como o centro das nossas práticas, independente das condições sociais, econômicas e culturais em que esse sujeito se encontre. Souza *et al* (2014, online) acrescenta,

> A escola socializa esse profissional, mas insere lacunas na sua formação ao priorizar um processo educativo voltado para o uso das técnicas e tecnologias. Tal conduta acaba por reforçar no egresso do curso de Biblioteconomia uma visão reducionista de sua ação profissional, acentuando o senso mecanicista, pois tende a mantê-lo como bibliotecário autocentrado na informação e direcionado para a maximização dos resultados. Dessa forma, os valores éticos e sociais ficam em segundo plano.

Ao falar da missão do bibliotecário, Ortega y Gasset (2006) menciona que o homem, ao exercer uma profissão ou ofício, se verá obrigado a desindividualizar-se para decidir suas ações não exclusivamente do ponto de vista pessoal, mas de um ponto de vista coletivo. É necessário que estejamos atentos aos anseios, demandas e necessidades informacionais da sociedade, e que estejamos sempre atentos às possibilidades de desenvolvermos práticas que dialoguem com outras áreas do conhecimento a partir de perspectivas interdisciplinares.

Da mesma maneira, a área da saúde mental passou por transformações marcantes ao longo da história. Saiu de um padrão vertical para abarcar um modelo horizontal com base nas redes de cuidado comunitário. Precisou sair de um modelo excludente com base no isolamento e na segregação promovido pelos manicômios, para assumir uma nova postura humanizadora. Os manicômios foram instituições totais[5] para impor as regras, a disciplina e o tratamento moral aos sujeitos alienados. Essa ideia de alienação produz um lugar para os loucos excluídos do pacto social e da cidadania.

Daniela Arbex (2015), em seu livro *Holocausto brasileiro*, reconstrói a história de um dos maiores e mais cruéis hospícios do Brasil, o Colônia[6], situado na cidade mineira de Barbacena. O Colônia era o destino de epiléticos, alcoólatras, homossexuais, prostitutas, meninas grávidas pelos patrões, mulheres confinadas pelos maridos e moças que haviam perdido a virgindade antes do casamento. Os pacientes eram internados sem que houvesse um diagnóstico de doença mental. Muitos foram torturados, violentados e mortos. Para essa autora, o que se praticou no hospício de Barbacena, foi um genocídio com mais de 60 mil mortos.

A Reforma Psiquiátrica e a desinstitucionalização da loucura foram ações, lutas e alternativas que contribuíram para a desconstrução das práticas manicomiais e, consequentemente, para a reconstrução de uma nova assistência psiquiátrica consolidada nas redes de atenção à saúde mental. Segundo o documento do Ministério da Saúde (BRASIL, 2004), a reforma psiquiátrica consiste no progressivo deslocamento centralizado para fora do hospital, em direção à comunidade e aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Constitui-se como uma das principais estratégias para superar os modelos clássicos de atenção em saúde mental, modelos que tinham como base a exclusão e o isolamento.

Essa rede de atenção com atendimento psicossocial torna-se o lugar privilegiado para a construção de uma nova lógica de atendimento e acolhimento às pessoas em

[5] "Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada" (GOFFMAN, 2001, p. 11).

[6] "O conceito de *colônia*, importado da Europa pela psiquiatria brasileira, consistia em reunir os *doidos* da cidade em locais isolados, atribuindo-lhes funções em oficinas e trabalho no campo" (HIDALGO, 2011, p. 24, grifo do autor).

sofrimento psíquico. Thornicroft e Tansella (2010) afirmam que a essência do cuidado comunitário significa a oferta de serviços de saúde mental e assistência aos pacientes próxima às suas residências. Esse atendimento fora das grandes instituições, através de uma rede de saúde mental e por serviços prestados pela comunidade, torna-se uma luta pela reinserção, ressignificação e empoderamento dos sujeitos na vida cotidiana.

Nessa condição, podemos defender ou afirmar que os CAPS constituem uma das principais estratégias do processo de reforma psiquiátrica no Brasil, que desenvolvem ações por meio de práticas de saúde mental comunitária. Esses Centros de Atenção Psicossocial, compostos por equipes técnicas interdisciplinares e multidisciplinares, promovem a saúde mental por meio do acompanhamento clínico e de atividades terapêuticas para promover o bem-estar e a reinserção social dos usuários. Por meio de atendimento clínico e de atividades educacionais, esses centros desenvolvem ações com o intuito de promover o exercício dos direitos civis dos indivíduos em sofrimento psíquico.

Portanto, partindo desses argumentos e dos apontamentos desenvolvidos até aqui, assumimos o desafio e a responsabilidade de trazermos à tona, reflexões e discussões de uma biblioteconomia articulada ao campo da saúde mental. Esse diálogo interdisciplinar situa-se para além de uma lógica capitalista excludente. Afinal, a responsabilidade social da biblioteca é promover o desenvolvimento social através do acesso à informação, independente da categoria dos usuários que ela atenda ou possa atender. É importante pontuar, também, que a atuação do bibliotecário esteja voltada não apenas às questões que envolvam a competência técnica para lidar com a gestão da informação, mas que ele exerça também a sua missão a partir de uma prática reflexiva com base na dimensão social, humanística e existencial da profissão.

Na condição de bibliotecário de cunho social e, posicionando-me[7] diante dessas transformações com um olhar humanizado, penso que as técnicas biblioteconômicas podem ser exercidas para além dos meios acadêmicos, empresariais e escolares, e adentrarem em outras vivências ou esfera social. Esta pesquisa, por exemplo, poderia ter sido realizada tanto na Biblioteca Universitária da Universitária Federal de Santa

[7] Por se tratar de uma pesquisa empírica com abordagem fenomenológica, algumas passagens estão escritas na primeira pessoa do singular, como forma de expressar a singularidade e a perspectiva do pesquisador frente ao mundo vivido.

Catarina (BU/UFSC), instituição em que exerço minha profissão, quanto na própria Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), instituição em que se situa o Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo). Porém, preferi sair da zona de conforto e levar o discurso da Biblioteconomia para além dessas fronteiras, assim como, também, trazer à tona outros discursos que muitas vezes são marginalizados ou esquecidos das narrativas sociais. Penso que a missão do bibliotecário e das bibliotecas no mundo da vida cotidiana, deva ir além dos interesses particulares e adentrar nas mais diversas dimensões sociais e coletivas, mesmo que os resultados das pesquisas e das ações práticas não estejam diretamente ligados ao seu cotidiano ou dentro da sua zona de conforto.

A biblioteca pode ocupar e exercer sua responsabilidade social em espaços não tão convencionais, nos quais o discurso acadêmico ainda não é tão evidente ou familiar. Na formação acadêmica ainda prevalece um tecnicismo guiado pelo discurso capitalista que influencia as práticas profissionais. A biblioteconomia brasileira tem esse caráter em decorrência do modelo de ensino assumido no Brasil. Para Souza (1997), a reprodução da biblioteconomia estadunidense fortaleceu uma determinação mecanicista que, de certa maneira, fomentou a acomodação da sua prática profissional, negligenciando a responsabilidade ética e social. O bibliotecário mesmo que não atue submisso ao Estado ou a corporações econômicas, vem de uma situação que originalmente o vincula ao grupo dominante.

Cysne (1993) também aponta o ensino da biblioteconomia voltado para os aspectos tecnicistas ao afirmar que essa formação visa propiciar aos usuários a rápida e pertinente recuperação de informações, sem que haja uma responsabilidade da dimensão social e educativa contida nas relações entre conhecimento, necessidades de informação das várias camadas sociais, poder e dominação. Ou seja, um distanciamento entre a dimensão social da profissão e a própria sociedade.

Como visto, há uma crítica ao modelo de ensino tecnicista nos cursos de biblioteconomia. Os argumentos desses autores despertam reflexões sobre o papel social das bibliotecas na sociedade da informação e a responsabilidade da atuação dos bibliotecários diante da sociedade da desinformação. Afinal, o mundo não é tão

globalizado e igualitário conforme os modismos conceituais e terminológicos generalizantes, disseminados em nosso meio social.

As bibliotecas, em minha concepção, podem ou deveriam estar inseridas em hospitais, clínicas psiquiátricas, centros de atenção psicossocial, casas de repouso, asilos[8], prisões, orfanatos etc., como forma de apoiar as atividades que promovam a reinserção social e cultural da comunidade na qual elas estejam inseridas. Vale destacar que existe, mesmo que de maneira tímida, grupos de bibliotecários que discutem e defendem a implantação de bibliotecas e ações profissionais em ambientes não convencionais. Como exemplo, podemos citar o cárcere e a criação da Comissão Brasileira de Bibliotecas Prisionais (CBBP), vinculada à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), no ano de 2017, como um marco nos avanços das discussões biblioteconômicas diante das demandas informacionais no âmbito social.

As unidades de informação exercem uma responsabilidade social a partir de uma perspectiva humanizada com base na ética e no saber, uma vez que, pessoas que vivem ou frequentam esses espaços, não só devem ter acesso como, também, o direito à informação. O tema escolhido para esta pesquisa, partiu de reflexões e inquietações na busca de obter uma melhor compreensão a respeito da importância de uma rede de bibliotecas, na condição de um espaço que possa contribuir para com a promoção da inserção social e cultura em ambientes de saúde mental.

Essas inquietações, reflexões e motivações para realização dessa pesquisa partiram da minha história de vida acadêmica. Como não existia Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e, após a finalização da graduação em Biblioteconomia, em 2005, fiz uma especialização *lato sensu* em Biblioteca Escolar em uma instituição privada. Ao mesmo tempo, comecei a adentrar em outras áreas do conhecimento humano. Participava de eventos científicos e de grupos de estudos nas áreas de Filosofia e Psicanálise como forma de complementar minha formação profissional, assim como, também, seguir meu desejo

[8] De acordo com o dicionário Aurélio, asilo refere-se a uma casa de assistência social onde são recolhidas para sustento ou também para educação de pessoas pobres e desamparadas, tais como: mendigos, crianças abandonadas, órfãos, idosos, etc (FERREIRA, 1999). No caso da saúde mental, podemos atribuir o termo asilo aos manicômios, hospícios, colônias etc.

pelas áreas das ciências humanas. Neste período, deitar no divã foi a experiência mais singular que até então eu jamais havia experimentado. A análise pessoal foi de certa maneira uma apropriação consciente de minha história, proporcionando a ressignificação da minha vida pessoal e profissional, como um ser no mundo frente toda a existência.

No ano de 2006, iniciei uma formação em Psicanálise Clínica, curso no qual obtive o primeiro contato com a área da saúde mental propriamente dita. Posso dizer que naquele momento foi lançada a semente que germinaria uma década após, com a culminância da proposta deste trabalho. No ano de 2009, fiz o curso de aperfeiçoamento “Dimensões da humanização: filosofia, psicanálise e medicina” na UFES, que ampliou cada vez mais minha percepção e formação interdisciplinar principalmente na área das ciências humanas. Portanto, diante dessa explanação, busco articular o discurso social da biblioteconomia à saúde mental, como possibilidade de trazer à tona discursos que muitas vezes estão submersos nas narrativas sociais.

Nesse sentido, para fins dessa pesquisa, foram escolhidos dentro da Rede de Atenção Psicossocial do Município de Florianópolis, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). A rede CAPS é composta por quatro centros que estão distribuídos da seguinte maneira: três deles situados na Ilha de Florianópolis e uma unidade localizada na parte continental do Município. Esses centros desenvolvem serviços de referência no atendimento intensivo ou de reinserção psicossocial, além de prestar apoio às equipes de Saúde Mental e Saúde da Família dentro de suas especificidades e singularidade. No entanto, essa rede de atendimento à saúde mental não possui bibliotecas institucionalizadas que possam ajudar nas atividades e ações de reinserção psicossocial.

Diante do que foi exposto sobre as mudanças paradigmáticas na área da biblioteconomia, e também sobre as transformações que a área da saúde mental passou ao longo da história, lançamos o problema de pesquisa que norteará este estudo. A questão de pesquisa é fundamental para que possamos sair de uma posição de incerteza para adentrarmos no campo de investigação empírica dos fenômenos, ou seja, buscar elucidar uma compreensão dos fatos sociais. Partindo dessa explanação, apresentamos o seguinte problema de pesquisa que norteará nossa investigação: *A*

implantação de uma rede de bibliotecas enquanto espaço[9] *de reinserção social e cultural é capaz de ampliar a promoção à saúde mental dos usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Município de Florianópolis (SC)?*

Com o intuito de resolver o problema de pesquisa lançado, apresentamos a seguir o objetivo geral que norteará esse estudo: *Propor a implantação de uma rede de bibliotecas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Florianópolis, pautada no potencial social e cultural das atividades da instituição biblioteca, na promoção à saúde mental de pessoas em sofrimento psíquico.* Diante dessa questão central, apresentamos abaixo os seguintes objetivos específicos:

a) Identificar quais são as práticas realizadas pelos profissionais dos CAPS com vista à reinserção social e cultural;
b) Identificar as atividades vivenciadas pelos usuários dos CAPS para a promoção da saúde mental;
c) Levantar as fontes de informação utilizadas pelos profissionais e usuários dos CAPS para a realização das atividades e lazer;
d) Conhecer as representações sociais dos profissionais e usuários dos CAPS acerca de suas necessidades e expectativas informacionais;
e) Apresentar uma proposta teórico-metodológica para a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS, com a atuação do profissional bibliotecário.

Para uma melhor compreensão da proposta deste estudo interdisciplinar, esta pesquisa está estruturada em oito capítulos que se articulam para atingir os objetivos propostos. Neste capítulo introdutório, destacamos a temática a ser abordada de um ponto de vista crítico, a justificativa que impulsionou a escolha do tema e a realização deste trabalho, e por fim, o problema de pesquisa, assim como, também, os objetivos que nortearam cada etapa e procedimento desse estudo.

Apresentamos nos capítulos dois e três a fundamentação conceitual baseada na literatura científica que servirá de alicerce às discussões e análises desta pesquisa. No capítulo dois, abordaremos aspectos históricos referentes ao cuidado e aos avanços

[9] Segundo Castells (2016) o espaço não pode ser definido sem que haja uma referência às práticas sociais. O espaço é um produto material em relação a outros produtos materiais, incluindo a interação das pessoas que, diante das relações no processo histórico, dão ao espaço uma forma, uma função ou sentido social.

em saúde mental. De início, trataremos da abordagem excludente e de isolamento dos pacientes perpetuados na lógica manicomial, em seguida, as transformações advindas da Reforma Psiquiátrica que foram avanços para os modelos de atenção em saúde mental comunitário com ações no território.

Já no capítulo três, trataremos da fundamentação conceitual com relação à rede de bibliotecas nos ambientes de saúde mental, levando em consideração a interdisciplinaridade e o diálogo entre o campo da Biblioteconomia com a Saúde Mental, em seguida, a relação entre bibliotecas, sociedade e a atuação ético-política do bibliotecário nos espaços de atuação, e por fim, os serviços de bibliotecas nos CAPS.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho fenomenológico, o capítulo quatro, intitulado de fundamentação teórico-metodológica, abordará as concepções fenomenológicas de Edmund Husserl e sua teoria do mundo da vida, a construção social da realidade e a vida cotidiana com base nas teorias de Alfred Schütz, Peter Berger, Thomas Luckmann e Norbert Elias, e por fim, a teoria das representações sociais desenvolvidas por Serge Moscovici. Essa fundamentação teórico-metodológica contribuirá de maneira significativa para com a metodologia escolhida nesta pesquisa.

No capítulo cinco, trataremos da metodologia e dos procedimentos metodológicos aplicados neste estudo. Apresentamos seis subseções que tratam do caráter da pesquisa, o universo, a coleta de dados, a análise dos dados, os aspectos éticos da pesquisa quando evolvem seres humanos e, por fim, um diário das entrevistas que nos mostra algumas percepções com relação à coleta de dados nos espaços em estudo.

Apresentamos no capítulo sexto a análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) resultante da coleta dos discursos e da metodologia empregada nesta pesquisa. É nesta seção que discutimos e confrontamos o resultado dos dados da investigação empírica com a fundamentação conceitual e teórico-metodológica, no que se referem às representações sociais da amostra investigada.

Após a análise dos dados, dedicamos o capítulo sete à apresentação de uma proposta de implantação de uma rede de bibliotecas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Florianópolis, como um dos primeiros passos para se pensar a criação e institucionalização dessa rede. Essa proposta será levada à Secretaria

Municipal de Saúde de Florianópolis, visando sua implantação. Posteriormente, o oitavo e último capítulo, conclui a pesquisa por meio das considerações finais.

Os elementos pós-textuais são comostos por: referências, apêndices e anexos. Nos apêndices encontramos os questionários de caracterização e os roteiros de entrevistas utilizados para coletar os dados e discursos dos profissionais e usuários dos CAPS, os instrumentos dos comitês de ética necessários quando se envolvem seres humanos, as entrevistas transcritas e os instrumentos de análise dos discursos. Por fim, como anexos apresentamos a matriz diagnóstica da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), a declaração de anuência, o ofício declarando a autorização da coleta de dados emitidos pela Escola de Saúde Pública de Florianópolis e o parecer consubstanciado do CEP.

A questão levantada neste estudo, será relevante tanto para o campo da Biblioteconomia, como também para a área da Saúde Mental, uma vez que este tema contribuirá não apenas para o avanço da pesquisa científica, mas que seja, também, estímulo para um novo olhar da prática profissional no que se refere aos problemas da reinserção dos indivíduos marginalizados socialmente. A partir de uma investigação empírica e da análise dos discursos, apresentaremos uma proposta sobre a importância de implantação de uma rede de bibliotecas com um profissional bibliotecário[10], para contribuir com a promoção da saúde mental a partir de um trabalho interdisciplinar.

[10] A proposta de implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS de Florianópolis requer a presença de profissionais qualificados para atuarem nesses espaços de saúde mental. É importante ter bibliotecários capacitados para gerenciar, manter e desenvolver atividades relacionadas ao próprio fazer biblioteconômico, assim como, também, desenvolver ações voltadas à promoção da leitura, cultura e da cidadania.

2 MANICÔMIOS, REFORMA PSIQUIÁTRICA E A RESSIGNIFICAÇÃO DA LOUCURA

"Tudo flui, nada persiste, nem permanece o mesmo"
Heráclito de Éfeso

Antes de abordarmos a rede de saúde mental do município de Florianópolis e, mais especificamente, sobre os CAPS, que são o foco dessa pesquisa, achamos necessário fazer um levantamento histórico sobre essa área de estudo. Esse aspecto histórico torna-se fundamental para que tenhamos uma melhor compreensão das transformações e avanços ocorridos na área da saúde mental. Auxilia também como uma forma de trilhar caminhos para atingir os objetivos traçados nessa pesquisa.

Será apresentada nas próximas subseções a questão dos manicômios como um modelo de exclusão social, a desinstitucionalização da loucura e a reforma psiquiátrica, e por último, trataremos dos CAPS, como estratégia importante para a ressignificação da loucura através de serviços prestados à comunidade para a promoção da saúde mental. Só é possível compreendermos o modelo atual de assistência à saúde mental, mediante uma explanação histórica, para que tenhamos conhecimento da evolução, da importância e da necessidade de levantarmos essas questões, como luta contra os modelos dominantes e excludentes da nossa sociedade.

2.1 Manicômios e a exclusão social

Podemos dizer que a alienação é um dos conceitos fundamentais para que possamos trabalhar a história da saúde mental e compreendermos o processo de exclusão dos sujeitos em sofrimento psíquico ao longo da história. Por isso, achamos necessária uma conceituação breve do termo. Para Abbagnano (2012), a alienação, em uma linguagem comum, significa a perda da posse, de um afeto ou dos poderes mentais. Hegel empregou esse termo para designar o estranhamento da consciência por si mesma, tornando-a uma coisa. Esse conceito também foi retomado por Karl Marx para descrever a situação do operário no regime capitalista, quando o homem na relação de trabalho torna-se estranho para si mesmo, a ponto de não se reconhecer

enquanto sujeito. A alienação pode ser compreendida como qualquer disciplina racional, regra ou norma imposta pelo alienista ao alienado.

Partindo desse entendimento sobre a alienação e sobre o poder disciplinar advindo do Estado, a psiquiatria criou um lugar para o louco, isto é, a institucionalização ou racionalização da loucura mediante relação entre aqueles que detêm o poder e os sujeitos excluídos que não compartilham dos mesmos *status*[11] social. Para Torre e Amarante (2001), a alienação produz um lugar para o louco, isto é, um lugar em que o sujeito é excluído do pacto social, do direito à cidadania e dos deveres enquanto cidadão. Este sujeito deixa de ser um ator social e torna-se objeto dessa alienação. Portanto, essa condição excludente cria, de certa maneira no âmbito social, um lugar para manter sujeito da desrazão. Partindo dessa ideia, podemos dizer que estes lugares criados: hospitais psiquiátricos, manicômios, asilos etc., foram invenções de uma racionalidade para destinar aqueles vistos como diferentes na vida cotidiana, ou seja, os ditos loucos.

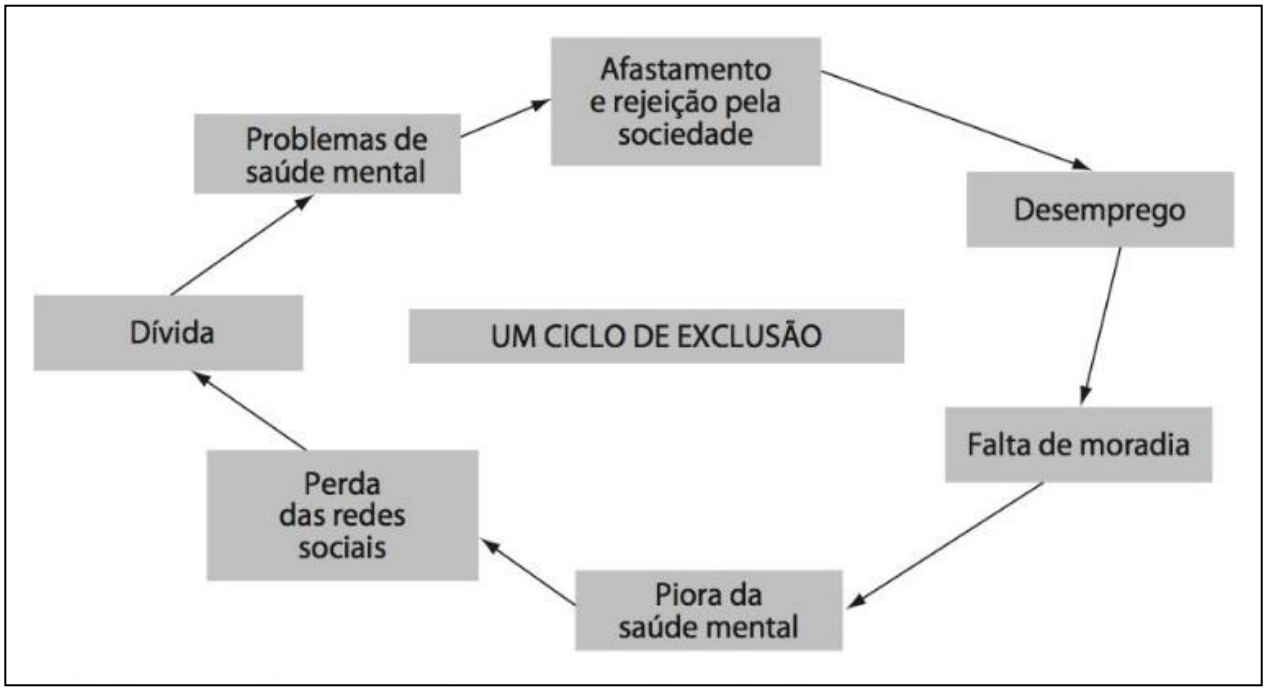
Logo, a história dos manicômios e hospitais psiquiátricos, enquanto instituições totais, nos mostra como se constituiu o processo de lidar com o sujeito alienado. Nestes espaços institucionalizados, os sujeitos eram submetidos ao funcionamento da regra, da disciplina e do tratamento moral. Portanto, a institucionalização da loucura torna-se, de certo modo, uma regra geral, um princípio universal aplicado àqueles que não se enquadravam às normas sociais (TORRE; AMARANTE, 2001). Mesmo que muitas dessas instituições se apresentassem ao público como organizações racionais e que operassem conscientemente como máquinas eficientes que tinham objetivos e finalidades oficialmente aprovadas, como a reabilitação, estes ambientes não passavam de depósitos de internos.

A noção de exclusão é compreendida como fenômenos aplicados a diversos contextos ou situações. Geralmente, esses fenômenos estão ligados ao racismo, ao desemprego, aos conflitos interpessoais ou, também, ao estado de incapacidade física ou mental de determinada pessoa ou comportamentos dentro de um grupo social. No entanto, para que se tenha uma dimensão ou uma abordagem única desse fenômeno,

[11] O status é uma condição ou modo de ser especialmente em sentido sociológico. Pode ser compreendido como o lugar ocupado por uma pessoa na sociedade. Seria, portanto, algo como pertencente a determinado estrato social (ABBAGNANO, 2012).

a exclusão pode ser pensada no nível das interações entre pessoas e entre grupos sociais. No campo social das interações, partes dessas pessoas são agentes enquanto outras são vitimas (JODELET, 2011).

Figura 1 - Relação entre exclusão social e saúde mental



Fonte: Thornicroft e Tansella (2010, p. 14).

Conforme figura apresentada, há uma associação entre contexto social e as doenças mentais. Para Thornicroft e Tansella (2010) o ambiente social em que uma pessoa está inserida pode ser um elemento preponderante para desencadear sofrimento psíquico ou até mesmo doenças psicológicas crônicas. A baixa qualidade das relações sociais e os problemas advindos da pobreza tornam-se fatores consideráveis que afetam direta ou indiretamente a saúde mental dos indivíduos.

O ciclo da exclusão social pode ser alimentado por fatores externos causando sofrimento psíquico no indivíduo. No exemplo da figura, podemos analisar esse ciclo partindo do desemprego. Um sujeito desempregado muitas vezes pode passar por sérios problemas pela falta de moradia ou de amparo familiar. Esse problema pode acarretar a perda das relações sociais, ter sérios problemas com dívidas, álcool e uso

de outras drogas. Esse ciclo de exclusão se acentua quando há um agravamento da saúde mental causando o afastamento e rejeição pela sociedade.

Sobre esse ciclo de exclusão, podemos citar o caso de Sônia Maria da Costa, sobrevivente do Colônia, hospício psiquiátrico localizado na cidade mineira de Barbacena. Órfã de pai e mãe, Sônia morava com uma senhora que a maltratava e a explorava com trabalhos domésticos. Ela era obrigada a cozinhar mesmo sem altura suficiente para alcançar o fogão. Aos onze anos de idade, por molecagem nas ruas de Belo Horizonte (MG), foi despejada no Colônia pela polícia e lá permaneceu por muitos anos. A história de Sônia foi construída praticamente dentro desse hospício. Nem ao certo se sabia a sua verdadeira data de nascimento e, como isso, foi estimado o dia 28 de julho de 1950. Seu documento fora retirado quarenta e cinco anos depois do seu provável nascimento. Barbacena aparece como cidade de nascimento, embora o município não seja sua cidade natal. É como se ela viesse ao mundo sem que alguém a parisse (ARBEX, 2015).

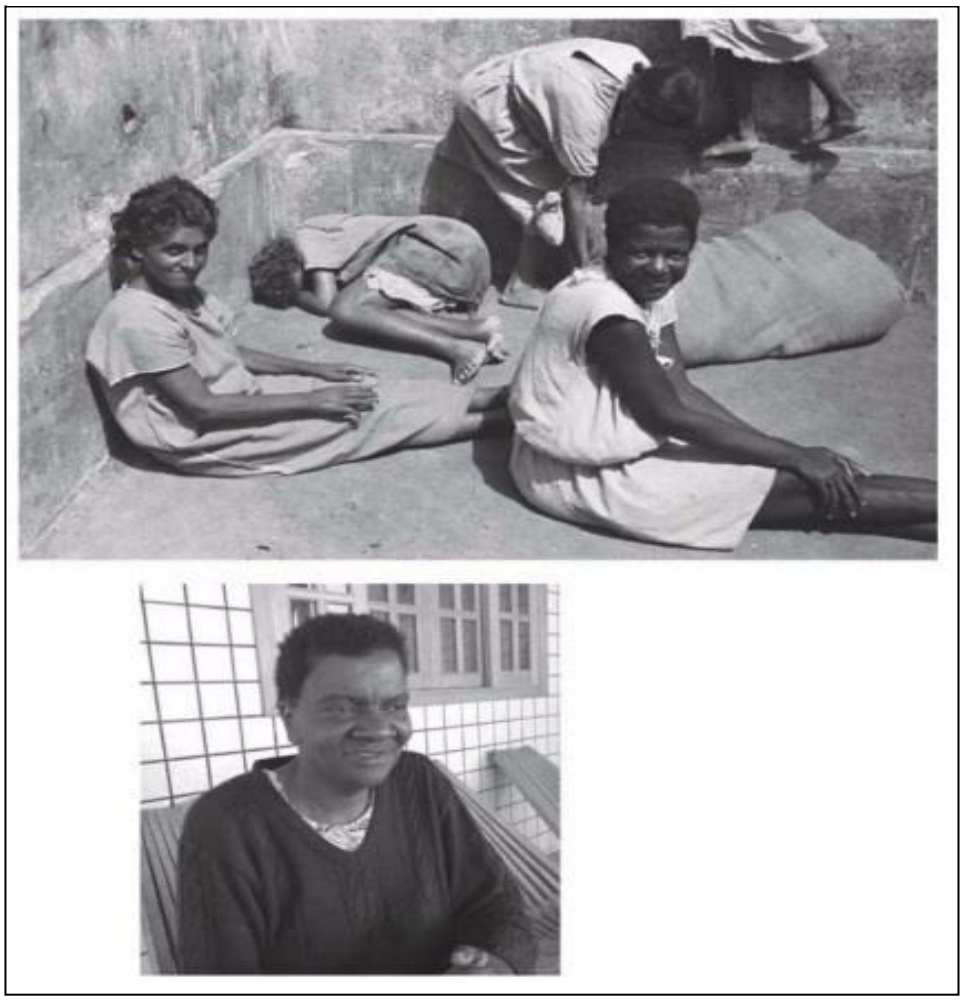
Sônia cresceu sozinha no Colônia e foi vítima de todo tipo de agressão física e psicológica. Tomava choques diários e chegou a ficar trancada em cela úmida sem ter um único cobertor para se aquecer nas noites frias. Certa vez, num ato de dor e fúria, arrancou o próprio dente com um alicate porque não aguentava mais sentir o rosto latejar. Deixada sem água, chegou a tomar a própria urina para matar a sede e muitas vezes tomou banho de mergulho em banheira com fezes como castigo atribuído àqueles que não se adequavam às regras locais (ARBEX, 2015).

Em 2003, quando teve a chance de ganhar um endereço, Sônia aceitou sair com a condição que, Terezinha, amiga que fez no hospício, fosse junto. Foram morar em uma residência terapêutica[12]. Não precisavam tomar mais banhos coletivos, cada uma tinha o seu próprio sabonete e toalha. Isso era o privilégio da liberdade e da individualidade. Incluídas em programas sociais, passaram a ter renda e a consumir. Analfabeta, Sônia criou um método próprio para lidar com o dinheiro. Associava o valor às imagens estampadas em cada cédula. Em 2011, realizou o sonho de conhecer Porto Seguro, na Bahia. Experimentou o gosto da liberdade ao viajar de avião e conhecer o

[12] “Os serviços residenciais terapêuticos são locais de moradia destinados a pessoas com longas internações que não tem possibilidade de retornar para as famílias” (ARBEX, 2015, p. 53).

mar. Conheceu o prazer das boas descobertas e começou a ter consciência da sua própria humanidade (ARBEX, 2015).

Figura 2 - Sônia Maria da Costa. Foto de 1961 e em seguida, 2013



Fonte: Arbex (2015, p. 52).

Essa pequena apresentação do caso da Sônia, nos aguça o pensamento e a reflexão não apenas centrado no caso dessa paciente, mas, também, sobre tantos outros casos de pessoas que sofreram ou sofrem situações semelhantes no mundo real. No caso dela, depois de muito sofrimento como interna, pode desfrutar da sua própria liberdade. No entanto, nem todos que passaram pelo Colônia tiveram a mesma sorte. Outro fator importante que podemos enxergar no relato de Sônia é a própria relação entre pobreza, sofrimento psíquico e exclusão social.

Dando seguimento a esse raciocínio do ciclo de exclusão associado aos fatores sociais, Jodelet (2011, p. 60) acrescenta ainda que “A exclusão corresponde [...] a um sentimento de incompatibilidade entre os interesses coletivos próprios às comunidades em contato e o temor de uma ‘privação fraterna’ afetando as posições e privilégios daquela à qual pertencemos”. Conforme exposto acima, a exclusão enquanto fenômeno diz respeito à intolerância em lidar com as diferenças na esfera pública ou social.

Sobre a questão dos interesses coletivos dos privilegiados e da exclusão daqueles que não possuem determinados status dentro da sociedade, Foucault (2000) na obra *História da loucura,* nos apresenta essa problemática dos traços históricos da exclusão a partir do século XV. Os loucos eram confinados em navios e lançados ao mar para evitar que ficassem vagando entre os muros da cidade, com o objetivo de levá-los para longe, tornando-os prisioneiros de sua própria partida. Essa navegação tinha um caráter de purificação dos centros e ao mesmo tempo, entregava ao louco a incerteza da própria sorte ou destino. Essa exclusão é expressa na gravura *A nau dos loucos* do artista holandês renascentista, Hieronymus Bosch, conforme apresentamos a seguir:

Figura 3 - A Nau dos Loucos (Bosch)

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Navio_dos_Loucos

> A água e a navegação têm realmente esse papel. Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada (FOUCAULT, 2000, p. 12).

Seguindo o mesmo argumento das navegações, Foucault (2000) acrescenta ainda que o declínio das embarcações como forma de higienização social, faz surgir uma nova maneira de lidar com a loucura, isto é, os hospitais dos loucos. Nestes hospitais, o internamento torna-se, nada mais ou nada menos, do que uma sequência do embarque das velhas práticas. Essa linha de raciocínio apontada pelo autor nos faz compreender os objetivos dos hospitais psiquiátricos, manicômios e asilos ao longo da história.

Ao tratar da exclusão e do isolamento, Goffman (2001), nomeia os hospitais, sanatórios, asilos e prisões, dentre outros espaços, como instituições totais. O fechamento é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições: portas fechadas, paredes altas, arames farpados, fossos, água, floresta ou pântanos. Estes espaços são criados como lugar de exclusão para pessoas que não compartilham de um status social ou atividade dentro das instituições sociais.

Nestas organizações burocráticas, há um controle acentuado de muitas necessidades humanas e de grupos completos de pessoas, sendo este poder disciplinar, uma das características marcantes dessas instituições. Um ambiente em que a vigilância constante determina uma dicotomia entre aqueles que controlam e os que são controlados, ou seja, entre os dirigentes e os internos (GOFFMAN, 2001). Sobre esse ponto de vista, Foucault, em sua obra *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, compartilha dessas mesmas críticas destinadas a essas instituições.

A disciplina ou poder disciplinar é uma forma de controle do Estado que funciona através de um processo de normatização e de poder, para assegurar a ordem das multiplicidades humanas. Neste contexto, a exclusão seria uma retirada violenta para que a produção econômica não sofresse interferência, configurando-se como princípio regulamentador de suavidade-produção-lucro, criando, portanto, processos de separação e de verticalidade das relações sociais. Torna-se uma política de coerção sobre os indivíduos como uma forma de manipulação calculada de seus gestos e comportamentos. Essa disciplina fabrica corpos submissos e dóceis a partir de uma dominação acentuada e de uma vigilância hierarquizada (FOUCAULT, 2009).

Esse pensamento foucaultiano nos mostra como as relações de poder, dentro de uma sociedade capitalista, funcionam a partir dos interesses do lucro e da produção.

Portanto, os indivíduos vistos como loucos que não se adequavam a uma norma social e estavam fora dessa lógica de produção, ficavam à margem do pacto social. Sobre esse ponto de vista, Guedes *et al* (2010, p. 548) afirma que “[...] a loucura era vista apenas como forma de marginalidade, no sentido de que os doentes mentais eram indivíduos que deveriam ser afastados para os ‘hospitais’ por estarem num estado de inadequação social”.

Segundo Delgado (1989 *apud* CAMPOS, 2004), o isolamento e a reclusão em espaços fechados eram nocivos ao paciente e, na prática, os hospitais não passavam de verdadeiras prisões usadas pelas famílias e pelo Estado para excluir os doentes. Goffman (2001), nos aponta que o principal objetivo das práticas e da cultura dentro das instituições é conseguir o controle dos pacientes e, este controle, deve ser mantido independentemente do bem-estar dos pacientes. Esse poder sobre os internos é geralmente racionalizado por meio de funções e objetivos estabelecidos por aqueles que comandam estas instituições.

Sobre esse mesmo ponto de vista, Delgado (1989 *apud* CAMPOS, 2004, p. 107) ainda afirma que “O hospital psiquiátrico especializado já mostrou ser recurso inadequado para o atendimento de paciente com distúrbios mentais, seu componente gerador de doença mostrou ser superior aos benefícios que possa trazer”. Como podemos ver nesta passagem, a arquitetura de uma instituição não tem como foco os indivíduos e suas necessidades individuais, mas verdadeiros interesses partindo do Estado como uma forma de controle social de higienização.

O papel do internamento e a visão psiquiátrica transmitidos no século XIX, são o de reduzir a loucura à sua verdade, isto é, à racionalidade do homem, à psiquiatria e ao Estado. Essa verdade criada, torna-se a normativa do poder que ela é, mas por outro lado, a loucura não é a verdade do mundo, da sociedade e muito menos da natureza dos indivíduos (FOUCAULT, 2000). Nesta mesma linha de pensamento, Goffman (2001), afirma que a barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do Eu. Este mesmo autor ainda menciona que,

> Embora alguns dos papéis [sociais] possam ser restabelecidos pelo internado, se e quando ele volta para o mundo, é claro que outras perdas são irrecuperáveis e possam ser dolorosamente sentidas como tais. Pode não ser possível recuperar, em fase posterior do ciclo vital, o tempo não empregado no processo educacional ou profissional, no namoro, na criação dos filhos. Um aspecto legal dessa perda permanente pode ser encontrado no conceito de 'morte civil' (GOFFMAN, 2001, p. 25).

Com a discussão sobre a criação dos manicômios, do poder disciplinar e da alienação, podemos recorrer, como forma de ilustração, a uma obra clássica da literatura brasileira. No conto "O alienista" publicado entre 1881 e 1882, Machado de Assis faz uma crítica ao poder político e psiquiátrico por meio da literatura. Obra que tem como protagonista o cientista e médico especialista em doenças mentais, Simão Bacamarte. No desenrolar da narrativa, Bacamarte considerado um dos maiores médicos do Brasil, de Portugal e da Espanha, ao retornar dos estudos na Europa, volta para a vila de Itaguaí, Rio de Janeiro, e começa a aplicar os seus métodos científicos positivistas sobre a loucura (ASSIS, 2008).

No decorrer da narrativa, Simão Bacamarte consegue concessão da Câmara de Vereadores para construir um edifício para acomodar todos os loucos de Itaguaí e das demais vilas da cidade em uma mesma casa. Conseguiu, também, um imposto destinado para subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos internos. Situada na Rua Nova, a Casa Verde, como ficou conhecida, tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro e inúmeros cubículos para os hóspedes. Essa casa tornou-se um cárcere privado. O protagonista passa a ser a autoridade que determinaria quem é louco e quem não é, ou seja, o alienista era o sujeito que determinava as fronteiras entre a razão e a loucura. À Casa Verde foi atribuída, em certo ponto da narrativa, como a Bastilha da razão humana[13] (ASSIS, 2008). Com essa referência à obra machadiana, enxergamos uma função social da literatura ao tratar de temas do cotidiano. Não deixa de ser uma crítica social para questionar os valores morais da época.

Em termos históricos, no que se refere à história do cuidado em saúde mental durante o último século nos países economicamente desenvolvidos, Thornicroft e

[13] Termo atribuído à antiga prisão de Paris que simbolizava a opressão da monarquia. Tomada pelo povo em 1789. Esse episódio ficou conhecido como a queda da Bastilha, estabelecendo o início da Revolução Francesa (ASSIS, 2008).

Tansella (2010) nos apresentam uma divisão em três períodos históricos. O primeiro, eles descrevem como o período do nascimento do asilo, que ocorre entre 1880 e 1950; o segundo período estabelecido entre 1950 e 1980, corresponde ao declínio do asilo; o último período, iniciado por volta de 1980, refere-se ao desenvolvimento do cuidado em saúde mental descentralizado, voltado não mais para o isolamento dos indivíduos com transtornos mentais, mas um cuidado baseado na comunidade. No entanto, vale ressaltar que esses períodos históricos variam de país para país.

O primeiro período é marcado pela construção, ampliação dos asilos e aumento do número de leitos. As instituições eram construídas longe das casas originais dos pacientes, fortalecendo a redução do papel da família no acompanhamento dos indivíduos. Essa fase foi marcada pelo isolamento e pela exclusão dos internos. Nestas circunstâncias, os asilos atuavam como depósitos para aqueles considerados intratáveis ou socialmente desviantes (THORNICROFT; TANSELLA, 2010).

Esses lugares eram remotos e representavam uma forma de afastamento desses indivíduos dos grandes centros, uma vez que eram considerados ameaças à segurança pública. Nestes asilos, a equipe era composta basicamente por médicos e enfermeiros e a primazia era centrada com mais ênfase na contenção do que no tratamento propriamente dito. Havia uma grande concentração de pacientes em um único hospital e não havia tratamento ou atenção personalizada para cada indivíduo (THORNICROFT; TANSELLA, 2010).

Para esses autores, o segundo período que se inicia por volta de 1950, aponta o início do declínio dos asilos, uma vez que já tem a desinstitucionalização como lógica a partir dos discursos sociológicos que emergiram. A visão sociológica criticava os efeitos nocivos dos períodos longos de internação nas instituições psiquiátricas. Apontavam que as condições sociais sobre as quais os pacientes viviam nesses ambientes eram fatores responsáveis por parte da sintomatologia e dos agravamentos dos transtornos mentais (THORNICROFT; TANSELLA, 2010).

Nesse momento, ocorre a redução do número de leitos, a evolução na terapia ocupacional, com foco no controle farmacológico e na reabilitação social. Houve, também, o desenvolvimento de redes de comunicação entre a psiquiatria e outras disciplinas médicas, a diferenciação de alas/hospitais especializados para pacientes

forenses, centros-dia, abrigos protegidos e outros serviços de reabilitação locais (THORNICROFT; TANSELLA, 2010).

Podemos dizer que essas transformações no cuidado em saúde mental foram consequências de lutas e de várias transformações como forma de ressignificação da loucura ao longo da história. O terceiro e último período apontado por esses autores sobre o cuidado em saúde mental será abordado na próxima seção, uma vez que consideramos o lugar mais apropriado para tratarmos da saúde mental comunitária. Nesse momento acontece a reforma psiquiátrica.

Portanto, com as mudanças paradigmáticas ocorridas no mundo, surgem outras formas de pensar a loucura, como por exemplo, por meio do Movimento pela Reforma Psiquiátrica. Este movimento irá propor uma inversão nos valores, onde se tolere com ética e solidariedade a diversidade da loucura, através de outros recursos assistenciais, reconhecida não só pelo viés da psiquiatria, mas, sobretudo, através de um trabalho interdisciplinar para dar conta da complexidade dos fenômenos e das relações sociais (SILVIA; BARROS; OLIVEIRA, 2002). Trataremos na próxima seção sobre os avanços decorrentes desse movimento no que se refere à ressignificação da loucura.

2.2 Desinstitucionalização da loucura e a reforma psiquiátrica

O Movimento pela Reforma Psiquiátrica surge em diversos países: Itália, Inglaterra, Estados Unidos, França e, dentre outros, no Brasil, visando não mais o aprisionamento dos sujeitos nesses espaços, mas a substituição desse modelo por serviços territorializados de saúde mental com base na liberdade. Essa desinstitucionalização consiste em um processo de desconstrução de práticas manicomiais para a construção de novas ações que privilegiassem a subjetividade, a autonomia e o livre exercício dos direitos civis dos sujeitos envolvidos (GUEDES *et al*, 2010). Diante do exposto, podemos dizer que essas novas práticas de assistência às pessoas em sofrimento psíquico, foram e são conquistas alcançadas por meio de esforços e lutas ao longo da história.

Nas políticas de saúde mental, tanto nos países europeus quanto americanos, houve uma disputa acirrada entre o modelo clássico de internação e segregação e a

proposta de intervenção baseada em serviços comunitários. Essas divergências políticas e teóricas produziram conteúdos diferenciados que contribuíram para os avanços na desconstrução da lógica de funcionamento das instituições manicomiais. Mesmo com esses avanços, isso não quer dizer que os manicômios estejam mortos. Muito desses modelos ainda persistem de maneira mais sutil, isto é, mais limpos, modernizados ou humanizados (BARROS, 1994). Ainda sobre esse fator histórico, CAMPOS (2014, p. 10) acrescenta que:

> Desde a década de 70, com a organização do Movimento da Reforma Psiquiátrica, o tratamento focalizado na internação em hospícios e asilos manicomiais passou a ser fortemente questionado. Cabe ressaltar que este Movimento foi inicialmente formado por profissionais da área da saúde mental, visando a incorporar também as famílias dos pacientes e os próprios pacientes. O Movimento da Reforma Psiquiátrica ganhou força a partir dos avanços da Reforma Sanitária, consagrada na Constituição de 1988 e, posteriormente, com o advento do Sistema Único de Saúde – SUS, instituído com a lei 8.808, de 1990.

A importância do movimento de desinstitucionalização do modelo psiquiátrico consiste no fato de mostrar, a partir das práticas realizadas dentro dos manicômios, a lógica de funcionamento que a sustenta. Essas práticas eram violentas, desumanas, repressivas, sistemas de punição, banhos coletivos, lobotomia[14], eletrochoques etc. “O movimento de desinstitucionalização revelou o manicômio como ‘locus’ de uma psiquiatria que é a administração das figuras da miséria, periculosidade social, marginalidade e improdutividade” (BARROS, 1994, p. 176). Podemos dizer que essas lutas foram o início para uma nova perspectiva do cuidado em saúde mental baseado na libertação e reinserção social.

Quando tratamos da história da psiquiatria no Brasil, não podemos nos esquecer do nome de uma mulher que revolucionou a forma de lidar com os pacientes esquizofrênicos. Nascida em alagoas, Nise da Silveira foi uma grande revolucionária na psiquiatria brasileira. Segundo Hidalgo (2011), Nise fundou no Hospital do Engenho de Dentro a Seção e Terapia Ocupacional e Reabilitação, uma série de ateliês de arte para pacientes esquizofrênicos, como uma forma de expressarem por meio da linguagem do

[14] Intervenção cirúrgica no cérebro para seccionar as vias que ligam os lobos frontais ao tálamo. Eram práticas utilizadas com frequência em pacientes com certos tipos de doenças mentais, como forma de acalmá-los. A lobotomia é uma técnica bárbara ainda utilizada no país (ARBEX, 2015).

inconsciente, pinturas, desenhos e esculturas. Munidos de materiais, os pacientes davam cor e forma como uma maneira de construção de si mesmos. Os resultados surpreenderam especialistas da área da saúde mental e críticos de artes, uma vez que muito das produções dos pacientes apresentavam qualidades estéticas expressivas.

Nise da Silveira era totalmente contra os métodos de tratamento psiquiátricos rígidos daquela época. Ao invés dos eletrochoques, lobotomia e do isolamento, ela utiliza-se da arte e de um olhar clínico sensível para enxergar os pacientes de um ponto de vista humanizado. Para Weinreb (2003) o método adotado por Nise consistia na integração íntima entre o olho e a mão, entre o sentimento e o pensamento, como forma de exercitar a ação criativa. Sua intensão não era, de certa maneira, criar obras de artes, mas que essas oficinas fossem uma forma dos pacientes estabelecerem uma linguagem com o meio, ajudando no convívio social.

Como uma das grandes histórias de superação dos modelos e limites da psiquiatria, podemos citar o nome de Arthur Bispo do Rosário. Segundo Hidalgo (2011), Bispo nasceu em Japaratuba, cidade localizada a 54km de distância de Aracajú, capital de Sergipe. Quando deu entrada no Hospital Nacional dos Alienados, beirava os 30 anos de idade. Foi diagnosticado com esquizofrenia-paranoide e tinha delírios de natureza mística com referência a signos do catolicismo. Mesmo que, para a psiquiatria os seus discursos serem tratados como alucinações, para ele os delírios eram visões. Entre narrativas reais e ficcionais, Bispo criava e recriava o seu mundo.

Transferido para a Colônia Juliano Moreira em Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro, certa vez com a falta de materiais para criar sua arte, Bispo teria desfiado o próprio uniforme azul da Colônia para reaproveitar os fios e fazer os seus bordados. De certa maneira, desfiar esse uniforme era quase que desconstruir um dos grandes símbolos do poder psiquiátrico. No isolamento, a arte brotava nas mãos do Bispo e, a partir daí, ele foi criando um mundo paralelo ao mundo do manicômio. Vale ressaltar que em 1982, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM) expôs pela primeira vez alguns exemplares do universo desse artista. Vale pontuar que Bispo não foi paciente da doutora Nise da Silveira (HIDALGO, 2011). Portanto, podemos dizer que essas transformações na psiquiatria se deram por meio de lutas e de enfrentamentos,

como uma maneira de desconstruir esse poder psiquiátrico, permitindo o surgimento de um novo modelo de atenção à saúde mental.

Sobre esse processo de reinserção social das pessoas em sofrimento psíquico, Jodelet (2005) relata que as transformações da prática psiquiátrica ocorridas com a abertura dos hospitais, com a setorização e com a terapia comunitária, foram mudanças de ótica, no que se refere ao verdadeiro problema da relação com esses sujeitos. Isto é, da representação da doença ao estado mental, para se construir a alteridade e o status social desses indivíduos. Essas transformações correspondem a uma mudança de paradigma na abordagem das relações intergrupais, ao repor o doente mental no tecido social.

Essas transformações correspondem ao terceiro período apontado por Thornicroft e Tansella (2010), que teve início a partir de 1980. Referindo-se ao desenvolvimento do cuidado em saúde mental comunitária. Esse período é marcado por transformações significativas na substituição de asilos por serviços menores. Ocorre a redução de leitos hospitalares e entra em cena a importância da família em termos de oferta de cuidado e da participação no tratamento dos indivíduos; construção de centros comunitários de saúde mental; avaliação das necessidades dos indivíduos; grupos de luta pelos direitos dos pacientes e grupos de autoajuda; outro fator importante para o cuidado em saúde mental comunitária é a ênfase no trabalho multidisciplinar e o surgimento da preocupação com o equilíbrio entre o controle dos pacientes e a independência desses indivíduos.

No âmbito das políticas públicas de saúde mental no Brasil, podemos citar a Lei Federal 10.216/2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Esta lei aponta os direitos assegurados aos portadores, tais como: receber tratamento com humanidade e respeito, visando alcançar sua recuperação pela inserção na família, no trabalho e na comunidade; ter livre acesso aos meios de comunicação disponíveis; receber o maior número de informações a respeito de sua doença e de seu tratamento; fornecer assistência integral à pessoa portadora de transtornos mentais, incluindo serviços médicos, de assistência social, psicológicos, ocupacionais, de lazer, e outros (BRASIL, 2001).

Segundo Campos (2014), essa lei foi uma conquista do movimento social organizado que deu respaldo e legitimidade ao processo da Reforma Psiquiátrica no que se refere à proteção das pessoas em sofrimento psíquico. Essa reforma permitiu o redirecionamento de todo o modelo assistencial na área da saúde mental. Os serviços e atendimentos voltados a esse grupo devem ocorrer na rede de atenção psicossocial criada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), em cooperação com as secretarias de saúde de Estados e municípios.

Podemos dizer que é responsabilidade do Estado o desenvolvimento da política de saúde mental, assim como, também, fornecer a assistência e a promoção de ações de saúde aos indivíduos em sofrimento psíquico, com a devida participação da família e da sociedade. As discussões políticas e as ações no campo da saúde mental são fundamentais para a reconstrução de um novo olhar humanizado e para minimizar os preconceitos e estereótipos.

Segundo Guedes *et al* (2010), as mudanças no cuidado em saúde mental, no que se refere aos serviços substitutivos, trouxeram significativos desafios para os profissionais da área da saúde. Desde essas mudanças, podemos citar o trabalho interdisciplinar, a troca de valores e um olhar humanizado. Se antes as ações eram respaldadas no preconceito, descaso e segregação, agora elas devem ser nortadas no cuidado e na valorização da subjetividade.

> Através da reforma psiquiátrica foi possível um olhar diferenciado sobre a loucura, privilegiando o cuidado humanizado e individualizado aos indivíduos em sofrimento psíquico. Entretanto esse vai muito além de aspectos inerentes à saúde, deve contemplar todos os âmbitos que perpassem a vida cotidiana dos sujeitos, proporcionando assim um aumento de sua autonomia, resgatando a cidadania destes em todas as nuances do seu viver (GUEDES *et al*, 2010, p. 550).

No Brasil, as ações de saúde mental na atenção básica devem obedecer ao modelo de redes de cuidado. Devem estar fundamentadas nos princípios do SUS e nos princípios da Reforma Psiquiátrica. Dentre esses princípios fundamentais podemos citar as seguintes ações dessa articulação: noção de território, organização da atenção à saúde mental em rede, intersetorialidade, reabilitação psicossocial, multiprofissionalidade/interdisciplinaridade, desinstitucionalização, promoção da cidadania dos usuários, e a construção da autonomia possível de usuários e familiares

(BRASIL, 2004). Ainda sobre essa reestruturação dos serviços em saúde mental, Campos (2014, p. 11) afirma que as ações

> [...] devem estar preferencialmente localizadas na própria comunidade na qual o sujeito está inserido e devem buscar, além do tratamento e de propostas assistenciais e de reabilitação, medidas preventivas e educativas. Este modelo exige também a formação de uma rede de profissionais que possam desenvolver ações que resgatem e/ou desenvolvam a saúde mental da população.

Podemos dizer que ainda há muitos desafios no processo da reforma psiquiátrica brasileira para a construção de uma rede de atenção em saúde mental, no entanto, é perceptível enxergar os avanços teóricos e práticos. A reforma psiquiátrica não deve ser vista apenas do ponto de vista pragmático, mas através de uma construção de um novo lugar social, político e cultural para a loucura. Há uma nova forma de lidar com as diferenças, partindo de profissionais comprometidos com a reabilitação psicossocial e a reinserção dos sujeitos (GUEDES *et al*, 2010). Sobre esses avanços nas políticas públicas em saúde mental no Brasil, Campos (2014, p. 42) afirma que:

> A Reforma Psiquiátrica, política pública do Estado brasileiro de atenção às pessoas em sofrimento psíquico, vai além de uma reforma da assistência pública em saúde mental. Afinal, trata-se de um completo processo de transformação epistemológica, assistencial e cultural que rompe com o modo asilar, lugar este excludente, hegemônico e punitivo, caminhando ao modo psicossocial, lugar este aberto, territorializado, de tratamento e convívio, de realização de trocas que vislumbram a cidadania e o protagonismo social.

No âmbito do SUS, a partir da Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, foi instituída a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) que tem a finalidade da criação, ampliação e articulação de pontos de atenção à saúde para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas. O art. 3º desta portaria trata dos objetivos gerais da RAPS, que são: ampliar o acesso à atenção psicossocial da população em geral, promover o acesso das pessoas com transtornos mentais e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas e suas famílias aos pontos de atenção, e, garantir a articulação e integração dos pontos de atenção das redes de saúde no território, qualificando o cuidado por meio do acolhimento, do acompanhamento contínuo e da atenção às urgências (BRASIL, 2011). A RAPS é constituída pelos seguintes componentes:

I - Atenção Básica em Saúde;
II - Atenção Psicossocial Especializada;
III - Atenção de Urgência e Emergência;
IV - Atenção Residencial de Caráter Transitório;
V - Atenção Hospitalar;
VI - Estratégias de Desinstitucionalização; e
VII - Reabilitação Psicossocial (BRASIL, 2011).

Dando sequência aos argumentos dos avanços das políticas públicas em saúde mental, Campos (2014), ao tratar dessa portaria, acrescenta que além de definir os pontos de atenção da RAPS, ela buscou organizar o sistema de atendimento no que se referem aos seus componentes básicos, assim como também, os programas principais. Os componentes dessa rede podem ser órgãos do governo federal, estadual ou municipal que seguem as diretrizes do Ministério da Saúde. Para uma melhor compreensão de cada componente da RAPS, apresentamos no (ANEXO A) uma matriz diagnóstica proposta pela Portaria nº 3.088/2011.

Dentro do componente Atenção Psicossocial Especializada da RAPS, encontram-se os CAPS, que são constituídos por equipes multiprofissionais que atuam sob a ótica interdisciplinar e realizam atendimentos às pessoas em sofrimento psíquico ou com necessidades decorrentes do consumo de álcool e outras drogas, em regime de tratamento intensivo, semi-intensivo e não intensivo. Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), nas suas diferentes modalidades, são pontos estratégicos das RAPS, conforme trataremos a seguir.

3.3 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)

Como estratégias para o processo de reforma psiquiátrica no Brasil, foram criados os CAPS como instituições destinadas a acolher usuários em sofrimento psíquico ou com necessidades decorrentes de usos de substancias psicoativas, estimular a inserção social e familiar, apoiar as atividades e ações na busca da autonomia dos usuários e a oferta de atendimento médico e psicológico. Tem o objetivo de oferecer atendimento à população em sua área de abrangência realizando acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e o fortalecimento dos laços familiares e comunitários.

Nessa perspectiva de reabilitação psicossocial, Gabriel (2015) também defende que as atividades desenvolvidas nos CAPS devem ser promotoras de novas formas de tratamento, criando espaços para que o sujeito tenha participação ativa no seu processo de lidar com seu sofrimento psíquico e, ao mesmo tempo, adquirir empoderamento, a reinserção social, a cidadania e a autonomia. Como visto, na posição dessa autora, esses espaços são promotores de ressignificação da subjetividade do indivíduo no que se refere à interação deste no mundo e com o seu grupo de convivência social.

Vale ressaltar que o primeiro CAPS do Brasil foi inaugurado em março de 1986, na cidade de São Paulo: Centro de Atenção Psicossocial Professor Luiz da Rocha Cerqueira, conhecido como CAPS da Rua Itapeva. Podemos dizer que a criação desse CAPS e de tantos outros, faz parte do intenso movimento social e de trabalhadores de saúde mental que reivindicavam uma melhoria na assistência e, ao mesmo tempo, denunciavam as práticas e a situação precária dos hospitais psiquiátricos. Naquele contexto, esses hospitais eram os únicos recursos destinados a lidar com pessoas em sofrimentos psíquicos (BRASIL, 2004). Desta forma, é possível enxergar a importância dos CAPS para com o avanço das práticas e políticas sociais no âmbito da saúde mental.

Conforme exposto acima, a transição de um padrão centralizado para um modelo de atendimento comunitário interdisciplinar tornou-se um fator preponderante para se atingir os objetivos no que se refere ao cuidado e à assistência em saúde mental. Uma das características principais dos CAPS é, portanto, buscar integrar os usuários a um ambiente social e cultural concreto onde se desenvolva a vida cotidiana desses indivíduos. Segundo Guedes *et al* (2010, p. 548) “os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), regulamentados conforme a portaria do nº. 336, de 19 de fevereiro de 2002. Constituem-se em serviços estratégicos, substitutivos ao modelo manicomial”. Cada unidade dos CAPS apresenta uma estrutura e um modo de funcionamento específico, conforme listado abaixo:

> **a) CAPS I**: atende pessoas com transtornos mentais graves e persistentes e também com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas de todas as faixas etárias; indicado para municípios com população acima de 20.000 habitantes;

> **b) CAPS II**: atende pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, podendo também atender pessoas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, conforme a organização da rede de saúde local; indicado para municípios com população acima de 70.000 habitantes;
>
> **c) CAPS III**: atende pessoas com transtornos mentais graves e persistentes. Proporciona serviços de atenção contínua, com funcionamento 24 horas, incluindo feriados e finais de semana, ofertando retaguarda clínica e acolhimento noturno a outros serviços de saúde mental, inclusive CAPS Ad; indicado para municípios ou regiões com população acima de 200.000 habitantes;
>
> **d) CAPS AD**: atende adultos ou crianças e adolescentes, considerando as normativas do Estatuto da Criança e do Adolescente, com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas. Serviço de saúde mental aberto e de caráter comunitário, indicado para municípios ou regiões com população acima de 70.000 habitantes;
>
> **e) CAPS AD III**: atende adultos ou crianças e adolescentes, considerando as normativas do Estatuto da Criança e do Adolescente, com necessidades de cuidados clínicos contínuos. Serviço com no máximo 12 leitos para observação e monitoramento, de funcionamento 24 horas, incluindo feriados e finais de semana; indicado para municípios ou regiões com população acima de 200.000 habitantes;
>
> **f) CAPS i**: atende crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes e os que fazem uso de crack, álcool e outras drogas. Serviço aberto e de caráter comunitário indicado para municípios ou regiões com população acima de 150.000 habitantes (BRASIL, 2011, grifo nosso)[15].

De acordo com Campos (2014), os serviços desenvolvidos nos CAPS apresentam dupla missão, isto é, são fundamentais para tornar um lugar de tratamento e de convívio ao mesmo tempo. As ações têm como foco a promoção do cuidado à saúde mental, a sociabilidade e a integridade entre iguais e diferentes. Os CAPS são serviços substitutivos para cumprir o papel estratégico para oferecer acolhimento, cuidado e suporte na reconstrução dos laços com a vida dos usuários, por isso, torna-se fundamental a implementação de novas práticas, tendo como base as diretrizes da Reforma Psiquiátrica. Outros fatores importantes segundo a autora são o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais para lidar com a complexidade das novas práticas e necessidades. De acordo com o documento do

[15] É importante ressaltar que essas modalidades dos CAPS são diretrizes do Ministério da Saúde, mas que nem sempre são seguidas pelos municípios. Segundo o senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população de Florianópolis, em 2010 era de 421.240 e apresentava estimativa de uma população de 477.798 habitantes para o ano de 2016. Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/4J6>. Atualmente o município consta com apenas quatro unidades: sendo um CAPS II, dois CAPS AD e um CAPS i. Diante desse contingente, o município já deveria possuir CAPS nível III e/ou mais unidades para atender a demanda da população.

Ministério da Saúde sobre os CAPS (BRASIL, 2004, p. 21-22, grifo nosso), esses centros apresentam atividades comuns, tais como:

> • **Tratamento medicamentoso**: tratamento realizado com remédios chamados medicamentos psicoativos ou psicofármacos.
>
> • **Atendimento a grupo de familiares**: reunião de famílias para criar laços de solidariedade entre elas, discutir problemas em comum, enfrentar as situações difíceis, receber orientação sobre diagnóstico e sobre sua participação no projeto terapêutico.
>
> • **Atendimento individualizado a famílias**: atendimentos a uma família ou a membro de uma família que precise de orientação e acompanhamento em situações rotineiras, ou em momentos críticos.
>
> • **Orientação**: conversa e assessoramento individual ou em grupo sobre algum tema específico, por exemplo, o uso de drogas.
>
> • **Atendimento psicoterápico**: encontros individuais ou em grupo onde são utilizados os conhecimentos e as técnicas da psicoterapia.
>
> • **Atividades comunitárias**: atividades que utilizam os recursos da comunidade e que envolvem pessoas, instituições ou grupos organizados que atuam na comunidade. Exemplo: festa junina do bairro, feiras, quermesses, campeonatos esportivos, passeios a parques e cinema, entre outras.
>
> • **Atividades de suporte social**: projetos de inserção no trabalho, articulação com os serviços residenciais terapêuticos, atividades de lazer, encaminhamentos para a entrada na rede de ensino, para obtenção de documentos e apoio para o exercício de direitos civis através da formação de associações de usuários e/ou familiares.
>
> • **Oficinas culturais**: atividades constantes que procuram despertar no usuário um maior interesse pelos espaços de cultura (monumentos, prédios históricos, saraus musicais, festas anuais etc.) de seu bairro ou cidade, promovendo maior integração de usuários e familiares com seu lugar de moradia.
>
> • **Visitas domiciliares**: atendimento realizado por um profissional do CAPS aos usuários e/ou familiares em casa.
>
> • **Desintoxicação ambulatorial**: conjunto de procedimentos destinados ao tratamento da intoxicação/ abstinência decorrente do uso abusivo de álcool e de outras drogas.

A rede de saúde mental do Município de Florianópolis funciona de forma dinâmica e segue o Protocolo de Atenção em Saúde Mental como guia de reconhecimento e estabelece estratégias de ações para organizar a rede de atendimentos. Este protocolo respeita os princípios estabelecidos no âmbito do SUS e da Reforma Psiquiátrica, visando identificar necessidades, demandas e serviços, definir ações de prevenção, assistência e reabilitação em saúde mental. Esse documento

nasce da necessidade de se estabelecer politicas de assistência que garanta o acesso de recursos existentes às pessoas em sofrimento psíquico ou decorrentes de uso de álcool, crack e outras drogas (FLORIANÓPOLIS, 2010).

Com o intuito de atingir uma abrangência geográfica no que se refere ao território, o modelo de atenção primária, adotado pela Secretaria de Saúde do Município de Florianópolis, parte da Estratégia de Saúde da Família (ESF). Essas equipes são responsáveis por uma população delimitada dentro de uma área de abrangência. Elas atuam com ações de promoção, recuperação, reabilitação e prevenção da saúde das pessoas dentro das áreas estabelecidas e caracterizam-se como uma porta de entrada para o sistema integrado e regionalizado de saúde. Como as equipes da ESF estão próximas das famílias e das comunidades, tornam-se um fator positivo e estratégico para o acolhimento e o cuidado para com as pessoas com sofrimento psíquico e seus familiares (FLORIANÓPOLIS, 2010).

Os profissionais de saúde mental do município de Florianópolis foram incorporados aos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF), desde 2007. Trata-se de uma equipe especializada em diversas áreas do saber humano que oferecem suporte em conjunto com as equipes da ESF. O arranjo institucional da rede municipal ainda estabelece a articulação entre os Centros de Saúde e os CAPS, organizando o fluxo e o processo de trabalho com o intuito de que a saúde mental seja permeada pela concepção transversal e interdisciplinar na sua diversa forma de articulação com os pontos da rede (FLORIANÓPOLIS, 2010). Campos (2014, p. 55) reforça esse pensamento ao afirmar que “[...] o modo de organizar os serviços é através da ideia de rede, ou seja, estações de cuidado com pontos de referência horizontais e abertos, que contribuam na construção de laços sociais.”.

Desta maneira, compreende-se que há uma lógica que norteia as ações dentro da rede para lidar com as pessoas em sofrimento psíquico e seus familiares. “Quando as opções de cuidado e tratamento extrapolam a dimensão da Atenção Primária (ESF/NASF), o cuidado passa a ser realizado pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)” (SAÚDE MENTAL, 2016, online). Vale ressaltar que, ao se esgotarem as possibilidades de tratamento extra-hospitalar e os indivíduos apresentem risco para si mesmo e/ou para outros, eles serão encaminhados para o Instituto de Psiquiatria de

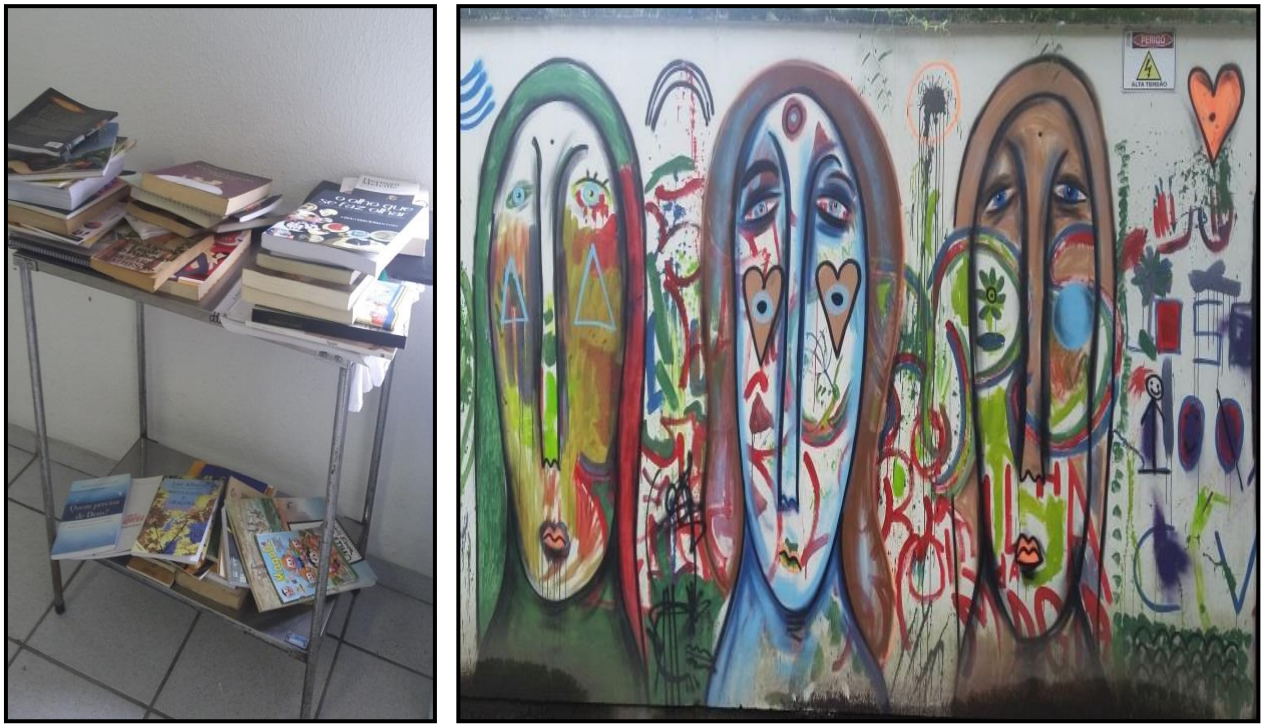
Santa Catarina (IPq/SC) ou para o Centro de Convivência e Recuperação de Dependentes Químicos (CECRED). Essas são as únicas possibilidades de internação dentro da rede de saúde mental do município de Florianópolis. No entanto, pessoas que saem de internações hospitalares devem ser encaminhadas aos CAPS (FLORIANÓPOLIS, 2010). São quatro unidades no município: três deles estão localizados na Ilha e uma unidade situa-se no Continente, conforme descritos abaixo:

> - **Centro de Atenção Psicossocial – CAPS Ponta do Coral**, para atendimento de adultos em sofrimento psíquico;
> - **Centro de Atenção Psicossocial para Crianças e Adolescentes – CAPSi**, atendimento de crianças e adolescentes até 18 anos;
> - **Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas Ilha – CAPS AD Ilha** para atendimento de adultos com problemas decorrentes do uso de drogas;
> - **Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas Continente – CAPS AD Continente,** para atendimento de adultos com problemas decorrentes do uso de drogas (SAÚDE MENTAL, 2016, online, grifo do autor).

O Ponta do Coral é um CAPS de modalidade II que atende pessoas com transtornos mentais graves e persistentes em sua população de abrangência, podendo atender, também, pessoas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas. No entanto, quando houver agravamento muito acentuado com relação ao uso de substâncias psicoativas, o atendimento deverá ser realizado no Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas (CAPS AD).

Com relação ao atendimento aos usuários, vale pontuar que o tratamento não se restringe apenas ao ambiente institucional dos CAPS e as atividades também são realizadas “[...] fora do serviço, como parte de uma estratégia terapêutica de reabilitação psicossocial, que poderá iniciar-se ou ser articulada pelo CAPS, mas que se realizará na comunidade, no trabalho e na vida social.” (FLORIANÓPOLIS, 2010, p. 18). Localizado no bairro Agronômica, atualmente o CAPS II Ponta do Coral possui uma equipe composta por enfermeiro, psicólogo, psiquiatra, assistente social, técnico em enfermagem, assistente administrativo, auxiliar de serviços gerais e vigilante.

Figura 4 - Acervo de livros e grafite no muro do CAPS II Ponta do Coral



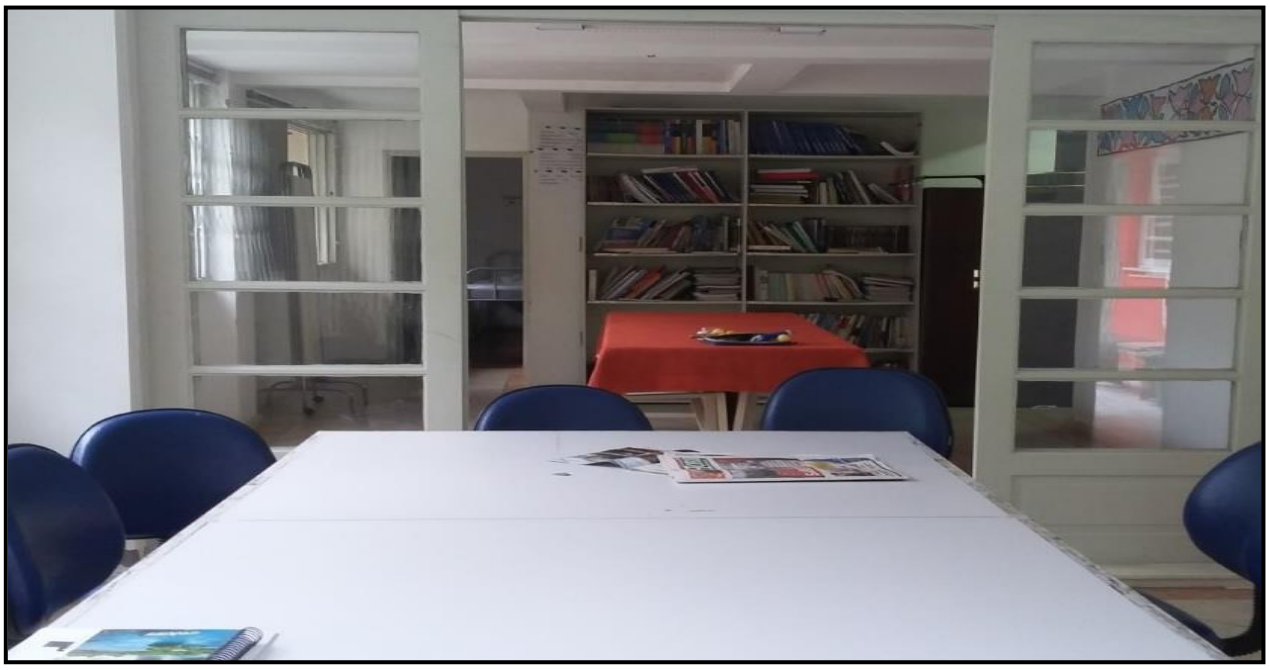
Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

O CAPS AD oferece atendimento diário a pacientes que fazem uso de substâncias psicoativas, tais como álcool e outras drogas e apresentam problemas decorrentes do uso abusivo e da dependência (BRASIL, 2004). Logo, o objetivo desta unidade é ser um ponto de referência para os casos graves de uso ou abuso dessas substâncias. O serviço dos CAPS AD, articulado com outros pontos da rede de saúde básica e outras instituições, busca promover a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, oferecendo atendimento individual, grupos terapêuticos, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, desintoxicação ambulatorial e outros serviços que visem a reinserção social desses sujeitos.

Nesta modalidade, o município de Florianópolis tem duas unidades: o CAPS AD Ilha, situado no bairro Pantanal e o CAPS AD Continente, localizado no bairro Balneário. A equipe de cada unidade é composta por: enfermeiro, psicólogo, psiquiatra, assistente social, técnico em enfermagem, farmacêutico, educador artístico, assistente de administração, auxiliar de serviços gerais e vigilante. Vale ressaltar que no CAPS AD

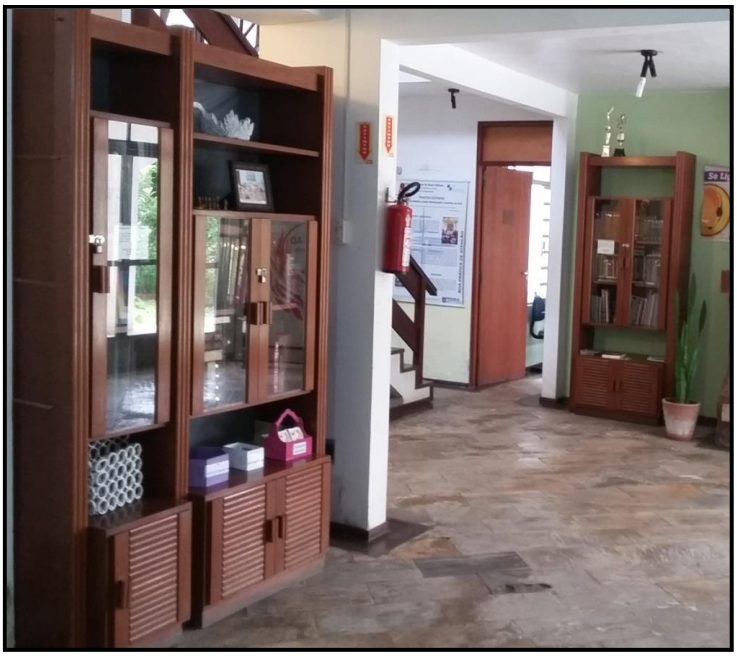
Ilha ainda tem um clínico geral. As unidades apresentam os seguintes acervos:

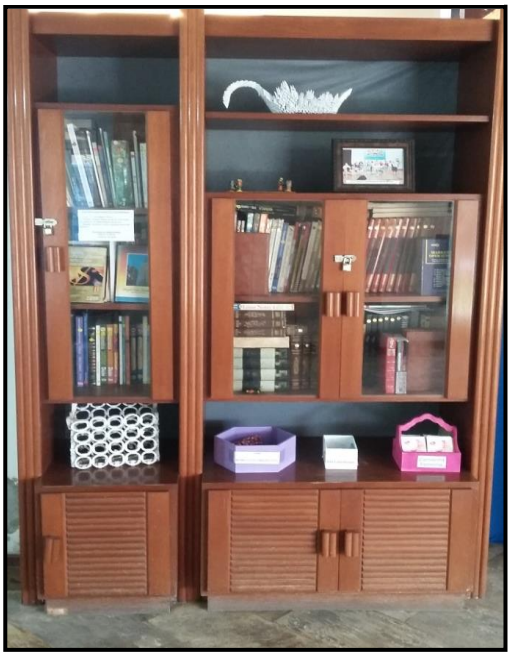
Figura 5 - Acervo de livros no CAPS AD Ilha



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Figura 6 - Acervo de livros no CAPS AD Continente



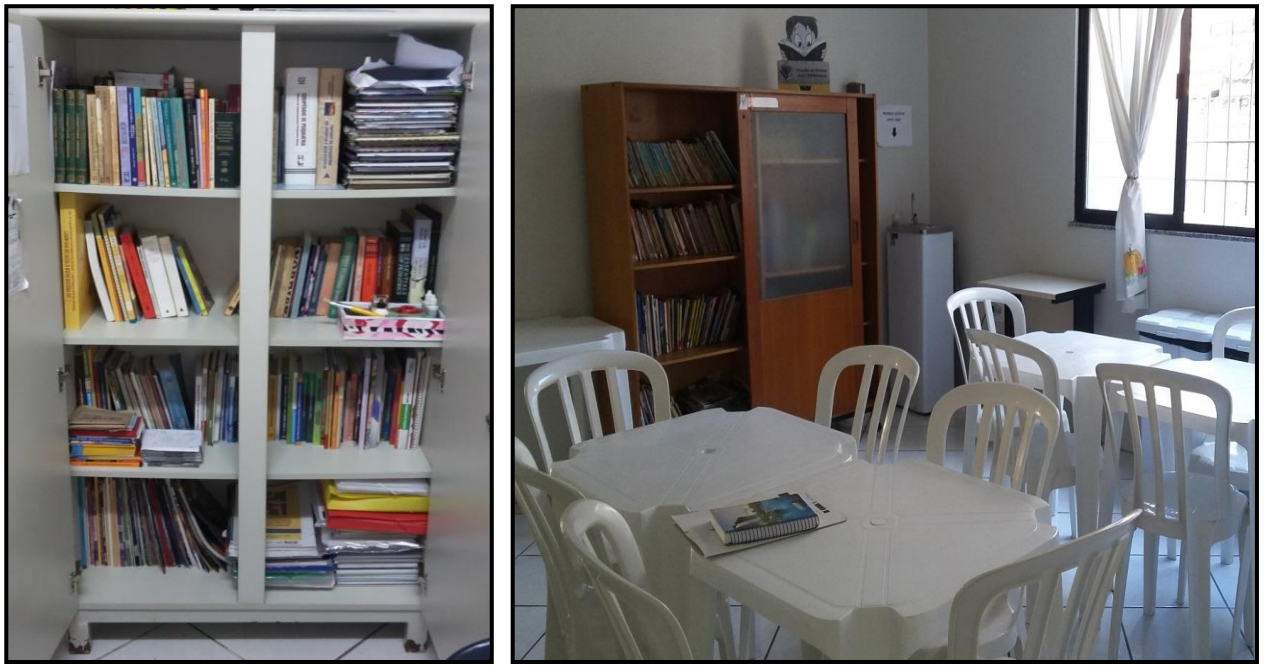


Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

O Centro de Atenção Psicossocial para Crianças e Adolescentes (CAPSi), é um serviço de atenção em saúde mental destinado ao atendimento de crianças e adolescentes em situação de sofrimento psíquico, decorrente de autismo, psicoses, neuroses graves ou outras situações que impossibilite esses indivíduos estabelecer vínculos ou laços sociais com a família, escola ou com a comunidade. As atividades desenvolvidas nos CAPSi são: atendimento individual, atendimento grupal, atendimento familiar, visitas domiciliares, oficinas terapêuticas, atividades socioculturais e esportivas e outras atividades externas (BRASIL, 2004).

O CAPSi de Florianópolis, situado no bairro Agronômica, atualmente tem uma equipe multiprofissional composta por: enfermeiro, psicólogo, psiquiatra, assistente social, técnico em enfermagem, neurologista, assistente administrativo, auxiliar de serviços gerais e vigilante. Esta unidade possui um pequeno acervo informacional direcionada aos profissionais e usuários, como podemos observar nas imagens:

Figura 7 - Acervo de livros no CAPSi



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Portanto, a rede CAPS do município de Florianópolis é composta pelas quatro unidades que abordamos anteriormente. É importante pontuar que a equipe multiprofissional que atua nas unidades realiza jornada semanal de 20h, 30h e 40h conforme o cargo ou função exercida dentro das unidades. Além dos profissionais, estagiários de psicologia, serviço social, enfermagem e outras áreas do conhecimento também atuam em cada instituição.

Esta rede vem acompanhando os avanços na área da saúde mental e segue políticas públicas de saúde que valorizam a participação popular e o protagonismo das comunidades. As ações desenvolvidas passam a ser focadas mais na promoção da saúde do que na intervenção curativa e reabilitação. Para tanto, é necessário que as equipes de saúde participem de forma ativa na construção da autonomia dos sujeitos, visando o empoderamento dos grupos, proporcionando, de certa maneira, uma melhor qualidade de vida. Esse empoderamento só é possível pelo compromisso da educação permanente em saúde, da inclusão, da valorização dos saberes e necessidades dos usuários e dos grupos daquele território (FLORIANÓPOLIS, 2010).

Para uma melhor compreensão da assistência em saúde mental baseada na comunidade, entendemos que seja necessário pontuarmos uma breve conceituação sobre o termo território. Para as discussões na área da saúde mental, o território não é apenas uma área geográfica, mas é algo que vai além das demarcações físicas de determinadas regiões, cidades, estados ou países. “O território é constituído fundamentalmente pelas pessoas que nele habitam, com seus conflitos, seus interesses, seus amigos, seus vizinhos, sua família, suas instituições, seus cenários (igreja, cultos, escola, trabalho, boteco etc.)” (BRASIL, 2004, p. 11).

Portanto, a noção de território torna-se algo fundamental para se pensar a própria organização da rede de atenção psicossocial, assim como, também, as possíveis estratégias e ações destinadas aos seus usuários. Por outro lado, a lógica de atenção baseada no território fomenta a criação de vínculos entre os indivíduos em sofrimento psíquico e o próprio cotidiano em que vivem. Essa relação com a vida cotidiana, os familiares, os amigos, o trabalho e tantos outros vínculos são fundamentais para a promoção da saúde e a própria reinserção social dos indivíduos.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Guedes *et al* (2010) também apontam a reinserção social dos indivíduos e a promoção da inclusão na sociedade como propostas mais relevantes dos CAPS. Essas propostas são atingidas por meio de várias ações ou serviços tais como: oficinas, parcerias com cooperativas que oportunize a geração de renda, espaços de trocas com a sociedade como apresentação de danças, seminários e outras iniciativas criativas. No entanto, para que essa reinserção social ocorra de maneira eficaz, é importante que as estratégias de cuidados sejam implementadas nos diversos dispositivos que compõem a rede de saúde mental, para que caiam as barreiras que separam a loucura da normalidade da sociedade.

Uma questão importante que devemos pontuar, é que todo o trabalho desenvolvido nos CAPS, seja ele um trabalho individual ou grupal, deve ter uma finalidade terapêutica. Para além da questão do trabalho, outro apontamento fundamental é que a própria convivência no serviço deve ter esse caráter, isto é, um ambiente terapêutico construído por meio do cuidado e de um olhar humanizado, facilitador, estruturado e acolhedor (BRASIL, 2004). As oficinas terapêuticas desenvolvidas nos CAPS são realizadas em grupos com a presença e orientação de profissionais, monitores e estagiários. Essas oficinas, conforme apresentaremos abaixo, são importantes para despertar a autonomia e a cidadania dos usuários:

> **Oficinas expressivas**: espaços de expressão plástica (pintura, argila, desenho etc.), expressão corporal (dança, ginástica e técnicas teatrais), expressão verbal (poesia, contos, leitura e redação de textos, de peças teatrais e de letras de música), expressão musical (atividades musicais), fotografia, teatro.
>
> **Oficinas geradoras de renda**: servem como instrumento de geração de renda através do aprendizado de uma atividade específica, que pode ser igual ou diferente da profissão do usuário. As oficinas geradoras de renda podem ser de: culinária, marcenaria, costura, fotocópias, venda de livros, fabricação de velas, artesanato em geral, cerâmica, bijuterias, brechó, etc.
>
> **Oficinas de alfabetização**: esse tipo de oficina contribui para que os usuários que não tiveram acesso ou que não puderam permanecer na escola possam exercitar a escrita e a leitura, como um recurso importante na (re)construção da cidadania. (BRASIL, 2004, p. 20-21, grifo nosso).

O trabalho no CAPS é realizado prioritariamente em espaços coletivos, articulado a outros pontos de atenção da rede em saúde, por meio de grupos, assembleias de usuários, reuniões diárias de equipes etc. O cuidado na atenção em saúde mental é desenvolvido por meio do Projeto Terapêutico Individual responsável pela articulação

entre a equipe, o usuário e sua família (BRASIL, 2011). Podemos dizer que o cuidado e esse caráter terapêutico são características fundamentais nos CAPS para atingir os objetivos dentro da comunidade. Seguindo essa discussão, Campos (2014, p. 63) afirma que os projetos terapêuticos

> [...] devem contemplar intervenções específicas a cada usuário, ou seja, que defina ações em resposta às demandas do usuário, que considere as condições de cada território, que objetive o estabelecimento de laços sociais com o usuário, que permita o fortalecimento e a reconstrução das redes que apoiam a vida de cada usuário.

As ações dos projetos terapêuticos e o convívio dos usuários dentro dos CAPS são fundamentais para reestabelecer vínculos afetivos, promover a saúde mental e efetivar a ressocialização dos indivíduos. Para Gabriel (2015), o espaço de convivência nos CAPS torna-se promotor de autonomia e empoderamento dos sujeitos, uma vez que os serviços e atividades desenvolvidos pelos profissionais, a partir de um cuidado humanizado, promovem tais resultados. É por meio do estar e fazer algo com os outros que se atingem os objetivos traçados. A convivência torna-se um processo importante e desafiador para estabelecer e fortalecer as relações interpessoais. “A convivência se desenvolve como um processo a partir da identidade do grupo. É construída de acordo com a vontade e desejo do grupo, mantendo sempre uma relação horizontalizada entre o corpo técnico e usuários” (GABRIEL, 2015, p. 42).

Partindo das reflexões sobre a reestruturação dos serviços em saúde mental e das ações de promoção à saúde mental nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), podemos pensar a importância da implantação de uma rede de bibliotecas com a atuação de profissionais bibliotecários, para potencializar a rede de atenção em saúde mental a partir de ações desenvolvidas nestes contextos. Essa proposta justifica-se porque as bibliotecas não se fecham em si mesmas ou findam suas atividades em seus acervos, mas são espaços dinâmicos que dialogam com o seu entorno.

Na própria biblioteca podem ocorrer as oficinas terapêuticas, tais como: oficinas de pintura, de desenho, de artesanato, de leitura, de escrita, palestras e diversos cursos que possam contribuir com a educação e autonomia dos usuários. As ações promovidas no setor, tais como: hora do conto, ação cultural, roda de leitura, grupos de biblioterapia etc. podem contribuir com a formação pessoal, social e cultural dos

indivíduos. Portanto, entendemos que as bibliotecas podem ser consideradas como espaços de aprendizagem que podem oferecer uma grande contribuição social para esses ambientes.

3 REDE DE BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

“Até que o sol não brilhe,
acendamos uma vela na escuridão.”
Confúcio

Para justificar o diálogo interdisciplinar entre a área da biblioteconomia e a saúde mental e, mais precisamente, sobre a proposta de implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS, foi necessário criar um arcabouço teórico para fundamentar o propósito desta pesquisa. Sendo assim, para uma melhor compreensão, essa seção foi dividida em subseções. Inicialmente trabalharemos a interdisciplinaridade como um fator importante para se pensar a ciência e as práticas profissionais na contemporaneidade; em seguida, abordaremos a relação entre biblioteca, sociedade e a atuação ético-política do bibliotecário. Seria uma forma de apresentarmos como essa instituição social vem exercendo seu papel na sociedade, pontuando a importância da atuação ética do bibliotecário ao exercer sua responsabilidade social humanizadora.

Dando continuidade e, partindo da concepção interdisciplinar, apresentamos discussões sobre as bibliotecas em ambientes de saúde mental. Como forma de contemplar essa discussão, abordamos os serviços de bibliotecas: formação e desenvolvimento da coleção, tratamento técnico e a disseminação da informação. Para finalizar essa seção, tratamos de dois serviços importantes na área da biblioteconomia que podem contribuir com a ressocialização e empoderamento dos usuários nos espaços de saúde mental: a ação cultural e a biblioterapia.

3.1 Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade, seja ela aplicada ao campo teórico ou desenvolvida nas práticas profissionais no mundo real, torna-se um fator preponderante na vida contemporânea, na qual as interconexões são fundamentais para lidar e compreender os fenômenos complexos. O diálogo interdisciplinar entre campos teóricos distintos favorece o desenvolvimento mútuo para cada campo de atuação. O próprio contato

entre o idêntico e o diferente, faz surgir novos fenômenos que geram pregressos científicos, teóricos e práticos.

A interdisciplinaridade pode ser compreendida como uma atitude de buscar alternativas para conhecer mais e melhor determinada situação ou para colocar em prática ações criativas, diante de uma reciprocidade ou diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo. Essa atitude exige humildade diante das limitações do próprio saber e dos saberes advindo de outros campos de atuação. Para tanto, vale ressaltar que a interdisciplinaridade é um princípio de unificação e não unidade acabada. Essa abertura torna-se uma possibilidade para desvendar novos saberes (FAZENDA, 2002).

Japiassu (1976) enfoca a interdisciplinaridade como uma necessidade que aguça a inteligência, proporcionando ao indivíduo, um melhor conhecimento da realidade. Ela não se restringe apenas ao campo científico, mas, também, está direcionada ao mundo da vida prática. Contribui tanto para a formação do homem quanto para responder às necessidades da ação. A interdisciplinaridade se define e se elabora por uma crítica das fronteiras das disciplinas, da compartimentação, partindo de uma esperança de renovação e de mudanças paradigmáticas no domínio científico.

A mudança paradigmática é vista como um processo que coloca em forma a compreensão dos fenômenos limites, marginais e, ao mesmo tempo, tem a capacidade de inclui-los e religá-los como outros níveis de conhecimento. O diálogo entre as disciplinas tem por finalidade uma tentativa de ação comum, isto é, como uma forma de abrir a ciência à complexidade (PAUL, 2011). É preciso abandonar as tradições dualistas, reducionistas e positivistas no modo de fazer ciência e se debruçar em novas fronteiras e perspectivas. Sobre essa abordagem, o mesmo autor acrescenta que,

> A complexidade do ponto de vista da realidade vivente e humana tem como característica, um modo peculiar de compreender o mundo a partir de um pensamento complexo. Esse pensamento, de certa maneira, articula as relações entre o outro e o mesmo, diante de uma visão globalizante, em que as propriedades de cada ser vivo não resultem apenas da condição biológica, psicológica e social, mas, também, do conjunto das relações entre os outros elementos (PAUL, 2011, p. 232).

O aspecto interdisciplinar proporciona a diversidade de olhares, cada campo, a sua maneira, olha o mesmo objeto de estudo diante de uma perspectiva peculiar. Mas

que esse olhar não seja excludente ou reducionista, ele necessita ser pensado dentro de uma totalidade na busca da produção do saber. É preciso construir um humanismo que tenha como fundamento não a afirmação do caráter único do ser humano, mas que seja reconhecido como uma peça integrante ligada ao resto do mundo (RAYNAULT, 2011). Seguindo a concepção desse autor, compreendemos que é necessário desenvolver um humanismo que trabalhe a concepção de sujeito apontando quem ele é, qual o papel que ele exerce dentro da sociedade, sua história de vida, suas aspirações, sentimentos, etc.

A partir deste ponto de vista, compreendemos a importância das parcerias e das ações desenvolvidas que convergem para os mesmos propósitos. Ainda que cada campo específico caminhe de modo distinto para atingir o mesmo fim, eles não podem ser um fim em si mesmos. É no ato de se lançar em direção ao outro campo diferente que poderá haver transformações significantes no que se refere à produção do saber para ambas as áreas de atuação, isto é, um enriquecimento mútuo que contribuirá com a finalidade das ações desenvolvidas.

A atitude interdisciplinar requer ousadia. Essa atitude exige que profissionais busquem parcerias, troquem experiências cotidianas e pesquisem novos saberes como exercício na construção do conhecimento. É transmutar-se na troca, no diálogo e no aceitar o pensamento do outro como fator preponderante para a ação transformadora. Torna-se uma passagem da subjetividade para o campo da intersubjetividade (FAZENDA, 2002). Dando prosseguimento a essa discussão da atitude interdisciplinar, Raynault (2011, p. 87) acrescenta que “[...] pesquisadores que se interessam pelas fronteiras de seu próprio campo de atuação podem sentir, como resultado do seu encaminhamento intelectual pessoal, a necessidade de chamar a contribuição de outras disciplinas.”. O interdisciplinar

> “[...] pode ser caracterizado como o nível em que a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a *interações propriamente ditas*, isto é, uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida” (JAPIASSU, 1976, p. 75, grifo do autor).

No entanto, cabe pontuar que a interdisciplinaridade não pode ser decretada ou imposta, mas deve ser construída como um processo de diálogo entre as disciplinas

firmemente estabelecidas no que se refere à identidade teórica, metodológica e prática. Ela parte necessariamente da consciência que cada um tem dos limites de sua própria disciplina, dos desafios frente à complexidade do mundo atual (RAYNAULT, 2011). Nesta mesma linha de raciocínio, Fazenda (2002) afirma que essa abordagem tece uma relação de reciprocidade, de mutualidade e de interação que possibilita o diálogo entre os interessados a partir de trocas intersubjetivas. Ela depende basicamente da atitude dos envolvidos perante o problema do conhecimento. Exigindo de certa maneira, um olhar crítico para enxergar o ser humano em sua totalidade e não de forma fragmentada.

O modo de atuação interdisciplinar não deve ser seguido ou aplicado como uma receita já pronta, partindo de um modelo universal que pudesse servir para qualquer situação ou contexto. É preciso anunciar claramente os motivos que justifiquem sair de um modelo tradicional e fragmentado para assumir uma postura interdisciplinar. É preciso apontar os pontos positivos que esse novo modelo poderá proporcionar à sociedade nos mais diversos contextos (RAYNAULT, 2011).

O arcabouço teórico apresentado anteriormente torna possível o diálogo interdisciplinar entre a Biblioteconomia e a Saúde Mental. O próprio campo da saúde mental, que saiu de um modelo hospitalocêntrico para um novo paradigma de atenção comunitária, lida com equipes interdisciplinares e multiprofissionais. Diante destas transformações, nas redes mais estruturadas de atenção à saúde mental, as equipes são formadas por psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, arteterapeutas, musicoterapeutas, pedagogos além de muitos outros profissionais que compõem as RAPS. “Vários profissionais são convocados a intervir nos processos de tratamento das pessoas com sofrimento psíquico. O trabalho em conjunto é mais eficaz, pois entende-se que o sujeito é um ser biopsicossocial.” (CAMPOS, 2014, p. 25).

A interdisciplinaridade da Biblioteconomia a insere em diversos contextos quando se trata da organização do conhecimento e da disseminação da informação. A atuação profissional do bibliotecário como mediador da informação entre os suportes e os usuários, deve estar presente nos mais diversos espaços sociais. Afinal, a informação é um bem comum para a produção do conhecimento nas mais diversas áreas de atuação profissional.

Entendemos que a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS com a atuação de profissionais bibliotecários poderia potencializar a rede de atenção psicossocial no que se refere à reinserção social dos usuários por meio da leitura e do acesso à informação. As bibliotecas nos ambientes de saúde mental podem assumir a missão de serem espaços de lazer, de interação, de trocas intersubjetivas e de aprendizagem. Como espaços criativos, podem abrir as suas portas para que as oficinas terapêuticas ocorram dentro das próprias bibliotecas, sejam oficinas de pintura, de alfabetização, de música, de biblioterapia etc. Elas também podem ser espaços de exposição das próprias produções dos usuários.

Cabe ressaltar que a rede de bibliotecas nos CAPS não se deve fechar em si mesma, mas que seja uma ponte de interlocução com as bibliotecas públicas e outros espaços sociais e culturais. Que essas unidades informacionais e a atuação dos profissionais bibliotecários possam exercer a mediação cultural[16]. As bibliotecas podem exercer seu papel social não apenas nos espaços informacionais já consolidados e institucionalizados. Elas podem adentrar em outras esferas e contribuir socialmente. Nós, profissionais da informação, precisamos criar diálogos interdisciplinares e colocar em prática ações que promovam transformações sociais, pontuando, de certa maneira, sobre a importância das bibliotecas e da atuação profissional do bibliotecário dentro da sociedade. Tema esse que abordaremos a seguir.

3.2 Bibliotecas, sociedade e a atuação ético-política do bibliotecário

As bibliotecas, desde o berço da civilização, vêm desempenhando diferentes papeis na sociedade no que se refere à organização, armazenamento, disseminação da informação e do conhecimento. Ao longo do tempo, podemos perceber a importância dessa instituição na vida cotidiana e no desenvolvimento social. Elas foram e são fundamentais para a preservação e evolução do conhecimento humano acumulado. É

[16] “Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual - com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca da formação de públicos para a cultura - ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural.” (COELHO, 1997, p. 247).

por meio do acesso a esse conhecimento que podemos compreender quem somos historicamente e como podemos recriar ou reinventar a vida cotidiana.

Milanesi (2002) acrescenta que durante séculos a biblioteca definiu-se como acervos ou coleções de impressos, ou seja, essa forma era a maneira como os grupos humanos preservavam e acumulavam o conhecimento para outras gerações. Com o tempo, os registros foram se diversificando, surgindo, desta forma, outros suportes de informação: CDs, DVDs, formatos digitais etc. Diante dessas modificações, a razão de ser da biblioteca deixa de ser a organização do acervo e passa a ser o acesso e os serviços de informação moldados em grupos específicos.

Partindo dos pressupostos desse autor, percebemos que a biblioteca é uma instituição que acompanha o desenvolvimento e as transformações sociais. Ao mesmo tempo em que ela mantém uma identidade, ela também precisa se transformar para não deixar de ter sua importância dentro da sociedade, ou seja, acompanhar os avanços e a evolução humana. Diante desta questão, pontuamos a necessidade de uma reflexão crítica para que não sejamos guiados por imperativos ou discursos deterministas, que irão influenciar nossos pensamentos ou determinar nossas práticas profissionais. Nem sempre o discurso massificado é aquele que melhor atenderá, de maneira global, os interesses coletivos de uma comunidade ou nação. A tecnologia e a informação não estão disponíveis e acessíveis para todos. Nas entrelinhas dos discursos da sociedade da informação, há barreiras ideológicas, políticas e culturais.

“A democratização da informação, na amplitude com a qual é entendida e divulgada, é uma falácia, e só existe no discurso, que pretende apresentar uma realidade falseada, ideologicamente falseada.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2004, p. 81). Sobre a ótica dessa afirmação, compreendemos que nem sempre o que se dissemina como verdade no mundo social é de fato verdadeiro. Discurso e realidade são coisas distintas e muitas vezes essas falácias são repassadas como uma maneira de amenizar os problemas sociais. Lutamos pela democratização da informação e sabemos que ela, a informação, é um direito ou um bem social, apesar de nem sempre chegar aonde ela deveria por questões econômicas, culturais ou de poder. Ribas e Ziviani (2007, p. 48) acrescentam que

> a informação deve ser referenciada à historicidade dos sujeitos, ao funcionamento das estruturas e das relações sociais, e aos sujeitos que executam ações. Isto é, a potencialidade de se ver a informação constituída como problema da sociedade, configurado como um fenômeno da ordem da cultura e da humanidade.

Vale ressaltar que a informação e o conhecimento ganham uma nova conotação de poder na sociedade contemporânea. Possuir esse conhecimento cria um abismo entre aqueles que têm acesso aos meios de comunicação, educação e cultura e aqueles que estão à margem da sociedade. Essas questões levantadas são fundamentais para que não esqueçamos que, além da sociedade da qual estamos próximos ou habituados a atender com nossos serviços informacionais, há outra sociedade marginalizada que nem sempre faz parte dos discursos e interesses das classes dominantes.

Essa marginalização social é perceptível quando enxergamos que essa sociedade, chamada de sociedade da desinformação, muitas vezes encontra-se distante de diversos direitos, tais como: alimentação, moradia, educação, cultura, informação e outros serviços básicos que deveriam ser garantidos pelo Estado de maneira uniforme. Nem sempre o discurso da existência de uma aldeia global reflete a realidade no mundo real. Vivemos uma força econômica muito forte e submetidos a um determinismo tecnológico que exclui aqueles que não têm recursos financeiros ou materiais. Nós, profissionais da informação, devemos sempre estar cientes das forças simbólicas que permeiam o nosso meio social.

A sociedade da desinformação pode ser definida ou caracterizada de diversas maneiras, tais como: ruído ou ausência de informação, instrumento de alienação coletiva e dominação. Do ponto de vista das consequências perversas da globalização, ela pode ser compreendida com mais visibilidade como a ausência de acesso à informação. Sob o manto da desinformação estão milhões de desassistidos socialmente e excluídos do acesso aos bens informacionais (PINHEIRO; BRITO, 2014). Seguindo essas discussões, Castro e Ribeiro (1997, p. 21), ainda acrescentam:

> Ao lado da Sociedade da Informação, há sem dúvida uma outra – a Sociedade da Desinformação – que pouco é retratada, porque aquela esconde esta, ou esta não é objeto de desejo da Biblioteconomia. Ao tratarmos da primeira, sem desviarmos o olhar para a “outra”, construímos um discurso vazio de sentidos.

A sociedade da informação deveria se constituir pelos princípios de transparência, diversidade, justiça social e outros elementos éticos, que defendesse o direito à comunicação e à informação, com base na filosofia da ação coletiva que privilegiasse a cultura, a educação, a saúde e o meio ambiente. Os serviços públicos e elementos culturais deveriam prevalecer sobre os mecanismos do mercado (MATTELART, 2006). Essa sociedade traz um discurso moderno que esconde, muitas vezes, os problemas latentes existentes na realidade, tais como: diferenças de renda, educação, habitação, alimentação, lazer, etc.. (BARRETO, 2003). A crítica apresentada por esses autores nos leva a refletir sobre a informação e os interesses mercadológicos em detrimento dos interesses sociais. Por isso, torna-se importante pensarmos sempre a informação como um bem comum que deve ser acessível a todos.

Ao tratarmos da biblioteca como lugar democrático, de aprendizagem, de educação, de política e de cultura, podemos recorrer a Paulo Freire como um dos maiores pensadores brasileiros. Quando exercemos a nossa atuação profissional devemos sempre pensar o nosso contexto social e politico. Diante desse ponto de vista, Freire (2003) afirma que no processo educativo é impossível separar a educação da política. É fundamental se ter clareza sobre as questões fundamentais em torno da finalidade do ato de educar: a favor de quem e do quê? Contra quem e contra o quê? Quando se tem respostas sobre essas reflexões desenvolve-se a atividade política no ato de educar. Afinal, educar não é uma prática autônoma e neutra, por trás da educação sistemática há uma reprodução de ideologia dominante.

A importância de trazer o discurso de Paulo Freire nesta pesquisa justifica-se pela necessidade de nós, na condição de bibliotecários e pesquisadores, repensarmos a nossa atuação profissional. Ela não deve ser dissociada do contexto político e, ao mesmo tempo, não deve ser neutra. A atuação política do bibliotecário deve ter como base a consciência que existe uma ideologia dominante que exclui. As ações, no que se referem à organização ou à disseminação da informação, devem ser pautadas na democratização e desenvolvimento coletivo e social. Afinal, disseminamos informação para quem? Em quais contextos? É necessário estarmos atentos às sutilezas que mascaram o discurso de poder e de exclusão.

Pensar as questões políticas de nossa profissão torna-se algo fundamental se quisermos realizar transformações sociais efetivas dentro da sociedade. Souza *et al* (2014) afirmam que a ação política deva ser uma atividade voltada para responder aos interesses coletivos, reafirmando, desta maneira, a responsabilidade social da profissão. Contudo, seria uma forma de reafirmar a nossa identidade profissional perante a sociedade. Isso justifica a importância do fazer bibliotecário como um fazer político. Discurso esse que converge com o pensamento freireano que apresentamos anteriormente.

Sobre esse aspecto de detenção de poder e exclusão, Almeida Júnior (2004) pontua que, historicamente, a biblioteca estava voltada para pequenos grupos e funcionava como reprodutora das organizações sociais. Ela, enquanto instituição, nada mais fez do que cumprir sua responsabilidade dentro da sociedade, embora excluindo de suas ações uma grande parte da população. Diante disso, biblioteca e bibliotecário isolam essa população relegando-a à condição de não-usuário. Seguindo essa linha de raciocínio, o mesmo autor acrescenta que “[...] a biblioteca também foi e continua sendo vista como dissociada dos interesses da maioria da sociedade” (ALMEIDA JÚNIOR, 2004, p. 72).

Quando tratamos da biblioteca como uma instituição social, devemos ter, como pressuposto, que a informação que circula neste meio não deve ser restrita aos interesses mercadológicos da geração de lucros e poder, mas deve ser tratada como um bem comum, acessível às diversas dimensões da esfera social. Segundo Bezerra (2011), “A informação adquire uma dimensão social, a partir do momento em que as crenças, os novos paradigmas, as perspectivas de cada cidadão são determinadas pelo nível de acesso que ela proporciona aos indivíduos”.

As bibliotecas têm um papel social importante quando se debruçam sobre questões pertinentes e tão discutidas no âmbito da Sociedade da Informação, tais como: democratização da informação, cidadania, educação continuada, inclusão de classes marginalizadas, desenvolvimento econômico e social. Suas práticas e serviços devem dialogar com as necessidades informacionais advindas da sociedade da qual elas atendem. Isso justifica a importância e a necessidade desta instituição no meio social.

Porém, cabe ressaltar que a missão da biblioteca deve ir além da concepção de organizar e preservar acervos. Ela deve assumir um papel mais significativo para a sociedade quando suas ações são destinadas com o intuito de modificação das estruturas sociais. A biblioteca necessita incumbir uma posição como um espaço de promoção à educação e à socialização do conhecimento. Quando tratamos da educação e do acesso à informação aos indivíduos, compreendemos que esses são direitos universais, tendo o Estado a obrigação de garanti-los. A informação deve ser tratada como um bem disponível a todos e não como um produto centralizado como poder de dominação.

A informação é subjetiva, isto é, ela é intangível. Desta maneira, ela não pode ser identificada ou assemelhada a uma mercadoria. Por ser intangível, ela deve se valer de suportes para ser veiculada ou comunicada. Esses suportes precisam ser relacionados com os usuários e precisam se adequar a cada segmento de usuários que as bibliotecas atendem. A apropriação da informação se dá no processo de mediação entre os suportes que a contêm e os usuários que interpretam os códigos linguísticos. No entanto, essa concretização efetiva da apropriação só pode ser determinada pelos usuários (ALMEIDA JÚNIOR, 2004).

Diante destas perspectivas, compreendemos que a biblioteca não deve findar-se em si mesma, mas deve abarcar uma dimensão maior do que apenas colecionar livros e disseminar informações. Sobre essa concepção da importância da biblioteca e dos livros, John Cotton Dana (1906 *apud* MUELLER, 1984) nos aponta que nos livros das bibliotecas encontram-se todos os interesses da vida, cabendo a elas apresentar essa grandiosidade às comunidades que atendem. Nos livros estão os pensamentos, as ideias, os feitos e os sonhos dos homens, proporcionando aos leitores uma visão mais ampla e integral das coisas. Na verdade, Cotton Dana acreditava em uma missão mais ampla da biblioteca, como oferecer benefícios imediatos à comunidade, satisfação e interesses diversos, promoção da educação para um melhor entendimento entres os homens em sociedade.

Diante do exposto, entendemos que essa instituição pode proporcionar a socialização e a individualização dos sujeitos enquanto cidadãos, a partir da educação, do acesso à informação e da cultura. Seguindo essa linha de raciocínio, estamos de

acordo com os dizeres de Lowell Martin (1937 *apud* MUELLER, 1984, p. 21) sobre essa questão:

> A biblioteca promove tanto a socialização como a individualização. De um lado, ela transmite a herança social e incute os valores e experiências do passado no grupo, com um efeito unificador, por outro lado, ela capacita o indivíduo a avaliar as tendências presentes e valores futuros, eleva a qualidade de sua vida pessoal, e fornece meios para ascender na escala social.

Trazer o pensamento desses bibliotecários para o nosso contexto, justifica-se pela necessidade de dar voz ao passado e compreendermos que esse discurso de luta prevalece ainda nos dias atuais. Quer seja no pensamento de John Cotton Dana, quer seja na visão de Lowell Martin, percebemos que desde aquela época já havia uma necessidade de afirmação da biblioteca como um espaço democrático e de aprendizagem, voltado aos interesses da comunidade e ao desenvolvimento social. Nessa época, os autores já entendiam a necessidade de uma postura ativa e política do profissional bibliotecário. O comparativo desse contexto com o nosso tempo é mister de reflexão, pois se naquela sociedade já havia uma preocupação com esse papel social da biblioteca e dos bibliotecários, imaginemos essa necessidade de reflexão no mundo atual, no qual estamos imbuídos por imperativos tecnológicos e mercadológicos atribuídos à informação.

Diante dessa perspectiva social, Pimentel (2006 *apud* Bezerra 2011) descreve a biblioteca como uma das unidades culturais mais importantes para a disseminação e democratização da informação e do conhecimento exercendo um papel importantíssimo no processo de inclusão social, uma vez que esse espaço configura um ambiente democrático independente da condição social dos indivíduos. “A biblioteca, para exercer a sua função, deixa de ser o acervo milenar passivo e passa a ser um serviço ativo de informação” (MILANESI, 2002, p. 77).

Essas instituições precisam se reinventar para que estes espaços sejam um lugar lúdico e de inclusão. Sobre esse ponto de vista, Almeida Júnior (2004, p. 74) acrescenta que “O emprego exclusivo do material impresso, da escrita como veiculador da cultura e do conhecimento expulsa a maioria da população do espaço biblioteca”. Diante do pensamento desse autor, podemos afirmar que as ações desenvolvidas dentro das bibliotecas não podem centrar-se ou serem reduzidas às práticas

tradicionais, devemos utilizar outras linguagens, tais como: a oralidade e os audiovisuais. Destacamos, no entanto, que ao mesmo tempo em que bibliotecas podem excluir segmentos da população mediante consequências de suas práticas institucionalizadas, elas podem ser espaços de transformação e de desenvolvimento humano.

O espaço físico da biblioteca permite não apenas colecionar livros, documentos e outras fontes de informação, mas também, estimular as pessoas a participarem de ações coletivas. Que seja um espaço de apresentação de peças teatrais, palestras, recitais, exibição de filmes, oficinas de produção artísticas etc. (MILANESI, 2002). Ou seja, ela deve exercer sua função como um lugar criativo e lúdico no qual as pessoas possam interagir umas com as outras no processo de construção do conhecimento. Desta maneira, essa instituição acaba exercendo um papel social para além dos muros e normas que muitas vezes a acorrenta.

Para Sanches Neto (2011), a biblioteca deve atuar de acordo com as necessidades da comunidade, considerando que uma sociedade não é formada apenas por pessoas ricas, instruídas e sem necessidades especiais. A biblioteca, neste sentido, deve atuar de acordo com a população, sem que haja exclusão de nenhuma de suas camadas. Esta instituição deve se ater nas mais diversas camadas sociais. Não deve nem priorizar os ricos nem os pobres, nem doutores nem analfabetos, nem os videntes nem os cegos etc., mas deve priorizar o acesso informação, à cultura e a educação como um todo. Compreendendo as bibliotecas como espaços de resistência, Almeida Júnior (2004, p. 85) acrescenta que,

> A biblioteca deve ser o espaço em que as informações, que se contrapõem a esse consenso hegemônico e dominador, podem ser obtidas. A biblioteca deve usar os suportes através dos quais a maioria da população possa, de fato, se apropriar da informação – e isso significa, além do acesso físico aos suportes, a compreensão e a assimilação de seu conteúdo.

Bezerra (2011) acrescenta que a informação desempenha um importante papel na conscientização, uma vez que desperta a consciência cidadã com relação aos diretos e deveres enquanto sujeitos pertencentes à sociedade. Reafirmando essa condição, Ribas e Ziviani (2007) acrescentam que o acesso à informação se torna condição fundamental para que o cidadão tenha consciência de seus direitos civis,

políticos e sociais. “Além do papel formal de mediadora entre a informação e o utilizador, as bibliotecas passam a ser vistas como organizações sociais, cujo espaço propicia a socialização de diferentes grupos sociais” (BEZERRA, 2011, online). Partindo desses apontamentos e reflexões acerca da relação entre biblioteca e sociedade, é necessário situarmos a postura ética e a missão profissional do bibliotecário.

Quando pensamos na implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS e na postura social do bibliotecário para atuar nesses espaços, entramos, de certa maneira, no campo da ética. Por um lado, podemos pensar a ética no sentido da missão profissional e, por outro lado, no que se refere à questão do cuidado. Isto é, partimos de implicações de uma dimensão entre o *eu* e o *outro*, quando refletimos para além do nosso egocentrismo e enxergamos o outro como um sujeito tal como nós mesmos.

O saber técnico torna-se indispensável para gerenciamento, tratamento e disseminação da informação, porém, a atuação profissional dos bibliotecários nestes espaços requer um olhar humanizado, transformador e terapêutico. É necessário que tenham conhecimento das diretrizes estabelecidas pelo SUS e pela Lei da Reforma Psiquiátrica, para que suas metas, objetivos e ações cotidianas estejam atrelados aos mesmos objetivos e metas traçados pelos CAPS. Para tanto, exige-se também, que busquem qualificação interdisciplinar através de curso de capacitação e aperfeiçoamento e participem das discussões e reuniões com as equipes multiprofissionais nestes espaços.

Desta maneira, a organização do acervo, a disseminação da informação e as atividades desenvolvidas serão fatores importantes para o desenvolvimento educacional, cultural, social e politico dos usuários. O próprio espaço dinâmico da biblioteca torna-se um lugar de fortalecimento de vínculos afetivos a partir do contado com a leitura, com profissionais e com outros usuários da rede. Essa seria uma forma de atuação ético-política do bibliotecário, ao promover o acesso à informação como um direito que deve ser de todos. A institucionalização das bibliotecas e a atuação dos bibliotecários nestes ambientes de saúde mental contribuiria para promover o fluxo informacional, com o intuito de desenvolver cidadania e transformações sociais.

Ao entrarmos na discussão ética do profissional bibliotecário, podemos levar em consideração o posicionamento de Peter Singer na obra *Ética prática*. Para Singer

(1993), a noção de se viver de acordo com padrões éticos está relacionada com a defesa da forma como se vive, ou seja, de demonstrar através de argumentos uma justificativa que defenda tal ação no mundo. Essa justificativa não deve partir exclusivamente de interesses ou inclinações particulares, mas que abarque uma noção de universalidade que sobressaia qualquer relativismo ou inclinação pessoal. A justificativa dessa ação deve partir do campo da razão pura, isto é, da ordem daquilo que é mais justo em qualquer tempo ou contingência.

Quando refletimos a noção ética apontada por este autor e associamos à nossa prática profissional, devemos levar em consideração vários questionamentos sobre nossa formação acadêmica e profissional. Afinal, o conhecimento adquirido na universidade deve ser retribuído à sociedade, uma retribuição que possa melhorar as práticas e as aplicações no mundo real. Esse conhecimento compartilhado pode ser uma estratégia para minimizar, de certa maneira, as desigualdades sociais. Defender a universalidade do acesso à informação torna-se um posicionamento ético-político do profissional bibliotecário diante do seu fazer diário. Isto é, levar a informação para aqueles que mais necessitam.

Na obra *Ética e moral* de Leonardo Boff, o autor, como forma de introduzir a discussão sobre a ética, parte da abordagem de dois tipos de paradigmas: o paradigma-conquista e, em seguida, do paradigma-cuidado. O primeiro paradigma trata do processo de hominização, ou seja, do processo do homem, enquanto humanidade, quando este é lançado na busca da sua autocompreensão e da sua história. O ser humano, neste caso, é guiado sob o signo da conquista da Terra, dos oceanos, do espaço etc. Tem a vontade de conquista como algo insaciável, isto é, como o segredo da vida. Por outro lado, afirma que o ser humano necessita conquistar a autolimitação, a austeridade compartilhada, o consumo solidário, a compaixão e o cuidado com todas as coisas que existem e estão no mundo (BOFF, 2012). Quando analisamos a afirmação desse autor, podemos refletir que nem tudo na vida remete à essa busca desenfreada, mas que é necessário enxergar o outro como outro no mundo e a vida como algo singular que requer cuidado e atenção.

Sobre essa concepção paradigmática do cuidado ele acrescenta que cuidar “[...] é mais que um *ato*; é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um *momento* de

atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro" (BOFF, 2004, p. 33, grifo do autor). As discussões paradigmáticas sobre o cuidado, apontadas por esse autor, tornam-se fundamentais para pensarmos a nossa atuação profissional nos diversos âmbitos sociais. Não basta apenas formar acervos ou coleção de materiais informacionais ordenados, é necessário que os espaços de atuação profissional sejam espaços de interação, significação e de desenvolvimento social. As relações interpessoais e intersubjetivas são fundamentais para que a nossa prática faça sentido não apenas para nós, mas para quem usufrui dos serviços.

É necessário que sejamos guiados por uma concepção ética para que tenhamos um olhar clínico e humanizado para com aqueles que estão marginalizados em nossa sociedade. São indivíduos que, como qualquer outro ser humano que está no mundo, deveriam ter direitos garantidos por lei com relação à educação, informação, moradia, cultura e outros serviços. Nós, bibliotecários, precisamos estar conscientes das questões políticas, sociais e culturais de nosso tempo. Necessitamos ter consciência, também, das artimanhas da reestruturação do capitalismo que apresenta praticamente as mesmas características excludentes dos tempos clássicos.

A partir dessa explanação, é necessário pensarmos sempre sobre a formação que recebemos nas academias e sobre a sociedade que atendemos. Com esse entendimento não podemos nos esquecer de outros grupos sociais que estão à margem da sociedade e distantes dos bens simbólicos e culturais. Diante dos discursos ornamentados de uma sociedade global, muitas vezes não nos damos conta de outras realidades camufladas pelos discursos dominantes. Levando em consideração esses argumentos, podemos falar com mais precisão da missão profissional[17]. Afinal, qual é a nossa missão diante da sociedade?

Quando adentramos na questão da missão do bibliotecário, é impossível não mencionarmos o discurso de José Ortega y Gasset no 2º Congresso Mundial de Bibliotecas e Bibliografia, realizado em Madri, em 1935, quando esse pensador espanhol convoca os bibliotecários a pensarem a sua missão na condição de

[17] A ideia de missão é abordada em concordância com a conceituação usada por Ortega y Gasset (2006, p. 7), ao afirmar que "[...] toda vida humana tem uma missão. Missão é isto: a consciência que cada homem tem de seu mais autêntico ser, daquilo que está chamado a realizar".

profissionais. Ele nos incita a repensarmos nossas ações diante da existência e de nosso lugar na sociedade. Ortega y Gasset (2006, p. 16) afirma que,

> [...] para determinar a missão do bibliotecário, é preciso partir não do homem que a exerce, de seus gestos, curiosidades ou conveniências, tampouco de um ideal abstrato que pretendesse definir de uma vez por todas o que é uma biblioteca, mas da necessidade social a que serve nossa profissão. E esta necessidade, como tudo que é propriamente humano, não consiste em uma magnitude fixa, mas é, essencialmente, variável, migratória, evolutiva; em suma, histórica.

Nesse sentido descrito até então, o bibliotecário deve se aproveitar do progresso tecnológico e precisa estar ciente da evolução científica e humana. Deve estar aberto a novas ideias e métodos. O essencial é que esse profissional desenvolva a criatividade e a criticidade, para que possa atuar em um mundo em constante mutação e evolução. No entanto, é preciso uma preocupação permanente com a responsabilidade social da biblioteca e, portanto, com o nosso papel de agente social, a partir de um trabalho interdisciplinar (TARGINO, 1984).

O bibliotecário, pensando nos modelos de formação e de atuação, passa a ser, geralmente, um profissional voltado para um pequeno e seleto segmento social, no entanto, um segmento hegemônico quanto aos instrumentos ideológicos de exclusão social. Os espaços onde atua: escolas, universidades, empresas etc., são lugares concebidos institucionalmente para atender uma determinada demanda social que já tem acesso à informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2004). Seguindo esses argumentos sobre a responsabilidade da atuação do bibliotecário, Pires, Ribeiro e Klebersson (2013) acrescentam que o profissional da informação deva ser um agente educador com relação à construção da cidadania, uma vez que a informação é considerada um bem simbólico e o seu acesso torna-se essencial para a efetivação de uma consciência cidadã.

Beraquet e Ciol (2010) afirmam que um dos maiores desafios para o bibliotecário do século XXI é a educação de si mesmo e dos outros, para que haja a competência e a predisposição para aprender constantemente. Para isso, ele necessita desenvolver habilidades de informação. Ele deixa de ser apenas um provedor de informação para tornar-se parceiro na disseminação, uso e geração de novos conhecimentos no contexto em que atua.

As reflexões apresentadas por esses autores nos levam a questionar sobre nossa missão profissional e responsabilidade social no que se refere as nossas ações. Quando tratamos do mundo da vida cotidiana, percebemos que uma grande parcela de sujeitos está fora do discurso dominante da sociedade da informação e excluída da educação formal e da cultura. Os sujeitos que necessitam de informação não estão apenas nas universidades, nas organizações ou nas escolas. Estão, também, nos asilos, nos hospitais, nos presídios, nos abrigos etc.

Logo, através de uma abordagem fenomenológica sobre o mundo da vida, é possível suspendermos nossas crenças pré-estabelecidas como verdades absolutas para nós mesmos, para enxergarmos outros pontos de vista que foram construídos socialmente no cotidiano. Essa abordagem filosófica adotada nesta investigação possibilita pensarmos uma outra realidade possível, com base no respeito às diferenças e na tolerância, levando em consideração a subjetividade e a diversidade de cada indivíduo na sociedade. Essa pesquisa tem como propósito, também, possibilitar o acesso à informação da comunidade em estudo, por meio dos serviços prestados por uma rede de bibliotecas.

Portanto, a proposta é refletir sobre a importância da implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS do município de Florianópolis. Essa rede poderá contribuir com as atividades de reinserção social de pessoas em sofrimento psíquico nestes espaços. O acervo norteado por uma politica de desenvolvimento de coleções suprirá, não só às necessidades informacionais dos usuários, mas, também, as necessidades informacionais dos profissionais de cada unidade da rede CAPS. As bibliotecas nesses ambientes poderão tornar-se espaços de convivência, de lazer, de capacitação e de aprendizagem. A atuação dos bibliotecários nestes contextos deverão voltar-se para a promoção de atividades para além do tecnicismo e que estes profissionais desenvolvam um olhar clínico e humanizado, com o intuito de formar leitores, estimular o desenvolvimento pessoal, fortalecer os vínculos e as relações interpessoais, sensibilizar e promover a reinserção social dos usuários por meio do acesso à informação.

3.3 Rede de bibliotecas em ambientes de saúde mental

Partindo do que já expomos nas subseções anteriores, reafirmamos a importância das bibliotecas e do papel que elas desempenham dentro da sociedade. Existem diversos tipos de bibliotecas para atender as diversas demandas sociais e suas necessidades informacionais. Sobre esse ponto de vista, Targino (1984) estabelece os seguintes tipos: bibliotecas públicas, escolares, universitárias, especializadas, particulares, itinerantes e especiais. Elas são caracterizadas de acordo com a clientela que atendem ou conforme a coleção que desenvolvem. Partindo dessa classificação, compreendemos que as bibliotecas, independente de sua classificação, tiveram que se adequar às novas demandas vindas da sociedade.

As transformações sociais, tecnológicas, científicas, econômicas e políticas proporcionaram novas configurações nos ambientes das bibliotecas. Surgem desta forma, redes de bibliotecas como resposta a essas transformações no mundo real e virtual. A ideia de rede torna-se, de certo modo, como um novo paradigma que norteia o mundo contemporâneo. Antes de adentrarmos na conceituação de rede de bibliotecas, achamos necessário abordar o conceito de redes, para uma melhor compreensão das articulações entre os vínculos estabelecidos entre as bibliotecas e a possibilidade de compreendermos o diálogo interdisciplinar entre a Biblioteconomia e a área da Saúde Mental. Afinal, esta também se estrutura como uma Rede de Atenção Psicossocial, conforme já trabalhamos anteriormente.

A noção de rede está presente em todas as áreas do conhecimento humano, tais como: nas ciências humanas e sociais, nas organizações, na cibernética, nas telecomunicações, na biologia, na saúde mental, nas tecnologias de comunicação e informação etc. No campo das ciências sociais, a rede pode ser definida como um sistema ou uma estrutura de relações. Ela apresenta uma ordem visível, análoga a um tecido e pode ser construída quando pensada em sua relação com um artefato técnico sobre o espaço ou território. Torna-se um modelo de racionalidade, representativo de uma ordem formal (MUSSO, 2013). Seguindo essas argumentações sobre a noção de rede, Ribas e Ziviani (2007, p. 52) afirmam que ela “é regida por princípios básicos tais como solidariedade, reciprocidade, estratégias políticas de ação e organização e

capacidade cognitiva de construção de uma nova narrativa.”. Podemos dizer que estamos diante de um novo paradigma social.

A maneira de pensar, partindo de uma concepção de rede, influenciou não apenas a nossa visão da natureza, mas modificou o discurso científico e filosófico, criando novas estruturas. Essa ideia de rede é consequência da mudança do modelo de pensamento linear para um pensamento sistêmico, criando, desta maneira, uma forma de pensar em termos de conectividade, de relações e contexto (CAPRA, 1997). “A sociedade, o capital, o mercado, o trabalho, a arte, a guerra são, hoje, definidos em termos de rede. Nada parece escapar às redes, nem mesmo o espaço, o tempo e a subjetividade.” (PARENTE, 2013, p. 92).

Cabe ressaltar que a ideia de rede não se restringe apenas ao campo teórico, mas essa ideia torna-se um operador para a ação de criação de configurações ou ferramentas que auxiliam o ser humano em seu fazer social. Diante destas reflexões, percebemos que o homem, ao longo dos avanços científicos, criou a ideia de rede e ao mesmo tempo tornou-se influenciado por ela. Enxergamos, com isso, um processo de metamorfose em que o próprio criador foi modelado pela criação. A rede tornou-se um modelo de pensamento e de ação fundamental para agirmos em nossa realidade e em nosso meio social. Musso (2013, p. 31-32) acrescenta que a rede pode ser discutida em três níveis de definição:

> 1. A rede é uma estrutura composta de elementos em interação; estes elementos são os picos ou nós da rede, ligados entre si por caminhos ou ligações, sendo o conjunto instável e definido em um espaço de três dimensões.
>
> 2. A rede é uma estrutura de interconexões instável no tempo; a gênese de uma rede (de um elemento de uma rede) e sua transição de uma rede simples a outra mais complexa são consubstanciais a sua definição. A estrutura de rede inclui sua dinâmica. Que se considere o desenvolvimento de um elemento em um todo-rede ou de uma rede em uma rede de redes, trata-se sempre de pensar uma complexificação autoengendrada da definição da rede.
>
> 3. Enfim, terceiro elemento da definição de rede, a modificação de uma estrutura obedece a alguma regra de funcionamento. Supõe-se que a variedade da estrutura em rede respeita uma norma – eventualmente modelizável – que explica o funcionamento do sistema estruturado em rede. Passa-se da dinâmica da rede ao funcionamento do sistema, como se o primeiro fosse o invisível do segundo, portanto seu fator explicativo.

Portanto, a rede é uma estrutura de conexões que forma um sistema complexo. Se antes havia uma estrutura simples com pontos isolados, com essas transformações paradigmáticas criaram-se os *nós.* É por meio destes vínculos que ligam a rede, criando, desta maneira, uma estrutura complexa. Conforme apresentado anteriormente, a rede de conexões tornou-se uma realidade que faz parte de nosso cotidiano acadêmico, profissional ou até mesmo em nosso dia a dia. De maneira geral, nada foge dessa nova lógica de organização social.

Quando adentramos nas discussões biblioteconômicas, pontuamos que a crise econômica dos anos 70 e as novas tecnologias de informação e comunicação foram fatores que impulsionaram a criação de redes de bibliotecas. Esses motivos representaram um caminho importante para a cooperação entre bibliotecas e para a criação de redes de informação, com o intuito de minimizar custos e melhorar os serviços prestados à comunidade. Do ponto de vista estrutural e social, Tomaél (2005, online) pontua que "[...] a participação em redes, mais que uma necessidade, é hoje imprescindível para podermos desenvolver serviços e produtos em sintonia com o ambiente informacional que nos cerca e cresce a cada dia.".

A Organização Internacional de Normalização (ISO) define um sistema de bibliotecas como um conjunto de bibliotecas conectadas com todas as suas divisões, serviços e unidades que cooperam para servir a uma área geográfica determinada em um campo temático concreto ou um grupo específico de usuários. A rede de bibliotecas torna-se um plano de procedimento em que as suas unidades trabalham juntas compartilhando serviços e recursos com o intuito de melhorar os seus serviços para os usuários de cada unidade (VALERA OROL; GARCIA MELERO; GONZALEZ GUITIAN, 1988). Sobre esse compartilhamento de recursos e serviços, Lancaster (1996, p. 263) afirma que:

> As bibliotecas cooperam umas com as outras ao compartilharem recurso de várias maneiras. O empréstimo entre bibliotecas é o exemplo mais evidente, porém também existe a possibilidade de outros programas cooperativos, inclusive para aquisição de material, armazenamento de material de menor utilização, apoio a bibliotecas regionais de referência, e assim por diante. As bibliotecas compartilham recursos a fim de melhorar seu custo-eficácia.

Seguindo essa linha de discussão, Romani e Borszcz (2006) acrescentam que as redes de informação, das quais chamamos aqui de redes de bibliotecas, são

consideradas como um conjunto de unidades de informação que agrupam pessoas e/ou instituições partindo de uma mesma finalidade, onde a organização e a disseminação da informação devem ser reguladas por meio de padronizações e compartilhamentos de tarefas e recursos. O principal objetivo da rede é fundamentado na promoção, geração, adequação, transferência e disseminação da informação para satisfazer as necessidades informacionais dos seus usuários.

Outra definição apontada por Tomaél (2005), afirma que uma rede de informação é tradicionalmente um grupo de unidades e serviços de informação que tem o seu foco voltado para o interesse comum. Os vínculos e compartilhamentos dessa rede devem promover benefícios aos seus participantes, tais como: compilação de base de dados, sistema cooperativo, cooperação de catalogação, compartilhamento de recursos e a cooperação de serviços e produtos. Sobre essa estrutura Valera Orol, Garcia Melero e Gonzalez Guitian (1988, p. 217-218) acrescentam que uma rede de bibliotecas é

> [...] un conjunto de unidades bibliotecarias con una planificación y estructura organizativa común, sea cual sea su ámbito, que generalmente dependen de la misma unidad administrativa, dirigido a la consecución de unos objetivos. Por tanto las Bibliotecas implicadas en su Sistema funcionan como elemento de una misma unidad con objetivos definidos para esa misma unidad y no para cada una de las Bibliotecas que forman el sistema. Existe, pues, una planificación y gestión común y un funcionamiento global.

Quando pensamos na implantação de uma rede de bibliotecas, devemos analisar, primeiramente, quais seriam as vantagens que justifique a sua existência ou quais os benefícios que a estruturação de uma rede de bibliotecas possa trazer para o entorno da comunidade em que cada unidade esteja inserida. Sobre esse ponto de vista, Romani e Borszcz (2006, p. 12) listam cinco vantagens que as redes podem proporcionar:

- Otimização e interligação de recursos, visando o melhor atendimento a um número de clientes, em um raio de alcance mais amplo;
- Racionalização de gastos com infra-estrutura técnica (acervo, recursos humanos e equipamentos);
- Racionalização de esforços para o mesmo fim;
- Minimização de custos para os usuários, maximizando a disponibilidade e a qualidade de informação;
- Aumento da disponibilidade e acesso a informação.

Quando se trata de uma rede de bibliotecas é necessário que se estabeleça normas que sejam comuns a todas as bibliotecas do sistema. Segundo Valera Orol, Garcia Melero e Gonzalez Guitian (1988), a norma comum para todas as bibliotecas torna-se um fator fundamental para o sucesso do sistema, uma vez que dificilmente se pode desenvolver um trabalho de cooperação sem um acordo prévio, acertado ou seguido por todos os participantes. As normas têm entre outras funções, conseguir a redução de custos dos bens e serviços como uma maneira de fornecer uma ordem lógica, racionalizando a sua produção com o intuito de facilitar o intercâmbio e a cooperação das partes. No caso de uma rede de bibliotecas, as normas são importantes até mesmo para que se mantenha a funcionalidade do todo. Carvalho e Gesteira (2006, p. 49) também definem uma rede de bibliotecas como

> um grupo ou conjunto de instituições, com seus edifícios, instalações, acervos, pessoal, entre outros, estruturados de modo a poder manter serviços bibliotecários que podem estar ou não coordenados por um órgão central ou apenas, informalmente cooperam ou colaboram no sentido de melhor servir à comunidade.

Para que uma rede de unidades de informação seja constituída ou atinja o seu objetivo, é necessário eleger uma unidade de gestão que sirva de apoio às demais unidades. Essa rede de bibliotecas deve ser coordenada por um bibliotecário que desenvolverá ações planejadas para que se obtenha o sucesso do sistema. Romani e Borszcz (2006, p. 13-14), elegem as principais atribuições do gestor neste contexto, que são:

- analisar, planejar, organizar, coordenar e controlar as atividades inerentes à rede, bem como delegar competências;
- construir comissões para estudos de assuntos de interesse da rede ou para a execução de planos, programas e projetos específicos relacionados às áreas de atuação da entidade em que está vinculada, exercendo a coordenação das mesmas;
- propor recomendações sobre a política biblioteconômica e atividades da área de informação tecnologia da rede;
- definir as políticas referentes aos serviços e produtos de informação da rede;
- administrar a politica de recursos humanos quando ao quadro de pessoas da rede, propondo, inclusive, a contratação, nomeação e dispensa de funcionários;
- propiciar capacitação e educação continuada aos recurso humanos do quadro de pessoal da rede;
- administrar a política de recursos financeiros para a rede, estabelecendo, inclusive, políticas de cobrança de produtos e serviços de informação;
- desenvolver ações para otimizar os recursos financeiros no âmbito da rede;

- promover intercâmbio com unidades de informação nacionais e internacionais;
- administrar a celebração de convênios e contratos inerentes à área de documentação e informação, entre instituições similares, objetivando o fortalecimento de serviços e produtos da rede;
- mantendo a integração entre as unidades de informação que fazem parte da rede;
- desenvolver atividades de marketing para a rede;
- elaborar plano e relatório anual das atividades desenvolvidas nas unidades de informação que fazem parte da rede.

Do pondo de vista gerencial, um sistema de informação, torna-se um conjunto de funções e componentes que integram unidades distintas na busca por respostas com as mesmas finalidades, objetivos e metas. Para que haja sucesso no sistema, é necessário que se mantenha o intercâmbio de informações, ideias e diálogo entre os integrantes da rede, que preconizem ações conjuntas. A comunicação horizontalizada, a troca de experiências e as reuniões frequentes criam um ambiente holístico, onde todos interagem e participam das decisões (MACIEL; MENDONÇA, 2006). Desta maneira, os bibliotecários podem desenvolver as atividades que lhes competem não de maneira isolada, mas interagindo com outros profissionais da rede.

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os profissionais bibliotecários desenvolvem atividades em bibliotecas e centros de documentação e informação na administração pública e no setor privado, com ênfase nas áreas de educação e pesquisa. Compete aos profissionais as seguintes atividades: disponibilizar informação em qualquer suporte; gerenciar unidades, redes e sistemas de informação; tratar tecnicamente recursos informacionais; desenvolver recursos informacionais; disseminar informação; desenvolver estudos e pesquisas; prestar assessoria e consultoria; realizar difusão cultural; desenvolver ações educativas; demonstrar competências pessoais (BERAQUET; CIOL, 2010).

A presença de uma rede de bibliotecas nos CAPS promoverá o fluxo de informação nestes espaços, ajudando os profissionais na tomada de decisão e no aperfeiçoamento contínuo de suas atividades. No entanto, a presença dessa instituição nestes ambientes, tornar-se-ia, ainda, um espaço de lazer, de aprendizagem, de produção do conhecimento e de trocas intersubjetivas. Esse seria um ponto importante do diálogo interdisciplinar da área da Biblioteconomia com a Saúde Mental, isto é,

efetivar essa possibilidade de diálogo, tornar-se-ia algo inovador para ambas as áreas no que se refere à educação, reinserção e desenvolvimento dos usuários nos CAPS. Sobre os desafios interdisciplinares, Beraquet e Ciol (2010, p. 135) acrescentam:

> É hora de os bibliotecários agirem proativamente em direção de novos conceitos e novas práticas profissionais no campo da saúde, sem esperar que a demanda surja de médicos ou de alguma necessidade pontual e específica. Sem dúvida, é uma área com enorme potencial transformador e criativo no trabalho com a informação – o desafio está apenas começando!

A implantação de uma rede de bibliotecas com a atuação de bibliotecários nos CAPS de Florianópolis servirá como um ponto de apoio informacional às equipes multiprofissionais, cada biblioteca da rede tornar-se-á um espaço terapêutico no desenvolvimento dos usuários por meio da leitura, da pesquisa, da ação cultural, da biblioterapia e da aprendizagem. A presença de unidades de informação e da atuação de profissionais bibliotecários na rede CAPS de Florianópolis, tornaria a rede CAPS do município pioneira ou referência para outros municípios do Brasil, no que se refere ao direito ao acesso e disseminação da informação. É importante ressaltar que a Biblioteconomia já dialoga com a área da Saúde de modo geral e, em alguns casos, dentro da Saúde Mental. No entanto, estes serviços e discussões estão mais voltados para as equipes profissionais conforme apresentaremos a seguir.

A interdisciplinaridade, conforme apresentamos anteriormente, torna-se uma possibilidade de inovação e de transformação nas práticas cotidianas. A biblioteconomia, mesmo diante de uma formação ainda tradicional, pode dialogar e dialoga com diversas áreas do conhecimento humano e da atuação profissional, dentre essas áreas, podemos citar o campo da saúde. Quando pensamos nas bibliotecas dentro da área da saúde, podemos considerá-las em três tipos: a biblioteca universitária, a biblioteca especializada e a biblioteca especial.

Segundo Silveira (2014), geralmente as bibliotecas universitárias na área da saúde constituem-se unidades de informação com literatura técnica voltada para o ensino e a pesquisa, podendo disponibilizar, ou não, um acervo multidisciplinar. A partir da descrição apontada por essa autora, entendemos que esse tipo de biblioteca esteja vinculada a uma instituição de ensino superior, dando suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão da instituição maior que é universidade.

Por outro lado, as bibliotecas especializadas na área da saúde desempenham outras finalidades junto aos seus usuários. Elas atendem a uma camada da sociedade, geralmente especializada, fornecendo acervos e serviços específicos para suprir as demandas geralmente dos profissionais. Silveira (2014) aponta que as atividades são destinadas a um grupo seleto de profissionais da área da saúde para que possam desenvolver seus estudos e investigações. A autora aponta que esse tipo de unidade de informação é também chamado de biblioteca hospitalar. Mesmo que elas estejam voltadas mais para os profissionais, ela também atende às necessidades informacionais do quadro de funcionários e pacientes.

Torna-se interessante pontuar que nos Estados Unidos e na Europa existe um movimento denominado de biblioteconomia clínica, que consiste na atuação dos profissionais da informação juntamente com as equipes médicas, com o intuito de auxiliar no tratamento dos pacientes. Nos EUA, por exemplo, a biblioteconomia médica foi registrada como profissão regular em 1939 e, em 1947, a Universidade de Columbia, em Nova York, criou um programa de treinamento e aperfeiçoamento: a *Medical Library Association*. Em 1951, foi criado o segundo curso na *Emory University School of Medicine*, em Atlanta (GUIMARÃES; CADENGUE, 2011).

Situando esse fator na experiência brasileira, Guimarães e Cadengue (2011) mencionam que no ano de 1983, foi implantado um projeto de biblioteconomia clínica pela Fundação Pioneiras Sociais, no Hospital das Doenças do Aparelho Locomotor em Brasília. Já no ano de 1996, na Faculdade de Biblioteconomia da PUC-Campinas, foi criado um grupo de pesquisa em saúde, que tinha como objetivo estudar a atuação, competências e habilidades dos bibliotecários inseridos neste meio. Vale pontuar que a atuação profissional do bibliotecário inserido na equipe médica ainda é pouco explorada no Brasil, sua presença é mais visível e reconhecida por experiências em hospitais universitários.

Concordando com essa afirmação, Beraquet e Ciol (2010) acrescentam que no Brasil há um movimento em direção ao paradigma de acesso à informação em saúde, porém os bibliotecários que atuam em hospitais ainda não se denominam bibliotecários clínicos. No contexto da realidade brasileira, os bibliotecários não atuam como membros efetivos da equipe clínica, como apoio nas decisões diante do atendimento

aos pacientes. Na Inglaterra, por exemplo, os bibliotecários clínicos atuam juntamente com o corpo clínico apoiando com a disseminação da informação e para uma melhor evidência científica no tratamento. Em alguns países, a atuação do bibliotecário clínico já é um campo consolidado. Sobre esse ponto de vista, Pires, Ribeiro e Klebersson (2013, online), acrescentam que:

> [...] os ambientes que trabalham com o gerenciamento que englobem informações sobre saúde como, por exemplo: hospitais, clínicas particulares e demais instituições que desenvolvem suas funções voltadas especificamente nesse segmento necessitam de um profissional apto para fornecer serviços e produtos de qualidade para os seus usuários. O que faz do bibliotecário um agente facilitador no processo de busca de informação eficaz, já que é preparado para suprir às necessidades dos usuários de uma biblioteca, aprimorando assim, a pesquisa/consulta do mesmo e, norteando-os em direção de uma melhor natureza na recuperação e reprodução da informação.

Sobre a consolidação da experiência da literatura internacional no campo da informação voltada para a área da saúde, podemos acrescentar como exemplo, o volume 30, número 4 da revista Library Trends, publicada em 1982. Este periódico é uma publicação da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos e, nesta edição especial, trouxe o tema: *Mental Health: information, libraries and services to the patients,* voltado para as questões da informação na área da saúde mental, sobre o papel das bibliotecas e dos bibliotecários nestes contextos. Mackler (1982) menciona que bibliotecários de saúde mental são definidos como profissionais que prestam serviços de bibliotecas em instituições públicas e privadas. Os serviços na área da saúde mental têm o desafio de fornecer cuidado de qualidade às pessoas em sofrimento psíquico, como uma questão de saúde pública e política social.

Na área da saúde mental associada à biblioteconomia, encontramos estudos de necessidades de informação. Ruiz Lópes (2017), em um estudo recente, buscou detectar e analisar as necessidades informacionais dos pacientes externos do Hospital Dr. Héctor Tovar Acosta, do *Instituto Mexicano del Seguro Social*, com o intuito de propor melhorias no serviço bibliotecário do *Centro de Documentación en Salud*. A pesquisa teve como amostra 52 pacientes atendidos mensalmente no ambulatório. As necessidades detectadas na busca de informação pelos pacientes psiquiátricos foram: investigações recentes relacionadas com a enfermidade mental, tratamento do estresse, gestão da ansiedade, ataque de pânico, ira, violência e comportamento

agressivo. Sobre a competência do profissional bibliotecário na área da saúde mental, o mesmo autor acrescenta que

> […] es necesario un compromiso del bibliotecario para capacitarse, actualizarse y emplear los lineamientos alfabetizadores para implementar este servicio en las diferentes entidades de salud mental de la seguridad social mexicana. Esto debe partir con acuerdo de las autoridades sanitarias para que brinden los recursos materiales y humanos correspondientes para cumplir los objetivos deseados (RUIZ LÓPES, 2017, p. 73).

Outro estudo encontrado na área da biblioteconomia que trata de uma pesquisa dentro da saúde mental foi a dissertação de Victor Hugo Vieira Moura, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 1997. Este trabalho tem como título: *A busca de informação em equipes multidisciplinares: um estudo de caso de uma instituição psiquiátrica*. Esta pesquisa teve como objetivo compreender o comportamento de busca de informação dos integrantes do corpo clínico do Instituto Raul Soares (IRS), formado por psiquiatras, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, psicólogos, assistentes sociais e médicos de outras modalidades (MOURA, 1997).

Sobre esse aspecto do estudo de busca da informação em equipes multidisciplinares, Moura (1997) chegou à conclusão que um serviço de informação voltado a esta clientela seria uma contribuição inestimável, pois incentivaria a troca de informações tanto entre os profissionais do mesmo campo de atuação, quanto entre aqueles de especialidades diferentes. Neste sistema informacional, os pesquisadores e profissionais poderiam encontrar relatos de experiências no campo da saúde mental, onde a interdisciplinaridade surge como uma realidade indiscutível. Os profissionais do IRS obteriam fontes de informações que os ajudariam a compreender outros olhares científicos sobre as pessoas em sofrimento psíquico.

E por fim, como terceira categoria de biblioteca na área da saúde, temos a biblioteca especial. Para Targino (1984) as bibliotecas especiais são consideradas como aquelas destinadas a públicos específicos, que diferenciam dos grupos especializados apresentados anteriormente. Essas bibliotecas apresentam coleções que tratam sobre temas diversos, e oferecem materiais de leitura para grupos especiais de pessoas. Elas estão sediadas em hospitais, prisões, asilos, instituições para cegos e

outros nichos específicos. Mota e Lobato (1974 *apud* BENEDUZI, 2004, p. 21) apontam algumas características desse tipo de biblioteca:

> a) o local onde estão situadas – hospitais, asilos, presídios;
> b) as limitações no campo a que se dedicam – voltadas aos pacientes, aos idosos, aos presos;
> c) tamanho – pequenas em relação ao espaço em que ocupam, número de bibliotecário e coleção reduzida;
> d) ênfase à função lúdica/educativa – o ludismo e a educação são tradicionalmente os objetivos mais importantes da biblioteca especial.

Sobre essa diferenciação entre bibliotecas especiais e bibliotecas especializadas, Silveira (2014) descreve que, embora as bibliotecas especiais também se caracterizem pelo publico e pelo tipo específico de informação que oferecem, elas se diferenciam das bibliotecas especializadas pelo nível de informação que venha a disponibilizar. De maneira geral, as bibliotecas especializadas apresentam acervos técnicos para atender um público profissional qualificado. Por outro lado, as bibliotecas especiais visam atender um público específico de maneira geral com informações não técnicas.

Ao refletirmos sobre o exposto acima, defendemos que a implantação de uma rede de bibliotecas nos ambientes de saúde mental tanto poderá atender ao público especializado quanto ao público especial dos CAPS. Essa rede assumirá, portanto, uma posição mista ao atender aos dois públicos distintos. Supomos que ela contribuirá tanto para suprir as necessidades informacionais dos profissionais, no que se refere à aquisição de novos conhecimentos para o desenvolvimento das atividades, quanto aos usuários e seus familiares para que possam usar a biblioteca como espaço de convivência, aprendizagem, criatividade e ressignificação. Caberá aos bibliotecários desenvolver uma política de desenvolvimento de coleções voltada a ambos os públicos.

Ao nos apropriamos do pensamento de Freire (2003) sobre as bibliotecas populares, também podemos associá-lo ao contexto das bibliotecas em ambientes de saúde mental apresentadas nesta pesquisa. Segundo esse autor, as bibliotecas não podem ser como depósitos silenciosos de livros, mas como centros de cultura e de lazer. Uma biblioteca que estimule a criatividade através de trabalhos em grupo, ação cultural, que desenvolva seminários de leitura, propondo aos leitores experiências estéticas. E até mesmo, seguindo a linha desse autor, que seja um lugar para

alfabetizar aqueles que não tiveram oportunidades de frequentar a escola formal. Portanto, a biblioteca deve ser um lugar dinâmico, acolhedor e de aprendizagem que, através das ações desenvolvidas pelos bibliotecários, contribuirá para o desenvolvimento pessoal, cultural e social dos indivíduos. Sobre o ponto de vista da leitura, que pode ser desenvolvida nas bibliotecas, Barreto (2006, p. 63) afirma:

> A leitura singulariza o sujeito, pois exige dela a manifestação de seus interesses, exige sua escolha e mostra o seu mundo particular, desvelando o que torna única cada ato de leitura. O leitor, sob essa ótica, é produtor de sentidos e a verdade não emana mais dos textos e, sim, está por ser construída. O texto começa a ser o ponto de interseção entre dois sujeitos, leitor x autor, que se relacionam por meio de outro sujeito, o texto.

A biblioteca tem um papel importante na formação de leitores dentro de nossa sociedade. A leitura se mostra uma atividade significante para o crescimento pessoal. Para Petit (2009), crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel da atividade de leitura na construção de si mesmo. Ela defende a contribuição da literatura e da arte para a atividade psíquica e menciona incríveis experiências literárias, ou seja, programas de leitura, compartilhadas e organizadas por diversos profissionais como: professores, bibliotecários, psicólogos, artistas, escritores, editores, livreiros, trabalhadores sociais ou humanitários. As atividades de leitura desenvolvidas dentro das bibliotecas são ricas em ensinamentos para crianças, jovens ou adultos que foram expostos a um isolamento social. Para Carvalho e Gesteira (2006, p. 43) “[...] a questão de que ler um livro também pode ser uma experiência lúdica.”.

Portanto, para que essa rede de bibliotecas exerça sua responsabilidade institucional e atenda as demandas informacionais dos profissionais e usuários dos CAPS, é necessário que cada unidade de informação que compõe essa rede desenvolva serviços e atividades biblioteconômicas gerenciadas por bibliotecários. Os profissionais da informação, a partir das competências técnicas, desenvolverão sistemas de informação no que se refere ao gerenciamento, tratamento e disseminação da informação. É justamente sobre esses procedimentos técnicos que trataremos nas subseções a seguir.

3.4 Serviços de biblioteca

Com relação às atividades relacionadas à gestão e ao tratamento técnico da coleção, pode-se subdividi-las em dois processos distintos que se completam: o desenvolvimento da coleção e o tratamento técnico. O primeiro envolve a avaliação, seleção e aquisição de materiais informacionais; já o tratamento técnico está relacionado com as atividades de registro, classificação, catalogação, indexação, preparo físico, geração e alimentação de base de dados (ROMANI; BORSZCZ, 2006). Para tratarmos desses serviços de bibliotecas, além da formação e desenvolvimento da coleção e do tratamento técnico, abordaremos, também, a disseminação e mediação da informação. É importante ressaltar que esses serviços são essencialmente desenvolvidos por bibliotecários.

3.4.1 Formação e desenvolvimento de coleções

Diante da perspectiva de que esta pesquisa seja de interesse não apenas para o campo da biblioteconomia, mas também, para os profissionais da área da saúde mental, compreendemos que seja mais do que necessário apresentarmos a importância da formação e desenvolvimento de coleções para que uma biblioteca funcione conforme seus propósitos, objetivos e missão. Uma biblioteca não é e nunca foi um aglomerado de livros ou de suportes informacionais localizado em um armário, sala ou qualquer outro recinto. A biblioteca, quando a tratamos de um ponto de vista de contribuição social, deve ser desenvolvida ou gerenciada para que a racionalidade de suas ações seja planejada para atingir um fim. Esta subseção tratará, exatamente, de como o acervo de uma biblioteca deve ser desenvolvido e qual a importância de cada atividade desse processo para tornar essa instituição relevante à comunidade em que atende.

O desenvolvimento de coleções, segundo Vergueiro (1989), é uma das atividades de planejamento, exige comprometimento com metodologias e não se trata de um processo homogêneo idêntico a todas as bibliotecas. O tipo de biblioteca, os objetivos que cada uma delas buscam atingir, assim como a comunidade a ser atendida, influenciam, de certa maneira, nos processos de desenvolvimento de coleção.

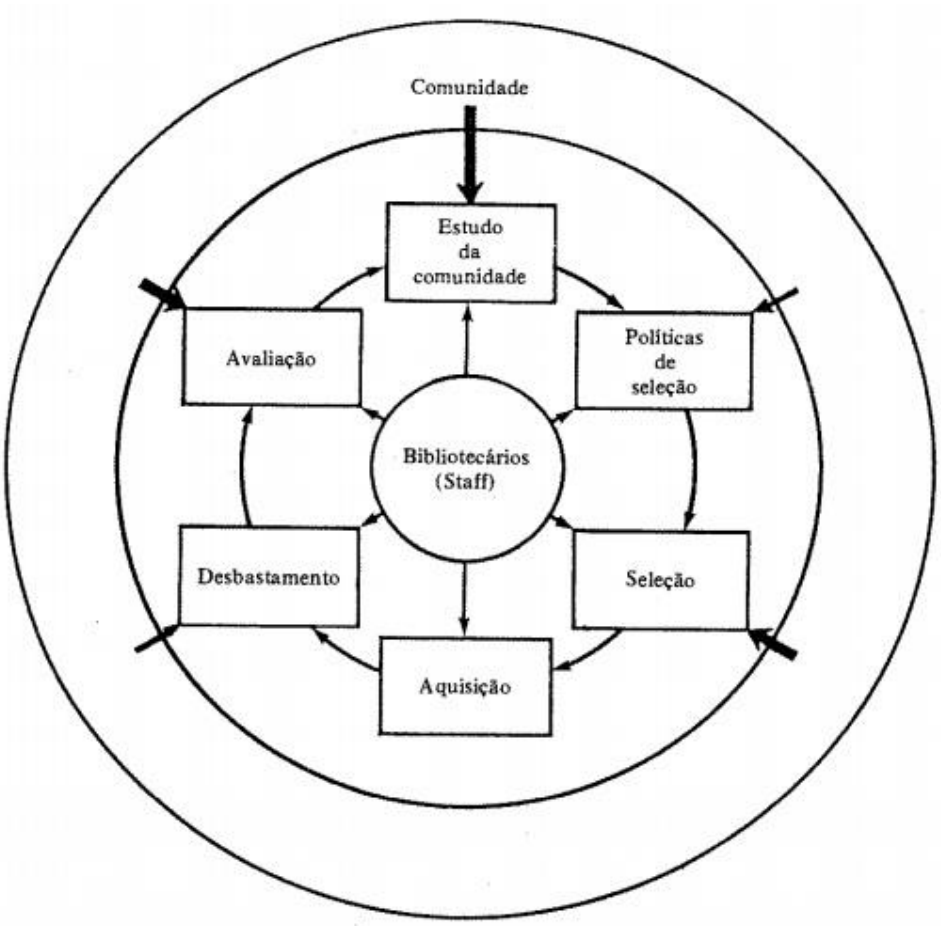
Fonseca (1992 *apud* WEITZEL, 2013) afirma que a biblioteca não pode ser um aglomerado de livros ou revista, mas ela é projetada para um determinado fim ou objetivo social. Para tanto, a política de desenvolvimento de coleções deve estar orientada para desenvolver acervos orientados para atender indivíduos, grupos sociais e a sociedade de modo geral. Miranda (2007, p. 88) também aponta que:

> [...] a biblioteca deve estabelecer sua política de desenvolvimento de coleções que será materializada em documento, onde serão levadas em consideração, dentre outros, os seguintes dados essenciais: os objetivos da biblioteca, o estado atual da coleção, as necessidades informacionais da comunidade a ser servida, orçamento e outros recursos informacionais disponíveis (consórcios entre bibliotecas).

Para Maciel e Mendonça (2006) a fase de formação, desenvolvimento e organização de coleções constituem operações fundamentais para fins de acesso e utilização dos suportes informacionais. Essas fases devem ser encaradas como atividades de planejamento, uma vez que, para que elas ocorram, é necessário ter de antemão, o reconhecimento da comunidade a ser servida e suas características culturais, educacionais e informacionais. A formação do acervo deve ser coerente com as necessidades informacionais da comunidade em que a biblioteca esteja inserida. Esse entendimento torna-se a base necessária para as políticas de seleção e aquisição.

Vergueiro (1989) menciona que o processo de desenvolvimento de coleções deve ser uma atividade rotineira nas bibliotecas. Afinal, uma coleção não se desenvolve no vazio ou de maneira espontânea, mas como uma luta árdua em que esse crescimento deva ser racional, em que o profissional deva pensar a coleção como um vir-a-ser, isto é, como algo planejado a ser efetivado no mundo. Partindo dos apontamentos desse autor, concordamos que o acervo de uma biblioteca deva refletir a real necessidade de informação de uma comunidade. Não pode ser considerado algo em si mesmo, mas uma coleção que no contexto existencial possa ser e fazer sentido para as pessoas que a frequenta ou que estão no seu entorno. Segue baixo o modelo do processo cíclico do desenvolvimento de coleções elaborado pelo bibliotecário norte americano G. Edward Evans:

Figura 8 - Processo de desenvolvimento de coleções



Fonte: Vergueiro (1989, p. 17).

O processo de formação e desenvolvimento de coleções deverá ter um bibliotecário como coordenador, mas este não deverá atuar de maneira isolada, e sim com a participação de membros e outros profissionais da comunidade que serão de extrema importância para atingir o fim último desse processo. Para Maciel e Mendonça (2006) esse processo de formação é composto de diversas atividades que não podem ser considerados isoladamente, mas como partes integrantes de um modelo sistêmico em que o todo se torna algo essencial. Dentre essas atividades as autoras destacam: estudo da comunidade, política de seleção, seleção, aquisição, avaliação e desbastamento e descarte.

Weitzel (2013, p. 19) menciona que na literatura especializada ainda se considera outros aspectos relacionados com o processo de desenvolvimento de coleções, tais como: “[...] armazenamento, conservação e preservação, compartilhamento de recursos informacionais, censura, direitos autorais, liberdade intelectual [...]” etc. que poderão ser incluídos na política de desenvolvimento de coleções. Vale ressaltar que esse processo pode diferir em alguns aspectos de um autor para outro. Seguiremos a ordem apresentada por Maciel e Mendonça (2006).

Cada biblioteca tem uma comunidade específica a qual deva servir. Vergueiro (1989) pontua que para a biblioteca pública a comunidade é formada por todas as pessoas que residem na proximidade ou, mais especificamente, na jurisdição política servida por ela. No caso da biblioteca escolar, são todos os alunos matriculados na escola, professores e profissionais que atuam nesta instituição. A comunidade para uma biblioteca universitária corresponde ao corpo docente, discente e os funcionários. Para as bibliotecas especializadas, a comunidade torna-se a instituição, a companhia, a fundação ou empresa que a criou. Partindo desse princípio, entendemos que a comunidade específica a ser contemplada com os serviços de bibliotecas nos CAPS seria formada pelos profissionais da rede de saúde mental, os usuários e seus familiares. Para tanto, é necessário elaborar uma política de desenvolvimento de coleções.

A política de desenvolvimento de coleções é uma ferramenta importante para a tomada de decisão diante dos processos e fases da formação e desenvolvimento do acervo. Segundo Weitzel (2013), essa política consiste em um documento formal que garante a consistência dos procedimentos e seu aprimoramento ao longo do tempo, devendo expressar o interesse da instituição mantenedora e da comunidade a que serve. “A coleção deve ser desenvolvida tomando por base um plano preestabelecido que garanta sua continuidade e adequação necessária à formação da coleção (tanto em termos de conteúdo quanto de formato)” (MIRANDA, 2007, p. 88).

Vergueiro (1989) também pontua a importância e a necessidade da criação de politicas para a formação e desenvolvimento de coleções. Para ele, trata-se de estabelecer a real filosofia que norteia o trabalho do bibliotecário e que justifique a importância da coleção em desenvolvimento. Trata-se, também, de um documento que

torna público e expressa o relacionamento entre o desenvolvimento da coleção e os objetivos da instituição a que esta coleção deve servir. Esse documento não necessita ser extenso, mas deve ser completo no que se refere às diretrizes. Torna-se um guia prático para a tomada de decisão e um documento importante para o planejamento em larga escala. Para reafirmar a importância dessa política, Weitzel (2013, p. 74) acrescenta que:

> [...] a missão, os objetivos e metas da biblioteca estarão em consonância com a missão, objetivos e meta da instituição mantenedora. Acreditamos que um caminho para alcançar esta sintonia é por meio da política de desenvolvimento de coleções, pois este é um instrumento que viabiliza este olhar estratégico sobre as coleções, os serviços e os usuários em uma biblioteca.

Para compreendermos melhor a formação e desenvolvimento da coleção, torna-se necessário apresentarmos o passo a passo desse processo, começando pelo estudo da comunidade. Conforme já mencionado, alguns autores divergem a respeito de alguns aspectos do processo de formação e desenvolvimento de coleções. Por essa razão seguiremos o modelo desenvolvido por Evans apresentado por Vergueiro (1989). Sendo assim, a primeira etapa a ser abordada, trata-se do estudo da comunidade.

3.4.1.1 Estudo da comunidade

O estudo de comunidade baseado nas ideias de Vergueiro (1989) consiste em um levantamento que tenha como objetivo conhecer as necessidades informacionais da comunidade em que a biblioteca se insere. Para conhecer uma comunidade, os profissionais podem levantar informações que possam auxiliar na compreensão da mesma, tais como: fatores históricos, dados geográficos, educacionais, culturais, políticos etc. De posse desses dados, os bibliotecários podem realizar entrevistas e aplicar questionários com a população do entorno para mapear com mais precisão as necessidades dos indivíduos. Após um estudo da comunidade de usuários, Maciel e Mendonça (2006, p. 17) acrescentam que,

> [...] deverá ser elaborado um diagnóstico apresentando um perfil dos usuários, ou seja, suas principais características, seus desejos e necessidades informacionais, seus hábitos de leitura e de frequência à biblioteca e tudo o mais que for conveniente ao sistema conhecer.

Concordando com esse ponto de vista, Weitzel (2013), afirma que os estudos da comunidade são instrumentos importantes para a administração de bibliotecas e para o desenvolvimento de coleções. Para a administração, contribui de forma geral, no entanto, no que se refere à formação e desenvolvimento da coleção, torna-se um elemento essencial para que essa coleção tenha um crescimento racional, ordenado e significativo. Neste sentido, é importante que o bibliotecário elabore um perfil da comunidade e traduza em palavras e números as principais características que orientarão o planejamento global das coleções.

Figueiredo (1994) menciona que esse tipo de estudo se torna uma investigação, análise ou coordenação dos aspectos econômicos, sociais, culturais etc, inter-relacionados com o grupo selecionado. O conhecimento da comunidade local e as mudanças e transformações sociais refletidas podem ser fatores que afetam as metas e objetivos da biblioteca. Conhecer a comunidade torna-se uma ferramenta indispensável para a gestão da biblioteca, afinal, cada biblioteca existe para realizar uma função ou atingir objetivos específicos, que justifiquem a sua criação e permanência em determinado contexto.

Após se ter conhecimento da comunidade e da instituição em que a biblioteca estará inserida ou se insere, é possível ter um diagnóstico do perfil dos usuários. Para Maciel e Mendonça (2006), é possível conhecer suas principais características, desejos e necessidades informacionais, seus hábitos de leitura e a frequência com que vão à biblioteca. Esse diagnóstico torna-se um elemento fundamental para o desenvolvimento de políticas que nortearão o processo de formação e desenvolvimento de coleções. Essas políticas são instrumentos essenciais para diversas tomadas de decisão ao longo do processo contínuo da formação e desenvolvimento racional do acervo. Diante do exposto, podemos adentrar na fase da política de seleção.

3.4.1.2 Política de seleção

Segundo Vergueiro (2010), a política de seleção bem-estrutura fornece grande apoio nos momentos de decisão. Os critérios estabelecidos nesse documento devem funcionar para as bibliotecas da mesma maneira que as leis regem as decisões de um

país. Enquanto esses critérios não forem alterados ou modificados, deve-se obedecê-los. A política de seleção, como um documento formal, justifica-se por seu caráter administrativo (como forma de garantir a continuidade dos critérios); pelo caráter de relações públicas (ao tornar a biblioteca simpática aos olhos da comunidade); e pelo seu caráter político (como um instrumento para gerenciar conflitos ou pressão em torno da coleção).

Outro ponto importante apontado por Vergueiro (1989, p. 38), diz respeito à "[...] expansão desenfreada da produção editorial e dos recursos sempre insuficientes para a aquisição de materiais, é preciso deixar claro os critérios que nortearão a opção por determinados materiais em prejuízo de outros.". O autor acrescenta ainda que os critérios que devem constar na política de seleção são: a comunidade a qual a biblioteca atende, os recurso financeiros disponíveis para aquisição e as próprias características do objeto a ser adquirido, tais como o assunto, idioma, etc.

Weitzel (2013) afirma que, para que os critérios possam ser aplicados no processo de seleção de materiais, é necessário objetiva-los, isto é, criar mecanismos para a verificação e validação, levando em consideração a contribuição potencial de um item, por meio da identificação de aspectos relevantes para a instituição mantenedora assim como, também, e, principalmente, o seu público-alvo. A autora entende que os critérios básicos podem ser agrupados em três categorias gerais, que são:

> - **Quanto ao documento**: autoridade, atualidade, precisão, imparcialidade cobertura/tratamento do assunto.
> - **Quanto ao usuário**: estilo, convivência, idioma e relevância/interesse.
> - **Quanto aos outros aspectos**: características físicas, aspectos especiais, contribuição potencial e custo (WEITZEL, 2013, p. 30-31, grifo nosso).

Romani e Borszcz (2006) listam os principais critérios de seleção aplicados a cada obra a ser adquirida pela unidade de informação, seja por compra, doação ou permuta. São eles: conteúdo temático, data de publicação, idioma, duplicação de exemplares, edições originais x tradução, edições recentes x edições antigas, obras esgotadas etc. Além desses critérios, as autoras ainda mencionam o número de usuários potenciais que farão uso do material, autoridade do autor/editora, reputação do publicador, características físicas da obra, custo justificável da obra considerando a

verba e outras obras importantes, disponibilidade da obra em outra unidade de informação que compõe a rede, etc.

Estes critérios devem estar descritos de maneira clara na politica de seleção. Diante da seleção criteriosa de títulos, Miranda (2007), afirma a necessidade de eleger regras claras que auxiliem a comissão de desenvolvimento de coleções a optar por determinados materiais, em prejuízo de outros. Essas decisões criteriosas garantem o crescimento racional e equilibrado da coleção, assegurando a qualidade em concordância com as necessidades de informação dos usuários do sistema.

Vergueiro (1989, 2010) ressalta a importância da existência de uma política de seleção como parte integrante de uma política maior para o desenvolvimento do acervo. Essa política garante a manutenção dos critérios para a tomada de decisão e torna-se uma maneira de justificar que a coleção não está sendo desenvolvida de maneira aleatória e que os recursos financeiros para a aquisição de materiais estão sendo empregados de maneira racional e consciente. O estabelecimento dessa política converte-se em um passo importante para transformar o agrupamento de materiais informacionais, ou seja, as bibliotecas, em um verdadeiro projeto informacional. Após a construção desse documento, entra-se na próxima etapa, a seleção.

3.4.1.3 Seleção

A seleção tem uma importância ou função significativa dentro do processo de formação de coleções, uma vez que implementa o que está formalizado na política de seleção. Nesta fase, há a tomada de decisão com relação aos materiais que irão compor o acervo, tanto quanto à forma (livros, periódicos, audiovisuais, patentes, DVDs, CDs etc.), quanto ao conteúdo (assuntos de interesse, nível de cobertura desejado etc.). A execução da seleção de maneira eficaz produz reflexos positivos nos demais serviços subsequentes, dentre eles, a relevância quanto a recuperação e utilização do documento ou item. Caso a seleção seja mal conduzida, reflexos negativos aparecerão no futuro, tais como a não utilização da coleção e a insatisfação dos usuários perante o sistema de informação (MACIEL; MENDONÇA, 2006).

Segundo o pensamento de Miranda (2007), o processo de seleção constitui a etapa mais importante da política de desenvolvimento de coleções. É por meio da escolha eficiente e adequada de materiais informacionais que se garante a qualidade e o ajustamento do acervo para atender as reais necessidades dos usuários. Portanto, segundo essa autora, essa etapa do processo garantirá a usabilidade do material adquirido e o sucesso do sistema informacional. Por isso a importância da atenção durante esse estágio do desenvolvimento. A mesma autora ainda acrescenta que:

> Este procedimento na seleção é indispensável, visto que de nada valeria ter um acervo imenso, porém inadequado aos nossos clientes, pois, sem eles, a biblioteca não passaria de um depósito de documentos, e deixaria de realizar seu papel de organizar, processar e disseminar as informações, objetivando sua difusão e criando meios para a proliferação do saber para futuras gerações (MIRANDA, 2007, p. 89).

Para tanto, Vergueiro (1989, 2010) afirma a importância da criação de uma comissão de seleção para a tomada de decisão em grupo. Além do bibliotecário, essa comissão poderá ser composta tanto por profissionais das diversas áreas da instituição, quanto por usuários da própria biblioteca. Compreende-se que a decisão em grupo constitui uma modalidade que traz vantagens, pois permite compartilhar a responsabilidade pelo desenvolvimento do acervo e possibilita engajar a comunidade na participação ativa da gestão da biblioteca.

Muitas vezes essa tarefa é delegada a outros personagens do sistema informacional, tais como: superiores hierárquicos, diretores, secretários municipais, pesquisadores etc. No entanto, caberá ao bibliotecário se inserir nesse processo e, mesmo que a decisão final não pertença a ele, é necessário que este profissional esteja presente, uma vez que ele conhece, ou deveria conhecer, o acervo sob sua responsabilidade. E também porque tem contato direto com os usuários e conhece, ou deveria conhecer, suas necessidades informacionais.

Weitzel (2013) acrescenta que são requisitos indispensáveis para essa etapa: manutenção de catálogos comerciais de livrarias e editoras, atualização da lista de sugestão dos usuários, acompanhar o movimento editorial na área de atuação da biblioteca, estar atento aos acontecimentos políticos, culturais, sociais e econômicos etc. Estes são instrumentos ou conhecimentos importantes para que os bibliotecários e demais membros da comissão possam realizar a seleção de materiais.

Enquanto a política de seleção aponta diretrizes de como fazer a melhor escolha dos materiais informacionais, a seleção consiste no fazer propriamente dito. Segundo Weitzel (2013), em termos práticos, faz parte da atividade de seleção a transcrição dos itens selecionados e o controle das informações, que serão submetidos à comissão. É necessário descrever com detalhes os itens desejados que por ventura possam ser incorporados ao acervo. Normalmente elabora-se uma lista, mas é necessário, também, criar uma base de dados para registrar os pareceres das decisões tomadas pela comissão. Ao tratar dessa lista, Vergueiro (2010) menciona que ela é conhecida por: lista de desiderata, lista da demanda reprimida ou lista de sugestão. Neste sentido,

> [...] o bibliotecário e demais profissionais envolvidos com as atividades de desenvolvimento de coleções elaborem uma espécie de formulário único que possa cumprir as funções de recolher as sugestões dos usuários e dos bibliotecários, dos procedimentos de análise dos membros da comissão de seleção e de execução da aquisição (WEITZEL, 2013, p. 38).

Essa espécie de formulário único facilita a compreensão e acompanhamento do processo de seleção e, posteriormente, a aquisição propriamente dita. Para Miranda (2007) o responsável pela seleção deverá verificar cuidadosamente se a aquisição de determinado material que consta na lista de seleção irá, de fato, cumprir a finalidade da biblioteca, uma vez que ela deverá ser fiel às necessidades dos usuários da instituição a qual está vinculada.

Conforme apresentamos nesta subseção, a seleção de materiais informacionais torna-se uma etapa importante e fundamental para que o crescimento da coleção não seja desenvolvido de maneira desordenada, irracional e sem finalidade. A existência de um acervo ordenado e desenvolvido de maneira controlada deve refletir a missão e os objetivos institucionais. Após essa seleção criteriosa, entra-se na fase de aquisição, tema que abordaremos a seguir.

3.4.1.4 Aquisição

O passo seguinte do processo de formação da coleção consiste na aquisição. Maciel e Mendonça (2006) afirmam que essa etapa do processo consiste na implementação das decisões da seleção e envolve as atividades inerentes aos processos de compra, doação e permuta de documentos. Acrescentam ainda que,

também faz parte desse processo, o controle patrimonial do acervo. Vergueiro (1989) menciona que o processo de aquisição deve ser entendido como uma etapa puramente administrativa, uma vez que não tem uma ligação direta com a comunidade, mas com aquelas decisões que foram tomadas na fase anterior, isto é, na etapa da seleção.

A criação da base de dados no processo de seleção, também pode ser compartilhada para as atividades de aquisição. Essa estratégia de compartilhamento possibilita uma maneira de tornar transparentes as decisões tomadas em ambos os processos. Essa base torna-se um instrumento fundamental para auxiliar o bibliotecário de aquisição para verificar e procurar atender aos pedidos de materiais urgentes, pendentes e aqueles que não foram atendidos por estarem esgotados. A base de dados com informações atualizadas torna-se um instrumento indispensável para a obtenção do êxito durante essa fase do processo (WEITZEL, 2013).

Essa fase do processo de formação de coleções requer um trabalho minucioso. De acordo com Miranda (2007) a concretização dessa etapa requer uma atenção cuidadosa do profissional encarregado para que haja uma correspondência entre a lista sugerida de aquisição e os materiais adquiridos. Na modalidade de aquisição por compra, exige-se uma atenção mais apurada, por causa dos recursos financeiros empregados na aquisição. Com relação à doação e à permuta, não se exige tanto empenho por parte do profissional, no entanto, também requer uma análise cuidada, afinal, o material deverá ser analisado antes da incorporação definitiva ao acervo.

Na modalidade de aquisição por compra de livros, revistas, jornais, DVDs, CDs, etc., Romani e Borszcz (2006) apontam que deve ser feita após processo de seleção e aprovação do orçamento pela direção da instituição, desde que esteja dentro das possibilidades financeiras da instituição da qual a biblioteca esteja subordinada. Neste momento, leva-se em consideração: obras que sejam de interesse dos usuários, renovação de assinatura de títulos de revistas e de novas assinaturas etc.

Vergueiro (2010) pontua quatro passos essenciais para o processo de aquisição por compra que são: 1) é necessário obter informação sobre o material desejado pela biblioteca. Isto é, verificar se já existe esse material na coleção, para evitar duplicação indesejada; 2) efetuar o processo de compra do material. Para isso, tem-se que selecionar fornecedores mais adequados para efetuar o processo de compra, levando

em consideração tanto os aspectos financeiros, ofertas e vantagens, quanto à rapidez no fornecimento dos itens. Após o recebimento do material, cabe ao profissional conferir a ordem de compra e verificar as condições físicas do material; 3). Manter e controlar os arquivos. Esse controle consiste na atualização da lista de desiderata para sinalizar os itens que ainda estão em processo de aquisição, aqueles que foram adquiridos e aqueles que já estão em processo de catalogação; por fim, o passo 4) administrar os recursos disponíveis para aquisição. Essa etapa abrange a distribuição, controle e utilização racional dos recursos financeiros.

De acordo com Vergueiro (1989) e Miranda (2007), a aquisição por meio de compra em bibliotecas ligadas à administração pública, seja na esfera municipal, estadual ou federal, deve seguir procedimentos legislativos. Os processos de compras de materiais informacionais devem ser executados conforme o regime da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, que estabelece as normas gerais sobre licitação e contratos administrativos. As compras realizadas por meio de licitações englobam três modalidades: convite, tomada de preço e concorrência.

Miranda (2007) faz uma observação importante ao afirma que, diante da escassez de recursos financeiros na maioria das organizações, torna-se essencial a possibilidade de compartilhar recursos para reduzir as dificuldades para o desenvolvimento da coleção. A autora acrescenta ainda que a aquisição cooperativa é a decisão de várias bibliotecas com os mesmos interesses, estabeleçam uma rede de aquisição e de acesso às informações. Por exemplo: um título deixará de ser adquirido caso já pertença ao acervo de uma das unidades da rede. O compartilhamento de recursos informacionais favorece uma melhor relação custo/benefício, contribuindo com a economia de dinheiro, processamento técnico e espaço no armazenamento. Essas atribuições e procedimentos dizem respeito à modalidade de aquisição por compra. No entanto, têm-se mais duas: a doação e a permuta.

A doação é um procedimento comum e importante em todas as bibliotecas, sejam elas escolares, públicas, universitárias, especializadas, especiais etc. As doações são um importante instrumento para a aquisição e desenvolvimento do acervo, desde que o material doado seja avaliado conforme os critérios da política de desenvolvimento da coleção, para que esse material incorporado esteja de acordo com

os interesses institucionais ou corresponda às necessidades informacionais dos usuários (VERGUEIRO, 1989).

Quando a doação ocorre com muita frequência, pode surgir um problema referente à disponibilidade de espeço físico e sobrecarga de atividades do corpo técnico. Quando essa situação ocorre, materiais podem acumular-se nas bibliotecas à espera de decisão com relação à incorporação no acervo. Dependendo do volume de obras, nem sempre será possível selecionar o material no momento do seu recebimento. No entanto, não se pode recusá-lo (VERGUEIRO, 2010). Seguindo a mesma linha de raciocínio, o mesmo autor ainda acrescenta que,

> Em um país onde as bibliotecas e centro de informação são alvos de restrições orçamentárias, as doações são uma inestimável fonte para a aquisição de recursos informacionais: não podem ser absolutamente desprezadas ou encaradas de maneira superficial.

Muitos doadores de materiais informacionais almejam que suas doações recebam destaque especial no acervo, pontuando como essas obras deverão ser tratadas após o ato de doação. Essa situação é frequente por questões de apego ou com relação ao valor sentimental sobre determinados materiais. No entanto, nem sempre todas as obras serão incorporadas ao acervo. Vergueiro (2010) afirma que as bibliotecas foram e são criadas para atingirem objetivos específicos dentro de determinado espaço social e que, nem sempre as obras doadas vão ao encontro dos interesses institucionais ou irão atender as necessidades dos usuários.

Para evitar situações constrangedoras, é necessário definir uma política clara sobre as doações, incorporando-a à política de seleção e tornando-a pública à comunidade. A doação é um contrato de confiança entre o doador e a biblioteca e ambos devem ter ciência e concordância do que se está efetuando. Como procedimento adequado, convém que o doador receba uma cópia da política de seleção e tome conhecimento das diretrizes e critérios para que um material seja incorporado na coleção. Para formalizar o ato de doação, a biblioteca deve solicitar a assinatura do doador concordando com a política da instituição. Ao final desse processo, a biblioteca poderá fornecer uma carta de agradecimento como um gesto simpático pela ação do doador em contribuir com o desenvolvimento da coleção (VERGUEIRO, 2010).

A terceira e última modalidade de aquisição, trata-se da permuta. Essa modalidade é mais comum em bibliotecas universitárias e especializadas. Geralmente o programa de permuta é estabelecido entre instituições que editam ou publicam suas próprias obras e, desta forma, firmam um convênio para intercâmbio do material. A permuta de duplicatas de periódicos, no desenvolvimento de coleções, parece constituir-se como uma atividade com aspecto mais informal, no entanto, eficiente. Seria uma forma de ajuda mútua, quando uma biblioteca elabora uma lista de duplicatas disponíveis para permuta, e envia a várias instituições com o intuito de fornecer números duplicados e receber números de seu interesse. A disponibilidade de obras para permuta ocorre mediante avaliação da coleção.

Do ponto de vista da avaliação, Maciel e Mendonça (2006) apontam a avaliação como um componente importante da administração, uma vez que é por meio de um processo avaliativo que se pode corrigir ou manter estratégias para atingir os objetivos que foram lançados nas etapas anteriores do processo de formação de coleções. A avaliação deve ser incorporada ao dia-a-dia dos bibliotecários para que a formação e desenvolvimento de coleções seja um processo holístico e integrado. Seguindo essa linha de argumentação, Miranda (2007, p. 91), acrescenta que:

> A avaliação da coleção deve ser sistemática e entendida como um processo empregado para medirmos a importância e a adequação do acervo com vistas à finalidade da biblioteca, possibilitando a manutenção ou a alteração dos parâmetros relativos à aquisição, à acessibilidade e ao descarte.

Como podemos perceber, o processo de avaliação torna-se uma atividade indispensável para que se mantenha a qualidade dos produtos e serviços de informação. Segundo Lancaster (1996, p. 2) “[...] qualquer avaliação a que a biblioteca seja submetida deve se preocupar em determinar em que medida ela desempenha com êxito essa função de interface.”. Afirma, ainda, que não é possível avaliar um acervo de maneira isolada ou em si mesmo, mas somente em função de sua utilização pelos usuários da biblioteca (LANCASTER, 1996).

Percebemos, por meio dessas discussões, a importância da avaliação dos serviços e da coleção da biblioteca como fator fundamental para o êxito e o sucesso da unidade de informação. O processo de avaliação além de ser algo rotineiro, “[...] envolve planejamento, diagnóstico das coleções, aplicação de padrões e critérios,

controle de dados de uso, valor e qualidade [...]" (WEITZEL, 2013, p. 58). No que se refere à avaliação da coleção, existem métodos apropriadas para tal fim. Maciel e Mendonça (2006, p. 24, grifo do autor) destacam as seguintes metodologias:

> - **quantitativas** – baseadas em dados estatísticos, principalmente sobre: tamanho da coleção, assunto, idade, clientela, etc.; um exemplo deste método seriam os dados estatísticos colhidos sobre os assuntos solicitados pelos usuários e não atendidos pela biblioteca.
>
>   OBS: os métodos quantitativos, apesar de fácil aplicação, não devem ser tomados isoladamente pois, neste caso, deixam de considerar o fator qualidade.
>
> - **qualitativas** – preocupadas com o conteúdo do acervo. Podem ser realizadas através do julgamento de especialistas, através da comparação com bibliografias ou mesmo especialmente elaboradas para este fim, ou através do uso real da coleção.

Os resultados da avaliação não são interpretados de modo isolados, mas são comparados com o intuito de extrair conclusões objetivas a serem usadas tanto na melhoria da política de coleção, quanto, ao mesmo tempo, na melhoria direta do acervo (MIRANDA, 2007). Dando seguimento a essa discussão, Weitzel (2013) acrescenta que a avaliação da coleção é um recurso fundamental para realizar ajustes necessários nas políticas de desenvolvimento de coleções de modo geral e em outras políticas mais restritas. Do ponto de vista prático,

> Ao avaliar um acervo, o que se procura de fato é determinar o que a biblioteca deveria possuir e não possui, e o que possui mas não deveria possuir, tendo em vista fatores de qualidade e adequação da literatura publicada, sua obsolescência, as mudanças de interesses dos usuários, e a necessidade de otimizar o uso de recursos financeiros limitados (LANCASTER, 1996, p. 20).

Conforme apresentamos nesta subseção, o processo de seleção deve ser algo rotineiro no dia-a-dia dos bibliotecários como forma de melhorar os produtos e serviços informacionais dentro das bibliotecas. Torna-se uma ferramenta importante para direcionar o crescimento racional do acervo tendo em vista a meta, os objetivos e a finalidade do sistema. Mediante avaliação do acervo, os profissionais podem realizar o desbastamento, que consiste no processo de remanejamento ou descarte definitivo de uma obra do acervo.

3.4.1.5 Desbastamento

Conforme apresentamos anteriormente, após avaliação criteriosa da coleção, chega-se ao processo de desbastamento como uma necessidade para se manter a qualidade do sistema informacional. Vergueiro (1989) menciona que as coleções necessitam desse desbastamento para que o crescimento do acervo seja harmonioso, para que parte do acervo não se desenvolva de maneira aleatória, tornando-se estranha ao conjunto. “Uma das principais funções do desbastamento é o ajuste do acervo às necessidades e desejos da comunidade e à missão institucional.” (WEITZEL, 2013, p. 65). Diante dos argumentos desses autores, compreendemos que no processo de formação de coleções, devemos levar em consideração não apenas aqueles materiais que devem entrar ou permanecer no acervo, mas, também, aqueles que devem ser retirados.

Vergueiro (1989) e Weitzel (2013) tratam do desbastamento como uma expressão mais ampla do que o simples expurgo de materiais. Eles dividem esse processo de desbastamento em dois subprocessos: remanejamento e descarte. O diagnóstico da coleção após o processo de avaliação irá direcionar o destino da obra ou das obras analisadas. O remanejamento consiste no deslocamento do material para um local menos acessível, com a finalidade de planejamento do espaço físico, conservação etc., enquanto no descarte ocorre a retirada definitiva de um item ou de obras da coleção.

Vale ressaltar que essas atividades devem ser realizadas constantemente nas bibliotecas como uma maneira de prezar pela utilidade e qualidade do sistema informacional. Os critérios que nortearão o remanejamento e/ou descarte como parte integrante do processo de desbastamento, devem constar na política de desenvolvimento de coleções. De acordo com Weitzel (2013, p. 67-68), o remanejamento de coleções ocorre por diversas razões, tais como:

> a) as obras que apresentam maior valor por sua raridade ou importância para a instituição podem ser remanejadas para locais de armazenamentos especial destacada das coleções correntes. O ambiente poderá ser controlado em termos de climatização e segurança patrimonial;
>
> b) as obras danificadas e/ou que necessitam de atenção especializada em relação à sua conservação ou preservação são remanejadas

> temporariamente para outro local, enquanto recebem tratamento apropriado, retornando depois ao local original de armazenamento;
>
> c) as obras que ainda apresentam relevância, mas estão abaixo da taxa média de uso em relação às coleções correntes e/ou são coleções retrospectivas.

Sobre esse ponto, dos critérios adotados para o remanejamento de obras ou coleções, Romani e Borszcz (2006) acrescentam que devem levar em consideração: títulos de livros e periódicos de valor histórico que não foram utilizados nos últimos anos, e, coleções de periódicos encerradas que, por ventura, possa ter a possibilidade de vir a ser reativada no futuro. Sobre essas afirmações, compreendemos que esses critérios apontados para o remanejamento de coleções são fundamentais para administrar a coleção em seu processo de crescimento racional.

Com relação ao descarte, Weitzel (2013) afirma que esse processo ocorre principalmente quando as obras não atendem mais as necessidades dos usuários e não estão de acordo com o perfil da instituição que a biblioteca esteja vinculada. O procedimento de descarte pode ser resumido em duas ações: retirada definitiva do item do acervo e a baixa no registro no catálogo da biblioteca. Levando em consideração as discussões sobre a qualidade do acervo decorrente do descarte, Lancaster (1996, p. 119) acrescenta que, quando "[...] se retiram livros velhos e sem uso, as estantes mostram-se mais atraentes para os usuários que terão mais facilidade em encontrar os itens mais novos ou mais populares que provavelmente estejam procurando.".

Os materiais descartados podem ser doados a outras instituições que, por ventura, possam ter interesse nestas obras. Com relação aos critérios adotados para se descartar obras de um acervo, Romani e Borszcz (2006) listam: obras inadequadas que não apresentam mais interesse para a instituição; obras consideradas ultrapassadas e desatualizadas; materiais em desuso que não são de interesses ou procurados pelos usuários; itens duplicados; materiais desgastados ou danificados pelo tempo, desde que não sejam obras raras ou de valor expressivo; e títulos de periódicos descontínuos e que não são de interesse para a unidade de informação.

Conforme já mencionamos anteriormente, há pequenas variações ou distinções nas etapas do processo de formação e desenvolvimento de coleções entre diversos autores da área. Sobre essa afirmação, apontamos que nem todos os profissionais enxergam o desbastamento dessa maneira que foi apresentado até então, mas como

um conceito ou ações distintas. De um lado o desbastamento, do outro o descarte. Sobre esse ponto de vista Maciel e Mendonça (2006, p. 25) acrescentam:

> O desbastamento consiste na retirada de documentos pouco utilizados pelos usuários, de uma coleção de uso frequente para outros locais [...]. Já o descarte, consiste na retirada definitiva do material do acervo da biblioteca, com a correspondente baixa nos arquivos de registro da mesma.

Compreendemos que mesmo que haja uma divergência conceitual, na prática têm-se as mesmas finalidades. Mesmo que muitas vezes essas ações de desbastamento e descartes sejam pouco utilizadas pelos bibliotecários, não podemos esquecer a importância delas para a qualidade do acervo que estaremos disponibilizando aos usuários. Em alguns tipos de biblioteca esses procedimentos podem ou devem ser mais frequentes do que em outros. Isso dependerá do acervo, da instituição mantenedora e da própria necessidade dos usuários.

O acervo de uma biblioteca na área da saúde mental seria desenvolvido conforme as necessidades informacionais dos profissionais e usuários daquela determinada comunidade. Essas fontes de informação auxiliariam aos profissionais no que se refere ao planejamento e desenvolvimento de atividades e forneceria aos usuários um espaço de convivência, de leitura e de aprendizagem. Quando tratamos da biblioteca como um espaço de vivência que vai além do acervo e dos serviços técnicos, podemos enxerga-la como um lugar dinâmico e mágico. Para que ela exerça sua missão, é preciso que a coleção esteja tratada, organizada e disponível aos seus usuários. Temas que abordaremos no decorrer desta pesquisa.

3.4.2 Tratamento técnico da coleção

Conforme descrevemos anteriormente, os procedimentos de formação e desenvolvimento da coleção não bastam por si só, é necessário que, diante dos materiais selecionados e adquiridos pela biblioteca haja tratamento técnico da informação para que este acervo organizado possa ser acessado e a informação desejada seja localizada pelos usuários. “Adquirido o material, ele será tombado, isto é,

registrado, em seguida classificado, catalogado, preparado para ser usado e, finalmente, guardado na estante.” (PRADO, 1992, p. 3).

De acordo com Romani e Borszcz (2006) essas atividades são de responsabilidade do bibliotecário, que poderá contar com a ajuda de um auxiliar ou técnico de biblioteconomia, seguindo as orientações necessárias estabelecidas por instrumentos de normas técnicas, tesauros, manuais de bases de dados, códigos catalogação e tabelas de classificação. Seguindo essa mesma linha de argumento, Maciel e Mendonça (2006) afirmam a importância do processamento técnico. Segundo as autoras, o bom desempenho do tratamento técnico influenciará a recuperação das informações e das fontes do sistema.

Todo material a ser inserido na coleção deverá receber um número de tombamento, que deverá ser registrado em livro de tombo ou diretamente no próprio sistema de informação desenvolvido para as bibliotecas, isto é, *softwares*. Esse material receberá um carimbo no qual devem constar informações sobre a forma de aquisição: por compra, doação ou permuta. Se a aquisição for por compra, deve-se informar o valor do material. Cada suporte de informação receberá um número de registo que é único para cada obra. Romani e Borszcz (2006, p. 37) afirmam que o carimbo de registro “tem a finalidade de registrar dados referentes ao patrimônio do material. Deve ser fixado no verso da folha de rosto da obra. Quando da não possibilidade, deve-se carimbar em local mais apropriado.”. Após essa fase, entra-se no processo de classificação e de catalogação.

A classificação consiste no processo mental que visa entender, compreender ou relacionar coisas, objetos ou ideias no mundo real. Pode ser, também, o ato de separar por semelhança ou diferenças, dividir em grupos ou classe de acordo com aspectos ou considerações exigidas pelo material, documento ou ideia. No campo da Biblioteconomia, o processo de classificação equivale a designar um assunto e uma numeração correspondente a esse assunto à um documento, de maneira que esse material seja recuperado com eficiência (VIEIRA, 2014).

As tabelas de classificação e os códigos de catalogação são úteis na medida em que facilitam a busca, a recuperação e o intercâmbio de documentos informacionais. De maneira prática, são instrumentos importantes para a organização e recuperação

materiais informacionais. É importante frisar que todas as decisões tomadas pelos gestores de bibliotecas com relação a esses procedimentos técnicos, devem-se levar em consideração duas situações. Em primeiro lugar, as características dos usuários da biblioteca; em segundo lugar, as próprias exigências de normalização das regras ditadas pelos códigos. Cada biblioteca deverá personalizar seus serviços conforme as caracteristicas de seus usuários. A finalidade é que o sistema seja compreensível e acessível e não cause o distanciamento dos usuários (MACIEL; MENDONÇA, 2006).

A classificação consiste no agrupamento das obras conforme os assuntos de que se tratam. Portanto, classificar é determinar o assunto de um livro. A classificação é considerada uma ferramenta imprescindível para o sistema de biblioteca no que se refere à organização, recuperação da informação e à disseminação propriamente dita. O sistema de classificação atribui um número a cada assunto. Existem inúmeros sistemas de classificação de materiais informacionais (PRADO, 1992). Abordaremos a seguir os dois sistemas de classificação mais conhecidos, que são: a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU).

A Classificação Decimal de Dewey foi baseada na classificação das ciências de Francis Bacon e serve para disponibilizar e agrupar livros que tratam do mesmo assunto. As suas dez classes são baseadas na divisão do conhecimento em três grupos: memória, imaginação e razão. A numeração é dividida em classes que vão de 000 a 900. São utilizadas para as grandes áreas do conhecimento (ROMANI; BORSZCZ, 2006). Suas tabelas podem ser usadas na íntegra ou resumidas, conforme a possibilidade de crescimento da coleção. Para as bibliotecas cuja capacidade não ultrapasse 5.000 volumes, recomenda-se utilizar a edição abreviada e não deve ser usada mais que duas classes decimais. O número de classificação é representado por três algarismos inteiros, podendo haver subdivisões conforme a especificidade do assunto. Conforme nos apresentam Romani e Borszcz (2006, p. 41), as áreas do conhecimento são:

000 Generalidade
100 Filosofia e Psicologia
200 Religião
300 Ciências Sociais
400 Linguagem/Linguística
500 Ciências Naturais e Matemática

600 Tecnologia (Ciências aplicadas)
700 Artes
800 Literatura e Retórica
900 Geografia e História.

O outro sistema de classificação bastante conhecido na área da biblioteconomia para a classificação de obras é a Classificação Decimal Universal. De acordo com Prado (1992) esse sistema de classificação se baseou na estrutura desenvolvida por Dewey. É um sistema que foi bem desenvolvido e aperfeiçoado, apresentando um bom desdobramento das suas classes. Estabelece subdivisões detalhadas dos vários assuntos além de permitir um sistema de combinações de números e sinais determinados que possam registrar o lugar, o tempo, a forma, a língua etc., das obras classificadas. Romani e Borszcz (2006, p. 40) descrevem as dez classes desse sistema de classificação. Vale ressaltar que a classe 4 é uma classe vazia como uma reserva para o futuro, caso venha a surgir uma nova área do conhecimento que não se enquadre nas demais:

0 – Generalidades (Dicionários, Enciclopédias)
1 – filosofia
2 – Religião
3 – Ciências Sociais
5 – Ciências Exatas
6 – Ciências Aplicadas
7 – Artes, Jogos, Desportos
8 – Literatura
9 – Geografia, Biografia, História.

Portanto, são estes os dois sistemas de classificação mais conhecidos para a organização do acervo conforme o assunto das obras. Para que os livros sejam organizados e possam ser localizados nas estantes, ainda se faz necessária a utilização da tabela de Cutter. De acordo com Romani e Borszcz (2006), nessa tabela para cada autor é dado um número, que é atribuído ao sobrenome. As autoras ressaltam, ainda, que além da utilização destas tabelas, cada unidade de informação pode desenvolver sua própria classificação. Depois desse processo, entra-se na fase da catalogação.

O processo de catalogação consiste no ato de registrar tudo o que há na biblioteca, com a finalidade de possibilitar ao leitor saber quais obras compõe o acero e sua localização. Como o nome diz, a catalogação resulta em um catálogo no qual os

usuários possam consultar se determinada obra consta na coleção, sobre a existência de determinado assunto ou materiais específicos de um autor. Há diversos tipos de catálogos, porém os mais utilizados são os catálogos sistemáticos, divididos em três seções: autor, assunto e título. Esse catálogo sistemático é organizado de acordo com o sistema de classificação adotado pela biblioteca (PRADO, 1992).

Seguindo as discussões sobre a finalidade da catalogação, Romani e Borszcz (2006) afirmam que esta pode ser definida como um processo de representação descritiva de cada material incorporado no sistema. Consiste no preenchimento de campos ou planilhas de entrada de dados, levando em consideração a utilização de *softwares* de bibliotecas ou na elaboração de fichas catalográficos nos modelos manuais. Esse processo tem a finalidade de registar os dados resultantes das etapas anteriores de registro e de classificação, que visam a recuperação dos materiais informacionais.

Cada atividade dos serviços de bibliotecas tem uma função específica. Diante dessa afirmação, Mey (1995) tece argumentos conceituais pontuando a função e necessidade da catalogação. Para ela, a catalogação é o estudo, preparação e organização da informação codificada, como uma forma de permitir a interseção entre as mensagens contidas nos suportes de informação e as mensagens internas dos usuários. Ainda sobre essa questão conceitual, Vieira (2014, p. 109) afirma:

> A catalogação é feita com base na descrição das características dos documentos e constitui uma das tarefas centrais da atividade biblioteconômica. Deve ser vista como eficiente em seu processamento e eficaz em seu uso; e, se feita de forma correta, auxilia a recuperação precisa dos documentos.

De acordo com Mey (1995) a prática da catalogação compreende várias etapas e cada uma delas subdivide-se em vários processos. De maneira geral, visualiza-se esse processo em quatro grandes eixos: leitura técnica, descrição do item, determinação dos pontos de acesso e determinação dos dados de localização. A representação descritiva de um material não é um trabalho mecânico, implica em levantar as caraterísticas de um item e o conhecimento dos usuários que a biblioteca atende. A catalogação permite que uma obra, ao ser inserida na coleção, possa ser capaz de ser localizada e acessada pelos usuários. Para cumprir a sua função, a catalogação deve possuir as seguintes características: integridade, clareza, precisão, lógica e consistência.

A leitura técnica permite ao bibliotecário analisar o livro no processo de catalogação, visando levantar informações necessárias à sua representação física. Fontes de informação são as partes em que os catalogadores podem extrair informação (MEY, 1995). Seguindo esses mesmos argumentos da leitura técnica, Prado (1992) estabelece alguns critérios importantes que servem como pistas para que o bibliotecário inicie esse processo de catalogação. O primeiro passo é o exame cuidadoso das partes impressas do material. Elaboramos abaixo, com base nas ideias dessa autora, um quadro que mostra os pontos principais de informação para o trabalho de catalogação de materiais impressos, que são:

Quadro 1 - Fontes de informação para a leitura técnica

Fontes de informação	Características
Páginas preliminares	São as que precedem a página de rosto, verso da página de rosto, página de anterrosto e capa.
Página de rosto	Constitui o elemento mais precioso para o catalogador. Nela deve aparecer o nome do autor ou autores, o título, a edição e a imprenta (local de publicação, casa publicadora e data de publicação).
Prefácio	Nem todas as obras têm prefácio, porém é útil, porque geralmente explica a obra.
Introdução	Pode ser uma apresentação, como o prefácio, e pode citar o conteúdo do livro.
Índice	É a lista, em ordem alfabética, do que a obra contém, ou de nomes citados, apresentada no final da obra.
Sumário	É a lista dos capítulos, na ordem em que eles aparecem na obra.
Notas de rodapé, notas marginais, notas bibliográficas, apêndices, adendas etc.	Estes detalhes devem merecer a atenção do catalogador, pois muitas vezes são de interesse dos usuários da biblioteca.
Texto	É a apresentação do conteúdo da obra.

Fonte: Elaborado pelo autor adaptado de Prado (1992).

Após a leitura técnica do material, a catalogação compreende o processo de descrição bibliográfica ou representação descritiva. É a etapa da catalogação responsável pela caracterização do material informacional. Essa descrição é o processo de extração de todas as informações que por ventura venham a interessar os usuários e, de certa maneira, individualiza o item, tornando-o único entre os demais. A partir de 1969, criou-se um padrão internacional de descrição bibliográfica que dividiu as informações descritivas em oito áreas: do título e da responsabilidade; da edição; dos detalhes específicos do material; dos dados de publicação; da descrição física; da série; das notas; e do *International Standard Book Number* (ISBN), isto é, Número Internacional Normalizado para Livros (MEY, 1995).

Em seguida, são estabelecidos os pontos de acesso, que são entradas pelas quais os usuários podem acessar as obras conforme a responsabilidade intelectual, título e assunto de um item (no caso de catálogos manuais). Os pontos de acesso se dividem em principal e secundários. O ponto de acesso principal é aquele que encabeça a entrada principal da ficha bibliográfica. Já os pontos de acesso secundários são os demais pontos de acesso além do principal. É importante ressaltar que em catálogos automatizados, além dos pontos de acesso, uma obra poderá ser localizada por qualquer informação contida na representação. Nos processos de catalogação informatizados se faz apenas um registro com vários acessos. Os pontos de acesso são controlados para que não haja ambiguidade na busca de informação (MEY, 1995).

Por fim, são determinados os dados da localização, que permitem aos usuários localizar determinado material no acervo. De acordo com Mey (1995), os dados de localização podem compreender: código da biblioteca e número de chamada. O código da biblioteca corresponde a um código específico que identifica determinada biblioteca ou unidade de informação dentre as bibliotecas que compõem uma rede. Já o número de chamada é um código fixado na lombada dos livros de maneira que fique visível aos usuários e que deve também constar nos registros bibliográficos. Constam neste número: notação de assunto (determinado a partir de sistemas de classificação), notação de autor (adquirida na tabela de Cutter) e outros elementos importantes (indicação de acervo, de edição, de data, de volume, de exemplar etc.).

Conforme apresentamos anteriormente, o bibliotecário catalogador precisa ficar atento aos detalhes da obra para que a catalogação corresponda à descrição física do material conforme, também, o perfil da comunidade em que a biblioteca atende. De acordo com Romani e Borszcz (2006, p. 43) para que a catalogação seja efetuada de maneira eficaz, essa atividade deve ser realizada com utilização de instrumentos técnicos necessários:

- Manual de base de dados;
- Tesauros e/ou vocabulário controlado;
- Catálogo de autoridades;
- NBR 6023 – Norma de Referência Bibliográfica;
- Tabela de código de localização e patrimônio;
- Código de catalogação (ACR2);
- Cabeçalho de assunto.

É importante ressaltar que o *Anglo-American Cataloguing Rules, 2nd edition* (AACR2) ou Código de catalogação anglo-americano, 2ª edição, é um dos instrumentos importantes que ditam as regras para o processo de catalogação de recursos impressos ou tradicionais. No entanto, com o impacto das tecnologias da informação e comunicação no âmbito mundial, o AACR2 tornou-se obsoleto, dando lugar ao Resource Description and Access (RDA), isto é, Recursos: Descrição e Acesso, que surgiu a partir dos estudos de atualização do código anterior. O RDA é uma norma projetada para o ambiente digital, no entanto, vale pontuar que o conjunto de instruções práticas pode ser utilizado para as descrições de recursos tradicionais, não-tradicionais, analógicos e digitais, dentro e fora das bibliotecas (OLIVER, 2011).

Os materiais informacionais, após passarem pelos processos de registro, classificação e catalogação, vão para a parte final do tratamento técnico antes de irem para as estantes. Esse processo chama-se preparo físico. De acordo Romani e Borszcz (2006) o preparo físico consiste na preparação dos materiais para que eles sejam armazenados e emprestados aos usuários. Os livros e demais materiais informacionais recebem carimbos de registro e identificação, etiquetas com o número de chamada etc. Nos sistemas informatizados, cada item recebe um código de barra que o leitor lerá no momento do empréstimo. Já nos casos de sistemas manuais, deve-se desenvolver cartão de empréstimo e bolso para fazer o controle. Após acervo desenvolvido e

tratado, chega-se na fase da disseminação e mediação da informação. Tema que abordaremos a seguir.

3.4.3 Disseminação e mediação da informação

Diante de um acervo bem selecionado, desenvolvido e organizado com procedimentos técnicos apropriados conforme as necessidades da comunidade, chegamos à fase da disseminação e mediação da informação. Entendemos que, para que uma biblioteca ou uma rede de bibliotecas exerça sua missão de organização, armazenamento e disseminação da informação, é necessário que todos os serviços estejam articulados e sejam executados de maneiro uniforme, isto é, com o mesmo propósito ou finalidade pensando no usuário final.

Considerando a afirmação acima, podemos exemplificar que não adiantaria um acervo bem selecionado se não houver um tratamento técnico da informação adequado. Caso isso ocorresse, o sistema teria bons materiais informacionais, mas a busca e o uso da informação estariam comprometidos. Por outro lado, se uma biblioteca não leva em consideração os processos da formação e desenvolvimento da coleção e, mesmo assim, desenvolve um excelente tratamento técnico da informação, o sistema, de igual maneira, estaria prejudicado, pois os materiais poderiam ser localizados, porém não supririam os desejos e necessidades informacionais dos usuários. Ainda podemos ir um pouco além com a nossa exemplificação. Mesmo que uma biblioteca cumpra todos os processos da formação e desenvolvimento da coleção e exerça todos os procedimentos técnicos de organização do acervo, de nada adiantaria se não realizasse corretamente a disseminação e mediação da informação.

De acordo com Romani e Borszcz (2006) a disseminação da informação é a maneira como a informação e materiais adquiridos pelas bibliotecas são divulgados. Essa divulgação deverá ser contínua e regular, realizada por meio de serviços de alerta, elaboração de boletins informativos e sumários correntes e de outras formas. Vieira (2014) conceitua a disseminação da informação como um processo que significa difundir, espalhar para que, todo o trabalho anterior de formação e tratamento do acervo, torne-se acessível aos usuários. O mesmo autor acrescenta que:

> O amplo acesso à informação de qualidade oriunda de fontes diversificadas e plurais, produzidas em um ambiente democrático onde as liberdades de expressão e de imprensa estão garantidas de fato e de direito, é o elemento central para o alcance de índice elevado de desenvolvimento humano (VIEIRA, 2014, p. 199-200).

Quando nos debruçamos sobre as reflexões a respeito da importância do processo de disseminação da informação, podemos associar essa ação de disseminar com a questão da democratização da informação. Afinal, um acervo não pode findar-se em si mesmo. Sobre essa afirmação, Lara e Conti (2003) corroboram que disseminar informação supõe um ato de tornar pública a produção do conhecimento gerado por uma instituição ou organização. A terminologia equivale ou está associada à ideia de difusão ou divulgação, que pode ter formas variadas ou dirigidas e gerar inúmeros produtos e serviços informacionais nos diversos contextos.

Quando tratamos dos processos de disseminação e mediação da informação não podemos esquecer da apropriação da informação pelos usuários. Sobre esse ponto de vista, Almeida Júnior e Santos Neto (2014) pontuam que o objetivo das bibliotecas vai além do acesso e do fornecimento da informação. As atividades desempenhadas pelos bibliotecários devem ter como foco o acesso e a apropriação da informação, como forma de exercerem a função de mediação entre o usuário e a informação. O processo de mediação se efetiva por meio das atividades de organização e representação do conhecimento e na interação com os usuários, para gerar significações e atributos de valor aos conteúdos informacionais.

Entendemos que o processo de disseminação da informação aproxima os usuários dos serviços da biblioteca e que, dessa maneira, essa instituição passa a cumprir sua responsabilidade social. De acordo com Maciel e Mendonça (2006), as atividades-fim em um serviço de bibliotecas são inúmeras. Segundo as autoras, abrange desde a divulgação de um calendário de eventos a um grupo de especialistas, até o treinamento de um usuário na utilização de uma base de dados, ou organização de um clube de leitura etc. Esse processo de comunicação e disseminação de uma instituição biblioteca tem um fim que são os usuários do sistema.

Quando pensamos na finalidade de uma biblioteca, podemos fazer uma analogia ou reflexão com relação ao termo teleologia[18]. Uma passagem interessante na obra *Ética a Nicômaco,* de Aristóteles, trata justamente do fim último das coisas. O filósofo afirma que "[...] o fim da arte médica é a saúde, o da construção naval é o navio, o da estratégia é a vitória e o da economia é a riqueza." (ARISTÓTELES, 1973a, p. 249). Aristóteles faz esse jogo retórico para tratar do fim finalíssimo do homem que é a felicidade, isto é, tudo o que o homem faz é em função desse bem supremo.

Apresentamos essa passagem da filosofia antiga para levantarmos reflexões sobre o fim último das bibliotecas, que é a apropriação da informação pelos usuários. Caso não seja essa a finalidade de uma biblioteca, não saberíamos dizer qual outra seria. Essa reflexão a partir do pensamento aristotélico afirma a importância de se pensar sempre todos os processos e serviços desenvolvidos em uma biblioteca na busca de atingir a meta final, os usuários. Por isso, a importância não apenas de desenvolver acervos, mas de promover o acesso através da disseminação. Para Lara e Conti (2003) a grande questão da disseminação é criar condições para facilitar o fluxo de informação que propicie o conhecimento, a partir de elos de significação entre produto e recepção.

Os bibliotecários nos ambientes institucionais podem desenvolver serviços de disseminação seletiva da informação. De acordo com Souto (2010), esse serviço é compreendido como um processo, que a partir do perfil individual ou de grupo, os profissionais da informação encaminham e disponibilizam aos usuários informações pertinentes ou relevantes. A execução desse serviço seria a confrontação entre os perfis dos usuários com os recursos informacionais disponíveis. De acordo com Romani e Borszcz (2006, p. 94) são atribuições de um bibliotecário que promove serviços de disseminação seletiva da informação:

- Levantar perfis dos clientes, a fim de elaborar cadastro procurando identificar quais são os assuntos de seu interesse;
- Recuperar as informações de interesse dos usuários (notícias, livros, teses, relatórios de pesquisa, artigos científicos, boletins, etc);

[18] Teleologia é a parte da filosofia natural que estuda ou explica os fins das coisas, isto é, tudo aquilo que é por natureza existe para um fim. O finalismo como uma doutrina explica que qualquer evento no mundo se dirige para uma finalidade (ABBAGNANO, 2012).

- Organizar e enviar informações selecionadas aos usuários por meio de boletins informativos, lista de referências, e-mail etc.

Para que esse serviço ocorra de maneira eficaz, é necessário que os bibliotecários mantenham o cadastro do perfil dos usuários atualizado. Esse serviço é muito importante em instituições e está voltado para atender uma clientela específica. No caso de equipes multiprofissionais, o bibliotecário deverá ficar atento às necessidades informacionais de cada profissional dentro daquele contexto de atuação. A presença de bibliotecas e bibliotecários pode ser um diferencial para gerar fluxo de informação e, consequentemente, a produção do conhecimento.

A partir dessa noção de elo, adentramos na questão do bibliotecário como mediador. Sobre esse ponto de vista, Almeida Júnior (2004) afirma que o olhar do bibliotecário não deve estar centrado exclusivamente nos suportes de informação, mas suas ações devem estar voltadas para a mediação da informação. O autor entende que esta seria uma das principais causas do fazer bibliotecário, isto é, a mediação como o norte ou diretriz primordial, que pode transformar pessoas ou contribuir socialmente.

Um ponto importante que podemos levantar nesta seção, com relação aos serviços de biblioteca, é o serviço de referência. Segundo Grogan (1995), o trabalho de referência é mais do que uma técnica especializada, trata-se de uma atividade essencialmente humana que atende as necessidades informacionais dos usuários. Ele pontua que, de certa maneira, os bibliotecários de referência não fornecem apenas informação ao leitor, mas atendem as necessidades cognitivas. Eles tornam-se o elo entre o leitor e a coleção. Partindo desta explanação, compreendermos que o serviço de referência é de certa maneira um acolhimento, isto é, o serviço em que os profissionais têm contato com os usuários.

De acordo com Macedo (1990, p.12), o serviço de referência é a “[...] interface entre informação e usuário, tendo à frente o bibliotecário de referência, respondendo questões, auxiliando, por meio de conhecimentos profissionais, os usuários.” Seguindo o pensamento dessa autora, ela afirma que o bibliotecário tem que buscar mecanismos para aproximar os usuários da biblioteca, fazendo com que o acervo de documentos existentes transforme-se em acervo informacional (MACEDO, 1990).

Sobre esse aspecto, Souza e Faria (2011) entendem que o bibliotecário de referência é aquele que dissemina a informação e, no desenvolvimento de suas funções, deve ter principalmente aptidão para lidar com as relações interpessoais. Para que ele exerça bem suas atividades dentro de uma biblioteca, é necessário que conheça bem as fontes de informação que a instituição possui. Neste sentido, seguindo a lógica destes autores, o serviço de referência tem uma importância significativa para que uma biblioteca atinja os seus objetivos, afinal, são os profissionais de referência que têm um contato direto com o público.

Portanto, o bibliotecário diante de sua responsabilidade como disseminador de informação, deverá prover a mediação entre as fontes de informação que compõem o acervo e os usuários. Ele poderá recorrer a diversas ações para assumir essa posição. Dentre essas ações, podemos citar a ação cultural como uma atividade importante para a promoção da cidadania e da cultura junto à sociedade. Abordaremos esse tema a seguir.

3.5 Ação cultural

Quando pensamos na dimensão social da biblioteca, não podemos reduzi-la a uma mera instituição debruçada nas técnicas de catalogação, na própria organização de acervos e no empréstimo de obras aos seus usuários. Uma biblioteca não se reduz meramente a esses processos e atividades. Sua razão de existência deve extrapolar os limites tecnicistas e abranger ações que promovam, ou possam promover, transformações significativas na vida dos indivíduos e trazer ganhos importantes para a sociedade em geral.

Sobre esse ponto de vista, adentramos nas questões da ação cultural. No entanto, antes de tratar propriamente da ação cultural, é necessário trazermos o conceito de ação e de cultura. Sobre essa perspectiva da ação no mundo, Freire (2007) menciona que a ação humana, do ponto de vista de uma ação crítica, situa o homem como um ser histórico e inserido no tempo, capaz de optar, de decidir e de valorar. Seria praticamente uma tomada de consciência perante o mundo como ato de liberdade.

Diante dessa afirmação de Paulo Freire, tornam-se evidentes as bases ideológicas da ação cultural, nas quais o termo ação não se reduz a um plano passivo de um termo vazio, mas a um conceito dinâmico que promove transformação a partir do processo educacional. Para tratarmos da ação cultural nas bibliotecas, é necessário, antes, compreendermos o que seria a cultura.

O conceito de cultura requer um olhar mais cuidadoso, uma vez que esse termo complexo é compreendido de maneira diferente por diversos campos científicos. Além dessa divergência terminológica, Coelho (1989) afirma que o conceito de cultura muda com o tempo. Acrescenta ainda que é a cultura que move o indivíduo ou os grupos sociais para longe da indiferença e da distinção. Para ele, a cultura é um processo de construção que procede não pela diluição de massa, mas pela diferenciação a partir de um senso crítico. A cultura está em constante interação e, de certa maneira, em contínuo conflito com aquilo que a nega.

Flusser (1983) afirma duas posições gerais para determinar o conceito de cultura. Para ele, do ponto de vista de uma primeira definição, a cultura é considerada como um conjunto de objetos, obras, coisas feias pelo homem, isto é, a síntese da posição dialética entre o pensamento e a matéria. A segunda definição para conceituar a cultura, seria o conjunto das práticas sociais e individuais, ou seja, as próprias ideias; a maneira de agir e de pensar dos seres humanos no mundo constituem a sua cultura como síntese das relações humanas. Barreto (2006) afirma que a cultura proporciona referências que, ao serem acessadas pelos sujeitos, possibilitam imprimir suas marcas no mundo como forma de pertencimento e de identidade.

Ainda sobre essa conceituação, Santos (2015, p. 175) entende que a cultura pode ser compreendida como “[...] tudo que é produzido pelo homem, às influências que este recebe desta por meio dos agentes culturais e das ações sociais e políticas junto a outros indivíduos ou grupos.”. Portanto, diante das afirmações expostas, compreendemos que somos frutos da cultura no que se refere às heranças culturais, os valores, a linguagem etc., e, ao mesmo tempo, estamos modificando-a constantemente com nossas ações, pensamento e transformações no mundo real.

Quando pensamos nestas ações no campo da cultura, podemos adentrar no âmbito da ação cultural. Coelho (1989) faz uma observação importante que distingue a

animação cultural da ação cultural. Para ele, a animação cultural é um processo que faz do animador o sujeito da ação e reduz os outros apenas a meros objetos. Na animação, são realizadas práticas voltadas para o lazer como se o animador fosse a alma da festa. Por outro lado, a ação cultural "[...] é um processo com um início claro e armado, mas sem fim especificado e, portanto, sem etapas ou estações intermediárias pelas quais se deva necessariamente passar." (COELHO, 1989, p. 12). Do ponto de vista desse autor, entendemos que a ação cultural se torna práxis, isto é, uma dinâmica com o intuito de transformação das estruturas sociais em que os indivíduos participantes também são sujeitos das ações desenvolvidas.

Com esse propósito de transformação humana, Cavalcanti Araújo e Duarte (2015) afirmam que a ação cultural se caracteriza pela subjetividade humana e pelo aprimoramento dos indivíduos. As ações culturais são fundamentais para o desenvolvimento dos sujeitos no que se refere à autonomia e à cidadania. Além disso, tem um valor representativo e significativo quando se trata do novo paradigma moderno da biblioteca. Afinal, nesta concepção, a biblioteca tem que ser dinâmica e criativa para atender as gerações futuras. Seguindo essa linha de raciocínio, Rasteli e Caldas (2015, online) afirmam:

> Os equipamentos culturais, como as bibliotecas, constituem-se em instrumentos e, como tal, precisam ser reconhecidas e utilizadas para a concepção da cultura como ação. É o que induz as pessoas a reconhecerem suas dificuldades, suas realidades, e abordarem-nos criticamente através das expressões culturais.

Logo, percebemos a necessidade de desenvolver ações culturais nos espaços das bibliotecas como possibilidade de modificação do mundo real. Sobre essa afirmação, Rosa (2009) menciona que a prática da ação cultural nas unidades de informação justifica-se a partir da contribuição educativa e pelo caráter transformador. As ações desenvolvidas possibilitam que os indivíduos se tornem sujeitos da cultura e tenham consciência da realidade social. A biblioteca não pode ser mais um espaço estático e isolado, mas deve se apresentar como um espaço de desenvolvimento que promova a capacitação dos usuários no que se refere ao acesso à informação e à produção de novos conhecimentos.

Ao romper com o paradigma tradicional, a biblioteca deixa de ser apenas uma extensão da comunidade regida pelos excessos burocráticos, pelo zelo ao acervo e pelo silêncio do espaço físico, para se tornar um espaço prazeroso, atraente, dinâmico e de livre acesso, voltado principalmente para a produção cultural. O seu acervo não deve conter apenas livros, mas outros suportes de informação tais como: CDs, DVDs, discos, fitas VHS, obras raras, pinturas, documentos históricos, documentos digitais entre outros materiais (SANTOS, 2015).

Diante dessa perspectiva da biblioteca como espaço de criação, de produção de conhecimento e que estimule o desenvolvimento cultural e social dos usuários, ela precisa ser ou fazer sentido para o seu entorno. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Rasteli e Caldas (2015) pontuam que o papel das bibliotecas ao proverem acesso à informação apropriada é permitir a aprendizagem e o desenvolvimento cultural dos indivíduos ou grupos sociais, podendo ser caracterizadas como locais de construção e de apropriação dos bens culturais.

De acordo com Barreto (2006), a interação do indivíduo no ambiente da biblioteca e os vínculos com outros indivíduos que estão presentes, preenche o espaço entre a realidade objetiva e a subjetiva. A interação, comunicação e diálogo entre os sujeitos a partir da leitura faz com eles expressem e percebam como participam da cultura. O papel da linguagem torna-se primordial e garante o intercâmbio da significação entre as pessoas, estimulando, desta maneira, o pensamento crítico. A mesma autora ainda acrescenta que “o conhecimento constrói no sujeito, é tarefa de significação (apropriação). Para que isso ocorra, é necessário que a informação esteja vinculada aos contextos e experiências do leitor” (BARRETO, 2006, p. 70).

A ação cultural deve ser vista ou compreendida como uma atividade associada à informação preexistente, isto é, ela é desenvolvida ou colocada em prática a partir da disponibilidade de informações e de acervos que estejam localizados em determinado local específico. Para cada atividade cultural no âmbito da biblioteca, é necessário que se identifiquem todos os registros disponíveis sobre o tema proposto. Essas informações podem estar em livros, fotos, vídeos, endereços na internet ou em outros suportes informacionais (MILANESI, 2002).

Sob essa perspectiva, compreendemos a importância da formação e do desenvolvimento da coleção de maneira racional para se criar acervos significantes para públicos específicos. Neste contexto, torna-se imprescindível o conhecimento das fontes de informação e do acervo em geral por parte dos bibliotecários, para que possam desenvolver práticas de ação cultural nos ambientes das bibliotecas. O próprio acervo e as fontes de informação tornam-se ferramentas para que as ações sejam planejadas e desenvolvidas no âmbito da comunidade.

Ainda sobre as práticas de ação cultural, Milanesi (2002) acrescenta que a biblioteca é um espaço aberto em que as pessoas possam encontrar informações, discuti-las e ter a possibilidade de criar novos conhecimentos a partir do acesso de outros materiais. Para isso, ele ainda afirma que esses espaços de informação devem repensar o acervo, destacar documentos pertinentes, incentivar o ciclo de palestras, exposições, exibição de filmes, cursos e outras atitudes. O espaço da biblioteca reconfigura-se pelo acervo e pelas ações significativas para a coletividade.

O processo de ação cultural consiste na criação ou organização de condições necessárias para que os indivíduos participantes inventem seus próprios fins, tornando-se sujeitos da cultura e não meros objetos. Por meio do lúdico e do imaginário, a biblioteca poderá exercer uma participação mais ativa na vida dos sujeitos ao promover eventos, projetos voltados ao resgate cultural e ações que visem a mediação da informação no processo político-educacional. Desta forma, as bibliotecas tornam-se importantes para o público e principalmente para o não-público, para que eles saiam de uma posição de meros expectadores e passem a ser produtores da cultura (SANTOS, 2015). Sobre esse processo de mediação da informação e da socialização do conhecimento, Almeida Júnior e Santos Neto (2014, p. 111) acrescentam que,

> [...] a mediação da informação, quando realizada de maneira consciente, é um dos principais meios de fazer com que o usuário se aproprie de forma satisfatória de uma informação. O desenvolvimento dessa atividade deve ser contextualizado e socializado, para fazer sentido tanto aos bibliotecários como aos usuários. Realizando a mediação da informação, os bibliotecários criam melhores condições e ambientes de busca, recuperação, acesso e uso da informação. Assim, os usuários podem criar novos conhecimentos a partir de um conhecimento já existente.

Desenvolver práticas de ação cultural com propósitos de transformação social, torna o bibliotecário um agente cultural. De acordo com Coelho (1989), o agente cultural

deve ser um profissional capaz de entender os mecanismos da atuação e interação em grupo com o objetivo de desenvolver a criatividade dos participantes. No processo de ação cultural o agente não é aquele que dirige o processo, mas aquele que cria condições para que as pessoas percorram o caminho por si só. De certa maneira, o agente cultural é aquele que prepara o terreno para que os outros criem, sem que haja autoritarismo, dirigismo ou paternalismo. Tem que perceber e tratar os indivíduos como livres e autônomos.

Cavalcanti, Araújo e Duarte (2015, p. 22) ainda sobre a questão do bibliotecário como agente cultural, acrescentam que “[...] é essencial que se comprometa ativamente nos projetos políticos e sociais da comunidade da qual está inserida, no sentido de gerar uma integração de forma que todos trabalhem em conjunto.”. Compreendemos que as ações em grupo tornam-se oportunidades de trocas intersubjetivas com o propósito de criação, transformação e de desenvolvimento do senso crítico perante qualquer tipo de dominação social. Neste sentido, “[...] a informação deixa de ser uma obrigatoriedade dos rituais da vida estudantil e passa a ser uma alavanca para mover o indivíduo e seu mundo.” (MILANESI, 2002, p. 99).

Fica evidente que o bibliotecário na atual sociedade da informação e do conhecimento necessita ter uma postura que vá além da disseminação da informação e abarque uma postura de socializador no que tange conhecimento e aprendizagem. Nesta perspectiva, o profissional da informação necessita considerar, como fator primordial, o diálogo e a participação dos indivíduos e da comunidade como um fator indispensável para a realização da ação cultural (CAVALCANTI; ARAÚJO; DUARTE, 2015). A ação cultural pode proporcionar transformações significantes na vida dos indivíduos, tal como as atividades de biblioterapia. São ações biblioteconômicas que têm a sua importância dentro do fazer bibliotecário e sobre a qual vamos discorrer a seguir.

3.6 Biblioterapia

Os bibliotecários que por ventura venham a atuar nas bibliotecas em ambientes de saúde mental podem promover atividades biblioterápicas. No entanto, antes de

apresentarmos a importância dessas atividades dentro dos CAPS, é necessário apontarmos algumas considerações históricas e terminológicas, para que tenhamos uma melhor compreensão sobre essa técnica e os benefícios da terapia por meio de livros para os usuários em sofrimento psíquicos.

A palavra biblioterapia é composta por dois termos de origem grega: livro e terapia. Logo, a biblioterapia é a terapia por meio de livros, ou seja, ela é realizada por meio de materiais de leitura selecionados, como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria. Essa técnica situa-se na corrente da hermenêutica existencial, ou seja, torna-se uma ação de interpretação da vida enquanto existência, que defende a subjetividade e o direito à fala de um “eu” e não de um “nós” do discurso institucionalizado (OUAKNIN, 1996). Considerando o que foi dito sobre a ação biblioterápica, percebemos uma valorização da subjetividade dos participantes no que se refere à história de vida de cada pessoa, às experiências no mundo da vida e às trocas intersubjetivas entre aqueles que estão no grupo.

Petit (2009) acrescenta que o termo biblioterapia pode alcançar sentido mais amplo ao cobrir um conjunto de mediações culturais seguidas de discussões em grupo, em contextos que ultrapassam o âmbito hospitalar. Sobre esse ponto de vista da expansão da aplicação dessa técnica em diversos espaços ou instituições sociais, Caldin (2010) acrescenta que inicialmente a biblioterapia era confinada aos hospitais e, mais especificamente, voltada para os doentes mentais. No entanto, as práticas biblioterápicas se estenderam às escolas, creches, orfanatos, prisões, casas de repouso, asilos, centro comunitários e outros espaços, com o intuito de auxiliar na solução de pequenos problemas ou amenizar sofrimentos psíquicos das pessoas.

Apesar da biblioterapia ainda ser uma atividade pouco difundida em nossa sociedade, ela não é uma atividade nova. A leitura de livros como uma virtude para a cura da alma vem das civilizações antigas. Segundo afirmação de Caldin (2010), a intuição da capacidade terapêutica por meio de livros remonta às civilizações egípcia, grega e romana. Essas civilizações consideravam suas bibliotecas como espaços sagrados e acreditavam que a leitura possibilitava alívio das enfermidades. Em termos históricos, pode-se dizer que medicina e literatura sempre tiveram algo que as convergia para o mesmo olhar: o cuidado com o ser.

Na Grécia antiga e na Índia, por exemplo, recomendava-se a leitura individual como parte do processo de tratamento médico. Nos Estados Unidos da América, desde o século XIX, a leitura individual é utilizada como coadjuvante no processo de recuperação dos enfermos. Somente a partir do século XX que essa técnica ficou conhecida como biblioterapia, isto é, nome específico para a ação de leitura compartilhada em grupo. Após essa leitura, abre-se para discussões como forma para se pensar e refletir sobre o conteúdo lido. O uso de materiais de leitura e a interação com o grupo mostram, desde aquela época, uma contribuição para nutrir a saúde mental dos participantes (CALDIN, 2010). Essa contextualização histórica reforça a importância social da leitura para a vida dos indivíduos.

A leitura, seja ela narrativa ou dramatizada, pode proporcionar a catarse. A catarse é um estado em que o indivíduo libera emoções, à medida que se identifica com as personagens. Este estado de introspecção pode ser o primeiro passo para uma reeducação das emoções (CALDIN, 2010). O termo catarse remete tanto ao campo médico quanto ao campo estético-filosófico. Abbagnano (2012) pontua que, para Aristóteles, a catarse seria uma espécie de libertação ou serenidade que o drama e a música provocam no homem. Aristóteles (1973b), na obra *Poética*, classifica a tragédia como o gênero literário superior, uma vez que ela é a imitação de uma ação de caráter elevado, completa e em linguagem ornamentada. As diversas partes do drama suscitam o terror e a piedade e esses sentimentos têm por efeito caráter de purificação de tais afetos.

Esses eram os efeitos catárticos advindos da encenação. Já do ponto de vista médico, podemos citar os primórdios da psicanálise e da psiquiatria. Para Roudinesco (1998), o termo catarse foi retomado por Sigmund Freud e Josef Breuer ao tratar dos estudos da histeria, quando se distanciaram do campo do hipnotismo. O método catártico tornou-se um procedimento terapêutico pelo qual um sujeito, através da fala, poderia eliminar seus afetos patogênicos, revivendo os acontecimentos traumáticos aos quais estava ligado. Podemos dizer que a própria fala deu voz à psicanálise e a catarse foi o início do método da associação livre, técnica fundamental dos analistas.

Após essa explicação sobre a purificação das emoções, tanto advindas de Aristóteles no campo estético, quanto do saber psicanalítico, vale ressaltar a

importância da distinção e das delimitações desses campos para a compreensão de nossa proposta biblioterápica. Ouaknin (1996, p. 17) defende que “[...] é possível substituir a cena do teatro pela cena literária”. Partindo dessa perspectiva, vale ressaltar que, segundo Caldin (2010) a biblioterapia é dividida em duas categorias: a biblioterapia clínica, desenvolvida por psicólogos, e a biblioterapia de desenvolvimento, concebida por bibliotecários, fazendo uso de materiais informacionais e, mais especificamente, textos literários. Seitz (2006, p. 19) acrescenta:

> A biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais e leituras planejados, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas.

A terapia por meio de textos literários não deve ser confundida com uma simples leitura, seja ela narrativa ou dramatizada. Para que se concretize, é necessário que haja comentários advindos da leitura associados com a vivência dos ouvintes. É necessário ouvir o novo texto criado por cada um dos participantes na sessão de leitura. Essa troca de experiência faz com que a leitura torne-se um fluxo temporal, uma síntese de significações e criação (CALDIN, 2010). A interpretação, do ponto de vista de Ouaknin (1996), implica na possibilidade de existência e de liberdade a partir do que foi lido. Essa produção de sentidos e significados possibilita ao ser uma nova maneira de enxergar o mundo, uma vez que a própria estrutura do mundo se constitui a partir da estrutura da linguagem. A mudança de pensamento possibilita, de certa maneira, olhar os fenômenos do mundo real de forma diferente.

> O diálogo biblioterapêutico não é o simples diálogo, mesmo bem-sucedido, em que cada um fala e escuta em atitude de respeito mútuo. A particularidade do diálogo biblioterapêutico é a presença, entre os parceiros do diálogo, de um texto, de um livro, de um objeto de arte, de um objeto simplesmente, a ser comentado e interpretado (OUAKNIN, 1996, p. 152).

Sobre a importância da leitura, Petit (2008, 2009), afirma que o ato de ler possibilita a abertura de um novo horizonte, proporcionando um estado de devaneio que permite ao leitor a construção de um mundo interior, isso é, um espaço psíquico que sustenta um processo de autonomização e afirmação do sujeito. A leitura converte-se em um gesto de afirmação da singularidade. Torna-se um atalho para escapar do

tempo, do lugar predeterminado, dessa vida estática e do controle mútuo que uns exercem sobre os outros no meio social. Existe algo na leitura que é da ordem do trabalho psíquico, uma vez que os efeitos de introspecção e reflexão podem trabalhar o leitor e desenvolvê-lo.

De acordo com Seitz (2006), a biblioterapia desenvolveu-se principalmente nos ambientes hospitalares e clínicas de saúde mental e suas ações estão direcionadas aos aspectos emocionais dos indivíduos. A sua aplicação ocorre quase sempre voltada para os aspectos clínicos de cura e recuperação dos indivíduos com distúrbios emocionais e comportamentais. Podemos dizer que, neste sentido, a leitura torna-se quase que um remédio para aliviar a dor psíquica dos participantes e gerar reflexões positivas sobre a vida.

Sobre essa perspectiva, “A leitura enquanto interpretação não vem para repetir o sentido, mas para movimentá-lo” (OUAKNIN, 1996, p. 198). É sobre esse processo dialético e de transformação que o ato de ler pode permitir ao leitor decifrar suas próprias experiências, ajudando-o a viver melhor e a pensar por si mesmo. Ela, de certa maneira, pode auxiliar o leitor a mudar e a construir o seu futuro. Torna-se uma forma de não ser um mero coadjuvante da vida, mas um protagonista do seu destino (PETIT, 2008).

A biblioterapia no início era voltada para hospitais psiquiátricos e posteriormente passou a ser utilizada em outras instituições. Atualmente, ela pode ser desenvolvida em diversos campos e ser explorada por médicos, psicólogos, bibliotecários, educadores e outros profissionais. Essa atividade pode ser aplicada no campo correcional, na educação, na medicina, na psiquiatria e com idosos (SEITZ, 2006). Elaboramos um quadro abaixo com a aplicação da biblioterapia traçando os seus objetivos específicos conforme a destinação do público:

Quadro 2 - Campo de atuação e objetivos da biblioterapia

CAMPO DE ATUAÇÃO	OBJETIVO
No campo correcional	A biblioterapia visa à recuperação de jovens delinquentes e adultos criminosos que, em geral, tem problemas emocionais e de ordem social, cuja resolução pode ser auxiliada pela leitura.
Na Educação	O livro tem sido usado, desde longa data, como apoio em crises de adolescentes e crianças com problemas especiais, como morte em família, separação dos pais, conflito com amigos, sobretudo para crianças que necessitam permanecer afastadas do seu ambiente familiar – em creches e hospitais.
Na Medicina	Em muitos países, a biblioteca é considerada elemento indispensável em hospitais, podendo a leitura ser usada na profilaxia, reabilitação e terapia propriamente dita.
Na Psiquiatria	Pode ser um valioso coadjuvante no tratamento dos indivíduos em sofrimento psíquico, pois há caso em que os indivíduos têm dificuldades de expressão e comunicação. São atividades apropriadas também para indivíduos dependentes de drogas.
Na terceira idade	Permite aos idosos prepararem-se para diversos temas. Proporciona informações sobre processos de envelhecimento, aspectos físicos, psicológicos, problemas sexuais, timidez. Proporciona atualização educacional, socialização e motivação.

Fonte: Elaborado pelo autor adaptado de Seitz (2006).

Compreendemos que a aplicação de atividades de biblioterapia com os usuários dos CAPS trará benefícios significativos para os participantes. Conforme apresentamos, a biblioterapia contribuirá para o desenvolvimento pessoal e psicológico dos indivíduos. O uso da linguagem, da fala e da escuta é importante para os processos de aprendizagem, interação, produção e socialização do conhecimento. Por isso, justificamos a importância da promoção da leitura e das ações biblioterapêuticas nos diversos espaços sociais e institucionais. Cabe às bibliotecas, com seus serviços, e aos bibliotecários, com suas ações, desenvolver atividades para incentivar a leitura compartilhada.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

“A revolução está em todo lugar em que se instaura
uma troca que quebra a finalidade dos modelos”
Jean Baudrillard

Como forma de atingir os objetivos dessa pesquisa e fornecer subsídios à metodologia aplicada nesse estudo, discurso do sujeito coletivo, foi necessário desenvolvermos uma fundamentação teórico-metodológica para sustentar aquilo que nos propomos a defender nesta investigação. Para tanto, subdividimos essa seção em três partes. Trataremos a princípio, da fenomenologia de Edmund Husserl e sua teoria do mundo da vida, que possibilitam uma abertura para novas possibilidades, distanciando de qualquer generalização. Em seguida, abordaremos a construção social da realidade com base nas teorias de Alfred Schütz, Peter Berger, Thomas Luckmann e Norbert Elias. E por fim, será abordada a teoria das representações sociais, desenvolvida por Serge Moscovici, para podermos pensar a ressignificação da loucura e do lugar das pessoas em sofrimento psíquico dentro de nossa sociedade.

4.1 A fenomenologia e o mundo da vida

Na segunda metade do século XIX, toda a concepção do homem moderno foi determinada pelas ciências positivas. Essa influência culminou na indiferença às questões que poderiam tratar da essência da humanidade. O ser humano diante das possibilidades de se configurar racionalmente, a si mesmo e ao seu mundo circundante, perde a sua dimensão subjetiva. A mera ciência dos corpos mensurados matematicamente e geometricamente, nada pode nos dizer, pois desconsidera tudo o que é subjetivo (HUSSERL, 2012). Conforme visto nesta passagem, entendemos que, de certa maneira, Husserl tinha a convicção de que nenhuma das chamadas ciências rigorosas poderiam fornecer um entendimento de nossas experiências do mundo, uma vez que essas ciências se referem ao mundo como algo já dado.

Houve um desvio da ideia de filosofia e da compreensão da subjetividade, quando a realidade construída matemática e geometricamente substitui, como um ser em si, a realidade humana subjetiva. O que era apenas um método, uma técnica de produção teórica, transformou-se na realidade em si. O culminar desse processo coincidiu com a filosofia de Descartes, que inaugura o período moderno. Essas falsas interpretações, objetivas e dualistas do pensamento cartesiano, impediram uma efetiva autocompreensão da subjetividade humana, obscurecendo a fonte de sentido de todas as ciências (HUSSERL, 2012). Podemos dizer que essa racionalização e objetivação do mundo e do pensamento humano intensificaram-se com o fortalecimento das escolas positivistas.

Diante desse pensamento, percebemos que Husserl trouxe novamente o discurso da subjetividade para o campo da ciência e da filosofia. Para ele, a ciência positivista nada tem a nos dizer, uma vez que, consequentemente, é uma ciência que exclui as questões acerca do sentido, até mesmo no que se refere a própria relação entre pesquisador e objeto. Os métodos mensuráveis e rígidos das ciências naturais proporcionavam uma ausência de sentido e até mesmo o esvaziamento da própria existência humana, isto é, tratavam apenas de um mundo objetivo mensurável. A partir de um projeto fenomenológico, Husserl começa a tratar dos fenômenos da vida real sem excluir a subjetividade empírica que envolve a relação humana com os objetos passíveis de investigação.

É a partir dessa crítica que Husserl lança uma nova radicação que corresponde a uma nova racionalidade filosófica que seria a fenomenologia (HUSSERL, 2012). "A filosofia, porém, encontra-se numa dimensão completamente nova. Precisa de pontos de partida inteiramente novos e de um método totalmente novo, que a distingue por princípio de toda a ciência natural" (HUSSERL, 1986, p. 47). Para esse filósofo, a fenomenologia seria o novo método de investigação da realidade, totalmente contrário ao método positivista e rígido das ciências naturais. A partir dessa visão husserliana de fazer ciência, entendemos que houve uma aproximação do pesquisador com o próprio mundo e os fenômenos sociais.

A fenomenologia proposta por Husserl tem por objetivo elucidar visivelmente e distinguir o sentido. Apresenta um caráter peculiar de análise e investigações de

essências no âmbito das considerações puramente intuitivas. Como ciência ou método, a fenomenologia apresenta a finalidade de elucidar possibilidades do conhecimento a partir do seu fundamento essencial. Ela possibilita uma investigação da essência dos fenômenos puros (HUSSERL, 1986). A função da filosofia e, mais especificamente da fenomenologia, é libertar a história da fetichização da ciência e da técnica. A fenomenologia torna-se, portanto, a filosofia primeira que se liberta da cláusula do mundo, primeiramente anulando-o, para descobrir na humanidade a liberdade de se transcender em direção a novos horizontes (PACI *apud* REALE; ANTISERI, 2006).

A fenomenologia consiste, enquanto método de investigação, no retorno às próprias coisas, isto é, um retorno para além das construções teóricas e conceitos aparentemente justificados. O filósofo ou cientista, do ponto de vista fenomenológico, deve seguir o caminho da *epoché*[19], ou seja, um percurso que tem como procedência a suspensão de crenças. Com esse método filosófico é possível investigar não apenas os objetos dados na experiência, mas nos fornece a possibilidade de suspendermos nossas crenças e juízos sobre tudo aquilo que não é indubitavelmente certo. Torna-se, de certa forma, a possibilidade de se colocar o mundo entre parênteses e analisá-lo em sua essência (REALE; ANTISERI, 2006).

Dentre as várias contribuições científicas e filosóficas apontadas por Husserl, podemos destacar a noção de *mundo da vida*[20], que se refere ao próprio mundo originário de sentido. Husserl (2012), afirma que esse *mundo da vida* é relativo aos propósitos e fins humanos, que valoriza a intuição sensível em detrimento de construções idealizadas. É sair do mundo da racionalidade para um mundo da experiência da relação do homem com o mundo. O mundo não é uma hipótese em nenhum sentido, mas uma estrutura transcendental *a priori*, isto é, inultrapassável,

[19] Segundo Abbagnano (2012) o termo grego epoché consiste na suspensão do juízo, que caracteriza uma atitude dos céticos antigos. Consiste em não aceitar nem refutar, em não afirmar nem negar. Esse posicionamento seria o contrário do da atitude dogmática que se baseia em crenças. Husserl vale-se da epoché em vários níveis da investigação para atingir o chamado mundo da vida com a suspensão da validade de todas as ciências objetivas.

[20] O conceito de mundo da vida é introduzido por Husserl para designar “o mundo em que vivemos intuitivamente, com suas realidades, do modo como se dão, primeiramente na experiência simples e depois também nos modos em que sua validade se torna oscilante [...]. Husserl contrapõe esse mundo ao mundo da ciência, considerando como um ‘hábito simbólico’ que ‘representa’ o mundo da vida, mas encontra lugar nele, que é ‘um mundo para todos’” (ABBAGNANO, 2012).

quando a intencionalidade[21] do ego transcendental manifesta-se como estrutura do mundo. Fazem parte desse *mundo da vida* outras estruturas fundamentais de sentido: o corpo somático, a intersubjetividade, a linguagem etc.

A lógica do entendimento da relação empírica do homem com o mundo não está associada aos objetos dados de maneira objetiva, mas vinculada aos fenômenos que aparecem a nós mesmos diante de uma horizontalização de possibilidade subjetiva ou intersubjetiva. Sobre esse aspecto fundamental do mundo da vida, Junglos (2014, p. 10, grifo do autor) afirma que "[...] *o mundo-da-vida* não é algo que possa ser determinado, mas se apresenta como um processo de revelação que, por sua vez, implica abertura para novas possibilidades". Encontramos nesta passagem a compreensão de que neste mundo da vida há uma abertura de possibilidade em que o sujeito, ator de suas ações, transita nesta realidade marcada pelas relações intersubjetivas e pelos fenômenos na esfera das vivências.

Esse reestabelecimento da significação da vida deve consistir no reatar com a ciência e essa ligação acontece no próprio mundo da vida, da intersubjetividade ou do corpo. O ponto de partida do pensamento de Husserl sobre o *mundo da vida* seria "as experiências do ser humano consciente que vive e age em um 'mundo' que ele percebe e interpreta, e que faz sentido para ele. Ele lida com esse mundo segundo o modo intelectualmente espontâneo e ativo da intencionalidade [...]" (WAGNER, 2012, p.15-16). A compreensão do mundo a partir da intencionalidade não pode ser apreendida mediante uma lógica rígida e objetiva, mas só pode ser pensada a partir de um sujeito que a interpreta e dá sentido aos fenômenos dados à consciência.

Mesmo sendo um termo utilizado como referência ao objeto pela escolástica medieval, vale ressaltar que a intencionalidade se referindo às características dos fenômenos psíquicos, foi redescoberta por Brentano no século XIX. Husserl inspirou-se nessas ideias, porém não trata da intencionalidade como características dos fenômenos psíquicos, mas como a definição da própria relação entre sujeito e o objeto da consciência de modo geral (ABBAGNANO, 2012). Um apontamento importante para a

[21] Para Husserl, a intencionalidade representa uma característica essencial da esfera das vivências, até porque, todas as experiências, de certa forma, têm intencionalidade. É aquilo que permite indicar a corrente da vivência como corrente de consciência e como unidade de consciência (ABBAGNANO, 2012).

compreensão do pensamento husserliano é que ele não está interessado nos objetos do mundo, mas no próprio mundo que se apresenta a todos enquanto fenômeno. Essa concepção nos mostra que a preocupação de investigação não está centrada no mundo tematizado, determinado ou generalizado, mas na concepção daquilo que ainda não está tematizado ou que se encontra na forma latente, escondido (JUNGLOS, 2014).

A concepção fenomenológica influenciou vários campos científicos, sendo uma importante contribuição para a psicologia, a sociologia, a antropologia, a psiquiatria, a filosofia moral e da religião e em outros campos do saber humano. Por isso que o movimento fenomenológico criado pelo filósofo Edmund Husserl constitui uma corrente importante e decisiva no âmbito da filosofia contemporânea (REALE; ANTISERI, 2006). Quando tratamos da influência da fenomenologia para o campo da sociologia, não podemos distanciar os fenômenos do próprio universo cotidiano, afinal, é no mundo da vida cotidiana que a realidade social é construída. Tema esse que será abordado na próxima subseção.

4.2 Vida cotidiana e a construção social da realidade

Seguindo a abordagem fenomenológica e influenciado pelo pensamento de Husserl e Max Weber, Alfred Schütz associa a filosofia husserliana do *mundo da vida* à sociologia compreensiva de Weber e cria os fundamentos de um sistema sociológico baseado no *mundo da vida cotidiana*. Conforme afirma Astrain (2006), o pensamento de Alfred Schütz tornou-se uma grande contribuição no que se refere à fenomenologia em uma dimensão social, a partir de uma proposta sistemática de reconstruir epistemologicamente a sociologia compreensiva de Max Weber.

Para Schütz, essa sociologia compreensiva de Weber valoriza por um lado as grandes contribuições das ciências sociais, porém, os pressupostos teóricos não são suficientemente claros, principalmente no que se refere ao ato significativo do indivíduo. Esse questionamento à sociologia weberiana tem como base a questão de como se constrói fenomenologicamente o mundo social (ASTRAIN, 2006). Tratar dessa construção torna-se um fator importante para compreender os fenômenos, as relações e as interações sociais na vida cotidiana.

A vida cotidiana é a vida de todos os homens e mulheres que a vivenciam sem nenhuma exceção, independente de qualquer divisão de trabalho intelectual ou físico. É impossível que qualquer ser humano consiga desligar-se inteiramente da cotidianidade. O indivíduo, no cotidiano, participa da vida sendo atuante, usufruidor, ativo e receptivo de um mundo social. Ele vive uma realidade em que entra em cena a sua individualidade, personalidade e sua relação com os outros. Portanto, qualquer ser humano já nasce inserido em uma cotidianidade. É nesta relação com os outros e com as instituições sociais que aprende e assimila as normas e valores do mundo socialmente aceito (HELLER, 1992).

É a partir dessa perspectiva social que Schütz trata do mundo da vida cotidiana como o "[...] mundo intersubjetivo que já existia muito antes de nosso nascimento, que já foi experimentado e interpretado por outros, nossos antecessores, como um mundo organizado" (SCHÜTZ, 2012, p. 84). Esse mundo organizado denomina-se de ordem social. Segundo Berger e Luckmann (2014) a ordem social precede qualquer desenvolvimento individual, isto é, como algo já dado e objetivado socialmente. Esta ordem social nada mais é do que um produto humano e, mais precisamente, como uma progressiva produção humana e coletiva. É produzida pelo homem no curso de sua continua exteriorização e interiorização proveniente das manifestações empíricas como produto da atividade humana. Resumindo: a sociedade é um produto humano, a realidade é objetiva e o homem é um produto social (BERGER; LUCKMANN, 2014).

Portanto, cada criança ao nascer, torna-se a soma de um destino que tem uma dimensão natural inerente à própria constituição do sujeito, e uma dimensão social que tem relação com a herança herdada do meio em que ela vive. "Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existiam antes dele para poder crescer" (ELIAS, 1994, p. 26-27). Ou seja, nós, seres humanos, necessitamos das relações interpessoais para sobrevivermos. Como apresentado pelos teóricos acima, somos partes de uma ordem natural e de uma ordem social.

> Não apenas a sobrevivência da criança humana depende de certos dispositivos sociais, mas a direção de seu desenvolvimento orgânico é socialmente determinada. Desde o momento do nascimento, o desenvolvimento orgânico do homem, e na verdade uma grande parte de seu ser biológico enquanto tal, está

> submetido a uma contínua interferência socialmente determinada (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 69).

Esta forma de entender o *mundo da vida* como o mundo cotidiano vital, implica em dar conta da compreensão do mundo por parte dos atores, ou seja, dos sujeitos que habitam esse mundo. Este mundo Schütz chamará de mundo da vida cotidiana. Afinal, se o mundo da vida refere-se ao mundo da experiência cotidiana, cabe assumir que o sujeito é um ator que vivencia significativamente este mundo. Logo, viver implica necessariamente atuar no mundo (ASTRAIN, 2006). Compreendemos que se há um ator que age, também há um cenário para a ação ou atuação. Seguindo esse argumento, devemos sempre pensar nossa condição humana como individuo e ao mesmo tempo como sociedade.

O mundo da vida cotidiana seria o entorno vital em que se situa o ser humano, suas relações com os outros e com a natureza. Pode-se entender esse mundo vital como um mundo em um sentido fenomenológico, ao qual pertencem os sujeitos, as coisas físicas e os seres psíquicos que estão relacionados com o sujeito fenomênico (ASTRAIN, 2006). “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 35). Este mundo é fruto do pensamento e das ações do homem que, no compartilhamento da vida comum com os outros, constroem a realidade intersubjetivamente.

Podemos dizer que esse mundo coerente seja um mundo institucionalizado, isto é, um mundo em que a linguagem se torna um fator preponderante de sedimentação das estruturas coletivas. A objetivação do mundo institucional, por mais rígida que se possa apresentar aos indivíduos, é produzida ou construída pelo próprio homem. O conhecimento apreendido no curso da socialização serve de mediação na interiorização dos costumes, princípios morais, frases, provérbios, valores, crenças etc. Essa lógica institucional faz parte do acervo socialmente disponível do conhecimento como um universo simbólico aceito que ordena o fluxo da história. Quanto mais uma conduta é institucionalizada, mais se torna predizível e controlada (BERGER; LUCKMANN, 2014).

Portanto, as interpretações desse mundo são realizadas a partir de experiências que estocamos ao longo de nossas vidas e dos estímulos que recebemos do meio que nos afetam. Schütz (2012, p. 85) acrescenta que “o mundo não é o mundo privado de

um único indivíduo, mas um mundo intersubjetivo, comum a todos nós [...]. O mundo da vida cotidiana é o cenário e também o objeto de nossas ações e interações". Não podemos esquecer que a vida social dos seres humanos é repleta de contradições e tensões. O declínio alterna-se com as ascensões, a guerra com a paz, a vida com os surtos de crescimento (ELIAS, 1994). Como visto, esse mundo cotidiano é um mundo vivenciado e compartilhado por todos, mas não de maneira igualitária.

Sobre esse aspecto, Heller (1992) afirma que a vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea, sobretudo no que se refere ao conteúdo, significações e atividades desenvolvidas socialmente. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho, a vida privada, o lazer, a atividade social sistematizada, o intercâmbio etc. No entanto, vale ressaltar que as relações da vida cotidiana, do ponto de vista do conteúdo, não são apenas heterogêneas, mas hierárquicas. Essa organização hierárquica se constitui não apenas do ponto de vista da atividade e da produção, mas, também, das próprias formas das relações estabelecidas socialmente.

Conforme apresentado, a vida dos seres humanos em comunidade certamente não é harmoniosa. Cada pessoa ocupa determinado lugar dentro da sociedade, diante de um turbilhão de fenômenos, ou seja, ocupa uma função, exercer um ou vários papeis sociais, possui propriedades, um trabalho específico ou algum tipo de tarefa. Por outro lado, pode também sofrer por uma função perdida, pelos bens perdidos. Portanto, cada indivíduo está inserido em um contexto complexo de estruturas bem definidas. Muitas dessas definições estão associadas ao contexto em que esse indivíduo nasceu, cresceu e, mais especificamente, decorrente da teia das relações humanas (ELIAS, 1994). Por essa razão, enquanto ser cultural, o homem é fruto não apenas das relações estabelecidas com os outros, mas, também, do contato como o conhecimento produzido coletivamente ao longo da humanidade.

Quando nos referimos ao estoque de conhecimento, não conseguimos abarcar uma totalidade do resgate dessas informações armazenadas, muito pelo contrário, apenas uma pequena parcela do conhecimento é clara, distinta e consistente. Por outro lado, esse núcleo de estocagem do conhecimento é permeado por imprecisão, obscuridade e ambiguidade. "Essas regiões de coisas são tomadas como sendo dadas, são crenças, suposições rasas, meras adivinhações regiões nas quais tudo o que

fazemos é ‘simplesmente acreditar’” (SCHÜTZ, 2012, p. 86). Vale ressaltar que há regiões psíquicas que ignoramos ou não conseguimos ter acesso de nenhuma maneira, por se tratar da ordem do inconsciente da qual o sujeito não consegue trazer à consciência.

Sendo assim, a interiorização dos valores e normas morais é inevitável para indivíduos que compartilham do mesmo mundo, porém, como visto acima, há uma estreita relação entre o que permanece no inconsciente atuando no presente e aquilo que podemos ter consciência dos fenômenos. Muitas vezes uma crença situada em nossa personalidade, que não passe por uma crítica ou até mesmo uma autocrítica, pode tornar-se uma falsa verdade que irá ditar nosso pensamento, ações e discursos no meio social. Assim justifica-se a importância da abordagem fenomenológica para suspendermos até mesmo as nossas crenças daquilo que é dito ou pensado como certo.

Heller (1992) acrescenta que a vida cotidiana é a vida do indivíduo que gira sempre entre o ser particular e o ser genérico. Do ponto de vista particular, a dinâmica básica da particularidade individual torna-se a satisfação das necessidades do “Eu” único, motivado pelas paixões e pelos afetos diante das relações e do contado social. Por outro lado, vale ressaltar que o genérico está contido em todo homem, uma vez que ele é produto e expressão de suas relações sociais e, ao mesmo tempo, herdeiro e preservador do conhecimento humano.

Quando tratamos do conhecimento da vida cotidiana, temos que nos precaver das crenças preestabelecidas como verdades absolutas, que muitas vezes não passam pelo crivo da racionalidade e, por consequência da linguagem da vida comum, tornam-se verdades socialmente aceitas. Diante dessa afirmação, cabe ressaltar que o mundo em que vivemos vem sendo construído desde os nossos antepassados e está sempre em construção. Nascemos em uma realidade social já estabelecida, em que os valores sociais são repassados de geração a geração resultando, desta maneira, em um mundo já objetivado. Sobre esse ponto de vista da construção social por meio da interação e da linguagem, Souza *et al* (2014), acrescentam que esse processo contínuo inicia no ambiente afetivo-familiar e, posteriormente, se intensifica com outros vínculos significativos da experiência humana. É no mundo real que os sujeitos apreendem o

conhecimento do senso comum, participando, também, da construção e socialização do conhecimento estabelecido e reificado.

Berger e Luckmann (2014, p. 38) demostram que “a realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada em cena”. Esse conhecimento é socialmente derivado e transmitido por meio da sintaxe da linguagem cotidiana. Para esses mesmos autores, a linguagem usada na vida cotidiana fornece as necessárias objetivações e determina a ordem em que essas objetivações ganham sentido e significado. Quando se quer contestar esse mundo rígido e já proclamado, tem-se que fazer um deliberado esforço para que uma transição da atitude natural ganhe um patamar científico ou filosófico.

> Sendo este conhecimento socialmente objetivado *como* conhecimento, isto é, como um corpo de verdades universalmente válidas sobre a realidade, qualquer desvio radical da ordem institucional toma caráter de um afastamento da realidade. Esse desvio pode ser designado como depravação moral, doença mental ou simplesmente ignorância crassa (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 90-91, grifo do autor).

Conforme exposto, o mundo da vida cotidiana é um mundo construído pelos próprios seres humanos mediante interações intersubjetivas uns com os outros. Essa realidade construída pela objetivação da linguagem, efetiva um mundo complexo, institucionalizado e hierárquico. Qualquer desvio diante de uma norma institucionalizada irá classificar o posicionamento ou o lugar do indivíduo dentro da sociedade. Podemos dizer que esse enquadramento é fruto das representações estabelecidas socialmente. Portanto, é sobre as representações sociais que trataremos na subseção a seguir.

4.3 Teoria das representações sociais

A psicologia social e, mais especificamente, a teoria das representações sociais, procura responder questões sobre o conhecimento cotidiano, baseada na ideia de que os indivíduos e grupos sociais pensam, isto é, que as instituições e os ambientes sociais são pensantes. A abordagem das representações sociais retrata uma forma de olhar a realidade e poder compreender os comportamentos individuais e coletivos dentro da sociedade, a partir de um conjunto de conceitos, ideias, proposições, valores,

crenças e explicações. Esse conjunto de ideias advém do mundo cotidiano que se refere a fenômenos comuns pertencentes a todas as sociedades. As representações sociais tratam, portanto, da produção de sentido (VALA, 2006).

Sobre essa definição do que seria de fato uma representação, Vala (2006, p. 461, grifo do autor) acrescenta que *"[...] a representação é sempre a representação de qualquer coisa*. Ela exprime a relação de um sujeito com um objeto, relação que envolve uma actividade de construção e de simbolização". Esse universo simbólico é, de fato, resultado de produções sociais que perpassam pela história e que molda o cotidiano. Para que essas produções sejam entendidas, é necessário compreender a história de suas produções e constituições frente ao mundo real. De certa maneira, esse universo simbólico também ordena a história (BERGER; LUCKMANN, 2014). Sobre a passagem de uma representação individual para uma representação social entende-se que,

> [...] uma representação é social no sentido em que é colectivamente produzida: as representações sociais são um produto das interações e dos fenómenos de comunicação no interior de um grupo social, reflectindo a situação desse grupo, os seus projectos, problemas e estratégias e as suas relações com outros grupos (VALA, 2006, p. 461).

Portanto, para tratar desse mundo cotidiano e dessa realidade construída socialmente, encontramos respostas na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici. Para esse pesquisador, o conhecimento é fruto da interação social e das relações que os seres humanos estabelecem na vida em comum. "No mundo feito por mãos humanas em que vivemos, a percepção das representações é tão importante como a percepção dos objetos reais" (BOWER *apud* MOSCOVICI, 2010, p. 32). Moscovici (2010) afirma que as representações possuem duas funções: elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos e; são prescritivas, ou seja, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível.

Em outra obra, esse mesmo autor afirma que as representações sociais são entidades quase tangíveis, que se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro ou através de outras maneiras dentro do universo cotidiano. Elas constituem uma das vias de apreensão do mundo concreto, circunscrito em seus alicerces e em suas consequências. Grupos ou indivíduos se deixam guiar por

representações coletivas, formulando atitudes e estereótipos a partir de opiniões do senso comum (MOSCOVICI, 1978). “O pensamento social designa como pensamento ingênuo àquele que toma por objeto a realidade social e se encontra, por sua vez, por ela determinado” (ROUQUETTE, 2005, p. 189).

Essas representações são partilhadas nesta sociedade construída e penetram na mente de cada sujeito. Elas, as representações, geralmente não são pensadas ou analisadas dentro de um contexto social e, no entanto, são repassadas como convenções verdadeiras. “Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura” (MOSCOVICI, 2010, p. 35). Rouquette (2005) ao tratar desse assunto, parte da ingenuidade como um fator importante para o entendimento das representações sociais. No entanto, não se trata de uma ingenuidade por falta de cultura, mas que brota da expressão mesma de uma cultura localizada e historicamente construída.

Uma representação social é uma preparação para a ação que guia o comportamento, assim como, também, remodela e constitui os elementos do meio ambiente que compõem a rede de relações. Os grupos e indivíduos são encarados tanto pelo caráter de comunicação quanto pelo caráter de expressão. As imagens e opiniões são comumente apresentadas, estudadas e pensadas conforme a escala de valores de um indivíduo ou de uma coletividade dentro da sociedade (MOSCOVICI, 1978).

As representações sociais são genuinamente repassadas porque “o pensamento social não inclui uma distância reflexiva sobre seus procedimentos e seus resultados, porque ele não exerce de forma nenhuma a crítica das evidências apreendidas, porque ele se mantém distanciado das rupturas” (ROUQUETTE, 2005, P189). O pensamento desse autor nos instiga a termos consciência e reforça a necessidade de nos distanciarmos de nós mesmo e da própria realidade, para que possamos compreender e conhecer os fenômenos tais como eles são. Esse afastamento torna-se um exercício de investigação que possibilita enxergar esses fenômenos para além das aparências impostas socialmente, desprendendo-se, desta maneira, do pensamento genérico que transita no senso comum.

Para Lefèvre e Lefèvre (2014), uma representação social na qualidade de um conhecimento do senso comum, está sempre presente numa opinião, posicionamento, manifestação ou postura de um indivíduo em sua vida cotidiana. Essas manifestações são consequências dos modos socialmente compartilhados de conhecer, representar ou interagir no mundo social. As representações podem ser entendidas como sínteses próximas da empiria de conhecimentos familiares compartilhados por um grupo na comunidade.

Constitui-se um hábito aceitar e compreender as representações familiares, porém o problema é quando essas convenções se tornam o padrão de referência que desqualifica o incomum, ou seja, aquilo que não é familiar. Partindo dessas falsas ideologias, chega-se aos preconceitos e opiniões sociais sem fundo de verdade. São geralmente essas representações que, a partir da disseminação de falsas informações ou discursos, modelam o pensamento do indivíduo e, consequentemente, da sociedade em geral, criando, desta maneira, uma imagem errônea e distorcida da realidade. Sobre essa questão, apresentamos um exemplo a seguir.

Na obra *Os estabelecidos e os outsiders,* Norbert Elias e John Scotson desenvolvem uma pesquisa sociológica para investigar, de início, a violência em uma pequena cidade próxima a Leicester, na Inglaterra. Esta comunidade era formada por um bairro relativamente mais antigo e ao redor dele, duas povoações com formação em época mais recente. Essas formações mais recentes eram vistas como zonas de delinquências por aqueles que residiam na comunidade mais antiga. O resultado interessante apresentado por esses pesquisadores foi que, mesmo depois que a violência desaparece praticamente da cidade, o bairro mais antigo ainda estigmatiza e persistiam as opiniões sobre os bairros mais novos como área de delinquência (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Estabelecidos são grupos ou indivíduos que ocupam uma posição de privilégios e poderes dentro da sociedade. Eles criam uma autoimagem de seus membros como sendo superiores, excluindo os membros dos outros grupos do contato social. Por outro lado, os outsiders são aqueles que fazem parte de um grupo de pessoas com laços menos intensos do que os estabelecidos. A figuração estabelecidos-outsiders ocorre, quando um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades de poder e

utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outros grupos muito semelhantes. No caso da cidade em estudo, havia um privilégio de empregos e cargos importantes das organizações aos antigos residentes, excluindo firmemente os moradores de outras regiões (ELIAS; SCOTSON, 2000). Também sobre esse tema, MOSCOVICI (1978, p. 49, grifo do autor) acrescenta que,

> Os preconceitos raciais e sociais, por exemplo, jamais são manifestamente isolados; eles assentam num fundo de sistemas, de *raciocínio de linguagem*, no tocante à natureza biológica e social do homem, suas relações com o mundo. Esses sistemas são constantemente interligados, comunicados entre gerações e classes, e os que são objeto desses preconceitos vêem-se mais ou menos coagidos a entrar no molde preparado e a adotar uma atitude conformista.

Conforme o pensamento acima, os preconceitos e estigmas não são fenômenos isolados, mas fatores que fazem parte de um sistema de linguagem ou de comportamento coletivo. Sobre esse aspecto, Heller (1992) aponta que o preconceito é uma categoria do pensamento e do comportamento cotidiano. Neste caso, pensamento não do ponto de vista teórico e analisável, mas de um ponto de vista empírico e genérico. Os preconceitos, portanto, são obras da própria interação humana e social que experimentam suas reais possibilidades de movimento de ideias ou ideologias como uma forma de manter a estabilidade e a coesão da integridade, geralmente provenientes de classe sociais dominantes.

O modelo de uma figuração estabelecidos-outsiders pode funcionar como uma espécie de paradigma empírico, podendo ser aplicado como modelo a outras configurações até mesmo mais complexas como: diferenças raciais ou étnicas, aparência física e estados psicológicos dos indivíduos, barreiras idiomáticas ou sotaques podem ser sinais de reforço para fortalecer a estigmatização. Os grupos estabelecidos utilizam conceitos diversos, conforme as características sociais e as tradições de cada grupo de outsiders, para estigmatizá-los, justificando desta maneira, a aversão e o preconceito (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Em um artigo intitulado *O estrangeiro*, Alfred Schütz, nos apresenta o problema da comunicação intercultural e do padrão cultural. Quando ele trata do estrangeiro, não necessariamente ele fala do indivíduo que vem de outro país, mas daqueles que são ditos estranhos e estão tão próximo a nós. Para ele, o termo estrangeiro remete a um indivíduo adulto civilizado do nosso tempo que tenta ser permanentemente aceito ou ao

menos tolerado pelos outros indivíduos ou grupos sociais. Esse estranhamento do ponto de vista social é decorrente do chamado padrão cultural, que tem como uma das funções, eliminar as indagações incômodas e oferecer direções prontas para o uso. Ou seja, substituir aquilo que é questionável por aquilo que é autoexplicativo (SCHÜTZ, 2010).

Moscovici (2010, p. 55-56) também aborda essa mesma ideia de estranhamento quando trata das representações sociais ao afirmar que,

> É desse modo que os doentes mentais, ou pessoas que pertencem a outras culturas, nos incomodam, pois estas pessoas são como nós e contudo não são como nós; assim nós podemos dizer que eles são “sem cultura”, “bárbaros”, “irracionais” etc. de fato, todas as coisas, tópicos ou pessoas banidas ou remotas, todos os que foram exilados das fronteiras concretas de nosso universo possuem sempre características imaginárias; e pré-ocupam e incomodam exatamente porque estão aqui, sem estar aqui; eles são percebidos sem ser percebidos; sua irrealidade se torna aparente quando nós estamos em sua presença; quando sua realidade é imposta sobre nós – é como se nos encontrássemos face a face com um fantasma ou com um personagem fictício na vida real [...]

Podemos dizer que a circulação de terminologias e de fofocas depreciativas direcionadas aos outsiders, podem ser consideradas traços marcantes que acentuam tal estigmatização, podendo persistir por muitos séculos. É preciso que nós, enquanto indivíduos, possamos refletir sobre a disseminação desses discursos e da ideologia camuflada por trás dos estigmas. Pensar como indivíduo e como sociedade, suspender crenças e se colocar no lugar do outro são exercícios importantes para se desconstruir crenças disseminadas na sociedade.

A fenomenologia do mundo da vida cotidiana e a compreensão da construção social da realidade tratadas nesta seção são abordagens fundamentais para estudarmos o nosso universo de pesquisa. Uma investigação que não levasse em consideração os fenômenos da vida cotidiana e o conhecimento construído coletivamente, poderia não nos fornecer resultados satisfatórios. A configuração estabelecidos-outsiders retrata com precisão a relação de poder vigente em vários segmentos da sociedade. Como exemplo, entre os ditos normais que compartilham de privilégios e direitos sociais e aqueles que estão à margem da sociedade por questão de pobreza, analfabetismo, sanidade mental ou qualquer outro fator. Tudo que foge a

um padrão preestabelecido dentro de uma suposta normalidade é visto com intolerância ou estigma. Como ainda ocorre com pessoas em sofrimento psíquico.

Sobre a questão entre aqueles que têm os direitos sociais garantidos e aqueles que estão à margem social, podemos refletir sobre a nossa atuação profissional e como as bibliotecas têm o poder de contribuição social. No entanto, cabe o seguinte questionamento: porque no âmbito da saúde mental e, mais especificamente, nos Centros de Atenção Psicossocial, ainda não existem bibliotecas estruturadas? Se elas estão inseridas em diversas instituições sociais, porque ainda não estão presentes nesses centros para levar informação a esses cidadãos?

Esses questionamentos nos fazem refletir sobre dois aspectos importantes quando abordamos o tema das bibliotecas nesses espaços: crenças e necessidades informacionais. As crenças do ponto de vista das representações sociais nos distanciam dos fenômenos reais do mundo cotidiano, fazendo enxergar apenas uma pequena parte desses fenômenos. Talvez a não existência de bibliotecas nesses espaços seja consequência de um pensamento objetivado ou da crença disseminada socialmente de que essas pessoas não necessitem de informação. Os usuários dos CAPS podem se tornar usuários potenciais de bibliotecas dentro dessa instituição. A utilização de fontes de informação e o desenvolvimento de um trabalho lúdico, contribuirão para com o desenvolvimento psíquico e social desses cidadãos. É necessário realizar a nossa prática profissional, também, em ambientes não-familiar para torná-los familiares como campo de atuação. Para tanto, é necessário desconstruir crenças e a materialidade do pensamento objetivante.

Segundo Moscovici (1978), uma representação social elabora-se de acordo com dois processos fundamentais que seriam: a objetivação e a amarração (ancoragem). A objetivação torna real um esquema conceitual, ou seja, objetivar é reabsorver um excesso de significações ao tentar acoplar a palavra à coisa, materializando-a. Logo, naturalizar e classificar são operações essenciais da objetivação. Sobre a objetivação, Vala (2006) também afirma que se trata da forma como se organizam os elementos constituintes da representação e como tais elementos adquirem materialidade pensada e se tornam expressões de uma realidade pensada como natural. O processo de

seleção e reorganização dos elementos relativos a um objeto não se baseia na neutralidade, mas está submetido às normas e valores dos grupos sociais.

Por outro lado, a amarração ou ancoragem, consiste em uma segunda categoria relacionada aos processos associados à formação das representações. Podemos destacar duas situações que são: primeiramente, os processos em que o não-familiar se torna familiar; e, em segundo lugar, os processos nos quais uma representação social, uma vez constituída pela objetivação da linguagem, torna-se um organizador das relações sociais. Essa ancoragem refere-se ao fato de que qualquer construção ou tratamento de informação exige ponto de referência. O ser humano não pensa o novo a partir de uma tábua rasa ou limpa, mas recorre mentalmente a um referencial já construído no mundo empírico (VALA, 2006).

Para Moscovici (1978) as representações sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deveria ser. No entanto, ao abordar essa questão entra em cena o papel da ciência para desmistificar esse pensamento. “O trabalho das ciências sociais conduz justamente a desmentir o que o cotidiano parece dar como definitivo e que não é, de fato, nada mais que um produto das afiliações e da História” (ROUQUETTE, 2005, p. 191). Por isso é importante situarmos o papel da teoria das representações sociais como uma crítica que permite compreender e desvendar aquilo que o cotidiano encobre.

É de suma importância compreendemos as representações sociais para que tenhamos um posicionamento diferente diante dessas crenças que nos são repassadas. As pessoas em sofrimento psíquico, assim como tantos outros sujeitos que vivem à margem das narrativas sociais, necessitam de um olhar humanizado. Não devemos olhar os outros como estranhos a nós, mas, como indivíduos como nós, pertencentes a uma sociedade, que têm direitos, deveres, sentimentos e merecem respeito. É necessário termos consciência dessa dimensão para que não sejamos levados pelo discurso do padrão cultural, que classificam e hierarquizam as pessoas. Como profissionais e pesquisadores, devemos assumir nossas responsabilidades para que possamos pensar uma realidade socialmente construída com base nos valores éticos, que propicie a reinserção e não a exclusão social.

É necessário, a partir de uma fenomenologia das relações sociais, suspendermos as crenças preestabelecidas para descontruir os valores impostos, para que o incomum se torne comum e que seja incluído como uma categoria conhecida. Pensando nesta linha de investigação empírica sobre o mundo da vida cotidiana e, mais especificamente através da teoria das representações sociais e da fenomenologia, pretendemos mostrar como uma rede de bibliotecas pode estar inserida em outros contextos não tão convencionais, distantes da influência do determinismo tecnológico e científico. Ou seja, distantes desse viés capitalista e abarcando uma dimensão social e humanística no campo da biblioteconomia.

Partindo desse viés, seria uma maneira de desconstruirmos o discurso dominante e tecnicista que ainda perpetua em nossa área e o imaginário cultural, possibilitando reflexões sobre a nossa prática profissional e nossa responsabilidade social a partir de uma dimensão global. Na condição de bibliotecários, devemos assumir uma postura social, política e existencial diante do mundo da vida cotidiana, do mundo subjetivo e intersubjetivo. Não podemos nos fechar nas normas de catalogação, de normalização e de organização de acervos, mas devemos exercer nossas ações com o intuito de modificar pessoas, ambientes e estruturas sociais.

Portanto, para propor a implantação de uma rede de bibliotecas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Município de Florianópolis, que preste apoio às atividades de promoção à saúde mental dos usuários e comunidade, será necessário, primeiramente, identificar quais são as práticas realizadas pelos profissionais da área de saúde e assistência social; identificar, também, as atividades vivenciadas pelos usuários nos CAPS; conhecer as fontes de informação utilizadas pelos profissionais e usuários para a realização das atividades; e conhecer as representações sociais dos profissionais e usuários acerca de suas necessidades e expectativas informacionais. Entrevistaremos os usuários e os profissionais da área da saúde mental para compreendermos esses fenômenos do mundo da vida cotidiana. Para tratarmos das representações sociais faremos uso da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que será tratado na próxima seção.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção, que trata da metodologia adotada nesta pesquisa, está estruturada em cinco subseções. Na primeira, trataremos da classificação e do tipo de pesquisa no que se refere à natureza, a abordagem e os procedimentos metodológicos; na segunda parte dessa seção, será apresentado o universo da pesquisa e um quadro detalhado com os critérios de inclusão e exclusão para participar ou não desse estudo; em seguida, descrevemos os instrumentos para a coleta de dados, assim como, também, a apresentação dos questionários e roteiros de entrevistas necessários para a realização deste trabalho; e, por fim, na última subseção, apresentamos o Discurso do Sujeito Coletivo como metodologia escolhida para a realização das análises dos discursos.

5.1 Tipos de pesquisa

Com relação à natureza do estudo, trata-se de uma pesquisa aplicada. De acordo com Gray (2012) a pesquisa aplicada tem como característica fundamental resolver alguma espécie de problema do mundo real. É um tipo de pesquisa que tem o propósito de melhorar ou criar soluções para o ambiente investigado e geralmente está voltada para os processos de uma instituição ou organização. Do ponto de vista desse autor, é importante compreendermos que os resultados encontrados neste tipo de pesquisa, não se limitam ao campo teórico, mas é um tipo de pesquisa que, mesmo com todo o embasamento teórico, está voltado para o mundo da vida prática, isto é, o mundo real.

No que se refere à abordagem com relação ao problema de pesquisa, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Entendemos que essa abordagem de pesquisa é ideal para chegarmos aos resultados e atingirmos os objetivos desse trabalho científico, uma vez que “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida” (FLICK, 2009, p. 20). Seguindo esse ponto de vista, com relação à abordagem do problema, Stake (2011) pontua que a pesquisa qualitativa se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana. É um

estudo que tem um caráter interpretativo, experiencial e situacional. Geralmente é um tipo de pesquisa que procura compreender como algo funciona ou como um fenômeno é dado no mundo real. Esse tipo de pesquisa contribui para desmistificar estereótipos e generalizações, enfatizando experiências, diálogos e contextos específicos da realidade.

A pesquisa qualitativa analisa casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades realizadas por pessoas em seus contextos locais. Ocupa uma posição estratégica para traçar caminhos de investigação dentro das ciências sociais e humanas. A realização de uma pesquisa dessa natureza é efetivada a partir do estudo extraído principalmente das observações e análise das tradições do interacionismo simbólico e da fenomenologia. É uma abordagem ideal para se descobrir os fenômenos e configurações sociais latentes que muitas vezes são interpretados de maneira errônea e muitas vezes nem são interpretados (FLICK, 2009).

Essa abordagem nos fornece respostas que uma pesquisa quantitativa não seria capaz de nos fornecer. Ela é ideal para se estudar as desigualdades sociais, os comportamentos e as formas de vida no mundo contemporâneo. Compreender as representações sociais dos profissionais e usuários dos CAPS, com relação à implantação de redes de bibliotecas nestes espaços, torna-se uma forma de entendimento do pensamento institucionalizado desses locais. A possibilidade de investigar essas representações é possível mediante coleta de discursos dos participantes da pesquisa. A abordagem qualitativa analisa não a mensuração de dados, mas a interpretação daquilo que é dito, enquanto discurso, para compreender determinados contextos ou instituições. “Os dizeres, como expressão do pensar, compõem material relevante para suscitar reflexões, expondo-se como fonte de rica informação” (SOUZA *et al*, 2014, *online*).

Com relação aos objetivos do estudo, trata-se de uma pesquisa exploratória e de caráter descritivo. As pesquisas exploratórias segundo Gray (2012) buscam explorar o que está acontecendo, possibilitando, com isso, fazer perguntas a respeito de tal problema ou lacuna no mundo real. São úteis quando não se sabe o suficiente sobre determinado fenômeno. Para Deslauriers e Kérisit (2014, p. 130), “Uma pesquisa

qualitativa de natureza exploratória possibilita familiarizar-se com as pessoas e suas preocupações.”.

Conforme apresentado por esses autores, compreendemos que esse caráter exploratório seja o mais adequado para a realização dessa pesquisa, uma vez que compreender as representações sociais dos profissionais e usuários dos CAPS, com relação à biblioteca e às fontes de informação, requer uma investigação exploratória e empírica. Vale ressaltar que não encontramos literatura publicada sobre politicas públicas de bibliotecas ou atuação de bibliotecários nos ambientes de saúde mental. Isso justifica, ainda mais, a necessidade de investigação no mundo da vida, sobre o nosso problema de pesquisa lançado. Explorar o mundo real possibilita conhecer, esclarecer ou até mesmo modificar conceitos e pensamentos que foram construídos ao longo da história.

Por outro lado, a pesquisa de caráter descritivo torna-se um modo adequado de estudar as características de uma determinada população ou fenômenos, sendo muito utilizada nas pesquisas sociais. Sobre essa abordagem, Gray (2012) afirma que o propósito de um estudo descritivo é apresentar como determinado fenômeno ocorre naturalmente e como é possível perceber as mudanças em diferentes grupos. Seguindo essa perspectiva apontada por esse autor, esse caráter descritivo contribui para sanar as nossas inquietações acerca dos objetivos dessa pesquisa. “Uma pesquisa descritiva colocará a questão dos mecanismos e dos atores (o ‘como’ e o ‘o quê’ dos fenômenos)” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2014, p. 130).

Desta forma, é possível compreendermos a construção social da realidade, os mecanismos da linguagem objetivante, os costumes e os diferentes grupos sociais. Essa descrição, no caso de nossa pesquisa, traz à luz da razão como as instituições psiquiátricas passaram de um modelo centralizador para uma abordagem baseada no cuidado à saúde mental comunitária, levando em consideração seus atores sociais. A descrição torna-se um fato importante para conhecermos os fenômenos e as representações sociais dos atores que frequentam os CAPS, ou seja, profissionais ou usuários da instituição.

Com relação aos procedimentos metodológicos trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de abordagem baseada na observação. De acordo com Gray (2012,

p.xx), “[...] alguns dos propósitos da revisão bibliográfica são identificar lacunas no conhecimento que merecem mais investigação, questionar ideias atuais ou partir de uma teoria aceita, mas aplicando a um novo campo”. A revisão bibliográfica, neste sentido, desempenha um papel importante ao longo de todo o desenvolvimento da pesquisa. É por meio dessa revisão que o pesquisador qualitativo constrói o seu objeto de estudo e busca elucidar a análise dos dados, mantendo o equilíbrio entre o trabalho empírico e o trabalho teórico (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2014). Ainda sobre esse assunto, esses mesmos autores acrescentam que:

> Uma revisão bibliográfica na pesquisa qualitativa não se limitará, portanto, a um campo de conhecimento particular, mas será gradualmente ampliada em outros domínios, fecundando o primeiro. Esse procedimento exige do pesquisador não apenas um aprofundamento de seu campo de investigação, mas também um conhecimento dos campos conexos (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2014, p. 142).

A pesquisa bibliográfica tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema a ser investigado. Primeiramente, foi realizado nesta pesquisa, um levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos, anais de congressos, relatórios etc., acerca das teorias que norteiam o campo de investigação. No segundo momento, foram coletados discursos que se tornaram matérias-primas para a análise do Discurso do Sujeito Coletivo, tema esse que será abordado mais adiante. Esses discursos são fundamentais para chegarmos aos resultados dos fenômenos estudados.

A abordagem baseada na observação também trouxe contribuições importantes para o estudo. A visita nos espaços investigados, o contado com as pessoas e com a realidade cotidiana foram significativos para levantar dados e compreendermos melhor os fenômenos que por ventura estávamos investigando. Segundo Gray (2012), a observação não é simplesmente uma questão de tomar nota sobre os fatos observados, mas é um processo complexo que combina sensação e percepção. Para Flick (2009), o processo de observação envolve praticamente todos os sentidos: visão, audição, percepção, olfato. É uma técnica bastante utilizada nas pesquisas qualitativas. Por meio da observação direta foi possível constatarmos a realidade informacional e os pequenos acervos já existentes em cada unidade. Como forma de enriquecer esta pesquisa, abrimos uma subseção neste capítulo chamada, Diário de entrevistas, que

descreve um pouco das percepções e sensações sentidas pelo entrevistador ao visitar os CAPS e realizar as entrevistas.

Portanto, essa pesquisa aplicada tem o intuito de compreender a importância da implantação de uma rede de bibliotecas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). No entanto, essa importância só poderá ser apontada, mediante análise dos discursos dos profissionais e pacientes, ou seja, sujeitos que compõem a amostra da pesquisa.

5.2 Universo da pesquisa

A amostra da pesquisa é composta por vinte e quatro indivíduos. Ela está distribuída entre profissionais da área da saúde, assistentes sociais, bem como os usuários dos quatro Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do município de Florianópolis. Cada CAPS possui em média quinze profissionais de diversas áreas atuando em cada unidade e atende cerca de 250 a 450 pessoas por mês/unidade, levando em consideração os usuários e seus familiares. Além dos profissionais, estagiários de enfermagem, psicologia, serviço social e outros, também contribuem com as atividades realizadas nos CAPS.

No segmento profissional, fazem parte da amostra da pesquisa, um psiquiatra, um psicólogo, um enfermeiro e um assistente social de cada unidade de saúde. Já no segmento usuário, foram selecionados dois usuários em cada unidade. Para cada categoria de participantes da pesquisa (profissional ou usuário), atribuímos alguns critérios de inclusão/exclusão específicos, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 3 - Unidades, participantes e critérios de inclusão/exclusão

Unidade	Categoria de participantes	Critérios de inclusão de participação	Critérios de exclusão de participação
CAPS Ponta do Coral	**Profissionais:** Um psiquiatra; Um psicólogo; Um enfermeiro; Um assistente social.	• Ter formação na área específica; • Ser profissional alocado na unidade; • Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.	• Não ter formação na especialidade; • Não atuar na unidade específica; • Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.
	Usuários: Dois adultos	• Estar em condições físicas e psicológicas para participar do estudo; • Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e/ou o termo de assentimento livre e esclarecido; • Ser autorizado pelo responsável quando for o caso.	• Não estar em condições físicas ou psicológicas para participar da pesquisa; • Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e/ou o termo de assentimento livre e esclarecido; • Não ser autorizado pelo responsável quando for o caso.
CAPSi	**Profissionais:** Um psiquiatra; Um psicólogo; Um enfermeiro; Um assistente social.	• Ter formação na área específica; • Ser profissional alocado na unidade; • Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.	• Não ter formação na especialidade; • Não atuar na unidade específica; • Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.
	Usuários: Dois adolescentes	• Estar em condições físicas e psicológicas para participar do estudo; • Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e/ou o termo de assentimento livre e esclarecido; • Ser autorizado pelo responsável quando for o caso.	• Não estar em condições físicas ou psicológicas para participar da pesquisa; • Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e/ou o termo de assentimento livre e esclarecido; • Não ser autorizado pelo responsável quando for o caso.

(continua...)

(conclusão...)

CAPS AD Ilha	Profissionais: Um psiquiatra; Um psicólogo; Um enfermeiro; Um assistente social.	• Ter formação na área específica; • Ser profissional alocado na unidade; • Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.	• Não ter formação na especialidade; • Não atuar na unidade específica; • Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.
	Usuários: Dois adultos	• Estar em condições físicas e psicológicas para participar do estudo; • Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e/ou o termo de assentimento livre e esclarecido; • Ser autorizado pelo responsável quando for o caso.	• Não estar em condições físicas ou psicológicas para participar da pesquisa; • Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e/ou o termo de assentimento livre e esclarecido; • Não ser autorizado pelo responsável quando for o caso.
CAPS AD Continente	Profissionais: Um psiquiatra; Um psicólogo; Um enfermeiro; Um assistente social.	• Ter formação na área específica; • Ser profissional alocado na unidade; • Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.	• Não ter formação na especialidade; • Não atuar na unidade específica; • Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.
	Usuários: Dois adultos	• Estar em condições físicas e psicológicas para participar do estudo; • Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e/ou o termo de assentimento livre e esclarecido; • Ser autorizado pelo responsável quando for o caso.	• Não estar em condições físicas ou psicológicas para participar da pesquisa; • Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e/ou o termo de assentimento livre e esclarecido; • Não ser autorizado pelo responsável quando for o caso.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Após a delimitação do universo da pesquisa e de estabelecer instrumentos de coleta de dados adequados para seguir os procedimentos metodológicos, constatamos a necessidade de traçar características do perfil dos participantes da pesquisa como forma de ilustrar e enriquecer os resultados finais desse estudo. Nas próximas subseções abordaremos os dois segmentos investigados.

5.2.1 Caracterização do segmento profissional

Com relação aos dezesseis profissionais investigados que fizeram parte da amostra da pesquisa, chegamos ao resultado da predominância do gênero feminino conforme apresentamos na tabela abaixo:

Tabela 1 - Gênero dos profissionais entrevistados

Gênero	**Quantidade**
Masculino	5
Feminino	11

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Sobre a idade dos profissionais entrevistados, percebemos a idade entre 31 anos a 40 anos com mais frequência, seguida de profissionais com idade entre 41 anos e 50 anos. Por fim, dois profissionais com idade entre 21 e 30 anos e mais dois profissionais entre 51 anos e 60 anos:

Tabela 2 - Idade dos profissionais entrevistados

Idade	Quantidade
21-30 anos	2
31-40 anos	8
41-50 anos	4
51-60 anos	2
61-70 anos	-
71-80 anos	-
81 em diante	-

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Dentre os profissionais entrevistados que atuam nos quatro Centros de Atenção Psicossocial do município de Florianópolis, três profissionais têm o nível de ensino superior, dez profissionais com títulos de especialização e três deles com título de mestre. Durante a entrevista, dois dos entrevistados que têm título de especialização informaram que estão cursando o mestrado. Para melhor entendimento podemos observar a tabela seguinte:

Tabela 3 - Escolaridade dos profissionais entrevistados

Escolaridade	Quantidade
Ensino superior	3
Especialização	10
Mestrado	3
Doutorado	-
Outros	-

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Com relação ao tempo de atuação nos CAPS, cinco profissionais atuam na instituição entre 5 anos e 10 anos, enquanto três deles atuam há mais de 10 anos. São essas as pessoas com mais tempo de atuação dentro da instituição. Segue abaixo, a tabela completa com o tempo de atuação de cada participante da pesquisa:

Tabela 4 - Tempo de atuação dos profissionais nos CAPS

Tempo de atuação	Quantidade
Até 01 ano	-
Entre 1 ano e 2 anos	2
Entre 2 anos e 3 anos	2
Entre 3 anos e 4 anos	3
Entre 4 anos e 5 anos	1
Entre 5 anos e 10 anos	5
Mais de 10 anos	3

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

5.2.2 Caracterização do segmento usuários

Com relação à categoria usuários, oito pessoas participaram da pesquisa. No campo profissão do formulário, detectamos as seguintes situações: um auxiliar de serviços gerais, um segurança, uma manicure, duas pessoas aposentadas por invalidez, dois participantes desempregados e um estudante. Segue tabela abaixo com o gênero dos participantes:

Tabela 5 - Gênero dos usuários entrevistados

Gênero	Quantidade
Masculino	4
Feminino	4

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Sobre a idade dos participantes, a ocorrência maior foi na idade entre 21 a 30 anos, seguida por pessoas entre 31 e 40 anos. Segue abaixo a tabela com mais detalhes:

Tabela 6 - Idade dos usuários entrevistados

Idade	Quantidade
10-20 anos	1
21-30 anos	3
31-40 anos	2
41-50 anos	1
51-60 anos	1
61-70 anos	-
71-80 anos	-
81 em diante	-

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

A próxima tabela traz informações sobre a escolaridade dos participantes. Pelos dados, percebemos a predominância de usuários com o ensino médio incompleto e, em seguida, com o ensino fundamental incompleto. No quesito “outros” uma das participantes sinalizou no formulário possuir pós-graduação, mas não especificou que nível de pós-graduação ou a área do conhecimento:

Tabela 7 - Escolaridade dos usuários entrevistados

Escolaridade	Quantidade
Ensino fundamental	1
Ensino fundamental incompleto	2
Ensino médio	1
Ensino médio incompleto	3
Ensino superior	-
Ensino superior incompleto	-
Não sabe	-
Outros	1

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

O último quesito coletado no formulário de caracterização corresponde ao tempo de frequência dos usuários nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Apenas dois participantes estão há mais de 5 anos frequentando a instituição, conforme podemos constatar na tabela abaixo:

Tabela 8 - Tempo em que frequenta o CAPS

Tempo de frequencia	Quantidade
Até 01 ano	2
Entre 1 ano e 2 anos	-
Entre 2 anos e 3 anos	2
Entre 3 anos e 4 anos	-
Entre 4 anos e 5 anos	2
Mais de 5 anos	2

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

5.3 Coleta de dados

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: questionários de caracterização, roteiros de entrevista e a observação. Segundo Richardson (2008, p. 189), "os questionários cumprem pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social". As informações obtidas através desse instrumento de coleta de dados permitem que sejam observadas as características de um indivíduo ou grupo social, tais como: "sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade, preferências políticas etc." (RICHARDSON, 2008, p. 189).

Seguindo na mesma linha de pensamento, Gray (2012) afirma que os questionários talvez sejam um dos instrumentos de pesquisa mais utilizados para a coleta de dados. Por meio dessa ferramenta, pessoas respondem a um conjunto de perguntas em uma ordem predeterminada. Os questionários são utilizados conforme certa adequação aos objetivos da pesquisa. Geralmente são muito utilizados em pesquisas quantitativas. Richardson (2008) afirma que os questionários podem ser classificados em três categorias: questionários de perguntas fechadas, questionário de perguntas abertas e questionários que combinam ambos os tipos de perguntas.

Os modelos de questionários de caracterização utilizados nesta pesquisa foram elaborados com perguntas fechadas, destinados aos profissionais (APÊNDICE A) e para os usuários dos CAPS (APÊNDICE B). Vale ressaltar que, em nossa pesquisa, esse tipo de questionário não foi utilizado para mensuração, conforme os padrões quantitativos, mas para auxiliar na descrição das características dos participantes, uma vez que o foco de nossa pesquisa está centrado nos discursos dos participantes.

No segundo momento da coleta de dados, foram utilizados os roteiros de entrevistas. Para Richardson (2008), a entrevista é uma técnica importante que proporciona uma estreita relação entre o entrevistador e o respondente. Para ele, seria a transmissão de informações de uma determinada pessoa à outra. Esse método de coleta de dados com perguntas predefinidas, permite o estudo de pontos de vista subjetivos em diferentes grupos ou realidades sociais.

A entrevista bem conduzida torna-se uma ferramenta poderosa para coletar dados referentes a visões, atitudes e sentidos que embasam as vidas e os comportamentos das pessoas. Em estudos exploratórios, a entrevista torna-se um dos melhores métodos de coleta de dados para investigar os sentimentos e atitudes dos indivíduos no mundo cotidiano, proporcionando a oportunidade de refletir sobre determinados eventos ou situações, além de explorar histórias e perspectivas dos informantes (GRAY, 2012). Conforme apresentado nessa passagem, fica evidente que a entrevista foi o melhor método de coleta de dados para atingir os objetivos deste estudo. Sobre os dados verbais, Flick (2009, p. 194) acrescenta que,

> A coleta de dados verbais representa uma das principais abordagens metodológicas da pesquisa qualitativa, na qual se utilizam diversas estratégias com o objetivo de gerar o máximo possível de abertura em relação ao objeto em estudo e às perspectivas do entrevistado, do narrador ou do participante nas discussões.

Apesar de haver vários tipos de entrevistas, utilizaremos nesta pesquisa a entrevista semiestruturada. De acordo com Flick (2009), esse tipo de entrevista tem atraído o interesse de muitos pesquisadores e vem sendo amplamente utilizada em pesquisa qualitativa. Esse interesse está associado à expectativa que os pontos de vista, valores e perspectiva dos sujeitos entrevistados sejam expressos com mais facilidade utilizando entrevistas com um planejamento aberto, ao invés de uma

entrevista padronizada ou com a utilização de um questionário. As entrevistas semiestruturadas segue um direcionamento temático conforme os objetivos que se quer investigar.

Sobre esse tipo de entrevista, Gray (2012) pontua que na utilização da entrevista semiestruturada o entrevistador tem uma lista de perguntas ou questões que contemplem a temática do estudo. A abertura desse tipo de entrevista permite que, se for o caso, novas perguntas podem ser acrescentadas à medida que surjam novas questões. Esse fator torna-se um ponto importante para um aprofundamento das investigações, ainda mais quando o objetivo da pesquisa é explorar os sentidos subjetivos que os respondentes atribuem a situações, eventos ou conceitos.

Elaboramos, enquanto instrumentos de coleta de dados, roteiros de entrevistas voltados aos profissionais (APÊNDICE C) e usuários dos CAPS (APÊNDICE D). Compreendemos que a entrevista semiestruturada, isto é, os roteiros que guiaram as entrevistas, foi o método mais adequados para coletar dados dessa natureza, uma vez que os respondentes puderam falar livremente sobre suas percepções e atitudes perante os objetivos da pesquisa. A coleta desses discursos nos possibilitou analisar e compreender as necessidades informacionais dos indivíduos nesses ambientes de saúde mental.

Antes da aplicação dos questionários de caracterização e da coleta de dados por meio dos roteiros de entrevista, cada participante da pesquisa preencheu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os maiores de 18 anos (APÊNDICE E) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) voltado para os menores de 18 anos (APÊNDICE F). Com relação à participação de crianças, adolescentes e dependentes, tornou-se necessário, também, a assinatura do Termo de Assentimento (APÊNDICE G) pelos pais ou responsáveis. Para a assinatura desse documento, foram repassadas orientações necessárias para que houvesse compreensão clara desse termo e da participação do usuário na pesquisa.

A coleta de dados foi realizada em cada unidade dos CAPS, com dia e horário previamente agendados, de acordo com a preferência e disponibilidade de cada participante. As entrevistas foram registradas por meio de um gravador de voz da marca Powerpack, modelo DVR-1096TF e têm apenas caráter de pesquisa. As gravações

foram realizadas mediante assinatura do termo de Consentimento para fotografias, vídeos e gravações destinados aos participantes maiores de 18 anos (APÊNDICE H) e aos participantes menores de 18 anos (APÊNDICE I). O material coletado será guardado e mantido em sigilo por um período de cinco anos. Desde o início da coleta de dados até o tempo estipulado que deteremos a posse dos discursos, será respeitando o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

Pontuamos que a coleta de dados somente teve início após a autorização da Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde (CAPPS), da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Florianópolis, responsável pelos CAPS e da autorização do Comitê de Ética na Pesquisa envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC. Os discursos foram transcritos e as entrevistas encontram-se nos apêndices desta pesquisa, profissionais (APÊNDICE J) e usuários (APÊNDICE M). Foram utilizadas reticências entre colchetes "[...]" para suprimir informações que pudessem identificar os indivíduos participantes das entrevistadas. Em alguns trechos foram usados acréscimos entre colchetes para que não fosse perdido o sentido do contexto dos discursos. Após a coleta dos discursos e transcrição das falas, realizamos o processo de análise dos dados mediante utilização da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, conforme apresentamos a seguir.

5.4 Análise dos dados

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é uma técnica de análise de discurso que foi desenvolvida pelos pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre[22]. Esse método consiste basicamente em analisar o material verbal coletado em pesquisas que têm depoimentos como sua matéria-prima. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003), para seguir a metodologia do DSC é necessário levar em consideração três procedimentos fundamentais para a efetivação do método, que são: expressões-chave, as ideias centrais e a ancoragem.

[22] Vale ressaltar que Ana Maria Cavalcanti Lefèvre faleceu em março de 2015. Graduada em Ciências Biológicas, tinha especialização em Educação em Saude. Mestre e doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Era sócia administradora e pesquisadora do Instituto de Pesquisa do Sujeito Coletivo. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/9826372789459625>.

As expressões-chave são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que revelam a essência do depoimento ou conteúdo discursivo. Busca-se com essas expressões-chave a literalidade do depoimento, isto é, são uma espécie de prova discursivo-empírica da verdade das ideias centrais e das ancoragens. Elas se tornam matéria-prima que fundamentam e constroem o DSC (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

As ideias centrais são expressões linguísticas que revelam ou descrevem de maneira sintética, precisa e fidedigna, o sentido de cada um dos discursos analisados no conjunto homogêneo das expressões-chave. Vale ressaltar que as ideias centrais não são interpretações, mas descrições dos depoimentos coletados nos discursos, revelando o que foi dito e expresso na enunciação do sujeito. Após o levantamento do assunto, é preciso identificar a ideia central ou ideias centrais correspondentes a cada tema proposto (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

E por fim, a ancoragem. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003) a ancoragem consiste em uma manifestação linguística explicita de uma determinada teoria, crença ou ideologia que o autor do discurso expressa. Esses discursos são proliferados de maneira genérica, usada para enunciar um enquadramento de uma determinada situação específica. A ancoragem corresponde a uma figura metodológica que tem inspiração na teoria das representações sociais e apresenta uma relevância para tornar manifesta os pensamentos e ideias subjacentes do mundo prático e cotidiano. Vale pontuar que, para atingirmos os objetivos desta pesquisa, utilizaremos como procedimentos para a análise dos discursos, as expressões-chave e as ideias centrais. Portanto, não adentraremos na abordagem da ancoragem, uma vez que, os dois procedimentos anteriores são satisfatórios para a realização da análise.

Para a aplicação dessa técnica, foi necessário fazer perguntas abertas e deixar que os indivíduos, amostra da pesquisa, falassem livremente na produção dos discursos. Sendo necessário, portanto, que eles fossem estimulados a expressarem pensamentos, ideias e valores de acordo com os objetivos previamente traçados. Conforme já pontuamos, o roteiro de entrevista utilizado para a coleta de discurso foi estruturado apenas para seguir uma lógica de sentido, contudo, o participante da pesquisa teve a liberdade de verbalizar seu pensamento de forma autônoma.

Trata-se de um *eu* sintático que sinaliza a presença de um sujeito individual do discurso, expressando, de certa maneira, uma referência coletiva na medida em que esse *eu* fala em nome de uma coletividade, viabilizando, com isso, um pensamento social. Essa metodologia visa, a partir dos discursos, dar luz ao conjunto de individualidades semânticas que compõem o imaginário social. Conforme apresentamos na fundamentação teórico-metodológica, a construção do mundo social é formada mediante objetivação da linguagem no mundo cotidiano. Portanto, há um tecido social.

A partir das ideias centrais ou ancoragens e das expressões-chave, chega-se a um ou vários discursos-síntese que são elaborados com pedaços de discursos de sentido semelhante reunidos num só discurso, ou seja, o Discurso do Sujeito Coletivo. Esse discurso consiste na leitura das respostas e na identificação de palavras, conceitos ou expressões que revelam a essência do sentido da resposta. Sendo possível, desta maneira, enquadrar vários depoimentos ou discursos em uma mesma categoria. Essa categorização convencional possibilita a classificação e a condição de cientificidade do estudo, possibilitando a produção do conhecimento ou o entendimento sobre determinados fenômenos ou representações sociais em nossa realidade (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). Ainda seguindo o pensamento desses autores, eles acrescentam que:

> Tais histórias coletivas refletem ou carregam códigos narrativos socialmente compartilhados; por isso, é possível com os conteúdos e os argumentos dos diferentes depoimentos que apresentam sentido semelhante, construir, na primeira pessoa do singular, uma narrativa verossímil, ou seja, uma história aceitável para um indivíduo culturalmente equivalente aos pesquisados (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014, p. 504).

Para Lefèvre e Lefèvre (2003), essa metodologia tem como fundamento, portanto, a teoria das Representações Sociais e seus pressupostos sociológicos. É uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos que permite, através de procedimentos sistemáticos e padronizados, agregar depoimentos sem reduzi-los a quantidades. O DSC constitui uma técnica de pesquisa qualitativa criada para fazer uma coletividade falar, como se fosse um só indivíduo. Ainda sobre essa perspectiva Lefèvre e Lefèvre (2014), acrescentam que o DSC pode funcionar como espelho psicanalítico do pensamento de um determinado grupo social, podendo, de certa

maneira, usufruir dos resultados como um instrumento útil para intervenções que busquem despertar consciências ou provocar diálogos sobre determinado assunto.

Os discursos dos indivíduos coletados para fins de estudo, ao passarem pelo crivo analítico do pesquisador e por procedimentos operacionais de abstração e conceituação, são transformados em produtos cientificamente tratados. O resultado final de uma pesquisa com o DSC torna-se um constructo, um artefato, uma descrição sistemática da realidade ou uma reconstrução do pensamento coletivo como um produto científico. Conhecer essas representações coletivas torna-se um ato de atribuição de sentido como forma de possibilidade de reconstrução da vida social (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014).

Desde a ideia inicial dessa pesquisa, sustentamos a importância de implementarmos uma rede de bibliotecas para potencializar a rede de saúde mental, no que se refere à reinserção social e cultural da comunidade. No entanto, essa importância só poderá ser comprovada mediante investigação empírica da realidade estudada. Ou seja, somente a partir da coleta de dados e da análise, que podemos compreender os discursos e as representações dos sujeitos reunidos em um só discurso. Esse será o meio para atingirmos o objetivo geral desta pesquisa.

5.5 Aspectos éticos da pesquisa

Por envolver profissionais e usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), essa pesquisa seguiu os procedimentos éticos necessários conforme a Resolução 466/2012/CNS/MS/CONEP, que dispõe sobre o respeito e pela dignidade humana no que se refere à proteção aos participantes das pesquisas científicas que envolvem seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) está diretamente ligada ao Conselho Nacional de Saúde (CNS). Esse documento defende o progresso da ciência e da tecnologia, no que se diz respeito ao desvendar de outras percepções da vida, dos modos de vida, como nos hábitos e costumes, mas levando em consideração o ser humano nos meios reais e virtuais. Ou seja, considera que esses avanços devem sempre respeitar a dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano (BRASIL, 2013).

Para a realização deste estudo, foi submetido à Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde (CAPPS) da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis, um projeto de pesquisa com os procedimentos metodológicos necessários para obter concessão para a realização do estudo nos CAPS. Mediante aprovação, foi emitida uma declaração de anuência autorizando da pesquisa (ANEXO B). Em seguida, o mesmo projeto foi submetido, também, ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEPSH/UDESC). Após apreciação e avaliação deste comitê, foi emito o parecer consubstanciado n. 1.941.818 (ANEXO C). Somente após a aprovação por esses dois órgãos, que a coleta dos discursos foi iniciada, seguindo, desta maneira, os princípios éticos da pesquisa científica que envolve seres humanos. Após a liberação do parecer emitido pelo CEPSH/UDESC e deste ser submetido novamente ao CAPPS, recebi o ofício de autorização para a coleta de dados, junto aos CAPS (ANEXO D). De posse deste documento, iniciamos a pesquisa propriamente dita.

Os riscos dos procedimentos metodológicos desta pesquisa foram considerados mínimos. Embora o preenchimento do questionário de caracterização e o roteiro de entrevista não contivessem perguntas que envolvessem ou causassem constrangimentos emocionaais ou psicológicos, tais procedimentos poderiam causar pequenos desconfortos físicos ou cansaços. Para suavizar esses riscos, a coleta de dados foi realizada em local claro e arejado, que continham mesas e cadeiras adequadas, com o intuíto de propiciar conforto aos participantes da pesquisa. Ressalta-se ainda que esses participantes foram informados de que a qualquer momento, no ato da coleta de dados, eles poderiam parar a entrevista ou até mesmo desistir da participação na pesquisa por livre e espontânea vontade.

Entendemos que os resultados encontrados nesta pesquisa trarão benefícios indiretos e tardios para a área da Biblioteconomia, no que se refere ao desenvolvimento científico, assim como, também, na contribuição de reflexões sobre as ações e práticas desenvolvidas junto à sociedade. Por outro lado, entendemos que esse diálogo interdisciplinar com o campo da Saúde Mental, venha trazer contribuições tanto para a rede de atenção à saúde mental, quanto para os usuários que usufruem dos serviços

prestados pelos CAPS nas comunidades. Essa pesquisa torna-se uma forma de dar visibilidade a um assunto que deveria ser mais discutido na esfera social e acadêmica.

Para respeitar os aspectos éticos e assegurar a proteção dos seres humanos envolvidos nesta pesquisa, foram apresentados aos participantes todos os instrumentos/documentos exigidos pela CONEP, conforme os APÊNDICES expostos no final deste relatório de pesquisa. Como sequência das discussões acerca da pesquisa, apresentamos a seguir algumas descrições e percepções sentidas no ato da coleta de dados pelo entrevistador.

5.6 Diário de entrevistas

O diário de entrevista se torna um recurso riquíssimo para apresentarmos aos leitores deste trabalho, informações sobre as percepções vivenciadas pelo pesquisador no ato das coletas de dados. Por se tratar de um diário e por ser uma pesquisa de abordagem fenomenológica, utilizaremos, nesta subseção, o discurso na primeira pessoa do singular, uma vez que apresenta a visão do entrevistador diante das visitas e do próprio contado com as pessoas em cada instituição visitada.

Com o documento de autorização emitido pela Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde, iniciou-se a fase da coleta de dados. No primeiro momento, para facilitar a aproximação, preferi não entrar em contato por telefone, mas me dirigi pessoalmente as quatro unidades dos CAPS. Visitei todas as unidades no mesmo dia. Apenas em uma das unidades que, por não encontrar a coordenadora naquele momento, fiz contato por telefone uma semana após a primeira tentativa, agendando uma visita posteriormente. Ao chegar às unidades dos CAPS, os coordenadores já tinham conhecimento do meu projeto de pesquisa e do tema a ser pesquisado.

A primeira unidade visitada foi o CAPS AD Ilha, que se situa no bairro Pantanal. A coordenadora desta instituição recebeu-me prontamente e foi bem receptiva. De imediato, ela me mostrou as instalações dessa unidade, o espaço físico, inclusive a área com uma estante com livros e uma mesa grande destinada à leitura. Em seguida, ela consultou a agenda dos profissionais no sistema e marcou as entrevistas conforme

a disponibilidade dos profissionais. Logo após, ela me apresentou a um usuário que estava no momento na instalação e falou sobre a minha pesquisa. Como ele sentiu-se motivado para participar, coletei nesta visita inicial a primeira entrevista.

Neste mesmo dia, ao sair dessa unidade, dirigi-me para o CAPS Ponto do Coral, que fica localizado no bairro Agronômica. Cheguei e me apresentei na recepção e, como os profissionais estavam em reunião, fiquei aguardando. Depois de um tempo de espera, fui recebido pelo coordenador desta unidade que, por coincidência, tinha sido um colega de turma em uma disciplina isolada que eu participei no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSC, no ano de 2013. Isso estreitou mais as relações para dialogarmos sobre a pesquisa em questão. Este profissional autorizou a coleta de dados com os usuários daquela instituição para o dia seguinte, sugerindo que a coleta de dados com os profissionais fosse agendada para uma quarta-feira, dia da semana que ocorrem as reuniões de equipe. Na data marcada, fui convidado a me apresentar ao grupo e falar desta pesquisa. Neste mesmo dia, coletei os discursos de dois profissionais, ficando os outros dois para outra data. Praticamente uma semana após, uma das profissionais entrou em contato e consegui agendar e realizar a entrevista com esses dois profissionais que faltavam.

As entrevistas no CAPS AD Continente, situado no bairro Balneário, foram as mais tranquilas e as mais fáceis de coletar, dentre todos os CAPS. O coordenador foi bem receptível, mostrou-me um pouco sobre o espaço físico e a coleção de livros técnicos e os livros para os usuários. O coordenador se mostrou motivado para participar da pesquisa e em seguida já contatou os outros profissionais. Assim que coletei as quatro entrevistas, fui convidado a retornar no período da tarde para coletar os discursos dos usuários. À tarde, ao chegar à unidade, fui convidado para participar de uma assembleia em que estavam presentes profissionais e usuários. Tive um espaço para falar da pesquisa e aproveitei para convidar os usuários a participar da coleta de dados e logo dois participantes concordaram.

No CAPSi, situado no bairro Agronômica, como eu não havia conseguido falar pessoalmente com a coordenadora, entrei em contato por telefone uma semana após. Como esse CAPS atende crianças e adolescentes e isso iria requerer mais atenção e cuidado (até por questão da necessidade da autorização dos pais e/ou responsáveis),

preferi deixar essa coleta mais para o final da pesquisa. Já neste primeiro contato por telefone fui autorizado a procurar as outras profissionais e agendar diretamente a coleta de dados conforme a disponibilidade de cada uma. No dia e horário marcado, dirigi-me a esta unidade e aos poucos fui realizando a coleta. Uma das profissionais desta unidade mostrou-me o espaço físico e as instalações, assim como, também, uma sala com diversos brinquedos e o espaço onde ficam os livros. Com os usuários, foram coletadas entrevistas com dois adolescentes.

As entrevistas foram realizadas em salas fechadas e algumas delas em ambientes abertos. No entanto, houve o cuidado para que fosse um lugar adequado, sem barulho ou distante da circulação de pessoas para que não viessem a interromper a entrevista. Apenas uma das entrevistas com um dos profissionais, que estava sendo realizada em uma sala fechada, foi interrompida com a chegada de uma usuária do CAPS. No entanto, essa pessoa chegou, cumprimentou e em poucos minutos deixou o recinto. Com isso, a entrevista foi retomada do ponto em que havia sido interrompida. Na categoria usuário, duas pessoas se recusaram a participar. Uma porque não demonstrou interesse e a outra justificou que já havia participado de uma pesquisa recentemente e que desta vez preferia não participar.

O deslocamento para visitar as instituições para a coleta de dados foi realizado em condução própria. Apenas em duas situações em que frequentei o CAPS AD Ilha que o trajeto foi realizado a pé, uma vez que esta instituição fica próxima à UFSC, instituição em que trabalho. Nas demais visitas, o trajeto foi realizado de carro. Desde a primeira visita, tive a percepção da grande demanda de atendimento nestes espaços. Os profissionais, além dos atendimentos agendados, ainda lidam com as urgências que possam surgir. Em uma das entrevistas, tive que aguardar quase uma hora após o horário agendado, por causa de uma urgência surgida. A profissional estava lidando com o caso de um jovem junto aos seus familiares. Nos dias das entrevistas agendadas, sempre cheguei ao local com minutos de antecedência para evitar atrapalhar a rotina dos profissionais.

Houve uma preocupação também com as vestimentas nos dias de entrevista. Geralmente as roupas utilizadas foram discretas e sem detalhes: sapato social, calça jeans e camisa polo. Buscou-se ter um cuidado para não se utilizar de véstias formais

para não inibir a participação das pessoas. A intenção foi criar situações em que as pessoas se sentissem à vontade e pudessem contribuir com as falas de maneira livre e tranquila. Alguns participantes demostraram um pouco de inibição no inicio da entrevista, mas depois, conforme as questões avançavam, sentiram-se desinibidas. Existiu um cuidado por parte do entrevistador com relação à comunicação não-verbal, isto é, demonstração de gesto de concordância, de atenção e de expressões faciais como técnica facilitadora para interagir com o falante sem interromper o discurso.

A pesquisa empírica tem os seus encantamentos. Foram percepções enriquecedoras que contribuíram para o meu crescimento como pesquisador e como profissional, ainda que tenha sido a primeira vez em que realizei um estudo desta natureza. O contato com os profissionais, com os usuários e um pouco da vivência no dia a dia destas instituições trouxeram-me reflexões e a convicção de que fiz a escolha certa ao me debruçar em um tema tão delicado e ao mesmo tempo complexo. Segue adiante, a análise dos discursos como fator que comprovam a importância e a necessidade de se falar de Saúde Mental na Biblioteconomia e vice-versa.

6 ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)

Após seguir todos os procedimentos metodológicos apresentados na seção anterior, chegamos ao momento da análise dos DSC dos profissionais e usuários dos CAPS. Para realização dessa análise, levamos em consideração o próprio DSC dos participantes da pesquisa, trechos das entrevistas, a fundamentação conceitual e teórico-metodológica que serviram de embasamento ou justificativa, que atendam ou respondam aos objetivos propostos nesse estudo. Conforme discursamos anteriormente, a partir da técnica do DSC desenvolvida por Fernando e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, chegamos a três discursos distintos referentes às falas das duas categorias em estudo: os profissionais e os usuários dos CAPS. É com base nestes discursos que iniciamos a referida análise.

6.1 DSC dos profissionais dos CAPS

Com relação à análise das falas dos profissionais, referentes às respostas das seis questões apresentadas no roteiro de entrevista (APÊNDICE C), chegamos a um único discurso criado a partir da soma das falas de todos os entrevistados. Chamaremos esse discurso de DSC 1, conforme apresentamos a seguir:

Realizo diversas atividades nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários, destaco que todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social dos usuários. Vale ressaltar que desenvolvo atividades mediante parceria com ONGs e, dentre essas atividades, destaco os grupos e oficinas terapêuticas, atividades de arte e artesanato, visita aos espaços culturais da cidade, grupo sobre cidadania, direitos e deveres, geração de trabalho e renda. Com menos frequência, realizo grupo de família e de discussão sobre trabalho, economia doméstica e oficina de dança. As atividades que desenvolvo nos CAPS são importantes para a transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos dos usuários e para prepará-los para o retorno à rotina de estudo ou trabalho como forma de reinserção social.

Neste sentido, para desenvolver minhas atividades profissionais no dia a dia eu considero necessárias diversas fontes de informação e, de maneira recorrente, utilizo a internet como fonte de informação. Consulto, também, o acervo da instituição e faço uso de livros, artigos, revistas e textos. Acesso bases de dados e uso diversas fontes de informação, como o sistema de informação em saúde. Com pouca frequência utilizo recursos audiovisuais, jornais e Facebook.

Diante da complexidade dos atendimentos às pessoas em sofrimento psíquico, eu percebo a importância do acesso à informação para a qualificação profissional, considerando que é por meio da informação que me mantenho atualizado. No entanto, com a grande demanda de atendimento que realizo nos CAPS falta tempo na agenda para esse momento de atualização. A informação pode ser vista como um bem valioso e o acesso a ela é importante para os usuários dos CAPS, desde que ela não seja vista no modelo convencional ou tradicional sem uma ação ou fomento de uso. Neste caso, vale pontuar que os livros e a leitura têm função terapêutica.

Em relação à importância do acesso à informação, defino a instituição biblioteca como uma fonte de conhecimento e como um espaço de ampliação e de produção do conhecimento. Essa instituição biblioteca pode ser vista como um espaço que tem um acervo organizado para que as pessoas possam acessar e encontrar informações de qualidade. A biblioteca é um espaço diferente, silencioso e adequado para o estudo, sendo importantíssima para a promoção da cultura. Também a vejo como patrimônio da memória da humanidade. Dentro da sociedade, enxergo a biblioteca como um espaço de transformação social, de socialização, de cultura e lazer, tornando-se uma instituição importante para a formação do pensamento crítico. Entretanto, no momento atual a biblioteca pública encontra-se muito desvalorizada, com espaço vazio e pouco ocupada. Ela não está cumprindo o papel que deveria. Ainda enxergo a biblioteca como um ambiente restrito e indisponível à sociedade. Por outro lado, ela deveria ser um espaço que promovesse o acesso à cultura e ao lazer como forma de encantamento por meio da leitura.

Meu ponto de vista diante dessas reflexões é que as bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS. Penso que a criação de uma rede de bibliotecas é importante para o intercâmbio e produção de conhecimento. No entanto, é necessária a presença de bibliotecários para gerenciar e desenvolver atividades biblioteconômicas e que eles tenham formação em saúde mental ou busquem essa formação. É importante que essas bibliotecas sejam institucionalizadas e que o acervo seja selecionado, organizado e disponível para o uso. Elas são espaços de promoção de cultura, cidadania e inclusão social, podendo ser, também, espaço terapêutico. A presença delas nos CAPS estimula o pensamento e a leitura, afinal, a leitura pode servir como uma alternativa para o autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social.

Por fim, gostaria de dizer que essa pesquisa gerou em mim reflexões para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental. Parabenizo pela pesquisa e espero que ela gere bons frutos no futuro. Afinal, temos uma minibiblioteca com poucos livros. Por isso a importância de se pensar na modernização do acesso à informação nas bibliotecas. Essa pesquisa despertou a necessidade de estimular a leitura como possibilidade de um trabalho interdisciplinar por meio de serviços de bibliotecas e com a presença de bibliotecários. Houve a reflexão de pensar a inclusão das bibliotecas na rota do projeto Trajetos Culturais. Gerou a possibilidade, também, de desenvolver oficina ou projeto de leitura por meio da atuação de bibliotecários ou estagiários de biblioteconomia. Demonstro forte interesse nos resultados da pesquisa, pontuando a importância da divulgação.

A partir da composição do DSC 1, que corresponde à soma dos discursos dos profissionais dos CAPS e das entrevistas transcritas (APÊNDICE J), realizaremos a seguir a análise dos dados com o intuito de contemplar e responder os objetivos específicos a), c) e d). Para tanto, levaremos em consideração quatro pontos relevantes para essa análise: 1) Atividades realizadas pelos profissionais dos CAPS; 2) Acesso e importância das fontes de informação; 3) Como os profissionais definem e percebem a bibliotecas na sociedade; e 4) Necessidades e expectativas informacionais.

6.1.1 Atividades realizadas pelos profissionais dos CAPS

Conforme apresentamos na fundamentação conceitual a concepção de vários autores, o modelo de atenção em saúde mental passou por transformações significantes ao longo da história. Os manicômios foram instituições criadas para confinar os loucos ou aqueles que não se enquadravam nas normas sociais (GOFFMAN, 2001; FOUCAULT, 2000; JODELET, 2011; TORRE e AMARANTE; 2001). Neste percurso histórico, a luta antimanicomial e a Reforma Psiquiátrica foram fatores decisivos para desconstruir o pensamento dominante da psiquiatria e buscar outras formas de lidar com as pessoas em sofrimento psíquico.

Nestas discussões, pontuamos que os CAPS são uma das principais estratégias de atenção à saúde mental no território e na comunidade para superar os modelos clássicos de tratamento psiquiátrico (BRASIL, 2004). Para compreender essa nova lógica de cuidado em saúde mental e para reafirmarmos o que tratamos na fundamentação conceitual, perguntamos aos profissionais dos CAPS sobre as atividades de reinserção social desenvolvidas nesta instituição. Com base na teoria das representações sociais de Moscovici e no DSC, chegamos ao seguinte discurso:

"*Realizo diversas atividades nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários. No entanto, destaco que todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social dos usuários."* (trecho do DSC 1). Sobre essa questão da reinserção, um dos profissionais afirma:

"Eu penso que desde o acolhimento, quando a gente recebe a pessoa, nós já pensamos em reinserção social. Quando a gente questiona a pessoa o que que ela tá fazendo lá fora na sociedade, na família, na comunidade... uma pra entender o prejuízo que ela tá sofrendo, e outra pra entender qual é o sofrimento que isso tá causando nela." (APÊNDICE K, questão 1, P7).

Esse fragmento nos mostra que toda e qualquer atividade desenvolvida nos CAPS tem o intuito ou finalidade de trabalhar em função do reestabelecimento dos vínculos afetivos e sociais dos usuários, como forma de integração psicossocial. A atenção em saúde mental com base no território e nos serviços comunitários foge da lógica da segregação e exclusão. Essa discussão vai ao encontro da afirmação de

Campos (2014), de que os serviços dos CAPS devem contemplar cada indivíduo em seu território, que tem como objetivo reestabelecer vínculos e laços sociais dos usuários com o intuito de fortalecer e reconstruir sua rede de apoio.

As ações em saúde mental no Brasil têm como respaldo os princípios do SUS e as diretrizes da Reforma Psiquiátrica. Dente esses princípios, além do território, destaca-se a organização das RAPS, a intersetorialidade, desenvolvimento de equipes multiprofissionais, a interdisciplinaridade, a promoção da cidadania e outros fatores importantes para lidar com a questão da saúde mental (BRASIL, 2004). Em conformidade com esses princípios e diretrizes, podemos constatar no discurso desses participantes:

"Então, assim, a gente aqui no CAPS a gente faz atendimentos individuais, né?, de psicologia, de psiquiatria, e têm as atividades em grupo que aí tem profissional de nível, a maioria, de nível superior que faz formação, a maioria da área da saúde, e têm alguns que é educadora artístico, outra área e tal. É... eu acredito, que todos nós de alguma maneira, é... trabalhamos no sentido de tentar desenvolver a autonomia da pessoa, né?, assim, do ponto de vista da reinserção social." (APÊNDICE K, questão 1, P2).

Deste modo, constatamos que não existe apenas um viés de trabalho ou atendimento que venha contemplar os fenômenos em questão, mas é necessária a soma de várias atividades e contribuições das mais distintas área profissionais para obter sucesso e atingir a missão institucional. Por isso, a importância do trabalho interdisciplinar e da contribuição de diversas atividades para lidar com as pessoas em sofrimento psíquico.

O documento do Ministério da Saúde que trata e conceitua a estrutura dos CAPS (BRASIL, 2004), menciona a importância das oficinas terapêuticas para o desenvolvimento e autonomia dos usuários. Dentre essas ações pode-se destacar: as atividades terapêuticas, culturais, de reinserção sociais, de retorno ao trabalho e aos estudos etc. Sobre essas atividades desenvolvidas ficou evidente na fala dos profissionais dos CAPS, conforme podemos constatar nos discursos abaixo:

"Dentre essas atividades, destaco os grupos e oficinas terapêuticas, atividades de arte e artesanato, visita aos espaços culturais da cidade, grupo sobre cidadania,

*direitos e deveres, geração de trabalho e renda." (*trecho do DSC 1). Com relação à apropriação dos espaços culturais, ficou muito evidente nas falas dos profissionais, conforme podemos constatar no seguinte discurso de um dos profissionais:

"O 'Trajetos culturais' é um grupo que foi criado pra que as pessoas que participam aqui se apropriem dos espaços culturais da cidade. Então, são visitados alguns espaços em que eles já... museus, é... galerias de arte e espaços culturais onde tá se conversando sobre cultura, lazer. E o objetivo é levá-los até lá pra que as pessoas conheçam, saibam como... como ir, se apropriarem pra ter uma outra perspectiva com relação ao... né?, ao uso de álcool e drogas." (APÊNDICE K, questão 1, P4).

Um dado importante constatado a partir das entrevistas sobre esse projeto, é que eles não frequentavam bibliotecas, como visto na fala de um participante da pesquisa: "*[...] até onde eu sei, não são feitas visitas a bibliotecas, por exemplo, agora lembrando do tema da pesquisa, não. Hoje o "Trajetos culturais" não vai às bibliotecas."* (APÊNDICE K, questão 1, P3). Após a realização dessa entrevista especificamente, despertou a necessidade e o desejo dos idealizadores de incluírem as bibliotecas como um dos pontos de apropriação de espaços culturais na cidade.

Outras atividades interessantes desenvolvidas nos CAPS são as oficinas de arte e artesanato. Geralmente promovidas pelos educadores artísticos têm um significado muito importante para os usuários, quer seja na questão terapêutica, que seja para gerar renda a partir da venda dos materiais, em conformidade com a fala a seguir:

"Eu penso que hoje os "Ateliês de artes" que têm aqui, principalmente os de segunda-feira, que é voltado bastante pra reinserção financeira da pessoa, porque que se de alguma forma a pessoa vai produzir uma peça artesanal de argila, vai providenciar a venda disso, vai poder, desse pequeno retorno, começar algo de reinserção social." (APÊNDICE K, questão 1, P7).

No sentido de desenvolvimento de produções artísticas, as bibliotecas também podem contribuir com os profissionais dos CAPS no desenvolvimento das ações. O foco da biblioteca não se restringe ao acervo, ela é ou pode ser um centro de cultura, conforme trabalhamos na fundamentação conceitual. Autores como (COELHO, 1989; BARRETO, 2006; MILANESI, 2002; ROSA, 2009) e outros, tratam da ação cultural em bibliotecas e enxergam essa instituição como um espaço lúdico, criativo e imaginário

que pode contribuir para o desenvolvimento dos usuários. Como afirma Milanesi (2002), além do espaço que possa desenvolver palestras, exposições, cursos, exibição de filmes, cursos etc., as bibliotecas formam acervos que contribuem com as atividades. No caso das oficinas de arte e artesanatos, as revistas, os livros, os vídeos e outros materiais serviriam de fonte para que os educadores artísticos, em parceria com os bibliotecários, pudessem desenvolver melhor as ações.

Outro ponto importante de atividades desenvolvidas pelos profissionais dos CAPS, além dos atendimentos clínico, psicológico individual e em grupo etc., detectamos através da pesquisa empírica, a preocupação com o desenvolvimento dos usuários com relação ao retorno aos estudos e ao trabalho. Geralmente são pessoas com baixa escolaridade, conforme apresentamos nos resultados alcançados a partir do questionário de caracterização.

"Então, a gente propôs uma atividade que acontece nas quintas de manhã, é... que tem o objetivo, inicialmente, de ajudar essas pessoas a ver as possibilidades de estudos, né?, educação formal ou não e... é... apoiá-las nessas dificuldades que elas encontrem e também dar orientação, daí, pras instituições que vão oferecer os cursos, né? Essa é uma... uma iniciativa que eu acho bem importante e recente." (APÊNDICE K, questão 1, P8). Sobre esse discurso, pontuamos mais uma vez sobre a defesa da biblioteca como um espaço democrático, de aprendizagem, de educação, de cultura e política. São pessoas que necessitam de conhecimento para reestabelecerem suas vidas. Almeida Junior (2004) menciona o cuidado que as bibliotecas devem ter com o uso do material impresso ou escrito, que muitas vezes expulsa a maior parte da população desses espaços. Elas podem trabalhar a oralidade e os audiovisuais como alternativas ou recurso de incluir e ir além das práticas tradicionais.

Thornicroft e Tansella (2010) e Jodelet (2011) mencionaram a relação entre a saúde mental e o contexto social. Geralmente essas pessoas estão excluídas por causa do racismo, desemprego, conflitos pessoais ou outros fatores dentro do grupo social que desencadeiam sofrimento psíquico. Essa relação com o contexto social e a baixa escolaridade é pontuada nos dois discursos dos participantes, que pontuam a necessidade da informação e de oficinas para o desenvolvimento da cidadania:

"'[...] era especialmente pra falar sobre isso, né?, sobre a falta de cidadania que a maioria dos usuários deste CAPS têm, e a falta de conhecimento sobre os direitos deles. [...] E eu acho que antes de tudo, eles... falta muita cidadania pra eles, né? Normalmente, eles já vêm com escolaridade bastante baixa, ficar no mesmo meio de um torturado. Que a questão da dependência química, muitas vezes, é... direcional, né? O pai que vive na dependência química, ou a mãe." (APÊNDICE K, questão 1, P6).

"[...] tem o [projeto x], que é um grupo que a faixa etária tá entre 18 e 24 anos, geralmente, né? O objetivo é trabalhar com a socialização e também na... nas questões dos direitos deles, né?, de acesso e garantia a direitos. (APÊNDICE K, questão 1, P15).

As atividades desenvolvidas pelos profissionais dos CAPS têm uma dimensão muito significativa nos diversos segmentos de atuação profissional para os usuários. Vai desde o trabalho terapêutico de cuidado a dimensões mais complexas diante dos fenômenos da vida social. Neste sentido, (TARGINO, 1984; ALMEIDA JÚNIOR, 2004; PIRES, RIBEIRO e KLEBERSSON, 2013), por exemplo, defendem o papel do bibliotecário como um agente social com relação à cidadania, uma vez que a informação é um bem simbólico e o seu acesso torna-se essencial para transformação pessoal e o desenvolvimento da consciência cidadã. Por isso a importância das bibliotecas e dos bibliotecários não apenas nos espaços já institucionalizados, mas que a informação possa chegar em outros espaços não tão convencionais.

Para fechar essa parte da análise, apresentaremos mais um trecho do discurso do sujeito coletivo: "*As atividades que desenvolvo nos CAPS são importantes para a transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos dos usuários e para prepará-los para o retorno à rotina de estudo ou trabalho como forma de reinserção social."* (trecho do DSC 1).

6.1.2 Acesso e importância das fontes de informação

Os discursos coletados a partir da questão 2 e da questão 3 do roteiro de entrevista, respondem ao segundo objetivo específico desta pesquisa, que trata justamente de levantar quais são as fontes de informação utilizadas pelos profissionais dos CAPS. Enquanto que o foco da questão 2 foi justamente saber quais as fontes de informação necessárias para desenvolver as necessidades profissionais no dia a dia, a

questão 3 buscou compreender as representações que os profissionais têm sobre a importância do acesso à informação. No próprio discurso do sujeito coletivo detectamos as principais fontes:

"*Para desenvolver minhas atividades profissionais no dia a dia eu considero necessárias diversas fontes de informação. De maneira recorrente utilizo a internet como fonte de informação. Consulto, também, o acervo da instituição e faço uso de livros, artigos, revistas e textos."* (trecho do DSC 1). No discurso dos profissionais ficou muito evidente a importância da informação para desenvolver as atividades junto aos CAPS:

"*Eu acho o trabalho aqui no CAPS muito desafiador sabe? Então, eu acho que toda a fonte é muito necessária (risos)."* (APÊNDICE K, questão 2, P2). Sobre esse mesmo ponto de vista, outro profissional acrescenta: "*[...] eu me nutro de vários meios de informação, os mais tradicionais, né?, com livros, textos, artigos. [...] Textos e artigos e publicações recentes, mas também sempre de olho em coisas, assim, artigos de revista, coisas na mídia, Facebook, outras noticiais mais da mídia em geral. (APÊNDICE K, questão 2, P13).*

Conforme visto, diversas fontes de informação são importantes para desenvolver as atividades em saúde mental. No entanto, conforme podemos constatar no resultado da questão 2 no Instrumento de Análise de Discurso – IAD 2 (APÊNDICE L), as principais fontes de informação utilizadas pelos profissionais são: a internet, livros e o próprio acervo da instituição, conforme podemos constatar no próprio discurso dos entrevistados:

"Ahm, hoje em dia a gente usa bastante a internet, né?, que é uma fonte, de maneira geral, gratuita e com acesso amplo a bastante informação, né? A gente tem uma pequena biblioteca técnica também, ela tem uns livros básicos que a gente consulta bastante também." (APÊNDICE K, questão 2, P3). Outro profissional acrescenta: *"Hoje em dia, lógico que a internet, ela facilita bastante todos os acessos, né? A gente vai no doutor Google e tem respostas rápidas! Mas... é tudo muito suspeito, né? Assim, acho que eu não dispenso um livro e uma revista jamais, né? Eu gosto de comprar revista. [...] E livros, com certeza, né? Nada substitui o cheiro do livro, né? (risos)."* (APÊNDICE K, questão 2, P12).

“Óh, acredito que... muitos são os livros, que a gente utiliza, a gente até tem a nossa biblioteca particular aqui, traz bastante temática de dependência química, entrevista motivacional, histórico da reforma psiquiátrica.” (APÊNDICE K, questão 2, P5). Na fala anterior e na próxima que se segue, é possível constatar a importância dos livros como uma das principais fontes de conhecimento. *“Eu acho que a gente busca livros, né?, dentro dessa área temática da infância e da adolescência. A gente tem uma bibliotequinha nossa aqui do técnico que a gente, de vez em quando a gente consulta.”* (APÊNDICE K, questão 2, P16).

A importância da formação e desenvolvimento da coleção, conforme pontuamos na fundamentação conceitual com base principalmente em Vergueiro (1989), Maciel e Mendonça (2006) e Weitzel (2013), justifica-se pelo discurso apresentado pelo profissional P2, quando expressa a importância e o desejo de obter livros de literatura para poder desenvolver melhor suas atividades. Em concordância com o que apresentamos na fundamentação, a formação e desenvolvimento da coleção é um processo importante para que o acervo desenvolvido de forma racional, possa fazer sentido para a comunidade ou espaço no qual a biblioteca se situa.

“[...] eu gostaria de saber mais autores de... de literatura, de uma maneira geral, pra indicar a leitura pra eles. Assim, no sentido de que eu acho que o livro, ele faz com que a pessoa consiga justamente se imaginar num lugar, né? É... e aí tem tudo a ver com a reinserção social.” (APÊNDICE K, questão 2, P2). Além do acesso à internet, da utilização de livros e da própria consulta ao acervo, foi detectado, também, a utilização de artigos de acordo com os discursos dos profissionais P5, P11, P13 e P16 (APRÊNDICE K, questão 2).

No entanto, foram apontadas diversas fontes de informação em concordância com o seguinte trecho do discurso do sujeito coletivo: “*Acesso bases de dados e uso diversas fontes de informação, como o sistema de informação em saúde. Com pouca frequência utilizo recursos audiovisuais, jornais e Facebook.”* (trecho do DSC 1).

Em um dos discursos dos participantes, a pessoa entrevistada relatou que no ambiente em que atua, utiliza-se pouco dos recursos informacionais com relação à revista, audiovisuais e jornais. Para demonstração, apresentamos um trecho do discurso do próprio participante da pesquisa: “[...] *a gente usa... utiliza pouco, tá?,*

desses recursos, assim, de revistas... Aqui o jornal que chega é pra fazer oficina de artesanato (risos). Então, assim, não existe, assim, uma oficina que aborde essa questão da leitura, da escrita, não tem, não tem!" (APÊNDICE K, questão 2, P15).

Portanto, percebemos a carência de recursos informacionais para desenvolverem certas atividades que poderiam contribuir com o desenvolvimento dos usuários. No entanto, os profissionais enxergam a importância de ter acesso à essas informações não apenas para os usuários, mas para eles mesmos, para se qualificarem e realizarem um bom atendimento. É o que trataremos a seguir, a partir de trecho do discurso do sujeito coletivo e diretamente das falas dos entrevistados:

"Eu percebo a importância do acesso à informação para a qualificação profissional. É por meio da informação que me mantenho atualizado. No entanto, com a grande demanda de atendimento que realizo nos CAPS falta tempo na agenda para esse momento de atualização." (trecho do DSC 1). Analisando esse trecho do discurso do sujeito coletivo, chegamos à conclusão que a maioria dos entrevistados pontuaram diretamente sobre a importância do acesso à informação para a qualificação profissional, são eles: P1; P3; P4; P5; P6; P7; P8; P9; P10; P11; P12; P13; P16. Os que não citaram diretamente essa questão da qualificação, pontuaram a importância em outros aspectos.

"Ah, é fundamental. Fundamental porque... a gente chega com uma bagagem prévia, né?, mas eu vejo... eu tô aqui há bastante tempo, mas eu vejo, às vezes, as pessoas que chegam é nova... muitas não têm formação específica pro trabalho que a gente desenvolve aqui, né? Então, essa parte de formação em serviço é fundamental, e a gente recebe muitos estudantes, residentes, enfim. Então, a gente tem que tá discutindo também teoricamente algumas questões." (APÊNDICE K, questão 3, P3).

O discurso desse profissional afirma a importância da informação e da formação no ambiente de trabalho. A partir desse ponto de vista, podemos pensar a importância não apenas das bibliotecas e a formação de coleção nestes ambientes, mas a atuação dos bibliotecários para organizar, preservar e disseminar informação visando o desenvolvimento da equipe. Conforme apresentamos na fundamentação conceitual, Beraquet e Ciol (2010) defendem que no Brasil o profissional da informação ainda está restrito a hospitais universitários. Guimarães e Cadengue (2011) afirmam que nos

Estados Unidos e na Europa existem um movimento denominado de Biblioteconomia clínica, no qual os bibliotecários auxiliam os profissionais da equipe no tratamento aos pacientes.

Outro participante da pesquisa também mencionou um relato bem interessante sobre a necessidade e a importância da informação para a atuação na área da saúde mental, como veremos a seguir:

"[...] quem trabalha na nossa área, assim, da saúde, da educação, tem que ter acesso à informação o tempo todo. [...] Agora a pouco, a gente tava atendendo um caso aqui de um adolescente que tava naquele... naquele site do Baleia Azul. Nós estamos atendendo ele agora, nesse momento. Então, se tu não sabe o que é Baleia Azul, tu não pode nem trabalhar hoje em dia com adolescência. Então, é uma notícia muito recente. [...] Então, se tu não tem a informação, tu não pode nem ser [profissional da área x], né? Então... Acho que é... é... a informação é, vamos dizer, é o algo mais valoroso que tem hoje na humanidade, né? É o que... É o mais caro, vamos dizer assim. Quem tem informação é... é rico, né?" (APÊNDICE K, questão 3, P12).

Esse discurso remete ao que pontuamos na fundamentação conceitual quando apresentamos alguns serviços informacionais em outros países com relação a importância do acesso à informação e da atuação do bibliotecário. Mackler (1982) menciona que bibliotecários de saúde mental são definidos como profissionais que prestam serviços de bibliotecas em instituições públicas e privadas, como questão de saúde pública e política social. Por outro lado, Ruiz Lópes (2017), desenvolveu uma pesquisa com o intuito de conhecer as necessidades informacionais dos pacientes egressos de um hospital psiquiátrico, com a missão de melhorar os serviços bibliotecários. Por isso a importância da informação para desenvolver bem as práticas profissionais.

As ações desenvolvidas no âmbito do CAPS não estão apenas no âmbito da prática, mas, também, no campo teórico, conforme cita outro participante: "*Então, é necessário que você caminhe com as duas... duas partes... dois segmentos aí, a teoria e a prática." (APÊNDICE K, questão 3, P10). "Eu acho que pra qualquer trabalhador, né?, ele precisa tá bem informado. É a base de tudo. [...] Então, a fonte de informação é essencial pra gente tá bem atualizado."* (APÊNDICE K, questão 3, P11).

Um dos participantes ainda pontua: "[...] recentemente a Prefeitura assinou um convênio com o British Medical Journal, um periódico bem importante da área da saúde. É... E deu acesso a todos os profissionais, né?, a uma base de dados bem... bem legal, assim." (APÊNDICE K, questão 3, P8). Por unanimidade, os profissionais têm essa percepção e entendimento da importância do acesso para melhorar o atendimento dentro da instituição, conforme constatamos na fala a seguir: "*[...] eu acho importante, eu acho fundamental pra nossa... pra gente poder ter uma qualidade no nosso atendimento! Eu acho que ainda a gente ainda faz pouco acho que em termos da gestão, né?, o... o município foca pouco nisso, né?* (APÊNDICE K, questão 3, P16).

Do mesmo modo que os profissionais percebem a importância do acesso eles também enxergam e mencionam a falta de tempo para poderem se qualificar. A grande demanda no atendimento e a agenda lotada implica na impossibilidade de momentos importantes para a qualificação, conforme percebemos, de maneira clara, nos discursos dos participantes P6, P8: "E*u gostaria de ter mais, né? Inclusive, de ter mais tempo pra gente poder dar ênfase... [...] Mas... gostaria de ter mais acesso. A gente tem aqui pela Prefeitura, mas o problema é tempo pra ti poder ler, né? Ahm... então, eu sinto falta.* (APÊNDICE K, questão 3, P6). "*A gente pode ter aqui um monte de livros novinhos em folha, lindos, os melhores autores, ou os antigos, clássicos aqui disponíveis, é... mas a gente não tem espaço na agenda pra estudar, a gente não tem espaço na agenda pra discutir o que a gente leu."* (APÊNDICE K, questão 3, P8).

A grande demanda no atendimento impede que os profissionais tenham mais tempo para capacitação com o intuito de melhoria nos serviços prestados. É importante pontuar que as quatro unidades dos CAPS e o quadro de profissionais são insuficientes ou estão sendo sobrecarregadas por consequência da população atual estimada em 477.797 habitantes, conforme dados do IBGE, que apresentamos em nota de rodapé anteriormente. Além da contratação de pessoal, a rede CAPS necessita ampliar o número de unidades, inclusive a modalidade CAPS III, que presta atendimento 24h.

Uma das representações sociais dos profissionais com relação à informação, é que eles percebem a informação como um bem valioso que pode trazer benefícios para os usuários. No caso de uma biblioteca, mencionou-se que ela não pode ser um modelo tradicional ou convencional, mas que venha a trazer benefícios, que seja

dinâmica e promova ações de fomento de leitura. Santos (2015) trouxe essa ideia da biblioteca como um espaço dinâmico, prazeroso, atraente e de livre acesso. Pontua que o acervo não deve centrar-se apenas em livros, mas conter CDS, DVDs, discos, pinturas, documentos digitais etc. Isso vai ao encontro o discurso do sujeito coletivo:

"A informação pode ser vista como um bem valioso e o acesso a ela é importante para os usuários dos CAPS, desde que ela não seja vista no modelo convencional ou tradicional sem uma ação ou fomento de uso. Neste caso, vale pontuar que os livros e a leitura têm função terapêutica." (trecho do DSC 1).

Conforme detectamos no trecho deste discurso, alguns profissionais pontuaram a importância da leitura e dos livros com esse teor terapêutico. Um dos participantes afirmou a importância do acesso à informação para a equipe profissional, mas alegou que esse benefício de trabalhar a leitura seria muito importante para os usuários: *"[...] eu acho que dentro do serviço do CAPS utilizar isso como um instrumento terapêutico pro usuário é o mais importante."* (APÊNDICE K, questão 3, P9).

Sobre essa afirmação, podemos recorrer à autora Caldin (2010) que defende a biblioterapia como uma atividade por meio da leitura compartilhada como uma contribuição para nutrir a saúde mental. E prosseguindo na mesma linha, Seitz (2006) afirma que a biblioterapia desenvolveu-se principalmente nos ambientes hospitalares e clínicas de saúde mental. Pelo nosso entendimento, a fala dos entrevistados confrontada com as ideias dessas autoras, justifica a importância da biblioterapia como um recurso riquíssimo nestes espaços.

As rodas de leitura e até mesmo a leitura individual e silenciosa trazem benefícios. Como exemplo para essa situação, um dos participantes da pesquisa fez o seguinte relato:

"Teve uma situação recente de um paciente que... que vinha fazendo uso abusivo é... em grandes quantidades, quase que continuamente de crack, né? É um paciente que eu já acompanho a bastante tempo e eu tentei em vários momentos... é... é... trazer reflexões pra ele, ajudar ele de diferentes formas, com diferentes estratégias e eu sentia ele é... bloqueado pra esse grupo, né? é... não tava disponível... era essa a sensação que me dava. E aí, agora faz mais ou menos um mês que essa pessoa, ela conseguiu interromper o uso, né?, do crack especificamente, não das outras coisas. E...

me chamou muito a atenção na fala dele que ele diz porque fez ele conseguir é... interromper foi um livro. Então, assim, acho que isso representa bastante a importância do ter acesso. Ele disse... ele me relatou que... que ele começou a ler um livro que tinha na casa dele que o filho dele disse pra ele era muito bom e que ele se percebeu duas, três horas lendo o livro sem parar e... que ele conseguiu nesse momento desligar da vontade que ele tinha de buscar droga, né? E se imaginar naquele outro local, naquela situação do livro, naquela história... era uma história meio medieval e tal." (APÊNDICE K, questão 3, P2).

Essa situação corrobora o argumento defendido na revisão de literatura sobre a importância da leitura como forma de desenvolvimento psicossocial e de transformação humana. Essa ideia vai ao encontro da tese defendida por Petit (2008) de que a leitura possibilita a abertura de um novo horizonte e de um estado de devaneio que permite ao leitor construir o seu mundo interior. A leitura converte-se em uma experiência singular e torna-se um atalho para se deslocar no tempo e no espaço. O ato de ler pode propiciar ao leitor decifrar suas próprias experiências, ajudando-o a viver melhor e a pensar por si mesmo. *"Então, eu acho fundamental. Como eu te disse, por exemplo, tanto pra estimular quanto pra ti poder viver uma outra realidade que não seja usando nenhum tipo de substância, mas através de uma leitura, né?"* (APÊNDICE K, questão 4, P6).

Tratando dessa ideia da leitura na condição terapêutica, podemos citar também a importância das atividades de biblioterapia defendidas pelos autores Seitz (2006), Ouaknin (1996) e Caldin (2010). No embasando teórico e no discurso do profissional anterior, enxergamos a biblioterapia como uma possibilidade que possa trazer benefícios significativos para o desenvolvimento pessoal e psicológico dos indivíduos. As quatro unidades dos CAPS têm pequenos acervos, mas carecem de serviços biblioteconômicos de formação, tratamento e disseminação da informação.

6.1.3 Definição e percepção de biblioteca pelos profissionais

Antes de pensarmos na necessidade de informação e na proposta de implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS, achamos necessário conhecer as representações sociais dos profissionais com relação à instituição biblioteca. A partir da

questão 4 do roteiro de entrevista, buscamos compreender como os profissionais dos CAPS definem uma biblioteca e como eles a enxergam na da sociedade:

“Defino a instituição biblioteca como uma fonte de conhecimento e como um espaço de ampliação e de produção do conhecimento. Essa instituição pode ser vista como um espaço que tem um acervo organizado para que as pessoas possam acessar e encontrar informações de qualidade.” (trecho do DSC 1). Com base neste trecho do discurso do sujeito coletivo, levantamos alguns discursos de profissionais com relação às representações sociais do que seria uma biblioteca:

“Tradicionalmente, a biblioteca, as pessoas têm um referencial ou referência de serem livros guardados, né? [...] Bom, tradicionalmente, seria isso. Agora, a biblioteca é maior do que isso, né?. A biblioteca, para algumas pessoas ela é um sentido. É uma... é uma... é um existir, né? [...] Essa relação, ela deveria ser muito mais íntima, né?, deveria ser muito mais, assim, frequente. Ahm... Porque esta fonte ali... Ali está a fonte do saber, né?” (APÊNDICE K, questão 4, P10). Seguindo essa discussão, outro entrevistado menciona que: “*Pra mim, uma biblioteca o que definiria é um... é um espaço de ampliar um horizonte, assim, de ampliar possibilidades, ampliar pensamento, ampliar conhecimento”.* (APÊNDICE K, questão 4, P2).

Ainda sobre essa definição, outro profissional da instituição afirma: “*[...] a biblioteca acho que é um espaço muito interessante, né? Que eu acho que é um lugar sempre muito... me parece um lugar muito acolhedor. Acho que... quando me vem biblioteca, eu primeiro imagino o silêncio e a possibilidade de você parar e estudar, assim, né? Sai um pouco da loucura que é o dia a dia.”* (APÊNDICE K, questão 4, P13). É importante frisar que a biblioteca é um espaço que contém informação tratada e disseminada, conforme apresentamos na revisão de literatura e percebemos no discurso a seguir:

“A biblioteca, eu acho que é a... a matriz, a fonte onde estão os conhecimentos. A gente tem acesso hoje à internet, a livros onde você ir pode comprar, mas a biblioteca a gente sempre vê como um espaço aonde tu encontra o conhecimento e aonde ele está sendo armazenado com cuidado, né?” (APÊNDICE K, questão 4, P9). Sobre esse armazenamento adequado, apresentamos o seguinte discurso:

“É um espaço, um acervo e tal, mas quando eu falo em disponibilizar tem a ver com, é... de alguma forma, ajudar a quem vai acessar a encontrar o que procura ou a descobrir algo novo. [...] a importância das bibliotecas hoje, tem a ver não com... com o seu lugar onde as pessoas vão encontrar a informação, porque hoje não é difícil encontrar a informação, mas... mas fazer essa informação aparecer sistematizada e aí, qualificar, né? (APÊNDICE K, questão 4, P8).

A partir dos dois últimos discursos apresentados, podemos fazer uma referência à importância do processamento técnico da informação, discutido por Romani e Borszcz (2006), Maciel e Mendonça (2006) e Prado (1992). É por meio desse trabalho técnico que o acervo é organizado e a informação pode ser localizada pelos usuários. Por isso, a importância dos procedimentos biblioteconômicos e da presença dos bibliotecários para executar tais funções. Ainda sobre a definição de biblioteca, apresentamos o trecho do DSC 1 que complementa as discussões sobre a percepção dos profissionais acerca dessa instituição:

“A biblioteca é um espaço diferente, silencioso e adequado para o estudo. Ela é importantíssima como uma instituição de promoção da cultura. Também a vejo como patrimônio da memória da humanidade. Dentro da sociedade, enxergo a biblioteca como um espaço de transformação social, de socialização, de cultura e lazer. Torna-se uma instituição importante para a formação do pensamento crítico.” (trecho do DSC 1). Sobre essa questão social, cultural e de lazer apresentamos os discursos abaixo:

“*Mas assim, a relação com a sociedade, eu acho que tem a ver justamente com a questão cultural de formação de pensamento crítico mesmo. Eu acho que a biblioteca... quem se apropria e se utiliza disso, ela adquire um conhecimento e um senso crítico que ela vai se utilizar disso na sociedade.”* (APÊNDICE K, questão 4, P9). Outro entrevistado acrescenta “[...] *eu acho que é um instrumento de politização também, né? De fazer com que as pessoas, através de ter acesso ao conhecimento, consigam desenvolver melhores propostas...* (APÊNDICE K, questão 4, P11).

Ainda sobre a importância, em um dos discursos, um dos participantes fez referência comparativa com a Argentina, sobre as bibliotecas: *[...] se tivesse uma biblioteca em cada esquina, como, por exemplo, na Argentina, quem sabe não seria melhor pra... a gente não seria visto de outra forma, a nossa sociedade estaria um*

pouquinho melhor." (APÊNDICE K, questão 4, P1). Outro participante da entrevista também fez uma comparação das nossas bibliotecas com as bibliotecas do Chile:

"[...] é que eu fui pro Chile há dois anos atrás e... e lá tem muitas bibliotecas públicas e... biblio... são prédios lindos assim, e com... com espaços que ficam abertos à noite e que é muito interessante. E é onde acontecem shows e atividades gratuitas e achei muito interessante pensar isso, porque tu perguntou e eu lembrei disso, assim, um espaço que possa trazer vida e conhecimento, né?" (APÊNDICE J, entrevista Nº13, questão 4). Mesmo que os profissionais percebam a importância das bibliotecas como um espaço riquíssimo, percebem as bibliotecas públicas desvalorizadas, como mostraremos a seguir:

"Entretanto, no momento atual a biblioteca pública encontra-se muito desvalorizada, com espaço vazio e pouco ocupada. Ela não está cumprindo o papel que deveria. Ainda enxergo a biblioteca como um ambiente restrito e indisponível à sociedade.". "Por outro lado, ela deveria ser um espaço que promovesse o acesso à cultura e ao lazer como forma de encantamento por meio da leitura." (trecho do DSC 1). A questão da desvalorização é apresentada pelos profissionais entrevistados: P2, P4, P5, P12 e P14, conforme apresentaremos abaixo:

"A biblioteca... eu acho que ela ficou meio reduzida pro... pro... pra questão acadêmica, né? Eu vejo muito pouca gente procurar a biblioteca pro dia a dia, né? Eu mesmo não... não procuro. Eu acho que ficou... e tem essa coisa... que tem muita gente acessando informação na rede, assim, né?" (APÊNDICE K, questão 4, P14). Seguindo a mesma linha de pensamento, outro entrevistado menciona que: "*[...] dentro da sociedade, eu vejo que não é muito valorizada, elas são mais fortes nos ambientes acadêmicos. [...] E todas às vezes que eu visitei essas bibliotecas, estavam bem vazias. Eu vejo que a sociedade não valoriza muito, até mesmo pelo fato de ter tudo na internet hoje em dia."* (APÊNDICE K, questão 4, P4).

Talvez essa percepção dos profissionais dos CAPS acerca das bibliotecas seja por causa do modelo tradicional ainda assumido por muitos bibliotecários e bibliotecas, criando este estigma em nossa sociedade. Diante dessa análise, Almeida Júnior (2004) acrescenta que dentro das bibliotecas as ações dos profissionais não podem ser reduzidas às práticas tradicionais. Os bibliotecários, como mediadores da informação,

podem utilizar de outras linguagens, como a oralidade e os audiovisuais. Santos (2015) acrescenta ainda que, os acervos das bibliotecas não devem conter apenas livros, mas outros suportes de informação, tais como: CDs, DVDs, revistas etc. Talvez essa visão criada pelos profissionais dos CAPS esteja ligada à uma construção histórica, tal como aponta Milanesi (2002): a biblioteca definiu-se por muito tempo como coleção de impressos.

"No atual momento, eu vejo ela num papel muito subjugado, assim, né? Eu acho que é muita tecnologia e pouca biblioteca, assim.[...] Eu acho que é um espaço pouco ocupado, assim. [...] Eu acho que ela tem um papel fundamental, mas eu acho que, no atual momento, não tá cumprindo com o papel que deveria, sabe?" (APÊNDICE K, questão 4, P2). "*Era algo muito importante. O bibliotecário era uma personalidade dentro da escola, uma autoridade, né? E... Então, eu acho que hoje... um pouco, isso se dissolveu assim, né? Eu acho que a população é muito afastada das bibliotecas."* (APÊNDICE K, questão 4, P12). "*Talvez, a biblioteca tenha ficado um pouco... quanto... tanto esquecida, né? Não sei como tá funcionando, assim."* (APÊNDICE K, questão 4, P5).

No entanto, alguns participantes enxergam a biblioteca como um espaço que pode promover o acesso à cultura e ao lazer, como forma de encantamento por meio da leitura. Mais uma vez, neste sentido, retomamos ao pensamento de Petit (2008), quando afirma que a leitura possibilita a abertura e a construção de um novo mundo e que o leitor se torna não um mero coadjuvante da vida, mas um sujeito consciente diante da vida. Quando discursamos sobre esse ponto de vista, percebemos que a biblioteca é importante enquanto lugar de fortalecimento de vínculos afetivos entre os leitores.

Esse assunto surge nos discursos dos seguintes profissionais: "*Um espaço onde as pessoas pudessem se encontrar, é... e pudessem "beber" cultura! Seja através dos livros ou através de eventos, que eu acho que poderia ser interessante, né? Que pudesse através, né?, na biblioteca se despertar esse desejo e o gosto por... não só pela leitura, mas pela cultura em geral, assim."* (APÊNDICE K, questão 4, P13). *"Então, eu acho que a função da biblioteca é... Né? Nesse sentido, assim, nessa parceria com*

a educação, é a questão do encantamento pela leitura, né?" (APÊNDICE K, questão 4, P12).

Essas foram algumas das percepções dos profissionais dos CAPS com relação às bibliotecas no que diz respeito a sua definição e com relação a atuação dela na sociedade. A seguir abordaremos a questão da necessidade e das expectativas informacionais no que se refere à implantação de uma rede de bibliotecas nos Centros de Atenção Psicossocial.

6.1.4 Necessidades e expectativas informacionais

Ao tratarmos das necessidades e expectativas informacionais dos profissionais dos CAPS, estamos de certa maneira, respondendo o quarto objetivo específico desta pesquisa. Lembrando que esse mesmo objetivo será tratado, também, quando analisarmos os discursos dos usuários. Por enquanto, abordaremos, nesta seção, os discursos dos profissionais coletados a partir das questões 5 (cinco) e 6 (seis) do roteiro de entrevista, com relação à importância de uma rede de bibliotecas nos CAPS.

"No meu ponto de vista, as bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS. Penso que a criação de uma rede de bibliotecas é importante para o intercâmbio e produção de conhecimento." (trecho do DSC 1). Por unanimidade, todos os 16 profissionais participantes da pesquisa alegam que as bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS. A rede de bibliotecas, tal como pontuamos na concepção de Romani e Borszcz (2006), é considerada como um conjunto de unidades de informação que agrupam pessoas e/ou instituições partindo de uma mesma finalidade. Neste ponto de vista, os profissionais dos CAPS enxergam essa rede de bibliotecas importantes para o aprimoramento profissional e para a produção do conhecimento, como forma de potencializar a rede de saúde mental. O discurso do participante abaixo defende essa afirmação:

"*[...] eu acho que é fundamental, eu acho que poderia auxiliar demais a gente aqui no nosso trabalho. [...] eu acho que os livros, talvez, possibilitariam eles é... é... dedicar um tempo, um espaço, um pensamento a outras coisas, de desligar um pouco mais desse tema e se visualizar em outros espaços, entende? Então, assim, eu acho*

que seria muito bom os livros de literatura, especificamente, assim, eu acho que seria muito legal pros nossos pacientes, assim, eu acho que seria muito bom." (APÊNDICE K, questão 5, P2).

"Então, a gente tem duas pequenas bibliotecas, né? Não tem uma organização muito significativa.[...] Então, acho que seria interessante, mas não só a biblioteca em si, mas alguma forma de organização do mesmo, e um espaço pra fomentar o uso, né? [...] Então, acho que esses caminhos seriam interessantes assim de sistematização, de armazenamento, de uso, né?" (APÊNDICE K, questão 5, P3). Na própria visita realizado nos CAPS observamos que cada instituição tem pequenos acervos, mas que não estão organizados ou cumprem a função de uma biblioteca no que se refere à formação e desenvolvimento da coleção, tratamento técnico e disseminação, tal como pontuamos na fundamentação conceitual. Sobre essa questão, um dos participantes levantou a necessidade de institucionalizar as bibliotecas nos CAPS:

"[...] pra mim é muito legal a ideia de ter... dos CAPS terem uma biblioteca, mas tudo mais assim, normatizado. Não é normatizado a palavra, que eu acho meio.. é enrijece (risos)! Mas assim, é... essa rede mesmo, de poder falar mais sobre isso, poder colocar isso na pauta sempre, né? [...]se tiver isso de uma forma mais já certinha, assim, eu acho que já ajuda os trabalhadores a tá se... se envolvendo melhor, entendeu? Pode dar uma força quando tá institucionalizada. (APÊNDICE K, questão 5, P16).

"No entanto, é necessária a presença de bibliotecários para gerenciar e desenvolver atividades biblioteconômicas e que eles tenham formação em saúde mental ou busquem essa formação." (trecho do DSC 1). Conforme trecho do discurso e das falas dos profissionais que mostraremos a seguir, eles alegaram a importância da atuação dos bibliotecários nestes espaços, como forma de promover o fluxo da informação nestes espaços e a questão do trabalho junto aos usuários. Um dos participantes da pesquisa pontuou a necessidade de os bibliotecários buscarem a formação em saúde mental. Segue abaixo os trechos:

"Muito importantes! [...] Eu penso que pra poder viabilizar uma biblioteca no CAPS precisaria ter alguém responsável por ela especificamente um bibliotecário ou alguma coisa assim, porque acho que nós, técnicos não conseguiríamos é... dar conta

disso, assim de uma maneira que funcionasse, eu acho..." (APÊNDICE K, questão 5, P2). Outro profissional acrescentou "[...] *toda biblioteca demandaria de ter um profissional pra cuidar da biblioteca também. Então, eu acho que a informação seria melhor organizada, né? E aí se ela tando organizada eu acho que seria é... aumentaria também o atrativo dela, né? [...] É importante ter assim um espaço que seja a biblioteca e um profissional que possa cuidar também, né?"* (APÊNDICE K, questão 5, p14).

"Eu nunca tinha pensado num bibliotecário como parte da equipe de CAPS, né?, mas eu acho que pode ser uma... um profissional muito interessante, assim, no sentido esse de... de trabalhar mesmo a questão da... mais um instrumento pra trabalhar a questão da saúde mental. Então... Só que esse bibliotecário, ele tem que ter essa formação na área de saúde mental, né?, ou buscar essa formação. [...] Lógico que é um profissional que pode se desenvolver também nesse sentido, né?, seria uma ótima parceria, assim." (APÊNDICE K, questão 5, P12).

"É importante que essas bibliotecas sejam institucionalizadas e que o acervo seja selecionado, organizado e disponível para o uso. Elas são espaços de promoção de cultura, cidadania e inclusão social, podendo ser, também, espaço terapêutico. A presença delas nos CAPS estimula o pensamento e a leitura, afinal, a leitura pode servir como uma alternativa para o autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social." (trecho do DSC 1). Sobre esse trecho, como podemos perceber, os profissionais dos CAPS enxergam a importância das bibliotecas como um espaço que poderá promover o hábito da leitura, cultura, inclusão social e também ser um espaço terapêutico. Segue abaixo alguns discursos:

"Eu acho que a gente tem...a gente trabalha na questão... essa questão da humanização, de todo mundo ser tratado como igual, como tendo direitos iguais. [...] Eu acho que isso é uma semente! Porque se ele se adaptar aquilo, o usuário ou seu familiar a se desenvolver o gosto pela leitura, pelo conhecimento. Se a gente começa isso aqui, num determinado momento que ele não esteja mais aqui, talvez ele use esses outros espaços." (APÊNDICE K, questão 5, P9). Outro profissional atribui à biblioteca a possibilidade de: *"Estimular o ser, estimular ele a pensar, a leitura. A partir do momento em que eles começarem a ter o hábito da leitura e ler boas coisas, tem o*

estímulo do autoconhecimento. A leitura, eu acho que é uma das alternativas de reinserção social. (APÊNDICE K, questão 5, P1).

Outros profissionais ainda acrescentam: "*Ai, excelente! [...] Ai, eu acho que são muito importantes! Acho que poderia, inclusive, ser um espaço terapêutico dentro de CAPS, né?" (APÊNDICE K, questão 5, P15).* Para finalizar essa parte, fechamos com esse pequeno recorte do discurso de um dos participantes: "*Eu acho que seria... muito interessante e muito enriquecedor, tanto pra nós como pra eles. (APÊNDICE K, questão 5, P6).* Portanto, os profissionais enxergam as bibliotecas como uma grande possibilidade de contribuição dentro dos CAPS.

Na questão 6 do roteiro de entrevista, o entrevistado foi convidado a falar livremente sobre algum comentário a mais, caso desejasse. Essa última questão é importante pois muitas vezes os entrevistados lembram de fatos ou situações que, por ventura, tenham esquecido no decorrer da entrevista e ainda possam ter oportunidade de declarar. Muitos ainda acrescentaram a importância da pesquisa como uma forma de repensar a biblioteca, como uma possibilidade de desenvolver ações no âmbito da saúde mental. Trataremos a seguir sobre essas discussões finais:

"Gostaria de dizer que essa pesquisa gerou em mim reflexões para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental. Parabenizo pela pesquisa e espero que ela gere bons frutos no futuro." (trecho do DSC 1). Sobre essa declaração, os profissionais P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P15 e P16, demonstraram em seus discursos essa reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental. Selecionamos abaixo algumas falas:

"Ah, então, eu achei muito interessante a sua pesquisa. Trouxe reflexões, assim, pra mim, que inclusive, eu vou trazer amanhã na nossa reunião de equipe de quarta-feira. Acho muito legal. Primeiro, que a gente tem um espaço de leitura que não é explorado. Talvez, se fosse incentivado pelos técnicos, talvez se tornasse também prazeroso, né?" (APÊNDICE K, questão 6, P15). De certa maneira, percebemos que essa pesquisa criou a necessidade de informação, como podemos constatar na fala desses entrevistados:

“[...] interessante porque faz a gente pensar, assim numa coisa que, volta e meia, a gente de certa forma tem... mas não pensa muito a respeito, né?” (APÊNDICE K, questão 6, P3). *“Eu acredito que foi bem interessante, assim, a gente tem coisas, às vezes, que a gente não pensa. A gente tem a biblioteca, mas ela também tá esquecidinha, né? A gente não olha muito, às vezes, ninguém sabe o que tem ali.* (APÊNDICE K, questão 6, P5). Um dos participantes da pesquisa ainda refletiu sobre a possibilidade de desenvolver ações e oficinas de leitura com bibliotecários e/ou com estagiários de biblioteconomia:

“Então, de que forma fazer uma oficina ou a biblioteca poderia... poderia pensar em... porque não tem uma psicopedagoga aqui, né?, que pudesse também ajudar nesse... numa oficina dessa, por exemplo. Ou profissionais da Biblioteco... Biblioteconomia, é né? [...] Bibliotecários pudessem vir. De que forma fazer um projeto pra poder fazer essa oficina. A gente poder receber mesmo, né?, estagiários. Daria pra ver que esquemas daria pra fazer.” (APÊNDICE K, questão 6, P16). No próximo trecho do DSC 1, corrobora com a nossa proposta do diálogo interdisciplinar defendida nesta pesquisa:

“Essa pesquisa despertou a necessidade de estimular a leitura como possibilidade de um trabalho interdisciplinar por meio de serviços de bibliotecas e com a presença de bibliotecários.” (trecho do DSC 1). Podemos afirmar essa ideia nos seguintes discursos:

“Então, acho que já passou do tempo das coisas serem tão separadas da saúde aqui, CAPS é saúde aqui, educação é lá na biblioteca. Sabe? [...] Acho que se tiver mesmo, uma... uma rede de bibliotecas no CAPS, eu acho que enriqueceria muito, tanto a nós quanto a eles. E a gente precisa.” (APÊNDICE K, questão 6, P6). Esse trabalho interdisciplinar também é marcado pelos dois discursos a seguir:

“[...] o que você tá fazendo, é de extrema importância. A gente fica muito feliz em tratar disso, né? As pessoas geralmente pensam que a saúde, ela tá voltada somente com a medicação, com atendimento especialista, né?, médico centrado e tratamento medicamentoso, mas quando a gente lida com saúde mental, a saúde, ela é além da medicação.” (APÊNDICE K, questão 6, P9). A saúde tem que dialogar com outras áreas para não ficar fadada ao fracasso, isso é o que nos mostra o próximo discurso:

“[...] assim, quando tu traz essa discussão, o que me vem a importância da... desse caráter... é... do caso, é, assim, de não restringir a saúde mental à área da saúde, né?, como se fosse... Como se saúde mental fosse uma questão de saúde-doença, né? Quando tu traz essa discussão sobre as bibliotecas me vem muito isso, assim, a gente vai... vai querer enfrentar os problemas afetivos, os conflitos pessoais, as dificuldades de interação, de inserção social, vai querer enfrentar isso com... com Psicoterapia sistemática e remédios? Quer dizer... Então, a gente tá fadado ao fracasso, né?” (APÊNDICE K, questão 6, P8).

Ainda sobre esse trabalho interdisciplinar e da importância das bibliotecas nos CAPS, um dos participantes da pesquisa afirma: [...] *o serviço de ter uma biblioteca no CAPS ou de a gente poder ter um profissional da área aqui com a gente é... nos auxiliaria muito é... é mais uma estratégia de trabalho com... com os nossos pacientes e eu realmente não acredito numa estratégia única.* (APÊNDICE K, questão 6, P2).

O discurso desse profissional, remete ao que defendem Fazenda (2002), Japiassu (1976), Paul (2011) e Raynault (2011), sobre a importância da interdisciplinaridade como uma das possibilidades de inovação, de criação de parcerias e de desenvolvimento de ações que visem os mesmos propósitos finais. A interdisciplinaridade, defendida por esses autores, torna-se uma atitude ousada frente às normas preestabelecidas. O diálogo entre campos distintos favorece o enriquecimento mútuo. Logo, os profissionais visam a atuação do bibliotecário e a criação de uma rede de bibliotecas nos CAPS como uma contribuição importante para as ações desenvolvidas no âmbito da saúde mental.

Portanto, com o fim desta análise com os discursos dos profissionais dos CAPS, chegamos a conclusão que esta instituição necessita de informação para lidar com os fenômenos do dia a dia no âmbito da saúde mental. A implantação de bibliotecas e a atuação de bibliotecários nestes espaços, do ponto de vista dos profissionais, contribuiria para potencializar a rede com as questões no âmbito da sociabilidade, da cultura, do lazer e da aprendizagem. Essa visão vai ao encontro dos autores que defendem uma linha social da Biblioteconomia, tais como: Milanesi (2002), Almeida Júnior (2004), Targino (1984), Souza *et al* (2014), Bezerra (2011) e outros. Antes de pensarmos na elaboração de uma proposta final de implantação de uma rede de

bibliotecas, apresentaremos os discursos dos usuários dos CAPS. Tema que abordaremos a seguir.

6.2 DSC dos usuários dos CAPS

A análise dos discursos dos usuários, referente as sete perguntas apresentadas no roteiro de entrevista, gerou dois DSCs distintos. Pontuamos que, neste caso, houve uma pequena discrepância de pensamento na fala dos entrevistados na questão 5 e na questão 6. Essa incompatibilidade de opinião justifica a necessidade da criação dos dois discursos, que chamaremos de DSC 2 e DSC 3.

6.2.1 DSC 2 (Usuários)

Participo de várias atividades nos Centros de Atenção Psicossocial, por exemplo: atendimento terapêutico, atividades de arte e artesanato, economia solidária e oficina de relaxamento corporal. Também participo das assembleias de usuários e diversos grupos e oficinas terapêuticas. Com menos frequência, participo de atividades promovidas pelas ONGs, participo no brechó, venho nas consultas médicas e frequento oficinas de dança e jogos.

Diante do exposto, gosto de todas as atividades desenvolvidas nos Centros de Atenção Psicossocial. Participo de atividades de arte e artesanato, pois elas têm um sentido terapêutico. Gosto, também, dos grupos ou oficinas terapêuticas, uma vez que todo mundo tem liberdade e pode falar à vontade nos encontros. Por meio de projetos, visito espaços culturais da cidade e torna-se uma possibilidade de reencontro e socialização. Gosto das atividades de economia solidária e do brechó para gerar renda e realizar passeios com os usuários.

Neste sentido, quando participo das atividades que descrevi anteriormente, não tenho acesso a essas informações no desenvolvimento das atividades. Às vezes leio livros por conta própria. Utilizo imagens e ilustrações para desenvolvimento das atividades artísticas. Com pouca frequência faço uso, também, de recursos audiovisuais. Às vezes

não tenho conhecimento dessas fontes. Seria interessante se tivesse mais livros nos CAPS e, vale ressaltar que, de vez em quando os profissionais da instituição contam histórias para mim.

Desta maneira, enxergo que é importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades, uma vez que a informação é essencial para o nosso desenvolvimento e aprendizagem dentro dos CAPS.

Desde que eu me lembro, sempre gostei das bibliotecas e da leitura. Frequentava a biblioteca da escola e as bibliotecas públicas. Gostava de ler gibi, usar a informática e da hora do conto. Um dos espaços que mais frequentava era o cantinho da leitura. Um detalhe... já trabalhei como bibliotecária.

Penso que a implantação de bibliotecas nos CAPS é importante, uma vez que essa instituição se torna essencial como um ponto de acesso à educação e à cultura. Livro e leitura podem ser usados com função terapêutica. Até mesmo a própria biblioteca pode ser um espaço terapêutico, de vivência e de lazer.

Portanto, o último comentário que eu gostaria de fazer é que os CAPS estão passando por dificuldades financeiras e cortes de benefícios que estão prejudicando os serviços e atividades. Por isso venho por meio dessa possibilidade de fala, reivindicar por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas. Necessitamos de atividades físicas e reivindicamos, também, a implantação de bibliotecas para facilitar o acesso aos livros e à informação. Ainda mais que, a biblioteca pode ser um espaço de vivência, de lazer e de atividades de arte para expressar os sentimentos.

6.2.2 DSC 3 (Usuários)

Participo de várias atividades nos Centros de Atenção Psicossocial, por exemplo: atendimento terapêutico, atividades de arte e artesanato, economia solidária e oficina de relaxamento corporal. Também participo das assembleias de usuários e diversos

grupos e oficinas terapêuticas. Com menos frequência, participo de atividades promovidas pelas ONGs, participo no brechó, venho nas consultas médicas e frequento oficinas de dança e jogos.

Diante do exposto, gosto de todas as atividades desenvolvidas nos Centros de Atenção Psicossocial. Participo de atividades de arte e artesanato, pois elas têm um sentido terapêutico. Gosto, também, dos grupos ou oficinas terapêuticas, uma vez que todo mundo tem liberdade e pode falar à vontade nos encontros. Por meio de projetos, visito espaços culturais da cidade e torna-se uma possibilidade de reencontro e socialização. Gosto das atividades de economia solidária e do brechó para gerar renda e realizar passeios com os usuários.

Neste sentido, participo das atividades que descrevi anteriormente, não tenho acesso a essas informações no desenvolvimento das atividades. Às vezes leio livros do acervo da instituição por conta própria. Utilizo imagens e ilustrações para desenvolvimento das atividades artísticas. Com pouca frequência faço uso, também, de recursos audiovisuais. Às vezes não tenho conhecimento dessas fontes. Seria interessante se tivesse mais livros nos CAPS e, vale ressaltar que, de vez em quando os profissionais da instituição contam histórias para mim.

Desta maneira, enxergo que é importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades, uma vez que a informação é essencial para o nosso desenvolvimento e aprendizagem dentro dos CAPS.

Sobre as bibliotecas, eu não tive contato com elas durante a minha vida, talvez por falta de orientação da família ou da escola. Nunca tive interesse pela leitura ou pelos estudos. Por enquanto, eu não gosto de ler e não enxergo a importância da biblioteca para mim, porém, elas são importantes para os outros. Agora que estou começando a me interessar pelos estudos.

No entanto, penso que a implantação de bibliotecas nos CAPS é importante, uma vez que essa instituição se torna essencial como um ponto de acesso à educação e à

cultura. Livro e leitura podem ser usados com função terapêutica. Até mesmo a própria biblioteca pode ser um espaço terapêutico, de vivência e de lazer.

Portanto, o último comentário que eu gostaria de fazer é que os CAPS estão passando por dificuldades financeiras e cortes de benefícios que estão prejudicando os serviços e atividades. Por isso venho por meio dessa possibilidade de fala, reivindicar por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas. Necessitamos de atividades físicas e reivindicamos, também, a implantação de bibliotecas para facilitar o acesso aos livros e à informação. Ainda mais que, a biblioteca pode ser um espaço de vivência, de lazer e de atividades de arte para expressar os sentimentos.

Antes de iniciarmos a análise, pontuamos que os DSCs dos usuários são praticamente iguais, diferindo apenas no conteúdo do quinto parágrafo do DSC 3 o qual reflete visão diferente sobre a percepção dos usuários no DSC 2.

Com base no discurso do sujeito coletivo e nas falas dos usuários, realizamos a seguir a análise do DSC 2 e DSC 3 com a pretensão de responder os seguintes objetivos específicos: b) identificar as atividades vivenciadas pelos usuários dos CAPS; c) levantar as fontes de informação utilizadas pelos usuários para realizar suas atividades; e d) conhecer as representações sociais desses usuários acerca de suas necessidades e expectativas informacionais.

"Participo de várias atividades nos Centros de Atenção Psicossocial, por exemplo: atendimento terapêutico, atividades de arte e artesanato, economia solidária e oficina de relaxamento corporal. Também participo das assembleias de usuários e diversos grupos e oficinas terapêuticas. Com menos frequência, participo de atividades promovidas pelas ONGs, participo no brechó, venho nas consultas médicas e frequento oficinas de dança e jogos." (trecho do DSC 2 e 3).

Quando analisamos esse trecho do discurso do sujeito coletivo dos usuários dos CAPS, percebemos, de certa maneira, que as atividades vão ao encontro das politicas de saúde mental desenvolvidas em âmbito nacional, com desenvolvimento de atividades e ações na busca da autonomia dos usuários, na oferta de atendimento médico e psicológico (BRASIL, 2004). Desta maneira percebemos a mudança de paradigma com relação ao cuidado em saúde mental, a saída de um modelo vertical

para um modelo horizontal, com a participação dos próprios usuários interagindo uns com os outros e com os profissionais. A diversidade de ações desenvolvidas pelos CAPS é pontuada nas falas dos seguintes participantes da pesquisa:

"Na tarde da segunda-feira, da uma e trinta até as três horas, eu faço ateliê de artes da cerâmica que é uma... economia solidária que é referente a uma... a um trabalho de argila terapêutica. Na terça-feira, eu faço apoio psicológico regional norte, que é das nove e trinta até as onze. E nas quintas-feiras, eu tenho um projeto cultural que é excelente, no caso. É uns lugares aonde a gente frequenta que é o Museu, a gente passeia no bosque, a gente passeia em vários lugares arqueológicos da Ilha e em geral da... da Grande Florianópolis também." (APÊNDICE N, questão 1, U1).

"É... Eu tô participando da oficina, é... de 'Economia Solidária', que é o que eu... vim agora daqui debaixo, né?, é a 'Economia Solidária', é o 'Maria Bonita', que é o que eu vou agora e... participo da Associação também dos usuários do CAPS. É o que eu faço. E na quinta-feira, eu participo de outro grupo também de 'Economia Solidária'." (APÊNDICE N, questão 1, U5). Na fala dos participantes, alguns mencionaram com mais frequência o atendimento psicológico e médico:

"Oh, cara, parte do médico, psicóloga, ter... terapeutas, entendeu? É... Frequento aqui segunda e sexta, têm outros dias também que, às vezes, venho pra consultar com médico, né?, [...] Por enquanto, eu tô focado mais no tratamento com Psicólogo, Terapeuta, entendeu? Vim nas seções aí pra poder... ter conversa, né?, roda de conversa relação à recaída, essas coisas, entendeu?" (APÊNDICE N, questão 1, U6).

"Ahm... Psicóloga, assim, pra conversar, né?, sobre nossos problemas, o que que passa na nossa vida, o que que a gente tá sentindo na nossa cabeça." (APÊNDICE N, questão 1, U8). Os discursos desses usuários dos CAPS e o trecho em análise do DSC 2 e 3, confirmam o que determina a Lei Federal 10.216/2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas em sofrimento psíquico e que garante assistência com serviços médicos, assistencial, psicológico, ocupacionais, de lazer e outros.

Ao serem indagados sobre as atividades que mais gostavam de desenvolver nos CAPS, as respostas mais frequentes foram: as atividades de arte e artesanato, porque elas têm um sentido terapêutico e, em segundo lugar, grupos e oficinas terapêuticas, uma vez que eles se expressam de forma livre e podem falar à vontade nos encontros.

Alguns também pontuaram que gostam de todas as atividades desenvolvidas na instituição:

"Olha, na realidade eu gosto de todas as... os encontros que nós temos aqui no CAPS. A gente tem o 'Ateliê de Cerâmica', que é a da XXX, da nossa professora aqui de Artes, que é um encontro excelente com todos os participantes da tarde. [...] O 'Apoio Psicológico' da XXX também, nossa! Aquilo ali é um encontro onde todo mundo pode falar o que tu se sente na vontade de fala." (APÊNDICE N, questão 2, U1). Neste mesmo sentido de pensamento, outro usuário menciona sobre a importância de todas as atividades: *"Oh, cara! Todas elas têm... fazem... tem feito bastante efeito, cara! Porque faz a gente conscientizar, né?" (*APÊNDICE N, questão 2, U6).

Quando temos conhecimento das atividades realizadas pelos usuários da instituição, percebemos o quanto os serviços de bibliotecas poderiam contribuir com essas atividades dentro dos CAPS. Por isso a importância da pesquisa empírica de caráter fenomenológico, pois é no próprio mundo da vida e na relação com os outros, que podemos enxergar possibilidades latentes e transformações significativas, tal como apresentamos na fundamentação teórico-metodológica com base em Edmund Husserl e Alfred Schütz. Desta forma, entendemos o quanto as bibliotecas podem ser significativas na vida das pessoas, independente do contexto em que elas, as pessoas, se encontrem.

O discurso de um dos usuários, justifica a importância das fontes de informação para desenvolver atividades e para o crescimento pessoal. Ela menciona o debate de filmes em uma das oficinas terapêuticas: "*Eu gosto do "Qualidade de vida" porque ele tem temas que a gente, né?, discute, que tira dúvidas sobre vários tipos de assuntos, doenças, tecnologia acessível, proteção. [...] A gente debate sobre o tema do filme e outro grupo que eu gosto muito também é o "Motivacional", que ele te motiva, né?, a voltar à sociedade, te sentir alguém de novo."* (APÊNDICE N, questão 2, U3).

Quando esse usuário do CAPS menciona a utilização de temas diversos e debates de filmes como forma de ressignificar a vida, lembramo-nos da importância da formação e desenvolvimento da coleção defendida por Vergueiro (1989), Maciel e Mendonça (2006), Weitzel (2013) e Miranda (2007). Esses autores afirmam que uma biblioteca não é um aglomerado de livros ou materiais informacionais, mas uma

instituição que tem responsabilidade social, cujo objetivo é organizar, preservar e disseminar informação, para que faça sentido aos usuários. Por essa razão, a presença desta instituição nos CAPS é indiscutível, conforme essa verificação empírica.

A terceira pergunta do roteiro de entrevistas (APÊNDICE D), indagava os usuários sobre a utilização de fontes de informação nas atividades desenvolvidas. Muitos mencionaram que não usam essas fontes, outros mencionaram filmes e vídeos, recursos trazidos pelos profissionais para desenvolver as atividades. Para lidar com essa questão apresentaremos mais um trecho do DSC 2 e 3 e em seguida alguns trechos das falas dos usuários:

"Neste sentido, quando participo das atividades que descrevi anteriormente, não tenho acesso a essas informações no desenvolvimento das atividades. Às vezes leio livros por conta própria. Utilizo imagens e ilustrações para desenvolvimento das atividades artísticas. Com pouca frequência faço uso, também, de recursos audiovisuais. Às vezes não tenho conhecimento dessas fontes. Seria interessante se tivesse mais livros nos CAPS e, vale ressaltar que, de vez em quando os profissionais da instituição contam histórias para mim" (trecho do DSC 2 e 3).

Quando nos deparamos com esse trecho do discurso do sujeito coletivo, lembramo-nos da conferência de Ortega y Gasset (2006) sobre a missão do bibliotecário. Para esse autor, as ações desenvolvidas devem se direcionar ao coletivo e que este profissional esteja atento aos anseios, demandas e necessidades informacionais da sociedade. Os bibliotecários devem estar sempre atentos às possibilidades de desenvolvermos práticas que dialoguem com outras áreas do conhecimento a partir de perspectivas interdisciplinares. O diálogo desse autor converge com o discurso latente de necessidades de informação dos usuários dos CAPS.

Quatro usuários mencionaram que não têm contato com fontes de informação ao participar das atividades nos centros de atenção psicossocial. Às vezes por conta própria pegam livros diretamente no acervo da instituição. Pelo que constatamos, muito dos materiais de revistas e DVDs são dos próprios profissionais:

"Sim! Sim! Tanto no ateliê com a nossa professora XXX que traz bastantes figuras ilustradas, tanto ali da... da Arqueologia da UFSC, como de outros lugares. E ela

também tem o próprio... própria biblioteca, bem dizer, dela ali dentro para trazer o material pra gente poder trabalhar com artes.... arte da própria Ilha. [...] E também na... no Apoio Psicológico, a XXX traz de vez em quando um anúncio na... na TV, um tipo dum vídeo que eu falei... um vídeo mostrando no Youtube. (APÊNDICE N, questão 3, U1).

Como forma de enriquecer a nossa investigação, indagamos na quarta questão sobre a importância do acesso à informação para desenvolver as atividades nos CAPS. Com essa pergunta, chegamos ao trecho do discurso a seguir:

"É importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades, uma vez que a informação é essencial para o nosso desenvolvimento e aprendizagem dentro dos CAPS." (trecho do DSC 2 e 3). Apresentaremos abaixo algumas falas dos usuários:

"É essen... é essencial! Eu acho que, no momento que a gente tem um... um entendimento... que tem muitas pessoas aqui no CAPS que não tem estudo, tem gente que não sabe ler, não sabe entender o que quer dizer o livro." (APÊNDICE N, questão 4, U1).

"Sim! É bom... somente livros a gente quase não tem, assim! A gente não vê muito, não tem muito acesso a livros, a folhetos, essas coisas assim, quase não tem. Seria bom se tivesse pra todos...[...] Então, no aguardo, eu poderia ter... poderia ter livros, poderia ter revistas, essas coisas assim pra passar o tempo mesmo, pra ler. [...] seria muito bom se tivesse uma biblioteca aqui. É um outro ponto de referência e também de socialização entre as pessoas aqui dentro, né?" (APÊNDICE N, questão 4, U5).

Podemos nos apropriar da fala desses usuários e levantar o seguinte questionamento que remete às ideias dos estabelecidos e dos outsiders *de* Norbert Elias e John Scotson (2000). Conforme trabalhamos na fundamentação teórico-metodológica, esses autores pontuam a segregação social que existe entre aqueles que ocupam uma posição de privilégio e aqueles indivíduos com laços menos intensos. Mais uma vez questionamos: se há necessidade de informação, por que não levar conhecimento para esses espaços com o intuito da promoção da leitura, da cultura, para o desenvolvimento da cidadania para esses indivíduos? Afinal, a leitura segundo

Petit (2009) é significante para o crescimento pessoal. Crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel da leitura como construção de si mesmo. Diante dessa indagação, cabe a nós bibliotecários, responsabilizarmo-nos por essas questões sociais.

Antes de chegamos na questão sobre a importância das bibliotecas nos CAPS, perguntamos aos usuários como foi o contato e a vivência deles com as bibliotecas? Como essa questão gerou dois discursos, trabalharemos essa parte de maneira separada. Portanto, segue abaixo um trecho do DSC:

"Desde que eu me lembro, sempre gostei das bibliotecas e da leitura. Frequentava a biblioteca da escola e as bibliotecas públicas. Gostava de ler gibi, usar a informática e da hora do conto. Um dos espaços que mais frequentava era o cantinho da leitura. Um detalhe... já trabalhei como bibliotecária." (trecho do DSC 2).

Neste trecho do DSC 2 percebemos as vivências dos usuários dos CAPS com relação à leitura, com relação ao acesso às bibliotecas escolares e públicas etc. Por esse fragmento eles demonstram que gostavam desse espaço. A implantação de bibliotecas nos ambientes de saúde mental poderá despertar essa vivência e fazer com que os usuários tenham autonomia para frequentar outros espaços de leitura pela cidade. Apresentamos abaixo como foram algumas vivências:

"[...] *eu tive uma infância muito perturbada. Então, eu tive que procurar em gibi da Mônica e gibi da... do Pato Donald, do Mickey... Então, ali eu ia pra biblioteca no colégio. No colégio gostava muito de ler essas... essas revistinhas, daqui a pouco eu já tava fazendo uma coleção e frequentava na biblioteca, ir mais no sentido de aprender a falar, aprender a escrever, entendeu?"* (APÊNDICE N, questão 5, U1).

"*Quando criança, eu participava sim das... das... eu gostava de... do cantinho da leitura. Tinha os cantinhos da leitura. Eu sempre gostei muito de biblioteca, já trabalhei como bibliotecária (risos) também em uma escola municipal, né? Então, era responsável pela biblioteca. [...] Então, a gente tinha várias, é... coleções e tal, e daí, ficou tudo registrado."* (APÊNDICE N, questão 5, U5).

Com essa análise do DSC 2 e com essas falas desses dois usuários percebemos o interesse pela leitura e pelas bibliotecas. Sobre a importância das bibliotecas em diversos âmbitos sociais, podemos recorrer a Sanches Neto (2011), que

afirma que as bibliotecas não devem ser um privilégio de ricos ou instruídos; Almeida Júnior (2004), que defende a ideia que a biblioteca deve ser um espaço em que a informação deva ser assimilada e ultrapasse as barreiras hegemônicas; e Bezerra (2011) e Ribas e Ziviani (2007) que entendem que a informação torna-se uma condição fundamental para despertar uma consciência cidadã com relação aos direitos e deveres. Uma forma de torna-los sujeitos pertencentes à sociedade.

Com já mencionamos anteriormente, o DSC 3 divergiu do DSC 2 no conteúdo que apresentamos a seguir:

"Sobre as bibliotecas, eu não tive contato com elas durante a minha vida, talvez por falta de orientação da família ou da escola. Nunca tive interesse pela leitura ou pelos estudos. Por enquanto, eu não gosto de ler e não enxergo a importância da biblioteca para mim, porém, elas são importantes para os outros. Agora que estou começando a me interessar pelos estudos" (trecho do DSC 3).

Talvez a falta de contato com as bibliotecas e com a leitura na infância, tenha construído essa representação social de que elas, as bibliotecas, não são importantes para si. Um dos participantes demostrou que não teve contato com as bibliotecas, mas que gostaria de ter:

"Não, eu não tive nenhum contato com biblioteca. Não sei se falta de orientação da escola ou dos meus pais, mas eu tô com 30 anos e eu nunca entrei com contato com uma biblioteca. Gostaria de ter contato com uma biblioteca." (APÊNDICE N, questão 5, U3). *"Não! Nunca tive. Além da... de uma pessoa pobre, vamos dizer, que a gente não tinha... isso. [...] Ia até pra aula por... obrigação. [...] Hoje que tem, né? Tem biblioteca, tem secretária, tem... na minha infância antes não, era a professora, a diretora e os merendeiros e deu, né?"* (APÊNDICE N, questão 5, U4).

Pensando nestes discursos, devemos ter em mente sempre a questão da biblioteca como um lugar lúdico e diverso. Para falar sobre isso, nos apoiamos nas ideias de Almeida Junior (2004), de que o emprego do material impresso pode excluir uma parte da população dos espaços de uma biblioteca. Por isso a importância da oralidade e dos audiovisuais. Dando prosseguimento a essa linha de raciocínio, Milanesi (2002) menciona que as bibliotecas podem desenvolver peças teatrais, palestras, recitais, exibição de filmes, oficinas de produção artística etc. É neste sentido,

segundo Rosa (2009), que entra em cena a ação cultural como uma importante contribuição educativa, por assumir um caráter de transformação humana no qual os indivíduos se tornam sujeitos da cultura. Na própria fala de um dos usuários ficou evidente a importância da ação cultural:

"Daí no CAPS, aqui tem gente que não sabe ler, mas tu fazer uma hora do conto, uma história tu contar, fazer um teatro ali, mostrar que... vai chamar a atenção do telespectador que tá ali, o paciente que tá totalmente distur... ãhm, totalmente fora da realidade." (APÊNDICE M, entrevista Nº 1, questão 5).

A defesa das bibliotecas como espaços criativos e de produção de conhecimento nos ambientes dos CAPS, justifica-se como uma contribuição significativa quando confrontamos as ideias com o que está estabelecido no documento do Ministério da Saúde sobre as estruturas dos CAPS (BRASIL, 2004). São mencionadas as oficinas expressivas, além das atividades de artes, expressões verbais: poesia, contos, leitura de textos, redação, peças teatrais etc.; e as oficinas de alfabetização, que possam contribuir com aqueles que não tiveram acesso ou que não puderam permanecer na escola, que dessa forma possam exercitar a escrita e a leitura, como um recurso importante na (re)construção da cidadania. No entanto, sete participantes afirmaram a importância das bibliotecas nos CAPS:

"Penso que a implantação de bibliotecas nos CAPS é importante, uma vez que essa instituição se torna essencial como um ponto de acesso à educação e à cultura. Livro e leitura podem ser usados com função terapêutica. Até mesmo a própria biblioteca pode ser um espaço terapêutico, de vivência e de lazer." (trecho do DSC 2 e 3).

"*E acho que dentro do CAPS, se a gente implantar um projeto com a ideia de ter livros pra ele mesmo poder ter a autoajuda, se chama autoajuda, se auto ajudar e encontrar... Não ficar ali procurando, mas ter uma pessoa profissional pra nos dizer assim: - Oh, cara! Qual livro que você precisa? - Ah, eu preciso de tal livro, pra mim encontrar tal medicação. Tal especificação certinha do que eu tô tomando, pra mim entender o que eu tô falando."* (APÊNDICE N, questão 6, U1). A fala deste usuário expressa a necessidade do bibliotecário de referência, que faz a mediação entre a coleção e aqueles que desejam a informação, tal como mencionam Grogan (1995) e

Souza e Faria (2011) ao discorrerem sobre a importância das relações interpessoais do bibliotecário e do conhecimento das fontes de informação para poder indicar e suprir as necessidades dos usuários.

A fala desse usuário é importante para compreendermos que as necessidades informacionais dos indivíduos nos espaços de saúde mental não se reduzem apenas às necessidades da promoção da cultura, da leitura, de cidadania e de lazer. Afirmamos que além dos fatores abordados, a implantação de uma rede de bibliotecas, com a atuação de bibliotecários, atenderá as necessidades informacionais dos usuários com relação às enfermidades, diagnóstico, tratamento e bem-estar. Essa justificativa corresponde ao que Ruiz Lópes (2017) apresenta em seu estudo sobre as necessidades informacionais de pacientes egressos de um hospital psiquiátrico no México. Ele justifica também, em sua pesquisa, a pertinência dos bibliotecários se capacitarem para a implementação de serviços em entidades de saúde mental. Sobre a necessidade de informação, outro usuário pontua:

"*Sim. Apesar que já tem uma biblioteca aqui. Já fala sobre isso aqui que quem quiser ler é... pedir a chave pra usar. Mas seria bom. Ter um... ter livro pra ler, assim, quando não tem nada pra fazer. [...] Se tivesse revista também... Internet, jornal. Porque, às vezes, jornal tem coisa que aqui ia precisar, né?, emprego pra quem tá precisando de emprego, ou que já tem... quer fazer um curso."* (APÊNDICE N, questão 6, U2). A menção do usuário que diz que já tem biblioteca, remete ao acervo de livros da instituição. Foi importante a investigação empírica e a relação direta com os espaços para compreendermos que se existem livros nesses ambientes, organizados ou não, é porque eles têm um porquê de estarem ali, ou pela pertinência ou pela necessidade. Ainda indagados sobre a importância das bibliotecas nos CAPS, outros usuários falaram:

"*É interessante, né? Seria interessante! Tentar puxar os adictos a... a ter essa... esse acesso, né?, de... a ter um livro, levar pra casa, ler, voltar, trazer, pegar outro e levar, entendeu?" (APÊNDICE N, questão 6, U6).*

"Sim! São importantes pela interação, ser um novo espaço de... de convivência e também, é... de conhecimento também, de troca de conhecimento, né?, de.... de lazer também... Acho que se... que é muito importante." (APÊNDICE N, questão 6, U5).

A presença de bibliotecas e de profissionais da informação fortalecer a vivência da leitura pelos usuários. Até porque os serviços de bibliotecas não se reduzem apenas a organizar livros, mas têm todo um trabalho de fomento e de uso da informação. A existência de unidade de informação em cada CAPS poderia ser um espaço de interação, de socialização, de significação e desenvolvimento social. Seriam, de certa maneira, possibilidades de fortalecer os vínculos e as relações interpessoais. A ideia não é criar um serviço fechado para "encapsular"[23] os usuários, mas que as bibliotecas nos CAPS possam cumprir essa missão social para que os indivíduos consigam até mesmo vir a frequentar as bibliotecas públicas e se apropriarem desses espaços.

Isso remete às ideias de Castells (2016), quando afirma que o espaço é um produto material em relação a outros produtos materiais, incluindo a interação das pessoas e exerce uma função social. Essa relação seria entre livros e outros materiais informacionais e a vivência das pessoas. Outro ponto importante na fala dos usuários é sobre o lazer e o prazer da leitura. Nesse aspecto, podemos recorrer às ideias defendidas por Milanesi (2002), em que a leitura deixa de ser uma obrigação, tal como vivenciamos na vida estudantil, e passa a ser uma alavanca para mover o indivíduo no mundo. Nesta linha da automotivação, um participante acrescenta:

"E acho que a biblioteca é... é especial nesse sentido de poder melhorar tua auto... auto não... a tua mente, no caso, abrir ela pro mundo e a tua vontade de querer cada vez mais evoluir na evolução da sabedoria, do prazer de ter essa inteligência e de poder... de repente sai daqui como professor, aqui de dentro, já pronto pra fazer uma faculdade, digamos." (APÊNDICE N, questão 6, U1).

O discurso do sujeito coletivo e as falas dos entrevistados nos mostram a importância da leitura e das bibliotecas nestes espaços, tal como defende Freire (2003), sobre a educação democrática contra o discurso dominante. Foi a partir do mundo vivido que fomos buscar compreender e constatar aquilo que defendemos na proposta deste trabalho. Com base no levantamento de dados desta pesquisa, ficou evidente a

[23] Durante as entrevistas, constatamos em algumas situações que o termo informal "capsulado" é utilizado no cotidiano para mencionar uma suposta internação nos CAPS. Afinal, a lógica da reforma psiquiátrica é justamente contra essa internação nos manicômios. Sobre a missão dos CAPS na lógica da reforma psiquiátrica, um dos entrevistados menciona: "[...] *a gente trabalha a questão do projeto de vida com eles, então, cada um monta o seu projeto de vida [...] pra eles conseguem ahm... não ficarem tão encapsulados, né? (risos) Eles conseguirem tocar a vida deles, né?" (APÊNDICE J, entrevista Nº 5, questão 1).*

necessidade de informação por parte não apenas dos usuários, mas também, dos profissionais que alegam que a informação é essencial para a capacitação e melhoria das práticas diárias. Essa nossa afirmação corresponde ao que descrevemos sobre a abordagem fenomenológica de Husserl e Schütz, como uma ferramenta para compreender a vida cotidiana, a subjetividade humana e os problemas sociais.

A última pergunta do roteiro de entrevista foi justamente deixar o usuário à vontade para fazer mais algum comentário. Eles também pontuaram situações importantes que trataremos a seguir:

"Portanto, o último comentário que eu gostaria de fazer é que os CAPS estão passando por dificuldades financeiras e cortes de benefícios que estão prejudicando os serviços e atividades. Por isso venho por meio dessa possibilidade de fala, reivindicar por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas." (trecho do DSC 2 e 3). A fala livre dos usuários, fizeram que eles aproveitassem esse momento para relatar as dificuldades enfrentadas pelos CAPS e para poder reivindicar melhorias conforme apresentamos a seguir:

"*Livre? Bom! O meu comentário é dizer que, nós, como participante, como frequentador desse Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, ele vem passando por uma dificuldade enorme de sustentabilidade econômica, tanto dos governantes, como dos próprios participantes, né?"* (APÊNDICE N, questão 7, U1).

"Não, é... só gostaria mesmo que o CAPS voltasse a ser o que era antes, né?, tipo quando a gente tinha alimentação que poderia ficar o dia inteiro e aproveitava melhor as atividades. [...] *E agora, tipo hoje, já é... já é uma... terceira vez que eu venho sem almoçar porque a... porque pra não perder o horário aqui eu venho sem almoçar. Antes não precisa se preocupar, podia fazer uma... uma atividade de manhã, almoçava aqui e à tarde já tinha outra atividade, tinha o café da tarde. Então, é a única coisa agora, nesse momento, em relação ao CAPS que tá mais... eu acho, assim, mais difícil. Mas o tratamento, os projetos, a atenção continua a mesma.*" (APÊNDICE N, questão 7, U3).

O DSC 2 e 3 com relação à uma fala livre, motivou os usuários a falar sobre os cortes nos investimentos, tais como vale-transporte e alimentação. Como visto na fala do usuário U3, esses cortes têm prejudicado a participação dos usuários e o

andamento dos projetos em cada instituição. A esse respeito, um dos profissionais entrevistados pontuou sobre essa questão problemática que vai ao encontro da fala do usuário anterior:

"*A gente sempre incentiva aqui pra que voltem a estudar, pode ser pelo EJA e tal. Só que têm as outras questões que no nível federal diminuiu muito, né?, no início, há um tempo atrás quando a gente incentivava e eles ganhavam vale... a... um lanche, eles ganhavam vale-transporte. Não sei como é que tá isso agora*." (APÊNDICE J, entrevista nº 6, questão 4). Ainda sobre as reivindicações, os usuários pontuaram outras necessidades para os CAPS e, dentre elas, surgiu mais uma vez a importância das bibliotecas e da leitura para esses espaços:

"Necessitamos de atividades físicas e reivindicamos, também, a implantação de bibliotecas para facilitar o acesso aos livros e à informação. Ainda mais que, a biblioteca pode ser um espaço de vivência, de lazer e de atividades de arte para expressar os sentimentos." (trecho do DSC 2 e 3).

Quando analisamos esse trecho do DSC 2 e 3 e conseguimos ir além do próprio discurso, enxergamos não apenas necessidades básicas, mas necessidades sociais com dimensões mais amplas. De certa maneira, os usuários pedem mais políticas públicas voltadas à atenção em saúde mental e psicossocial. Ainda no meio social é necessário desmistificar a visão que se tem das pessoas em sofrimento psíquico, sejam aquelas decorrentes de transtornos mentais, sejam as dependentes de uso de substâncias psicoativas.

Nesta linha de raciocínio, lembramo-nos das ideias de Berger e Luckmann (2014) sobre as sedimentações das estruturas coletivas, isto é, um mundo já objetivado com costumes, valores e crenças que ordenam o fluxo da história. São necessárias discussões para quebrar essas estruturas rígidas e possibilitar desenvolver um olhar mais humano com base no cuidado, como afirmou Boff (2004) sobre a atitude de preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro. Essas pessoas necessitam de serviços públicos de qualidade, como qualquer outro segmento social.

Finalizando essa seção de análises, contemplamos os quatro primeiros objetivos específicos desta pesquisa. O último objetivo específico trataremos a seguir com a

apresentação de uma proposta teórico-metodológica para a implantação da rede de bibliotecas dos CAPS, com a atuação do profissional bibliotecário. Podemos dizer que essa proposta seria o ponto inicial para se pensar a institucionalização da rede de bibliotecas na instituição. Com a intenção de se criar uma identidade para o que estamos propondo, decidimos chamar essa rede de “Rede de Bibliotecas CAPS”.

7 PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA A IMPLANTAÇÃO DA “REDE DE BIBLIOTECAS CAPS” NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE FLORIANÓPOLIS (SC)

À Gerência Regional dos Centros de Atenção Psicossocial / Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis

Ementa: Implantação da “Rede de Bibliotecas CAPS”

Com base nos discursos coletados e analisados dos profissionais e usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) deste município e, diante do rigor metodológico e científico utilizados nesta pesquisa, chegamos à conclusão sobre a importância da criação da “Rede de Bibliotecas CAPS” e da atuação de um bibliotecário que gerencie a rede de bibliotecas das quatro unidades: CAPS AD Ilha, CAPS AD Continente, CAPS Ponta do Coral e o CAPSi.

Objetivo:

A Rede de Bibliotecas dos CAPS terá como objetivo promover o acesso à informação para capacitação dos profissionais e que cada unidade informacional seja um espaço de educação informacional, cultura e lazer que vise a reinserção social dos usuários.

Justificativa:

Levando em consideração as políticas de saúde mental desenvolvidas no âmbito do SUS, as diretrizes da Reforma Psiquiátrica e o Protocolo de Atenção em Saúde Mental deste município, em que o modelo de atenção em saúde mental se descola das instituições manicomiais e direciona seus serviços com base na comunidade, entendemos que a implantação e institucionalização de bibliotecas nestes espaços trará benefícios diretos para os usuários e profissionais da rede de saúde mental. Conforme apresentamos na fundamental conceitual desta pesquisa, as bibliotecas desempenham

papeis importantes para o desenvolvimento pessoal, cultural, social e político dos indivíduos. Com base nos discursos e nos resultados desta pesquisa, detectamos a necessidades informacionais e a importância do acesso à informação e aos bens culturais como possibilidade de desenvolver atividades pelos profissionais e transformações na vida dos usuários da instituição. A formação, desenvolvimento e gerenciamento da coleção por profissionais bibliotecários, resultará na disseminação dessa informação e na promoção de atividades culturais e de lazer nestes espaços.

Atividades e ações:

Como a pesquisa empírica requer uma observação direta ou um contato com o mundo real, foram realizadas visitas aos quatro CAPS do município, com o intuito de conhecer os espaços e coletar os discursos dos profissionais e usuários. Nestas visitas, foram detectados pequenos acervos de livros em todas as unidades dos CAPS. No entanto, esses acervos não são tratados, não existe política de desenvolvimento de coleção e não há ações ou atividades de fomento de leitura ou uso dessas fontes. Levando-se em consideração a realidade atual de cada unidade, traçamos algumas atividades e ações com base nos dados coletados nas visitas aos CAPS e nas entrevistas realizadas com profissionais (psiquiatras, psicólogos, enfermeiros e assistentes sociais) e com diversos usuários.

Quadro 4 - Atividades e ações de implementação

Atividades	Ações desenvolvidas
Diagnóstico	– Planejar um espaço adequado e acessível para abrigar a biblioteca em cada unidade dos CAPS; – Realizar um diagnóstico da situação de cada acervo existente (seleção e descartes); – Propor aos gestores e à administração pública a compra de imobiliários (estantes, bibliocantos, mesas, cadeiras, pufes e tapete); – Aquisição de um software adequado para organizar e disponibilizar informação.

(continua...)

(conclusão...)

Recursos humanos	– Contratação de no mínimo um bibliotecário para gerenciar a rede e desenvolver as atividades competentes à profissão; – Contratação de assistentes administrativos para auxiliar nas atividades desempenhadas no setor;
Políticas informacionais	– Desenvolver uma política de formação e desenvolvimento da coleção conforme as necessidades da instituição mantenedora; – Desenvolver política de seleção; – Desenvolver políticas de preservação de materiais; – Forma e desenvolver acervos diversos: livros, CDs, DVDs, revistas e outros recursos informacionais.
Tratamento técnico realizado especificamente por profissional com formação em Biblioteconomia	– Indexação; – Classificação; – Catalogação; – Preparo físico dos materiais.
Normas de serviços	– Elaborar manual de funcionamento da “Rede de Bibliotecas CAPS”: normas de empréstimo domiciliar, de serviço de referência, das atividades, de ação cultural, cronogramas e horários das bibliotecas.
Disseminação da informação e Serviço de referência	– Estimular o uso do acervo (livros, revistas, gibis, CDs, DVDs, jornais, outros). – Disseminação seletiva da informação.
Ações e contribuições potencializadas pela atuação do bibliotecário	– Biblioteca como espaço terapêutico; – Bibliotecas como espaço de lazer; – Espaço de alfabetização e aprendizagem; – Fomento de projetos de leitura e escrita; – Atividades de ação cultural; – Aplicação de biblioterapia; – Promover cursos, palestras e oficinas diversas.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

A contratação de um bibliotecário para gerenciar a “Rede de Bibliotecas CAPS” é necessária, uma vez que este profissional adquiriu formação acadêmica adequada para gerenciar, disseminar e desenvolver ações pertinentes à área informacional. Essa rede suprirá as necessidades informacionais dos profissionais nos que diz respeito ao acesso à informação, com o intuito de capacitar e melhorar as práticas em saúde mental. Para os usuários, a presença das bibliotecas em cada unidade, irá propiciar um espaço sociocultural para a produção de conhecimento e para transformação pessoal por meio da leitura e do acesso à informação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das possibilidades interdisciplinares de poder dialogar com outros campos científicos ou áreas de atuação no mundo contemporâneo, esta pesquisa partiu do lugar da Biblioteconomia para compreender as necessidades e expectativas informacionais no âmbito da Saúde Mental. Essa articulação ou contato entre os dois campos de atuação profissional, trouxe ganhos significativos e enriquecedores tanto na esfera teórica quando no campo prático em ambas as áreas. De certa maneira, pontuamos que o percurso científico conceitual e a vivência empírica do início desta pesquisa até o exato momento, despertou reflexões e novas maneiras de enxergar o mundo real, como um processo do vir-a-ser a partir do que era.

Conforme apresentamos na fundamentação conceitual, o campo da saúde mental passou por mudanças expressivas em que o saber quase que único da psiquiatria se dissolve e possibilita uma abertura de atuação de outras áreas do conhecimento humano para lidar com os fenômenos da saúde mental. Esse deslocamento fez surgir novas práticas e serviços de atenção no território e nas comunidades. Como já afirmamos, os CAPS são estratégias apontadas pelas diretrizes da Reforma Psiquiátrica como serviços importantes para fugir da lógica manicomial. A interdisciplinaridade e as equipes multiprofissionais passaram a ser fatores cruciais para lidar com os novos paradigmas. Foi justamente nessa perspectiva que argumentamos sobre a importância de uma rede de bibliotecas que potencialize a rede de saúde mental.

Após a análise do discurso do sujeito coletivo e das falas dos participantes da pesquisa, chegamos às considerações finais a partir do objetivo geral que consistia em: *Propor a implantação de uma rede de bibliotecas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Florianópolis, pautada no potencial social e cultural das atividades da instituição biblioteca, na promoção à saúde mental de pessoas em sofrimento psíquico.* Para atingir esse objetivo, foram entrevistados dezesseis profissionais, dentre eles: psiquiatras, psicólogos, enfermeiros e assistentes sociais e oito usuários das quatro unidades dos CAPS do município de Florianópolis.

Para alcançar o objetivo geral, percorremos cinco objetivos específicos, os quais pontuaremos a seguir. Ao abordar o primeiro, ficou evidente, na fala coletiva dos profissionais, que todas as atividades dos CAPS têm o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social dos usuários, por meio do desenvolvimento de grupos e oficinas terapêuticas, atividades de arte e artesanato, visita à espaços culturais da cidade e diversos outros grupos com o intuito de promover a cidadania dos usuários. Ficou evidente a importância das parcerias com as ONGs para desenvolver e aprimorar as atividades.

Para atender o segundo objetivo, buscamos identificar as atividades vivenciadas pelos usuários nos CAPS para a promoção da saúde mental. Constatamos que eles participam de diversas atividades, dentre elas: atendimento terapêutico, atividades de arte e artesanato, economia solidária, oficina de relaxamento corporal, assembleias de usuários e diversos grupos e oficinas terapêuticas. Relataram que gostam de todas as atividades e ressaltaram as atividades de arte e artesanato, pois elas têm um sentido terapêutico, e os grupos e oficinas terapêuticas, uma vez que eles têm liberdade e pode falar à vontade nos encontros.

Para responder ao terceiro objetivo específico, buscamos levantar as fontes de informação utilizadas pelos profissionais e pelos usuários dos CAPS, para realizar as atividades. Buscamos compreender, também, as representações sociais dos participantes da pesquisa sobre a importância do acesso. Na categoria dos profissionais ficou evidente nas falas que, de maneira recorrente, eles utilizam a internet e acessam livros do acervo da própria instituição. Com relação ao acesso à informação, constatamos que eles consideram importante para a qualificação profissional e para se manterem atualizados para prestarem um atendimento satisfatório.

Indagados sobre as fontes de informação e sobre a importância do acesso, constatamos na fala dos usuários que, geralmente, eles não têm acesso às informações ou suportes para desenvolver as atividades nos CAPS, mas ficou evidente que utilizam imagens e ilustrações para realizarem as atividades artísticas. Com relação aos livros, identificamos que alguns, por conta própria, utilizam livros no acervo da instituição e expressaram o desejo que houvesse mais livros nos CAPS. Ao serem

perguntados sobre a importância do acesso aos materiais informacionais, relataram que é importante e essencial para desenvolvem melhor suas atividades e participação nos CAPS.

A partir da coleta dos discursos e da análise mediante metodologia do DSC, conhecemos as representações sociais dos usuários e dos profissionais dos CAPS acerca de suas necessidades e expectativas informacionais. Indagados sobre a implantação de redes de bibliotecas nos CAPS e sobre a sua importância, detectamos que os profissionais enxergam que a rede de bibliotecas é importante para potencializar as atividades e para a produção de conhecimento. Pontuaram a necessidade de bibliotecários para gerenciar a rede de bibliotecas e desenvolver atividades biblioteconômicas, sendo necessário, entretanto, buscarem formação na área da saúde mental. Detectamos também no DSC 1 o desejo que as bibliotecas sejam institucionalizadas e que sejam espaços de promoção da cultura, cidadania e inclusão social, podendo ser, também, espaço terapêutico.

Do ponto de vista das necessidades e expectativas informacionais no discurso do sujeito coletivo dos usuários, também ficou evidente a importância da implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS. Em suas falas ficou claro que essa instituição é essencial como ponto de acesso à educação e à cultura, e que os livros e a leitura podem ser usados com função terapêutica. Para eles, a própria biblioteca pode ser um espaço terapêutico, de vivência e de lazer.

No final dos roteiros de entrevista foi lançada uma questão livre para que os participantes se sentissem motivados a falar livremente. Essa questão é muito importante para que os entrevistados falem sobre algo que por ventura tenham esquecido de mencionar anteriormente ou para complementarem alguma fala. Como mencionamos, não tem um direcionamento e as respostas são inusitadas, porém muito interessantes para o enriquecimento da pesquisa. Essa questão estava presente no final dos roteiros dos profissionais e dos usuários.

Como resultado do discurso coletivo dos profissionais, detectamos que a pesquisa gerou reflexões para se pensar a biblioteca como estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental. Ficou evidente também que a pesquisa alertou para a necessidade de estimular a leitura como possibilidade de um trabalho

interdisciplinar, por meio de serviços de bibliotecas e com a presença de bibliotecários. A pesquisa despertou, também, a possibilidade de inclusão das bibliotecas como rota do projeto “Trajetos Culturais” e de se pensar futuramente a possibilidade de estágios de biblioteconomia para desenvolver projetos de leitura. Ressalta-se que, como primeiro fruto desta pesquisa, foi realizada uma visita guiada com os usuários dos CAPS AD Ilha e CAPS AD Continente, na Biblioteca Central da UFSC no mês de maio de 2017.

Na fala coletiva dos usuários a partir desta questão livre, detectamos que os CAPS estão passando por restrição financeira e cortes de benefícios, o que prejudica os serviços e atividades. Reivindicaram por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas. Pontuaram a necessidade de atividades físicas e, mais uma vez, afirmaram a importância das bibliotecas como um espaço de vivência e de lazer. Com base na literatura levantada e na vivência empírica para a realização deste estudo, ficou evidente que a área da Saúde Mental ainda necessita de avanços e de atenção por parte das autoridades públicas e da sociedade em geral.

Para atender o último objetivo específico desta pesquisa, elaboramos uma proposta teórico-metodológica para a implantação da Rede de Bibliotecas nos CAPS de Florianópolis, com a atuação de bibliotecários. Essa proposta vai ao encontro dos resultados obtidos a partir dos discursos coletados e analisados mediante rigor científico empregado neste estudo. A mesma será enviada à Gerência Regional dos Centros de Atenção Psicossocial/Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis, juntamente com essa pesquisa na íntegra, como forma de devoluta do relatório final de pesquisa e para apresentar aos gestores públicos os resultados pertinentes, para que se pense essa proposta. Com a implantação e institucionalização da “Rede de Bibliotecas CAPS”, o município de Florianópolis poderá torna-se pioneiro e servir de exemplo para outros municípios do Estado, assim como, também, um modelo que sirva de espelho para o Brasil.

A implantação da “Rede de Bibliotecas CAPS” não tem o objetivo de criar mais um serviço fechado dentro da instituição, prevê que as ações desenvolvidas pelas bibliotecas nestes espaços tenham o propósito de fornecer aos usuários a apropriação de instrumentos que muitas vezes lhes foram negados. A princípio, seria uma forma de transformar os pequenos acervos já existentes em cada CAPS em coleções

desenvolvidas, com precisão para atender as necessidades informacionais dos profissionais e usuários de cada instituição. A presença de bibliotecários nestes espaços seria fundamental para transformar esses acervos em bibliotecas com espaços lúdicos, criativos e de produção de conhecimento.

A ideia não é “encapsular” os usuários dos CAPS. No entanto, é importante ressaltar que a perda dos vínculos afetivos, a baixa escolaridade e outros fatores psíquicos e sociais dificultam a reinserção desses usuários à sociedade. O trabalho clínico desenvolvido nestes espaços é fundamental para que haja desenvolvimento humano, mas, as ações de educação, de leitura e de escrita tornam-se de igual importância para que esses usuários conquistem autonomia para retornarem suas atividades como cidadão. A realização de práticas de leitura e escrita dentro da instituição tem o objetivo de ligação com a realidade social, isto é, com o mundo lá fora. A biblioteca e os profissionais bibliotecários nos ambientes de saúde mental, também pode ser uma ponte entre a instituição e os outros setores sociais.

Chegamos à compreensão, com resultado desta pesquisa, que há uma demanda visível sobre a necessidade e expectativa de informação dentro dos CAPS, quer seja informação para o aperfeiçoamento e qualificação para as práticas profissionais, quer seja para atender aos usuários em suas demandas de leitura, cultura, socialização e lazer. Como discutimos anteriormente, a interdisciplinaridade é o campo da possibilidade de ousadia e de descobertas. Quem disse que essas pessoas, principalmente os usuários, não necessitam de informação? Quem estabeleceu estas normas? Conforme trabalhamos na fundamentação teórico-metodológica, já nascemos em um mundo configurado pela objetivação da linguagem que cria estruturas rígidas e institucionalizadas. No entanto, o papel da fenomenologia é praticamente fornecer critérios para que possamos suspender nossas crenças e desconstruir aquilo que no senso comum é estabelecido como verdade absoluta. A própria ciência também pode ser empregada como ferramenta de mudança.

Nós bibliotecários devemos refletir mais sobre as diversas possibilidades, não apenas de atuação no sentido restrito, mas de contribuição e transformação social a partir da nossa profissão. Como já pontuamos, estamos imersos e imbuídos no campo da linguagem e muitas vezes condicionados por discursos massificados e perpetuados

em nosso meio profissional e acadêmico, sobre a sociedade da informação, sociedade global e o campo tecnológico. Muitos não se dão conta que essa lógica não passa de uma falácia ou de argumentos vazios quando investigados ao pé da letra. Será mesmo que as tecnologias de informação e comunicação em ampla escala, como dizem, suprem as necessidades humanas tal como deveriam? Sobre essa reflexão, ainda penso que a Biblioteconomia ainda é muito tecnicista e falta engajamento ético-político e social por parte dos profissionais.

O campo da informação não se reduz meramente aos artefatos, matéria bruta que suporta a escrita ou os dados inscritos em uma máquina. Um olhar, uma palavra ou uma ação direcionada ao outro já é informação/comunicação quando se faz entender. Um ato de leitura que desperte o sentido em seu destinatário é tão sofisticado quanto qualquer máquina com seus códigos lógicos que não se faça compreensão ao receptor final. Por isso, a importância da reflexão e dos questionamentos diante do contexto dessa nossa sociedade do espetáculo e da banalização.

Pontuamos que todos os objetivos específicos e o objetivo geral expressos na introdução desta pesquisa foram alcançados, assim como o problema de pesquisa foi respondido. No entanto, afirmamos que esse tema não se esgota com as respostas lançadas neste estudo, mas que os fenômenos que emergiram à superfície da possibilidade de discussão, sejam apenas pontos de partida para novas investigações, ações e práticas no mundo da vida e meio social.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ALMEIDA JÚNIOR. Oswaldo Francisco de. Profissional bibliotecário: um pacto com o excludente. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org). **Profissional da informação**: o espaço de trabalho. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 70-86.

_____ ; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98-116, maio/ago. 2014. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716/pdf_25>. Acesso em: 7 abr. 2017.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 13. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: _____. **Tópicos; Dos argumentos sofísticos; Metafísica; Ética a Nicômaco; Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1973a. p. 245-436. (Coleção Os Pensadores, 4).

_____ . Poética. In: ARISTÓTELES. **Tópicos; Dos argumentos sofísticos; Metafísica; Ética a Nicômaco; Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1973b. p. 439-471. (Coleção Os Pensadores, 4).

ASSIS, Machado de. **O alienista**. 2. ed. São Paulo: Elevação, 2008.

ASTRAIN, Ricardo Salas. El mundo de la vida y la fenomenología sociológica de Schütz: apuntes para una filosofía de la experiencia. **Revista de Filosofía**, n. 15, p. 167-199, 2006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2293997>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. O tempo e o espaço da sociedade da informação no Brasil. **Informação & Informação**, v. 8, n. 1, p. 5-13, jul. 2003. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1707/1458>. Acesso em: 18 ago. 2017.

BARRETO, Angela Maria. Leitura: suas categorias de produção de sentidos nas novas e antigas formas de acesso à informação. In: CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMÜLLER, Anna Friedericka (Org.). **O ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 55-76.

BARROS, Denise Dias. Cidadania versus periculosidade social: a desinstitucionalização como desconstrução de um saber. In: AMARANTE, Paulo (Org.). **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 171-195.

BENEDUZI, Andréa Campello. **Bibliotecas especiais**: a biblioteca hospitalar como um repositório de saúde e bem-estar ao alcance dos pacientes. Porto Alegre: 2004. TCC (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18721>. Acesso em: 27 nov. 2016.

BERAQUET, Vera Silvia Marão; CIOL, Renata. Atuação do bibliotecário em ambientes não tradicionais: o campo da saúde. **Pesq. bras. ci. inf.,** Brasília, v.3, n.1, p.127-137, jan./dez. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9334>. Acesso em: 17 abr. 2017.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BEZERRA, Fabíola Maria Pereira. A Biblioteca Pública e o utilizador idoso: relato da experiência portuguesa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., Maceió, AL, 2011. **Anais...** Maceió, ago. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11575>. Acesso em: 10 jan. 2017.

BRASIL. Lei n. 10.216, de 6 de Abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 de abr. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____ . Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 de jun. 2013. Seção 1, p. 59. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 13 maio 2016.

_____ . Ministério da Saúde. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, de 26 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html>. Acesso em: 27 maio 2016.

_____ . Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS**: os centros de atenção psicossocial. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BOFF, Leonardo. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____ . **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela Terra. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Ponto de Ideias, 2010.

CAMPOS, Gabriela Luíza. **Rumo a um novo modo de práticas psicossociais pós reforma psiquiátrica:** uma análise da experiência de um caps II do sul de Santa Catarina. 2014. 79 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Florianópolis, 2014.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. **Os enfermos da razão**: cidade planejada, exclusão e doença mental (Maringá, 1960-1980). São Paulo: FAPESP, 2004.

CARVALHO, Kátia de; GESTEIRA, Ivana A. Lins. Organizações sociais na atual sociedade: espaços de leitura. In: CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMÜLLER, Anna Friedericka (Org.). **O ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 41-53.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, M. Solange Pereira. Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 17-25, jan./abr. 1997. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1589>. Acesso em: 12 ago 2017.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAVALCANTI, Ivanilda Bezerra; ARAÚJO, Claudialyne Silva; DUARTE, Emeide Nóbrega. O bibliotecário e as ações culturais: um campo de atuação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 21-34, 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/16626>. Acesso em: 10 abr. 2017.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

_____ . **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteconomia**: dimensão social e educativa. Fortaleza: Ed. UFC, 1993.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 127-153.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____ ; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade:** um projeto em parceria. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI:** o dicionário da língua portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de usos e usuários da informação.** Brasília, DF: IBICT, 1994.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Saúde. **Protocolo de atenção em saúde mental**. Tubarão: Ed. Copiart, 2010.

FLUSSER, V. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, 1983. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/1973>. Acesso em: 19 maio 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____ . **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____ . **A importância do ato de ler**: em três ensaios que se completam. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GABRIEL, Áurea Barbosa Pinheiro. **Uma reflexão sobre a convivência como um dispositivo clínico no cotidiano de um Centro de Atenção Psicossocial – CAPS**. Brasília: 2015. TCC (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/7731/1/20474862.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2016.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GROGAN, Denis Joseph. **A prática do serviço de referencia.** Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1995.

GUEDES, A. C. et al. A mudança nas práticas em saúde mental e a desinstitucionalização: uma revisão integrativa. **Rev. Eletr. Enf.**, Goiás, v. 12, n. 3, p. 547-553, 2010. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v12/n3/v12n3a19.htm>. Acesso em: 15 maio 2016.

GUIMARÃES, Antonio Guilherme Rocha; CADENGUE, Mirtysiula. A interferência da biblioteconomia clínica para a promoção da saúde. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., São Luís, MA, 2011. **Anais...** São Luís, jan. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/ECr3Sn>. Acesso em: 23 abr. 2017.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário**: o senhor do labirinto. São Paulo: Vozes, 2011.

HUSSERL, Edmund. **A Crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

_____ . **A ideia de fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, 1986.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____ . Os processos psicossociais da exclusão. In: **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 55-67.

JUNGLOS, Márcio. **Fenomenologia da inclusividade**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2014.

LANCASTER, F. Wilfrid. **Avaliação de serviços de bibliotecas.** Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; CONTI, Vivaldo Luiz. Disseminação da informação e usuários. São Paulo, **São Paulo em Perspectiva**, v. 17, n. 3-4, p. 26-34, 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/spp/v17n3-4/a04v1734.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. Discurso do Sujeito Coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto Contexto Enferm**., Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, abr./jun. 2014. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/tce/v23n2/pt_0104-0707-tce-23-02-00502.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____ ; _____ . **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa: desdobramentos. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LIMA, Karina Medeiros de. Determinismo Tecnológico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., Campo Grande, MS, 2001. **Anais...** Campo Grande, set. 2001. Disponível em: < http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/determinismo.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MACEDO, Neusa Dias de. Princípios e reflexões sobre o serviço de referência e informação. R. **Bras. Bibliotecon. e Doc.**, São Paulo, v. 23, n. 1/4, p. 9-37, jan./dez. 1990. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/18785>. Acesso em: 10 ago. 2017.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marilia Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações.** Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

MACKLER, Leona. The mental health librarian: a member of the team. **Library Trends**, Illinois, v. 30, n. 4, p. 519-538, 1982.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê, 2002.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Formação e desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas. **Inf. & Soc.**: Est., João Pessoa, v.17, n.1, p. 87-94, jan./abr. 2007. Disponível em: <www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/463/1468>. Acesso em: 16 abr. 2017.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanalise.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

_____ . **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOURA, Victor Hugo Vieira. **A busca de informação em equipes multidisciplinares**: estudo de caso de uma instituição psiquiátrica. Belo Horizonte, 1997. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Belo Horizonte, 1997.

MUELLER, S. P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/15746>. Acesso em: 20 mar. 2016.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 17-38.

OLIVER, Chris. **Introdução à RDA**: um guia básico. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2011.

ORTEGA Y GASSET, Jose. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: _____ (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 91-110.

PAUL, Patrick. Pensamento complexo e interdisciplinaridade: abertura para mudança de paradigma? In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (Ed.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 229-259.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____ . **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr; BRITO, Vladimir de Paula. Em busca do significado da desinformação. **DataGramaZero Revista de Informação**. v.15 n.6 dez. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/51758>. Acesso em: 10 ago 2017.

PIRES, Erik André de Nazaré; RIBEIRO, Célia Pereira; KLEBERSSON, Mayco. Biblioteconomia clínica: espaço de atuação emergente para o bibliotecário no Século XXI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., Florianópolis, SC, 2013. **Anais...** Florianópolis, jul. 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1503>. Acesso em: 12 abr. 2017.

PRADO, Heloísa de Almeida. **Organização e administração de bibliotecas**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. Cultura, ação e mediação em bibliotecas. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO (EPIM), 2., Marília, SP, 2015. **Anais...** Marília, maio 2015. Disponível em: <http://gicio.marilia.unesp.br/index.php/IIEPIM/IIEPIM/paper/viewFile/3/49>. Acesso em: 7 maio 2017.

RAYNAUT, Claude. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimento. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (Ed.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 69-105.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**: de Nietzsche a Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2006. v. 6., set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/638>. Acesso em: 25 mar. 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROMANI, Claudia; BORSZCZ, Iraci (Org). **Unidades de informação**: conceitos e competências. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

ROSA, Anelise Jesus Silva da. A prática de ação cultural em biblioteca. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.14, n. 2, 372-381, jun./dez., 2009. Disponível: http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/download/675/737 Acesso em 7 abr. 2017.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUQUETTE, Michel-Louis. As representações sociais no quadro geral do pensamento social. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes (Org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2005. p. 189-199.

RUIZ LÓPEZ, Gerardo. Necesidades de información de pacientes psiquiátricos del hospital “Dr. Héctor Tovar Acosta” del Instituto Mexicano del Seguro Social. **Brazilian Journal of Information Studies**: Research Trends. v.11, n. 1, p. 71-78, 2017. Disponível em: <www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/5246/4388>. Acesso em: 17 abr. 2017.

SANCHES NETO, Asy Pepe. Biblioteca social: atividades biblioteconômicas voltadas para fazer do acesso à informação um meio de inclusão social. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., Maranhão, MA, 2011. **Anais...** Maranhão, jan. 2011. Disponível em: <http://rabci.org/rabci/node/199>. Acesso em: 29 mar. 2016.

SANTOS, Josiel Machado. Ação Cultural em Bibliotecas Públicas: o bibliotecário como agente transformador. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 173-189, jun./dez. 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/425>. Acesso em: 19 maio 2017.

SAÚDE mental. c2016. Disponível em: <www.pmf.sc.gov.br/entidades/saude/index.php?cms=saude+mental&menu=5>. Acesso em: 15 abr. 2016.

SCHÜTZ, Alfred. O estrangeiro: um ensaio em psicologia social. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá. n. 113, out. 2010.

_____ . **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. Florianópolis: ACB: Habitus, 2006.

SILVEIRA, Sheila. **Bibliotecas especiais**: informar, acolher e humanizar. São Paulo: 2014. TCC (Graduação em Biblioteconomia) - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://rabci.org/rabci/node/493>. Acesso em: 03 abr. 2016.

SILVIA, A. T. de M. C. da; BARROS, S.; OLIVEIRA, M. A. F. de. Políticas de saúde e de saúde mental no Brasil: a exclusão/inclusão social como intenção e gesto. **Rev. Esc. Enferm**, São Paulo, v. 36, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v36n1/v36n1a01.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2016.

SINGER, Peter. **Ética prática**. Lisboa: Tipografia Lugo, 1993.

SOUTO, Leonardo Fernandes. **Informação seletiva, mediação e tecnologia**: a evolução dos serviços de disseminação seletiva de informações. Rio de Janeiro: Interciência, 2010.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia no Brasil**: profissão e educação. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 1997.

_____ . et al. Representações de sujeitos imersos em atividades de informação como estímulos ao aprofundamento investigativo. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.7, n.1, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/127>. Acesso em: 7 abr. 2017.

SOUZA, Maria Naires Alves de; FARIAS, Karla Meneses. Bibliotecário de referência e a competência informacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24. Maceió, AL, 2011. **Anais**... Maceió, ago. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10377/1/2011_eve_mnadesousa.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

TARGINO, Maria das Graças. **Conceito de biblioteca**. [Brasilia]: ABDF, 1984.

THORNICROFT, Graham; TANSELLA, Michele. **Boas práticas em saúde comunitária**. Barueri, SP: Manole, 2010.

TOMAÉL, Maria Inês. Redes de informação: o ponto de contato dos serviços e unidades de informação no Brasil. **Inf. Inf.**, Londina, v. 10, n. 1/2, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2005v10n1-2p5>. Acesso em: 13 mar. 2017.

TORRE, E. H. G; AMARANTE, P. Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 73-85, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v6n1/7026.pdf>. Acesso em: 21 abri. 2016.

VALA, Jorge. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: _____ ; MONTEIRO, Maria Benedicta (Coord.). **Psicologia social**. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. p. 457-502.

VALERA OROL, Concha Varela; GARCIA MELERO, Luis Angel; GONZALEZ GUITIAN, Carlos Gonzalez. **Redes de bibliotecas**. Boletín de La Anabad, A Coruña, v. 38, n. 1-2, p. 215-242, 1988. Disponível em: <file:///C:/Users/ricoc/Downloads/Dialnet-RedesDeBibliotecas-904109.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis; APB, 1989.

_____ . **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2010.

VIEIRA, Ronaldo. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

WAGNER, Helmut T. R. Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia. In: SCHÜTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WEINREB, Mara Evanisa. **Imagem e desrazão: estudo da produção plástica de Manuel Luiz da Rosa (1961-2002)**. 241f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, 2003.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário de caracterização (Profissionais)

Nome: _____

Profissão: _____

Gênero:
( ) Masculino
( ) Feminino

Idade:
( ) 21-30 anos
( ) 31-40 anos
( ) 41-50 anos
( ) 51-60 anos
( ) 61-70 anos
( ) 71-80 anos
( ) 81 em diante

Escolaridade:
( ) Ensino superior
( ) Especialização
( ) Mestrado
( ) Doutorado
Outros:_____

Há quanto tempo atua nos CAPS:
( ) Até 01 (um) ano
( ) Entre 01 (um) ano e 02 (dois) anos
( ) Entre 02 (dois) anos e 03 (três) anos
( ) Entre 03 (três) anos e 04 (quatro) anos
( ) Entre 04 (quatro) anos e 05 (cinco) anos
( ) Entre 05 (cinco) anos e 10 (dez) anos
( ) Mais de 10 (dez) anos.

APÊNDICE B – Questionário de caracterização (Usuários)

Nome: _____

Profissão: _____

Gênero:
( ) Masculino
( ) Feminino

Idade:
( ) 10-20 anos
( ) 21-30 anos
( ) 31-40 anos
( ) 41-50 anos
( ) 51-60 anos
( ) 61-70 anos
( ) 71-80 anos
( ) 81 em diante

Escolaridade:
( ) Ensino fundamental
( ) Ensino fundamental incompleto
( ) Ensino médio
( ) Ensino médio incompleto
( ) Ensino superior
( ) Ensino superior incompleto
( ) Não sabe
( ) Outros:_____

Há quanto tempo frequenta o CAPS:
( ) Até 01 (um) ano
( ) Entre 01 (um) ano e 02 (dois) anos
( ) Entre 02 (dois) anos e 03 (três) anos
( ) Entre 03 (três) anos e 04 (quatro) anos
( ) Entre 04 (quatro) anos e 05 (cinco) anos
( ) Mais de 05 (cinco) anos.

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista (Profissionais)

Questão 1

Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Questão 2

Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Questão 3

Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Questão 4

Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Questão 5

As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Questão 6

Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista (Usuários)

Questão 1

Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS?

Questão 2

Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

Questão 3

Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Questão 4

Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

Questão 5

Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Questão 6

As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Questão 7

Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Maiores de 18 anos)

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada *Bibliotecas em ambientes de saúde mental: Um diálogo interdisciplinar*, que fará entrevista, tendo como objetivo conhecer as contribuições de uma rede de bibliotecas enquanto espaço de promoção à inserção social e cultural nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Serão previamente marcados, conforme a sua disponibilidade, a data e horário para preenchimento do questionário de caracterização e para a entrevista. Estas medidas serão realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). As entrevistas serão registradas com gravador de áudio. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

O(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos. Embora o preenchimento do questionário de caracterização e a entrevista não contenham perguntas que envolvam ou causem constrangimento emocional ou psicológico, podem causar algum pequeno desconforto físico ou cansaço. Pra suavizar esses riscos, a coleta de dados será feita em local claro e arejado, que contenham mesas e cadeiras, com o intuito de fornecer conforto ao participante da pesquisa. Ressalta-se ainda que em qualquer momento, quando solicitado, o participante poderá parar a entrevista ou, até mesmo, desistir de participar da pesquisa por livre e espontânea vontade.

A sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão indiretos e tardios para a área da Biblioteconomia, no que se referem o desenvolvimento científico, assim como, também, na contribuição de reflexões sobre as ações e práticas desenvolvidas junto à sociedade. Por outro lado, entende-se que esse diálogo interdisciplinar com o campo da Saúde Mental, venha trazer contribuições tanto para a rede de atenção à saúde mental, quanto para os usuários que usufruem dos serviços prestados pelos CAPS das comunidades. Essa pesquisa seria uma forma de dar visibilidade a um assunto que deveria ser mais discutido na esfera social e acadêmica.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores: o estudante de mestrado Ricardo de Lima Chagas e a professora orientadora Daniella Camara Pizarro.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR PARA CONTATO:
NÚMERO DO TELEFONE
ENDEREÇO:
ASSINATURA DO PESQUISADOR:

NOME DO PESQUISADOR PARA CONTATO:
NÚMERO DO TELEFONE:
ENDEREÇO:
ASSINATURA DO PESQUISADOR

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901
Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com
CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521
Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso
_____

Assinatura _____ Local: _____ Data: ____/____/____ .

APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Menores de 18 anos)

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada *Bibliotecas em ambientes de saúde mental: Um diálogo interdisciplinar*, que fará entrevista, tendo como objetivo conhecer as contribuições de uma rede de bibliotecas enquanto espaço de promoção à inserção social e cultural nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Serão previamente marcados, conforme a sua disponibilidade e de seu(ua) filho(a)/dependente, a data e horário para preenchimento do questionário de caracterização e para a entrevista. Estas medidas serão realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). As entrevistas serão registradas com gravador de áudio. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos. Embora o preenchimento do questionário de caracterização e a entrevista não contenham perguntas que envolvam ou causem constrangimento emocional ou psicológico, podem causar algum pequeno desconforto físico ou cansaço. Pra suavizar esses riscos, a coleta de dados será feita em local claro e arejado, que contenham mesas e cadeiras, com o intuito de fornecer conforto ao participante da pesquisa. Ressalta-se ainda que em qualquer momento, quando solicitado, o participante poderá parar a entrevista ou, até mesmo, desistir de participar da pesquisa por livre e espontânea vontade.

A identidade do(a) seu(ua) filho(a)/dependente será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão indiretos e tardios para a área da Biblioteconomia, no que se referem o desenvolvimento científico, assim como, também, na contribuição de reflexões sobre as ações e práticas desenvolvidas junto à sociedade. Por outro lado, entende-se que esse diálogo interdisciplinar com o campo da Saúde Mental, venha trazer contribuições tanto para a rede de atenção à saúde mental, quanto para os usuários que usufruem dos serviços prestados pelos CAPS das comunidades. Essa pesquisa seria uma forma de dar visibilidade a um assunto que deveria ser mais discutido na esfera social e acadêmica.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores: o estudante de mestrado Ricardo de Lima Chagas e a professora orientadora Daniella Camara Pizarro.

O(a) senhor(a) poderá retirar o(a) seu(ua) filho(a)/dependente do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso dos dados do(a) seu(ua) filho(a)/dependente para a produção de artigos técnicos e científicos. A privacidade do(a) seu(ua) filho(a)/dependente será mantida através da não-identificação do nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR PARA CONTATO:
NÚMERO DO TELEFONE:
ENDEREÇO:
ASSINATURA DO PESQUISADOR

NOME DO PESQUISADOR PARA CONTATO:

NÚMERO DO TELEFONE:
ENDEREÇO:
ASSINATURA DO PESQUISADOR

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC - 88035-901
Fone: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com
CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a respeito do meu(minha) filho(a)/dependente serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em meu(minha) filho(a)/dependente, e que fui informado que posso retirar meu(minha) filho(a)/dependente do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso
_____

Assinatura _____ Local: _____ Data: ____/____/____ .

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

APÊNDICE G – Termo de Assentimento

Eu _____aceito participar da pesquisa “**BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL:** UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR”.

Declaro que o pesquisador **Ricardo de Lima Chagas** me explicou todas as questões sobre o estudo que vai acontecer. Será feita uma entrevista que será grava em áudio. Esse material será apenas para a pesquisa. Depois será destruído.

Compreendi que não sou obrigado(a) a participar da pesquisa, eu decido se quero participar ou não.

O pesquisador me explicou também que o meu nome não aparecerá na pesquisa.

Dessa forma, concordo livremente em participar do estudo, sabendo que posso desistir a qualquer momento, se assim desejar.

Assinatura da criança/adolescente/dependente:_____

__

Assinatura dos pais/responsáveis:_____

_

Ass.

Pesquisador:_____

_____

Dia/mês/ano: _____

ORIENTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO ASSENTIMENTO INFORMADO

O assentimento assinado pela criança/adolescente/dependente demonstra sua cooperação na pesquisa. Entretanto ele não substitui a necessidade do consentimento informado livre e esclarecido dos pais ou guardiões.

Assentimento informado para participar da pesquisa: Bibliotecas em ambientes de saúde mental: um diálogo interdisciplinar.

Nome da criança/adolescente/dependente:
.....

1. Introdução - Inicialmente o pesquisador deve:

a) Apresentar-se para a criança/adolescente/dependente;
b) Explicar a ela quem ele é, o que faz e o que está pesquisando;
c) Fazer o convite para que a criança/adolescente/dependente participe da pesquisa, deixando claro que os pais dela já concordaram em participar, mas se não quiser ela não precisa participar;
d) Dizer que ela pode conversar com alguém antes de escolher participar ou não;

2. Objetivos – Explicar em linguagem clara e da compreensão da criança/adolescente/dependente os propósitos da pesquisa.

3. Escolha dos participantes – As crianças/adolescentes/dependentes gostam de saber porque foram escolhidas para participar da pesquisa. Isto é importante para dirimir o medo na decisão de participar.

4. Voluntariedade de Participação – Explicar em linguagem amigável que a participação dela é voluntária, ou seja, que é ela quem decide se quer ou não participar da pesquisa. Se caso ela decidir não participar nada mudará no seu tratamento ou na relação dela com os profissionais que a atendem. Que mesmo que ela inicialmente tenha aceitado, ela pode mudar de idéia e desistir, sem nenhum problema.

5. Procedimentos – Explicar os procedimentos que serão utilizados em linguagem simples, sempre procurando atender a expectativa da criança/adolescente/dependente.

6. Riscos e desconfortos – Explicar todos os riscos e desconfortos em linguagem simples e compreensível para a criança/adolescente/dependente, bem como as ações adotadas para minimizá-los ou corrigi-los.

Neste momento é importante conferir se a criança/adolescente/dependentes entendeu os riscos e desconfortos da pesquisa.

7. Benefícios – Descrever todos os benefícios que serão gerados com a pesquisa, mesmo que não sejam benefícios diretos a elas.

8. Incentivos – A Organização Mundial de Saúde não recomenda dar incentivos além dos reembolsos para as despesas de viagem e de tempo perdido. Qualquer presente dado à

criança deverá ser pequeno o bastante para que não ser um incentivo ou argumento para participarem.

9. Confidencialidade – Outras pessoas poderão saber que você está participando de uma pesquisa? Não. As informações sobre você serão coletadas na pesquisa e ninguém, exceto os investigadores poderão ter acesso a elas. Não falaremos que você está na pesquisa com mais ninguém e seu nome não irá aparecer em nenhum lugar.

10. Divulgação dos resultados - Depois que a pesquisa acabar, os resultados serão informados para você e seus pais, também poderá ser publicada em uma revista, ou livro, ou conferência, etc.

11. Direito de recusa ou retirada do assentimento informado - Reforçar para a criança/adolescente/dependente que a participação dela é voluntária. Ex. Ninguém ficará bravo ou desapontado com você se você disser não. A escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer sim agora e mudar de idéia depois e tudo continuará bem.

12. Contato – Será listado o nome do pesquisador ou de pessoas as quais a criança poderá entrar em contato facilmente (pode ser inclusive seus professores, amigos, tios) caso queira conversar sobre a pesquisa.

13. Certificado do Assentimento
Eu entendi que a pesquisa é sobre a implantação de bibliotecas em ambientes de saúde mental. As entrevistas serão registradas em áudios.

APÊNDICE H – Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (Maiores de 18 anos)

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “**BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL:** UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, _____ de _____ de _____

Local e Data

_____

Nome do Sujeito Pesquisado

_____

Assinatura do Sujeito Pesquisado

APÊNDICE I – Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (Menores de 18 anos)

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de meu filho/dependente para fins da pesquisa científica intitulada “**BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL:** UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas ao meu filho/dependente possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, o meu filho/dependente não devem ser identificado por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso, e que as fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade e guarda do grupo de pesquisadores do estudo.

_____, _____ de _____ de _____

Local e Data

_____

Nome do Responsável pelo Sujeito Pesquisado

_____

Assinatura do Responsável pelo Sujeito Pesquisado

APÊNDICE J – Entrevistas transcritas (Profissionais)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 1 -** FLORIANÓPOLIS - 17/04/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários da rede de saúde mental?

Então, é... eu estou aqui há um ano, quase dois anos aqui no CAPS, né? E nos primeiros meses aqui eu tinha um grupo de reinserção social. Esse grupo de reinserção social era justamente o que eu vim trabalhar a questão da... das pessoas, com geração trabalho e renda, com curso profissionalizante, quem tava desempregado, quem pedia uma orientação. Tinha toda essa finalidade, além da gente também trabalhar com temas. A gente trazia temas e discutia em grupo, na dinâmica de grupo ali, a... os assuntos mais interessantes, né? Que eles achavam interessantes, que eles colocavam. Eu deixava mais aberto: - O que vocês querem falar? Muitas vezes, discutia até não ter um pouco de geração trabalho e renda, eles discutiam... porque nesse meio sempre entra o assunto da droga. Então, por mais que eu diga assim: - A gente tem que ir para uma outra linha, não vamos discutir isso! E aí quando eu via tava de novo no assunto da droga, né? Então, sentia um pouco assim de dificuldade de ficar uma hora e meia, duas horas discutindo a questão de geração trabalho e renda sem entrar o assunto... do vício, né?, que alguns eu explicava que o CAPS não trabalha somente com a questão clínica, né? A gente trabalha sobre a questão física, com medicamentos, e existe a questão social, tem a questão psicológica, né? E a questão social é aquela única questão também do trabalho, dos cursos, da comunidade, da família, né?, do lazer, de todo o contexto social, e que a gente teria que colocar esses termos, né?, nas questões que a gente tá discutindo. Então, nesses primeiros meses que eu fiquei aqui, a gente fazia esse grupo que trabalhava e era um grupo que sempre tava cheio sim. Depois eu me ausentei um pouco, por seis meses, fora. Por questões particulares eu tive que sair. E agora retornando... eu tô retornando e esse grupo não... não está mais incluído, mas eu pretendo voltar um pouco no tema, né? Ah... com o grupo de geração trabalho e renda, que é interessante. Então, esse é um dos... de um dos processos, né? De geração trabalho e renda, né?, e de inserção social. [...]. Então, são vários profissionais. Tem o psiquiatra, o psicólogo, o clínico, o enfermeiro e o técnico de enfermagem. Então, todos eles têm conhecimento de quando alguém precisa de um assunto de geração trabalho e renda, automaticamente já agendam pra mim. – Oh, o assunto dele é uma questão mais de trabalho, mais de curso, tem como dar uma atençãozinha? Então, automaticamente sempre tá vindo pra mim as questões de geração trabalho e renda. [...]. Ficaram desempregados, vêm pedir ajuda pra ver o que que pode estar fazendo, quais são os cursos, aonde, o que que pode estar encaminhando, me ajuda a fazer um currículo, a orientação. Então, sim, é uma coisa que pra mim já virou, assim, rotineira. Porque aqui eu sou... eu tô a quase dois anos, né?, no caso. Porém eu trabalho há 16 anos [na profissão x] Um tempo muito voltado para a questão da área da saúde, né?, mas como eu te falei, não tem como não trabalhar a questão social, né? Trabalhar aqui a questão de saúde mental deles, mas tá incluída a questão social deles. O contexto deles tá incluído. E essa parte fica mais pro [profissional x]. Então, mesmo que não tenha um grupo normalmente de geração trabalho e renda, de reinserção social, tem todo esse trabalho de forma individual. E os psicólogos também têm grupos terapêuticos que também acabam, de uma certa forma, trabalhando a questão de in... de reinserção social, né?

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Sim, tem que ser a... Por exemplo, a internet pra mim é uma ferramenta e tanto, né? Então, eu tenho que buscar as informações da internet. A [instituição x] tem todo um material na página de... de geração trabalho e renda. As instituições que oferecem cursos, né? Questões de modelos de currículo para cada um. Que aí um veio me pedir ajuda: - Como que eles são? - Assim. Eu vou buscar essas informações. A literatura de livros orienta a gente mais na parte teórica. Mas eu tenho que ter conteúdo pra poder mostrar pra eles. Outra coisa do [profissional x], tem que ter material. – Onde que eu posso buscar esse curso profissionalizante de culinária? Então, eu vou lá no [instituto x], endereço tal, tal tal... Eu tenho uma pasta, né?, que é a minha pasta e ali tem vários materiais, vários que eu vou imprimindo e as pessoas vão pedindo e eu vou dando. Então, já tem até uns que já tem um recortezinho, né? Aí eu preciso ir lá na [instituição x] solicitar isso, né? Não precisa fazer isso, pra encaminhar pra tal coisa. Tá aqui o endereço e o nome certinho, de isso e aquilo. Ou querem ir fazer o... fazer o SEJA ou EJA. O endereço, aonde que fica? Aonde é que eu posso encontrar? Aonde que você mora? Então, isso tudo tem que estar tudo mapeado pra que quando a pessoa chegar eu tenho como dar. São desse jeito, tenho minha pastinha já particular.

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Sem as informações eu não tenho trabalho. Sem meus braços, eu fico sem braços. E sem braços não dá! Né? Então, assim como eu te falei, como eu já trabalho há bastante tempo na área, as redes, os apoios, os suportes eu tenho. Que ajuda ainda mais é o WhatsApp. – Amigas, eu não sei onde fica a Mobilidade Urbana? Obviamente, vai no Google... elas, automático, já mandam isso e aquilo, pesquisa no site tal, já vou lá, abro, imprimo, entendeu? Então, é tudo muito rápido, muito prático.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Como eu gosto de leitura e acho a leitura fundamental, né? Então, assim, infelizmente o povo não tem o habito de ler. Seria um trabalho bem interessante estimular a leitura, estimular as pessoas a ler e se autoconhecer através da leitura, né? Que às vezes, eu tento colocar aqui. O nosso público não tem o hábito de ler, não tem o estímulo, não tiveram o estímulo, da leitura, de isso, e quando tem na internet pra fazer as coisas, ainda ver coisas que não são tão necessárias, mas... é uma coisa bem interessante pra se estimular, pra reinserção.

Entrevistador: Isso no caso da leitura, né?

Na leitura.

Entrevistador: E no caso da instituição biblioteca na sociedade, como você imagina? O que você pensa?

Um ambiente, um espaço diferente. Como eu ei... não tem é... eu tô falando deles, né?, não de mim. Eu falei: eu gosto, eu me sinto bem dentro de uma biblioteca e compro muitos livros, mas

a minha realidade é diferente. Eu posso, naturalmente, comprar os livros. Eles não, o contexto deles é... é aquela coisa da rotina. Cresceram dentro de famílias de... a maioria, não tô falando de todos, né?, com conflitos familiares, sem hábitos de é... uma educação, assim, de leitura, de tudo. De que forma você estimula isso? Parece que tá um pouquinho longe, sabe? E colocar isso, trazer isso pra dentro da nossa sociedade, digamos, se tivesse uma biblioteca em cada esquina, como, por exemplo, na Argentina, quem sabe não seria melhor pra... a gente não seria visto de outra forma, a nossa sociedade estaria um pouquinho melhor.

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

São. Estimular o Ser, estimular ele a pensar, a leitura. A partir do momento em que eles começarem a ter o hábito da leitura e ler boas coisas, tem o estímulo do autoconhecimento. A leitura, eu acho que é uma das alternativas de reinserção social.

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade. Aquilo que de repente, né?, não falou ou tá lembrando agora depois que começou a discursar essas coisas. Alguma coisa sobre o ambiente no CAPS, sobre leitura, bibliotecas, enfim. Fique à vontade.

Nós temos um espaço ali pequeno. Não sei se você tem conhecimento de co... conhecer aqui a parte de baixo, né? Então, uma coisa assim, então... até... até então, eu sempre quando... na parte de baixo quando tem alguns usuários ali, né?, a gente tá ali conversando, às vezes, eu falo: - Aqui tem um espaço que vocês podem estar usando, né?, pra ler, pra isso, pra fazer alguma atividade aqui, né? Até brinco, uma mini-bibliotecazinha, né? Mas, são poucos, pouquíssimos mesmo. É que preferem ficar em frente à televisão do que pegar uma revista, uma coisa. Já é diferente, né? Mas, assim, é uma coisa nova, sabe? Uma coisa nova pra ver como é que vai ser, né? Tenho curiosidade pra saber.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 2 -** FLORIANÓPOLIS - 18/04/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Uhum. Eu acho que a reinserção social especificamente... hum... é... assim, na verdade, eu... eu penso que o CAPS, ele tem um... é... a gente acredita num conjunto de coisas, né? Assim, a gente entende como o álcool e as drogas têm um problema muito complexo pra achar que ele vai ser é... resolvido não é bem a palavra, ou vai ser como é... vai ter uma qualidade melhor de vida pra essa pessoa por um caminho só. Então, assim, a gente aqui no CAPS a gente faz atendimentos individuais de psicologia, de psiquiatria, e têm as atividades em grupo que aí tem profissional de nível, a maioria, de nível superior que faz formação, a maioria da área da saúde, e têm alguns que são educadores artísticos, outra área e tal. É... eu acredito, que todos nós de alguma maneira, trabalhamos no sentido de tentar desenvolver a autonomia da pessoa, né?, assim, do ponto de vista da reinserção social. É... mas a atividade que eu vejo hoje sendo feita

especificamente como esse foco, [...] [é o projeto x]. É um grupo que é... qual que é a... da onde surgiu a ideia de fazer o grupo? É um grupo que não existia quando eu comecei a trabalhar no CAPS. Eu... eu senti, comecei a sentir que os pacientes, assim, os mais graves que a gente tem, às vezes, eles passavam tanto tempo em uso de... ou seja, o usuário que for, álcool ou qualquer outra droga, que às vezes, até eles achavam que eram as pessoas que se afastavam deles, mas na verdade eram eles que acabavam se afastando do círculo de amizades, das famílias e tal, e acabavam ficando meio isolados no uso, que quando começavam a conseguir controlar um pouco mais esse uso é... começam a se sentir muito sozinhos e não sabem muito bem por onde começar de novo, por onde que eu volto, né? Assim, muitas vezes, assim nem se imagina fazendo parte de um círculo social de novo, de um trabalho de novo e tal, não conseguem se projetar nesse espaço de novo. E aí eu comecei a ver que isso era recorrente nos pacientes que começavam a melhorar, assim, controlar a ânsia, não necessariamente ficar abstinente, mas conseguiam controlar mais o uso, diminuir a frequência, diminuir a quantidade. Eu achava isso... essa questão era muito recorrente e isso começou a me incomodar. E aí eu resolvi fazer um grupo que falasse sobre [temática x]. Então, é um grupo... ele tem seis temas. A gente fala sobre família, profissão, mente-corpo, espiritualidade, relação com a comunidade e finanças. O cronograma é isso. Eu fico três semanas no mesmo tema com eles. Então, a minha intenção é que a gente possa refletir um pouco sobre como, por exemplo, assim, pensar numa família, como foi minha experiência com família até hoje, né?, do passado pro presente, e como eu gostaria que ela fosse pro futuro. Que tipo de meta, que tipo de objetivo eu posso estar criando para que eu chegue a alcançar, assim, como eu gostaria que ela fosse daqui pra frente, né?, minha relação com ela daqui pra frente. Isso pra cada um dos temas. Aí o que eu... o meu combinado com a equipe é que sejam pacientes que frequentem o CAPS a pelo menos seis meses e que já tenham um controle assim sobre o uso, não necessariamente abstinência, mas que teve uma condição de refletir sobre um projeto de vida. Por quê? Porque o que a gente percebe é que quando eles chegam, às vezes, eles estão com o uso tão intenso, tão abusivo, que, às vezes, tu propõe algumas reflexões e eles não conseguem acompanhar, assim, o objetivo que tá sendo proposto. Então eu comecei... eu percebi que seria mais produtivo pro grupo se esse grupo tivesse talvez a indicação dos técnicos, pro... pra eles participarem, né? Porque a maioria dos grupos são eles que pedem pra participar, né? Eles que dizem: - Ah, eu quero participar desse, daquele, daquele outro. Esse grupo em específico funciona um pouquinho diferente. São os técnicos das regionais que indicam pessoas que eles acham que estão em condição de parar pra refletir sobre um projeto de vida. E aí, assim, eu acho que esse grupo tem a ver com... com reinserção social justamente porque ele se propõe a fazer com que as pessoas comecem a se projetar nesse espaço social de novo, né?, com os diferentes espaços sociais da vida, né? Como que seria esse meu retorno? O que que eu posso fazer pra estar me aproximando disso que eu gostaria, né?, de reestruturar ou que eu gostaria de ter que eu nunca tive, enfim. Né? Então, ele se propõe a essa reflexão. Os outros grupos eu não vejo como um foco específico, assim, em reinserção social. Eu acho que o tema acaba aparecendo em algum momento como, por exemplo, o grupo motivacional que fala sobre a motivação pro tratamento e tal. É... mas não é o foco do grupo, da atividade, entende? É, assim pensando na reinserção social, eu acho que é mais esse grupo mesmo que trabalha isso. Eu faço um grupo [...] com os pacientes do norte e em algum momento no grupo acaba aparecendo assim, alguma coisa sobre que falem assim: - Eu sinto falta, por exemplo, de ter uma companheira. Já faz muito tempo que eu não me relaciono com alguém. E aí eu pergunto: - Tá, mas é... né?, o que que tu tem feito assim que pode te auxiliar nesse sentido, né? – Ah, eu não tenho feito nada, eu fico sentado em casa. E, às vezes, eu brinco com eles, né?, então vamos lá, a gente senta no sofá aqui e vamos pensar assim: aparece uma companheira do meu lado (risos). Às vezes eu até brinco com eles, daí eles dão risada assim. Mas eu faço no sentido deles se darem conta que precisa ter um movimento pra que isso aconteça, né? Nem que seja voltar a ir o mercado, voltar a ir à

farmácia, voltar a ir... mas eu preciso circular pra que eu possa conhecer outras pessoas, né?, que acaba que, às vezes, as pessoas que eles se relacionam chega num nível que só quer usa também, né? Então, é... e isso mexe com a reinserção social. Acaba parecendo num grupo que o objetivo não é especificamente falar sobre isso, mas esse tema ele sempre aparece num grupo ou outro como uma demanda deles mesmo, né?, que eles trazem essa questão. Acho que pelo menos isso.

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Que eu considero necessário? Eu acho o trabalho aqui no CAPS muito desafiador sabe? Então, eu acho que toda a fonte é muito necessária. (risos) Me sinto, em muitos momentos, precisando buscar a informação mesmo, assim. É... eu faço curso de pós, pós-graduação-especialização [na área x] que eu acredito que tem me ajudado muito e aí eu costumo fazer bastante leitura voltada à [área x], né? Assim, na minha área de atuação, especificamente, e isso me ajuda bastante. No trabalho com os pacientes eu, por exemplo, assim, eu resolvo... como eu fiz pro trabalho de [projeto x], né? Eu pensei em falar sobre é... relação com corpo e com a mente. É, se eu pegar os meus textos de [área x] ou alguma coisa mais técnica e tentar usar com eles, não dá, porque eles não acompanham. Então, nessas horas eu costumo recorrer especialmente à internet. Aí eu costumo buscar coisas, fazer pesquisas no Google que me tragam textos daquele conteúdo que é o que eu gostaria de trabalhar, assim. Aí, às vezes, eu leio vários, dez, vinte textos, até achar que tem um lá que: - Ah, esse aqui vai na linha do... que aí normalmente eu uso pra comentários e discussão, né? Eu trago textos, trago o tema e a gente começa um debate a partir daquilo. Então, assim, eu costumo usar mais livros e internet. É o que eu mais uso. É. Deixa eu ver se esqueci alguma coisa. A tua pergunta era quais as fontes de informação, né?, que eu considero necessárias. E aí eu gostaria de... que o meu dia tivesse mais horas, mais que 24 horas porque eu gostaria de é... saber mais de livros, não técnicos, assim, livros de literatura, de no... assim, em termos nomes, sabe? É que eu sou ruim pra gravar nomes, até nomes de autor de [área x] eu não gravo. Sei o conteúdo do cara e não consigo gravar o nome, não consigo gravar o nome de rua, isso é pra... isso é uma dificuldade pessoal. É... mas eu gostaria de saber mais autores de... de literatura, de uma maneira geral, pra indicar a leitura pra eles. Assim, no sentido de que eu acho que o livro, ele faz com que a pessoa consiga justamente se imaginar num lugar, né? É... e aí tem tudo a ver com a reinserção social. É, aonde ela se imagina naquilo e como eu imagino a fantasia, muitas vezes, tem um efeito muito grande assim, na realidade, né? Que eu me imagino lá e eu cons... eu começo achar que aquilo é mais possível, de que eu posso me transportar praquele espaço, de que eu posso também estar vivendo aquelas situações, de que aquilo tem a ver com meus desejos, com meus objetivos. Então, eu gostaria de poder saber mais coisas de livros de literatura, de... assim, não... nada de conteúdo técnico assim, sabe?, pra poder indicar isso mais pra eles assim. Isso me faz falta.

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Uhum. É... Teve uma situação recente de um paciente que... que vinha fazendo uso abusivo em grandes quantidades, quase que continuamente de crack, né? É um paciente que eu já acompanho há bastante tempo e eu tentei em vários momentos... trazer reflexões pra ele, ajudar ele de diferentes formas, com diferentes estratégias e eu sentia ele é... bloqueado pra esse grupo, né? Não tava disponível... era essa a sensação que me dava. E aí, agora faz mais

ou menos um mês que essa pessoa, ela conseguiu interromper o uso, do crack especificamente, não das outras coisas. E... me chamou muito a atenção na fala dele que ele diz porque fez ele conseguir é... interromper foi um livro. Então, assim, acho que isso representa bastante a importância do ter acesso. Ele disse... ele me relatou que... que ele começou a ler um livro que tinha na casa dele que o filho dele disse pra ele era muito bom e que ele se percebeu duas, três horas lendo o livro sem parar e... que ele conseguiu nesse momento desligar da vontade que ele tinha de buscar droga, né? E se imaginar naquele outro local, naquela situação do livro, naquela história... era uma história meio medieval e tal. E... Que aquilo tinha feito muito bem pra ele e que aquilo ali é como se tivesse sido o "start" pra ele ver que era possível ficar sem a droga, diminuir a droga, enfim, e voltar a se reestruturar. Então, assim, no início da minha fala eu disse que eu acho que não tem uma coisa específica que seja mais importante ou menos importante ou que resolva a complexidade do uso de álcool e outras drogas. Eu acho que é um conjunto de coisas. E eu sinto realmente falta do... desse material escrito pros nossos pacientes, a gente não tem isso aqui no CAPS, não tem uma biblioteca. Tem alguns livros lá embaixo, mas muito pouca coisa de literatura e... eu acho que isso poderia auxiliar muito eles. Assim, até... os nossos, assim são muito ansiosos, né? Uma característica como um usuário de álcool e outras drogas, a ansiedade. E eu acho que o livro, ele possibilita que a pessoa é... se transporte pra um espaço onde diminua essa ansiedade, onde ela comece a trabalhar mais a paciência, a centrar... a se centrar, se concentrar em algo. Então, no início: - Ah, eu não consigo! Eu leio uma página já fico disperso. – Ah, mas daí, eu comecei a insistir e no segundo e terceiro dia eu fui tentar de novo e fiquei uma hora lendo. Sabe? Então, assim, eu vejo que é uma estratégia até pra eles aprenderem a lidar com isso que eles sentem também, né? Então... Eu acho... Nossa, pra mim tem uma importância enorme! (risos).

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Como eu definiria uma biblioteca? Hum... Pra mim, pessoalmente, a biblioteca é um espaço de ampliação de horizonte, assim, de horizonte de mundo, assim, de universo... tanto de conhecimento... conhecimento, assim, por exemplo, eu costumo ler coisas de psicologia, mas às vezes eu vou numa biblioteca e me chama atenção um livro de física que não tem nada a ver e que começa a falar de um assunto que eu acho interessante, como por exemplo, de... de me permitir viajar pra Londres, Londres é caro, né? Então, assim, às vezes eu chego lá e começo a ler coisas sobre um outro espaço e também me sinto, às vezes, transportada. Pra mim, uma biblioteca o que definiria é um... é um espaço de ampliar um horizonte, assim, de ampliar possibilidades, ampliar pensamento, ampliar conhecimento. Eu acho que ela tem... tem esse poder que outras coisas não têm, outros espaços não têm. Pra mim, a biblioteca representa isso. Eu não vejo a leitura só como: - Parar e ler, assim. Eu vejo... eu acho que ela tem um efeito muito maior do que isso. Tu fez duas perguntas, né?

Entrevistador: Isso. Como que definiria a biblioteca instituição e como você enxerga ela dentro da sociedade?

No atual momento, eu vejo ela num papel muito subjugado, assim, né? Eu acho que é muita tecnologia e pouca biblioteca, assim. Eu... por exemplo, aqui em Floripa, eu sei que tem a [Biblioteca x], eu já fui lá algumas vezes e todas as vezes que eu fui achei muito vazia, né? Eu acho que é um espaço pouco ocupado, assim. E aí, eu... eu não vejo assim, muito estímulo assim da mídia e de outros espaços pra que ela seja ocupada, né?, pelas pessoas, assim. Eu acho que ela tem um papel fundamental, mas eu acho que, no atual momento, não tá

cumprindo com o papel que deveria, sabe? Mas aí, não sei... eu nunca parei pra pensar sobre isso, não sei daí se talvez precisasse pensar em outras estratégias de ela ir mais à comunidade, né?, já que a comunidade não vem até mim, então, vou eu até ela, entendeu? Acho que talvez coisas nesse sentido, assim, porque acaba que, assim, ela ficando lá parada no lugar onde ela tá, ela não cumpre a função, né? É um pouco isso, eu acho.

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Muito importantes! Eu até já havia falado um pouco sobre isso antes, né? É... o único dificultador que eu... que eu vejo, é... os pacientes que vêm no CAPS há mais tempo, que já tem vínculo com os técnicos, que já tão com um controle sobre seu uso, eles têm um respeito por esse espaço muito grande. Então, é difícil que uma dessas pessoas faça algo pra que suma alguma coisa de dentro do CAPS ou aconteça algo nesse sentido. Mas... A gente trabalha com usuário de álcool e outras drogas, né?, que, às vezes, chegam no CAPS numa situação de uso muito abusivo, muitas vezes já venderam tudo que tinha dentro de casa e aí, se chegam num espaço que têm coisas disponíveis pra vender também, é... e não tão conseguindo controlar isso, é... acaba acontecendo, né? A gente já teve situações de sumir várias coisas aqui de dentro e, normalmente, são pacientes que tão chegando, assim, né? Que não tem ainda essa relação tanto com os técnicos ou com o tratamento, do serviço, enfim. É... Eu penso que pra poder viabilizar uma biblioteca no CAPS precisaria ter alguém responsável por ela especificamente um bibliotecário ou alguma coisa assim, porque acho que nós, técnicos não conseguiríamos é... dar conta disso, assim de uma maneira que funcionasse, eu acho... eu acho que teria é.... que teria que pensar em forma... em formas de viabilizar isso, assim, sabe? De talvez, de eles poderem levar livros pra casa, mas e daí se não trouxer o livro de volta em tanto tempo como é que vai ser, vai subst... Então, daí, vai ter que substituir por outro, entende? Assim, não sei... Teria que... que pensar em estratégias pra viabilizar, mas quanto à importância eu não tenho dúvida nenhuma, assim, eu acho que é fundamental, eu acho que poderia auxiliar demais a gente aqui no nosso trabalho. Assim, às vezes, eles trazem dúvidas sobre o tratamento, sobre coisas assim que também poderiam ter conhecimento, mas eu acho que, mais do que isso, é a ideia dos livros de literatura especificamente, assim, livros de romance, livros de história de pessoas, livros de coisas assim, sabe? Porque acaba que aqui no CAPS, quando ele... quando a gente faz grupos, mesmo que a gente faça um grupo que não seja pra falar sobre álcool e drogas como é, por exemplo, o [projeto x], o meu objetivo não é pra tá falando sobre álcool e drogas, né?, eu trago outros temas, mas esse é um tema que perpassa a fala o tempo todo, o tempo inteiro eu acabo voltando nisso, né? Isso é muito forte pra eles. É natural e é também o que une eles aqui, então, é natural que isso volte. E aí, às vezes, eu acho que os grupos se tornam muito reflexivos no sentido de pensar o álcool e drogas, porque eles trazem isso e eu acho que os livros, talvez, possibilitariam eles é... é... dedicar um tempo, um espaço, um pensamento a outras coisas, de desligar um pouco mais desse tema e se visualizar em outros espaços, entende? Então, assim, eu acho que seria muito bom os livros de literatura, especificamente, assim, eu acho que seria muito legal pros nossos pacientes, assim, eu acho que seria muito bom.

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Alguma coisa que ficou pra trás? Fique à vontade.

Mais algum comentário? Queria te parabenizar pela pesquisa (risos), espero que gere bons frutos aí, né? É... Acho que o serviço de ter uma biblioteca no CAPS ou de a gente poder ter um profissional da área aqui com a gente é... nos auxiliaria muito é... é mais uma estratégia de trabalho com... com os nossos pacientes e eu realmente não acredito numa estratégia única. Então, eu acho que poderia vir a complementar muito o trabalho, então, tomara que um dia isso seja viável (risos).

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 3 -** FLORIANÓPOLIS - 24/04/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Então, plano social e cultural. A gente tem algumas atividades que se propõem a isso, né? A gente nunca mediu se isso realmente funciona ou como funciona. A gente tem um grupo específico que chama grupo [projeto x] que trabalha com pessoa... que são encontros com grupos pequenos, né?, que trabalha com a pessoa... vinculação com a família, vinculação com o trabalho e tenta ver como é que a rede dela tá estruturada e como ela poderia ampliar essa rede, retomar contatos, enfim. Também nesse sentido... a gente também tem um grupo que chama "Trajetos culturais" que é... o pessoal, sai um grupo daqui e vai para alguns espaços culturais da cidade. Em geral, são museus, espaços de cultura, exposições, enfim. Com a ideia da pessoa se inserir nessa questão cultural que, muitos deles nem tiveram contato prévio, alguns tiveram, mas talvez ficaram longe por muito tempo, né? E, às vezes, também pra circular em lugares da cidade que, às vezes, muitos são gratuitos até, que a pessoa não... não circula, não acessa, enfim. Mas não tem... até onde eu sei, não são feitas visitas a bibliotecas, por exemplo, agora lembrando do tema da pesquisa, não. Hoje o "Trajetos culturais" não vai às bibliotecas. A gente tem uma pequena biblioteca... enfim. Não sei se valeu, depois tem outra questão.

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Ahm, hoje em dia a gente usa bastante a internet, né?, que é uma fonte, de maneira geral, gratuita e com acesso amplo a bastante informação, né? A gente tem uma pequena biblioteca técnica também, ela tem uns livros básicos que a gente consulta bastante também. Eu tenho livros meus que, volta e meia, eu trago. Mas assim, no dia a dia, é consulta a esses livros físicos e consulta textos na internet, Guideline, enfim. É... agora mesmo eu tava fazendo em sarau com eles, e antes a gente discutiu o capítulo de um livro que eu tenho... eu tenho a edição antiga física, e consegui uma edição online nova digital. E a gente propôs de... pra próxima discussão a gente utilizar um capítulo de um Guideline em inglês que eles pegam na internet, né? Então, esses... ahm... revistas pra prática, é difícil, né? Revista científica não se compra, né? E, em geral, a gente acaba acessando mais as que são gratuitas porque é difícil o acesso a periódicos daqui, né? E tem até um caminho lá, mas eu nunca consegui fazer

funcionar. Então, às vezes, isso faz falta um pouco, às vezes de conseguir ter acesso a periódicos que, às vezes, tem... que é restrito, né? Nunca comprei artigo aqui.

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Ah, é fundamental. Fundamental, porque... a gente chega com uma bagagem prévia, né?, mas eu vejo... eu tô aqui há bastante tempo, mas eu vejo, às vezes, as pessoas que chegam é nova... muitas não têm formação específica pro trabalho que a gente desenvolve aqui, né? Então, essa parte de formação em serviço é fundamental, e a gente recebe muitos estudantes, residentes, enfim. Então, a gente tem que tá discutindo também teoricamente algumas questões. Então, é fundamental a gente ter acesso a... até atualizações, enfim. Até, como eu falei, eu tenho um livro ali que eu acho que é um livro interessante, básico, só que ele é de 76, que a gente conseguiu de uma doação. Então, eu consegui... eu arrumei via digital a última edição. Então, sem isso é complicado. Tu vai fazer um seminário só na prática, não dá, né? Tem que ter um embasamento teórico. Então, é fundamental.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Falar o que eu acho mesmo? (risos)
Entrevistador: Pode ficar à vontade.
É, minha visão de biblioteca talvez seja um pouco totalizada, enfim eu uso a biblioteca virtual em saúde, né? Da BIREME, e tal. Então, é até... o que eu ia dizer, eu não... eu não tava incluindo isso, né? É... mas a minha visão, automático quando fala em biblioteca é aquele lugar cheio de livro, né? Tu vai lá, fica em silêncio e, em geral, se têm livros mais antigos e tal. A minha visão também, agora fazendo uma observação, é de uma biblioteca técnica, né? Acho que poucas vezes na minha vida eu frequentei, então... na minha adolescência eu frequentava uma biblioteca de livros... ahm... sei lá, como romance, enfim, né? Livros não-técnicos. Uma experiência, às vezes, na faculdade, uma biblioteca técnica e depois eu mais comprava livro do que ia à biblioteca, né? E claro, que a gente consulta com frequência são as bibliotecas virtuais, né? Então, pra periódicos, né? Direto. E... internet, né? Então, o papel... eu não sei como é que tá isso organizado, mas eu acho que tem um papel fundamental na parte de ensino, né? A turma não... não tem como... eu fiz [o curso x] e não tem como comprar tudo que é livro, né? É impossível, muito caro, né? Tem que ter muito dinheiro pra isso. Então, é fundamental a parte de leitura, em geral, né?, eu acaba... também tinha uma biblioteca grande na minha casa, meus pais tinha muitos livros, enfim. Então, eu lia muito dali também. E depois eu comprei livros também, né? Mas também passo por isso de tu investir... talvez não teria investido, se tem ou não tem na biblioteca, em vez de juntar um monte de livro em casa, né? Esses tempos eu até doei grande parte. Eu morava numa casa e fui pra um apartamento e não cabia. (risos) Doei vários, até mesmo pra uma biblioteca.
Então, eu acho que tem esse papel de... de acesso à cultura também, né?, mais facilitado, porque tu não precisa comprar o livro, tu pode pegar emprestado. Mas eu vejo poucas pessoas frequentando isso, né? Talvez seja uma ideia até pra propor pro "Trajetos culturais" o pessoal ir e propor do pessoal pegar livros, né? Tem uma biblioteca aqui perto da Hercílio, tem outra acho que... tem o NDE que poderia ser usado também, né?

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Então, a gente tem duas pequenas bibliotecas, né? Não tem uma organização muito significativa. Então, livro técnico a gente tem. A gente recebeu alguns por doação. Eu, às vezes, comprei a edição mais nova e doei a mais antiga, enfim. Mas eles ficam socados em um armário. Não tenho ido muito ali, por indução, às vezes é difícil de achar também. E, às vezes, eu preciso do livro, vou lá e cadê a porcaria do livro, né? Sumiu, e eu não sei quem foi que levou, enfim. Isso é... complica, né? Então, acho que a gente tem de certa forma uma biblioteca, talvez uma organização e uma sistematização melhor seria interessante, né? A gente tem uma biblioteca pros usuários também. Muito é de doação. Alguns desses que eu tinha lá, eu doei pra cá também. Mas a gente já tentou alguns formatos também... tinham as prateleiras, deixava ali, pessoal pegava e lia, e devolvia. Só que a gente percebeu... a gente atende muito... usuários aqui dentro, só usuários de droga e muitos em situação de rua, enfim, a gente percebeu que alguns estavam levando livros pra vender no sebo também. Então, a gente restringiu, "cadeou" os armários. A gente fez um livro pra retirada, enfim. Mas, tem baixíssima procura por parte deles. A gente também não tem nenhum espaço que a gente fomenta isso. Então, acho que seria interessante, mas não só a biblioteca em si, mas alguma forma de organização do mesmo, e um espaço pra fomentar o uso, né? Porque, os usuários, se tu for perguntar pra maioria deles, eles nem sabem que têm livro ali pra emprestar, então... de repente até passam e veem, e acham que é pra decoração os livros na prateleira ali. Mas... Então, acho que esses caminhos seriam interessantes assim de sistematização, de armazenamento, de uso, né? E algum espaço pra fomento do... da utilização. Eu não sei que livros têm lá na nossa técnica... tem um monte de coisa lá que provavelmente eu nem sei que tão lá. E quanto mais os usuários, né?, que chegam meio atrapalhados aqui nem vão saber da biblioteca.

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

É, acho que... interessante porque faz a gente pensar, assim numa coisa que, volta e meia, a gente de certa forma tem... mas não pensa muito a respeito, né? Como eu falei antes, talvez, poderia ser uma coisa a ser incluída nos "Trajetos culturais" porque é um espaço... e a gente fala muito pros usuários da importância deles criarem redes e terem outros pontos de apoio e de... até lazer, enfim, né? E tem a [biblioteca x], tem uma na Hercílio, tem no Centro, então eles teriam possibilidades pra ir, pelo menos, talvez, uma ida guiada, né? Porque em... aqui quem idealizou e montou é mais o pessoal das artes, né? Artes plásticas e tal. Então, eles focaram bastante num mundo que tá mais próximos deles... de museus, exposições, enfim. Mas acho que é uma ideia interessante. Acho que é bom porque sempre que a gente... né?, com um assunto que a gente não tá habituado, areja... refresca a cabeça.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 4 -** FLORIANÓPOLIS - 24/04/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Bom, acho que as atividades... têm algumas atividades específicas que são alguns grupos, mas acredito que... assim, o nosso CAPS AD, mais específico pra álcool e drogas, o objetivo principal no tratamento das pessoas que estão aqui, na verdade, no acompanhamento, é a reinserção social. Então, dependendo de qual etapa do tratamento a pessoa se encontra, ela vai ser direcionada para as atividades de reinserção social, que aqui no CAPS são grupos de reinserção social. São... atividades culturais, são... tem o grupo "Trajetos culturais" que é sempre quinta-feira à tarde. Sim, mais específico é isso. Mas acho que em todos os atendimentos e grupos a gente tenta conversar sobre essa questão de autonomia, de reinserção social, que é o principal objetivo das pessoas que vem até aqui no CAPS.

Entrevistador: E esses "Trajetos Culturais", você poderia relatar mais um pouco?

Bom, o "Trajetos culturais" é um grupo que foi criado pra que as pessoas que participam aqui se apropriem dos espaços culturais da cidade. Então, são visitados alguns espaços em que eles já... museus, é... galerias de arte e espaços culturais onde tá se conversando sobre cultura, lazer. E o objetivo é levá-los até lá pra que as pessoas conheçam, saibam como... como ir, se apropriarem pra ter uma outra perspectiva com relação ao... né?, ao uso de álcool e drogas. Então, tentar fazer uma troca, uma escolha mais saudável. Ele sempre acontece quinta às tardes. Já até fui em alguns grupos. Então, eles ficam responsáveis... têm parcerias nos locais, principalmente na Fundação Cultural Badesc, que tá lá no Centro de Florianópolis. Então, toda quinta-feira à tarde eles visitam algum espaço que tenha... que fale sobre cultura e lazer. E também tem o grupo [projeto x], que eu tinha esquecido. Ele... no momento, ele não tá acontecendo aqui no CAPS porque a demanda tá um pouco baixa de usuários. Mas é um grupo em que os técnicos buscam atividades na... no município de entrada gratuita, né?, e conversa com eles pra que também se apropriem desses espaços. O objetivo de escola eu acho que é isso. Nesses grupos, mas nas outras atividades também sempre é conversado sobre isso. Porque eles têm uma dificuldade, eles têm pressa... as pessoas que vêm aqui, geralmente, vêm com muita... vêm depois que se dão conta que se tiveram muito prejuízo e muitas perdas com o uso de álcool e drogas. Então, eles vêm aqui com uma sensação muito de imediatismo, de recuperar muito rapidamente e a gente que trabalha com isso sabe que não funciona assim, que cada coisa tem seu tempo. Que é um processo de recuperação mesmo porque as pessoas que estão aqui, elas dão... porque a dependência ela nunca é só física, ela é psicossocial, né? Então, por isso que é um centro de assistência psicossocial. Não... ela se dá com a substância mais... onde a pessoa usa, os locais, a relação que tem com a família. Então, tudo isso influencia. Não sei se eu te respondi?

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Principalmente a internet. Principalmente a internet, mas revistas... só que tudo hoje em dia tá no ambiente virtual, né?, por mais que tenha impresso. Mas a gente... eu uso mais internet aqui. Sem dúvida. E livros, né?, mas mais a internet.

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações que você citou?

Ah, eu percebo no dia a dia porque... sempre têm novas tecnologias. Então, a gente tem que tá se aprimorando, se capacitando. É assim que eu percebo.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Tá, eu defino como biblioteca, um espaço com material didático, livros, acesso à internet... um espaço de conhecimento, de... de geração de conhecimento. E dentro da sociedade, eu vejo que não é muito valorizada, elas são mais fortes nos ambientes acadêmicos, porque as bibliotecas que eu conheço, é... fora a da [instituição x], são a biblioteca do Centro e aqui do Estreito, Capoeiras na verdade, aqui perto do [colégio x]. E todas as vezes que eu visitei essas bibliotecas, estavam bem vazias. Eu vejo que a sociedade não valoriza muito, até mesmo pelo fato de ter tudo na internet hoje em dia. Eu tinha biblioteca na escola. Eu lembro que era um espaço aonde a gente ia pra fazer trabalhos, assim. Nunca foi falado muito sobre isso, sabe? Eu vejo como um espaço de criação de conhecimento, né? Não que todo mundo consiga se apropriar disso, na sociedade de uma forma geral. Eu acho que devem existir pessoas que nunca entraram numa biblioteca. Não duvido. Eu vejo de uma forma muito desvalorizada hoje. Ou até mesmo que poderia se criar outras atividades, né? Na [instituição x] tem bastante, né? Vídeo, tem debate de vídeo, sempre vejo nas mensagens do Facebook. Mas podia ser um espaço melhor aproveitado, as bibliotecas comunitárias, eu acho. Agora, de que forma eu também... eu acho que com atividades de acesso à cultura e lazer. Não só conhecimentos de livros, assim, uma coisa mais do acesso. Que deveria envolver mais pessoas, na verdade. Mas aí já é o que eu tô imaginando, né?, não como eu vejo. Como eu vejo, é como eu já falei. Eu acho.

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Eu acho que é muito importante. Nós temos um arquivo aqui de livros feito pra... assim que eu entrei pra trabalhar aqui no CAPS, é... uma das metas de planejamento era aperfeiçoar nosso acervo de livros. A gente fez até pedidos de... fizemos um levantamento com todos os profissionais, fizemos o pedido, mas não houve retorno. Mas eu acho importante porque... a gente tem que tá sempre se atualizando, como eu já falei. Então, a biblioteca é uma forma de intercâmbio de conhecimento até tu conseguir... entre os quatro CAPS, seria mais interessante ainda porque haveria uma troca maior. Eu acho que seria nem interessante.

Questão 6: Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Só que saúde mental... os CAPS são serviços novos. Então, ainda tá escrevendo e... é... pesquisando e fazendo novos estudos com relação ao serviço, porque é um serviço novo da década de 90, né? É. O primeiro CAPS foi em 96, se não me engano. Esse aqui abriu em 2006. Então, por isso mesmo que teria esse... mais incentivo ainda pra produção de conhecimento desse serviço porque se não... ou até mesmo pra fazer um estudo que... ah... sobre o impacto na vida dos usuários, né? Se realmente o modelo comunitário que é... foi... é que teve a reforma psiquiátrica na década de 70, 80, então... quanto a reforma, os serviços vieram pra comunidade, então tu quer fazer um... seria interessante pra fazer estudo com relação à eficiência dos CAPS, eu acho que... Eu acho que por isso seria mais importante ainda ter as bibliotecas, né? Não seria pras... equipes mesmo. Acho que é isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 5 -** FLORIANÓPOLIS - 24/04/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Tá. São duas em uma, né?, quais são e como elas são importantes? É... A gente tem aqui no CAPS... tem um grupo de reinserção social que é eu mesma que conduzo, aqui no CAPS, semanalmente. Então, é trabalhado algumas questões de educação, trabalho, reinserção no local de trabalho, de educação, familiar também, a gente monta um projeto de vida com alguns planos de intervenção a curto, médio e longo prazo, pra eles conseguirem estabelecer algumas pequenas e outras grandes metas, pra eles conseguirem se organizar. A gente também trabalha com economia doméstica, porque a gente percebe que eles têm bastante dificuldade de lidar com... com dinheiro. Então, a gente pensa junto em estratégias a ajudar eles nesse sentido, né? Ahm... Temos... eu acredito que o grupo também "Trajetos culturais", que é um grupo também semanal onde eles fazem saídas pra visitar espaços culturais do município de Florianópolis. Então, eles vão a eventos, exposições, conhecem alguns locais. Então, acho que isso também seria esse movimento de reinserção, de espaço cultural, e... acredito que esses, seriam esses assim, mais focado pra questão de cultura e... também os grupos... o [projeto x] também, que acontece aqui no serviço três dias por semana, com a nossa artista plástica, educadora artística, a XXX, acredito que também é um espaço importante bem cultural que eles se apropriam. Na minha visão, é extremamente importante nesse sentido de que eles são... ahm... eles têm muitas representações sociais, né?, sobre a questão da dependência química, sobre o dependente, sobre o louco, né?, acho que a gente ainda tá avançando, a passos talvez curtos, nesse processo de reinseri-los na sociedade, que essa é a função do... do CAPS, né? Que é voltado, de ser uma base... em base territorial, próximo ao usuário, de ele não... perca o convívio com a família, com a sociedade, onde ele consiga ser tratado, mas onde ele consiga circular por todos os espaços, e de fato ser reinserido, né? Acho que contra essa lógica de internação, né?, como era esse modelo da área antigo. Acho que a reforma psiquiátrica veio pra isso. Acredito que a importância da reinserção e da apropriação dos espaços culturais, acredito que vem nesse sentido, a favor da... da reforma psiquiátrica, e onde eles tenham um novo cuidado, um novo processo de vida. Acho que é isso.
É, assim... é... o grupo... ah, os "Trajetos culturais" quem faz é [profissional x]. Então, acontece uma vez por semana. Então, o pessoal que faz esse projeto, a gente pensa numa dem... num público que já tá um pouco melhor, já tá estabilizado do seu quadro, e já conseguem... é... sair, né?, porque eles vão de ônibus. Então, é... de fato, é um trajeto mesmo, onde os técnicos acompanhas os pacientes. Então, se encontram com um outro CAPS, que acontece no mesmo dia [...] com técnicos de lá, com pacientes de lá. Então, se juntam e vão visitar um espaço. Então, essa questão de agenda eles planejam no início do ano e fica mais a encargo dos educadores artísticos, assim. Então, fazem um planejamento, eles não conhecem o Museu do Lixo, ou às vezes tem alguma exposição, aí entram em contato com a organização pra ver se conseguem... também não esbarrar nessa questão financeira. Então... porque, né?, os pacientes não têm condições de arcar, então a gente sempre tenta a questão de gratuidade. A gente, em geral, sempre consegue. O pessoal da rede cultural daqui de Florianópolis é bem parceiro dos CAPS. Então, acho que funciona mais ou menos assim, né?, que eu sei porque hoje eu não tô muito ativa. O grupo [projeto x] que também é semanal, daí quem faz sou eu e a [profissional x]. Então, é toda a semana com o grupo a gente também procura ahm... a gente tá com um grupo mais fechado, porque são seis encontros, então, a gente sempre também pega pacientes que estejam mais estáveis. Porque que... aqueles que estão chegando, tão em situação de crise, tão desorganizados, não faz senti... não faz sentido a gente estabelecer...

retornar ao trabalho, entende? Então, a gente procura tá sempre também com esse perfil mais estável que já tão saindo de uma perícia ou já tiveram uma perícia negada. Então, cada semana a gente trabalha uma temática diferente, por exemplo, a... já é todo estruturado, então, a gente trabalha a temática família. Então, a gente fala sobre a família, faz um mapa de rede deles, conversa um pouco sobre. Aí, outra sobre trabalho, onde eu trago as áreas de trabalho disponíveis pra eles, a gente ajuda a montar currículo, tudo isso assim com eles, né? Em pensar novas metas de trabalho, talvez mudanças de... de local de trabalho, porque naqueles trabalhos que a gente sabe que tem o maior risco, na questão tri... como que a gente é... tem essas peculiaridades da dependência química, então, talvez trabalhos que tragam menos riscos, que ajudem mais eles se organizar, é... economia doméstica como eu havia comentado, que eles têm muita dificuldade em lidar com dinheiro. Dinheiro pra eles seria um problema, então, a gente pensa... fala sobre estratégias domésticas de como lidar com o dinheiro, de como planejar o seu dinheiro, de como fazer um orçamento, uma planilha financeira. Então, nós... eu tento que eles se apropriem um pouco mais disso e pensar estratégias que eles consigam lidar com a cura relacionada ao dinheiro. Ahm.. Pra educação também, então, eu sempre trago vagas disponíveis de... cursos profissionalizantes ou de retorno ao ensino fundamental, ensino médio, né?, o que seja. E o EJA, vagas em aberto, horários de... horários de aula, onde cada um pode estudar ou que pode... tem a meta de voltar a estudar... aos que pensam um pouco nisso, de cursos que tem IFSC, UFSC, UDESC. Então, tudo que tem disponível na rede eu trago pra eles também. Ahm... Primeiramente, daí também a gente trabalha a questão do projeto de vida com eles, então, cada um monta o seu projeto de vida, monta suas metas, daí depois vai se desenrolando essas outras temáticas que acredito que são temáticas mais amplas, mas que conseguem abranger ahm... necessidades maiores no momento deles, pra eles conseguem ahm... não ficarem tão encapsulados, né? (risos) Eles conseguirem tocar a vida deles, né?

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Óh, acredito que... muitos são os livros, que a gente utiliza, a gente até tem a nossa biblioteca particular aqui, traz bastante temática de dependência química, entrevista motivacional, histórico da reforma psiquiátrica. Acho que os artigos também são importantes, os que saem mais recentes, com mais estudos, mais dados pra gente conseguir talvez dar um norte, assim, pro nosso trabalho, de modificar algumas coisas... Na internet, a gente sempre gosta de ficar é... atento, assim, né?, no que tá acontecendo, novas drogas que estão surgindo, na questão do suicídio, que a gente também trabalha bastante aqui. Então, a gente sempre tenta se atualizar um pouco nesse sentido, assim, na internet. Acho que seria isso.

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Olha, eu percebo que... pra gente não ficar estagnado no nosso processo de trabalho, é de fundamental importância que a gente tenha as informações sempre atualizadas, né? Tanto... cada um, claro, que... são diversas profissões, né? Então, a gente tem a questão geral, que são... que é a questão de dependência química, saúde mental e também as particularidades e especificidades de cada profissão, né? Então, logicamente, que eu vou trab... ater mais às questões relacionadas a trabalho, a volta de trabalho, a questão de educação... Eu tenho sempre que tá me atualizando na questão de... benefício, o que que tá mudando na previdência, o que que não tá. Então, é... quem tem direito a o que. Então, eu... isso eu tenho

que tá sempre me atualizando, porque sempre muda. Ora, a pessoa tem direito, daqui a pouco ela já não tem mais. Então, eu ten... Isso que é mais particular da minha profissão, né? O médico vai procurar, talvez a medicação um pouco mais avançada padronizada no SUS, né? E daí, isso já não compete tanto a mim. Isso aí já é... Minha parte já é outra. Então, eu tenho que tá sempre me atualizando assim, porque os pacientes perguntam, eles têm dúvidas, eu preciso orientar é a minha função. Então, pra poder orientar, eu preciso de informações atualizadas, né?

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Uma biblioteca? Nossa! Olha, quando eu era... eu lembro que quando eu era criança ou adolescente, eu gostava muito de ir na biblioteca, né? A gente tinha aquelas marcações atrás do livro, quem pegou, o dia que pegou, o dia que vai devolver, né? Eu nem sei mais se hoje em dia funciona dessa forma ou se já acabou. Se não existe, já tá ultrapassado. Quando a gente... quando eu era criança, eu lembro que a gente ia sim, então... por exemplo, eu sempre ia. Uma vez por semana, eu lembro... com uma colega minha, porque a gente sempre gostou muito de ler. Então, toda... sempre uma vez por semana, a gente ia e pegava um livro pra ler e fazia essa troca, assim. Eu achava extremamente importante, né? Eu conseguia... às vezes, os professores de Português me emprestavam livros, que eu levava pra casa, assim. Às vezes, livros de pessoas que liam quando mais adultas e eu já lia... e devorava muito rápido, né? Tinha bastante tempo... Eu sempre gostei muito de ler. Acredito que essa facilidade que eu tenho de... de ler rápido, de compreender rápido, de conseguir estudar sozinha, eu acho que foi muito dessa minha... ahm... de me regrar desde sempre, assim. Eu não sei muito como tá hoje em dia, eu acho que as pessoas procuram muito no Google, né? Na época quando a gente era criança, pra fazer trabalho escolar, de faculdade, não tinha isso. Tinha que ir nos livros, tinha que acessar a biblioteca. Eu acredito que, talvez, isso tá modificado um pouco. Até mesmo pra gente, né?, às vezes: - Ah, quer saber de alguma coisa, quer ler... Tem livro em PDF, então, tu lê em PDF, tu lê online, tu lê no tablet. Talvez, a biblioteca tenha ficado um pouco... quanto... tanto esquecida, né? Não sei como tá funcionando, assim.

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Sim! Acredito que sim! Que seria um espaço também de promover cultura, né?, pro... pros usuários, assim, de reapropriação. Tem alguns que, às vezes, pedem pra gente... tá precisando de algum livro que eles olham ali. Não é algo que eu acredite que a gente estimule. Acho que talvez a gente poderia estimular mais, como técnico, a leitura, né? Apesar de que, a nossa população, grande parte... eu não vou saber te dizer quanto... quanto eles estudam, mas eles... são analfabetos, né? Então, eu também tenho sempre esse cuidado quando eu faço os grupos que são mais escritos, mais manuais, de escrever, de desenhar, eu sempre tenho... tenho que perguntar... as orientações que eu anoto no papel. Pra eles eu sempre pergunto: - Sabe ler? Sabe escrever? Porque eu sei que é uma dificuldade e, às vezes, eles têm vergonha e não falam. Então, também tem um pouco, eu acho, que desse entrave, assim, mais... mais os que sabem, né? Claro, que obviamente, que não com todos... acho que a gente poderia estimular mais... a questão da leitura ou até mesmo... eu já pensei, algumas vezes, num grupo de contação de histórias com eles... ahm... se apropriar talvez desse... dessa literatura brasileira.

Acho que, talvez, seria bem legal, mas acho que a gente, de fato, não... não tem estimulado isso com os... com os nossos pacientes, não!

Questão 6: Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Não! Eu acredito que foi bem interessante, assim, a gente tem coisas, às vezes, que a gente não pensa. A gente tem a biblioteca, mas ela também tá esquecidinha, né? A gente não olha muito, às vezes, ninguém sabe o que tem ali. Os pacientes, às vezes, pedem livro, alguma coisa assim pra ler, assim, né?, têm uns que gostam bastante de ler. Acho que, talvez, é algo que... que ficou, que a gente poderia estimulá-los mais nessa questão de... da literatura, né?, da leitura, do... do espaço que a gente que poderia ser utilizado... ahm... da melhor forma, de outra forma, que não seja tão esquecida. Acho que é isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 6 -** FLORIANÓPOLIS - 24/04/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Promove a reinserção?! Ahm... eu me sinto mal porque tinha um grupo que eu fazia que era muito, ahm... interessante pra isso. Só que com o tempo e a falta de apoio da equipe, eu tive que parar de fazer. Chamava [projeto x] e era especialmente pra falar sobre isso, né?, sobre a falta de cidadania que a maioria dos usuários deste CAPS têm, e a falta de conhecimento sobre os direitos deles. Então, agora pensar o... assim, o que promova? Acho que as equipes de referência, no sentido de eles poderem executar consulta, a gente poder esclarecer sobre alguns direitos, sobre o que que tem na cidade que eles possam acessar. [...] tu tá falando de grupos, né? De atividades... por exemplo, no atendimento individual eu tento fazer isso. Eu tenho uma paciente que ela te diz que uns dos aspectos que te levam a usar álcool e cocaína é o... com o relacionamento com a mãe, uma família muito desestruturada, muito agressiva. Agora, por exemplo, elas tão morando na mesma casa, uma casa pequena e ela gosta muito de ler. Então, eu incentivo ela bastante a... e é professora de uma biblioteca que tem aqui perto, na rede pública, né?, aqui. Aí ela procura esse local pra não precisar ficar tão incomodada com a casa, porque ela mora no Monte Cristo, não sei se têm outros projetos culturais lá. Ou pelo menos se têm, eu desconheço. Então é mais no atendimento individual. Não consigo pensar uma atividade... A gente tinha [projeto x] sobre sentimentos que também acontecia às sextas-feiras, e que era mais de aspectos psicológicos e que acabava a gente trazendo esse debate, incentivando outras pessoas... mas é outro grupo que também não acontece mais. Então, é...

Entrevistador: E como era o grupo que você relatou?

A gente falava sobre os direitos deles, a gente trazia propostas, fazia eu e [profissional x] na época. [...] E aí como ela era [profissional da área x] e tinha formação em [área y], aí ela fazia tudo como umas aulas assim, né?, e aí eu ajudava ela mais na parte de fora que era... o que a Câmara Municipal faz? O que que a Assembleia Legislativa faz? Aí a gente teve as visitas guiadas, da Câmara à Assembleia. O que que o Congresso fazia? Né? Como é que era o sistema político brasileiro? Questão do voto. Como é que se escolhia um bom candidato. Era muito interessante o grupo. Era muito... eu diria até mais pra nós como profissionais do que pra

eles. Mas aí devido à falta de apoio da equipe, acabou eu tendo que fazer sozinha e aí ficou aquela coisa que tu acaba te perdendo na demanda do CAPS, e aí tu tem que fazer acolhimento, e aí tu tem que fazer atendimento individual, e aí tu tem que fazer a equipe de referência. E eu acabei deixando de fazer, mas é um grupo que sinto muita falta de fazer. Porque era isso, se era interessante pra eles, era muito mais pra nós. E eu acho que antes de tudo, eles... falta muita cidadania pra eles, né? Normalmente, eles já vêm com escolaridade bastante baixa, ficar no mesmo meio de um torturado. Que a questão da dependência química, muitas vezes, é... direcional, né? O pai que vive na dependência química, ou a mãe. Então, não tem um ambiente acolhedor que tu possa estimular uma leitura de um bom livro, que notadamente, muitas vezes, não tem condições de comprar. A gente sabe como é que tá a questão das bibliotecas, às vezes, no ensino municipal e estadual, então... eles normalmente já tiveram que sair da escola muito cedo pra poder trabalhar. Esse é o que a gente mais vê aqui. Então, é tudo muito novo pra eles, né? Tu poder, além de ouvi-los, num grupo tu poder dizer pra eles: - Olha só, ele tem... ele tinha uma fantasia de que ele, tipo assim, votar e o candidato deu alguma coisa durante a campanha, gasolina, concreto, algum cimento e tal, eles imaginavam que o candidato ia saber em quem eles tavam votando. Sabe? É uma coisa muito... e... isso outros mil. Sabe? De... de quanto que eles são... ahm... não tem cidadania mesmo, assim, né? Não tem conhecimento dos direitos, não tem conhecimento dos deveres. Então, é isso.

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Ah... de informação... é mais dentro da [área x] que eu to atuando, e como eu gosto bastante da [disciplina y], é os da [disciplina y], né? Mas... e como eu supervisiono os estagiários... até daqui a pouco eu tenho que ir lá... é... tem bastante coisa que eu... que a professora da [instituição x] me encaminha textos que ela tá discutindo com eles, pra gente poder ler e poder discutir. Mas tem o Scielo, têm vários assim, não me vem na cabeça agora... algum, assim... específico.

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Eu gostaria de ter mais, né? Inclusive, de ter mais tempo pra gente poder dar ênfase... porque, como eu sou [x horas], ahm... acabo que eu não tenho muito tempo e aí, em casa, a gente acaba fazendo outras coisas. Daí tem [outras tarefas], então, tu acaba não tendo muito tempo pra isso. Acho que... mas também acho que é algo meu. Eu que deveria procurar mais. Eu confesso que com o tempo, eu me acomodei. E aí vem o lado de ter os estagiários que daí te obriga a sair dessa posição, né? Mas... gostaria de ter mais acesso. A gente tem aqui pela Prefeitura, mas o problema é tempo pra ti poder ler, né? Ahm... então, eu sinto falta. Eu fiz residência em [área x] num... no hospital de pronto-socorro [na cidade x]. Claro, que a residência é totalmente diferente. São 10 horas dentro do hospital. Então, tu acaba tendo... lendo muito mais, estudando muito mais. Mas eu sinto falta de um pouco daquilo, né? De ter um tempo pra poder ler.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Fundamental. Eu gostei muito de passar a minha adolescência lendo. Só que eu estudava em uma escola particular... não é preconceito, eu acho que na minha época as escolas estaduais

tinham, estimulavam muito. Eu fiz estágio numa escola municipal no [Estado x], em que tinha bastante estímulo, né? Então, eu acho fundamental. Como eu te disse, por exemplo, tanto pra estimular quanto pra ti poder viver uma outra realidade que não seja usando nenhum tipo de substância, mas através de uma leitura, né? E eu acabo sempre encaminhando pra essa biblioteca aqui que a gente tem, ou pode ser próxima, mas... né? Aqui a gente não tem. Então, a maioria... a maioria dos livros é doação nossa. Só que aí implica nisso, de a maioria dos nossos pacientes tem uma escolaridade muito baixa. Eu já até pensei em convidar, mas eu não... mas, acabou que não foi adiante... de convidar... agora durante a greve, eu descobri que várias pedagogas que estão na biblioteca... não sei se tem a ver com isso?

Entrevistador: Pode falar.

... tão em desvio de função ou reabilitação ali. E... porque não conseguem mais estar numa sala de aula. E aí eu cheguei até a falar com umas pra gente fazer um projeto em conjunto, porque ao contrário... então, o que acontece aqui, a maioria deles já não consegue mais estar estudando. E precisaria de uma atenção toda especial pra poder voltar a estudar, né? Então... Eu vejo junto, eu não vejo separado educação e saúde, eu vejo junto. A gente sempre incentiva aqui pra que voltem a estudar, pode ser pelo EJA e tal. Só que têm as outras questões que no nível federal diminuiu muito, né?, no início, há um tempo atrás quando a gente incentivava e eles ganhavam vale... a... um lanche, eles ganhavam vale-transporte. Não sei como é que tá isso agora. Mas, não foi mais... ahm... divulgado muita coisa pra nós. E, principalmente, porque também devido ao problema dos nossos pacientes, a maioria deles tem problemas psicológicos graves, né?, tem um sofrimento psíquico grave. Então, pra eles é muito difícil voltar a estudar numa turma grande, mesmo que seja de adultos. Eu tinha uma paciente que eu atendia individual, que ela estudava de noite lá no Instituto. Ela sofria muito, né? Porque daí estudava com adolescentes que daí, de repente, não... porque tavam lá por uma medida judicial, não tavam porque de fato queriam. E aí eles tinham uma grande dificuldade de tolerar as diferenças, de ter paciência, de... de se cobrarem muito na questão de resultado. Então, nesse ponto eu penso que se tivesse alguém mais próximo da educação aqui dentro, a gente poderia avançar. Porque não é que eles não queiram, eles querem e querem muito. O que eu acho é que, assim... a educação, assim como a saúde, tem muito a crescer nesse ponto, né? Da singularidade, de olhar o sujeito como ele... o que que ele precisa, o que que ele quer voltando a estudar, quais as... quais as dificuldades que ele tem que... que fazem com que ele não consiga aprender determinado conteúdo.

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Nossa, muito! Foi tudo que eu te falei. , né? Seria tu poder ter o prazer de... como eu tive, de ler uma... uma história, de entrar nela sem precisar usar uma substância que ao longo do tempo possa te fazer mal. E também, nesse sentido, como aquela moça que te falei... de ter uma realidade muito sofrida e de tu poder sair daquela realidade de algum... alguns momentos, através de uma leitura. Só que, com a questão do corte do vale-transporte agora, talvez ela não tenha mais vale-transporte... então como é que tu vai dizer pra ela ir numa biblioteca pra pegar um livro. Ela tem acesso à internet, mas aquela internet, mais... ahm... precária, né? Nossa, isso seria muito interessante mesmo. E muito... retomaria aquilo que eu te falei que eu tive nesse grupo, né?, um... um prazer de dar um pouco de cidadania pra eles. Que... eu, assim, a minha opinião é que eles não tem. Ou se tem, tem muito pouco. Sabe? Tem muito pouco acesso à informação, acesso ao lazer, né?, ou... que é aquele lazer de massa, né?, acesso a

tudo isso. Eu acho que seria... muito interessante e muito enriquecedor, tanto pra nós como pra eles.

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Não, que eu acho que é isso, que a gente tem que caminhar cada vez mais com a... eu falo educação por desconhecimento... porque tu é da Biblioteconomia, talvez... né? Que é isso assim, não ficar... não, não dá mais pra ver o sujeito como a... só com a saúde. Agora... agora tu vai lá, e vai estudar lá, e lá é só educação. Vou te falar uma outra questão que não é... não tem a ver muito com a gente, mas quando eu trabalhei no CAPS Infantil, o problema que a gente tinha por não ter uma Psicopedagoga na saúde. Aí a gente tinha que encaminhar pra educação. Mas o problema que é pra algumas crianças ou pra algumas famílias, vocês fazem isso, né? Então, acho que já passou do tempo das coisas serem tão separadas da saúde aqui, CAPS é saúde aqui, educação é lá na biblioteca. Sabe? Ou isso que eu tô te falando: - Ah, tu tem que voltar a estudar, que tu tá com uma turma com não sei quantos alunos, e cada um com a sua peculiaridade. Mas daí tu tem que atingir tais e tais... ahm... conteúdos. E eu acho isso muito complicado. Né? Muito mais... acho eu que de eles se estressarem e de não dar certo é muito maior do que a chance de encontrar um professor mais paciente, que tem uma... um trabalho valorizado, que a gente sabe que nesse país a educação não é. Então, que não tenha trabalhado lá não sei quantas horas por dia e que possa vir à escola, mesmo com todas essas dificuldades, essa pessoa ela tá aqui, ela quer aprender. Acho bem difícil. Mas eu acho muito interessante. Admiro muito, né?, quem trabalha com isso. Acho que se tiver mesmo, uma... uma rede de bibliotecas no CAPS, eu acho que enriqueceria muito, tanto a nós quanto a eles. E a gente precisa.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 7 -** FLORIANÓPOLIS - 25/04/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Eu penso que desde o acolhimento, quando a gente recebe a pessoa, nós já pensamos em reinserção social. Quando a gente questiona a pessoa o que que ela tá fazendo lá fora na sociedade, na família, na comunidade... uma pra entender o prejuízo que ela tá sofrendo, e outra pra entender qual é o sofrimento que isso tá causando nela. Então, acho que desde o acolhimento. Depois quando faz o projeto terapêutico singular, que é algo em conjunto com o paciente que ele vai dizer: - Eu gosto dessas atividades, eu posso essas, eu quero essas... em conjunto. Então, não é algo que eu vou dizer o que que ele vai fazer, ele vai ter que me dizer. E isso já é proporcionar reinserção pra ele. Primeiro pra dentro. Depois com as atividades que a gente tem alguns grupos, pra fora. Ano passado nós tínhamos atividades no Arco-Íris, no Instituto Arco-Íris, esse ano ainda não começou, porque não foi refeito o convênio. A gente tem o próprio grupo "Trajeto Cultural", que a gente sai às quintas-feiras, que é um grupo com pessoas que já estão há mais tempo no CAPS, que é conhecer museus, pontos históricos, os fortes de Santa Catarina. É... entender e compreender a cidade de outra forma, né? Não como um usuário de drogas, mas sim como um usuário da sociedade em si. Isso é muito interessante. Esse projeto eu faço já uns dois anos e poucos, desde que [profissional x], é... a artista veio pra

cá, ela é terapeuta. Ela não é terapeuta ocupacional, ela é educadora artística. Então, ela abre um pouco os horizontes no CAPS, aqui pro multiprofissional que temos, né? E isso foi muito bom porque a gente começou a fazer o "Trajeto Cultural". Eu penso que hoje os ateliês de artes que têm aqui, principalmente os de segunda-feira, que é voltado bastante pra reinserção financeira da pessoa, porque que se de alguma forma a pessoa vai produzir uma peça artesanal de argila, vai providenciar a venda disso, vai poder, desse pequeno retorno, começar algo de reinserção social. Tem que ter outra forma, acho que o Trajeto faz isso, os ateliês com os grupos fazem isso, o [projeto x] prepara a pessoa – que é um outro grupo que outra profissional faz aqui, pra começar a entender que a... é um momento interno, mas que ele vai exteriorizar isso quando ele começar a conseguir a diminuir ou parar de usar drogas. Dessa forma, eu acho.

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Assim, hoje a gente tem InfoSaúde, que é um sistema aqui dentro da rede, eu acho muito importante, que é a conexão com todos os postos, e as UPAs e os CAPS, é... da informação, do prontuário do paciente, que é dele, né? Acho muito bom. A gente hoje... foi criado um e-mail oficial que é algo recente pra nós, que está começando agora. É... não gosto muito da informação ainda pelo sistema de telefone, que é o zap que a gente tinha. Eu não gosto porque, assim como o risco de se a pessoa, é... eu sei que ela leu, mas, é... entendeu?, e achar que aquilo é horário apropriado no momento. Eu, às vezes, tenho uma certa resistência a isso, por exemplo, fora do horário do expediente. Uma porque como a gente trabalha com saúde mental, tu tens que preservar a tua saúde mental também. Né? E uma das formas que eu vejo é isso, desligar quando eu saio do meu trabalho, da melhor forma possível, mas quando sair tentar desligar, se é que é possível, né?, desconectar-se do trabalho pra que tu possa ter condições do outro dia voltar e poder fazer tuas atividades e render, e funcionar como tem que ser. Então, hoje aqui a gente considera reunião de equipe meio de comunicação, é... reunião de coordenação com gestão, é... não temos mais reunião de distrito, que antes era de alguém da equipe com alguém do NASF, na rede pública, mas agora neste momento foram suspensas as reuniões, não sei se volta ou não, mas por enquanto, não. Ahm... todas as ferramentas que eu acho desde a recepção eu considero meio de comunicação. Quando a menina da recepção vem e nos traz algum problema pra equipe, comunicação entre a equipe, eu acho essa excelente porque... da recepção, do acolhimento, sempre vão surgir comunicação entre nós que a gente precisa dar um respaldo pra quem tá no acolhimento ou pro próprio paciente em si. Me falam os encaminhamentos que aí a gente usa o próprio índice pra encaminhar o paciente, né? É... de forma de diálogo, ou eu vejo que precisa alguém... alguém além daquela pessoa que já tá acolhendo pra conversa, digamos que o paciente chega numa crise, e precisa de mais pessoas pra dar suporte pro pessoal. Acho que a comunicação é em todos os momentos, desde que tu entra, que tu registra tua entrada, o teu ponto, é uma forma de informação, né? É... pros usuários do serviço que a gente tem aqui de meio de comunicação aqui dentro seria televisão, que é um recurso mínimo que tem ali embaixo, a sala da tevê. Eu acho que... que eles usam disso pra saber das notícias, acompanhar algum programa, quando eles ficam esperando pra grupos, entre eles, né? Tem a biblioteca que a gente usa ali, que é um sistema que a pessoa leva livro, a pessoa traz livro, ela lê ali naquele espaço quando ela quer, as pessoas usam aquele espaço. Acho bem importante. Acho que da forma como tá organizado, não é a melhor. Mas também, nunca parei e pensei como é que poderia melhorar esse espaço, né? Pra ser mais valorizado. Ter mais empenho das pessoas e valorizar aquele espaço. Pra

que se vire um hábito, uma rotina, pras pessoas usarem ele, né? Mas eu tento manter organizado, embora ele nunca tá. Ao menos organizados, os livros, a estante, né?

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Eu acho muito importante. É... Por quê? A gente desde que nasce, se comunica. Não tem outra forma. Né? Tu nasce, e precisa chorar pra pedir as tuas necessidades, pra falar como tu se sente, então tu fala a todo momento. Então, aí as comunicações, elas existem e elas têm que ser usadas como ferramentas. Tanto por e-mail, é... pessoalmente, eu acho muito importante. Principalmente, no meio de saúde mental, onde tu vai ter pacientes com acesso à rede, quando tu consegue no posto ou no NASF, conhecer aqueles profissionais, falar com eles pessoalmente. Claro que a gente pode usar outras ferramentas, que é o e-mail, que eu já te falei. O próprio telefone. O próprio encaminhamento. Mas quando tu consegue falar e ver a pessoa, a relação começa a ficar muito melhor. Dessa forma que eu vejo.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Eu acho que ela é bem restrita, pelo poder financeiro das pessoas. Né? Me chamou a atenção que no dia 8... 8 de... agora, 8, dia das mulheres aí, não sei que mês é, que dia é certo, mas sei que é dia 8, né? E aí eu vi que nas livrarias a maioria dos livros estavam com a metade do preço. Mas também não era a maioria dos livros que você queria olhar e ler. Né? Era a... as promoções, eram os livros que não estavam agora no momento no mercado. Então, não é algo que a população tem acesso. Tava a propaganda dizendo que tava com 50% porque era dia das mulheres. Eu fui numa do shopping aí, mas eu vi que não era essa a realidade. O livro que eu queria não tinha acesso a esse 50%, eram alguns livros. Era só mais uma chamada pra que o cliente entrasse e talvez comprasse alguma coisa, né? Mas não... não dizia justamente aquilo. Eu acho que nós tamos muito restrito. Mesmo hoje quando tu vê no próprio TICEN que eles têm aquela biblioteca que fazem reposição por doação, né?, elas estão vazias. As pessoas levam, não trazem de volta. Não se comprometem, não dão valor pros livros. Né? A... talvez no próprio ambiente de trabalho também, a gente às vezes fica com os livros, mas acaba que a gente não tem tempo, disposição, motivação pra leitura. Que é essa própria unidade que é o livro, né? Tu trabalha muito, tu não tem aquele horário bom pra mim produzir, pra mim ter mais conhecimento, é muito difícil. Né? Há pouco eu tinha te dito que a própria pesquisa, não consegui ler, não consegui sentar pra ver ela. Então, acho que é um espaço muito mal valorizado. Que não é à toa que a gente vive as condições hoje, políticas, sociais, financeiras no Brasil, né? Acho que também tem o interesse do Brasil para que a gente não tenha a informação, que a gente não estudo, que a gente não se motive pra isso. Penso dessa forma.

Entrevistados: Como que você enxerga essa biblioteca para a sociedade?

Eu acho restrita. Até mesmo na [instituição x]. Por exemplo, quando na primeira vez que eu entrei na [biblioteca x], eu não tinha muito condição de... do meio informática, informatizado, né?, como procurar livros. Alguém só me disse: - Olha, tu vai lá naquele computador e tu acessa. Olha, se a pessoa não sabe ler... às vezes a pessoa é analfabeta no meio eletrônico como dizem, às vezes eu me sinto isso, né? Coloca eu lá na frente daquele computador há 10 anos atrás eu não sabia como acessar. Vai lá e veja, acessa e pronto. Aceita o teu... a tua matrícula aqui agora, é só sentar naquele computador e acessar. Não tinha nenhum monitor à disposição, que pudesse dizer pra mim: - Olha, vou sentar contigo, vou te ajudar, vamos ver

como é que a gente investiga, como é que a gente encontra o teu livro, vou te ensinar o passo a passo. Não! Então, eu acho muito restrita pra sociedade, né?, muito indisponível. Embora, tu diz que é um espaço público, de forma... de certa forma, ela te restringe. Então, é o próprio meio de comunicação, o que eu acho uma pena, algo a ser... a ser melhorado e muito... o acesso, né?

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Eu acho que é muito importante, eu acho que ela abre horizontes pro ser humano. Da forma como eu tenho ali, eu não tô vendo muito resultado. É certo isso. Eu acho que é um espaço que a pessoa tem pra contar e querer, se quiser. Mas não estimulado a usar aquele espaço, né? De que forma seria feito isso, eu não sei como é que poderia ser feito. Aí, é a posição que eu digo: - Bom, essa pesquisa pode, quem sabe, me ajudar nesse sentido aqui dentro. Por isso que eu também fiquei à disposição e interessada em responder ela com essa intenção. Eu acho que é muito importante. Toda vez que eu acolho uma pessoa, que eu pergunto até que série ela estudou, que é uma pergunta que eu faço, ela diz pra mim: - Eu estudei até 5ª série do fundamental. - Eu fiz o ensino médio, consegui concluir. - Você tem interesse em voltar? A maioria tem. Em voltar pra escola, né? Mas o poder aquisitivo das pessoas não permite, porque algumas tão sem trabalho, outras estão procurando trabalho, outras têm o trabalho, mas que mal... apenas dá pra se sustentar. Porque, por mais que tu vá estudar num espaço público, tu tem um custo pra tudo aquilo, né? É ônibus, é alimentação, é tempo, que vale dinheiro das pessoas. Então, acho que é primordial, acho que teria que ter sim, esse espaço bem mais valorizado, né? Não sei de que forma, mas concordo sim, que de... tem que se pensar nisso. Com urgência! Sabe? Com urgência! É isso!

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Eu penso assim, que enquanto tiver pessoas disponíveis e querendo... com a intenção que tu tens, é... de pesquisar e entender... só por si, já basta! Né? De vir alguém questionar isso e observar o movimento de como funciona, se tem ou não tem ou o que que tem, é... essa coisa de quase, assim, um estímulo. Que movimenta o serviço em si. O próprio fato de tu vir com uma pesquisa dessas, uma pessoa: - Ah, mas a gente não tem nada disso aqui! Mas, então, acho que isso é interessante, mesmo que a gente não tenha, né? Que a nossa biblioteca, do jeito que ela se apresenta, não... não faz efeito, é... ou faz para aquelas pessoas que já gostam de leitura, assim, elas sentam ali, elas aproveitam aquele espaço. Tem um paciente [...] que ele tem um grupo só quinta à tarde, ele vem quinta de manhã. Ele senta, ele traz o Jornal Hora dele, mas ele também lê coisas que tão ali, né? Ele se interessa por algumas bibliografias que estão ali. Então, só o fato de alguém vir de fora, é... com essa pesquisa, ela nos instiga a pensar e isso só já é um privilégio pra mim, né? Poder contar com alguém que venha e que tenha esse interesse de entender, é... o que que tá acontecendo ou não acontecendo ou de que forma poderia fazer isso acontecer aqui dentro, né? Meus parabéns pela pesquisa!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 8 -** FLORIANÓPOLIS - 26/04/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Tá! Bom, a gente tem, é... nesse momento... Bom, muda eventualmente, né?, a gente repensa as nossas propostas de atividades, mas nesse momento a gente tem... é... atividades em formato de oficina e atividades que a gente tem chamado de Comissões que, aí, são... são grupos que envolvem profissionais e usuários pra, é... é... vamos dizer, num formato menos clínico, no sentido de visto, né?, menos curativo, né?, e mais assim de desenvolvimento, de ressocialização, de reinserção. É... As atividades com formato de oficina, que eu te diria assim, que parte... que fazem parte desse rol, aí, de... de incentivo à cultura, inserção da cultura, é... são atividades ligadas à... às artes ou artesanato. É... A gente tem atualmente uma [oficina x] pra pacientes psicóticos, né?, onde os pacientes psicóticos são graves, com quadro instável. E... e... eu acho que é isso, no momento. Aqui dentro do CAPS, né? Claro, com as outras instituições que a gente encaminha, enfim, por causa da cultura, né? Oficinas de Arte no CIC, ONGs nos bairros, atividades de cinema que têm por aí a gente encaminha, mas não é a gente que promove, né? É... Vinculado às Comissões, a gente tem, aí, uma... uma comissão de direitos e cidadania, uma... é... de reinvindicação, assim, pela estrutura física da casa, né?, e outra de economia solidária, que também, aí, trabalha com essas linguagens artísticas ou... ou de artesanato visando geração de renda, né? É... E a gente começou recentemente, uma atividade de incentivo à... não ia dizer incentivo, de acompanhamento pra quem tem o desejo de voltar a estudar, de retomar os estudos. A gente tem muitos pacientes aqui que não concluíram o ensino fundamental ou não concluíram o ensino médio e... em outras oportunidades a gente encaminhava pra EJA, CEJA e tal. Em geral iam, mas não ficavam. Acho que tem, tanto uma questão de contexto, né?, de que essas instituições, aí, de outros setores de educação, cultura, esporte ou lazer, enfim, tem uma dificuldade de receber pessoas como as que a gente atende aqui. E as pessoas que a gente atende, muitas vezes, já perderam o... o... hábito, né?, os hábitos, aí, necessários para aguentar, por exemplo, ficar em uma sala de aula. Então, a gente propôs uma atividade que acontece nas quintas de manhã, é... que tem o objetivo, inicialmente, de ajudar essas pessoas a ver as possibilidades de estudos, né?, educação formal ou não e... é... apoiá-las nessas dificuldades que elas encontrem e também dar orientação, daí, pras instituições que vão oferecer os cursos, né? Essa é uma... uma iniciativa que eu acho bem importante e recente. Fora isso, a gente tem um espaço de... de leitura ali no corredor. Não é um espaço de leitura, é uma... uma estante de livro, vamos dizer, é... com essa proposta de que os livros possam circular, né? Então, a gente recebe doação, deixa os livros ali à disposição das pessoas, muitas leem aqui enquanto tão esperando atendimento, enfim. Outras levam o livro pra casa e depois devolvem, outras levam o livro e a gente orienta que se não quiser devolver, não tem problema, desde que não fique juntando poeira na sua casa. Que empreste pra outras pessoas e também a gente estimula que eles tragam os livros pra... pra deixar aqui à disposição, assim, né? Isso tem funcionado bem, os usuários demonstram bastante interesse em pegar os livros. Aí, é uma coisa menos sistemática, né?, senão...

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Sim! Internet, sem dúvida! E... E, aí, assim, sites especializados principalmente, né? Acho que assim, no dia a dia a gente não acessa muito, é... bancos de periódicos, por exemplo, eu acho que... mas... mas têm as fontes próprias da saúde, né?, então, os Guidelines, protocolos, é... às vezes, algum artigo de revisão sistemática, né?, de boas práticas. Então, vamos dizer assim, base científica mais nessa pegada. É... Não é muito frequente, mas volta e meia a gente para o que tá fazendo e: - Poh, vamos ver o que os outros caras tão fazendo! A gente encontra essas... essas respostas na internet assim também, né? Então, internet, sem dúvida! É... Livros aí, sim! Bom, eu... eu leio o tempo inteiro! (risos) Mas é mais em casa, né?, ou em outros espaços, no Instituto, enfim, cursos que a gente faz, né?, na universidade e tal. Não... não diria que isso é hegemônico entre os profissionais, infelizmente, mas enfim, eu particularmente recorro bastante a livros. É... Revista, não. Não é um recurso que a gente utilize. Acho que é isso. Tem alguma... Na tua pergunta tinha algum outro elemento que eu deixei de fora?

Entrevistador: Só sobre essa questão se você utiliza mesmo essas fontes, para desenvolver suas atividades.

É... Não! Não! Revista, não!

Entrevistador: CDs... Pra formação pessoal...

Pra formação pessoal, né?, filmes, documentários... Não é... Mas não é muito também não! Não vou dizer que a gente... Não dá pra fazer propaganda enganosa, não é... não é muito não! Né? A gente... em atividades, a gente às vezes usa recursos audiovisuais, músicas, filmes e tal pra passar pros usuários. Também não é muito frequente, mas...

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Eu acho muito importante! É... Eu acho que algumas coisas pequenas fazem muita diferença, por exemplo, a Prefeitura recentemente... Eu não sei também... eu não saberia te explicar como é que foi o processo, tá? Mas recentemente a Prefeitura assinou um convênio com o British Medical Journal, um periódico bem importante da área da saúde. É... E deu acesso a todos os profissionais, né?, a uma base de dados bem... bem legal, assim. Eu acho... eu acho que faz... É uma... É uma iniciativa que me parece pequena, não é grande coisa, assim: - Ah, meu Deus! É... Mas sabe? Dar o pão, assim! De dizer: - Vamos qualificar o trabalho! Vamos atrás de... enfim, de embasar nossas decisões clínicas ou até de fluxo, né?, da política de saúde. Acho que dá um tom... dá um tom bem legal, assim. É... Acho que tem alguma coisa que emperra aí, não sei se tá dentro da tua pergunta, mas eu vou falar.

Entrevistador: Fica à vontade.

Às vezes, a gente tem recurso, mas não tem condições objetivas, é... de lançar mão desses recursos. O que que eu tô querendo dizer? A gente pode ter aqui um monte de livros novinhos em folha, lindos, os melhores autores, ou os antigos, clássicos aqui disponíveis, é... mas a gente não tem espaço na agenda pra estudar, a gente não tem espaço na agenda pra discutir o que a gente leu. É... Isso não é valorizado de nenhuma forma dentro do processo de trabalho, assim, né? E, aí, acaba que as discussões clínicas, enfim, ficam muito rasas. Então, a gente tem profissionais muito qualificados na rede de Florianópolis, a gente, é... Eu não acho que falta acesso, né?, a... a... Enfim, conhecimento, materiais e tal, recursos, né? É... mas isso faz parte da cultura da instituição, né? Então, talvez isso seja mais problemático, assim, né? A

importância do acesso, acho ótimo a importância do acesso, mas acho que o acesso não significa só ter o material ali, né? Acho que tem mais coisa por trás, né?

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Uma instituição biblioteca? É... Bom, eu não tenho conhecimento prévio, assim, pra te responder. Eu... eu acho que uma biblioteca é um espaço que disponibiliza um acervo com informações variadas, né?, em diferentes meios, né? Então, desde uma estante de livros até um acesso à internet, um ponto de acesso à internet e tal. É... Mas o que... Indo da primeira parte da pergunta pra segunda, assim, eu acho...
É, porque eu... eu acho que tem... eu acho que pra chamar de biblioteca... Por que eu posso ter, por exemplo, a gente tem uma estante de livros aqui. Eu não chamo aquilo de biblioteca. Por quê? Porque falta e carece de organização. Então, eu diria assim: - Ah! Tá! É um espaço, um acervo e tal, mas quando eu falo em disponibilizar tem a ver com, é... de alguma forma, ajudar a quem vai acessar a encontrar o que procura ou a descobrir algo novo. E talvez a importância não seja isso, a gente tem hoje um bilhão de informações disponibilizadas das mais variadas formas, mas a sistematização dessas informações, a facul... facultar acesso, organizar o... o pensamento, é... classificar, categorizar... eu não sei que palavras seriam ideais. Mas eu entendo isso, assim, a importância das bibliotecas hoje, tem a ver não com... com o seu lugar onde as pessoas vão encontrar a informação, porque hoje não é difícil encontrar a informação, mas... mas fazer essa informação aparecer sistematizada e aí, qualificar, né?, no caso... é... é... Enfim, uma coisa que já tá super disseminada, né? Então, isso, né? Vejo essa a importância! A importância de organizar um pouco o conhecimento disponível, enfim...

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Eu acho que são importantes, porque puxa uma discussão que tem a ver com qualificar o trabalho, a formação, é... e resgatar, e aí falando, especificamente, de bibliotecas, assim, da leitura, do campo da leitura, dos livros ou em outros formatos, mas é... acho sim que há uma grande parte da população excluída do acesso à leitura. Mesmo que tenha acesso à informação de várias formas, né?, em várias plataformas, mas a leitura, pelo menos o que eu vejo dos nossos usuários, é algo muito distante. Pegar um livro é uma experiência hoje pra eles... é... pra muitos dos nossos usuários. Então, eu diria assim, acho fundamental, seria muito interessante poder estruturar, né? Aí você fala rede de bibliotecas, né? É diferente ter várias bibliotecas e ter uma rede de bibliotecas, né? Pensar em rede de bibliotecas, é... é... eu acho muito legal. É... Não só pra ter mais uma, né? - Ah, então, tem mais uma biblioteca lá. Quer dizer, a gente tem... eu fico vendo nas bibliotecas... a [biblioteca x] ali no centro, eu acho, pô, uma pena, subutilizada pra caramba assim, né? Devia ser... Bom, vai ter mais uma que não vai ter... não vai ter utilidade? Aí, não! Mas pra... pra ser uma provocação pros profissionais, né?, de poder investir na formação, de poder aprofundar, de ser uma oportunidade pros usuários, né?, de acesso, de inserção social, de desenvolvimento pessoal. Aí, eu acho que... que sim! Ter um espaço lá no Horto, não! Teria que vir acompanhado de... de uma série de ações, assim, né?

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Um comentário, talvez, que fique faltando é de... é... da importância, assim, quando tu traz essa discussão, o que me vem a importância da... desse caráter... é... do caso, é, assim, de não restringir a saúde mental à área da saúde, né?, como se fosse... Como se saúde mental fosse uma questão de saúde-doença, né? Quando tu traz essa discussão sobre as bibliotecas me vem muito isso, assim, a gente vai... vai querer enfrentar os problemas afetivos, os conflitos pessoais, as dificuldades de interação, de inserção social, vai querer enfrentar isso com... com Psicoterapia sistemática e remédios? Quer dizer... Então, a gente tá fadado ao fracasso, né? Então, ampliar essa discussão, eu acho que é um passo muito... muito primordial pra daí outras coisas acontecerem, assim, né?, pra daí a gente avançar no campo da saúde mental. Então eu acho que... E aí, por exemplo, não tô falando de Biblioterapia, né? Tem um povo aí que fica: - Ah, Biblioterapia, né? Não é isso. Não é fazer um uso terapêutico da leitura, por exemplo, né? Não é disso que eu tô falando. Não, olha, a vida não cabe na terapêutica, né? A gente tem que poder aprofundar. É isso que me vem, sabe, da nossa conversa. É isso?

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 9 -** FLORIANÓPOLIS - 26/04/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Uhum! Bom, o trabalho é de reinserção social, né? É... Nós temos trabalhos aqui que não são em grupos, nós temos uma... uma equipe aqui, por exemplo, a gente tem uma equipe que é uma Comissão do HCTP que é do Hospital de Custódia de Tratamento Psiquiátrico, que é o Antigo Manicômio Judiciário. Então, a gente recebe usuários de lá num convênio com... com a Prefeitura, que são 10 usuários que estão em processo de alta em medida de segurança que estão vindo pro CAPS. Então, eles fazem atividades aqui, por exemplo, têm atividades de... de... fitaria, tear e pintura aonde eles fazem trabalhos que depois são expostos em... em feiras, ou aqui no... ou até aqui no CAPS mesmo, eles mostram trabalhos pra outros usuários, pra familiares e vendem esses trabalhos também. Então, já é uma... na verdade, não é só uma reinserção social, mas é uma questão de economia solidária também, de captação de verbas como tem o trabalho do brechó também, que não é do CAPS, mas funciona aqui dentro porque pertence à Associação dos Usuários. A gente trabalha muito com essa Associação dos Usuários essa questão de reinserção, de estar buscando novas parcerias ou fazendo atividades. Então, não é uma... um grupo ou uma oficina específica para reinserção. A gente utiliza muito dos estágios também da Psicologia, do Serviço Social e da Enfermagem para esse trabalho de reinserção, que é conversar com pessoas da sociedade, pessoas que estão em processo de alta hospitalar ou do HTCP que vão ser reinseridas na sociedade, a gente funciona como um atendimento terapêutico. [...] De buscar o... retomar o vínculo familiar com... né?, com quem tá perdido, fazer esse resgate. É... Cidadania e autogerenciamento da vida, né?, então, é... as equipes... a nossa equipe mais os estagiários... Então, eles vão buscar lugar pra morar, é... ver como que o usuário tá se virando sozinho, de repente, questão de mercado, atividades de vida diária... Então, eles são acompanhados pelo professor da equipe pra que eles possam novamente estar inseridos, aí, na sociedade seguindo a sua vida. A gente faz um acompanhamento, num primeiro momento, com eles e depois a gente vai deix... soltando pra ver como eles vão se virando sozinhos, né? E a gente trabalha muito com eles também a questão de direitos e deveres, né?, de como funciona a sociedade, de como eles se recolocam

novamente, né? Tem... tem uma... uma oficina que vai iniciar na semana que vem, que é o [projeto x], que é chamado assim, justamente pra que eles ou quem têm dificuldades de retomar a atividade, ou não consegue mais fazer uma determinada atividade, mas de repente se vê com projetos ou perspectivas de fazer uma outra coisa que eles não pensavam anteriormente, mas que talvez eles tenham capacidade nesse momento, já que não se consegue fazer outras coisas que eles já faziam. Então, tem esses trabalhos que a gente desenvolve aqui dentro nesse sentido, né?

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Tá! Eu acho que todas as fontes, os meios, os veículos de informação, eles são... são importantes, né? É importante pra gente por quê? Entre várias coisas, assim. É... Internet a gente tem tudo muito rápido, né? Então, a gente ter acesso à internet quando a gente vai buscar algum tipo de informação, de... de trabalhos, de... de coisas novas que tão surgindo ou até coisas que a gente não recorda mais, então, assim livros, revistas, jornais. Dentro da minha área da [profissão x], né? Jornais, é... trabalhos publicados, as últimas pesquisas. Então, tudo isso é importante pra gente, é... adquirir conhecimento, né?, e pra gente se atualizar também. É importante dentro dos serviços também, eu acredito que a leitura, ela é muito importante. Não só de materiais técnicos e científicos, mas de uma forma geral. Dentro da saúde mental, ela é muito importante também, né?, pra... pra questão de... de raciocínio, de formação de pensamento, de crítica, então, a leitura e os materiais, eles são muito importantes. Nós nos CAPS temos essa dificuldade, né? E eu acho que esse seu trabalho, ele é muito importante nesse sentido, porque não é uma coisa só pro profissional, que a gente precisa também, mas pro usuário. Né? A questão de... de educação, de cultura, de... de leitura, de estimulação cerebral, estimulação de memória. Então, trabalhos aonde a gente consiga envolver todo o processo de leitura, de uma... uma construção de alguma coisa, de um jornal pras pessoas que gostam de escrever, né? O nosso trabalho de identificar através do processo da escrita, o sofrimento do usuário, então isso é muito importante. E nós já pensamos diversas vezes em ter, porque a gente precisava ter um espaço dentro do CAPS pra paciente que tá no processo de intensificação, tá num momento de sofrimento, que a leitura, que a arte, que a pintura faça parte de um processo terapêutico também dentro do serviço. E aí, a gente entra na dificuldade. A gente ter acesso ao material, né?, seja através de computadores, que a gente tem pros técnicos usarem pra fazer atendimento, mas a gente não tem disponível pra uma oficina ou pros usuários utilizarem desses mecanismos. Nós não temos uma biblioteca dentro do CAPS, nós temos uma... uma mesinha ali que ficam alguns livros e quando alguém tá aí, se quiser, se apropriar disso faz uso. Mas nós não temos um espaço físico. Nós temos aqui uma Comissão [...] que a gente tá montando um espaço lá embaixo. A gente quer revitalizar, colocar um jornal, fazer uma prateleira, montar uma, né?, alguma... buscar doações e tudo mais pra ter essa biblioteca como um espaço para aquele paciente que, não tem necessidade de repente de estar num grupo nesse momento, mas que não consegue ficar em casa ou não pode ficar sozinho em casa. E seria uma alternativa desse usuário estar aqui e ter um espaço onde ele possa sentar, ler um livro e fazer uma discussão também sobre alguns temas, né? Esse é nosso... nosso projeto, acho que isso seria bem interessante pra gente, né?

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

A importância é... é justamente essa. A importância técnica pra conhecimento e a importância pro usuário pra desenvolvimento de um projeto terapêutico. Eu acho que o... que a leitura, ela... ela é... ela pode ser um hobby, onde pode se utilizar disso naqueles momentos de relaxamento, de... de prazer e tudo mais, de lazer, né? Mas a gente tem a questão é... muito além disso, que é uma questão terapêutica. Que é uma grande dificuldade de entenderem isso, não apenas como educação-aprendizado e... e você obter conhecimentos através daquilo, mas você se utilizar daquilo como projeto terapêutico para pacientes que estão em sofrimento, que é outro... é uma outra forma de você se utilizar desse material. E acho que isso é bem cabível, principalmente dentro dos CAPS, eu acho que os CAPS existem pra isso. Mas a gente realmente tem dificuldades de ter esses materiais, de ter acesso a esses materiais, de que forma a gente pode solicitar isso, porque a gente... somos CAPS, mas somos serviços públicos. A gente não pode fazer solicitações em nome da instituição pra adquirir materiais. Então, tem toda a li... aí, existe uma questão burocrática e política que tá envolvida que a gente precisa se aprimorar desse conhecimento pra ver de que forma isso pode ser feito. Mas eu acho que dentro do serviço do CAPS utilizar isso como um instrumento terapêutico pro usuário é o mais importante.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Tá... A biblioteca, eu acho que é a... a matriz, a fonte onde estão os conhecimentos. A gente tem acesso hoje à internet, a livros onde você ir pode comprar, mas a biblioteca a gente sempre vê como um espaço aonde tu encontra o conhecimento e aonde ele está sendo armazenado com cuidado, né? Então, assim... é uma coisa assim, eu posso ter um material na minha casa que eu posso acessar o momento que eu quiser, né? A biblioteca, a gente tem a questão dos horários, mas a biblioteca a gente sabe que o material vai estar guardado, cuidado e sempre disponível ali e para todos. É diferente de ter um livro que é meu e que eu posso compartilhar ou não. A biblioteca está ali pra todos. Então, eu acho que é de fundamental importância ter a biblioteca, saber que a biblioteca é pra todos, mas estimular que todos tenham acesso à... à biblioteca. Se eu tenho condições de comprar, é mais fácil eu comprar. Mas eu tenho a opção também de ter muito... um acervo muito grande disponível, né?, sobre um determinado assunto ou sobre vários assuntos, que a biblioteca nos oferece isso, sem custos, né? Que você vai até lá, você utiliza, se apropria desse conhecimento, desse material que você necessita e vai falar sempre pra outras pessoas que precisarem. Então, eu acho que essa é... a importância. Porque tá envolvido não só com leitura, mas com educação, com formação de pensamento crítico, eu acho que... que a leitura traz isso. Então, essa é a importância na sociedade a meu ver. E eu acho que essas pessoas precisam ser estimuladas também a se apropriarem disso e a... e a ter o prazer também, né?, de se apropriar da... da leitura, desse conhecimento, dessa criação, né?, que acontece com quem tem esse hábito, né?

Entrevistador: E sobre essa relação entre biblioteca e sociedade, como é que você enxerga?

Eu não sei em que sentido que você tá falando. [...] Mas assim, a relação com a sociedade, eu acho que tem a ver justamente com a questão cultural de formação de pensamento crítico mesmo. Eu acho que a biblioteca... quem se apropria e se utiliza disso, ela adquire um conhecimento e um senso crítico que ela vai se utilizar disso na sociedade. Nas suas relações interpessoais, com família, amigos, no trabalho, né? É... Vai se empoderar também de... de ver esse senso crítico de formação em todos os aspectos, profissional, político, filosófico, religioso.

Então, a pessoa, ela vai estar preparada pra discutir "n" assuntos, em qualquer situação em que se encontre, com qualquer pessoa que seja, né? Então, e... e eu acho que o desempenho também enquanto ser humano, enquanto cidadão, independente de qualquer área que ele trabalhe ou da função que ele exerça, também ele vai tá sempre se qualificando mais através desses acessos. Então, tem... tem um reflexo, né?, de... de uma instituição biblioteca com... com conteúdo, com objetivo, mas isso reflete no ser humano, na formação dele, no que ele é, no que ele vai transmitir, como ele interage com as... com as pessoas na sociedade. Então, é um reflexo direto da... dessa instituição na sociedade como um todo.

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

São extremamente importantes. No CAPS, a gente trabalha com... com pessoas com transtorno mental, que é o diferencial! Eu acho que a gente tem...a gente trabalha na questão... essa questão da humanização, de todo mundo ser tratado como igual, como tendo direitos iguais. Então, quando a gente trabalha a questão da reinserção social, da readaptação laboral, enfim, de várias situações é pra que eles possam estar em todos esses... esses meios, reinseridos. E eles podem ter acesso aos materiais, os livros, aonde quer que seja, seja na escola, na universidade, no trabalho, no... na biblioteca municipal, pública, enfim! Né? É... quando a gente fala em transtorno mental, os pacientes... e a gente quer trabalhar essa reinserção quer que eles não fiquem dentro do CAPS. Na verdade, a gente quer que quanto mais eles estiverem fora e se envolvendo com os vários espaços, é o ideal. Mas muitos num... nunca... por um momento eles têm essa... essa dificuldade. Né? Tem dificuldades de sair de casa, quando conseguem vir pro CAPS, eles têm a segurança de estar em casa e estar no CAPS, mas às vezes não têm a segurança de estar em outros locais. Então, de repente, talvez um usuário consiga vir aqui, mas ele não consiga estar na biblioteca ou estar em um espaço com outras pessoas ou em locais com muita gente, né? Existe toda essa... uma angústia, uma ansiedade pra essa... pra esse deslocamento, que é o que a gente quer trabalhar nas atividades que visam a reinserção social. Mas ter um espaço aqui dentro onde a gente possa iniciar um trabalho aqui dentro [...]. Para aquele usuário que tá aqui, ele vai poder utilizar desse espaço, ou o acompanhante enquanto ele tá na atividade pode se utilizar desse espaço como espaço de espera, mas ele já vai está sendo estimulado pra uma leitura, pra buscar esse conhecimento. Eu acho que isso é uma semente! Porque se ele se adaptar aquilo, o usuário ou seu familiar a se desenvolver o gosto pela leitura, pelo conhecimento. Se a gente começa isso aqui, num determinado momento que ele não esteja mais aqui, talvez ele use esses outros espaços. Né? Ele possa dar continuidade com isso na biblioteca pública, na biblioteca do seu trabalho, do local onde estuda. Então, pode ser um... né?, um início dentro de um serviço, mas que depois se expanda pra outros pontos, né?

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Tá! Eu acho que isso é... o que você tá fazendo, é de extrema importância. A gente fica muito feliz em tratar disso, né? As pessoas geralmente pensam que a saúde, ela tá voltada somente com a medicação, com atendimento especialista, né?, médico centrado e tratamento medicamentoso, mas quando a gente lida com saúde mental, a saúde, ela é além da medicação. [...] A comunicação seja a leitura, ou seja a verbal ou seja a escrita a gente consegue se apropriar desses elementos pra trabalhos terapêuticos de promoção de saúde. Né? Então, eu acho que isso é extremamente importante e válido pro CAPS. Né? Eu quero

saber da conclusão tua a respeito desse... dessa tua pesquisa, né?, eu sei que você... vai tirar de tudo isso. Né? E mais importante, se a gente puder, é... se apropriar disso de alguma forma, pra que isso não seja um trabalho de mostrar a importância, mas de implementação de cuidado através da biblioteca. Se isso for possível, já teremos um ganho a partir desse momento, né?

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 10 -** FLORIANÓPOLIS - 04/05/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Bom, as atividades de reinserção, elas estão assim, ahm... mais... ahm... sendo realizadas por uma educadora artística que existe aqui, chamada XXX, e ela tem, assim, claro, junto com aquilo que é estabelecido durante nossas reuniões técnicas, projetos, ahm.... trajetos culturais, né?, aonde os pacientes num nível já de tratamento que permita sair do CAPS em segurança junto com esses profissionais... a educadora artística e outros profissionais, né?, possam... ahm... realizar, vamos dizer assim, atividades culturais, trajetos, em busca das atividades culturais, ahm... e, ao mesmo tempo, estar ressignificando as suas vidas saindo sem precisar estar sob efeito de substâncias como antes, né? Esses pacientes, ahm... assim, co-dependiam dessas substâncias pra poderem... ahm... viver ou existir, né? Então, quais são? São várias, é... cinemas, é... projetos, né?, que muitas vezes, ahm... fazem convênios, parcerias, né?, ahm... o BADESC, ahm... isso aí, talvez você tenha informações melhor respondidas com a educadora artística ou com quem está à frente disso aí. A importância é aquilo que eu te iniciei assim, também na fala, que... ahm... esses pacientes, usuários, eles não usam a droga só por usar. Eles usam com algum sentido, né?, é... na busca de, digamos assim, respostas para uma tranquilização, né? Para uma possibilidade deles realizarem relações sociais, realizarem seus trabalhos, né? A droga vem aí como uma... um coadjuvante, né?, importante, às vezes, nem coadjuvante, mas alguma coisa que seja determinante pra que eles consigam funcionar na sociedade. Esses, daqueles que estariam em melhores condições, porque aqueles que estão mais comprometidos, já não conseguem nem mais realizar as atividades sociais, profissionais, que se esperaria de um indivíduo, né? Mas de alguma forma também ela traz algum benefício mesmo durante esses momentos mais críticos que antes se vier, talvez, uma angústia muito grande, tá?... Sim, esses projetos, eles vêm num momento em que... ahm... trazem sentido, né?, sem precisarem estar sob o uso dessas drogas, dessas substâncias para obter prazer, né?, em estar vivenciando uma atividade como essa e, ao mesmo tempo, os afasta, né?, ou minimiza essa necessidade de precisarem delas, dessas substâncias.

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Bom, ahm... eu sou [profissional da área x], né?, e a minha fonte de literatura é ou seriam os livros técnicos [da área x], onde a gente tem assim... digamos assim... ahm... as informações pertinentes a diagnósticos, informações pertinentes a tratamentos farmacoterápicos... ahm... psicoterápicos. Então, a minha fonte principal técnica são livros especializados [...] Concomitantemente, a gente sabe que medicação por si só, ela não dá conta de uma... de um

transtorno, que é um transtorno que a gente também encontraria fatores sociais, né?, ahm... que são importantes no... vamos dizer, assim, como fatores que podem precipitar, né?, um transtorno relacionado a outras substâncias. Uma pessoa diante de questões sociais, muitas vezes, ela precisa se, vamos dizer assim... ahm... se organizar psiquicamente, seja buscando bebida, como te falei, pra poder dar conta de uma situação de angústia muito grande. Seja da própria droga, né?, em virtude de não conseguir ter, muitas vezes, ânimo pra poder sentir prazer nas coisas, né? Então, ahm... eu como [profissional da área x], busco a literatura específica, especializada, né?, para estes transtornos de comportamento e para transtornos relacionados ao uso de substâncias.

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Sem dúvida! No dia a dia, se você não procurar ler, né?, procurar... ahm... entender o paciente através do que você tem, da teoria e o que a prática, né?, que é a clínica do dia a dia, né?, co-substancia essa sua parte teórica, né?, você fica dissociado, você fica sem conseguir, né?, dar um sentido às coisas, tá? Então, é necessário que você caminhe com as duas... duas partes... dois segmentos aí, a teoria e a prática.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Bom, ahm... Tradicionalmente, a biblioteca, as pessoas têm um referencial ou referência de serem livros guardados, né?, livros num... numa estante aonde as pessoas... usam, consultam, né? Alguns de uma maneira mais assídua, outros necessitam fazer uma pesquisa, uma leitura, né? É... A instituição biblioteca. Bom, tradicionalmente, seria isso. Agora, a biblioteca é maior do que isso, né?. A biblioteca, para algumas pessoas ela é um sentido. É uma... é uma... é um existir, né? É como se você tivesse uma ferramenta, fosse a sua ferramenta diária de trabalho, aonde você interage muito mais, né? Então, esse interagir, para alguns é maior, mais necessário e para outros, é... vamos dizer assim, é aquela... é aquela interação do necessário, quando necessário. Tá! Bom, os efeitos disso que você fala agora, né?, quais os efeitos disso para a sociedade, para uma instituição, né? Os efeitos... ahm... numa instituição de saúde que você fala?

Entrevistador: Como você a vê e a enxerga dentro da sociedade?

Sim. Essa relação, ela deveria ser muito mais íntima, né?, deveria ser muito mais, assim, frequente. Ahm... Porque esta fonte ali... Ali está a fonte do saber, né? Em todas as áreas que você imaginar, que diga respeito ao indivíduo, você deveria... poder ter um acesso mais frequente, né? E até permanente... É... é muito difícil a gente imaginar alguém ou um indivíduo existir numa sociedade sem que ele consulte a fonte do saber. Então, eu não sei se eu já respondi (risos) da necessidade, né?, de que ela esteja cada vez mais interagindo e o indivíduo tenha facilidade de acesso pra isso.

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Acho muito importante! Ahm... Dentre as dificuldades do dia a dia, que nós assim, temos, né?, se encontra a dificuldade do acesso à informação. Muitas vezes, a biblioteca não está próxima ou ao alcance daquele que deseja, né?, ter acesso ao livro físico, hoje em dia existe muitas bibliotecas virtuais. E fazer esse movimento de trazer pra dentro de uma instituição onde por si só já existe uma demanda de informação, de entendimento em relação ao que se passa com esse indivíduo, pode, de alguma forma, ajudá-lo, né?, na... em relação àquele... aquele conflito, aquele mal que, de repente, esteja assim, o angustiando, né? Que seria dentro de um, por exemplo, um exemplo de diagnóstico que ele precisa consultar esse diagnóstico ou consultar um livro pra poder saber do que se trata. Muitas vezes, o próprio profissional não tem tempo de dar todas aquelas informações que tranquilizariam esse paciente ou explicariam do que se trata, né?, esse mal que você está, assim, acometido momentaneamente. Isso é um exemplo de uma... de uma patologia, de uma enfermidade, mas existem outros males que a gente no dia a dia sofre e que tendo algum acesso através de uma informação privilegiada, seja numa... num livro físico numa estante ou numa biblioteca virtual, também de acesso, poderia ser algo virtual, né?, para que esse indivíduo, esse usuário do sistema, né?, da unidade de saúde pudesse consultar, né? Então, são várias as possibilidades em que criando-se uma biblioteca, né?, e havendo o interesse desse indivíduo em se aprofundar em algum tema... esse melhor acesso poderia sim trazer benefícios, né? Acho que é um pouco por aí!

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Me ocorreu aqui um... um ditado, né? Já que nós estamos falando de conhecimento, tem um ditado que diz mais ou menos assim: "Um homem pode tanto quanto sabe". Né? Então, acho que tem um pouco a ver com essa fonte do conhecimento, a questão da biblioteca, né? Que é um... um local que deposita todas as transformações, aonde as pessoas podem obter esse... não só esse conhecimento, essa informação, como também, assim... um desenvolvimento, uma capacitação em relação às necessidades que elas, por acaso, venham assim a manifestar, né? Não vou me alongar muito não... acho que... É, que dentro desse bate-papo informal, que a gente tá tendo aqui, não sei se eu pude trazer, assim, alguma ajuda.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 11 -** FLORIANÓPOLIS - 08/05/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Sim, a gente tem algumas atividades de, por exemplo, assim, é... orientação – eu tô falando muito da [área x], né?, e a gente pega muita orientação pro mercado de trabalho. Por exemplo... eu trabalhei muito com a estagiária [da área x]... e também de tá conversando com o usuário, pra tá mostrando pra ele como se comportar numa entrevista de emprego, a utilização de uma roupa, não chegar atrasado, como fazer um currículo, né? E isso como uma forma de tá adentrando ao mercado de trabalho, que seria uma reinserção social, né? Culturalmente, [...] se a gente pudesse ter mais, seria melhor, assim, né? Possibilidade de música, de teatro, de dança, mas a gente tem limitação assim, que a gente não, é... se a gente quiser fazer uma formação por nossa conta, né? Então, precisa de tempo e dinheiro, e não tem um investimento nesse sentido. Então, a gente trabalha com parcerias. ONGs que trabalham, né?, a gente tem

algumas parcerias com, por exemplo, tem o Instituto Arco-Íris que eu acho que você já ouviu falar, né?, dos outros CAPS também. Pra criança e adolescente, aí tem bastantes projetos sociais. Então, escola livre de música, né?, é... Assim, quanto mais a gente consegue fazer o projeto terapêutico que a gente diz, pra fora dos CAPS, melhor. Né? Então, assim, aqui faz algumas atividades, mas ao mesmo tempo a gente faz contato com um projeto em que ele pode participar, uma aula que ele pode fazer de Futsal, uma aula de música, né? Tem também no... uma ONG muito legal que tem trabalhado conosco que é a Autonomia, que é uma ONG que trabalha com autistas. Então, têm alguns que tão aqui, que fazem as oficinas terapêuticas aqui, mas tem... estão numa oficina de artes, tão em natação especial para autistas, né?, oficina da terra. Bem legal.

Entrevistador: E qual a importância dessas atividades para o desenvolvimento dos usuários?

É muito... é, na nossa visão é da reforma, né?, é... da... da luta antimanicomial. Em todos os CAPS, eles também são substitutivos, né?, igual aos manicômios. E a gente precisaria muito de... esse trabalho de reinserção social é fundamental, né?, cultural. Eles fazerem parte da sociedade e não serem excluídos. E aí, a gente... é fundamental assim, se a gente pudesse trabalhar mais, eu vejo que ainda é muito difícil, né? Tem muito preconceito. É... a gente, por exemplo, no mercado de trabalho eu falo que é uma luta, assim, né? Porque a gente tá lá: - Ah, mas tem muita dificuldade! Então, aí eu... eu mando relatório, eu mando carta porque... peço por uma atenção mais especial, né? E é difícil, têm muitas barreiras ainda de preconceito mesmo do portador de sofrimento psíquico, né? E os nossos casos são graves. São mais graves. Então, é... é difícil essa reinserção. É um desafio! Fundamental! Super importante! Mas a gente vê que têm muitas barreiras ainda que a gente precisa trabalhar, principalmente outras possibilidades, porque a gente tem parceiros, que a gente consegue, né? E contar com o apoio público, infelizmente, tá bem defasado. A gente tá num momento muito crítico, né? Então, a gente tem que contar muito com a ajuda das... das ONGs, mas as ONGs também tão com dificuldades de... porque têm as parcerias, que também tão sem receber. A gente perdeu algumas ONGs muito legais que a gente trabalhava junto.

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Ah, eu utilizo bastante a internet, principalmente, fundamental, né? Porque na área [profissão x], como a gente trabalha com a rede, a rede, ela modifica muito rápido. Então, era uma ONG que tinha ali, que não tem mais. É um serviço que tinha ali, e não tem mais, né? E tá mudando muito de acordo com também com a gestão, né?, que você vê, muda gestão municipal, muda gestão, é... nacional, muda tudo. Os projetos mudam todos, né? Então, aí precisa tá muito atualizado. Então, mais rápido pra ter acesso à internet, né? Então, eu uso muito. E livros, assim, eu... na verdade, eu ando pesquisando mais artigos de... pela internet mesmo, né?, de livros eu ando meio... (risos) fica mais... mais em conta, né?, você procurar pela internet do que você ficar comprando e tal. Mas a gente tem algumas revistas também, que chegam pra gente também, né?

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Ah, eu reco... é essencial, assim, né? Eu acho que pra qualquer trabalhador, né?, ele precisa tá bem informado. É a base de tudo. Mas eu vejo que pra [o profissional x] assim, a gente... como

a gente trabalha muito com direitos, né?, direito a benefícios, então, a gente tem que tá mais por dentro. – Tal benefício tá suspenso. Né? E agora mudou, é... antes, por exemplo, o passe-livre era feito por outra empresa, que agora mudou pro SETUF. Então, informações que a gente precisa tá muito conectado, assim, porque senão a gente passa uma informação errada. Porque, por exemplo, na reforma da previdência tem várias propostas, inclusive com o benefício que a gente trabalha muito que é o BPC, que é o Benefício da Prestação Continuada, ele tá pra ser metade de um salário mínimo, que hoje é um salário inteiro, né? E quanto isso vai afetar... e quanto a gente precisa tá atento às mudanças, né? Então, a fonte de informação é essencial pra gente tá bem atualizado.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Ah, olha, eu vejo assim... é que eu tive muito... na minha infância eu tive bastante contato com biblioteca, né?, eu gostava de fazer pesquisas, eu gostava de tá e... e o que eu vejo de... de diferença, é que a biblioteca ela resgata essa coisa mais humana mesmo, né?, que você tá em contato com um bibliotecário, você tá em contato com seus colegas, com outras pessoas, você vai fazendo amizade, você tá ali num ambiente que propicia isso. Que quando você usa muito a tecnologia da informação e tal, você tá ali muito solitário, né? A biblioteca eu vejo como um meio se socialização também, de cultura e de lazer, né?, um momento de encontrar pessoas e você pensar, ter ideias, né? Eu acho bem legal assim. Eu acho que tem se perdido muito com... com todo o avanço das tecnologias, as pessoas estão indo mesmo, né? É mais fácil eu pesquisar aqui, mas o ponto é se a informação é rica e se é precisa, né? Não sei, se pra um livro tá ali ele precisa... né?, ter muita coisa pra chegar. Agora, na internet qualquer um publica. Então, eu acho que a biblioteca pode ser... eu lembro muito da época da faculdade. Vou te dizer que eu não usei mais, eu usei quando tava fazendo concurso, eu usava a biblioteca. Mas eu lembro que era um ambiente assim, sabe?, de descontração, também de aprender junto, tá trocando. Muitas broncas... Shiu! (risos). Então, eu vejo que esse acervo, assim, de... de histórias, de livros, de coisas, essencial pra uma boa educação, né?, em sociedade, pra gente conhecer nossas... nossas raízes, nossas histórias. Então, a biblioteca, eu vejo como um acervo assim mesmo... de importância pra história, pra criação, pra ter novas ideias da sociedade mesmo, né? A importância de... eu acho que é um instrumento de politização também, né? De fazer com que as pessoas, através de ter acesso ao conhecimento, consigam desenvolver melhores propostas... ser propositivas também, né?

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

São! E eu vejo... a gente tem a... a XXX te mostrou, né?, ela foi até bem cuidadosa, deu uma organizada antes de tu vir. Eu até nem tinha me tocado, falei: - Ah, e aí? Tá toda empolgada arrumando as coisas, né? Mas eu vejo assim, a gente tem aquela pequena bibliotequinha, né?, alguns livrinhos, né?, ali e isso já traz, né?, um interesse por parte deles. É bem legal assim, eles vão procurar e através daquilo a gente vai trabalhando terapeuticamente. Porque eles... o livro fala, né? Então, eu escolho, por exemplo, quero ver Foucault, né?, aí você já vê que o... o usuário, ele é mais filosófico, ele gosta de pensar, refletir, e aí tu já consegue fazer um vínculo terapêutico mais baseado nisso. Ou a criança escolhe um livro, né? – Ah, "A minha mãe é um monstro", que a gente tem ali. Então, o que que ela tá querendo dizer com aquele livro, né? Ela tá querendo dizer que talvez na casa dela ela tá passando por alguma dificuldade. E eu acho

que... e também a biblioteca faz com que eles comecem, através dos livros, né?, a conhecer e também a... a poder até a ter ideias de poder escrever livros, escrever sobre eles, né? E a escrita é muito terapêutica, né? A gente trabalha, assim, de eles fazerem diários deles, escreverem, poder fazer algo então, e se tivesse, assim, mais recursos, uma organização adequada de biblioteca... a gente até passou pra... foi o XXX e a XXX que ficaram responsáveis por fazer a catalogação dos livros e tal. Mas nada profissional, né? A gente não sabe: - Ah, esse livro tá em condições? Não tá? Vamos jogar fora? Como que a gente pode, né? Mas por uma organização nossa aqui. Mas a gente vê fundamental, bem legal. Eles mesmos... aí é um ambiente que a gente queira colocar até um sofá, um computador também, pra eles... de ser um ambiente de convivência. Então, eu pego um livro, tô lendo aqui, e aí tem um outro que tá mexendo no computador, tem outro que tá no celular, e aí... ia ser bem legal, assim, né? A gente trabalha com o que é possível, né? Por enquanto é a nossa pequena biblioteca ali, né? (risos) E pra gente também, os nossos livros ali, porque a gente trabalha muito com estagiários, então a gente empresta, a gente traz muita coisa que a gente lê e aí... e eu gosto muito dessa coisa do emprestar livro. Eu acho... tem gente que tem ciúmes dos livros, né? Eu gosto de comprar, mas eu gosto de socializar. Então, isso eu acho legal, e a gente traz pra cá e a gente divide com os colegas pra eles levarem. – Ah, esse livro é muito bom! Fala muito disso... Então, ela é fundamental tanto pros usuários quanto pra gente e é bem importante.

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Uhum. Essa pesquisa sua é... é mais pra conversar, né?, sobre... aqui, com os profissionais do CAPS, né? É... a respeito da importância da biblioteca, né? E, assim, tem sido rico assim, essa... você já tem visto pelas entrevistas, assim... nos outros CAPS tem? Sabe que eu nem sei da biblioteca. Acho que é isso, né? Mais ou menos. E é... parabéns pela ideia assim, né? Eu acho que é algo raro assim, né? É inovador. Eu não sei, né? Porque eu acho que não deve ter muita coisa, né?

Entrevistador: Não, não tem mesmo.

Uhum. E parabéns mesmo, porque foi... eu achei interessante quando a XXX veio falar, né?, do tema. Falei: - Nossa! Nunca tinha feito muito essa associação. E aí, você trazendo isso seja também refletir um pouco sobre a importância, sobre... porque a gente fica muito também... é... ligado à tecnologia, é... à informação daquela forma, né? E vai se deixando perder alguma coisa, né, assim, tipo da importância de uma biblioteca pra sociedade, de ir até o espaço...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 12 -** FLORIANÓPOLIS - 08/05/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Uhum! Olha, como o CAPS é um Centro de Atenção Psicossocial e nós trabalhamos com a questão de infância e adolescência, é... toda a... todo o usuário do CAPS tem um projeto terapêutico singular, né? E dentro desse projeto terapêutico singular a gente trabalha necessariamente a questão em rede, né?, tanto dentro da saúde como na rede ampliada que

inclui a assistência social, o judiciário, a educação, é... quanto à questão mesmo dentro da nossa rede básica, né?, dos... dos hospitais, né?, toda a rede mais ligada à área da saúde. Então, assim, a questão da reinserção social, ela faz parte do projeto terapêutico, então nós trabalhamos com ações... é... questões do trabalho, do preparo pro trabalho, né? Nas questões de atividades ligadas à cultura... atividades lúdicas, atividades desportivas que possam ser oferecidas a nível de comunidade, né? Então, nós estamos sempre articulando a rede nesse sentido de fazer essa reinserção, porque muitas dos... das crianças e adolescentes que a gente atende têm necessidades mais ampla do que se considera saúde no conceito mais formal, assim, né? Então, necessariamente tem que se trabalhar com essa questão da reinserção social.

Entrevistador: Desses projetos, teria algum que você gostaria de falar mais?

Olha, é... nós estamos em início de gestão no município, então tem muitas... muitos projetos que estão ainda sendo reestruturados. Então, é... tanto na questão da educação, quanto na saúde e na assistência social. Nós estamos vivendo em momentos de crise, né?, e de uma gestão muito complicada, assim, de que muitas coisas foram cortadas, mas... é... sei que têm projetos que tão em andamento mais de ONGs assim, que a gente tem feito parceria, né? Por exemplo, a ONG Autonomia que atende crianças com deficiência mental e é... com transtornos globais do desenvolvimento, é uma ONG que a gente tá se reportando bastante esse ano, assim, né? Tem atividades a nível de cultura, de artes no CIC, têm atividades de Ecoterapia no Rio Vermelho, tem de natação no CEFID. Que é um... o CEFID é um Centro de Esportes, né?, na parte de esportes de UDESC, você deve conhecer. E ali, eles fazem também atividades na água, né? Então, é uma ONG que está sendo bem interessante esse ano, assim, né? Também ali no norte da Ilha, tem o... o Sapiens Park, que é um recurso, eu acho que do Estado, se não me engano, que têm várias atividades, né?, atividades assim, de... tanto na área tecnológica, tanto lúdicas, esportes, né? Também é um... é um recurso que, geralmente, a gente pede para o CRAS encaminhar, né?, que o CRAS tem o acesso mais direto. A questão da... do preparo pro trabalho, sinceramente é muito complicado assim. Já era antes, agora eu já nem sei mais como é que tá a questão do Jovem Aprendiz, né? As famílias estão passando necessidades assim, então, é... vamos dizer que o adolescente indo pro... Jovem Aprendiz, pra um programa como o Jovem Aprendiz, seria interessante assim, do ponto de vista de preparo pra vida, mas também pra questão de ajudar na subsistência, né? E... Então, é um projeto assim que a gente se reporta bastante, mas eu não sei como que tá esse ano, assim, a agilização disso. Eu sei que os adolescentes estão procurando mais do que antes, acho que até pela crise mesmo, né? Mas eu não tenho notícia de alguém que foi recolocado assim, nesse momento, né? Assim, num primeiro momento... Ah, tem a ONG Arco-Íris, que é uma ONG que a Prefeitura tinha parceria, que também tem um espaço importante assim, pra... mais pra adultos, né?, porque a gente trabalha também a questão das famílias, né?, bastante a questão das famílias. E eu não sei se... eles tavam pra renovar o convênio agora. A ONG Arco-Íris, ela atende o pessoal em situação de risco, assim. Não sei se tu conhece a ONG Arco-Íris? Fica lá no Centro.

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Olha! Hoje em dia, lógico que a internet, ela facilita bastante todos os acessos, né? A gente vai no doutor Google e tem respostas rápidas! Mas... é tudo muito suspeito, né? Assim, acho que eu não dispenso um livro e uma revista jamais, né? Eu gosto de comprar revista. Eu não assino revista, porque eu acho que até tu fica um pouco bitolado nesse negócio de comprar revista e...

e de várias áreas, né? Eu como trabalho com a questão da adolescência bastante com as famílias, eu gosto de ter um... um amplo, assim... uma ampla gama de informações, né? E livros, com certeza, né? Nada substitui o cheiro do livro, né? (risos) Livro é muito importante, assim, né? Então, até... coincidentemente, eu tinha até esquecido que a gente tinha marcado hoje, por isso que XXX me avisou, e eu tava arrumando a nossa biblioteca técnica agora a pouco, assim, né? Então, eu fiz uma reorganização, que tava uma bagunça, tava procurando um livro outro dia... É, nós temos uma biblioteca técnica, né? É assim, sem nenhuma... não tem nenhuma norma muito certa, assim, de uso, né? Mas tem um papel no armário, assim, que quem empresta escreve ali e depois, quando devolve, risca. Mas a gente tem um acervozinho interessante ali, né?, na área da Psiquiatria, da Psicologia, da Pediatria, né? Então, a gente lança mão também da... desse acervozinho, né?

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Olha, um pouco agora a gente não vê, né? Acho que é... quem trabalha na nossa área, assim, da saúde, da educação, tem que ter acesso à informação o tempo todo. Porque os... as próprias pessoas que tu atende... trazem as informações muito... muito, assim... eles têm acesso à informação muito rápida, uma informação, vamos dizer que já vem digerida, direcionada, é... às vezes, bem complicada, né? Hoje... Agora a pouco, a gente tava atendendo um caso aqui de um adolescente que tava naquele... naquele site do Baleia Azul. Nós estamos atendendo ele agora, nesse momento. Então, se tu não sabe o que é Baleia Azul, tu não pode nem trabalhar hoje em dia com adolescência. Então, é uma notícia muito recente. Lógico, tá no Facebook, tá aí nas redes, mas tem que te aprofundar, né? Como tu lida com uma... uma situação concreta, né? Chega um adolescente com uma ideia suicida, sem... sem que a família tenha percebido antes, talvez, as coisas. Então, tu vai ter que tá preparado tanto pra lidar com o adolescente, quanto com a família, na questão da vida mesmo, na questão de perigo iminente, assim, né?, risco de vida. Então, se tu não tem a informação, tu não pode nem ser [profissional da área x], né? Então... Acho que é... é... a informação é, vamos dizer, é o algo mais valoroso que tem hoje na humanidade, né? É o que... É o mais caro, vamos dizer assim. Quem tem informação é... é rico, né? (risos).

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Pois é! Antigamente... [...] antigamente, a biblioteca era algo tão... era um espaço tão importante, né?, tão, assim... essencial na formação, as escolas tinham bibliotecas, né? Eu estudei sempre em escola pública, desde a pré-escola sempre teve biblioteca assim, acessível, né? Era algo muito importante. O bibliotecário era uma personalidade dentro da escola, uma autoridade, né? E... Então, eu acho que hoje... um pouco, isso se dissolveu assim, né? Eu acho que a população é muito afastada das bibliotecas. E... Até outro dia, eu tava vendo... a gente tem uma biblioteca pública ali no centro, né?, a [biblioteca x] e eles tavam fazendo... e de vez em quando, eu vejo notícias de atividades pra atrair, assim, né? Têm estratégias, tipo, chamar as escolas, fazer contações de histórias, né? Porque as famílias estão realmente muito empobrecidas culturalmente e é... por exemplo, às vezes, não tem livros dentro da casa da criança, né? Então, eu acho que hoje a biblioteca perdeu bastante o seu espaço dentro da sociedade e é uma pena, né? É uma pena, porque... aí, crescem crianças e adolescentes que só sabem escrever aqueles códigozinhos do WhastApp, né?, não sabem nem escrever. Tem um problema sério nessa questão da analfa... analfabetismo funcional, né?, Então, não sabem... não sabem interpretar um texto, não sabem ler, não sabem escrever, né? E o livro... O

livro, ele é... ele abre esse horizonte! Né? É muito difícil uma criança ter um livro na... Né?, disponível e não... não conseguir aprender, né?, a escrever, assim. Mas tem que ter o encantamento! Né? Então, eu acho que a função da biblioteca é... Né? Nesse sentido, assim, nessa parceria com a educação, é a questão do encantamento pela leitura, né?, pelo... E... Lógico, todas as bibliotecas hoje em dia têm que ter computador, têm que ter internet, têm... A biblioteca não é mais a do século passado, né? É assim que eu vejo!

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Uhum! Pois é! Eu nunca tinha pensado nisso, assim. Até uma vez, a gente teve um estagiário [da área x], que ele... vamos dizer que ele não tinha talento pra ser [profissional x], no nosso critério (risos). Mas ele tinha talento bastante talento de montar uma biblioteca e foi ele que montou a nossa biblioteca, inicialmente, né? Foi bem interessante essa iniciativa dele. É... Eu nunca tinha pensado num bibliotecário como parte da equipe de CAPS, né?, mas eu acho que pode ser uma... um profissional muito interessante, assim, no sentido esse de... de trabalhar mesmo a questão da... mais um instrumento pra trabalhar a questão da saúde mental. Então... Só que esse bibliotecário, ele tem que ter essa formação na área de saúde mental, né?, ou buscar essa formação. Porque eu vou te dizer que, às vezes... muitos de nós que chegamos, às vezes, a nível de CAPS, não tem uma formação específica de saúde mental, a não ser da graduação ou alguma coisa, né? Lógico que é um profissional que pode se desenvolver também nesse sentido, né?, seria uma ótima parceria, assim. Agora, rede de bibliotecas, tu diz todos poderiam usar todas as bibliotecas, todos os usuários? É, também! Acho que... hoje em dia a gente não se comunica muito entre os CAPS assim, a não ser dentro de um problema, né? Por exemplo, a gente atende uma criança que a mãe é atendida no CAPS II. A gente fala com o técnico de lá, etecetera e tal. Mas assim seria outra comunicação, né?, uma comunicação mais pela saúde do que pela doença, né? É interessante!

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Não, acho que é legal assim. Ah, uma coisa que é muito importante, que nós já tivemos muitos pesquisadores aqui dentro, é... o CAPS vai fazer treze anos agora em junho, julho e... depois dar a devolutiva, assim, né? É bem importante, assim, poder vim na reunião de equipe, a nossa reunião de equipe é sempre as segundas-feiras à tarde, né? Combinar com a XXX depois que tiver o seu trabalho defendido e poder mostrar pra gente o resultado da sua pesquisa e divulgar também junto ao gestor da... a nível de secretaria. Acho que isso é bem importante! A UDESC teve um momento que tinha uma parceria boa com a saúde, já faz bastante tempo. E aí, depois essa parceria acabou, né? Era uma coisa pra se reativar, assim. Com os alunos de graduação, por exemplo, da UFSC, graduação e pós-graduação, eles fazem estágio aqui. E da UDESC não faz, há muitos anos! Né? Seria bom, reativar isso assim e ter como recomendação!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 13 -** FLORIANÓPOLIS - 08/05/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Tá. Então, acho que o... o... nesse CAPS, [...] é... a gente faz atividade de reinserção social... Na verdade, acho que essa questão a gente trabalha em todas... todos os grupos que a gente faz aqui, né? Então, tanto em modalidade que a gente chama de grupo terapêutico quanto nas oficinas, é... o fato das crianças conviverem em grupo, é... e tarem... e sempre ter o adulto, o profissional mediador, eu acho que isso facilita esse contato com o outro, é... Enfim, de trabalhar toda essa questão da socialização. E... Outra... Acho que isso em relação aos grupos, só o fato deles... eles tarem vindo nos serviços também eu acho que são meios de reinserção social. É... Por que, enfim, tão participando de um encontro da rede, eles encontram pessoas, é... fazem vínculos afetivos aqui dentro com os profissionais e com outras crianças e adolescentes e eu acho que isso é fundamental. E eu acho que o fato de trabalhar questões emocionais, nesses... nessas atividades, diversas atividades, seja em conversas individuais, em conversas entre eles, assim, eu acho que vão... vai ampliando a capacidade dessas crianças e adolescentes, é... poderem reestabelecer os seus laços fora daqui.

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Então, eu acho que como... como [profissional da área x] sei lá... eu acho que... eu me nutro de vários meios de informação, os mais tradicionais, né?, com livros, textos, artigos. Há dois anos, eu concluí meu mestrado, então... E agora tô fazendo especialização, [na área x]. Então, esses são... a via mais tradicional, assim, né? Textos e artigos e publicações recentes, mas também sempre de olho em coisas, assim, artigos de revista, coisas na mídia, facebook, outras noticiais mais da mídia em geral.

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Ah, eu acho que é fundamental, assim, pro... pro profissional se manter atualizado, é... e estudar, né?, pra melhorar o nosso trabalho aqui dentro, a nossa clínica, é... acho que não só pra atualizar que tipo de tratamento a gente faze e a qualidade do nosso serviço, mas também pra nos nutrir, assim. O dia a dia é muito pesado e quando você começa a estudar, você começa a compreender melhor aquilo que tu tá trabalhando. Vira e mexe, assim, se eu tô em dúvida de alguma questão, né? Alguma situação mais difícil que eu acho que eu preciso rever algum tema ou... é... eu sempre busco ir atrás de novas... novas informações. Que é um desejo meu, é uma coisa minha de... de estudar, tô sempre estudando.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

O papel na sociedade... Então, a biblioteca acho que é um espaço muito interessante, né? Que eu acho que é um lugar sempre muito... me parece um lugar muito acolhedor. Acho que... quando me vem biblioteca, eu primeiro imagino o silêncio e a possibilidade de você parar e estudar, assim, né? Sai um pouco da loucura que é o dia a dia. É... E eu acho que é um espaço que poderia ser muito potente ou é, né?, de... desenvolvimento de muitas ações, assim, culturais, de... enfim, de interação. E... Falta... tem uma palavra... é que eu fui pro Chile há dois anos atrás e... e lá tem muitas bibliotecas públicas e... biblio... são prédios lindos assim, e com... com espaços que ficam abertos à noite e que é muito interessante. E é onde acontecem shows e atividades gratuitas e achei muito interessante pensar isso, porque tu perguntou e eu

lembrei disso, assim, um espaço que possa trazer vida e conhecimento, né? E a gente tem aqui uma pequena biblioteca, né?, um armário com alguns livros e é interessante, porque algumas crianças gostam muito de ler, que buscam e vem... Então, eu acho que é um espaço potente, assim, que... Então, acho que... é... Acho que por ser um espaço, é... A contribuição, né? Por ser mais um espaço público em que pudesse agregar pessoas. Um espaço onde as pessoas pudessem se encontrar, é... e pudessem "beber" cultura! Seja através dos livros ou através de eventos, que eu acho que poderia ser interessante, né? Que pudesse através, né?, na biblioteca se despertar esse desejo e o gosto por... não só pela leitura, mas pela cultura em geral, assim. Eu acho que isso... mas já seria um bom papel pra uma biblioteca (risos).

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

É... Não sei... Eu... eu fico pensando... Um coisa que eu penso sempre muito dos... das crianças e adolescentes, não só usuárias aqui do CAPS, que seria importante elas circularem pela cidade. Então, eu fico pensando que seria interessante eles poderem frequentar as bibliotecas municipais, os espaços que já existem por aí, né? É... Então, de... de potencializar isso, né? Essas ações das bibliotecas, mas... eu acho que essas redes de bibliotecas nos espaços de saúde mental, acho que também! Bem ou mal já existe. Eu não sei se... essa proposta, né?, isso que você perguntou seria uma outra cara, assim, uma coisa mais específica. É... mas eu acho interessante, sim! Pensar em mais um ponto de cultura, mais um ponto de apoio, de... de novos interesses, assim, pra traz... são novas possibilidades pras crianças. Acho que poderia ser interessante.

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Acho que não! Espero que eu tenha contribuído! (risos)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 14 -** FLORIANÓPOLIS - 09/05/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

É... nós temos um... um grupo na quinta-feira, que aí seria pra quem já é mais grave, tá estabilizado no momento, então que a gente entende que é... às vezes, não precisa ser uma coisa bem objetiva pra eles nesse momento, mas só a questão de estar num espaço e ter outras pessoas, já tem algum ganho. Né? Então, a gente tenta trabalhar com eles assim é... expressões de... de.. com desenho, pintura, convida pra que eles saiam um pouco, levamos eles caminhando até o... a Ponta do Coral, já falando, né?, do... da Beira-Mar e do que era a Ponta do Coral e o que é agora. Então, isso vai se desenvolvendo à medida que... que vai acontecendo. É... já foi proposto, daí o seminário... intensidade, é... passeios em espaços, assim, então dentro das possibilidades deles, né? Não é todo mundo que tá disposto a fazer isso. Então, assim, já foi levado eles numa mostra de arte no CIC. É... no ano passado, nós tínhamos o Arco-Íris que era um parceiro, então por parte deles tinha bastante... promovia muita

atividade cultural, de socialização, assim, era meio que um centro de convivência, né? Deu uma parada agora por questão da renovação de convênios, mas parece que já tá retomando também. A gente não tem alguma coisa, vou te dizer, fixo, já tudo estabelecido. A gente fica sempre buscando coisas, cada dia assim, então a gente tá sempre olhando o que tá acontecendo de mostras de... de arte, é... tem um grupo, agora eu não sei te dizer se permanece nesse ano, mas ano passado eu sei que tinha um grupo que era de passeios nos museus da cidade. Então, eles se reuniam pra fazer uma reunião – isso é de todos os CAPS. Então, a gente pode encaminhar também pra esses ambientes. É... nós agora estamos começando a... a reformar uma parte lá embaixo que a gente quer montar a nossa biblioteca, um espaço de leitura, né?, pra que eles possam, assim, ter acesso. É... a gente tá trabalhando muito no improviso, assim né? A gente tá passando por um momento bem complicado assim, de recursos, então, é muito do... da vontade de cada profissional assim, né? Mas a gente não tem algo estabelecido assim, né? Já, instaurado. Vai muito assim. Então, tem um [projeto x] que trabalha com essa parte também, que provavelmente XXX te falou, que ela acompanha, né?, onde é procurado isso... A gente tá elaborando um grupo de trabalho é... que não necessariamente é pra encontrar um trabalho, mas é pra... pra conversar com eles sobre a relação sobre o trabalho. Muitos adoeceram por conta do trabalho, né?, ou tiveram uma crise no trabalho que é onde tem essas situações de estresse, né? Até pra quem é um pouco mais organizado acaba gerando, então quem já tem um transtorno, né?, você consegue imaginar a proporção que isso toma. Então, vai discutir isso também, é um processo de ressocialização também, né?, e de... de reabilitação. É... eu tô com um projeto agora que vai começar é... na segunda quinzena de maio, que eu tô conversando com uma professora que eu tive na época que eu fiz [área de estudo x], então ela trabalha com uma parte que chama [área específica x]. Então, assim, ela gosta bastante de trabalhar com cerâmica, então, a minha ideia que ela até venha aqui pra eu apresentá-la, mas que a gente vá com eles lá pro IFSC pra ir procurando outros lugares, né?, ocupar outros espaços, né? Sair dessa coisa, pra não... daí tirar eles da luta anti-manicomial, não vai internar eles no CAPS, né? Então, vai procurando essas coisas assim, né?

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Olha, eu tenho... eu tô com alguns livros assim, que eu tô... que eu tenho pesquisado e olhado, assim. Eu não tenho muita paciência pra ler coisas contínuas, então eu pego mais de pesquisas pontuais, né? Então eu tenho... tô com um livro agora do Lacan que fala da psicose, então eu procuro coisas pontuais que me auxiliam. Tô lendo um... um outro do Freud que é da... que fala das neuroses, de algumas... pra gente... pra entender. Mas... é, revista eu não tenho nenhuma porque essas revistas, geralmente, são de Psiquiatria, então são muito voltadas para a área médica, assim né? Que... é, tem uma distinção assim, do... dos saberes, assim, e da questão da Psiquiatria assim, que ainda é muito medicalizada, né? Se pensa... muitos poucos psiquiatras pensam em alternativas que não o remédio, pras pessoas. Então, pra gente vai... acaba não tendo muito... né? Eu tava... eu estive conversando aqui no ano passado, de pesquisar alguns CAPS pra ver se têm algumas coisas que a gente possa aplicar aqui também, mas acabei não fazendo. Mas acabou que eu não ia conseguir... os livros que eu tenho, e aí seria a parte da [área x], assim, que acaba sendo voltada pra uma [área específica], e também não é o que eu gosto, não é o que me... não tenho, não é o que eu tenho afinidade. Eu gosto de uma postura mais alternativa assim, que saia um pouco desses modelos de medicalizar e de curar, né?, as pessoas. Eu acho que a gente tem que aprender, na verdade, a conviver com a

loucura, todo mundo tem um pouco, e harmonizar dentro da... do possível, e auxiliar eles nos momentos de crise assim, né? Então, extrapola.

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Ah, sim! Com certeza. É muito importante. Então, na verdade, eu não consigo pensar numa... numa alternativa. Eu acho assim que é... o convencional, o tradicional, pra se tiver pensando nos usuários, pra eles é muito pouco atrativo, né?, então, acho que teria que pensar numa outra maneira... pegar esse tipo de agora que seria também, mas eu acho assim, que livro e revista a gente acaba deixando pra eles assim, então eles... um ou outro pega assim e tal, mas eu não... tem todo o desinteresse. Talvez melhorando esse espaço, tornando lá mais aconchegante, que eles possam parar lá, né? Assim, a gente vai botar um sofazinho pra ver se fica mais interessante. Não sei te dizer o que poderia deixar isso mais interessante, mas eu acho que maneira convencional não vai... não atrai, assim. Não atrai a mim, então imagina... pra eles também. Eu sou meio preguiçoso de parar assim, de ler um livro inteiro, né? Não sou dessas pessoas.

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

A biblioteca... eu acho que ela ficou meio reduzida pro... pro... pra questão acadêmica, né? Eu vejo muito pouca gente procurar a biblioteca pro dia a dia, né? Eu mesmo não... não procuro. Eu acho que ficou... e tem essa coisa... que tem muita gente acessando informação na rede, assim, né? Então, grupo digital, aqueles de e-book também, tablete, onde você tem livros inteiros. Eu acho que as pessoas estão numa necessidade de ter essa informação mais pronta e mais rápida, né? Então, eu detesto... voltando pra questão anterior, eu acho que uma maneira, de repente, era... era ter mais filmes, documentários, ou... eu lembro que uma vez eu fui... é... precisava fazer o vestibular da UFSC e tinha os livros, 10 livros pra ler. E eu lembro que eu gostava de ver o teatro, e me ajudava depois pra responder as questões assim, que claro que eu não consegui ler os 10 livros, né? Então, eu lembro que o tea... eles dramatizavam aquilo e ficava... eu que sou uma pessoa, daí não sei se dá pra por pra maioria, que eu sou mais visual assim. Então, né?, dramatizando, um filme, contando as histórias dos livros, eu acho que seria uma maneira assim, que virasse atrativo. [pessoa chega e o entrevistado conversa com ela (09:10 a 09:49)]

Entrevistador: Você estava falando então, sobre...

Que fosse alguma coisa de filme, eu acho, digital, alguma coisa que... que fosse mais interativa, né? Não sei bem... que eu não tenho ideia daí, porque daí isso vai demandar um... um recurso, né? Mas um lugar onde eles pudessem pesquisar e ficar vendo, eu acho que seria mais atrativo.

Entrevistador: Outras fontes além daquela tradicional?

É! Outra, além de livros tradicionais. Mas a pergunta era sobre biblioteca, né? Eu acho que falta, eu acho que... que uma modernização, assim né? Porque assim, eu entendo todo o... todo o valor que tem, assim e tal, mas a gente tá... maneiras de acessar a informação estão mudando, né? Que eu acho que acaba que elas estão muito esvaziadas, a não ser quando o professor obriga que as pessoas procurem um livro e ele não tenha ainda de maneira digital,

né?, as pessoas acabam indo pra biblioteca. E a minha impressão é que elas estão mais esvaziadas.

Entrevistador: E a relação com a sociedade, como você a enxerga?

A biblioteca na sociedade. Então, é... eu acho que ela tem um fator... e aí foi de não determinar a biblioteca lá, física e tradicional, como no cenário que a gente imagina, mas é... a questão biblioteca, tipo assim, amplo, um lugar tem muito saber depositado, lugar onde você possa, como assim... é... o... é... o lugar instaurado aonde você busque conhecimento, né? E eu acho que é formador de sociedade, né? Na biblioteca que você vai encontrar livros de sociologia, de filosofia, de história, da parte de exatas, né? É aonde vai tá conservado. É... porque por mais que as pessoas não procurem agora, é bom saber que tem, né?, porque na hora que você precisasse ter um lugar onde vai buscar, facilita bastante, né?

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Ah, com certeza, são importantes. Muito importantes. Até tem é... nos terminais de ônibus agora tem, né? Então, as pessoas podem pegar os livros, e trocam, e colocam, se quiser doar você pode deixar livros também nos terminais de ônibus, ocupa um grande número de pessoas. Eu acho que... que tirar a biblioteca também de... de uma super-biblioteca grande e quer fazer micro-bibliotecas, eu acho que isso aumenta o acesso das pessoas, né? Eu acho que pro CAPS é importante ter também. Porque eu acho que... que... toda biblioteca demandaria de ter um profissional pra cuidar da biblioteca também. Então, eu acho que a informação seria melhor organizada, né? E aí se ela estando organizada eu acho que seria é... aumentaria também o atrativo dela, né? Por que eu acho daí cuidando da biblioteca e ela ali restaurada mesmo, como um local, vai ser melhor aproveitada, né?, melhor organizada mesmo, assim. É importante ter assim um espaço que seja a biblioteca e um profissional que possa cuidar também, né?

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Não, eu acho bem importante assim naquela parte, né?, do... eu acho que, é... pensar na modernização assim, do... do acesso à informação, né? Eu acho que não pode deixar de existir os livros... têm que ter os livros. Mas pensando já na maneira como as pessoas estão mudando, né?, na maneira de se relacionar, com o acesso à informação, pra elas poderem acessar a informação coerente também, que às vezes, quando vai e fica só de internet, essas pesquisas e buscas rápidas, tem muita... não tem filtro, né? Então, tem muita coisa ali, então a pessoa... tem muita gente que não tem essa parte crítica e o tal do bom senso, de poder separar. Então, eu acho que ter essa formalização também da... da informação, eu acho que é importante, né? Seria isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 15 -** FLORIANÓPOLIS - 09/05/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Assim, óh, a... a gente tem trabalhado bastante, é... com a Organização Não-Governamental Arco-íris. Não sei se tu já conheceu... e as atividades culturais, né?, e de socialização... o foco era que saísse um pouco de dentro desse CAPS, desse muro de CAPS e que eles pudessem circular em outros espaços que não só aqui, né? Os usuários do CAPS têm um vínculo enorme com a equipe e com o serviço, e existe uma resistência muito grande de sair do espaço CAPS, né? Então, a gente trabalhou muito com eles, essa questão que a saúde mental também se faz em territórios, né? E essa autonomia de circular, enfim! Então, o Arco-Íris é uma Organização Não-Governamental, que até ano passado, eles tinham convênio com a Prefeitura. Então, as atividades culturais, né?, tinha a... as reuniões de Economia, Solidária [...] Então, assim, várias oficinas mais ligadas à cultura e à arte, né?, lá. Em relação à leitura, acho que não tinha nada. Tá? Acho que não! Aqui nós temos uma biblioteca... a gente organizou um espaço de leitura, muito humilde, simplíssimo, né? Com doações de livros, assim, então eles vêm aqui, eles ficam à vontade, buscam, levam pra casa, enfim! Não existe um controle, também não existe um estímulo à leitura. Fica realmente um espaço se eles quiserem, sabe? Então, mais nesse sentido, assim! E aí, outras parcerias, né? A gente faz aí, contato com o CIC, quando existem algumas atividades pontuais, mas seria mais nesse sentido, né? Aqui no CAPS, os projetos terapêuticos, geralmente têm mais... mais essa linha, assim de grupo psicoterapêutico, oficinas, né?, grupos socioeducativos... Então, é mais nesse sentido que a gente trabalha aqui mais um projeto de terapeuta-usuário... [...] tem o [projeto x], que é um grupo que a faixa etária tá entre 18 e 24 anos, geralmente, né? O objetivo é trabalhar com a socialização e também na... nas questões dos direitos deles, de acesso e garantia a direitos. Também são o maior foco, né? Porque são pessoas que são muito isoladas, né? Geralmente, passaram por uma trajetória na escola muito ruim, com muito bullying, muita discriminação. Tem baixa escolaridade, geralmente, concluíram até no máximo ali, quinto ano. E realmente, foi um trauma na vida deles essa questão de escola e, enfim. Então, nesse espaço, eles se encontram, então eles se identificam entre si e o perfil é muito unânime, assim. O [grupo x] 90% são meninos, todos com o mesmo perfil. Então, aí se formou um grupo muito legal, né? Então, eles já criaram grupo no WhatsApp, tão... então, ficou um grupo de socialização mesmo, em que eles ficaram amigos, assim. Então, isso é importante. Então, é o espaço de socialização que eles encontram aqui. E o outro grupo que eu coordeno, é um [grupo y], né? Que é essa demanda do espaço de cuidado do cuidador. E também de compreender qual o contexto social que esse usuário tá inserido lá em casa. Que é uma queixa muito frequente, é os conflitos familiares, né? Então, se a gente conseguir mediar, assim, e trazer a família como uma rede de apoio e uma co-participadora do tratamento é importante! Então, vou falar desses dois que eu coordeno. Falo com mais propriedade. E aí, têm vários outros grupos que, aí, depois eu posso te dar a tabela pra tu saber. Então, são muitas atividades!

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Sim! Olha, a gente tá... a gente usa muito a internet, tá? Até porque a gente tá sempre fazendo algum planejamento pro grupo jovem em relação à garantia de direitos. Então, a gente conversa bastante com eles, dependendo das demandas que eles trazem, né? Então, a internet é uma ferramenta bem importante. Foi uma luta, inclusive, dos usuários para que a gente tivesse uma wi-fi pra eles aqui. Então, assim, é um... é uma ferramenta bem legal. Tem! Hoje tem wi-fi aqui no CAPS. Inclusive, pra eles que tem liberada, então, foi uma conquista da Associação dos Usuários. Foi bem legal! E... a gente usa... utiliza pouco, tá?, desses recursos, assim, de revistas... Aqui o jornal que chega é pra fazer oficina de artesanato (risos). Então, assim, não existe, assim, uma oficina que aborde essa questão da leitura, da escrita, não tem, não tem!

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Ai, eu acho que é fundamental, né? Porque os usuários, eles não vivem, né?, numa bolha. Então, eles... geralmente, os meios que eles utilizam pra se informar é a televisão, que é uma mídia super tendenciosa, enfim! Então, o que que a gente faz? Geralmente, no... no [grupo x], às vezes, a gente... as temáticas são: - Quais são as notícias que vocês viram veiculadas na... na mídia essa semana? A gente teve encontros assim, então, têm várias discussões, né? E aí, a partir do que eles trazem a gente tenta delegar, assim: - Vamos pesquisar sobre esse assunto? – Vamos ver o que que tá trazendo em outros lugares que não na... na televisão? E aí, eles trazem pro próximo encontro. Então, a gente faz isso também, mas mais esse debate, né? Não assim de questão de... partido político, mas de políticas como um todo! Então, a gente faz assim.

Entrevistador: E essas informações para a questão profissional?

Ah, então, a gente não... a gente não... Assim, as nossas formações aqui... Geralmente, a gente tem uma reunião de equipe [...], né?, e que aí é que estão trazendo as abordagens do fim da semana, né? Mas, assim, não tem muito... A gente não tem muito. Então, é uma coisa que falha bastante! Seria bem bom se tivesse. Não tem!

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Sim! Nossa, eu acho a biblioteca um espaço muito importante! Não em função de ter os acervos de livros, os acervos é... online, enfim! Mas eu acho um espaço de encontro também, seria muito interesse de formação, né? De... formação cultural mesmo, não... não numa questão de cumprir currículo, mas assim, de ampliação mesmo de cultura, de vocabulário, de conhecimento de mundo mesmo, né? Acho interessante. Não vejo isso acontecer aqui no CAPS. Nenhum estímulo. O que a gente faz é muitos encaminhamentos pra Educação de Jovens e Adultos. Tá? Então, geralmente, a gente ainda vê assim, a questão da escolarização voltada à instituição escola e não, assim, como um prazer de frequentar a biblioteca. Não existe essa postura. Nem de encaminhamento, tá? Que seria uma... uma boa reflexão (risos). Né? Que é um espaço riquíssimo! É um momen... é uma coisa prazerosa, né? De que tu pode escolher os livros que tu tenha vontade de aprender sem ter que cumprir um currículo. Com certeza, é um espaço de se pensar sobre isso! (risos) Foi boa reflexão!

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS?

Ai, excelente! Ai, eu acho que são muito importantes! Acho que poderia, inclusive, ser um espaço terapêutico dentro de CAPS, né?, pras pessoas que se interessam, que têm o gosto pela leitura, acho que seria ótimo, assim, se a gente tivesse esse projeto. Acho riquíssimo, inclusive, foi importante assim, a tua entrevista pra despertar na gente, né?, um espaço pra isso. Ou não dentro do CAPS, mas o convite de conhecer bibliotecas, de fazer uma atividade levando eles a conhecer esses espaços, né? Que ainda são estigmatizados... me dá a impressão, assim, né? Não sei se é a realidade, mas de que é um lugar chato. Né? Não sei se tem esse... Né?
Entrevistador: É verdade!

Essa concepção. Então, nunca foi debatido isso com os meus usuários, por exemplo. Eu vou levar essa discussão, vai ser um lugar que eu vou... que a gente fala muito, assim, óh, da questão artística, cultural, específico, da dança, da música, das artes plásticas, né? O cultural numa questão de leitura, uma leitura prazerosa, que eles escolham sem ter que cumprir tarefas de escola, seria ótimo! Né?

Questão 6 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Sobre alguma coisa que de repente, você não falou ou sobre a pesquisa. Fique à vontade.

Ah, então, eu achei muito interessante a sua pesquisa. Trouxe reflexões, assim, pra mim, que inclusive, eu vou trazer amanhã na nossa reunião de equipe[...]. Acho muito legal. Primeiro, que a gente tem um espaço de leitura que não é explorado. Talvez, se fosse incentivado pelos técnicos, talvez se tornasse também prazeroso, né? Fica como uma prateleira onde tem os livros, né?, mas não existe um convite, uma atividade, uma roda de conversa, um piquenique, né? (Risos). Algo assim, que envolva leitura. Então, acho que é bem importante! E... Claro, que também, nós temos muitos usuários com baixa escolaridade que, às vezes, têm uma dificuldade com a leitura, mas tem muita gente que contemplaria, assim, né? Seria legal, o que não lê, mas que pode participar de uma leitura de quem lê. Assim, são vários... Eu achei muito legal! Muito bom o teu tema e muito reflexivo! Vou levar pros grupos que eu coordeno! Tá? Parabéns!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 16 -** FLORIANÓPOLIS - 10/05/17

Questão 1 - Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Nossa! (risos) Bem... bem grande essa pergunta! Bom, assim, praticamente todas as oficinas, elas... eu acho que são... as... as atividades em grupo são as que... que... mais evidentemente assim, conseguem trabalhar nessa lógica de uma reinserção, né? É... a gente tem oficinas de dança, a gente tem oficina... oficina de material... de criatividade pra cuidadores, ahm... oficinas temáticas, né?, de jogos... de... não é temáticas, é por faixa etária e a gente trabalha jogos, argila... mas todas... é... a questão da socialização da criança e do adolescente, uma conscientização de como cada... cada criança se coloca no mundo. Então, a gente busca que as crianças consigam, é... lidar com essas coisas, com seus sofrimentos e lidar com o outro. Né? Na medida que ela tá lidando com o outro, ela tá também é... exercendo a sua cidadania, sua forma de tu conseguir respeitar e escutar e se relacionar com outro não só aqui dentro, mas lá fora também. Então, a ideia é ajudar ela a estar se reinserindo nos ambientes que ela rompeu laço social. Né? Que é a escola... muitos aqui tão fora da escola. Tem que ter os familiares... o tempo todo, né? Então, assim, na família é... muitas não conseguem nos conflitos importantes. Então, assim, a família é um dos... é o primeiro elo, é o nicho, assim, social, aí depois vem... tem a escola, os lugares... associações, igrejas, né?, onde elas transitam. A ideia é que elas consigam, é... reestabelecer os vínculos sociais. Então, as oficinas terapêuticas vêm pra isso também, não só isso, mas é uma dos... um dos modos da reforma psiquiátrica, né?, é reabilitação psicossocial. Então, a gente tenta, nem sempre, é claro, né?, que a gente consegue ter sucesso nos casos muito... muito graves, e... mas a ideia da oficina é essa. Então, os

espaços de oficina e grupos são os principais pra reinserção social. Atendimentos familiares, a gente orienta... a gente muitas vezes reinsere também no mercado de trabalho... os adolescentes, principalmente, né? Então, a gente trabalha é... temos alguns adolescentes aqui que a gente sabe que faz CEJA, eu acho que o EJA, o Jovem Aprendiz, né?, que são programas pra... pra reinserção em trabalhos propriamente. Porque na... com a criança fica mais difícil. Então, a gente... relativamente, a gente tá mais com a criança ligado com as escolas e projetos sociais. Então, a gente tenta reinserir a partir do atendimento com as famílias, eles nesses ambientes, e os adolescentes mais no mercado de trabalho, e escola, enfim! Né? Então, eu acho que os atendimentos de orientação mais familiar e as oficinas de grupos terapêuticos que são ocupados de... que buscam a reinserção, né?

Questão 2 - Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Uhum! Eu acho que a gente busca livros, né?, dentro dessa área temática da infância e da adolescência. A gente tem uma bibliotequinha nossa aqui do técnico que a gente, de vez em quando a gente consulta. Têm artigos na internet, então, assim, a gente trabalha muito a demanda, o que tá aparecendo mais pra gente, a gente vai buscar em nível pessoal. Né? Até a gente aqui tá... a gente estava discutindo segunda-feira na reunião de planejamento, a gente tava rediscutindo a necessidade de estudar junto enquanto equipe, de trazer... [...] e a gente estudar junto enquanto equipe, porque isso é uma coisa... Por exemplo, até o CAPSAD, ele... ele já faz há um tempo, estudar teoricamente, né? A gente ainda fica cada um por si. A gente tem uma grande dificuldade realmente de... de sentar e fazer esse... essa atividade: estudar junto, sabe? Aí, a reunião de planejamento... as reuniões vão e a gente não faz... não consegue. A gente tem que dá conta dos casos... Então, é uma atividade da equipe de sentar e estudar. Então, cada um busca... Eu busco livros, artigos, não uso muito a internet e o... aqui, livros daqui e livros em casa que eu tenho. Né? Mas eu gosto muito de papel, de livros, assim. Eu tenho dificuldades também com internet e ficar lendo em outro lugar, eu também não curto. Então, é... eu vou buscar, eu acho que só nessas fontes, assim, de literatura mais atual, né? Tem os grupos também... quando é com autismo, a gente tenta buscar é... atividade... é... lá [na cidade x], tem um núcleo. Então, a gente fica antenado nas... nas notícias que tão chegando, né?, pela internet e os livros mais atuais, assim. Acho que é isso!

Questão 3 - Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Eu acho... eu acho importante, eu acho fundamental pra nossa... pra gente poder ter uma qualidade no nosso atendimento! Eu acho que ainda a gente ainda faz pouco acho que em termos da gestão, né?, o... o município foca pouco nisso, né?, nessa... numa... numa capacitação, numa... em dar acesso a revistas, a livros que... que possam vir pro CAPS e: - Olha, né?, é... Claro, que a gestão toda vez que recebe alguma coisa da área da saúde passa pra gente, né? Mas eu percebo como assim, é fundamental. Acho que a gente precisa o tempo todo estar se atualizando para poder fazer o trabalho melhor. É a qualificação do trabalho! Eu acho que é pra isso que tu tem que ter acesso às... às informações, né?, via... via papel, via internet, a gente precisa disso. Não tem como trabalhar saúde mental se não... não tá... estiver estudando, assim, sobre o... o tema, assim, né? Acho que essa é... não sei qual mais é importante... acho que é importante qualificar o trabalho, qualificar o atendimento, né?, óbvio! Ahm... as discussões dentro da equipe também. Os estudos de caso ficam com mais... com

mais qualidade, né? Então acho que é isso, é na assistência e na relação interdisciplinar, né? Qualifica!

Questão 4 - Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

(Risos) Olha, dizer... eu nunca pensei sobre isso. É... A biblioteca... então, é a biblioteca! A biblioteca não pode não existir. Pra mim, é... a biblioteca instituição, acho que ela tem que tá preocupada sempre em tá se renovando, em tá interessante, em tá fazendo sentido... Porque eu não sei, eu não domino... eu sou ignorante com relação ao que que é uma biblioteca, a biblioteca virtual, a biblioteca não... não interessa. Eu acho que ela tem que tá sempre se atualizando pra poder é... continuar dando acesso à sociedade na questão cultural, a questão, das gerações, aí, né? Então, acho que ela precisa tá presente. E essa questão das bibliotecas aqui no CAPS é... foi... foi alguma ideia que já faz uns anos, né?, que a gente foi juntando livros, era uma coisa que não tinha e que... acho que foi uma iniciativa... acho que foi dos estagiários... os estagiários que começaram isso daqui [...]. Então, eu vi o quanto é importante. E acho que a gente faz pouco sabe? Eu não consigo dar... uma impor... não é dar importância, dar atenção pra isso quanto eu acho que ela merece, assim. Então, é legal essa pesquisa para poder trazer essa nossa... Né? Poder reformular, investir mais, sabe? Porque ela... ela é pra mim, é um patrimônio do... da população, da sociedade. Ter uma biblioteca e tu ter a memória, né? É tu poder pensar... pra mim... passado, presente e futuro... do cidadão, da comunidade, dos povos. É tudo que tem... do mundo, né? Então, precisa ter... todo mundo ter que ter acesso, não pode se elitizar, né? Então, precisa ser pública, entendeu? É preciso biblioteca pública cuidada, todo mundo bem lá dentro, entendeu? Que seja bom ficar ali, sentar né?, ler, ter silêncio, ter um ambiente gostoso. Acho que tem que... é um investimento que pra mim, tem que... tem que haver. O Estado tem que prover e as outras instituições também, né? Pra mim, todo mundo deveria... biblioteca deveria ser uma prioridade também, né? Acho que é isso.

Questão 5 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Sim! Eu achava... Eu... eu precisaria de ajuda mesmo! Eu acho que se tem gente pra ajudar, a gente aceita... fazer uma rede, eu acho que seria muito legal. Daí, claro, teria que, né?, aqui vai ter que todo mundo se mexer, vai ter que ver... teria que ver como é que seria o ambiente, de que forma faria essa rede, né?, como seria o acesso dos usuários, trabalhadores... Isso tudo teria que conversar, mas eu acho... pra mim é muito legal a ideia de ter... dos CAPS terem uma biblioteca, mas tudo mais assim, normatizado. Não é normatizado a palavra, que eu acho meio.. é enrijece (risos)! Mas assim, é... essa rede mesmo, de poder falar mais sobre isso, poder colocar isso na pauta sempre, né? Porque fica do lado ali, fica relegado, entendeu? Fica: - Ah, e daí, vai ficar bagunçado a biblioteca? Daí ninguém sabe. – Ah, como é que estão os livros? Como é que estão os números? Ninguém já nem me fala e eu não sei o que tá acontecendo. Então, de repente, se faz uma coisa mais institucionalizada, eu acho que ajuda. Porque também, ok, é uma instituição dentro da instituição. Então, assim, se tiver isso de uma forma mais já certinha, eu acho que já ajuda os trabalhadores a tá se... se envolvendo melhor, entendeu? Pode dar uma força quando tá institucionalizada. Então, dá uma força pra que a gente realmente tenha que cuidar e tenha que dá atenção, entendeu? Por mais que tenha um monte de trabalho, eu acho que isso aí, a gente pode eleger uma dupla pra ficar... não há problema. Sabe? Não vejo! Eu acho que é uma boa ideia. Entendeu?

Questão 6: Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

É. Eu não sei. Eu acho que... fiquei pensando também, né?, que... dessa questão da reinserção social, da reabilitação que como as crianças leem pouco, né?, assim. Como as crianças... Ai, tá tão difícil assim, sabe? Trazer essa... E como seria, de repente, uma oficina aqui de leitura, sabe? É sempre muito... Vou te falar... porque aqui, a gente vê muita criança que não sabe ler, né? Então, assim, é muito séria, é muito grave a situação que tá acontecendo. Criança passando de ano sem saber ler e escrever. Então, de que forma fazer uma oficina ou a biblioteca poderia... poderia pensar em... porque não tem uma psicopedagoga aqui, né?, que pudesse também ajudar nesse... numa oficina dessa, por exemplo. Ou profissionais da Biblioteco... Biblioteconomia, é né? Bibliotecários pudessem vir. De que forma fazer um projeto pra poder fazer essa oficina. A gente poder receber mesmo, né?, estagiários. Daria pra ver que esquemas daria pra fazer. Porque a gente carece de formação também nisso, mas trazer essa... essa imaginação, essa fantasia pra algumas idades aqui que não tem. Se perdeu a fantasia, se perdeu essa capacidade de sonhar, de... de imaginar outro mundo, né? Eu acho que a gente tá vivendo uma era muito... muito difícil, assim, tanto pras crianças quanto pros jovens... de desesperança, assim. E acho que as histórias que a gente puder trazer de contos de fadas ou histórias do mundo, né?, coisas que possam resgatar essa... esse dentro, né?, das crianças e adolescentes. Porque tá muito difícil! Daí, vão pro virtual, vão pro Facebook, vão pra era do espetáculo, da imagem. O tempo todo, sabe? Pra gente aqui é... agora é a realidade, essa é a realidade! Né? Então, a gente precisa resgatar outros pra não ser tão única, né? É isso que eu acho. O único é um problema, né? Tem que poder dar diversidade, oferecer... o que eu vejo é que ninguém... não estão nos oferecendo outras coisas e fica... só quer ficar na TV, no... na tecnologia atual, né?, do grupo social e das redes sociais que tá um perigo. Tá causando sofrimento e já tá chegando aqui, né? Já tá chegando! Então, é muito triste. Eu fico muito triste com isso. Mas é isso... Então, acho que a biblioteca é uma forma da gente resgatar isso, assim, né? Então, é isso!

APÊNDICE K - Instrumento de Análise de Discurso – IAD 1 (Profissionais)

Questão 1: Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
P1	*Então, é... eu estou aqui há um ano, quase dois anos aqui no CAPS, né? E nos primeiros meses aqui eu tinha um grupo de reinserção social. Esse grupo de reinserção social era justamente o que eu vim trabalhar a questão da... das pessoas, com geração trabalho e renda, com curso profissionalizante, quem tava desempregado, quem pedia uma orientação. Tinha toda essa finalidade, além da gente também trabalhar com temas, né? [...] o CAPS não trabalha somente com a questão clínica, né? A gente trabalha sobre a questão física, com medicamentos, e existe a questão social, tem a questão psicológica, né? E a questão social é aquela única questão também do trabalho, dos cursos, da comunidade, da família, né?, do lazer, de todo o contexto social, e que a gente teria que colocar esses termos, né?, nas questões que a gente tá discutindo. [...] Então, mesmo que não tenha um grupo normalmente de geração trabalho e renda, de reinserção social, tem todo esse trabalho de forma individual.*	Grupo de Reinserção social Retorno à rotina de estudo ou trabalho Todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social dos usuários
P2	*Então, assim, a gente aqui no CAPS a gente faz atendimentos individuais, né?, de psicologia, de psiquiatria, e têm as atividades em grupo que aí tem profissional de nível, a maioria, de nível superior que faz formação, a maioria da área da saúde, e têm alguns que é educadora artístico, outra área e tal. É... eu acredito, que todos nós de alguma maneira, é... trabalhamos no sentido de tentar desenvolver a autonomia da pessoa, né?, assim, do ponto de vista da reinserção social. Eu faço um grupo [projeto x]. [...] A gente fala sobre família, profissão, mente-corpo, espiritualidade, relação com a comunidade e finanças. O cronograma é isso. Eu fico três semanas no mesmo tema com eles. Então, a minha intenção é que a gente possa refletir um pouco sobre como, por exemplo, assim, pensar numa família, como foi minha experiência com família até hoje, né?, do passado pro presente, e como eu gostaria que ela fosse pro futuro.*	Todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social dos usuários Grupos ou oficinas terapêuticas Transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos
P3	*A gente tem um grupo específico que chama grupo [projeto x] que trabalha com pessoa... que são encontros com grupos pequenos, né?, que trabalha com a pessoa... vinculação com a família, vinculação com o trabalho e tenta ver como é que a rede dela tá estruturada e como ela poderia ampliar essa rede, retomar contatos... [...] a gente também tem um grupo que chama "Trajetos culturais" que é... o pessoal, sai um grupo daqui e vai para alguns espaços culturais da cidade. Em geral, são museus, espaços de cultura, exposições, enfim. Com a ideia da pessoa se inserir nessa questão cultural que,*	Grupo de Reinserção social Transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos Visita aos espaços

	muitos deles nem tiveram contato prévio, alguns tiveram, mas talvez ficaram longe por muito tempo, né? [...] até onde eu sei, não são feitas visitas a bibliotecas, por exemplo, agora lembrando do tema da pesquisa, não. Hoje o "Trajetos culturais" não vai às bibliotecas.	culturais da cidade
P4	*Bom, acho que as atividades... tem algumas atividades específicas que são alguns grupos, mas acredito que... assim, o nosso CAPS AD, mais específico pra álcool e drogas, o objetivo principal no tratamento das pessoas que estão aqui, na verdade, no acompanhamento, é a reinserção social.[...] O "Trajetos culturais" é um grupo que foi criado pra que as pessoas que participam aqui se apropriem dos espaços culturais da cidade. Então, são visitados alguns espaços em que eles já... museus, é... galerias de arte e espaços culturais onde tá se conversando sobre cultura, lazer. E o objetivo é levá-los até lá pra que as pessoas conheçam, saibam como... como ir, se apropriarem pra ter uma outra perspectiva com relação ao... né?, ao uso de álcool e drogas. [...] têm parcerias nos locais, principalmente na Fundação Cultural Badesc, que tá lá no Centro de Florianópolis. Então, toda quinta-feira à tarde eles visitam algum espaço que tenha... que fale sobre cultura e lazer.[...] E também tem o grupo [projeto x], que eu tinha esquecido. Ele... no momento, ele não tá acontecendo aqui no CAPS porque a demanda tá um pouco baixa de usuários. Mas é um grupo em que os técnicos buscam atividades na... no município de entrada gratuita, né?, e conversa com eles pra que também se apropriem desses espaços.*	Todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social; Visita aos espaços culturais da cidade Participação em eventos gratuitos
P5	*A gente tem aqui no CAPS... tem um grupo de "Reinserção social" que é eu mesma que conduzo, aqui no CAPS, semanalmente. Então, é trabalhado algumas questões de educação, trabalho, reinserção no local de trabalho, de educação, familiar também, a gente monta um projeto de vida com alguns planos de intervenção a curto, médio e longo prazo, pra eles conseguirem estabelecer algumas pequenas e outras grandes metas [...]. A gente também trabalha com economia doméstica, porque a gente percebe que eles têm bastante dificuldade de lidar com... com dinheiro. Então, a gente pensa junto em estratégias a ajudar eles nesse sentido, né?[...] Ahm... Temos... eu acredito que o grupo também "Trajetos culturais", que é um grupo também semanal onde eles fazem saídas pra visitar espaços culturais do município de Florianópolis. Então, eles vão a eventos, exposições, conhecem alguns locais. Então, acho que isso também seria esse movimento de reinserção, de espaço cultural [...]. Então, o pessoal que faz esse projeto, a gente pensa numa dem... num público que já tá um pouco melhor, já tá estabilizado do seu quadro, e já conseguem... é... sair, né?, porque eles vão de ônibus. Então, é... de fato, é um trajeto mesmo, onde os técnicos acompanhas os pacientes. [...] Também os grupos... o [projeto x] também, que acontece aqui no serviço três dias por semana, com a nossa artista plástica, educadora artística, a XXX, acredito que também é um espaço importante*	Grupo de Reinserção social Retorno à rotina de *estudo* ou *trabalho* Transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos Economia doméstica Visita aos espaços culturais da cidade

	bem cultural que eles se apropriam. Na minha visão, é extremamente importante nesse sentido de que eles são... ahm... eles têm muitas representações sociais, né?, sobre a questão da dependência química, sobre o dependente, sobre o louco, né? [...] Pra educação também, então, eu sempre trago vagas disponíveis de... cursos profissionalizantes ou de retorno ao ensino fundamental, ensino médio, né?, o que seja. E o EJA, vagas em aberto, horários de... horários de aula, onde cada um pode estudar ou que pode... tem a meta de voltar a estudar...	Atividades de arte e artesanato
P6	*Ahm... eu me sinto mal porque tinha um grupo que eu fazia que era muito, ahm... interessante pra isso. Só que com o tempo e a falta de apoio da equipe, eu tive que parar de fazer. Chamava [projeto x] e era especialmente pra falar sobre isso, né?, sobre a falta de cidadania que a maioria dos usuários deste CAPS têm, e a falta de conhecimento sobre os direitos deles. [...] o que a Câmara Municipal faz? O que que a Assembleia Legislativa faz? Aí a gente teve as visitas guiadas, da Câmara à Assembleia. O que que o Congresso fazia? Né? Como é que era o sistema político brasileiro? Questão do voto. Como é que se escolhia um bom candidato. Era muito interessante o grupo. [...] E eu acho que antes de tudo, eles... falta muita cidadania pra eles, né? Normalmente, eles já vêm com escolaridade bastante baixa, ficar no mesmo meio de um torturado. Que a questão da dependência química, muitas vezes, é... direcional, né? O pai que vive na dependência química, ou a mãe. Então, não tem um ambiente acolhedor que tu possa estimular uma leitura de um bom livro, que notadamente, muitas vezes, não tem condições de comprar.*	Grupo sobre cidadania, direitos e deveres
P7	*Eu penso que desde o acolhimento, quando a gente recebe a pessoa, nós já pensamos em reinserção social. Quando a gente questiona a pessoa o que que ela tá fazendo lá fora na sociedade, na família, na comunidade... uma pra entender o prejuízo que ela tá sofrendo, e outra pra entender qual é o sofrimento que isso tá causando nela. Então, acho que desde o acolhimento. Depois quando faz o projeto terapêutico singular, que é algo em conjunto com o paciente que ele vai dizer: - Eu gosto dessas atividades, eu posso essas, eu quero essas... em conjunto.[...] Ano passado nós tínhamos atividades no Arco-Íris, no Instituto Arco-Íris, esse ano ainda não começou, porque não foi refeito o convênio. A gente tem o próprio grupo "Trajetos Culturais", que a gente sai às quintas-feiras, que é um grupo com pessoas que já estão há mais tempo no CAPS, que é conhecer museus, pontos históricos, os fortes de Santa Catarina. É... entender e compreender a cidade de outra forma, né? Não como um usuário de drogas, mas sim como um usuário da sociedade em si. [...] Eu penso que hoje os "Ateliês de artes" que têm aqui, principalmente os de segunda-feira, que é voltado bastante pra reinserção financeira da pessoa, porque que*	Todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social; Parceria com ONGs Visita aos espaços culturais da cidade Atividades de arte e artesanato

	se de alguma forma a pessoa vai produzir uma peça artesanal de argila, vai providenciar a venda disso, vai poder, desse pequeno retorno, começar algo de reinserção social. [...] o [projeto x] prepara a pessoa – que é um outro grupo que outra profissional faz aqui, pra começar a entender que a... é um momento interno, mas que ele vai exteriorizar isso quando ele começar a conseguir a diminuir ou parar de usar drogas.	Geração de trabalho e renda Transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos
P8	*As atividades com formato de oficina, que eu te diria assim, que parte... que fazem parte desse rol, aí, de... de incentivo à cultura, inserção da cultura, é... são atividades ligadas à... às artes ou artesanato. É... A gente tem atualmente uma [oficina x] pra pacientes psicóticos, né?, onde os pacientes psicóticos são graves, com quadro instável. [...] Oficinas de Arte no CIC, ONGs nos bairros, atividades de cinema que têm por aí a gente encaminha, mas não é a gente que promove, né? É... Vinculado às Comissões, a gente tem, aí, uma... uma comissão de direitos e cidadania, uma... é... de reinvindicação, assim, pela estrutura física da casa, né?, e outra de economia solidária, que também, aí, trabalha com essas linguagens artísticas ou... ou de artesanato visando geração de renda, né? [...] A gente tem muitos pacientes aqui que não concluíram o ensino fundamental ou não concluíram o ensino médio e... em outras oportunidades a gente encaminhava pra EJA, CEJA e tal. [...] Então, a gente propôs uma atividade que acontece nas quintas de manhã, é... que tem o objetivo, inicialmente, de ajudar essas pessoas a ver as possibilidades de estudos, né?, educação formal ou não e... é... apoiá-las nessas dificuldades que elas encontrem e também dar orientação, daí, pras instituições que vão oferecer os cursos, né? Essa é uma... uma iniciativa que eu acho bem importante e recente.*	Atividades de arte e artesanato Grupo sobre cidadania, direitos e deveres Geração de trabalho e renda Retorno à rotina de *estudo* ou *trabalho*
P9	*A gente tem uma equipe que é uma Comissão do HCTP que é do Hospital de Custódia de Tratamento Psiquiátrico, que é o Antigo Manicômio Judiciário. Então, a gente recebe usuários de lá num convênio com... com a Prefeitura, que são 10 usuários que estão em processo de alta em medida de segurança que estão vindo pro CAPS. Então, eles fazem atividades aqui, por exemplo, têm atividades de... de... fitaria, tear e pintura aonde eles fazem trabalhos que depois são expostos em... em feiras, ou aqui no... ou até aqui no CAPS mesmo, eles mostram trabalhos pra outros usuários, pra familiares e vendem esses trabalhos também. [...] A gente utiliza muito dos estágios também da Psicologia, do Serviço Social e da Enfermagem para esse trabalho de reinserção, que é conversar com pessoas da sociedade, pessoas que estão em processo de alta hospitalar ou do HTCP que vão ser reinseridas na sociedade, a gente funciona como um atendimento terapêutico. [...] De buscar o... retomar o vínculo familiar com... né?, com quem tá perdido, fazer esse resgate. É... Cidadania e autogerenciamento da vida, né?, então, é... as equipes... a nossa equipe mais os*	Atividades de arte e artesanato Geração de trabalho e renda Todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social

	*estagiários... Então, eles vão buscar lugar pra morar, é... ver como que o usuário tá se virando sozinho, de repente, questão de mercado, atividades de vida diária. [...] Uma oficina que vai iniciar na semana que vem, que é o [*projeto x], *que é chamado assim, justamente pra que eles ou quem têm dificuldades de retomar a atividade, ou não consegue mais fazer uma determinada atividade, mas de repente se vê com projetos ou perspectivas de fazer uma outra coisa que eles não pensavam anteriormente...*	Retorno à rotina de *estudo* ou *trabalho*
P10	*Bom, as atividades de reinserção, elas estão assim, ahm... mais... ahm... sendo realizadas por uma educadora artística que existe aqui, chamada XXX, e ela tem, assim, claro, junto com aquilo que é estabelecido durante nossas reuniões técnicas, projetos, ahm.... "Trajetos culturais", né?, aonde os pacientes num nível já de tratamento que permita sair do CAPS em segurança junto com esses profissionais... a educadora artística e outros profissionais, né?, possam... ahm... realizar, né?, vamos dizer assim, atividades culturais, trajetos, né?, em busca das atividades culturais, ahm... e, ao mesmo tempo, estar ressignificando as suas vidas saindo sem precisar, né?, estar sob efeito de substâncias como antes, né? [...] São várias, é... cinemas, é... projetos, né?, que muitas vezes, ahm... fazem convênios, parcerias, né?, ahm... o BADESC, ahm... isso aí, talvez você tenha informações melhor respondidas com a educadora artística ou com quem está à frente disso aí.*	Visita aos espaços culturais da cidade
P11	*Por exemplo... eu trabalhei muito com a estagiária [da área x]... e também de tá conversando com o usuário, pra tá mostrando pra ele como se comportar numa entrevista de emprego, a utilização de uma roupa, não chegar atrasado, como fazer um currículo, né? E isso como uma forma de tá adentrando ao mercado de trabalho, que seria uma reinserção social, né? [...] A gente tem algumas parcerias com, por exemplo, tem o Instituto Arco-Íris que eu acho que você já ouviu falar, né?, dos outros CAPS também. Pra criança e adolescente, aí tem bastantes projetos sociais. Então, escola livre de música, né?, é... Assim, quanto mais a gente consegue fazer o projeto terapêutico que a gente diz, pra fora dos CAPS, melhor. Né? [...] Tem também no... uma ONG muito legal que tem trabalhado conosco que é a Autonomia, que é uma ONG que trabalha com autistas. Então, têm alguns que tão aqui, que fazem as oficinas terapêuticas aqui, mas tem... estão numa oficina de artes, tão em natação especial para autistas, né?, oficina da terra. [...] E a gente precisaria muito de... esse trabalho de reinserção social é fundamental, né?, cultural. Eles fazerem parte da sociedade e não serem excluídos. E aí, a gente... é fundamental assim, se a gente pudesse trabalhar mais, eu vejo que ainda é muito difícil, né? Tem muito preconceito.*	Grupo de discussão sobre trabalho Parcerias com ONGs Grupos ou oficinas terapêuticas
P12	*Então, assim, a questão da reinserção social, ela faz parte do projeto terapêutico, então nós trabalhamos com*	

	ações... é... questões do trabalho, do preparo pro trabalho, né? Nas questões de atividades ligadas à cultura... acesso mais direto, né? A atividades lúdicas, atividades desportivas que possam ser oferecidas a nível de comunidade, né? [...] Nós estamos vivendo em momentos de crise, né?, e de uma gestão muito complicada, assim, de que muitas coisas foram cortadas, mas... é... sei que têm projetos que tão em andamento mais de ONGs assim, que a gente tem feito parceria, né? Por exemplo, a ONG Autonomia que atende crianças com deficiência mental e é... com transtornos globais do desenvolvimento, é uma ONG que a gente tá se reportando bastante esse ano, assim, né? Tem atividades a nível de cultura, de artes no CIC, têm atividades de Ecoterapia no Rio Vermelho, tem de natação no CEFID. Que é um... o CEFID é um Centro de Esportes, né? [...] Também ali no norte da Ilha, tem o... o Sapiens Park, que é um recurso, eu acho que do Estado, se não me engano, que têm várias atividades, né?, de... atividades assim, de tanto na área tecnológica, tanto lúdicas, esportes, né? [...] Também é um... é um recurso que, geralmente, a gente pede para o CRAS encaminhar, né?, que o CRAS tem o acesso mais direto, A questão da... do preparo pro trabalho, sinceramente é muito complicado assim. Já era antes, agora eu já nem sei mais como é que tá a questão do Jovem Aprendiz, né? [...] Ah, tem a ONG Arco-Íris, que é uma ONG que a Prefeitura tinha parceria, que também tem um espaço importante assim, pra... mais pra adultos, né?, porque a gente trabalha também a questão das famílias, né?, bastante a questão das famílias. E eu não sei se... eles tavam pra renovar o convênio agora. A ONG Arco-Íris, ela atende o pessoal em situação de risco, assim.	Retorno à rotina de estudo ou trabalho Parcerias com ONGs
P13	*Na verdade, acho que essa questão a gente trabalha em todas... todos os grupos que a gente faz aqui, né? Então, tanto em modalidade que a gente chama de grupo terapêutico quanto nas oficinas, é... o fato das crianças conviverem em grupo, é... e tarem... e sempre ter o adulto, o profissional mediador, eu acho que isso facilita esse contato com o outro, é... Enfim, de trabalhar toda essa questão da socialização. E... Outra... Acho que isso em relação aos grupos, só o fato deles... eles tarem vindo nos serviços também eu acho que são meios de reinserção social. É... Por que, enfim, tão participando de um encontro da rede, eles encontram pessoas, é... fazem vínculos afetivos aqui dentro com os profissionais e com outras crianças e adolescentes e eu acho que isso é fundamental.*	Todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social Transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos
P14	*É... nós temos um... um grupo na quinta-feira, que aí seria pra quem já é mais grave, tá estabilizado no momento, então que a gente entende que é... às vezes, não precisa ser uma coisa bem objetiva pra eles nesse momento, mas só a questão de estar num espaço e ter outras pessoas, já tem algum ganho. [...] Então, a gente tenta trabalhar com eles assim é... expressões de... de.. com desenho, pintura, convida pra que eles saiam um pouco, levamos*	Transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos

	eles caminhando até o... a Ponta do Coral, já falando, né?, do... da Beira-Mar e do que era a Ponta do Coral e o que é agora. [...] Então, assim, já foi levado eles numa mostra de arte no CIC. É... no ano passado, nós tínhamos o Arco-Íris que era um parceiro, então por parte deles tinha bastante... promovia muita atividade cultural, de socialização, assim, era meio que um centro de convivência, né? Deu uma parada agora por questão da renovação de convênios, mas parece que já tá retomando também. [...] A gente tá elaborando um grupo de trabalho é... que não necessariamente é pra encontrar um trabalho, mas é pra... pra conversar com eles sobre a relação sobre o trabalho. Muitos adoeceram por conta do trabalho, né?, ou tiveram uma crise no trabalho que é onde tem essas situações de estresse, né?	Parcerias com ONGs Grupo de discussão sobre trabalho
P15	*Então, o Arco-Íris é uma Organização Não-Governamental, que até ano passado, eles tinham convênio com a Prefeitura. Então, as atividades culturais, né?, tinha a... as reuniões de Economia, Solidária [...] Então, assim, várias oficinas mais ligadas à cultura e à arte, né?, lá. [...]* tem o [projeto x]*, que é um grupo que a faixa etária tá entre 18 e 24 anos, geralmente, né? O objetivo é trabalhar com a socialização e também na... nas questões dos direitos deles, de acesso e garantia a direitos. Também são o maior foco, né? Porque são pessoas que são muito isoladas, né? Geralmente, passaram por uma trajetória na escola muito ruim, né?, com muito bullying, muita discriminação. Tem baixa escolaridade, geralmente, concluíram até no máximo ali, quinto ano. E realmente, foi um trauma na vida deles essa questão de escola e, enfim. [...] E o outro grupo que eu coordeno, é um [grupo y], né? Que é essa demanda do espaço de cuidado do cuidador. E também de compreender qual o contexto social que esse usuário tá inserido lá em casa. Que é uma queixa muito frequente, é os conflitos familiares, né? Então, se a gente conseguir mediar, assim, e trazer a família como uma rede de apoio e uma co-participadora do tratamento é importante!*	Parcerias com ONGs Grupo voltado para os jovens Grupo sobre cidadania, direitos e deveres Grupo de Famílias Transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos
P16	*É... a gente tem "Oficinas de Dança", a gente tem oficina... oficina de material... de criatividade pra cuidadores, ahm... oficinas temáticas, né?, de jogos... de... não é temáticas, é por faixa etária e a gente trabalha jogos, argila... mas todas... é... a questão da socialização da criança e do adolescente, uma conscientização de como cada... cada criança se coloca no mundo. Então, a gente busca que as crianças consigam, é... lidar com essas coisas, com seus sofrimentos e lidar com o outro. [...] A ideia é que elas consigam, é... reestabelecer os vínculos sociais. Então, as oficinas terapêuticas vêm pra isso também, não só isso, mas é uma dos... um dos modos da reforma psiquiátrica, né?, é reabilitação psicossocial. [...] Atendimentos familiares, a gente orienta... a gente muitas vezes reinsere também no mercado de trabalho... os adolescentes, principalmente, né? Então, a gente trabalha é... temos alguns adolescentes aqui que a gente sabe que faz CEJA, eu*	Oficinas de Dança Grupos ou oficinas terapêuticas Transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos Grupo de famílias

	acho que o EJA, o Jovem Aprendiz, né?, que são programas pra... pra reinserção em trabalhos propriamente. [...] a gente tá mais com a criança ligado com as escolas e projetos sociais. Então, a gente tenta reinserir a partir do atendimento com as famílias, eles nesses ambientes, e os adolescentes mais no mercado de trabalho, e escola, enfim!	Retorno à rotina de *estudo* ou *trabalho*

Questão 2: Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
P1	*Por exemplo, a internet pra mim é uma ferramenta e tanto, né? Então, eu tenho que buscar as informações da internet. A [instituição x] tem todo um material na página de... de geração trabalho e renda. As instituições que oferecem cursos, né? Questões de modelos de currículo para cada um. [...] A literatura de livros orienta a gente mais na parte teórica. Mas eu tenho que ter conteúdo pra poder mostrar pra eles. Outra coisa do assistente social, tem que ter material.*	Internet como fonte de informação
P2	*Eu acho o trabalho aqui no CAPS muito desafiador sabe? Então, eu acho que toda a fonte é muito necessária (risos). Me sinto, em muitos momentos, precisando buscar a informação mesmo, assim. [...] Então, nessas horas eu costumo recorrer especialmente à internet. Aí eu costumo buscar coisas, fazer pesquisas no Google que me tragam textos daquele conteúdo que é o que eu gostaria de trabalhar, assim. Aí, às vezes, eu leio vários, dez, vinte textos, até achar que tem um lá que: - Ah, esse aqui vai na linha do... que aí normalmente eu uso pra comentários e discussão, né? Eu trago textos, trago o tema e a gente começa um debate a partir daquilo, né? Então, assim, eu costumo usar mais livros, né?, e internet. É o que eu mais uso. [...] É... mas eu gostaria de saber mais autores de... de literatura, de uma maneira geral, pra indicar a leitura pra eles. Assim, no sentido de que eu acho que o livro, ele faz com que a pessoa consiga justamente se imaginar num lugar, né? É... e aí tem tudo a ver com a reinserção social.*	Uso diversas fontes de informação Internet como fonte de informação Livros
P3	*Ahm, hoje em dia a gente usa bastante a internet, né?, que é uma fonte, de maneira geral, gratuita e com acesso amplo a bastante informação, né? A gente tem uma pequena biblioteca técnica também, ela tem uns livros básicos que a gente consulta bastante também. Eu tenho livros meus que, volta e meia, eu trago. Mas assim, no dia a dia, é consulta a esses livros físicos e consulta textos na internet, Guideline, enfim. [...] Então, esses... ahm... revistas pra prática, é difícil, né? Revista científica não se compra, né? E, em geral, a gente acaba acessando mais as que são gratuitas porque é difícil o acesso a periódicos daqui, né?*	Internet como fonte de informação Consulta ao acervo da instituição Acesso à base de dados
P4	*Principalmente a internet. Principalmente a internet, mas*	Internet como fonte de

	revistas... só que tudo hoje em dia tá no ambiente virtual, né?, por mais que tenha impresso. Mas a gente... eu uso mais internet aqui. Sem dúvida. E livros, né?, mas mais a internet.	informação Livros
P5	*Óh, acredito que... muitos são os livros, que a gente utiliza, a gente até tem a nossa biblioteca particular aqui, traz bastante temática de dependência química, entrevista motivacional, histórico da reforma psiquiátrica. Acho que os artigos também são importantes, os que saem mais recentes, com mais estudos, mais dados pra gente conseguir talvez dar um norte, assim, pro nosso trabalho, de modificar algumas coisas... Na internet, a gente sempre gosta de ficar é... atento, assim, né?, no que tá acontecendo, novas drogas que estão surgindo, na questão do suicídio, que a gente também trabalha bastante aqui. Então, a gente sempre tenta se atualizar um pouco nesse sentido, assim, na internet. Acho que seria isso.*	Consulta ao acervo da instituição Livros Artigos Internet como fonte de informação
P6	*Ah... de informação... é mais dentro da [área x] que eu to atuando, e como eu gosto bastante da [disciplina y], é os da [disciplina y], né? [...] tem bastante coisa que eu... que a professora da [instituição x] me encaminha textos que ela tá discutindo com eles, pra gente poder ler e poder discutir. Mas tem o Scielo, têm vários assim, não me vem na cabeça agora... algum, assim... específico.*	Textos Acesso à base de dados
P7	*Assim, hoje a gente tem o InfoSaúde, que é um sistema aqui dentro da rede, eu acho muito importante, que é a conexão com todos os postos, e as UPAs e os CAPS, é... da informação, do prontuário do paciente, que é dele, né? Acho muito bom. [...] Tem a biblioteca que a gente usa ali, que é um sistema que a pessoa leva livro, a pessoa traz livro, ela lê ali naquele espaço quando ela quer, as pessoas usam aquele espaço. Acho bem importante. Acho que da forma como tá organizado, não é a melhor. Mas também, nunca parei e pensei como é que poderia melhorar esse espaço, né?*	Sistema de informação em saúde Consulta ao acervo da instituição
P8	*Sim! Internet, sem dúvida! E... E, aí, assim, sites especializados principalmente, né? Acho que assim, no dia a dia a gente não acessa muito, é... bancos de periódicos, por exemplo, eu acho que... mas... mas têm as fontes próprias da saúde, né?, então, os Guidelines, protocolos, é... às vezes, algum artigo de revisão sistemática, né?, de boas práticas. [...] Então, internet, sem dúvida! É... Livros aí, sim! Bom, eu... eu leio o tempo inteiro! (risos) Mas é mais em casa, né?, ou em outros espaços, no Instituto, enfim, cursos que a gente faz, né?, na universidade e tal. [...] É... Revista, não. Não é um recurso que a gente utilize. Acho que é isso. [...] Pra formação pessoal, né?, filmes, documentários... Não é... Mas não é muito também não! Não vou dizer que a gente... Não dá pra fazer propaganda enganosa, não é... não é muito não! Né? A gente... em atividades, a gente às vezes usa recursos audiovisuais, músicas, filmes e tal pra passar pros usuários. Também não é muito frequente, mas...*	Internet como fonte de informação Acesso à base de dados Recursos audiovisuais
P9	*Então, a gente ter acesso à internet quando a gente vai*	Internet como fonte de

	buscar algum tipo de informação, de... de trabalhos, de... de coisas novas que tão surgindo ou até coisas que a gente não recorda mais, então, assim livros, revistas, jornais. [...] Dentro da saúde mental, ela é muito importante também, né?, pra... pra questão de... de raciocínio, de formação de pensamento, de crítica, então, a leitura e os materiais, eles são muito importantes. [...] Nós não temos uma biblioteca dentro do CAPS, nós temos uma... uma mesinha ali que ficam alguns livros e quando alguém tá aí, se quiser, se apropriar disso faz uso.	informação Livros Revistas Jornais
P10	*Então, a minha fonte principal técnica são livros especializados [...] Então, ahm... eu como [profissional da área x], busco a literatura específica, especializada, né?, para estes transtornos de comportamento e para transtornos relacionados ao uso de substâncias.*	Livros
P11	*Ah, eu utilizo bastante a internet, principalmente, fundamental, né? Porque na área [profissão x], como a gente trabalha com a rede, a rede, ela modifica muito rápido. Então, era uma ONG que tinha ali, que não tem mais. É um serviço que tinha ali, e não tem mais, né? [...] Então, aí precisa tá muito atualizado. Então, mais rápido pra ter acesso à internet, né? Então, eu uso muito. E livros, assim, eu... na verdade, eu ando pesquisando mais artigos de... pela internet mesmo, né?, de livros eu ando meio... (risos) fica mais... mais em conta, né?.*	Internet como fonte de informação Livros Artigos
P12	*Hoje em dia, lógico que a internet, ela facilita bastante todos os acessos, né? A gente vai no doutor Google e tem respostas rápidas! Mas... é tudo muito suspeito, né? Assim, acho que eu não dispenso um livro e uma revista jamais, né? Eu gosto de comprar revista. [...] E livros, com certeza, né? Nada substitui o cheiro do livro, né? (risos). Livro é muito importante, assim, né? [...] É, nós temos uma biblioteca técnica, né? É assim, sem nenhuma... não tem nenhuma norma muito certa, assim, de uso, né? Mas tem um papel no armário, assim, que quem empresta escreve ali e depois, quando devolve, risca. Mas a gente tem um acervozinho interessante ali, né?, na área da Psiquiatria, da Psicologia, da Pediatria, né?*	Internet como fonte de informação Livros Revistas Consulta ao acervo da instituição
P13	*[...] eu me nutro de vários meios de informação, os mais tradicionais, né?, com livros, textos, artigos. [...] Textos e artigos e publicações recentes, mas também sempre de olho em coisas, assim, artigos de revista, coisas na mídia, Facebook, outras noticiais mais da mídia em geral.*	Uso diversas fontes de informação Livros Textos Artigos Facebook
P14	*Olha, eu tenho... eu tô com alguns livros assim, que eu tô... que eu tenho pesquisado e olhado, assim. Eu não tenho muita paciência pra ler coisas contínuas, então eu pego mais de pesquisas pontuais, né? Então eu tenho... tô com um livro agora do Lacan que fala da psicose, então eu procuro coisas pontuais que me auxiliam. Tô lendo um... um outro do Freud que é da... que fala das neuroses, de algumas... pra gente... pra entender. Mas... é, revista eu não tenho nenhuma porque essas revistas, geralmente, são de Psiquiatria, então são muito voltadas*	Livros

	para a área médica, assim né?	
P15	*Sim! Olha, a gente tá... a gente usa muito a internet, tá? Até porque a gente tá sempre fazendo algum planejamento pro grupo jovem em relação à garantia de direitos. [...] Então, a internet é uma ferramenta bem importante. Foi uma luta, inclusive, dos usuários para que a gente tivesse uma wi-fi pra eles aqui. Então, assim, é um... é uma ferramenta bem legal. [...] Tem! Hoje tem wi-fi aqui no CAPS. Inclusive, pra eles que tem liberada, então, foi uma conquista da Associação dos Usuários. Foi bem legal! E... a gente usa... utiliza pouco, tá?, desses recursos, assim, de revistas... Aqui o jornal que chega é pra fazer oficina de artesanato (risos). Então, assim, não existe, assim, uma oficina que aborde essa questão da leitura, da escrita, não tem, não tem!*	Internet como fonte de informação Revista
P16	*Eu acho que a gente busca livros, né?, dentro dessa área temática da infância e da adolescência. A gente tem uma biblioteca nossa aqui do técnico que a gente, de vez em quando a gente consulta. Têm artigos na internet, então, assim, a gente trabalha muito a demanda, o que tá aparecendo mais pra gente, a gente vai buscar em nível pessoal. [...] Eu busco livros, artigos, não uso muito a internet e o... aqui, livros daqui e livros em casa que eu tenho. Né? Mas eu gosto muito de papel, de livros, assim. Eu tenho dificuldades também com internet e ficar lendo em outro lugar, eu também não curto.*	Livros Consulta ao acervo da instituição Artigos

Questão 3: Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
P1	*Sem as informações eu não tenho trabalho. [...] Então, assim como eu te falei, como eu já trabalho há bastante tempo na área, as redes, os apoios, os suportes eu tenho. Que ajuda ainda mais é o WhatsApp. – Amigas, eu não sei onde fica a Mobilidade Urbana? Obviamente, vai no Google... elas, automático, já mandam isso e aquilo, pesquisa no site tal, já vou lá, abro, imprimo, entendeu? Então, é tudo muito rápido, muito prático.*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional
P2	*Teve uma situação recente de um paciente que... que vinha fazendo uso abusivo é... em grandes quantidades, quase que continuamente de crack, né? É um paciente que eu já acompanho a bastante tempo e eu tentei em vários momentos... é... é... trazer reflexões pra ele, ajudar ele de diferentes formas, com diferentes estratégias e eu sentia ele é... bloqueado pra esse grupo, né? é... não tava disponível... era essa a sensação que me dava. E aí, agora faz mais ou menos um mês que essa pessoa, ela conseguiu interromper o uso, né?, do crack especificamente, não das outras coisas. E... me chamou muito a atenção na fala dele que ele diz porque fez ele conseguir é... interromper foi um livro. Então, assim, acho que isso representa bastante a importância do ter acesso. Ele disse... ele me relatou que... que ele começou a ler um livro que tinha na casa dele que o filho dele disse pra*	Livro e leitura com função terapêutica

	ele era muito bom e que ele se percebeu duas, três horas lendo o livro sem parar e... que ele conseguiu nesse momento desligar da vontade que ele tinha de buscar droga, né? E se imaginar naquele outro local, naquela situação do livro, naquela história... era uma história meio medieval e tal. [...] E eu sinto realmente falta do... desse material escrito pros nossos pacientes, a gente não tem isso aqui no CAPS, não tem uma biblioteca. Tem alguns livros lá embaixo, mas muito pouca coisa de literatura e... eu acho que isso poderia auxiliar muito eles.	
P3	*Ah, é fundamental. Fundamental porque... a gente chega com uma bagagem prévia, né?, mas eu vejo... eu tô aqui há bastante tempo, mas eu vejo, às vezes, as pessoas que chegam é nova... muitas não têm formação específica pro trabalho que a gente desenvolve aqui, né? Então, essa parte de formação em serviço é fundamental, e a gente recebe muitos estudantes, residentes, enfim. Então, a gente tem que tá discutindo também teoricamente algumas questões.*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional
P4	*Ah, eu percebo no dia a dia porque... sempre têm novas tecnologias. Então, a gente tem que tá se aprimorando, se capacitando. É assim que eu percebo.*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional Informação para se manter atualizado
P5	*Olha, eu percebo que... pra gente não ficar estagnado no nosso processo de trabalho, é de fundamental importância que a gente tenha as informações sempre atualizadas, né? [...] Então, eu tenho que tá sempre me atualizando assim, porque os pacientes perguntam, eles têm dúvidas, eu preciso orientar é a minha função. Então, pra poder orientar, eu preciso de informações atualizadas, né?*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional Informação para se manter atualizado
P6	*Eu gostaria de ter mais, né? Inclusive, de ter mais tempo pra gente poder dar ênfase... [...] Mas... gostaria de ter mais acesso. A gente tem aqui pela Prefeitura, mas o problema é tempo pra ti poder ler, né? Ahm... então, eu sinto falta.*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional Falta tempo na agenda para se atualizarem
P7	*Eu acho muito importante. É... Por quê? A gente desde que nasce, se comunica. Não tem outra forma. Né? Tu nasce, e precisa chorar pra pedir as tuas necessidades, pra falar como tu se sente, então tu fala a todo momento. Então, aí as comunicações, elas existem e elas têm que ser usadas como ferramentas.*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional
P8	*Eu acho muito importante! É... Eu acho que algumas coisas pequenas fazem muita diferença, por exemplo, a Prefeitura recentemente... [...] Mas recentemente a Prefeitura assinou um convênio com o British Medical Journal, um periódico bem importante da área da saúde. É... E deu acesso a todos os profissionais, né?, a uma base de dados bem... bem legal, assim. [...] Às vezes, a gente tem recurso, mas não tem condições objetivas, é... de lançar mão desses recursos. O que que eu tô querendo dizer? A gente pode ter aqui um monte de livros novinhos em folha, lindos, os melhores autores, ou os*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional

	antigos, clássicos aqui disponíveis, é... mas a gente não tem espaço na agenda pra estudar, a gente não tem espaço na agenda pra discutir o que a gente leu. [...] A importância do acesso, acho ótimo a importância do acesso, mas acho que o acesso não significa só ter o material ali, né? Acho que tem mais coisa por trás, né?	Falta tempo na agenda para se atualizarem
P9	*A importância é... é justamente essa. A importância técnica pra conhecimento e a importância pro usuário pra desenvolvimento de um projeto terapêutico. Eu acho que o... que a leitura, ela... ela é... ela pode ser um hobby, onde pode se utilizar disso naqueles momentos de relaxamento, de... de prazer e tudo mais, de lazer, né? Mas a gente tem a questão é... muito além disso, que é uma questão terapêutica.[...] Mas eu acho que dentro do serviço do CAPS utilizar isso como um instrumento terapêutico pro usuário é o mais importante.*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional Importância da leitura como função terapêutica
P10	*Sem dúvida! No dia a dia, se você não procurar ler, né?, procurar... ahm... entender o paciente através do que você tem, da teoria e o que a prática, né?, que é a clínica do dia a dia, né?, co-substancia essa sua parte teórica, né?, você fica dissociado, você fica sem conseguir, né?, dar um sentido às coisas, tá? Então, é necessário que você caminhe com as duas... duas partes... dois segmentos aí, a teoria e a prática.*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional
P11	*Eu acho que pra qualquer trabalhador, né?, ele precisa tá bem informado. É a base de tudo. [...] Então, a fonte de informação é essencial pra gente tá bem atualizado.*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional Informação para se manter atualizado
P12	*Acho que é... quem trabalha na nossa área, assim, da saúde, da educação, tem que ter acesso à informação o tempo todo. [...] Agora a pouco, a gente tava atendendo um caso aqui de um adolescente que tava naquele... naquele site do Baleia Azul. Nós estamos atendendo ele agora, nesse momento. Então, se tu não sabe o que é Baleia Azul, tu não pode nem trabalhar hoje em dia com adolescência. Então, é uma notícia muito recente. Lógico, tá no Facebook, tá aí nas redes, mas tem que te aprofundar, né? Como tu lida com uma... uma situação concreta, né? Chega um adolescente com uma ideia suicida [...] Então, se tu não tem a informação, tu não pode nem ser [profissional da área x], né? Então... Acho que é... é... a informação é, vamos dizer, é o algo mais valoroso que tem hoje na humanidade, né? É o que... É o mais caro, vamos dizer assim. Quem tem informação é... é rico, né?*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional Informação para se manter atualizado Informação como um bem valioso
P13	*Ah, eu acho que é fundamental, assim, pro... pro profissional se manter atualizado, é... e estudar, né?, pra melhorar o nosso trabalho aqui dentro, a nossa clínica, é... acho que não só pra atualizar que tipo de tratamento a gente faze e a qualidade do nosso serviço, mas também pra nos nutrir, assim. O dia a dia é muito pesado e quando você começa a estudar, você começa a compreender melhor aquilo que tu tá trabalhando. [...] Vira e mexe, assim, se eu tô em dúvida de alguma*	Informação para se manter atualizado Importância do acesso à informação para a qualificação profissional

	questão, né? Alguma situação mais difícil que eu acho que eu preciso rever algum tema ou... é... eu sempre busco ir atrás de novas... novas informações.	
P14	*Ah, sim! Com certeza. É muito importante. Então, na verdade, eu não consigo pensar numa... numa alternativa. Eu acho assim que é... o convencional, o tradicional, pra se tiver pensando nos usuários, pra eles é muito pouco atrativo, né?, então, acho que teria que pensar numa outra maneira... [...] Não atrai a mim, então imagina... pra eles também. Eu sou meio preguiçoso de parar assim, de ler um livro inteiro, né? Não sou dessas pessoas.*	O acesso é importante para os usuários, desde que não seja no modelo convencional ou tradicional
P15	*Ai, eu acho que é fundamental, né? Porque os usuários, eles não vivem, né?, numa bolha. Então, eles... geralmente, os meios que eles utilizam pra se informar é a televisão, que é uma mídia super tendenciosa, enfim! [...] Assim, as nossas formações aqui... Geralmente, a gente tem uma reunião de equipe [...], né?, e que aí é que estão trazendo as abordagens do fim da semana, né? Mas, assim, não tem muito... A gente não tem muito. Então, é uma coisa que falha bastante! Seria bem bom se tivesse. Não tem!*	O acesso é importante para os usuários
P16	*Eu acho... eu acho importante, eu acho fundamental pra nossa... pra gente poder ter uma qualidade no nosso atendimento! Eu acho que ainda a gente ainda faz pouco acho que em termos da gestão, né?, o... o município foca pouco nisso, né?, nessa... numa... numa capacitação, numa... em dar acesso a revistas, a livros que... que possam vir pro CAPS... [...] Acho que a gente precisa o tempo todo estar se atualizando para poder fazer o trabalho melhor. É a qualificação do trabalho! Eu acho que é pra isso que tu tem que ter acesso às... às informações, né?, via... via papel, via internet, a gente precisa disso.*	Importância do acesso à informação para a qualificação profissional Informação para se manter atualizado

Questão 4: Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
P1	*Um ambiente, um espaço diferente. Como eu ei... não tem é... eu tô falando deles, né?, não de mim. Eu falei: eu gosto, eu me sinto bem dentro de uma biblioteca e compro muitos livros... [...] se tivesse uma biblioteca em cada esquina, como, por exemplo, na Argentina, quem sabe não seria melhor pra... a gente não seria visto de outra forma, a nossa sociedade estaria um pouquinho melhor.*	A biblioteca como um espaço diferente Enxergo a biblioteca como espaço de transformação social
P2	*Pra mim, uma biblioteca o que definiria é um... é um espaço de ampliar um horizonte, assim, de ampliar possibilidades, ampliar pensamento, ampliar conhecimento. Eu acho que ela tem... tem essa... esse poder que outras coisas não têm, outros espaços não têm. Pra mim, a biblioteca representa isso. [...] No*	Biblioteca como espaço de ampliação pensamento e de produção de conhecimento

	atual momento, eu vejo ela num papel muito subjugado, assim, né? Eu acho que é muita tecnologia e pouca biblioteca, assim. Eu... por exemplo, aqui em Floripa, eu sei que tem a [Biblioteca x], eu já fui lá algumas vezes e todas as vezes que eu fui achei muito vazia, né? Eu acho que é um espaço pouco ocupado, assim. [...] Eu acho que ela tem um papel fundamental, mas eu acho que, no atual momento, não tá cumprindo com o papel que deveria, sabe? Mas aí, não sei... eu nunca parei pra pensar sobre isso, não sei daí se talvez precisasse pensar em outras estratégias de ela ir mais à comunidade, né?, já que a comunidade não vem até mim, então, vou eu até ela, entendeu?	No momento atual a biblioteca pública encontra-se muito desvalorizada Espaço vazio e pouco ocupado A biblioteca não está cumprindo o papel que deveria
P3	*Então, eu acho que tem esse papel de... de acesso à cultura também, né?, mais facilitado, porque tu não precisa comprar o livro, tu pode pegar emprestado. Mas eu vejo poucas pessoas frequentando isso, né? Talvez seja uma ideia até pra propor pro "Trajetos culturais" o pessoal ir e propor do pessoal pegar livros, né?*	Biblioteca como espaço de promoção da cultura Espaço vazio e pouco ocupado
P4	*Tá, eu defino como biblioteca, um espaço com material didático, livros, acesso à internet... um espaço de conhecimento, de... de geração de conhecimento. E dentro da sociedade, eu vejo que não é muito valorizada, elas são mais fortes nos ambientes acadêmicos [...] E todas às vezes que eu visitei essas bibliotecas, estavam bem vazias. Eu vejo que a sociedade não valoriza muito, até mesmo pelo fato de ter tudo na internet hoje em dia. [...] Eu vejo como um espaço de criação de conhecimento, né? Não que todo mundo consiga se apropriar disso, na sociedade de uma forma geral. Eu acho que devem existir pessoas que nunca entraram numa biblioteca. Não duvido. Eu vejo de uma forma muito desvalorizada hoje. Ou até mesmo que poderia se criar outras atividades, né? [...] Mas podia ser um espaço melhor aproveitado, as bibliotecas comunitárias, eu acho. Agora, de que forma eu também... eu acho que com atividades de acesso à cultura e lazer. Não só conhecimentos de livros, assim, uma coisa mais do acesso. Que deveria envolver mais pessoas, na verdade.*	Biblioteca como espaço de ampliação pensamento e de produção de conhecimento. Espaço vazio e pouco ocupado No momento atual a biblioteca pública encontra-se muito desvalorizada Deveria ser um espaço que promovesse o acesso à cultura e ao lazer como forma de encantamento por meio da leitura
P5	*Eu não sei muito como tá hoje em dia, eu acho que as pessoas procuram muito no Google, né? Na época quando a gente era criança, pra fazer trabalho escolar, de faculdade, não tinha isso. Tinha que ir nos livros, tinha que acessar a biblioteca. Eu acredito que, talvez, isso tá modificado um pouco. Até mesmo pra gente, né? [...] Talvez, a biblioteca tenha ficado um pouco... quanto... tanto esquecida, né? Não sei como tá funcionando, assim.*	No momento atual a biblioteca pública encontra-se muito desvalorizada
P6	*Então, eu acho fundamental. Como eu te disse, por exemplo, tanto pra estimular quanto pra ti poder viver uma outra realidade que não seja usando nenhum tipo de substância, mas através de uma leitura, né?*	Enxergo a biblioteca como espaço de transformação social
P7	*Eu acho restrita. Até mesmo na [instituição x]. Por exemplo, quando na primeira vez que eu entrei na*	

	[biblioteca x], eu não tinha muito condição de... do meio informática, informatizado, né?, como procurar livros. Alguém só me disse: - Olha, tu vai lá naquele computador e tu acessa. Olha, se a pessoas não sabe ler... às vezes a pessoas é analfabeta no meio eletrônico como dizem, às vezes eu me sinto isso, né? Coloca eu lá na frente daquele computador há 10 anos atrás eu não sabia como acessar. [...] Então, eu acho muito restrita pra sociedade, né?, muito indisponível. Embora, tu diz que é um espaço público, de forma... de certa forma, ela te restringe. Então, é o próprio meio de comunicação, o que eu acho uma pena, algo a ser... a ser melhorado e muito... o acesso, né?	Enxergo a biblioteca como um ambiente restrito e indisponível à sociedade
P8	*[...] eu acho que pra chamar de biblioteca... Por que eu posso ter, por exemplo, a gente tem uma estante de livros aqui. Eu não chamo aquilo de biblioteca. Por quê? Porque falta e carece de organização. Então, eu diria assim: - Ah! Tá! É um espaço, um acervo e tal, mas quando eu falo em disponibilizar tem a ver com, é... de alguma forma, ajudar a quem vai acessar a encontrar o que procura ou a descobrir algo novo. [...] a importância das bibliotecas hoje, tem a ver não com... com o seu lugar onde as pessoas vão encontrar a informação, porque hoje não é difícil encontrar a informação, mas... mas fazer essa informação aparecer sistematizada e aí, qualificar, né?,*	A biblioteca é um espaço que tem um acervo organizado para que as pessoas possam acessar e encontrar informações de qualidade
P9	*A biblioteca, eu acho que é a... a matriz, a fonte onde estão os conhecimentos. A gente tem acesso hoje à internet, a livros onde você ir pode comprar, mas a biblioteca a gente sempre vê como um espaço aonde tu encontra o conhecimento e aonde ele está sendo armazenado com cuidado, né? [...] A biblioteca, a gente tem a questão dos horários, mas a biblioteca a gente sabe que o material vai estar guardado, cuidado e sempre disponível ali e para todos. É diferente de ter um livro que é meu e que eu posso compartilhar ou não. A biblioteca está ali pra todos. Então, eu acho que é de fundamental importância ter a biblioteca, saber que a biblioteca é pra todos, mas estimular que todos tenham acesso... [...] Mas assim, a relação com a sociedade, eu acho que tem a ver justamente com a questão cultural de formação de pensamento crítico mesmo. Eu acho que a biblioteca... quem se apropria e se utiliza disso, ela adquire um conhecimento e um senso crítico que ela vai se utilizar disso na sociedade. Nas suas relações interpessoais, com família, amigos, no trabalho, né? É... Vai se empoderar também de... de ver esse senso crítico de formação em todos os aspectos, profissional, político, filosófico, religioso.*	Biblioteca como fonte de conhecimento A biblioteca é um espaço que tem um acervo organizado para que as pessoas possam acessar e encontrar informações de qualidade Biblioteca como espaço de promoção da cultura Biblioteca como formação do pensamento crítico Enxergo a biblioteca como espaço de transformação social
P10	*Tradicionalmente, a biblioteca, as pessoas têm um referencial ou referência de serem livros guardados, né?, livros num... numa estante aonde as pessoas... usam, consultam, né? Alguns de uma maneira mais assídua, outros necessitam fazer uma pesquisa, uma leitura, né? [...] A instituição biblioteca. Bom, tradicionalmente, seria isso, né? Agora, a biblioteca é*	

	maior do que isso, né?. A biblioteca, para algumas pessoas ela é um sentido. É uma... é uma... é um existir, né? [...] Essa relação, ela deveria ser muito mais íntima, né?, deveria ser muito mais, assim, frequente. Ahm... Porque esta fonte ali... Ali está a fonte do saber, né? Em todas as áreas que você imaginar, que diga respeito ao indivíduo, você deveria... poder ter um acesso mais frequente, né? E até permanente... É... é muito difícil a gente imaginar alguém ou um indivíduo existir numa sociedade sem que ele consulte a fonte do saber.	Espaço vazio e pouco ocupado Biblioteca como fonte de conhecimento
P11	*[...] a biblioteca ela resgata essa coisa mais humana mesmo, né?, que você tá em contato com um bibliotecário, você tá em contato com seus colegas, com outras pessoas, você vai fazendo amizade, você tá ali num ambiente que propicia isso. Que quando você usa muito a tecnologia da informação e tal, você tá ali muito solitário, né? A biblioteca eu vejo como um meio se socialização também, de cultura e de lazer, né?, um momento de encontrar pessoas e você pensar, ter ideias, né? Eu acho bem legal assim. Eu acho que tem se perdido muito com... com todo o avanço das tecnologias, as pessoas estão indo mesmo, né? [...] A importância de... eu acho que é um instrumento de politização também, né? De fazer com que as pessoas, através de ter acesso ao conhecimento, consigam desenvolver melhores propostas... ser propositivas também, né?*	Biblioteca como espaço de socialização, de cultura e lazer Biblioteca como formação do pensamento crítico Enxergo a biblioteca como espaço de transformação social
P12	*[...] a biblioteca era algo tão... era um espaço tão importante, né?, tão, assim... essencial na formação, as escolas tinham bibliotecas, né? Eu estudei sempre em escola pública, desde a pré-escola sempre teve biblioteca assim, acessível, né? Era algo muito importante. O bibliotecário era uma personalidade dentro da escola, uma autoridade, né? E... Então, eu acho que hoje... um pouco, isso se dissolveu assim, né? Eu acho que a população é muito afastada das bibliotecas. [...] Então, eu acho que a função da biblioteca é... Né? Nesse sentido, assim, nessa parceria com a educação, é a questão do encantamento pela leitura, né?, pelo... E... Lógico, todas as bibliotecas hoje em dia têm que ter computador, têm que ter internet, têm... A biblioteca não é mais a do século passado, né?*	No momento atual a biblioteca pública encontra-se muito desvalorizada Deveria ser um espaço que promovesse o acesso à cultura e ao lazer como forma de encantamento por meio da leitura
P13	*[...] a biblioteca acho que é um espaço muito interessante, né? Que eu acho que é um lugar sempre muito... me parece um lugar muito acolhedor. Acho que... quando me vem biblioteca, eu primeiro imagino o silêncio e a possibilidade de você parar e estudar, assim, né? Sai um pouco da loucura que é o dia a dia. É... E eu acho que é um espaço que poderia ser muito potente ou é, né?, de... desenvolvimento de muitas ações, assim, culturais, de... enfim, de interação. [...] Por ser mais um espaço público em que pudesse agregar pessoas. Um espaço onde as pessoas pudessem se encontrar, é... e pudessem "beber"*	A biblioteca é um espaço diferente, silencioso e adequado para estudar Deveria ser um espaço que promovesse o acesso

	cultura! Seja através dos livros ou através de eventos, que eu acho que poderia ser interessante, né? Que pudesse através, né?, na biblioteca se despertar esse desejo e o gosto por... não só pela leitura, mas pela cultura em geral, assim.	à cultura e ao lazer como forma de encantamento por meio da leitura
P14	*A biblioteca... eu acho que ela ficou meio reduzida pro... pro... pra questão acadêmica, né? Eu vejo muito pouca gente procurar a biblioteca pro dia a dia, né? Eu mesmo não... não procuro. Eu acho que ficou... e tem essa coisa... que tem muita gente acessando informação na rede, assim, né? [...] Que fosse alguma coisa de filme, eu acho, digital, alguma coisa que... que fosse mais interativa, né?[...] a questão biblioteca, tipo assim, amplo, um lugar tem muito saber depositado, lugar onde você possa, como assim... é... o... é... o lugar instaurado aonde você busque conhecimento, né? E eu acho que é formador de sociedade, né?*	No momento atual a biblioteca pública encontra-se muito desvalorizada Biblioteca como fonte de conhecimento
P15	*Nossa, eu acho a biblioteca um espaço muito importante! Não em função de ter os acervos de livros, os acervos é... online, enfim! Mas eu acho um espaço de encontro também, seria muito interesse de formação, né? De... formação cultural mesmo, não... não numa questão de cumprir currículo, mas assim, de ampliação mesmo de cultura, de vocabulário, de conhecimento de mundo mesmo, né? Acho interessante. Não vejo isso acontecer aqui no CAPS. Nenhum estímulo. [...] Então, geralmente, a gente ainda vê assim, a questão da escolarização voltada à instituição escola e não, assim, como um prazer de frequentar a biblioteca. Não existe essa postura. Nem de encaminhamento, tá? Que seria uma... uma boa reflexão (risos). Né? Que é um espaço riquíssimo!*	Biblioteca como espaço de socialização, de cultura e lazer Biblioteca como espaço de promoção da cultura Biblioteca como espaço de ampliação pensamento e de produção de conhecimento
P16	*Pra mim, é... a biblioteca instituição, acho que ela tem que tá preocupada sempre em tá se renovando, em tá interessante, em tá fazendo sentido... [...] Eu acho que ela tem que tá sempre se atualizando pra poder é... continuar dando acesso à sociedade na questão cultural, a questão das gerações, aí, né? Então, acho que ela precisa tá presente.[...] Porque ela... ela é pra mim, é um patrimônio do... da população, da sociedade. Ter uma biblioteca e tu ter a memória, né? É tu poder pensar... pra mim... passado, presente e futuro... do cidadão, da comunidade, dos povos. [...] É preciso biblioteca pública cuidada, todo mundo bem lá dentro, entendeu? Que seja bom ficar ali, sentar né?, ler, ter silêncio, ter um ambiente gostoso. Acho que tem que... é um investimento que pra mim, tem que... tem que haver. O Estado tem que prover e as outras instituições também, né?*	Deveria ser um espaço que promovesse o acesso à cultura e ao lazer como forma de encantamento por meio da leitura Biblioteca como patrimônio da memória da humanidade Biblioteca como espaço de socialização, de cultura e lazer

Questão 5: As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
P1	*São. Estimular o ser, estimular ele a pensar, a leitura. A partir do momento em que eles começarem a ter o hábito da leitura e ler boas coisas, tem o estímulo do autoconhecimento. A leitura, eu acho que é uma das alternativas de reinserção social.*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Estimularia o pensamento e a leitura Leitura como alternativa de autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social
P2	*Muito importantes! [...] Eu penso que pra poder viabilizar uma biblioteca no CAPS precisaria ter alguém responsável por ela especificamente um bibliotecário ou alguma coisa assim, porque acho que nós, técnicos não conseguiríamos é... dar conta disso, assim de uma maneira que funcionasse, eu acho... eu acho que teria é.... que teria que pensar em forma... em formas de viabilizar isso, assim, sabe?[...] Assim, não sei... Teria que... que pensar em estratégias pra viabilizar, mas quanto à importância eu não tenho dúvida nenhuma, assim, eu acho que é fundamental, eu acho que poderia auxiliar demais a gente aqui no nosso trabalho. [...] eu acho que os livros, talvez, possibilitariam eles é... é... dedicar um tempo, um espaço, um pensamento a outras coisas, de desligar um pouco mais desse tema e se visualizar em outros espaços, entende? Então, assim, eu acho que seria muito bom os livros de literatura, especificamente, assim, eu acho que seria muito legal pros nossos pacientes, assim, eu acho que seria muito bom.*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Necessária a presença de bibliotecários para gerenciar e desenvolver atividades biblioteconômicas Importância da rede de bibliotecas para o intercâmbio e produção de conhecimento Leitura como alternativa de autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social
P3	*Então, a gente tem duas pequenas bibliotecas, né? Não tem uma organização muito significativa. Então, livro técnico a gente tem. A gente recebeu alguns por doação. Eu, às vezes, comprei a edição mais nova e doei a mais antiga, enfim. Mas eles ficam socados em um armário. [...] Então, acho que seria interessante, mas não só a biblioteca em si, mas alguma forma de organização do mesmo, e um espaço pra fomentar o uso, né? [...] Então, acho que esses caminhos seriam interessantes assim de sistematização, de armazenamento, de uso, né? E algum espaço pra fomento do... da utilização.*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Necessário um acervo selecionado, organizado e disponível para o uso
P4	*Eu acho que é muito importante. Nós temos um arquivo aqui de livros feito pra... assim que eu entrei pra trabalhar aqui no CAPS, é... uma das metas de planejamento era aperfeiçoar nosso acervo de livros. A gente fez até pedidos de... fizemos um levantamento com todos os profissionais, fizemos o pedido, mas não*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS

	houve retorno. Mas eu acho importante porque... a gente tem que tá sempre se atualizando, como eu já falei. Então, a biblioteca é uma forma de intercâmbio de conhecimento até tu conseguir... entre os quatro CAPS, seria mais interessante ainda porque haveria uma troca maior. Eu acho que seria nem interessante.	Importância da rede de bibliotecas para o intercâmbio e produção de conhecimento
P5	*Sim! Acredito que sim! Que seria um espaço também de promover cultura, né?, pro... pros usuários, assim, de reapropriação. Tem alguns que, às vezes, pedem pra gente... tá precisando de algum livro que eles olham ali. Não é algo que eu acredite que a gente estimule. Acho que talvez a gente poderia estimular mais, como técnico, a leitura, né? [...] acho que a gente poderia estimular mais... a questão da leitura ou até mesmo... eu já pensei, algumas vezes, num grupo de contação de histórias com eles... ahm... se apropriar talvez desse... dessa literatura brasileira.*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Biblioteca como espaço de promoção da cultura Leitura como alternativa de autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social
P6	*Nossa, muito! Foi tudo que eu te falei, né? Seria tu poder ter o prazer de... como eu tive, de ler uma... uma história, de entrar nela sem precisar usar uma substância que ao longo do tempo possa te fazer mal. [...] Nossa, isso seria muito interessante mesmo. E muito... retomaria aquilo que eu te falei que eu tive nesse grupo, né?, um... um prazer de dar um pouco de cidadania pra eles. Que... eu, assim, a minha opinião é que eles não tem. Ou se tem, tem muito pouco. Sabe? Tem muito pouco acesso à informação, acesso ao lazer, né?, ou... que é aquele lazer de massa, né?, acesso a tudo isso. Eu acho que seria... muito interessante e muito enriquecedor, tanto pra nós como pra eles.*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Leitura como alternativa de autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social Biblioteca como espaço de cidadania e de inclusão
P7	*Eu acho que é muito importante, eu acho que ela abre horizontes pro ser humano. Da forma como eu tenho ali, eu não tô vendo muito resultado. É certo isso. Eu acho que é um espaço que a pessoa tem pra contar e querer, se quiser. Mas não estimulado a usar aquele espaço, né? De que forma seria feito isso, eu não sei como é que poderia ser feito. [...] Então, acho que é primordial, acho que teria que ter sim, esse espaço bem mais valorizado, né? Não sei de que forma, mas concordo sim, que de... tem que se pensar nisso. Com urgência! Sabe? Com urgência! É isso!*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Necessário um acervo selecionado, organizado e disponível para o uso
P8	*Eu acho que são importantes, porque puxa uma discussão que tem a ver com qualificar o trabalho, a formação, é... e resgatar, e aí falando, especificamente, de bibliotecas, assim, da leitura, do campo da leitura, dos livros ou em outros formatos, mas é... acho sim que há uma grande parte da população excluída do acesso à leitura. [...] Então, eu diria assim, acho fundamental, seria muito interessante poder estruturar, né? Aí você fala rede de bibliotecas, né? É diferente ter várias bibliotecas e ter uma rede de bibliotecas, né? Pensar em rede de bibliotecas, é... é... eu acho muito legal. [...] Mas pra... pra ser uma provocação pros profissionais, né?, de poder investir*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Importância da rede de bibliotecas para o

	na formação, de poder aprofundar, de ser uma oportunidade pros usuários, né?, de acesso, de inserção social, de desenvolvimento pessoal.	intercâmbio e produção de conhecimento
P9	*São extremamente importantes. No CAPS, a gente trabalha com... com pessoas com transtorno mental, que é o diferencial! Eu acho que a gente tem...a gente trabalha na questão... essa questão da humanização, de todo mundo ser tratado como igual, como tendo direitos iguais. [...] Eu acho que isso é uma semente! Porque se ele se adaptar aquilo, o usuário ou seu familiar a se desenvolver o gosto pela leitura, pelo conhecimento. Se a gente começa isso aqui, num determinado momento que ele não esteja mais aqui, talvez ele use esses outros espaços. Né? Ele possa dar continuidade com isso na biblioteca pública, na biblioteca do seu trabalho, do local onde você estuda.*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Leitura como alternativa de autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social
P10	*Acho muito importante! Ahm... Dentre as dificuldades do dia a dia, que nós assim, temos, né?, se encontra a dificuldade do acesso à informação. Muitas vezes, a biblioteca não está próxima ou ao alcance daquele que deseja, né?, ter acesso ao livro físico, hoje em dia existe muitas bibliotecas virtuais. E fazer esse movimento de trazer pra dentro de uma instituição onde por si só já existe uma demanda de informação, de entendimento em relação ao que se passa com esse indivíduo, pode, de alguma forma, ajudá-lo, né? [...] Muitas vezes, o próprio profissional não tem tempo de dar todas aquelas informações que tranquilizariam esse paciente ou explicariam do que se trata, né?, esse mal que você está, assim, acometido momentaneamente. [...] Então, são várias as possibilidades em que criando-se uma biblioteca, né?, e havendo o interesse desse indivíduo em se aprofundar em algum tema... esse melhor acesso poderia sim trazer benefícios, né? Acho que é um pouco por aí!*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Importância da rede de bibliotecas para o intercâmbio e produção de conhecimento Leitura como alternativa de autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social
P11	São! [...] *a gente tem aquela pequena bibliotequinha, né?, alguns livrinhos, né?, ali e isso já traz, né?, um interesse por parte deles. É bem legal assim, eles vão procurar e através daquilo a gente vai trabalhando terapeuticamente. [...] E eu acho que... e também a biblioteca faz com que eles comecem, através dos livros, né?, a conhecer e também a... a poder até a ter ideias de poder escrever livros, escrever sobre eles, né? E a escrita é muito terapêutica, né? [...] Mas a gente vê fundamental, bem legal. Eles mesmos... aí é um ambiente que a gente queira colocar até um sofá, um computador também, pra eles... de ser um ambiente de convivência. Então, eu pego um livro, tô lendo aqui, e aí tem um outro que tá mexendo no computador, tem outro que tá no celular, e aí... ia ser bem legal, assim, né? A gente trabalha com o que é possível, né? Por enquanto é a nossa pequena biblioteca ali, né?*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Leitura como alternativa de autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social
P12	*É... Eu nunca tinha pensado num bibliotecário como parte da equipe de CAPS, né?, mas eu acho que pode*	As bibliotecas são muito importantes para

	ser uma... um profissional muito interessante, assim, no sentido esse de... de trabalhar mesmo a questão da... mais um instrumento pra trabalhar a questão da saúde mental. Então... Só que esse bibliotecário, ele tem que ter essa formação na área de saúde mental, né?, ou buscar essa formação. Porque eu vou te dizer que, às vezes... muitos de nós que chegamos, às vezes, a nível de CAPS, não tem uma formação específica de saúde mental, a não ser da graduação ou alguma coisa, né? Lógico que é um profissional que pode se desenvolver também nesse sentido, né?, seria uma ótima parceria, assim.	potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Necessária a presença de bibliotecários para gerenciar e desenvolver atividades biblioteconômicas Necessidade do bibliotecário ter formação em saúde mental ou buscar essa formação
P13	*Um coisa que eu penso sempre muito dos... das crianças e adolescentes, não só usuárias aqui do CAPS, que seria importante elas circularem pela cidade. Então, eu fico pensando que seria interessante eles poderem frequentar as bibliotecas municipais, os espaços que já existem por aí, né? [...] Essas ações das bibliotecas, mas... eu acho que essas redes de bibliotecas nos espaços de saúde mental, acho que também! Bem ou mal já existe. [...] É... mas eu acho interessante, sim! Pensar em mais um ponto de cultura, mais um ponto de apoio, de... de novos interesses, assim, pra traz... são novas possibilidades pras crianças. Acho que poderia ser interessante.*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Biblioteca como espaço de promoção da cultura
P14	*Ah, com certeza, são importantes. [...] Eu acho que... que tirar a biblioteca também de... de uma super-biblioteca grande e quer fazer micro-bibliotecas, eu acho que isso aumenta o acesso das pessoas, né? Eu acho que pro CAPS é importante ter também. [...] toda biblioteca demandaria de ter um profissional pra cuidar da biblioteca também. Então, eu acho que a informação seria melhor organizada, né? E aí se ela tando organizada eu acho que seria é... aumentaria também o atrativo dela, né? [...] É importante ter assim um espaço que seja a biblioteca e um profissional que possa cuidar também, né?*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Necessária a presença de bibliotecários para gerenciar e desenvolver atividades biblioteconômicas
P15	*Ai, excelente! [...] Ai, eu acho que são muito importantes! Acho que poderia, inclusive, ser um espaço terapêutico dentro de CAPS, né?, pras pessoas que se interessam, que têm o gosto pela leitura, acho que seria ótimo, assim, se a gente tivesse esse projeto. Acho riquíssimo, inclusive, foi importante assim, a tua entrevista pra despertar na gente, né?, um espaço pra isso. [...] Então, nunca foi debatido isso com os meus usuários, por exemplo. Eu vou levar essa discussão, vai ser um lugar que eu vou... que a gente fala muito, assim, óh, da questão artística, cultural, específico, da dança, da música, das artes plásticas, né? O cultural numa questão de leitura, uma leitura prazerosa, que eles escolham sem ter que cumprir tarefas de escola, seria ótimo! Né?*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS Bibliotecas como espaço terapêutico Leitura como alternativa de autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social
P16	*[...] pra mim é muito legal a ideia de ter... dos CAPS terem uma biblioteca, mas tudo mais assim, normatizado. Não é normatizado a palavra, que eu*	As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades

	acho meio.. é enrijece (risos)! Mas assim, é... essa rede mesmo, de poder falar mais sobre isso, poder colocar isso na pauta sempre, né? Porque fica do lado ali, fica relegado, entendeu? [...] Então, assim, se tiver isso de uma forma mais já certinha, eu acho que já ajuda os trabalhadores a tá se... se envolvendo melhor, entendeu? Pode dar uma força quando tá institucionalizada. Então, dá uma força pra que a gente realmente tenha que cuidar e tenha que dá atenção, entendeu? Por mais que tenha um monte de trabalho, eu acho que isso aí, a gente pode eleger uma dupla pra ficar... não há problema. Sabe? Não vejo! Eu acho que é uma boa ideia.	desenvolvidas nos CAPS Necessário um acervo selecionado, organizado e disponível para o uso Importância da rede de bibliotecas para o intercâmbio e produção de conhecimento Importância da institucionalização das bibliotecas nos CAPS

Questão 6: Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
P1	*Nós temos um espaço ali pequeno. Não sei se você tem conhecimento de co... conhecer aqui a parte de baixo, né? [...] às vezes, eu falo: - Aqui tem um espaço que vocês podem estar usando, né?, pra ler, pra isso, pra fazer alguma atividade aqui, né? Até brinco, uma mini-bibliotecazinha, né? Mas, são poucos, pouquíssimos mesmo. É que preferem ficar em frente à televisão do que pegar uma revista, uma coisa.*	Temos uma minibiblioteca com poucos livros
P2	*Queria te parabenizar pela pesquisa (risos), espero que gere bons frutos aí, né? É... Acho que o serviço de ter uma biblioteca no CAPS ou de a gente poder ter um profissional da área aqui com a gente é... nos auxiliaria muito é... é mais uma estratégia de trabalho com... com os nossos pacientes e eu realmente não acredito numa estratégia única. Então, eu acho que poderia vir a complementar muito o trabalho, então, tomara que um dia isso seja viável (risos).*	Parabéns pela pesquisa e espero que ela gere bons frutos Serviços de bibliotecas com bibliotecários pode ser uma estratégia de trabalho Necessidade do trabalho interdisciplinar
P3	*É, acho que... interessante porque faz a gente pensar, assim numa coisa que, volta e meia, a gente de certa forma tem... mas não pensa muito a respeito, né? Como eu falei antes, talvez, poderia ser uma coisa a ser incluída nos "Trajetos culturais" porque é um espaço... e a gente fala muito pros usuários da importância deles criarem redes e terem outros pontos de apoio e de... até lazer, enfim, né? E tem a [biblioteca x], tem uma na Hercílio, tem no Centro, então eles teriam possibilidades pra ir, pelo menos, talvez, uma ida guiada, né?*	A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental Repensar a inclusão das bibliotecas na rota do projeto Trajetos Culturais
P4	*Só que saúde mental... os CAPS são serviços novos. Então, ainda tá escrevendo e... é... pesquisando e fazendo novos estudos com relação ao serviço, porque é um serviço novo da década de 90, né? [...] Então,*	A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para

	por isso mesmo que teria esse... mais incentivo ainda pra produção de conhecimento desse serviço porque se não... ou até mesmo pra fazer um estudo que... ah... sobre o impacto na vida dos usuários, né? [...] os serviços vieram pra comunidade, então tu quer fazer um... seria interessante pra fazer estudo com relação à eficiência dos CAPS, eu acho que... Eu acho que por isso seria mais importante ainda ter as bibliotecas, né?	potencializar a rede de saúde mental
P5	*Eu acredito que foi bem interessante, assim, a gente tem coisas, às vezes, que a gente não pensa. A gente tem a biblioteca, mas ela também tá esquecidinha, né? A gente não olha muito, às vezes, ninguém sabe o que tem ali. Os pacientes, às vezes, pedem livro, alguma coisa assim pra ler, assim, né?, têm uns que gostam bastante de ler. Acho que, talvez, é algo que... que ficou, que a gente poderia estimulá-los mais nessa questão de... da literatura, né?, da leitura, do... do espaço que a gente que poderia ser utilizado... ahm... da melhor forma, de outra forma, que não seja tão esquecida.*	A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental Despertou a necessidade de estimular a leitura
P6	*[...] eu acho que é isso, que a gente tem que caminhar cada vez mais com a... eu falo educação por desconhecimento... porque tu é da Biblioteconomia, talvez... né? Que é isso assim, não ficar... não, não dá mais pra ver o sujeito como a... só com a saúde. [...] Então, acho que já passou do tempo das coisas serem tão separadas da saúde aqui, CAPS é saúde aqui, educação é lá na biblioteca. Sabe? [...] Acho que se tiver mesmo, uma... uma rede de bibliotecas no CAPS, eu acho que enriqueceria muito, tanto a nós quanto a eles. E a gente precisa.*	Necessidade do trabalho interdisciplinar A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental
P7	*Eu penso assim, que enquanto tiver pessoas disponíveis e querendo... com a intenção que tu tens, é... de pesquisar e entender... só por si, já basta! Né? De vir alguém questionar isso e observar o movimento de como funciona, se tem ou não tem ou o que que tem, é... essa coisa de quase, assim, um estímulo. Que movimenta o serviço em si. O próprio fato de tu vir com uma pesquisa dessas, uma pessoa: - Ah, mas a gente não tem nada disso aqui! Mas, então, acho que isso é interessante, mesmo que a gente não tenha, né? Que a nossa biblioteca, do jeito que ela se apresenta, não... não faz efeito... [...] Então, só o fato de alguém vir de fora, é... com essa pesquisa, ela nos instiga a pensar e isso só já é um privilégio pra mim, né? Poder contar com alguém que venha e que tenha esse interesse de entender, é... o que que tá acontecendo ou não acontecendo ou de que forma poderia fazer isso acontecer aqui dentro, né? Meus parabéns pela pesquisa!*	A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental Parabéns pela pesquisa e espero que ela gere bons frutos
P8	*Um comentário, talvez, que fique faltando é de... é... da importância, assim, quando tu traz essa discussão, o que me vem a importância da... desse caráter... é... do caso, é, assim, de não restringir a saúde mental à área da saúde, né?, como se fosse... Como se saúde mental fosse uma questão de saúde-doença, né?*	A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma

	Quando tu traz essa discussão sobre as bibliotecas me vem muito isso, assim, a gente vai... vai querer enfrentar os problemas afetivos, os conflitos pessoais, as dificuldades de interação, de inserção social, vai querer enfrentar isso com... com Psicoterapia sistemática e remédios? Quer dizer... Então, a gente tá fadado ao fracasso, né? Então, ampliar essa discussão, eu acho que é um passo muito... muito primordial pra daí outras coisas acontecerem, assim, né?, pra daí a gente avançar no campo da saúde mental.	estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental Necessidade do trabalho interdisciplinar
P9	*[...] o que você tá fazendo, é de extrema importância. A gente fica muito feliz em tratar disso, né? As pessoas geralmente pensam que a saúde, ela tá voltada somente com a medicação, com atendimento especialista, né?, médico centrado e tratamento medicamentoso, mas quando a gente lida com saúde mental, a saúde, ela é além da medicação. [...] A comunicação seja a leitura, ou seja a verbal ou seja a escrita a gente consegue se apropriar desses elementos pra trabalhos terapêuticos de promoção de saúde. Né? Então, eu acho que isso é extremamente importante e válido pro CAPS. Né? [...] E mais importante, se a gente puder, é se apropriar disso de alguma forma, pra que isso não seja um trabalho de mostrar a importância, mas de implementação de cuidado através da biblioteca.*	Necessidade do trabalho interdisciplinar A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental
P10	*Me ocorreu aqui um... um ditado, né? Já que nós estamos falando de conhecimento, tem um ditado que diz mais ou menos assim: "Um homem pode tanto quanto sabe". Né? Então, acho que tem um pouco a ver com essa fonte do conhecimento, a questão da biblioteca, né? Que é um... um local que deposita todas as transformações, aonde as pessoas podem obter esse... não só esse conhecimento, essa informação, como também, assim... um desenvolvimento, uma capacitação em relação às necessidades que elas, por acaso, venham assim a manifestar, né?*	A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental
P11	*Uhum. E parabéns mesmo, porque foi... eu achei interessante quando a XXX veio falar, né?, do tema. Falei: - Nossa! Nunca tinha feito muito essa associação. E aí, você trazendo isso seja também refletir um pouco sobre a importância, sobre... porque a gente fica muito também... é... ligado à tecnologia, é... à informação daquela forma, né? E vai se deixando perder alguma coisa, né, assim, tipo da importância de uma biblioteca pra sociedade, de ir até o espaço...*	Parabéns pela pesquisa e espero que ela gere bons frutos A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental
P12	*Ah, uma coisa que é muito importante, que nós já tivemos muitos pesquisadores aqui dentro, é... o CAPS vai fazer treze anos agora em junho, julho e... depois dar a devolutiva, assim, né? É bem importante, assim, poder vim na reunião de equipe, a nossa reunião de equipe é sempre as segundas-feiras à tarde, né?*	Interesse nos resultados da pesquisa e a importância da divulgação

	Cominar com a XXX depois que tiver o seu trabalho defendido e poder mostrar pra gente o resultado da sua pesquisa e divulgar também junto ao gestor da... a nível de secretaria. Acho que isso é bem importante!	
P13	*Acho que não! Espero que eu tenha contribuído!*	
P14	*[...] eu acho bem importante assim naquela parte, né?, do... eu acho que, é... pensar na modernização assim, do... do acesso à informação, né? Eu acho que não pode deixar de existir os livros... têm que ter os livros. Mas pensando já na maneira como as pessoas estão mudando, né?, na maneira de se relacionar, com o acesso à informação, pra elas poderem acessar a informação coerente também [...] Então, eu acho que ter essa formalização também da... da informação, eu acho que é importante, né? Seria isso.*	Pensar na modernização do acesso à informação nas bibliotecas
P15	*Ah, então, eu achei muito interessante a sua pesquisa. Trouxe reflexões, assim, pra mim, que inclusive, eu vou trazer amanhã na nossa reunião de equipe de quarta-feira. Acho muito legal. Primeiro, que a gente tem um espaço de leitura que não é explorado. Talvez, se fosse incentivado pelos técnicos, talvez se tornasse também prazeroso, né? Fica como uma prateleira onde tem os livros, né?, mas não existe um convite, uma atividade, uma roda de conversa, um piquenique, né? (Risos). Algo assim, que envolva leitura. [...] Claro, que também, nós temos muitos usuários com baixa escolaridade que, às vezes, têm uma dificuldade com a leitura, mas tem muita gente que contemplaria, assim, né? Seria legal, o que não lê, mas que pode participar de uma leitura de quem lê. Assim, são vários... Eu achei muito legal! Muito bom o teu tema e muito reflexivo!*	A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental Despertou a necessidade de estimular a leitura
P16	*Então, assim, é muito séria, é muito grave a situação que tá acontecendo. Criança passando de ano sem saber ler e escrever. Então, de que forma fazer uma oficina ou a biblioteca poderia... poderia pensar em... porque não tem uma psicopedagoga aqui, né?, que pudesse também ajudar nesse... numa oficina dessa, por exemplo. Ou profissionais da Biblioteco... Biblioteconomia, é né? [...] Bibliotecários pudessem vir. De que forma fazer um projeto pra poder fazer essa oficina. A gente poder receber mesmo, né?, estagiários. Daria pra ver que esquemas daria pra fazer. Porque a gente carece de formação também nisso, mas trazer essa... essa imaginação, essa fantasia pra algumas idades aqui que não tem. Se perdeu a fantasia, se perdeu essa capacidade de sonhar, de... de imaginar outro mundo, né? Eu acho que a gente tá vivendo uma era muito... muito difícil, assim, tanto pras crianças quanto pros jovens... de desesperança, assim. [...] O único é um problema, né? Tem que poder dar diversidade, oferecer... o que eu vejo é que ninguém... não estão nos oferecendo outras coisas e fica... só quer ficar na TV, no... na tecnologia atual, né?, do grupo social e das redes sociais que tá*	A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental Possibilidade de desenvolver oficina ou projeto de leitura por meio da atuação de bibliotecários ou estagiários de biblioteconomia Despertou a necessidade de estimular a leitura

	um perigo. Tá causando sofrimento e já tá chegando aqui, né? Já tá chegando! Então, é muito triste. Eu fico muito triste com isso. Mas é isso... Então, acho que a biblioteca é uma forma da gente resgatar isso, assim, né? Então, é isso!	

APÊNDICE L - Instrumento de Análise de Discurso – IAD 2 (Profissionais)

Questão 1: Quais são as atividades realizadas nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários? Você poderia relatar qual a importância delas para o desenvolvimento dos usuários?

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Grupo de reinserção social	P1; P3; P5
Retorno à rotina de *estudo* ou *trabalho*	P1; P5; P8; P9; P12; P16
Todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social dos usuários	P1; P2; P4; P7; P9; P13
Grupos ou oficinas terapêuticas	P2; P11; P16
Transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos	P2; P5; P13; P14; P15; P16
Visita aos espaços culturais da cidade	P3; P4; P5; P7
Participação em eventos gratuitos	P4
Economia doméstica	P5
Atividades de arte e artesanato	P5; P7; P8; P9
Grupo sobre cidadania, direitos e deveres	P6; P8; P15
Geração de trabalho e renda	P7; P8; P9
Parceria com ONGs	P7; P11; P12; P14; P15
Grupo de discussão sobre trabalho	P11; P14
Grupo voltado para os jovens	P15
Grupo de famílias	P15; P16
Oficina de dança	P16

DSC 1 – Realizo diversas atividades nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que promovem a reinserção social e cultural dos usuários. No entanto, destaco que todo o trabalho do CAPS tem o objetivo de desenvolver autonomia e reinserção social dos usuários. Vale ressaltar que desenvolvo atividades mediante parceria com ONGs. Dentre essas atividades, destaco os grupos e oficinas terapêuticas, atividades de arte e artesanato, visita aos espaços culturais da cidade, grupo sobre cidadania, direitos e deveres, geração de trabalho e renda. Com menos frequência, realizo grupo de família, grupo de discussão sobre trabalho, economia doméstica e oficina de dança. As atividades que desenvolvo nos CAPS são importantes para a transformação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos dos usuários e para prepará-los para o retorno à rotina de *estudo ou trabalho como forma de reinserção social.*

Questão 2: Quais as informações ou fontes de informação (revista, livros, Internet...) que você considera necessárias para desenvolver suas atividades profissionais no dia a dia? Poderia me explicar?

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Internet como fonte de informação	P1; P2; P3; P4; P5; P8; P9; P11; P12; P15
Uso diversas fontes de informação	P2; P13
Livros	P2; P4; P5; P9; P10; P11; P12; P13; P14; P16
Consulta ao acervo da instituição	P3; P5; P7; P12; P16

Acesso à base de dados	P3; P6; P8
Artigos	P5; P11; P13; P16
Textos	P6; P13
Sistema de informação em saúde	P7
Recursos audiovisuais	P8
Revistas	P9; P12; P15
Jornais	P9
Facebook	P13

DSC 2 – Para desenvolver minhas atividades profissionais no dia a dia eu considero necessárias diversas fontes de informação. De maneira recorrente utilizo a internet como fonte de informação. Consulto, também, o acervo da instituição e faço uso de livros, artigos, revistas e textos. Acesso bases de dados e uso diversas fontes de informação, como o sistema de informação em saúde. Com pouca frequência utilizo recursos audiovisuais, jornais e Facebook.

Questão 3: Como você percebe a importância de ter acesso a essas informações?

Síntese das ideias centrais	**Entrevistado**
Importância do acesso à informação para a qualificação profissional	P1; P3; P4; P5; P6; P7; P8; P9; P10; P11; P12; P13; P16
Livro e leitura com função terapêutica	P2; P9
Informação para se manter atualizado	P4; P5; P11; P12; P13; P16
Falta tempo na agenda para se atualizar	P6; P8
Informação como um bem valioso	P12
O acesso é importante para os usuários, desde que não seja no modelo convencional ou tradicional	P14
O acesso é importante para os usuários	P15

DSC 3 – Eu percebo a importância do acesso à informação para a qualificação profissional. É por meio da informação que me mantenho atualizado. No entanto, com a grande demanda de atendimento que realizo nos CAPS falta tempo na agenda para esse momento de atualização. A informação pode ser vista como um bem valioso e o acesso a ela é importante para os usuários dos CAPS, desde que ela não seja vista no modelo convencional ou tradicional sem uma ação ou fomento de uso. Neste caso, vale pontuar que os livros e a leitura têm função terapêutica.

Questão 4: Como você definiria uma instituição biblioteca e como a enxerga dentro da sociedade?

Síntese das ideias centrais	**Entrevistado**
A biblioteca como um espaço diferente	P1
Enxergo a biblioteca como espaço de transformação social	P1; P6; P9, P11
Biblioteca como espaço de ampliação pensamento e de produção de conhecimento	P2; P4; P15
No momento atual a biblioteca pública encontra-se muito desvalorizada	P2; P4; P5; P12; P14
Espaço vazio e pouco ocupado	P2; P3; P4; P10
A biblioteca não está cumprindo o papel que deveria	P2

Biblioteca como espaço de promoção da cultura	P3; P9; P15
Deveria ser um espaço que promovesse o acesso à cultura e ao lazer como forma de encantamento por meio da leitura	P4; P12; P13; P16
Enxergo a biblioteca como um ambiente restrito e indisponível à sociedade	P7
A biblioteca é um espaço que tem um acervo organizado para que as pessoas possam acessar e encontrar informações de qualidade	P8; P9
Biblioteca como fonte de conhecimento	P9; P10; P14
Biblioteca como formação do pensamento crítico	P9, P11
Biblioteca como espaço de socialização, de cultura e lazer	P11; P15; P16
A biblioteca é um espaço diferente, silencioso e adequado para estudar	P13
Biblioteca como patrimônio da memória da humanidade.	P16

DSC 4 – Defino a instituição biblioteca como uma fonte de conhecimento e como um espaço de ampliação e de produção do conhecimento. Essa instituição pode ser vista como um espaço que tem um acervo organizado para que as pessoas possam acessar e encontrar informações de qualidade. A biblioteca é um espaço diferente, silencioso e adequado para o estudo. Ela é importantíssima como uma instituição de promoção da cultura. Também a vejo como patrimônio da memória da humanidade. Dentro da sociedade, enxergo a biblioteca como um espaço de transformação social, de socialização, de cultura e lazer. Torna-se uma instituição importante para a formação do pensamento crítico. Entretanto, no momento atual a biblioteca pública encontra-se muito desvalorizada, com espaço vazio e pouco ocupada. Ela não está cumprindo o papel que deveria. Ainda enxergo a biblioteca como um ambiente restrito e indisponível à sociedade. Por outro lado, ela deveria ser um espaço que promovesse o acesso à cultura e ao lazer como forma de encantamento por meio da leitura.

Questão 5: As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você pensa sobre a implantação de uma rede de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Síntese das ideias centrais	**Entrevistado**
As bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS	P1; P2; P3; P4; P5; P6; P7; P8; P9; P10; P11; P12; P13; P14; P15; P16
Estimularia o pensamento e a leitura	P1
Leitura como alternativa de autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social	P1; P2; P5; P6; P9; P10; P11; P16
Necessária a presença de bibliotecários para gerenciar e desenvolver atividades biblioteconômicas	P2; P12; P14
Importância da rede de bibliotecas para o intercâmbio e produção de conhecimento	P2; P4; P8; P10; P16
Necessário um acervo selecionado, organizado e disponível para o uso	P3; P7; P16
Biblioteca como espaço de promoção da cultura	P5; P13
Biblioteca como espaço de cidadania e de inclusão	P6
Necessidade do bibliotecário ter formação em	P12

saúde mental ou buscar essa formação	
Bibliotecas como espaço terapêutico	P15
Importância da institucionalização das bibliotecas nos CAPS	P16

DSC 5 – No meu ponto de vista, as bibliotecas são muito importantes para potencializar as atividades desenvolvidas nos CAPS. Penso que a criação de uma rede de bibliotecas é importante para o intercâmbio e produção de conhecimento. No entanto, é necessária a presença de bibliotecários para gerenciar e desenvolver atividades biblioteconômicas e que eles tenham formação em saúde mental ou busquem essa formação. É importante que essas bibliotecas sejam institucionalizadas e que o acervo seja selecionado, organizado e disponível para o uso. Elas são espaços de promoção de cultura, cidadania e inclusão social, podendo ser, também, espaço terapêutico. A presença delas nos CAPS estimula o pensamento e a leitura, afinal, a leitura pode servir como uma alternativa para o autoconhecimento, cultura, lazer e reinserção social.

Questão 6: Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Síntese das ideias centrais	**Entrevistado**
Temos uma minibiblioteca com poucos livros	P1
Parabéns pela pesquisa e espero que ela gere bons frutos	P2; P7; P11
Serviços de bibliotecas com bibliotecários pode ser uma estratégia de trabalho	P2
Necessidade do trabalho interdisciplinar	P2; P6; P8; P9
A pesquisa gerou reflexão para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental	P3; P4; P5; P6; P7; P8; P9; P10; P11; P15; P16
Repensar a inclusão das bibliotecas na rota do projeto Trajetos Culturais	P3
Despertou a necessidade de estimular a leitura	P5; P15; P16
Interesse nos resultados da pesquisa e a importância da divulgação	P12
Pensar na modernização do acesso à informação nas bibliotecas	P14
Possibilidade de desenvolver oficina ou projeto de leitura por meio da atuação de bibliotecários ou estagiários de biblioteconomia	P16

DSC 6 – Gostaria de dizer que essa pesquisa gerou em mim reflexões para se pensar a biblioteca como uma estratégia de apoio para potencializar a rede de saúde mental. Parabenizo pela pesquisa e espero que ela gere bons frutos no futuro. Afinal, temos uma minibiblioteca com poucos livros. Por isso a importância de se pensar na modernização do acesso à informação nas bibliotecas. Essa pesquisa despertou a necessidade de estimular a leitura como possibilidade de um trabalho interdisciplinar por meio de serviços de bibliotecas e com a presença de bibliotecários. Houve a reflexão de pensar a inclusão das bibliotecas na rota do projeto Trajetos Culturais. Gerou a possibilidade, também, de desenvolver oficina ou projeto de leitura por meio da atuação de bibliotecários ou estagiários de biblioteconomia. Demonstro forte interesse nos resultados da pesquisa, pontuando a importância da divulgação.

APÊNDICE M – Entrevistas transcritas (Usuários)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 1 -** FLORIANÓPOLIS - 17/04/17

Questão 1 - Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS?

Bom, eu primeiramente, ãhm... faço de segunda à quinta-feira. Eu faço um projeto de ateliê de artes na segunda-feira, a partir da uma até as três... estamos indo até as quatro horas, por causa que a gente tá numa produção de trabalho artístico com argila e tentando fazer uma feira solidária, que é um lançamento tanto da... da área da gente mesmo e para os participantes e os pacientes, como os próprios coordenadores daqui de dentro. Então, eu frequento da... de segunda, terças-feiras, tá?, e terças-feiras, eu faço um projeto de ajuda da... Posso pegar meu projeto pra dar uma olhada? Só um minuto.

Entrevistador: Sim, fique à vontade!

Só um pouquinho. Bom, o meu projeto é assim: é de segunda, ás nove e meia até as onze, eu tenho o regional norte que é a cada um mês que eu faço pra mim marcar médico, pra mim marcar o meu projeto, né? Na tarde da segunda-feira, da uma e trinta até as três horas, eu faço ateliê de artes da cerâmica que é uma... economia solidária que é referente a uma... a um trabalho de argila terapêutica. Na terça-feira, eu faço apoio psicológico regional norte, que é das nove e trinta até as onze. E nas quintas-feiras, eu tenho um projeto cultural que é excelente, no caso. É uns lugares aonde a gente frequenta que é o Museu, a gente passeia no bosque, a gente passeia em vários lugares arqueológicos da Ilha e em geral da... da Grande Florianópolis também. A gente viaja... de vez em quando a gente vai pro Continente também visitar o pessoal do CAPS Continente. Essa união da quinta-feira é muito boa, porque encontra todos os... todas as pessoas que frequenta aqui no CAPS da Ilha com o pessoal do Continente. Lá a gente monta um trajeto que se chama "Trajeto cultural" pra frequentar teatro, pra ir em sala de cinema e, especialmente, pra parti... participar da... do... daqui da... do Córrego Grande, tem um Parque Florestal que é excelente, que a gente bota um piquenique ali e a gente confraterniza aquele momento de... de natureza, de encontro com os participantes do CAPS.

Questão 2 - Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

Olha, eu vou explicar as que eu mais gosto que são essas duas ali. Olha, na realidade eu gosto de todas as... os encontros que nós temos aqui no CAPS. A gente tem o "Ateliê de Cerâmica", que é a da XXX, da nossa professora aqui de Artes, que é um encontro excelente com todos os participantes da tarde. A gente chama a parte... da parte mais... daquela parte... de participante que é antigo e ela botou nós como se fosse os mais... ah, como... quando tem uma partida de futebol que tem o veterano, entende? Então, a gente é da parte dos veteranos na parte da argila, como eu tenho muito tempo aqui dentro. O "Apoio Psicológico" da XXX também, nossa! Aquilo ali é um encontro onde todo mundo pode falar o que tu se sente na vontade de fala. Contar um pedaço da tua vida ou como é que é a situação do teu dia, do teu mês e ali tu mostra que tu... além de tu falar, as pessoas se identificam com o que tu tá falando. Passa uma mensagem da pessoa que tá totalmente... ãhm... totalmente transtornada com o remédio, com outros... com os efeitos de outras drogas, ela acaba se identificando com o teu problema. E no

“Trajeto cultural” que também que é excelente, é o encontro que a gente tem com as... com os outros participantes de outros CAPS. Isso me deixa mais feliz, mas um que eu gosto muito é da cerâmica, do ateliê e artes. É muito bem...

Questão 3 - Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Olha... Sim! Sim! Tanto no ateliê com a nossa professora XXX que traz bastantes figuras ilustradas, tanto ali da... da Arqueologia da UFSC, como de outros lugares. E ela também tem o próprio... própria biblioteca, bem dizer, dela ali dentro para trazer o material pra gente poder trabalhar com artes.... arte da própria Ilha. A artes rupestre, que é herança lá do pessoal da pré-histórica, do Gês, do pessoal dos Guaranis, das épocas onde vinha muita... mui... muito comércio da Europa pra cá. Outra também que é do “Trajeto cultural”, que é aonde nós vamos em Museu, aonde a gente frequenta teatros, que lá também tem muito acervo de acesso ao material da exposição que a gente lê, a gente interpreta, a gente não faz trabalhos ainda em cima do... da saída do Trajeto cultural e sim, a gente conversa depois em uma roda de conversa aonde um traz um folder ou um anúncio, até mesmo um livro. Uma vez eu ganhei um livro do pessoal da... da poesia, então, tem muito acervos na... na... nesses trajetos que a gente faz. E também na... no Apoio Psicológico, a XXX traz de vez em quando um anúncio na... na TV, um tipo dum vídeo que eu falei... um vídeo mostrando no Youtube. Isso é muito interessante, porque mostra o interesse do participante, do paciente de querer explorar esse conhecimento que ela passa pra gente, que fica tão curioso pra gente que a gente acaba anotando, é... Nós mesmos por tá tão habili... tão ruim, assim, tão triste, tão debilitado com... com o efeito da droga, com o efeito de outras medicação, o efeito carência da família, que a gente acaba trazendo o livro pra gente poder botar na nossa vida no dia a dia e no projeto cultural também.

Questão 4 - Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

É essen... é essencial! Eu acho que, no momento que a gente tem um... um entendimento... que tem muitas pessoas aqui no CAPS que não tem estudo, tem gente que não sabe ler, não sabe entender o que quer dizer o livro... Ela tem a maior curiosidade de querer aprender, a vontade dela é excelente de querer voltar a, de novo, a aprender a ler e a interpretar. Só que é difícil por causa do efeito das drogas, efeito da bebida... Ela tem dificuldade de poder assimilar o próprio cérebro, de poder entender o que a mensagem está dizendo. Isso é muito essencial pra dentro do CAPS. Faz falta pra nós um tratamento mais... Como é que eu posso explicar? Um tratamento mais teatral, se a pessoa não sabe ler, tu interpreta aquela... aquela peça em forma teatral pra ela querer... querer buscar mais aquela fonte, aonde ela pesquisou, aonde ela tem essa... essa informação pra mostrar pra ela, em forma teatral, pra ela mostrar interesse do paciente em querer aprender novamente, em querer retornar de novo aos estudos. A alfabetização é excelente pra... pra quem tá precisando voltar de novo à sociedade, não como um drogado, como um... uma pessoa totalmente “distirbuada” mental, pra voltar novamente à sociedade e viver. A nossa ideia é... eu como participante, como paciente aqui no CAPS faço ensino médio e que, sem educação e sem saber ler tu não consegue interpretar. Então, hoje em dia tu precisa ter esse... esse acesso à informação, esse acesso aos livros, é... essencial! É preciso ter dentro da... da própria instituição do CAPS esses acervos que nós temos aqui embaixo de livros, que têm muitas pessoas que são... que leem, que curtem essa... essa ideia de ler bastante. Então, é muito importante mesmo.

Questão 5 - Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Claro! Eu posso relatar, sim! Quando eu cheguei aqui na... em Florianópolis, mais ou menos lá por 2012, 2013, eu não tive... eu não tive muito acesso à biblioteca, eu não tive muito acesso à informação. Eu fui entrar no SE... no EJA, na EJA em Canasvieiras e quando entrei dentro da biblioteca, eu vi que eu tava num mundo mágico, entendeu? Aonde estava ali histórias, heranças da Ilha, coisas que eu queria sempre tá em descoberta como um arqueólogo, como um bom historiador. Então, é bonito tu chegar e adquirir esse conhecimento na biblioteca. Hoje eu consigo ir ali na UFSC. Uma vez eu fui ali, entrei ali dentro e vi que tem uma... uma mágica ali dentro de informação que ela te transporta pra aquele mundo da imaginação, da... da história. E hoje em dia sem isso tu não consegue ter informação tão fácil que nem tem na internet. Na internet tu vai lá, pesquisa e pum, pum já tá aqui, já imprime e já tá ali. Não! É mais fácil tu pegar um livro, tanto antigo como um novo... quem nem dizem as... as escrituras antigas como fizeram a Bíblia, como fizeram o Novo Testamento. A gente diferencia um livro do outro, tem livros que são iguais, tem uns que são diferentes, mas é muito importante pra mim, que eu sou um adepto à leitura, adepto à cultura da... de informações, que eu preciso ter essas informações pra mim poder agregar na minha vida, né? Por causa que as histórias conta de vários estilos, de várias... de várias culturas, de várias heranças, que a gente precisa entender essa história que a gente tá vivendo hoje em dia no Brasil, né?

Olha, na minha infância eu via muito... como a minha infância foi muito perturbada assim de... de discriminação, tanto da minha própria família, como da minha... da minha mãe, da minha... eu tive... eu tive uma infância muito perturbada. Então, eu tive que procurar em gibi da Mônica e gibi da... do Pato Donald, do Mickey... Então, ali eu ia pra biblioteca no colégio. No colégio gostava muito de ler essas... essas revistinhas, daqui a pouco eu já tava fazendo uma coleção e frequentava na biblioteca, ir mais no sentido de aprender a falar, aprender a escrever, entendeu? Nas revistinhas de gibi, o cara... tu aprende mais quando... quando tu é criança. E depois, tu aprende com a curiosidade de querer: - Ah, eu quero fazer mecânica, eu quero fazer isso, quero fazer aquilo. E eu ia naquela parte ali de querer: - Ah, vou buscar esse livro aqui que eu preciso descobrir da onde nasceu o martelo, da onde nasceu e foi forjado. E agora, no ano passado, ano retrasado, se eu não me lembro ou não me falha a memória, eu fiz uma... um documentário sobre os Deuses do Egi... do... da Grécia, da Mitologia da Grécia, a Mitologia dos Deuses da Grécia, grega, né? E aí consegui chegar na... na minha infância. Naquela época, eu gostava muito de ver desenho da cultura grega, entendeu? Aí, eu encarnei... encarnei a minha infância, entendeu? Ali que eu comecei a pegar livros mais, mais didáticos... mais química, mais matemática... Então, na minha infância foi todo esse movimento de tá dentro da biblioteca, de tá as professoras fazendo aquela hora do conto que a gente tinha na... no colégio. Então, isso traz uma... uma nova... uma velha e nova maneira de educar, que é a maneira de tu tá aí... Dando um exemplo, né? Daí no CAPS, aqui tem gente que não sabe ler, mas tu fazer uma hora do conto, uma história tu contar, fazer um teatro ali, mostrar que... vai chamar a atenção do telespectador que tá ali, o paciente que tá totalmente distur... ãhm, totalmente fora da realidade. Voltar de novo, não vai, vou prestar atenção, vai ficar perto. E é legal tu voltar de novo à tua infância, por causa que o bacana de todo o... o conhecimento que tu tem desde o... desde os cinco anos de idade que eu me lembre até meus sete anos, eu vivi muito cuidando dos meus irmãos, ãhm... lendo pra eles essas revistinhas da Mônica, essas revistinhas da turma da Mônica e era muito raro tá dentro de uma biblioteca. Eu fui entrar numa biblioteca com sete anos. Com sete anos eu entrei dentro de uma biblioteca e, então, eu sentava na hora do conto... a professora chamava, né?, a hora da... da... da matéria. Depois dali, eu não vi... não convivi mais dentro da biblioteca. Depois dos onze anos, eu comecei a frequentar mais, porque tava na quarta série. Então, tinha que fazer pesquisas pra fazer matemática, geografia,

história... Então, eu tinha que tá dentro da biblioteca umas duas, três horas da... do meu tempo, né?, até meus quatorze anos. Depois, dali em diante eu vivi dentro da biblioteca, nossa!

Questão 6 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Eu acredito que será o ponto da educação que a gente precisa. É... Eu creio que a biblioteca, ela... tu tendo uma... tu tendo uma visão, assim tipo: - Eu sei que isso aqui é matemática, eu sei que... Ter uma divisão na... dentro do CAPS. No caso, o paciente que vem à procura do CAPS, ele vem em procura de benefício, ele vem em procura de melhoria da sua vida, ele vem em procura de medicação, ele vem em procura de ajuda. E acho que dentro do CAPS, se a gente implantar um projeto com a ideia de ter livros pra ele mesmo poder ter a autoajuda, se chama autoajuda, se auto ajudar e encontrar... Não ficar ali procurando, mas ter uma pessoa profissional pra nos dizer assim: - Oh, cara! Qual livro que você precisa? - Ah, eu preciso de tal livro, pra mim encontrar tal medicação. Tal especificação certinha do que eu tô tomando, pra mim entender o que eu tô falando. Pra mim... Então, vai ser uma ferramenta muito importante pro paciente, pra quem tá frequentando e pros próprios... pros próprios funcionários naquele momento de solidão, de tristeza. Até tu viste mesmo agora a pouco ali a nossa... a nossa coordenadora, que ela foi ali se encantou por um livro e já mudou e já levou. Então, esse é o legal de tu chegar dentro de um CAPS e encontrar a educação, a maneira de tu ler e a maneira de tu interpretar, por causa que vai chegar participantes que não sabe ler e aí vai ter aquele cara dentro da biblioteca que ele vai contar. - Olha, quero ler esse livro aqui e eu não sei ler. Ele vai lá. – Óh, pera um pouquinho, vou prestar atenção mais em você e vou ler esse livro pra você entender um pouquinho mais o que ele quer dizer. Isso vai ser bacana. Isso vai ser interessante, tanto pra quem tá estudando, tanto pra quem tá entrando pra... pra nova fase da sua vida de mudanças, por causa que ele... de repente, ele lia, deixou, relaxou, ficou atirado na rua e não quis mais ler. Hoje em dia ele procura ler e ter informação. Por causa que o nosso Brasil, infelizmente, a gente não teve... não teve essa evolução que nem tem a Europa, que nem tem outros países mais evoluídos... se a gente educação na época deles e tivesse embarcado nessa época de evolução da educação, a gente ia tá bem avançado, por causa que a educação é necessária. O ler é... é importante pra tua vida, se tu não sabe ler, tu não consegue chegar ali e se apresentar e dizer: -Oh, eu sou esse, sou aquele. Não! Tu precisa de uma biblioteca! A biblioteca é essencial dentro do CAPS. Tipo assim, tu precisa ter figuras, tu precisa ter imagens e tu precisa ter escrita pra ti poder entender o que que tu tá fazendo. O que que... Qual o rumo que tu quer tomar, entendeu? E acho que a biblioteca é... é especial nesse sentido de poder melhorar tua auto... auto não... a tua mente, no caso, abrir ela pro mundo e a tua vontade de querer cada vez mais evoluir na evolução da sabedoria, do prazer de ter essa inteligência e de poder... de repente sai daqui como professor, aqui de dentro, já pronto pra fazer uma faculdade, digamos. Sai daqui de dentro um aluno pronto pra fazer um EJA, que ele não sabia ler e ele aprendeu aqui dentro. É isso que ia ser muito especial... a ideia de vocês!

Questão 7 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Livre? Bom! O meu comentário é dizer que, nós, como participante, como frequentador desse Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, ele vem passando por uma dificuldade enorme de sustentabilidade econômica, tanto dos governantes, como dos próprios participantes, né? Então, eu queria dizer uma coisa livre e esclarecer nesse meu depoimento que a carência

nossa de tá necessitando dessa cultura, dessa... desse saber, dessa inteligência que tá na rua aí explodindo de... de euforia, de querer mostrar... a gente quer trazer o pessoal da rua, tanto morador de rua, como outras pessoas que necessitam da ajuda do Centro de Atendimento, uma melhoria pra si mesmo. Por causa que a gente necessita desse... desse saber, dessa inteligência que tem aqui dentro do CAPS, por causa que há pessoas aqui dentro que ruins, há pessoas aqui dentro que são pessoas boas. Só que a gente consegue transformar aquela pessoa como um barro todo desmanchado, numa... numa cerâmica que... nossa! Ele vai sair daqui pronto pra ir pro forno, o forno tá lá na rua e aí ele vai receber o calor. Eu queria também passar esse lado livre de esclarecimento sobre a inteligência que a gente precisa ter aqui dentro do CAPS, como eu sou um paciente, como eu sou um participante, que... sendo uma biblioteca um ambiente de ajuda mental pra gente poder ler, chegar aquele momento... de como... como eu tô abandonado na rua, sem família sem nada, vou lá na biblioteca e posso ficar... o maior tempo todo lendo aqui dentro da... do lugar onde eu me sinto bem, que é aqui dentro da... do CAPS, você se sente acolhido, você sente vivo, você sente inteligente, no sentido de inteligente mesmo. Depois que tu sai daqui, a tua inteligência parece que ela sai da tua cabeça, ela não... não continua ali dentro. Eu penso assim pra mim mesmo: toda a vez que eu saio daqui, eu saio com uma mente totalmente aberta pro mundo, totalmente zen, totalmente incluindo esse... essa sabedoria que eu adquiri aqui dentro, por causa que a gente aprende aqui dentro do CAPS. Com a ajuda dos pacientes, com a ajuda dos profissionais, com a ajuda da... da própria medicação e com a ajuda de outras coisas que a gente procura nós mesmos fazer, que é a arte, a cultura, a música e ler. A leitura é essencial pra nossa vida. Então, a minha última pa... minha última palavra é dizer assim, óh: - A gente precisa de ajuda, a gente precisa de conhecimento, a gente precisa mostrar pra população que a gente tá aqui não esperando um benefício, não esperando que um participante vá recair novamente, a gente tá aqui pra ajudar a comunidade a combater essa epidemia dessa droga, tanto do crack, como da maconha, como da cocaína, como da bebida, como de outras drogas também muito mais perigosas que tu deve saberes. Então, com a leitura, com o conhecimento da droga que ele tá usando, com essa diversidade de pessoas que frequenta aqui dentro, eu creio que a justiça de Deus ou outras pessoas na... na saúde, ou outras pessoas tanto no nosso governo, no nosso... na nossa administração, eles vão olhar nós com outros olhos. Por causa que o nosso tratamento é totalmente ligado ao SUS, totalmente ligado à saúde. E essa coisa de saúde mental como a gente vê na rua, ele... destrói o ser humano, destrói pessoa, acaba. Eu já vi vários participantes daqui do CAPS afundado, atirado, sem oportunidade. Então, eu creio que futuramente a gente vai conseguir implantar uma coisa mais concreta pra mostrar tanto pra população, que a população tem um filho lá que tá totalmente destr... "destribunhado", ele vai trazer pra cá, a gente vai conseguir alimentar ele com essa cultura, alimentar ele... alimentar ele com esse... com esse... com esse conhecimento, com essa vontade que a gente tem de poder ajudar, de poder medicar e de poder ensinar, por causa que sem ler, sem aprender a gente não tem como ensinar. A gente precisa mostrar tanto pra população, tanto pros governantes, tanto pras pessoas mais autorizadas em cima da gente que a gente tá aqui pra reivindicar uma melhoria, por causa que o nosso CAPS tá abandonado, o nosso CAPS tá destruído e se não fosse essas pessoas maravilhosas aqui dentro ganhando seus salariozinhos mínimo mas tão ali na... tomando... tomando "esporro" dos familiares, tomando xingamento tipo porque não tem medicação... sem ter culpa. Eu acho que a gente vai olhar... e eu como participante vou lutar por eles. Vou lutar tanto pra eles, quanto pros próprios pacientes, por causa que esse paciente... pro paciente, a gente é uma família. Então, eu creio que o CAPS vai se tornar uma família. Eu tô ali como participante da Associação agora que a gente quer montar, reivindicar toda a melhoria possível pra saúde mental. Por causa que a gente não precisa criar manicômios, nem centro de outros... outros... outros... como é que eu vou dizer? Manicômio é uma coisa bem forte de falar, mas esses... essas clínicas de tratamento. Elas não vão querer mais ajudar as pessoas lá dentro da clínica sabendo que aquela pessoa vai sair de lá de dentro

totalmente diferente ou pior. A gente quer transformar as pessoas aqui dentro do CAPS, tanto no CAPS da Ilha, como outros CAPS de... ajudar mentalmente, espiritualmente e educação de leitura cem por cento inteligente pra poder chegar e: - Ah, vou usar isso aqui? Não! Já li o que que isso aqui me traz. E ele vai entender e vai pegar uma medicação certa que vai substituir aquela vontade de usar a droga. Obrigado, viu? Desculpe falar demais.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 2 -** FLORIANÓPOLIS - 17/04/17

Questão 1 - Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS?

“Relaxamento” e “Ateliê de artes”.... “trajetos culturais” também.

Entrevistador: Você pode falar sobre cada uma delas?

Eu faço “Relaxamento” porque ajuda a pensar melhor. Me sin... sinto mais... mais melhor, né?, mentalmente. Projeto cultural pra conhecer lugares. Cultura, né?, ter cultura. E “Ateliê de artes” pra expressar o... o que eu sinto fazendo as atividades, desenho, mosaico... de querer expressar meus sentimentos.

Entrevistador: E o trajetos culturais, poderia falar sobre ele?

Então, a gente sai daqui do CAPS com destino na cidade de Florianópolis, né?, que são lá... é... pra conhecer museu, exposição, é... cultura da cidade, os artistas que apareceram na cidade, né? É isso.

Questão 2 - Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

É “Ateliê de artes”.

Entrevistador: “Ateliê de artes”. Poderia explicar por quê?

Porque eu gosto de desenhar. E gosto de pintar também.

Questão 3 - Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Não... Só folder. Folder e... é... Revista que foi feita por outras pessoas.

Entrevistador: Tem acesso a essas revistas?

Tenho. Lá na exposição... na exposição tem uns... tem uns papeis lá. Que contém informação.

Questão 4 - Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

É, seria melhor.

Entrevistador: Por que você acha?

Teria... um... uma referência... pra desenvolver melhor o trabalho.

Questão 5 - Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

É... me lembro da biblioteca do Centro e da... do Continente. Eu não tinha nada pra fazer, eu gostava de frequentar pra ler revistas é... dos políticos, do Brasil... através da revista Veja, Época. Eu gostava de... ainda que escolhendo, eu gostava de ver essas revistas. E na biblioteca do centro eu gostava de usar a informática... E ler jornal.

Entrevistador: E na sua escola, na sua infância, você lembra?

Então, na escola lá que eu estudava eu lia também gibi e livro de história. Eu lembro ali que eu lia bastante.

Questão 6 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Hum. Sim. Apesar que já tem uma biblioteca aqui. Já fala sobre isso aqui que quem quiser ler é... pedir a chave pra usar. Mas seria bom. Ter um... ter livro pra ler, assim, quando não tem nada pra fazer... Se tivesse revista também, Internet, jornal. Porque, às vezes, jornal tem coisa que aqui ia precisar, né?, emprego pra quem tá precisando de emprego, ou que já tem... quer fazer um curso. Aí seria bom no jornal você ter os classificados, aí dá pra dar uma olhada.

Questão 7 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade. Sobre a pesquisa, sobre o CAPS.

Não, não tenho mais nada pra dizer. Só... que tenha, né?, que tenha uma... biblioteca é bom, né? É importante. Tenha mais livros da história do... do Brasil, assim... da história dos índios... dos negros. E que seja de fácil acesso, né? Que tenha acesso mais fácil. Que, muitas vezes, a gente só estuda a Europa e Estados Unidos e aí fica difícil. Estudar um pouco mais a... o Brasil.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 3 -** FLORIANÓPOLIS - 17/04/17

Questão 1 - Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS?

Eu tô participando da... do... na segunda-feira, do grupo da "Assembleia" e do "Relaxamento" às três horas da tarde. Na quarta-feira, à uma hora, a "Qualidade de vida". Na quinta-feira de manhã, nove e meia, é o "Motivacional". E nas sextas-feiras, eu venho só se tiver alguma demanda, né?, na equipe de referência.

Questão 2 - Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

Eu gosto do "Qualidade de vida" porque ele tem temas que a gente, né?, discute, que tira dúvidas sobre vários tipos de assuntos, doenças, tecnologia acessível, proteção. No... na outra semana fica filme também, que é uma coisa que eu gosto muito de ver filme. A gente debate sobre o tema do filme e outro grupo que eu gosto muito também é o "Motivacional", que ele te motiva, né?, a voltar à sociedade, te sentir alguém de novo. Ter forças para lidar... se afastar do uso, de uma maneira que fica bem claro de entender assim, que geralmente é feito ali no painel, no... na... que a gente vai falando, vai colocando um balanço decisório das coisas. É um outro grupo que eu gosto bastante também.

Questão 3 - Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Aqui tem bastante livros, que eu sempre levo um ou outro pra casa. São mais esses.

Entrevistador: E no desenvolvimento dessas oficinas que você falou, você utiliza alguma informação dessa natureza?

Não, no momento não.

Questão 4 - Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS? Tipo assim, dessas atividades que você pesquisa... que você participa, se você tivesse informação você acha que seria bom, importante?

Mais informação?

Entrevistador; Se tivesse revista, livros, mais...

Acharia. Eu acharia interessante.

Questão 5 - Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Não, eu não tive nenhum contato com biblioteca. Não sei se falta de orientação da escola ou dos meus pais, mas eu tô com 30 anos e eu nunca entrei com contato com uma biblioteca. Gostaria de ter contato com uma biblioteca.

Entrevistador: Nem na escola assim, que você estudava?

Não.

Questão 6 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Eu acho bastante importante. Eu gostaria que tivesse. É... a gente tá aqui, é o meio mais fácil de poder pegar livro, devolver, livros de vários tipos de temas diferentes, né? Não só falando sobre... do álcool, drogas ou prevenção, recaída ou sobre doenças sexualmente transmissíveis. Tipo, vários assuntos assim diferentes, seria interessante se tivesse uma biblioteca. Até passaria mais tempo aqui, assim, lendo. Em casa, às vezes, fica um pouco difícil por questão do barulho, privacidade. Então, eu acharia bem interessante isso daí.

Questão 7 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Não, é... só gostaria mesmo que o CAPS voltasse a ser o que era antes, né?, tipo quando a gente tinha alimentação que poderia ficar o dia inteiro e aproveitava melhor as atividades. As atividades rendiam mais porque daí a gente tinha alimentação, né? E agora, tipo hoje, já é... já é uma... terceira vez que eu venho sem almoçar porque a... porque pra não perder o horário aqui eu venho sem almoçar. Antes não precisa se preocupar, podia fazer uma... uma atividade de manhã, almoçava aqui e à tarde já tinha outra atividade, tinha o café da tarde. Então, é a única coisa agora, nesse momento, em relação ao CAPS que tá mais... eu acho, assim, mais difícil. Mas o tratamento, os projetos, a atenção continua a mesma.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 4 -** FLORIANÓPOLIS - 17/04/17

Questão 1 - Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS? Quais são essas atividades que você participa?

Eu participo [da atividade x], né?, participo da Associação. É... Associação e... faço parte [da atividade x], [...] tenho curso de Customização com o [profissional x], que do outro ano, a gente fez... foi máscara pra vender, teve o Baile de Máscara assim. Faço terapia aqui e também, junto com a minha terapia, eu sou meia, vamos dizer assim, "Assistente Social" pro pessoal que vem pra cá. Sim! Assim, olha, agora com o prefeito... com o prefeito novo, tava cortando tudo. Então, o Arco-Íris, que é uma ONG, eles tavam querendo fechar, não tem? E essa... o "Arco-Íris" que é uma ONG, assim ó, pegava todos... todo o mundo, assim, era morador de rua, da... CAPS AD, que é álcool e drogas, transtorno... não tem? Então, meio que ago... antes tinham as atividades aqui, voltaram pra lá. Agora de lá, voltaram pra aqui. Estão tirando, bem dizer, assim um espaço pra gente, não tem? Mas com muita luta, né? Não... não se faz nada, não se ganha nada se não lutar, né? Como diz o [profissional], ele também faz parte da Secretaria da Saúde: - Enche o saco mesmo, Fulano! Vai lá, porque se cê encher o saco, já vão te dar pra não ficar mais "aporrinhando" eles, entendeu? É só de... Né?

Questão 2 - Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

Como que eu vou dizer assim... A que eu mais gosto? Eu gosto... assim, de ficar mais [da atividade x], porque assim óh, é o meio de eu... ah... como... é... vamos dizer assim, um meio de poder fazer renda pra poder... levar eles pra passear. Que teve dois anos... Esse ano, eu

levei, o ano passado, eu também levei eles no Beto Carrero. A Associação pagou, bem dizer, tudo! A gente trabalhou mesmo pra manter, né? E o que eu mais poderia dizer? É! A Associação mesmo. Participo da Assembleia da... do CAPS também, não tem? A... Hoje em dia... Antes não era assim, mas agora eles tão com bastante atividades assim. A... Uma [profissional y] faz... como é... um grupo de... de mães, não tem? Até... chama esse grupo "Maria Bonita", né? E é legal! E eu faço também, hoje que eu não fui, mas é bem interessante, não tem? É... demais, assim, eu ajudo um quando cai ou quando vem um surtado também ajudo, não tem? Um faz uma palavrinha daqui, outro dali. Mas eu também quero ser forte, mas tem hora que eu... que eu não... eu esqueço de mim, como diz o [profissional x] [...]: - Faz tanto pelos outros, mas esquece de ti! O que que... Como é tu vais ajudar a pessoa? Daí, eu pensando direitinho, digo: - É mesmo, né? Não sei... eu adoro con... conversar, adoro brincar, né? Gosto de ajudar as pessoas. Quanto mais eu ajudo eles meio... fica melhor pra mim. Porque eu entrei aqui no CAPS, entrei com a perda do meu filho e eu e minha filha tentando suicídio, não tem? Fomos indo... indo... Tem dia que eu tô... meio caída, outro dia tô bem. Mas uma mãe que perde um filho, de 26 anos, por causa de um amigo na... com ciúme da namorada. Pensei que era com droga, alguma coisa, não! Foi só por causa do ciúme mesmo. Sabes que vai fazer 14 anos que ele faleceu. Aí, pra uma mãe é uma barra, né? A gente sabe que os outros que fica de fora fala: - Ah, já passou. Eu digo mesmo que o tempo é o mais venenoso que tem pra uma mãe. A dor que sente. Até um dia eu fui no médico da perícia e ele, assim: - Ah, mas a senhora tá tão bem. Pois é, a minha... a minha... a minha dor não é pelo lado de fora, a minha dor é pelo coração. Aí, esses dias que o médico me deu uma perícia, não tem? - Tá, vai descansar, vai... Mas é uma barra, né? Fazer o que?

Questão 3 - Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Não, até tem! Têm uns livros ali que faz parte da Associação, mas vamos dizer assim, eu... eu não... não tenho mais paciência de ler, não tem? Até por... pela minha doença mesmo, porque tem hora que me dá perca de memória, né?, mas... leio uma coisinha ali ou outra... É isso mesmo.

Questão 4 - Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

Assim, óh! A leitura... Tinha um... uma oficina de leitura, que era o meu psicólogo... Ele foi embora pra Espanha, o... o XXX. E com ele parece que as coisas flutuavam, não tem? Ele fazia desenho, ele fazia... falava pra gente fazer um desenho, é... tinha Biodança, não tem? Mas também... tudo que é bom aqui no CAPS dura menos... Aí, já te empurra pra outro local, mas aí... assim óh... eu tava tão empenhada na Biodança, adoro fazer atividade física, aí... "Acabei sem baralho".

Questão 5 - Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Não! Nunca tive. Além da... de uma pessoa pobre, vamos dizer, que a gente não tinha... isso. Ia até pra aula por... obrigação. Mas espaço de leitura, eu não sou muito de ler não. O meu... o meu... o meu gostar é, assim, braçal, não tem? Meter a mão na... no... na roupa pra lavar. (risos)

Entrevistador: A escola que você estudava tinha biblioteca?

Não! Hoje que tem, né? Tem biblioteca, tem secretária, tem... na minha infância antes não, era a professora, a diretora e os merendeiros e deu, né? Na minha época... pelo menos, na minha época, foi, né? Tô com 55 anos... Faz tempo!

Questão 6 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Não. Não, porque a gente tem ali as pessoas querendo fazer desenho, desenhar... mas é como diz, não tem... não vai pra frente. Hoje faz um desenhozinho, depois deixa largado lá. O outro quer levar pra casa e... não dá certo.

Entrevistador: Então, você não enxerga como...?

Não! De repente, o outro já... né? Pra outro já dá certo!

Questão 7 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

É. A estrutura já... tá pra... manter uma reforma. Porque todos os CAPS aqui, era pra ter... era pra ter cinco CAPS. Hoje aqui só tem três. É o álcool e droga, né?, o transtorno e o CAP... CAPS é... infantil, né? Mas assim, se já não arruma a estrutura, imagina... Quando chove, meu deus! Chove lá dentro, chove aqui dentro. Aí, pede à Prefeitura pra vim dar uma arrumada, eles demora cinco, seis meses. Quando vem pra arrumar um, já tem o outro pra quebrar, não tem? É... eu digo assim óh, que a... a saúde tá na UTI e ninguém tá dando conta de ressuscitar, né? Porque entra um, rouba! Ou quando o outro entra, não tem como... tampar o furo do outro que saiu, né? É muito fácil falar, mas... falar que não tem dinheiro. O que... que o outro prefeito aqui fez? Não fez nada, gente! E assim, eles falam que todo mundo "roba", "roba", "roba" e... esse dinheiro não vem pra saúde, não vem pra educação, não vem nada, né? Esse dinheiro vai pra onde? Até eu queria saber responder (risos). Né? Porque... era... tem tanto dinheiro fora, porque que já não vai...? Tanto... tanto colégio, aí, creche, né? Tudo abandonado, né? Até o outro sair, fica tudo pela metade, porque não terminou o que o outro deixou, né? É bem complicado!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 5 -** FLORIANÓPOLIS - 17/04/17

Questão 1 - Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS?

É... Eu tô participando da oficina, é... de "Economia Solidária", que é o que eu... vim agora daqui debaixo, né?, é a "Economia Solidária", é o "Maria Bonita", que é o que eu vou agora e... participo da Associação também dos usuários do CAPS. É o que eu faço. E na quinta-feira, eu participo de outro grupo também de "Economia Solidária". Eu participo umas... seis vezes por semana mais ou menos.

Questão 2 - Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

É... a oficina "Solidária" da... a oficina mesmo e... "Maria Bonita" também... também gosto... Hum... Uma, é porque trabalha com arte... com desenho, com pintura, então, eu gosto mais dessa parte artística, essa parte de... então, eu me identifico mais, eu gosto mais, então por isso que eu gosto de participar mais desses. "Maria Bonita" é mais uma conversa, né?, assim que daí é... é interessante também. A gente troca informações de... de experiências, é bem legal.

Questão 3 - Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Revistas agora a gente vai ter pra... até pra tirar moldes de... de figuras e tal, pra gente poder tá passando pra estencil pra poder fazer pintura. Então, a gente vai tá mexendo com revistas, né? Agora, vídeos, o [profissional x], que é o responsável pela oficina passou um vídeo pra gente, né?, sobre a oficina e sobre as técnicas de pintura. Então, a gente tá tendo alguns... alguns multimeios, assim. Ele vai... ele passou datashow, foi bem legal!

Questão 4 - Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

Sim! É bom... somente livros a gente quase não tem, assim! A gente não vê muito, não tem muito acesso a livros, a folhetos, essas coisas assim, quase não tem. Seria bom se tivesse pra todos... poderiam tá olhando, lendo e, principalmente, no horário que tão esperando a consulta que, às vezes, demora um pouco, né? Então, no aguardo, eu poderia ter... poderia ter livros, poderia ter revistas, essas coisas assim pra passar o tempo mesmo, pra ler. Tem gente que fica vendo a TV, tem gente que não gosta, que não fica, que fica aguardando ou fica conversando com os amigos, com os conhecidos, né? Então, é mais ou menos isso que acontece assim, mas seria muito bom se tivesse uma biblioteca aqui. É um outro ponto de referência e também de socialização entre as pessoas aqui dentro, né? Se tivesse... uma biblioteca pra poder tá participando... até poderia ter uma brinquedoteca também, tipo... de jogos... jogos, é... jogos de memória, jogos de... né?, assim, pra tá junto como passatempo também. Seria uma coisa boa assim, né? Porque tem muitas pessoas aqui que... que consultam aqui que também tem problemas neurológicos também, né? Então, têm problemas mentais mais direcionados mais à questão neurológica. Seria bom ter esse tipo de material pra gente poder... poder tá esperando os horários das atividades mesmo, né?, no intervalo...

Questão 5 - Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Hum... Assim... Quando criança, eu participava sim das... das... eu gostava de... do cantinho da leitura. Tinha os cantinhos da leitura. Eu sempre gostei muito de biblioteca, já trabalhei como bibliotecária (risos) também em uma escola municipal, né? Então, era responsável pela biblioteca. Daí, catalogava e tudo, e daí, fazia toda essa parte assim, né? E participei no EJA também na biblioteca... Foram duas ou três unidades que eu trabalhei com biblioteca e... foi muito bom, assim. Eu cataloguei livros também em creche, que eu trabalhei também. Então, a gente tinha várias, é... coleções e tal, e daí, ficou tudo registrado. Então, foi... foi bom, foi legal

e... a gente sempre mostrava os livros novos que chegavam pro... né? pra... pros grupos, assim. Então, sempre foi muito bom. Eu sempre tive uma boa relação com a biblioteca. Sempre gostei muito. Eu frequento agora a Biblioteca Pública, vez em quando eu tô pegando livros, assim. Faz uns dois meses que eu não peguei mais, mas eu pego uma média de dois livros por semana mais ou menos, assim, e... tava num ritmo bom de leitura, agora que dei uma parada (risos). As minhas "vista" começou a incomodar, isso assim, quase não tô enxergando... bem, né?, eu disse assim, dei uma parada! Mas quero voltar a pegar livros na Biblioteca. Eu sempre pego, então, eu leio, em média por ano, uns 20 livros mais ou menos... mais ou menos isso, uns 20 livros por ano.

Questão 6 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Sim! São importantes pela interação, ser um novo espaço de... de convivência e também, é... de conhecimento também, de troca de conhecimento, né?, de.... de lazer também... Acho que se... que é muito importante. Acho que seria, é... mais uma atividade dentro do CAPS, assim. Seria muito bom! Eu acho que... o pessoal... as pessoas iam gostar assim, né? Iam gostar bastante!

Questão 7 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Não, acho que seria... seria isso mesmo assim. Seria... Né? Um... um outro local de convívio e que as pessoas podiam tá... Né? Usando os livros, lendo, se atualizando, aprendendo mais, trocando ideias, né? Acho que é um... pra tanto de conhecimento, quanto de convivência mesmo, de troca, de experiências... Acho que seria muito bom, assim, né?, se tivesse biblioteca.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 6 -** FLORIANÓPOLIS - 17/04/17

Questão 1 - Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS?

Oh, cara, parte do médico, psicóloga, ter... terapeutas, entendeu? É... Frequento aqui segunda e sexta, têm outros dias também que, às vezes, venho pra consultar com médico, né?, pra pegar remédio por causa da minha dependência química e... tô aí, tô vindo, né?, praticamente não tenho faltado, né?, tô tentando levar até o fim, que são 9 meses, né? Aí, eu tô passando... tô quase chegando na segunda etapa da... do meu tratamento. Pretendo ficar até o fim... Claro! Com certeza, né? Principalmente, porque eu tenho é... eu tenho um problema na justiça, né?, pra poder voltar a ver minha filha. Então, eu tenho que ir até o fim, né?

Entrevistador: Você participa de alguma oficina, algum grupo assim...?

Olha, tem... eu já participei aqui, mas a da... é... de... fazendo uma limpezinha ali no... no pátio, então, né?, mas eu não tenho muito... tido muito tempo de participar de outras atividades, né? Por enquanto, eu tô focado mais no tratamento com Psicólogo, Terapeuta, entendeu? Vim nas

seções aí pra poder... ter conversa, né?, roda de conversa relação à recaída, essas coisas, entendeu? Por enquanto, não tenho tido muito tempo. Tô... tô trabalhando... às vezes, tem que ir trabalhar, né? Aí, fica até difícil, às vezes, de vim pra cá.

Questão 2 - Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

Oh, cara! Todas elas têm... fazem... tem feito bastante efeito, cara! Porque faz a gente conscientizar, né?, que antigamente, porra, eu pegava um saco de dinheiro que eu tinha e usava pra usar droga. Hoje eu já compro um tênis, já compro uma roupa pra mim, entendeu? É... Levo minha filha num... num cinema, passeio, entendeu? É... Me arrependo muito de... de tá usando... de ter usado... perdi dois casamentos por causa disso, né? E agora tô tentando voltar a ver minha filha de novo, minha pequenininha e tô lutando aí, cara! Não vou desistir!

Questão 3 - Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Não. Não, porque... Talvez até tenha, só que eu não tive muito tempo, aí, de... de... ver, entendeu? Né? Até... voltei a estudar. Deix... Né? Entendeu? Depois comecei a... fazer tratamento aqui, até eu voltei até a ter as minhas atividades, entendeu? Eu sou graduado em Capoeira, sou faixa roxa de Aikidô. Eu voltei a treinar a Capoeira, é... tô tendo gosto de estudar, coisa que eu nunca tive gosto de fazer. Tô tendo mais interesse, principal... especialmente por causa do... das... das terapias que eu tenho tido aqui, entendeu? Então, tem... te... me dado mais força pra mim querer fazer atividades físicas e atividades mentais. Seria interessante se tivesse uns livros, aí, pra ler umas coisas assim.

Questão 4 - Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

Ah, ao meu ver, sim! Né? Como diz... o que a... pesquisa que você tá fazendo? É interessante, né? É bom até pra ver... o Prefeito ver que isso funciona, né? Que tem dado resultado, pra mim tem dado, entendeu? Não sei. Tem gente que não se intere... que vem aqui e não se interessa, mas pelo meu ver, a maioria... [beleza] a maioria, aí, tem dado resultado, né? Tem muito amigos aqui que eu fiz aqui, que eu vejo que tão vindo, tão se mantendo limpo, assim como eu. Por aí vai, cara! Eu já tive que me internar numa clínica de... de dependente químico, fiquei 110 dias lá e não deu o resultado como tá dando aqui. Entendeu? O que mais tá me dando resultado é a sala de NA e aqui o CAPS. Porque lá a gente fica confinado, fico com um confinamento, uma coisa... hostil, né? Então, se convive com muita gente hostil, eu acho. Então, acho que o CAPS e o NA são duas coisas que funcionam. Não clínica de... Eu acho que pode até funcionar com pessoas que tão muito grave, assim, de... um grau bem mais... mais alto de... drogadição, né? Então, pra mim... As clínica mesmo é mais pro pessoal que precisa de um tratamento mais rígido, eu acho. Entendeu?

Questão 5 - Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Olha, cara, eu sou um cara que nunca me interessei de estudar. Vou ser bem sincero. Entendeu? Eu estudei até a quinta série, apanhava do meu pai pra caralho pra... hoje em dia,

me arrependo de ter brigado com ele por... ele tava... querendo o meu bem, né? Entendeu? Agora que eu tô começando a me interessar, entendeu?, a ler um livro, entendeu? Até tô lendo... fazendo um... um resumo de... daquele livro lá de Chico Xavier lá, o "Nosso Lar". Tô lendo aquele livro e... inclusive, as palavras são meio complicadas, tô tendo que pegar um... um dicionário pra poder fazer um resumo e explicar as palavras aí que tão ali, pra mim poder apresentar no Colégio e ganhar horas, pra mim poder terminar o meu primeiro grau, né? Daí eu tô aí! Tô.. voltei até... Tô tendo o gosto de estudar agora, depois de velho, aos 37 anos... Na minha vida não foi muito... nunca me interessei muito de estudar, não. Foi mais Capoeira, artes marciais assim, mais que eu treinei na minha vida. Entendeu?

Entrevistador: Na escola que você estudava tinha biblioteca?

Tinha! Tinha! Só que eu nunca mostrei nunca que... tive um interesse, assim, né? Talvez, por causa que também é uma vida de drogadição também, deixa a gente... movido à droga, né? Então, agora que a gente não tem a droga, a gente tem que preencher esse espaço com outra coisa, né?, com estudo, com artes... é... com... atividades físicas, essas coisas. Principalmente, atividade física, é uma das coisas que me fez eu... eu quebrar a minha abstinência, entendeu? Nos primeiros meses, assim, eu ficava assim, ó, tremendo! Agora... Entendeu? A atividade física quebrou esse... essa abstinência minha. Então, até as... aqui as assistentes sociais que é o pessoal aqui, até fica meio... meio impressionado, porque eu não tô muito abstinente, né?, por causa dessas atividade física. Eu acho que uma das coisas que deveria ter no CAPS era... era atividade física: Capoeira, Karatê, é... artes marciais, futebol, vôlei... uma coisa pro pessoal queimar aquela química que tá no corpo, entendeu? Acho que seria bem interessante, né? Até se o Prefeito um dia escutar isso daí, ele pode até dá o meu nome, que eu assino embaixo. Ele... não só aí, o apoio à recaída, essas coisas assim, as... as terapia, mas também uma terapia física. É uma coisa que seria bem interessante. Me ajuda... tá me ajudando bastante.

Questão 6 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião, elas são importantes?

Olha, eu acho que seria legal, entendeu? Apesar que... muito dos adictos, é... Digamos, 60% deles não se interessariam, mas... pros outros 40 valeria a pena ter pra... pra ter, né? É... pra... pra ter uma leitura, né?, ter um acesso, entendeu? É interessante, né? Seria interessante! Tentar puxar os adictos a... a ter essa... esse acesso, né?, de... a ter um livro, levar pra casa, ler, voltar, trazer, pegar outro e levar, entendeu? Seria interessante, sim!

Questão 7 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

É. Só isso que eu falei memo. Acho que no CAPS deveria ter uma... mais atividades físicas, entendeu? Isso aí, ajudaria muito a... às pessoas a não ficar em abstinência. Entendeu? Ali da leitura é legal, cara, esse negócio do projeto, mas eu acho que o... já que o Prefeito tá querendo rever tanto, o CAPS, essas coisa aí. Tanto que ele cortou... aí... é... antigamente, você seria... era internado e ia pra uma clínica, uma clínica de... de reabilitação pelo... pelo SUS, ele foi lá e cortou! Acho que é interessante também de ele... em vez de cortar isso, de ele pegar e proporcionar atividades físicas pras pessoas que são usuários dependentes químicos de drogas. Auxiliaria a essas pessoas ter muito mais força e energia pra se livrar das drogas.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 7 -** FLORIANÓPOLIS - 17/04/17

Questão 1 - Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS? Quais são essas atividades que você participa?

Ah, as atividades são... Ah! Eu... Ah, às vezes, eu converso com a... com a Psicóloga. Às vezes, eu converso com a Psiquiátrica também. Às vezes, eu converso sobre a minha vida pessoal, sobre a... sobre a... só que a minha vida pessoal, eu não posso... eu não vou relatar, tá?... A minha vida pessoal, sobre o.. sobre o ensino fundamental no abrigo, sobre a minha convivência... Bom, entra de tudo!

Questão 2 - Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

Ah, na verdade eu estudo no [colégio x]... e lá, eu faço educação física, como basquete... com basquete e futsal, hande... handebol, vôlei, qualquer co... qualquer atividade assim. Aí, às... às vezes, alguns... a... a... até... porque eu tenho... hoje eu estudo numa série de menin... de coisas... Aí, a gente.. a gente faz tudo... tudo junto. Aí, a gente faz treinamento, faz... faz jogo assim. Aí... Aí, também... Qual é a pergunta mesmo?

Entrevistador: Quais são as atividades que você mais gosta aqui no CAPS?

Sim! Aí, aí, aí no CAPS? Ah, tá! No... Eu gosto de fazer uma... Eu gosto de fazer as oficinas que... faz... pintar... desenhar, jogar jogo. Aí, também, às vezes, no abrigo também... eu... eu... eu mexo no celular e mexo no Youtube assim, e assisto televisão ...essas minhas atividades. Pintura... Pintura, às vezes, na minha escola tem artes, né? Tem... Aí, aí, às vezes, eu... eu faço pro... um treinamento especial pro... pro Dia das Mães, às vezes, eu faço pro Dia dos Pais. Qual... Qualquer data significativa do... do momento... do... da especulação, assim. Aí, aí, eu faço. Eu gosto muito da lei... da leitura... da leitura que eu também... eu gosto também de... de ler gibis, eu gosto de ler revistas, também de... também de... de conviver com... muito... de conviver muito sobre a... sobre o que... falar... Só que no oitavo a gente... a gente vai falar um pouco sobre a sexualidade, sobre a... a gente vai tratar sobre a sexualidade, sobre o problema hormonal...

Questão 3 - Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Sim! Na oficina, sim! Sim, mas DVDs e CDs, não! Só que aqui como... aqui, ó, internet ou informações de outra natureza, eu... eu tenho mais pela escola. Aqui no CAPS, eu não tenho. Mais pela escola, mais pela informação de meio "breante", mais informação... de também de caráter de... até estratégico mesmo, de viagem, como filo, a classe dos animais, coisas assim. Só que... no... no... no... padrão!

Entrevistador: Então... aqui nas atividades não?

Não, CDs e DVDs. Só que livros e revistas, jornais e gibis, às vezes, eu pego naquela biblioteca lá e... e... e como... deixa eu te mostrar um negócio... Aqui. Cada... cada livro... cada livro aqui dentro tem sua... tem sua coisa lá. Na sua... Eu tenho biblioteca também lá na minha escola

também, de... de que... o... aqui, por exemplo, aí... aí tem que confirmar lá pra receber, então, ali pra... pegar o livro.

Questão 4 - Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

Sim! Sim! Pra lidar nos momentos de... de lazer ou momentos de esportes, sim!

Questão 5 - Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Quando tava na [escola y], eu... eu tinha biblioteca. Eu costumava ler gibis, pe... Agora no [colégio x], a gente também tem uma biblioteca também que a gente a... pode arquivar livros. Aí, também... Aí também tem o selo de com... de comprovação de... de... de... renovação. Pode renovar o livro e agora... [...] É o que tá lá no livro lá e a gente tem um... uma revista, assim, de... de... de cada assim. A gente vê o do sétimo ano, a gente vai... a... vê... hoje é a professora de português... qu... pru... pru... fazem pra... pra pegar, assim, cada... cada livro que tá... que tá interessado pelo nosso... pela nossa conversa.

Questão 6 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Tem nos terminais também.

Entrevistador: Isso, terminais também! O que você pensaria de uma implantação de bibliotecas nos CAPS?

Sim, uma biblioteca, assim, sim! Gostaria!

Entrevistador: Por que Gostaria?

Porque... Por que eu acho importante? É por... porque a... a leitura... a leitura é... é... viajar sem sair do lugar! E... E quando a gente lê, a gente tem imaginações, a gente tem... a gente sonha mais e a... a... gente con... convive mais. A gente também vai... vai saber palavras novas.

Questão 7 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Não!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA **№ 8 -** FLORIANÓPOLIS - 17/04/17

Questão 1 - Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS?

Dança... dança, é... jogos. Ahm... conta um pouco das nossas vidas, né? Relaxamento, né?, que é assim mexer com o corpo, né?, que é tipo dança. Ahm... Psicóloga, assim, pra conversar, né?, sobre nossos problemas, o que que passa na nossa vida, o que que a gente tá sentindo na nossa cabeça. Fala das coisas que a gente sente, né? – O que que tá acontecendo e tal? Ela sempre pergunta! E... só!

Entrevistador: Como seria essa de jogos?

De jogos a gente brinca com jogos assim, de atividades, de... de jogos assim, de... mais adolescente. Às vezes, a gente fala um pouco, assim, a gente começa a fazer os jogos e daí, a gente começa a brinca, assim, né?, de bola, de... assim, né?, de... assim... desenhar, pintar também, a gente pega desenho na recepção e eles dão desenho pra gente pintar. É... Só isso.

Questão 2 - Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

De pintar! E de... E de desenhar também e... de dançar! Eu gosto bastante de dançar.

Entrevistador: Por que você gosta, poderia explicar?

Pintar, eu gosto porque quando eu era pequena, eu não pintava. Eu só ficava riscando assim, né?, tipo a criança pequena, assim, de dois anos. Risca, assim, e de vez de pintar direitinho, assim, o bonequinho, pintar assim, sabe?, fazer bonequinho, assim. O meu desenho pra falar a verdade, é só de palito, né? Porque... porque assim, pintar assim, igual esses artistas eu não sei. Cada um sabe do jeito que tu vai pintar, né?, e desenhar também. Só!

Questão 3 - Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Sim, eu leio. É... Às vezes, as Psicólogas, Psiquiatras contam histórias é... de vez em quando, né? Assim, quando elas têm o serviço delas, elas fazem o serviço delas e... o vigilante também. Né? Porque que eu chamo ele de pai? Assim, né? Assim pra... pra brincar, sabe?

Entrevistador: Sim, uma forma de carinho.

Ele... é de carinho. Eu peço pra ele: - Ô, XXX? Que é o guardinha, né?, o vigilante. – XXX, é... posso ler um livro? Aí, vamos lá, pego o livro e leio. Aí, eu fico na mesa ali na... na biblioteca, leio. Daí, às vezes, eu faço poesia, né? Leio o livro, daí, já começo a pensar em outras poesias, né? Daí, eu já... já escrevo no... no... na folha. E CD também, CD... eu pego o CD na minha casa, né?, que eu ganho assim ou compro com meu dinheiro e... e... e canto, assim, bem alto, assim. (risos) Né? Pra chamar a aten... Não pra chamar atenção, pra... assim, pra ficar feliz assim, né? Porque, às vezes, a gente tá nuns dias que a gente não quer nem falar com ninguém, quer... não quer enfrentar aquele medo... Como é que posso explicar? Não quer enfrentar aquele medo, não sozinha. Com alguém, sabe?, que acompanha, que dá atenção, que dá carinho, sabe?, amor... E DVD também. DVD, quando a gente tem dança, né?, a oficina de dança, então, a gente vê desenho, vê... vê filmes, assim, sabe?, que é de adolescente, de adulto, né? Assim!

Questão 4 - Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

Sim, eu acho muito importante! Porque têm alguns CAPS que não tem isso! Né? Que tem só... só conversa, assim, sabe? Psiquiatra, Psicólogo, é... Enfermeiros que ajuda. Sabe? E... e eu gosto, assim, sabe?, de ficar aqui. Porque aqui é um lugar que tu esquece de tudo, assim. Quer dizer, não... esquece entre aspas, sabe? Tu já sente aquilo: - Ah, eu tô aliviada, porque eu tenho pessoa assim que confia em mim e eu confio na pessoa. Que pode confiar que... assim, que pode brincar, que pode... igual eu, eu sou bem brincalhona. Não sei se tu já percebeu, eu sou bem brincalhona, sabe?, com os adultos, assim. E eu gosto de fazer as pessoas sorrir, sabe? Às vezes, as pessoas estão naqueles dias assim, que não quer falar, que quer ficar na dele mesmo, sabe? Igual meu pai, sabe? Igual meu pai! Às vezes, ele tá bravo, mas não é... não é comigo, é... Às vezes, ele fica, sabe? Achando: - Não, eu tenho que fazer isso, eu tenho que fazer aquilo. Daí, já... eu começo a irritar ele.

Entrevistador: Aham! (risos) Ótimo!

Questão 5 - Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Sim! Sim! Quando eu li, né?, da Cecília Meireles, de poesia. Eu lembrei quando eu era pequena, eu chorava assim, porque eu queria ler um livro e... a monitora, [profissional x], ela não deixava. Ela pegava o livro da minha mão e falava: - Não! XXX, vai almoçar! XXX, vai lavar a boca! XXX, faz isso! – Não, tia! Mas eu quero ler um livro e eu gosto de ler um livro. Um gibi, um... sabe? Uma poesia assim, sabe? E, às vezes, eu era muito... não chata, assim, sabe? Eu adorava ler gibi, sabe?, de...da Turma da Mônica. Adorava! Adorava! Agora, eu assim, não sou muito chegada a livros, pra falar a verdade. Sabe? Agora, de poesia, eu gosto mais, assim. Sabe? Porque a gente cresce, mas a gente vê a nossa história, assim quando a gente era pequena e agente lembra: - Poxa! Aquele livro, eu li e eu lembro da minha infância. Porque aquele livro me tocou, sabe? Me tocou e eu fiquei, assim, não... eu fiquei apaixonada por aquele livro. E eu gostei daquele autor e... ou assim, admirei ele. Sabe?

Entrevistador: Em sua escola tinha biblioteca?

Tinha! A biblioteca era diferente, né? Tinha sala de... às vezes, tinha biblioteca, na sala da biblioteca tinha... tinha bastante livros, sabe? Bastante livros, assim, de meninas, de meninos, de... vários tipos, sabe? Assim, de pesquisa, de... pra estudar, assim, sabe? E... na outra sala que, antigamente, né?, na minha época... Não sei se na tua época era assim, eles falavam que a biblioteca devia ter um... um canto só de leitura... e esse da leitura, deveriam colocar aquele... como é que é o nome daquilo? DVDs, sabe? TV de DVD, sabe? E nesses dias, eu tava pensando... tava até comentando com a XXX, né?, com a... com a [profissional x], né? Por que que o... Por que que no nosso tempo a gente via muitas coisas, assim, sabe? E a gente lembra até hoje, da nossa infância. A gente estudava, pegava o livro já lia assim.... A professora falava: - Ah, vamos... Pesquisa isso nesse livro. A gente pegava, lia o livro, assim, e respondia o caderno, sabe?

Questão 6 - As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Pra mim, elas são importantes! Porque... têm crianças, adolescentes que gostam de ler livro e ter alguns... tem algumas universidades que têm livro só de adultos, né? E assim, óh, vou ser bem realista contigo. A... têm crianças aqui, quando vem se tratar aqui no CAPS, ou no CAPS Adulto, no CAPSAD, eles... gostam de ler um livro, assim, de ficar quieto no canto deles, ler, sabe? Eles gostam. Até eu, que sou própria também, às vezes, eu pergunto: – Ah, ô XXX? Ôh, [profissional y], tem livro pra mim ler? Tem livro de poesia? Tem livro não sei o que? Sabe? Pra pesquisar? – Ah, tem livro de... de canções também, né?, de mímica também, de... de pesquisa. Sabe? E é muito importante esses livros na universidade e em vários locais, sabe? Igual que você falou, né?, em vários locais deviam existir esse negócio, sabe? Até nos outros países também. Eu não sei... não... eu sei que eu moro aqui em Florianópolis, mas... desde pequena. E tem vários adultos... até no terminal também, eu não sei se tu já percebesse. Têm adultos velhinhos, até idosos, que lê o livro e fica pensando, sabe?, naquilo: - Ah, eu sou criança ainda, eu tenho que ler! Eu sou... eu tenho que... ser estudiosa. Tem que ser aquela pessoa que... que precisa lutar, porque você precisa, sabe?, estudar, ser alguém na vida. Pra depois, sabe?, pensar: - Não, eu vou brincar! Eu vou ser uma pessoa que pode confiar, sabe? Então, esses livros já falam de qualquer pessoas, assim. Igual que eu li um livro, né?, desse autor Luis... Né? Ele fala muito de... dele, assim. Tem livros que falam só dele, sabe? Que eles... que eles, quando eles era pequeno, eles gostavam de ler, eles queriam ser autor, né?, eles queriam ser assim, né?, mais pra frente na vida, sabe?

Questão 7 - Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Olha, gostei muito de te conhecer, né?

Entrevistador: Obrigado!

Gostei muito, assim. Gostei que tu foi bem realista, bem assim, sabe? Bem querido, assim, comigo! E gostei de fazer pesquisa com você também. Porque você faz pesquisa comigo. Então, eu também faço pesquisa contigo, sabe? Gostei, assim. E o que que eu não falei? Assim, têm vários livros, né? Têm vários... ai, como é que é o nome que fala? Quadros que eu fiz também. Aquele quadro ali, eu fiz no abrigo e eu fiz, se eu não me engano, eu fiz pra minha [profissional da área x] [...] E ela admirou e ela gostou. E eu fiquei muito feliz que eu fiz pra ela, sabe? Eu... me tocou assim, sabe? Porque eu fiz pensando não só nela, eu fiz pensando, né?, no CAPS todo, nas crianças, nos adolescentes, nos adultos, porque aquele... aquele... aquela imagem que eu fiz é pra colorir a nossa vida, sabe? Pra colorir tudo que a gente tá sentindo, a raiva, o ódio, assim... o carinho que a gente sente por aquela pessoa, sabe? Que ela é muito... eu acho, né?, pra mim, não sei... eu acho que tu conheceu só hoje ela. Mas ela é muito... Assim, pra mim, ela é tudo, sabe? Tudo que eu não tive. [...]. Porque ela, ela pode ser... pode ser chata, pode ser... é, tudo. Pode brigar comigo porque eu não tomo remédio direito: - Ah, porque tu não faz isso? Porque tu não faz aquilo? Tá, agora não posso. Agora tenho que trabalhar, sabe? Então, e eu fiz aquele quadro pensando em... nela, assim, sabe? Com carinho, assim, eu pensando nela.

APÊNDICE N - Instrumento de Análise de Discurso – IAD 3 (Usuários)

Questão 1: Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
U1	*Na tarde da segunda-feira, da uma e trinta até as três horas, eu faço ateliê de artes da cerâmica que é uma... economia solidária que é referente a uma... a um trabalho de argila terapêutica. Na terça-feira, eu faço apoio psicológico regional norte, que é das nove e trinta até as onze. E nas quintas-feiras, eu tenho um projeto cultural que é excelente, no caso. É uns lugares aonde a gente frequenta que é o Museu, a gente passeia no bosque, a gente passeia em vários lugares arqueológicos da Ilha e em geral da... da Grande Florianópolis também.*	Atividades de arte e artesanato Economia solidária Atendimento terapêutico Visita aos espaços culturais da cidade
U2	*"Relaxamento" e "Ateliê de artes". E projetos culturais também. [...] Eu faço "Relaxamento" porque ajuda a pensar melhor. Me sin... sinto mais... mais melhor, né?, mentalmente. Projeto cultural pra conhecer lugares. Cultura, né?, ter cultura. E "Ateliê de artes" pra expressar o... o que eu sinto fazendo as atividades, desenho, mosaico... de querer expressar meus sentimentos. [...] Então, a gente sai daqui do CAPS com destino na cidade de Florianópolis, né?, que são lá... é... pra conhecer museu, exposição, é... cultura da cidade, os artistas que apareceram na cidade, né? É isso.*	Atividades de arte e artesanato Oficina de relaxamento corporal Visita aos espaços culturais da cidade
U3	*Eu tô participando da... do... na segunda-feira, do grupo da "Assembleia" e do "Relaxamento" às três horas da tarde. Na quarta-feira, à uma hora, a "Qualidade de vida". Na quinta-feira de manhã, nove e meia, é o "Motivacional". E nas sextas-feiras, eu venho só se tiver alguma demanda, né?, na equipe de referência.*	Participação nas assembleias de usuários Oficina de relaxamento corporal Grupos ou oficinas terapêuticas
U4	*Eu participo do Brechó, né?, participo da Associação. É... Associação e... faço parte do Brechó, faço parte da Associação, tenho curso de Customização com o Dr. XXX, que do outro ano, a gente fez... foi máscara pra vender, teve o Baile de Máscara assim. Faço terapia aqui e também, junto com a minha terapia, eu sou meia, vamos dizer assim, "Assistente Social" pro pessoal que vem pra cá. [...] Assim, olha, agora com o prefeito... com o prefeito novo, tava cortando tudo. Então, o Arco-Íris, que é uma ONG, eles tavam querendo fechar, não tem? E essa... o "Arco-Íris" que é uma ONG, assim ó, pegava todos... todo o mundo, assim, era morador de rua, da... CAPS AD, que é álcool e drogas, transtorno... não tem? Então, meio que ago... antes tinham as atividades aqui, voltaram pra lá. Agora de lá, voltaram pra aqui. Estão tirando, bem dizer, assim um espaço pra gente, não tem?*	Participação no brechó Participação das assembleias de usuários Economia solidária Atendimento terapêutico Participação em atividades promovidas pelas ONGs
U5	*É... Eu tô participando da oficina, é... de "Economia*	Economia solidária

	Solidária", que é o que eu... vim agora daqui debaixo, né?, é a "Economia Solidária", é o "Maria Bonita", que é o que eu vou agora e... participo da Associação também dos usuários do CAPS. É o que eu faço. E na quinta-feira, eu participo de outro grupo também de "Economia Solidária".	Grupos ou oficinas terapêuticas Participação das assembleias de usuários
U6	*Oh, cara, parte do médico, psicóloga, ter... terapeutas, entendeu? É... Frequento aqui segunda e sexta, têm outros dias também que, às vezes, venho pra consultar com médico, né?, pra pegar remédio por causa da minha dependência química e... tô aí, tô vindo, né?, praticamente não tenho faltado, né? [...] Por enquanto, eu tô focado mais no tratamento com Psicólogo, Terapeuta, entendeu? Vim nas seções aí pra poder... ter conversa, né?, roda de conversa relação à recaída, essas coisas, entendeu? Por enquanto, não tenho tido muito tempo. Tô... tô trabalhando... às vezes, tem que ir trabalhar, né? Aí, fica até difícil, às vezes, de vim pra cá.*	Atendimento terapêutico Atendimento médico Grupos ou oficinas terapêuticas
U7	*Ah, as atividades são... Ah! Eu... Ah, às vezes, eu converso com a... com a Psicóloga. Às vezes, eu converso com a Psiquiátrica também. Às vezes, eu converso sobre a minha vida pessoal... [...] sobre o ensino fundamental no abrigo, sobre a minha convivência... Bom, entra de tudo!*	Atendimento terapêutico
U8	*Dança... dança, é... jogos. Ahm... conta um pouco das nossas vidas, né? Relaxamento, né?, que é assim mexer com o corpo, né?, que é tipo dança. Ahm... Psicóloga, assim, pra conversar, né?, sobre nossos problemas, o que que passa na nossa vida, o que que a gente tá sentindo na nossa cabeça. [...] De jogos a gente brinca com jogos assim, de atividades, de... de jogos assim, de... mais adolescente. [...] de... assim... desenhar, pintar também, a gente pega desenho na recepção e eles dão desenho pra gente pintar.*	Oficina de dança ou jogos Atendimento terapêutico Oficina de relaxamento corporal Atividades de arte e artesanato

Questão 2: Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
U1	*Olha, na realidade eu gosto de todas as... os encontros que nós temos aqui no CAPS. A gente tem o "Ateliê de Cerâmica", que é a da XXX, da nossa professora aqui de Artes, que é um encontro excelente com todos os participantes da tarde. [...] O "Apoio Psicológico" da XXX também, nossa! Aquilo ali é um encontro onde todo mundo pode falar o que tu se sente na vontade de fala. Contar um pedaço da tua vida ou como é que é a situação do teu dia, do teu mês e ali tu mostra que tu... além de tu falar, as pessoas se identificam com o que tu tá falando. [...] E no "Trajeto cultural" que também que é excelente, é o encontro que a gente tem com as... com os outros*	Gosto de todas as atividades desenvolvidas nos CAPS Atividades de arte e artesanato com sentido terapêutico Grupos ou oficinas terapêuticas Todo mundo tem liberdade e pode falar à vontade nos encontros

	participantes de outros CAPS. Isso me deixa mais feliz, mas um que eu gosto muito é da cerâmica, do ateliê e artes.	Visita aos espaços culturais da cidade Possibilidade de reencontro e socialização
U2	*É "Ateliê de artes". [...] Porque eu gosto de desenhar. E gosto de pintar também.*	Atividades de arte e artesanato com sentido terapêutico
U3	*Eu gosto do "Qualidade de vida" porque ele tem temas que a gente, né?, discute, que tira dúvidas sobre vários tipos de assuntos, doenças, tecnologia acessível, proteção. No... na outra semana fica filme também, que é uma coisa que eu gosto muito de ver filme. A gente debate sobre o tema do filme e outro grupo que eu gosto muito também é o "Motivacional", que ele te motiva, né?, a voltar à sociedade, te sentir alguém de novo.*	Grupos ou oficinas terapêuticas Todo mundo tem liberdade e pode falar à vontade nos encontros Exibição de filmes cinematográficos
U4	*Eu gosto... assim, de ficar mais no Brechó, porque assim óh, é o meio de eu... ah... como... é... vamos dizer assim, um meio de poder fazer renda pra poder... levar eles pra passear. Que teve dois anos... Esse ano, eu levei, o ano passado, eu também levei eles no Beto Carrero. [...] A Associação mesmo. Participo da Assembleia da... do CAPS também, não tem? [...] Uma enfermeira faz... como é... um grupo de... de mães, não tem? Até... chama esse grupo "Maria Bonita", né? E é legal! E eu faço também, hoje que eu não fui, mas é bem interessante, não tem?*	Gosto das atividades do brechó para gerar renda e realizar passeios com os usuários Participação nas assembleias de usuários Grupos ou oficinas terapêuticas Todo mundo tem liberdade e pode falar à vontade nos encontros
U5	*É... a oficina "Solidária" da... a oficina mesmo e... "Maria Bonita" também... também gosto. [...] Uma, é porque trabalha com arte... com desenho, com pintura, então, eu gosto mais dessa parte artística, essa parte de... então, eu me identifico mais, eu gosto mais... [...] "Maria Bonita" é mais uma conversa, né?, assim que daí é... é interessante também. A gente troca informações de... de experiências, é bem legal.*	Economia solidária Grupos ou oficinas terapêuticas Todo mundo tem liberdade e pode falar à vontade nos encontros Atividades de arte e artesanato com sentido terapêutico
U6	*Oh, cara! Todas elas têm... fazem... tem feito bastante efeito, cara! Porque faz a gente conscientizar, né?*	Gosto de todas as atividades desenvolvidas nos CAPS
U7	*Eu gosto de fazer as oficinas que... faz... pintar... desenhar, jogar jogo. Aí, também, às vezes, no abrigo também... eu... eu... eu mexo no celular e mexo no Youtube assim, e assisto televisão ...essas minhas atividades. [...] Eu gosto muito da lei... da leitura... da leitura que eu também... eu gosto também de... de ler gibis, eu gosto de ler revistas, também de... também de... de conviver com... muito... de conviver muito sobre a... sobre o que... falar...*	Atividades de arte e artesanato com sentido terapêutico Atividades de leitura

U8	*De pintar! [...] E de... E de desenhar também e... de dançar! Eu gosto bastante de dançar. [...] Pintar, eu gosto porque quando eu era pequena, eu não pintava. [...] O meu desenho pra falar a verdade, é só de palito, né? Porque... porque assim, pintar assim, igual esses artistas eu não sei. Cada um sabe do jeito que tu vai pintar, né?, e desenhar também.*	Atividades de arte e artesanato com sentido terapêutico Dança

Questão 3: Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
U1	*Sim! Sim! Tanto no ateliê com a nossa professora XXX que traz bastantes figuras ilustradas, tanto ali da... da Arqueologia da UFSC, como de outros lugares. E ela também tem o próprio... própria biblioteca, bem dizer, dela ali dentro para trazer o material pra gente poder trabalhar com artes.... arte da própria Ilha. [...] E também na... no Apoio Psicológico, a XXX traz de vez em quando um anúncio na... na TV, um tipo dum vídeo que eu falei... um vídeo mostrando no Youtube. Isso é muito interessante, porque mostra o interesse do participante, do paciente de querer explorar esse conhecimento que ela passa pra gente, que fica tão curioso pra gente que a gente acaba anotando, é... Nós mesmos por tá tão habili... tão ruim, assim, tão triste, tão debilitado com... com o efeito da droga, com o efeito de outras medicação, o efeito carência da família, que a gente acaba trazendo o livro pra gente poder botar na nossa vida no dia a dia e no projeto cultural também.*	Utilização de imagens e ilustrações para desenvolvimento das atividades artísticas Recursos audiovisuais Às vezes leio livros por conta própria
U2	*Não. [...] Só folder. Folder e... é... Revista que foi feita por outras pessoas. [...] Tenho. Lá na exposição... na exposição tem uns... tem uns papeis lá. Que contém informação.*	Não tenho acesso a essas informações no desenvolvimento das atividades
U3	*Não, no momento não. Aqui tem bastante livros, que eu sempre levo um ou outro pra casa. São mais esses.*	Não tenho acesso a essas informações no desenvolvimento das atividades
U4	*Não, até tem! Têm uns livros ali que faz parte da Associação, mas vamos dizer assim, eu... eu não... não tenho mais paciência de ler, não tem? Até por... pela minha doença mesmo, porque tem hora que me dá perca de memória, né?, mas... leio uma coisinha ali ou outra... É isso mesmo.*	Não tenho acesso a essas informações no desenvolvimento das atividades
U5	*Revistas agora a gente vai ter pra... até pra tirar moldes de... de figuras e tal, pra gente poder tá passando pra estencil pra poder fazer pintura. Então, a gente vai tá mexendo com revistas, né? Agora, vídeos, o Dr. XXX, que é o responsável pela oficina*	Utilização de imagens e ilustrações para desenvolvimento das atividades artísticas

	passou um vídeo pra gente, né?, sobre a oficina e sobre as técnicas de pintura. Então, a gente tá tendo alguns... alguns multimeios, assim. Ele vai... ele passou datashow, foi bem legal!	Revistas Recursos audiovisuais
U6	*Não. Não, porque... Talvez até tenha, só que eu não tive muito tempo, aí, de... de... ver, entendeu? Né? Até... voltei a estudar. Deix... Né? Entendeu? Depois comecei a... fazer tratamento aqui, até eu voltei até a ter as minhas atividades, entendeu? [...] Tô tendo mais interesse, principal... especialmente por causa do... das... das terapias que eu tenho tido aqui, entendeu? Então, tem... te... me dado mais força pra mim querer fazer atividades físicas e atividades mentais. Seria interessante se tivesse uns livros, aí, pra ler umas coisas assim.*	Não tenho conhecimento dessas fontes Seria interessante se tivesse mais livros nos CAPS
U7	*Sim, mas DVDs e CDs, não! Só que aqui como... aqui, ó, internet ou informações de outra natureza, eu... eu tenho mais pela escola. Aqui no CAPS, eu não tenho. [...] Só que livros e revistas, jornais e gibis, às vezes, eu pego naquela biblioteca lá [Próprio CAPS].*	Não tenho acesso a essas informações no desenvolvimento das atividades Às vezes leio livros por conta própria
U8	*Sim, eu leio. É... Às vezes, as Psicólogas, Psiquiatras contam histórias é... de vez em quando, né? Assim, quando elas têm o serviço delas, elas fazem o serviço delas e... o vigilante também. Né? Porque que eu chamo ele de pai? [...] Eu peço pra ele: - Ô, XXX? Que é o guardinha, né?, o vigilante. – XXX, é... posso ler um livro? Aí, vamos lá, pego o livro e leio. Aí, eu fico na mesa ali na... na biblioteca, leio. [...] Assim, né? Assim pra... pra brincar, sabe? [...] DVD, quando a gente tem dança, né?, a oficina de dança, então, a gente vê desenho, vê... vê filmes, assim, sabe?, que é de adolescente, de adulto, né? Assim!*	Às vezes os profissionais contam histórias Às vezes leio livros por conta própria Recursos audiovisuais

Questão 4: Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
U1	*É essen... é essencial! Eu acho que, no momento que a gente tem um... um entendimento... que tem muitas pessoas aqui no CAPS que não tem estudo, tem gente que não sabe ler, não sabe entender o que quer dizer o livro... Ela tem a maior curiosidade de querer aprender, a vontade dela é excelente de querer voltar a, de novo, a aprender a ler e a interpretar. [...]. Então, hoje em dia tu precisa ter esse... esse acesso à informação, esse acesso aos livros, é... essencial! É preciso ter dentro da... da própria instituição do CAPS esses acervos que nós temos aqui embaixo de livros, que têm muitas pessoas que são... que leem, que curtem essa... essa ideia de ler bastante. Então, é muito importante mesmo.*	A informação é essencial para o desenvolvimento e aprendizagem dos usuários dentro dos CAPS. É importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades

U2	*É, seria melhor. [...] Teria... um... uma referência... pra desenvolver melhor o trabalho.*	É importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades
U3	*Mais informação? [...] Acharia. Eu acharia interessante.*	É importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades
U4	*Assim, óh! A leitura... Tinha um... uma oficina de leitura, que era o meu psicólogo... Ele foi embora pra Espanha, o... o XXX. E com ele parece que as coisas flutuavam, não tem? Ele fazia desenho, ele fazia... falava pra gente fazer um desenho, é... Tinha Biodança, não tem? Mas também... tudo que é bom aqui no CAPS dura menos...*	
U5	*Sim! É bom... somente livros a gente quase não tem, assim! A gente não vê muito, não tem muito acesso a livros, a folhetos, essas coisas assim, quase não tem. Seria bom se tivesse pra todos... poderiam tá olhando, lendo e, principalmente, no horário que tão esperando a consulta que, às vezes, demora um pouco, né? Então, no aguardo, eu poderia ter... poderia ter livros, poderia ter revistas, essas coisas assim pra passar o tempo mesmo, pra ler. [...] seria muito bom se tivesse uma biblioteca aqui. É um outro ponto de referência e também de socialização entre as pessoas aqui dentro, né? Se tivesse... uma biblioteca pra poder tá participando... até poderia ter uma brinquedoteca também, tipo... de jogos... jogos, é... jogos de memória, jogos de... né?, assim, pra tá junto como passatempo também. Seria uma coisa boa assim, né? Porque tem muitas pessoas aqui que... que consultam aqui que também tem problemas neurológicos também, né? Então, têm problemas mentais mais direcionados mais à questão neurológica. Seria bom ter esse tipo de material pra gente poder... poder tá esperando os horários das atividades mesmo, né?, no intervalo...*	A informação é essencial para o desenvolvimento e aprendizagem dos usuários dentro dos CAPS. É importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades
U6	*Ah, ao meu ver, sim! Né? Como diz... o que a... pesquisa que você tá fazendo? É interessante, né? É bom até pra ver... o Prefeito ver que isso funciona, né? Que tem dado resultado, pra mim tem dado, entendeu? Não sei. Tem gente que não se intere... que vem aqui e não se interessa, mas pelo meu ver, a maioria... a maioria, aí, tem dado resultado, né?*	É importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades
U7	*Sim! Sim! Pra lidar nos momentos de... de lazer ou momentos de esportes, sim!*	É importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades
U8	*Sim! Sim! [...] CDs também... Sim, eu acho muito importante! Porque têm alguns CAPS que não tem isso! Né? Que tem só... só conversa, assim, sabe? Psiquiatra, Psicólogo, é... Enfermeiros que ajuda. Sabe? E... e eu gosto, assim, sabe?, de ficar aqui. Porque aqui é um lugar que tu esquece de tudo, assim. Quer dizer, não... esquece entre aspas, sabe?*	A informação é essencial para o desenvolvimento e aprendizagem dos usuários dentro dos CAPS.

Questão 5: Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
U1	*Claro! Eu posso relatar, sim! Quando eu cheguei aqui na... em Florianópolis, mais ou menos lá por 2012, 2013, eu não tive... eu não tive muito acesso à biblioteca, eu não tive muito acesso à informação. Eu fui entrar no SE... no EJA, na EJA em Canasvieiras e quando entrei dentro da biblioteca, eu vi que eu tava num mundo mágico, entendeu? [...] eu tive uma infância muito perturbada. Então, eu tive que procurar em gibi da Mônica e gibi da... do Pato Donald, do Mickey... Então, ali eu ia pra biblioteca no colégio. No colégio gostava muito de ler essas... essas revistinhas, daqui a pouco eu já tava fazendo uma coleção e frequentava na biblioteca, ir mais no sentido de aprender a falar, aprender a escrever, entendeu? Nas revistinhas de gibi, o cara... tu aprende mais quando... quando tu é criança. [...] Então, na minha infância foi todo esse movimento de tá dentro da biblioteca, de tá as professoras fazendo aquela hora do conto que a gente tinha na... no colégio. Então, isso traz uma... uma nova... uma velha e nova maneira de educar, que é a maneira de tu tá aí... Dando um exemplo, né?*	Gostava de ler gibi Frequentava a biblioteca da escola Sempre gostei de bibliotecas e de leitura Gostava da hora do conto
U2	*É... me lembro da biblioteca do Centro e da... do Continente. Eu não tinha nada pra fazer, eu gostava de frequentar pra ler revistas é... dos políticos, do Brasil... através da revista Veja, Época. Eu gostava de... ainda que escolhendo, eu gostava de ver essas revistas. E na biblioteca do Centro eu gostava de usar a informática. [...] E ler jornal. [...] Então, na escola lá que eu estudava eu lia também gibi e livro de história. Eu lembro ali que eu lia bastante.*	Frequentava bibliotecas públicas Frequentava a biblioteca da escola Gostava de usar a informática Sempre gostei de bibliotecas e de leitura Gostava de ler gibi
U3	*Não, eu não tive nenhum contato com biblioteca. Não sei se falta de orientação da escola ou dos meus pais, mas eu tô com 30 anos e eu nunca entrei com contato com uma biblioteca. Gostaria de ter contato com uma biblioteca.*	Não tive contato com bibliotecas Falta de orientação da família ou da escola
U4	*Não! Nunca tive. Além da... de uma pessoa pobre, vamos dizer, que a gente não tinha... isso. [...] Ia até pra aula por... obrigação. Mas espaço de leitura, eu não sou muito de ler não. [...] O meu... o meu... o meu gostar é, assim, braçal, não tem? Meter a mão na... no... na roupa pra lavar. (risos) [...] Hoje que tem, né? Tem biblioteca, tem secretária, tem... na minha infância antes não, era a professora, a diretora e os merendeiros e deu, né? Na minha época... pelo menos, na minha época, foi, né? Tô com 55 anos...*	Não tive contato com bibliotecas Nunca tive interesse pela leitura ou pelos estudos Naquela época não tinha bibliotecas nas escolas

	Faz tempo!	
U5	*Hum... Assim... Quando criança, eu participava sim das... das... eu gostava de... do cantinho da leitura. Tinha os cantinhos da leitura. Eu sempre gostei muito de biblioteca, já trabalhei como bibliotecária (risos) também em uma escola municipal, né? Então, era responsável pela biblioteca. [...] Então, a gente tinha várias, é... coleções e tal, e daí, ficou tudo registrado. Então, foi... foi bom, foi legal e... a gente sempre mostrava os livros novos que chegavam pro... né? pra... pros grupos, assim. Então, sempre foi muito bom. Eu sempre tive uma boa relação com a biblioteca. Sempre gostei muito. Eu frequento agora a Biblioteca Pública, vez em quando eu tô pegando livros, assim. [...] As minhas "vista" começou a incomodar, isso assim, quase não tô enxergando... bem, né?, eu disse assim, dei uma parada! Mas quero voltar a pegar livros na Biblioteca. Eu sempre pego, então, eu leio, em média por ano, uns 20 livros mais ou menos... mais ou menos isso, uns 20 livros por ano.*	Gostava do cantinho da leitura Sempre gostei de bibliotecas e de leitura Já trabalhei como bibliotecária Frequentava bibliotecas públicas
U6	*Olha, cara, eu sou um cara que nunca me interessei de estudar. Vou ser bem sincero. Entendeu? Eu estudei até a quinta série, apanhava do meu pai pra caralho pra... hoje em dia, me arrependo de ter brigado com ele por... ele tava... querendo o meu bem, né? Entendeu? Agora que eu tô começando a me interessar, entendeu?, a ler um livro, entendeu? Até tô lendo... fazendo um... um resumo de... daquele livro lá de Chico Xavier lá, o "Nosso Lar". Tô lendo aquele livro e... inclusive, as palavras são meio complicadas, tô tendo que pegar um... um dicionário pra poder fazer um resumo e explicar as palavras aí que tão ali, pra mim poder apresentar no Colégio e ganhar horas, pra mim poder terminar o meu primeiro grau, né?*	Não tive contato com bibliotecas Nunca tive interesse pela leitura ou pelos estudos Agora que estou tendo interesse pelos estudos
U7	*Quando tava na [escola y], eu... eu tinha biblioteca. Eu costumava ler gibis, pe... Agora no [colégio x], a gente também tem uma biblioteca também que a gente a... pode arquivar livros. Aí, também... Aí também tem o selo de com... de comprovação de... de... de... renovação.*	Sempre gostei de bibliotecas e de leitura
U8	*Eu adorava ler gibi, sabe?, de...da Turma da Mônica. Adorava! Adorava! Agora, eu assim, não sou muito chegada a livros, pra falar a verdade. Sabe? Agora, de poesia, eu gosto mais, assim. Sabe? Porque a gente cresce, mas a gente vê a nossa história, assim quando a gente era pequena e agente lembra: - Poxa! Aquele livro, eu li e eu lembro da minha infância. Porque aquele livro me tocou, sabe? Me tocou e eu fiquei, assim, não... eu fiquei apaixonada por aquele livro. [...] A biblioteca era diferente, né? Tinha sala de... às vezes, tinha biblioteca, na sala da biblioteca tinha... tinha bastante livros, sabe? Bastante livros, assim, de meninas, de meninos, de... vários tipos, sabe? Assim, de pesquisa, de... pra estudar, assim, sabe?*	Gostava de ler gibi

Questão 6: As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
U1	*Eu acredito que será o ponto da educação que a gente precisa. [...] No caso, o paciente que vem à procura do CAPS, ele vem em procura de benefício, ele vem em procura de melhoria da sua vida, ele vem em procura de medicação, ele vem em procura de ajuda. E acho que dentro do CAPS, se a gente implantar um projeto com a ideia de ter livros pra ele mesmo poder ter a autoajuda, se chama autoajuda, se auto ajudar e encontrar... Não ficar ali procurando, mas ter uma pessoa profissional pra nos dizer assim: - Oh, cara! Qual livro que você precisa? - Ah, eu preciso de tal livro, pra mim encontrar tal medicação. Tal especificação certinha do que eu tô tomando, pra mim entender o que eu tô falando. Pra mim... Então, vai ser uma ferramenta muito importante pro paciente, pra quem tá cuidando e pros próprios... pros próprios funcionários naquele momento de solidão, de tristeza. [...] Então, esse é o legal de tu chegar dentro de um CAPS e encontrar a educação, a maneira de tu ler e a maneira de tu interpretar, por causa que vai chegar participantes que não sabe ler e aí vai ter aquele cara dentro da biblioteca que ele vai contar. - Olha, quero ler esse livro aqui e eu não sei ler. Ele vai lá. – Óh, pera um pouquinho, vou prestar atenção mais em você e vou ler esse livro pra você entender um pouquinho mais o que ele quer dizer. Isso vai ser bacana. [...] A biblioteca é essencial dentro do CAPS. Tipo assim, tu precisa ter figuras, tu precisa ter imagens e tu precisa ter escrita pra ti poder entender o que que tu tá fazendo. O que que... Qual o rumo que tu quer tomar, entendeu? E acho que a biblioteca é... é especial nesse sentido de poder melhorar tua auto... auto não... a tua mente, no caso, abrir ela pro mundo e a tua vontade de querer cada vez mais evoluir na evolução da sabedoria, do prazer de ter essa inteligência e de poder... de repente sai daqui como professor, aqui de dentro, já pronto pra fazer uma faculdade, digamos. Sai daqui de dentro um aluno pronto pra fazer um EJA, que ele não sabia ler e ele aprendeu aqui dentro. É isso que ia ser muito especial... a ideia de vocês!*	A implantação de bibliotecas nos CAPS é importante Biblioteca é essencial dentro dos CAPS como um ponto de acesso à educação e à cultura Livro e leitura com função terapêutica Importância da atuação dos bibliotecários para estimular a leitura nesses espaços Biblioteca como espaço terapêutico
U2	*Hum. Sim. Apesar que já tem uma biblioteca aqui. Já fala sobre isso aqui que quem quiser ler é... pedir a chave pra usar. Mas seria bom. Ter um... ter livro pra ler, assim, quando não tem nada pra fazer. [...] Se tivesse revista também... Internet, jornal. Porque, às vezes, jornal tem coisa que aqui ia precisar, né?, emprego pra quem tá precisando de emprego, ou que já tem... quer fazer um curso. Aí seria bom no jornal você ter os classificados, aí dá pra dar uma olhada.*	A implantação de bibliotecas nos CAPS é importante Biblioteca é essencial dentro dos CAPS como um ponto de acesso à educação e à cultura

U3	*Eu acho bastante importante. Eu gostaria que tivesse. É... a gente tá aqui, é o meio mais fácil de poder pegar livro, devolver, livros de vários tipos de temas diferentes, né? Não só falando sobre... do álcool, drogas ou prevenção, recaída ou sobre doenças sexualmente transmissíveis. Tipo, vários assuntos assim diferentes, seria interessante se tivesse uma biblioteca. Até passaria mais tempo aqui, assim, lendo. Em casa, às vezes, fica um pouco difícil por questão do barulho, privacidade. Então, eu acharia bem interessante isso daí.*	A implantação de bibliotecas nos CAPS é importante Biblioteca é essencial dentro dos CAPS como um ponto de acesso à educação e à cultura
U4	*Não. Não, porque a gente tem ali as pessoas querendo fazer desenho, desenhar... mas é como diz, não tem... não vai pra frente. Hoje faz um desenhozinho, depois deixa largado lá. O outro quer levar pra casa e... não dá certo. [...] Não! De repente, o outro já... né? Pra outro já dá certo!*	Para mim não são importantes, mas para os outros sim
U5	*Sim! São importantes pela interação, ser um novo espaço de... de convivência e também, é... de conhecimento também, de troca de conhecimento, né?, de.... de lazer também... Acho que se... que é muito importante. Acho que seria, é... mais uma atividade dentro do CAPS, assim. Seria muito bom! Eu acho que... o pessoal... as pessoas iam gostar assim, né? Iam gostar bastante!*	A implantação de bibliotecas nos CAPS é importante Biblioteca como espaço de vivência e lazer Biblioteca é essencial dentro dos CAPS como um ponto de acesso à educação e à cultura
U6	*Olha, eu acho que seria legal, entendeu? Apesar que... muito dos adictos, é... Digamos, 60% deles não se interessariam, mas... pros outros 40 valeria a pena ter pra... pra ter, né? É... pra... pra ter uma leitura, né?, ter um acesso, entendeu? É interessante, né? Seria interessante! Tentar puxar os adictos a... a ter essa... esse acesso, né?, de... a ter um livro, levar pra casa, ler, voltar, trazer, pegar outro e levar, entendeu? Seria interessante, sim!*	A implantação de bibliotecas nos CAPS é importante Biblioteca como espaço terapêutico Livro e leitura com função terapêutica
U7	*Sim, uma biblioteca, assim, sim! Gostaria! Porque... Por que eu acho importante? É por... porque a... a leitura... a leitura é... é... viajar sem sair do lugar! E... E quando a gente lê, a gente tem imaginações, a gente tem... a gente sonha mais e a... a... gente con... convive mais. A gente também vai... vai saber palavras novas.*	A implantação de bibliotecas nos CAPS é importante Livro e leitura com função terapêutica
U8	*Pra mim, elas são importantes! Porque... têm crianças, adolescentes que gostam de ler livro e ter alguns... [...] E é muito importante esses livros na universidade e em vários locais, sabe? Igual que você falou, né?, em vários locais deviam existir esse negócio, sabe? [...] É! Eu acho importante!*	A implantação de bibliotecas nos CAPS é importante

Questão 7: Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
U1	*Livre? Bom! O meu comentário é dizer que, nós, como participante, como frequentador desse Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, ele vem passando por uma dificuldade enorme de sustentabilidade econômica, tanto dos governantes, como dos próprios participantes, né? [...] Então, a minha última pa... minha última palavra é dizer assim, óh: - A gente precisa de ajuda, a gente precisa de conhecimento, a gente precisa mostrar pra população que a gente tá aqui não esperando um benefício, não esperando que um participante vá recair novamente, a gente tá aqui pra ajudar a comunidade a combater essa epidemia dessa droga, tanto do crack, como da maconha, como da cocaína, como da bebida, como de outras drogas também muito mais perigosas que tu deve saberes. [...] A gente precisa mostrar tanto pra população, tanto pros governantes, tanto pras pessoas mais autorizadas em cima da gente que a gente tá aqui pra reivindicar uma melhoria, por causa que o nosso CAPS tá abandonado, o nosso CAPS tá destruído e se não fosse essas pessoas maravilhosas aqui dentro ganhando seus salariozinhos mínimo mas tão ali na... tomando... tomando "esporro" dos familiares, tomando xingamento tipo porque não tem medicação... sem ter culpa. Eu acho que a gente vai olhar... e eu como participante vou lutar por eles.*	Os CAPS estão passando por dificuldades financeiras e cortes de benefícios que estão prejudicando os serviços e atividades Reivindicação por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas
U2	*Não, não tenho mais nada pra dizer. Só... que tenha, né?, que tenha uma... biblioteca é bom, né? É importante. Tenha mais livros da história do... do Brasil, assim... da história dos índios... dos negros. E que seja de fácil acesso, né? Que tenha acesso mais fácil. Que, muitas vezes, a gente só estuda a Europa e Estados Unidos e aí fica difícil. Estudar um pouco mais a... o Brasil.*	Que sejam implantadas bibliotecas para facilitar o acesso aos livros e à informação
U3	*Não, é... só gostaria mesmo que o CAPS voltasse a ser o que era antes, né?, tipo quando a gente tinha alimentação que poderia ficar o dia inteiro e aproveitava melhor as atividades. As atividades rendiam mais porque daí a gente tinha alimentação, né? E agora, tipo hoje, já é... já é uma... terceira vez que eu venho sem almoçar porque a... porque pra não perder o horário aqui eu venho sem almoçar. Antes não precisa se preocupar, podia fazer uma... uma atividade de manhã, almoçava aqui e à tarde já tinha outra atividade, tinha o café da tarde. Então, é a única coisa agora, nesse momento, em relação ao CAPS que tá mais... eu acho, assim, mais difícil. Mas o tratamento, os projetos, a atenção continua a mesma.*	Os CAPS estão passando por dificuldades financeiras e cortes de benefícios que estão prejudicando os serviços e atividades Reivindicação por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas
U4	*É. A estrutura já... tá pra... manter uma reforma. Porque todos os CAPS aqui, era pra ter... era pra ter cinco CAPS. Hoje aqui só tem três. É o álcool e*	Os CAPS estão passando por dificuldades financeiras e cortes de benefícios que

	droga, né?, o transtorno e o CAP... CAPS é... infantil, né? Mas assim, se já não arruma a estrutura, imagina... Quando chove, meu deus! Chove lá dentro, chove aqui dentro. Aí, pede à Prefeitura pra vim dar uma arrumada, eles demora cinco, seis meses. Quando vem pra arrumar um, já tem o outro pra quebrar, não tem? É... eu digo assim óh, que a... a saúde tá na UTI e ninguém tá dando conta de ressuscitar, né?	estão prejudicando os serviços e atividades Reivindicação por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas
U5	*Não, acho que seria... seria isso mesmo assim. Seria... Né? Um... um outro local de convívio e que as pessoas podiam tá... Né? Usando os livros, lendo, se atualizando, aprendendo mais, trocando ideias, né? Acho que é um... pra tanto de conhecimento, quanto de convivência mesmo, de troca, de experiências... Acho que seria muito bom, assim, né?, se tivesse biblioteca.*	Que sejam implantadas bibliotecas para facilitar o acesso aos livros e à informação Biblioteca como espaço de vivência e de lazer
U6	*É. Só isso que eu falei memo. Acho que no CAPS deveria ter uma... mais atividades físicas, entendeu? Isso aí, ajudaria muito a... às pessoas a não ficar em abstinência. Entendeu? Ali da leitura é legal, cara, esse negócio do projeto, mas eu acho que o... já que o Prefeito tá querendo rever tanto, o CAPS, essas coisa aí. Tanto que ele cortou... aí... é... antigamente, você seria... era internado e ia pra uma clínica, uma clínica de... de reabilitação pelo... pelo SUS, ele foi lá e cortou!*	Os CAPS estão passando por dificuldades financeiras e cortes de benefícios que estão prejudicando os serviços e atividades Necessidade de atividades físicas Reivindicação por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas
U7	*Não!*	
U8	*Assim, têm vários livros, né? Têm vários... ai, como é que é o nome que fala? Quadros que eu fiz também. Aquele quadro ali, eu fiz no abrigo e eu fiz, se eu não me engano, eu fiz pra minha [profissional da área x] Porque eu fiz pensando não só nela, eu fiz pensando, né?, no CAPS todo, nas crianças, nos adolescentes, nos adultos, porque aquele... aquele... aquela imagem que eu fiz é pra colorir a nossa vida, sabe? Pra colorir tudo que a gente tá sentindo, a raiva, o ódio, assim... o carinho que a gente sente por aquela pessoa, sabe?*	Importância da arte para expressar os sentimentos

APÊNDICE O - Instrumento de Análise de Discurso – IAD 4 (Usuários)

Questão 1: Quais as atividades que você participa aqui nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS?

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Atividades de arte e artesanato	U1; U2; U8
Economia solidária	U1; U4; U5
Atendimento terapêutico	U1; U4; U6; U7; U8
Visita aos espaços culturais da cidade	U1; U2
Oficina de relaxamento corporal	U2; U3; U8
Participação nas assembleias de usuários	U3; U4; U5
Grupos ou oficinas terapêuticas	U3; U5; U6
Participação no brechó	U4
Participação em atividades promovidas pelas ONGs	U4
Atendimento médico	U6
Oficina de dança ou jogos	U8

DSC 1 – Participo de várias atividades nos Centros de Atenção Psicossocial. Por exemplo: atendimento terapêutico, atividades de arte e artesanato, economia solidária e oficina de relaxamento corporal. Também participo das assembleias de usuários e diversos grupos e oficinas terapêuticas. Com menos frequência, participo de atividades promovidas pelas ONGs, participo no brechó, venho nas consultas médicas e frequento oficinas de dança e jogos.

Questão 2: Quais são as que você mais gosta? Poderia me explicar?

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Gosto de todas as atividades desenvolvidas nos CAPS	U1; U6
Atividades de arte e artesanato com sentido terapêutico	U1; U2; U5; U7; U8
Visita aos espaços culturais da cidade	U1
Possibilidade de reencontro e socialização	U1
Grupos ou oficinas terapêuticas	U1; U3; U4; U5
Todo mundo tem liberdade e pode falar à vontade nos encontros	U1; U3; U4; U5
Exibição de filmes cinematográficos	U3
Gosto das atividades do brechó para gerar renda e realizar passeios com os usuários	U4
Participação nas assembleias de usuários	U4
Economia solidária	U5
Atividades de leitura	U7
Dança	U8

DSC 2 – Gosto de todas as atividades desenvolvidas nos Centros de Atenção Psicossocial. Participo de atividades de arte e artesanato, pois elas têm um sentido terapêutico. Gosto, também, dos grupos ou oficinas terapêuticas, uma vez que todo mundo tem liberdade e pode falar à vontade nos encontros. Por meio de projetos, visito espaços culturais da cidade e torna-se uma possibilidade de reencontro e socialização. Gosto das atividades de economia solidária e do brechó para gerar renda e realizar passeios com os usuários. Além destas, frequento as assembleias de usuários, faço atividades de leitura e dança.

Questão 3: Quando realiza essas atividades que me descreveu anteriormente, você tem acesso a livros, revistas, jornais, gibis, DVDs, CDs, Internet ou informações de outra natureza?

Síntese das ideias centrais	**Entrevistado**
Utilização de imagens e ilustrações para desenvolvimento das atividades artísticas	U1; U5
Não tenho acesso a essas informações no desenvolvimento das atividades	U2; U3; U4; U7
Recursos audiovisuais	U1; U5
Às vezes leio livros por conta própria	U1; U3; U4; U7
Folder	U2
Revistas	U2; U5; U7
Não tenho conhecimento dessas fontes	U6
Seria interessante se tivesse mais livros nos CAPS	U6
Às vezes os profissionais contam histórias	U8

DSC 3 – Quando participo das atividades que descrevi anteriormente, não tenho acesso a essas informações no desenvolvimento das atividades. Às vezes leio livros do acervo do acervo da instituição por conta própria. Utilizo utilizo imagens e ilustrações para desenvolvimento das atividades artísticas. Com pouco frequência faço uso, também, de recursos audiovisuais. Às vezes não tenho conhecimento dessas fontes. Seria interessante se tivesse mais livros nos CAPS e, vale ressaltar que, de vez em quando os profissionais da instituição contam histórias para mim.

Questão 4: Você considera importante a utilização dessas informações para realizar melhor as suas atividades aqui nos CAPS?

Síntese das ideias centrais	**Entrevistado**
A informação é essencial para o desenvolvimento e aprendizagem dos usuários dentro dos CAPS.	U1; U5; U8
É importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades	U1; U2; U3; U5; U6; U7

DSC 4 – É importante promover o acesso à informação para desenvolver melhor as atividades, uma vez que a informação é essencial para o desenvolvimento e aprendizagem dos usuários dentro dos CAPS.

Questão 5: Durante a sua vida como foi o seu contato com as bibliotecas? Você se lembra dessas vivências? Poderia relatar?

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Gostava de ler gibi	U1; U2; U8
Frequentava a biblioteca da escola	U1; U2
Sempre gostei de bibliotecas e de leitura	U1; U2; U5; U7
Gostava da hora do conto	U1
Frequentava bibliotecas públicas	U2; U5
Gostava de usar a informática	U2
Não tive contato com bibliotecas talvez por falta de orientação da família ou da escola	U3; U4; U6
Nunca tive interesse pela leitura ou pelos estudos	U4; U6
Naquela época não tinha bibliotecas nas escolas	U4
Gostava do cantinho da leitura	U5
Já trabalhei como bibliotecária	U5
Agora que estou tendo interesse pelos estudos	U6

DSC 5a – Desde que eu me lembro, sempre gostei das bibliotecas e da leitura. Frequentava a biblioteca da escola e as bibliotecas públicas. Gostava de ler gibi, usar a informática e da hora do conto. Um dos espaços que mais frequentava era o cantinho da leitura. Um detalhe... já trabalhei como bibliotecária.

DSC 5b – Eu não tive contato com as bibliotecas durante a minha vida, talvez por falta de orientação da família ou da escola. Nunca tive interesse pela leitura ou pelos estudos.

Questão 6: As bibliotecas estão presentes nas escolas, universidades, comunidades, organizações e empresas. O que você acha da implantação de bibliotecas nos CAPS? Em sua opinião elas são importantes?

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
A implantação de bibliotecas nos CAPS é importante	U1; U2; U3; U5; U6; U7; U8
Biblioteca é essencial dentro dos CAPS como um ponto acesso à educação e à cultura	U1; U2; U3; U5
Livro e leitura com função terapêutica	U1; U6; U7
Importância da atuação dos bibliotecários para estimular a leitura nesses espaços	U1
Biblioteca como espaço terapêutico	U1; U6
Para mim as bibliotecas não são importantes, mas para os outros sim	U4
Biblioteca como espaço de vivência e lazer	U5

DSC 6a – Penso que a implantação de bibliotecas nos CAPS é importante, uma vez que essa instituição se torna essencial como um ponto de acesso à educação e à cultura. Livro e leitura podem ser usados com função terapêutica. Até mesmo a própria biblioteca pode ser um espaço terapêutico, de vivência e de lazer.

DSC 6b - Mesmo que eu não goste de ler e não enxergue a importância da biblioteca para mim, elas são importantes para os outros. Agora que estou tendo interesse pelos estudos.

Questão 7: Você gostaria de fazer mais algum comentário? Fique à vontade.

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Os CAPS estão passando por dificuldades financeiras e cortes de benefícios que estão prejudicando os serviços e atividades	U1; U3; U4; U6
Reivindicação por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas	U1; U3; U4; U6
Que sejam implantadas bibliotecas para facilitar o acesso aos livros e à informação	U2; U5
Biblioteca como espaço de vivência e de lazer	U5
Necessidade de atividades físicas	U5
Importância da arte para expressar os sentimentos	U8

DSC 7 – O último comentário que eu gostaria de fazer é que os CAPS estão passando por dificuldades financeiras e cortes de benefícios que está prejudicando os serviços e atividades. Por isso venho por meio dessa possibilidade de fala, reivindicar por melhorias e mais atenção por parte das autoridades públicas. Necessitamos de atividades físicas e reivindicamos, também, a implantação de bibliotecas para facilitar o acesso aos livros e à informação. Ainda mais que, a biblioteca pode ser um espaço de vivência, de lazer e de atividades de arte para expressar os sentimentos.

ANEXOS

ANEXO A – Matriz Diagnóstica da Rede de Atenção Psicossocial

MATRIZ DIAGNÓSTICA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL					
Região:					
Município:					
População:					
COMPONENTE	Ponto de Atenção	Necessidade	Existentes	Déficit	Parâmetro
I. Atenção Básica em Saúde	Unidade Básica de Saúde				Conforme orientações da Política Nacional de Atenção Básica, de 21 de outubro 2011
	Equipes de Atenção Básica para populações em situações específicas				Consultório na Rua - Portaria que define as diretrizes de organização e funcionamento das Equipes de Consultório na Rua
					Equipe de apoio aos serviços do componente Atenção Residencial de CaráterTransitório
					1- municípios com 3 ou mais CT: 1 equipe para cada 3 CTs.2 - municípios com menos de 3 CT (menos de 80 pessoas): a atenção integralfica por conta das equipes de AB do município.
	Núcleo de Apoio à Saúde da Família				Conforme orientações da Política Nacional de Atenção Básica - 2011
	Centro de Convivência				
II. Atenção Psicossocial Especializada	Centro de Atenção Psicossocial				
	CAPS I				Municípios ou regiões com pop. acima de 20 mil hab.
	CAPS II				Municípios ou regiões com pop. acima de 70 mil hab

	CAPS III				Municípios ou regiões com pop. acima de 200 mil hab
	CAPS AD				Municípios ou regiões com pop. acima de 70 mil hab
	CAPS ADIII				Municípios ou regiões com pop. acima de 200 mil hab
	CAPS i				Municípios ou regiões com pop. acima de 150 mil hab
III. Atenção de Urgência e Emergência	UPA / SAMU				Conforme orientações da Portaria da Rede de Atenção às Urgências, de 07 dejulho de 2011.
IV. Atenção Residencial de CaráterTransitório	UA ADULTO				1 UA (com 15 vagas) para cada 10 leitos de enfermarias especializadasem hospital geral por município.
	UA INFANTO-JUVENIL				Municípios com mais de 100 mil habitantes e com mais de 2500crianças e adolescentes em potencial para uso de drogas ilícitas (UNODC,2011) . Municípios com 2500 a 5000 crianças e adolescentes em potencial parauso de drogas ilícitas: 1 Unidade.
					Municípios com mais de 5000 crianças e adolescentes em potencial parauso de drogas ilícitas: 1 Unidade para cada 5000 crianças e adolescentes.
	COMUNIDADE TERAPÊUTCA				
V. Atenção Hospitalar	LEITOS				1 leito para cada 23 mil habitantes Portaria nº 1.101/02
	ENFERMARIA ESPECIALIZADA				

VI. Estratégias de Desinstitucionalização	SRT				A depender do nº de munícipes longamente internados
	PVC				A depender do nº de munícipes longamente internados
VII. Reabilitação Psicossocial	COOPERATIVAS				

ANEXO B – Declaração de anuência

Prefeitura Municipal de Florianópolis
Secretaria Municipal de Saúde
Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde

Florianópolis, 22 de Julho de 2016

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEPSH, e como representante legal da Instituição, que tomei conhecimento do projeto de pesquisa intitulado **"BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL:** UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR", das pesquisador responsável *Ricardo de Lima Chagas*. Declaro ainda, que cumprirei os termos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e suas complementares e que esta instituição está de acordo com o desenvolvimento do projeto de acordo com as rotinas que foram apresentadas pelo pesquisador. Autoriza-se, portanto, a sua execução nos termos propostos, condicionando **seu início à apresentação do parecer favorável do CEPSH** e ao respeito aos princípios éticos, à autonomia dos sujeitos e à disponibilidade do serviço.

Evelise Ribeiro Gonçalves
Setor de Educação em Saúde
Matricula 26212-9
SMS - PMF

Evelise Ribeiro Gonçalves
Membro da Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde – CAPPS
Secretaria Municipal de Saúde
Prefeitura Municipal de Florianópolis

ANEXO C – Parecer consubstanciado do CEP

UDESC UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Bibliotecas em ambientes de saúde mental: um diálogo interdisciplinar
Pesquisador: RICARDO DE LIMA CHAGAS
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 61335716.0.0000.0118
Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.941.818

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa intitulado Bibliotecas em ambientes de saúde mental: um diálogo interdisciplinar. Tem como pesquisador responsável Ricardo de Lima Chagas e faz parte da equipe de pesquisa a professora orientadora Daniella Camara Pizarro, faz parte do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Informação da FAED - UDESC.

Conforme o pesquisador "Esta pesquisa tem por objetivo geral compreender e propor a implantação de uma rede de bibliotecas especiais nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Florianópolis, pautada no potencial social e cultural das atividades da instituição biblioteca na promoção à saúde mental de pessoas portadoras de transtornos mentais. Na revisão de literatura, apresenta a história dos manicômios e hospitais psiquiátricos e seus modelos de lidar com os loucos excluídos do pacto social e, em seguida, os modelos de assistência comunitária com base na rede de atenção psicossocial (RAPS) para uma assistência básica humanizada. Trata do papel social das bibliotecas dentro da sociedade, assim como, também, a importância da dimensão ética e da missão do bibliotecário para exercer sua função social humanizadora. Aborda sobre as bibliotecas especiais em ambientes de saúde mental, apresentando propostas e serviços adequados para promover a reinserção social dos seus usuários. Para se atingir o objetivo dessa pesquisa apresenta uma fundamentação teórico-metodológica com base na fenomenologia de Edmund Husserl, na construção social da realidade com base nas teorias de Alfred Schütz, Peter

Berger, Thomas Luckmann e Norbert Elias e, por fim, na teoria das representações sociais, desenvolvida por Serge Moscovici. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e a coleta de dados será por meio de questionário de caracterização e entrevista. Para a realização da análise dos dados será utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Por meio desse estudo, será possível compreender a necessidade de implantação de uma rede de bibliotecas especiais e da atuação de bibliotecários para compor a equipe multiprofissional, com o intuito de potencializar a rede de Saúde Mental do Município de Florianópolis (SC). Com relação à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada com abordagem qualitativa, com o intuito de compreender representações e situações sociais no mundo da vida cotidiana. Com relação aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter descritiva. Com relação aos procedimentos metodológicos trata-se de um estudo de caso. Serão coletados discursos que se tornarão matérias-primas para se atingir o objetivo da pesquisa. O universo da pesquisa será composto pelos profissionais da área da saúde, assistentes sociais, bem como os usuários dos 04 (quatro) Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do município de Florianópolis. Serão utilizados como instrumento de coleta de dados: questionários de caracterização e roteiros de entrevistas. Com relação à análise dos discursos, utilizaremos a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que consiste em uma metodologia de pesquisa qualitativa criada para fazer uma coletividade falar, como se fosse um só indivíduo.

Critério de Inclusão:
Profissional (CAPS): Ter formação na área específica; Ser profissional alocado na unidade; Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido;
Usuários (CAPS): Estar em condições físicas e psicológicas para participar do estudo; Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e/ou o
termo de assentimento livre e esclarecido; Ser autorizado pelo responsável quando for o caso.
Critério de Exclusão:
Profissional (CAPS): Não ter formação na especialidade; Não atuar na unidade específica; Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido;
Usuários (CAPS): Não ter formação na especialidade; Não atuar na unidade específica; Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Desfecho Primário:
A realização da pesquisa fornecerá percepções e subsídios para que tenhamos ciência da

importância da implantação de uma rede de bibliotecas
nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do município de Florianópolis (SC), com o intuito de potencializar a rede de saúde mental com vista à reinserção social e cultural dos seus usuários.
Grupos em que serão divididos os participantes da pesquisa: são 16 Profissionais com preenchimento de questionário de caracterização e entrevista e 08 Usuários com Preenchimento de questionário de caracterização e entrevista, somando-se 24 pessoas.
Financiamento própio.

Cronograma de execução:
Abordagem teórico-metodológica e conceitual de 19/09/2016 a 30/04/2017
Submissão ao Comitê de Ética: CEPSH/UDESC de 19/09/2016 a 31/12/2016
Coleta de Dados de 01/01/2017 a 30/04/2017
Análise dos dados de 01/05/2017 a 30/06/2017

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Primário:
Compreender e propor a implantação de uma rede de bibliotecas especiais nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Florianópolis, pautada no potencial social e cultural das atividades da instituição biblioteca na promoção à saúde mental de pessoas portadoras de transtornos mentais.
Objetivo Secundário:
a) Conhecer as representações sociais dos usuários e profissionais dos CAPS acerca de suas necessidades e expectativas informacionais;
b)Identificar quais são as práticas realizadas pelos profissionais da área de saúde e assistência social dos CAPS com vista à inserção social e cultural;
c) Identificar as atividades vivenciadas pelos usuários dos CAPS para a promoção da saúde mental;
d) Levantar as fontes de informação utilizadas pelos usuários e profissionais dos CAPS para a realização das atividades e lazer;
e) Apresentar uma proposta teórica e metodológica para a implantação de uma rede de bibliotecas especiais com uma equipe multidisciplinar, incluindo um profissional bibliotecário, como suas atribuições e contribuições.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Conforme o pesquisador os riscos são descritos como segue:

"Os riscos destes procedimentos serão mínimos. Embora o preenchimento do questionário de caracterização e a entrevista não contenham perguntas que envolvam ou causem constrangimento emocional ou psicológico, podem causar algum pequeno desconforto físico ou cansaço. Pra suavizar esses riscos, a coleta de dados será feita em local claro e arejado, que contenham mesas e cadeiras, com o intuito de fornecer conforto ao participante da pesquisa. Ressalta-se ainda que em qualquer momento, quando solicitado, o participante poderá parar a entrevista ou, até mesmo, desistir de participar da pesquisa por livre e espontânea vontade.

A relatoria entende que os riscos são mínimos, por ser empregado tempo e podendo gerar um cansaço ou desconforto físico, pois não haverá maior envolvimento dos pesquisados.

Benefícios:

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão indiretos e tardios para a área da Biblioteconomia, no que se referem o desenvolvimento científico, assim como, também, na contribuição de reflexões sobre as ações e práticas desenvolvidas junto à sociedade. Por outro lado, entende-se que esse diálogo interdisciplinar com o campo da Saúde Mental, venha trazer contribuições tanto para a rede de atenção à saúde mental, quanto para os usuários que usufruem dos serviços prestados pelos CAPS das comunidades. Essa pesquisa seria uma forma de dar visibilidade a um assunto que deveria ser mais discutido na esfera social e acadêmica.

A relatoria entende que os benefícios serão diretos, indiretos e tardios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área de biblioteconomia - Ciências sociais aplicadas, apesar de estar bem escrita e nas normativas vigentes, há necessidade de correção em alguns pontos elencados no discorrer das pendências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta:

Projeto detalhado com todas as etapas descritas e com os documentos como apêndice;

Projeto Básico da Plataforma Brasil preenchido em todos os campos necessários, preenchido o campo desenho da pesquisa que é obrigatório, descrevendo as informações necessárias referente às características metodológicas da pesquisa;

Folha de rosto devidamente preenchida e com as assinaturas do pesquisador responsável e do Diretor geral da FAED;

Declaração de autorização para realização da pesquisa mediante a aprovação do CEPSH/UDESC da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis - Setor de Educação em Saúde assinada pelo membro responsável pelo acompanhamento dos projetos de pesquisa em saúde - CAPPS;
TCLE para maiores de 18 anos;
TCLE para menores de 18 anos;
Termo de Assentimento para menores de 18 anos;
Declaração de Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (maiores de 18 anos);
Declaração de Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (menores de 18 anos).

Recomendações:
Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Pendências:

1. Preencher no Projeto Básico da Plataforma Brasil o campo "Desenho da Pesquisa" visto que é obrigatório, descrevendo as informações necessárias referente às características metodológicas da pesquisa. - Pendência cumprida.

2. Nos critérios de inclusão - não faz parte dos critérios a autorização da secretaria de Saúde, pois o profissional ou usuário tem o direito de escolher se quer ou não participar da pesquisa. Sugere-se retirar os itens comentados. - Pendência cumprida.

3. O pesquisador anexou todos os documentos como TCLEs e Assentimentos, Declarações de consentimento para fotografias, vídeos, gravações, num mesmo documento. Sugere-se que sejam inseridos na plataforma um a um com as logo marcas do CEPSH/UDESC conforme modelo da página do CEPSH/UDESC.- Pendência cumprida.

Diante de todas as pendências que foram cumpridas, o presente projeto se encontra apto a ser aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:
O Colegiado APROVA o Projeto de Pesquisa e informa que, qualquer alteração necessária ao planejamento e desenvolvimento do Protocolo Aprovado ou cronograma final, seja comunicada ao CEPSH via Plataforma Brasil na forma de EMENDA, para análise sendo que para a execução deverá

ser aguardada aprovação final do CEPSH. A ocorrência de situações adversas durante a execução da pesquisa deverá ser comunicada imediatamente ao CEPSH via Plataforma Brasil, na forma de NOTIFICAÇÃO. Em não havendo alterações ao Protocolo Aprovado e/ou situações adversas durante a execução, deverá ser encaminhado RELATÓRIO FINAL ao CEPSH via Plataforma Brasil até 60 dias da data final definida no cronograma, para análise e aprovação.

Lembramos ainda, que o participante da pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, bem como o pesquisador responsável, deverão rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_795722.pdf	28/12/2016 13:30:24		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	DissertacaoRicardoCEPSH.doc	28/12/2016 12:28:00	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoAssentimento.doc	28/12/2016 12:08:22	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ConsentimentoGravacoes_menores18anos.doc	28/12/2016 12:03:59	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ConsentimentoGravacoes_maiores18anos.doc	28/12/2016 12:03:32	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEmenores18anos.doc	28/12/2016 12:01:14	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEmaiores18anos.doc	28/12/2016 12:00:52	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRosto.pdf	05/10/2016 23:38:43	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito

UDESC UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC Plataforma Brasil

Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaoCAPS.jpg	26/09/2016 12:23:38	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	QuestionarioRoteiro.docx	23/09/2016 19:05:32	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	23/09/2016 18:51:11	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	23/09/2016 18:42:40	RICARDO DE LIMA CHAGAS	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

FLORIANOPOLIS, 24 de Fevereiro de 2017

Assinado por:
Renan Thiago Campestrini
(Coordenador)

Renan Thiago Campestrini
Téc. Univ. Renan Thiago Campestrini
Vice Coordenador do CEPSH/UDESC
Matrícula: 356.895-4-02

Endereço: Av.Madre Benvenutta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com

ANEXO D – Ofício de autorização de coleta de dados

Prefeitura Municipal de Florianópolis
Secretaria Municipal de Saúde
Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde

OE 147/SMS/GAB/RH/2017 Florianópolis, 28 de Março de 2017.

Informamos que a pesquisa intitulada ***"BIBLIOTECAS EM AMBIENTES DE SAÚDE MENTAL: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR"*** do pesquisador responsável *Ricardo de Lima Chagas*, foi avaliada pela comissão de acompanhamento de projetos de pesquisa em saúde em conjunto com o Departamento de Atenção Psicossocial e está **autorizada** para ser realizada na Secretaria Municipal de Saúde, coletando dados nos seguintes Centros de Atenção Psicossocial: AD Continente, AD Ilha, Infantil e Ponta do Coral.

O pesquisador deverá fazer contato com as coordenações das unidades para combinar a melhor forma de organizar a coleta de dados.

O período autorizado para a coleta de dados é de 03/04/2017 a 03/11/2017. Caso seja necessária a prorrogação do período, o pesquisador deve contatar a Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde, para a emissão de novo ofício.

Os resultados da pesquisa devem, obrigatoriamente, ser disponibilizados para a Escola de Saúde Pública, por e-mail, para o seguinte endereço **educaemsaude@gmail.com**.

Seguimos à disposição para esclarecimentos no telefone (48) 3239-1593 ou 3239-1551.

Atenciosamente,

Evelise Ribeiro Gonçalves
Setor de Educação em Saúde
Matrícula 26212-9
SMS - PMF

Evelise Ribeiro Gonçalves
Membro da Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde – CAPPS/SMS
Escola de Saúde Pública de Florianópolis

Ilustríssima Senhora
Ricardo de Lima Chagas
Nesta